

DOMINIQUE LAPIERRE

UM CANTO À ESPERANÇA E AO AMOR NA ÍNDIA. UM CLÁSSICO DE NOSSOS TEMPOS

A CIDADE DA ALEGRIA





DOMINIQUE LAPIERRE

A cidade da alegria



THE CITY OF JOY, 1985

Tradução: MARIA EMÍLIA FERROS MOURA

CÍRCULO DE LEITORES • LISBOA

Círculo de Leitores

Dominique Lapierre

A cidade da alegria

Título original: THE CITY OF JOY

Tradução: MARIA EMÍLIA FERROS MOURA

Copyright © 1985 by Dominique Lapierre

Impresso e encadernado por Resopal

Número de edição: 1922

Depósito legal número 11 163/86

A Tâtou, Gaston, Pierre, François, James

*e “às luzes do mundo”
da “Cidade da Alegria”.*

Tudo o que não se dá se perde.

PROVÉRBIO INDIANO

Nota do Autor

Ao longo de frequentes estadas em Calcutá tive a sorte de conhecer algumas pessoas excepcionais. Deram-me tanto e tiveram uma tal influência na minha vida que resolvi escrever uma história sobre as suas vidas numa espantosa região do mundo chamada a “Cidade da Alegria”.

Esta história reporta-se a homens, mulheres e crianças que foram arrancados às suas casas pela natureza implacável e circunstâncias hostis e lançados para uma cidade cuja capacidade de hospitalidade ultrapassou o imaginável. Esta é uma história de como as pessoas, mau grado inconcebíveis dificuldades, aprendem a sobreviver, a partilhar e a amar.

A minha história sobre a “Cidade da Alegria” baseia-se em três anos de uma prolongada investigação em Calcutá e em várias regiões de Bengala. Tive acesso a diários e correspondência pessoais e o grosso da minha investigação consistiu em mais de duzentos entrevistas pormenorizadas, conduzidas por meio de intérpretes em várias línguas, incluindo o hindi, bengali e urdu. Estas entrevistas, que transcrevi para inglês e francês, constituem a base dos diálogos e testemunhos deste livro.

Os protagonistas da “Cidade da Alegria” desejaram manter o anonimato. Mudei, assim, propositadamente as identidades de algumas personagens e determinados locais. A história que vos conto mantém-se, no entanto, fiel às confidências que os habitantes da “Cidade da Alegria” partilharam comigo e ao espírito deste sítio invulgar.

Embora seja o produto de uma investigação alargada, este livro não tem o objetivo de referenciar a Índia como um todo. Tenho um afeto enorme pela Índia e grande admiração pela sua inteligência, empreendimentos e tenacidade quanto a superar dificuldades. Conheço bem as suas virtudes, grandezas e diversidade. O leitor não deve tornar extensíveis ao país como um todo as impressões que aqui recolhe ligadas a um pequeno rincão do mesmo — uma pequena área de Calcutá chamada “Cidade da Alegria”.

Parte 1

VÓS SOIS A LUZ DO MUNDO

I

Ele assemelhava-se a um guerreiro mongol: um farto topete de cabelo encaracolado, suíças que se prolongavam até a linha curva do bigode, um tronco forte e robusto, braços compridos musculosos e pernas levemente arqueadas. Hasari Pai, de trinta e dois anos, era, no entanto, apenas um camponês, um dos cerca de cinco milhões de habitantes da Índia que procuravam sobreviver na deusa Terra.

Tinha construído a sua barraca de duas divisões com paredes lamacentas e um telhado de colmo: esta situava-se a pouca distância da aldeia de Bankuli, a ocidente de Bengala, um estado no Nordeste da Índia quase tão grande como o estado de Indiana e com uma densidade populacional cinco vezes superior à de Ilinóis. A sua mulher, Aloka, era jovem, com uma compleição elegante e um ar angelical. Tinha a asa do nariz atravessada por uma argola de ouro e os tornozelos enfeitados de pulseiras que tilintavam ao ritmo dos passos. Dera-lhe três filhos. Amrita, a filha mais velha, de doze anos, herdara os olhos amendoados do pai e a pele aveludada da mãe. Manooj, de dez anos, e Shambu, de seis, eram dois robustos rapazinhos com cabelos negros e desgrenhados que preferiam caçar lagartixas junto ao lago a conduzir o búfalo no arrozal da família. Na casa do camponês viviam igualmente o pai de Hasari, Prodip, um homem magro, de rosto vincado, onde ressaltava um fino bigode grisalho; a sua mãe, Nalini, uma velha curvada e de pele tão enrugada como uma noz; os seus dois irmãos mais novos com as mulheres e filhos — ao todo dezasseis pessoas.

As aberturas, colocadas a um nível muito baixo na armação da barraca, mantinham um certo grau de frescura durante o Verão tórrido e um pouco de calor ao longo das gélidas noites de Inverno. Um pequeno alpendre, adornado com primaveras vermelhas e brancas, estendia-se a todo o comprimento de duas das paredes da barraca.

Sentado por baixo de um alpendre abaulado, Aloka dava ao pedal numa espécie de serra de madeira com um pilão na extremidade, uma máquina que servia para debulhar o arroz. Ao ritmo do tiquetaque, tiquetaque produzidos pelo subir e descer do pedal da máquina do arroz, a sua filha Amrita colhia punhados de cereal fresco por baixo do pilão. O arroz removido da casca era apanhado e escolhido pela avó. Mal enchia um cesto ia despejá-lo no gola, um pequeno silo, assente em estacas no meio do pátio. Tinha dois níveis que

serviam simultaneamente de celeiro e de pombal.

Os arrozais dourados estendiam-se em redor da barraca e a perder de vista, salpicados do verde-escuro dos pomares de mangas, o verde-claro de bosques de palmeiras e o verde-suave dos matagais de bambu, dispostos em intervalos. Assemelhando-se a um belo trabalho de passamanaria, os canais de irrigação pontilhavam a paisagem, dividindo-a em retângulos certos. Pontes para peões formavam delicados arabescos sobre lagos cobertos de flores de lótus, jacintos e patos. Crianças munidas de paus conduziam grandes búfalos de pele reluzente ao longo dos pequenos canais, levantando uma poeira ocre à sua passagem. No final de um dia de calor asfixiante, o disco rubro de Surya, o deus Sol, mergulhava no horizonte e uma acolhedora brisa soprava vinda do mar. Pela vasta e plana extensão de terra ecoava o grito alegre de miríades de pássaros que voavam, a rasar, sobre os arrozais numa saudação ao cair da noite. Bengala era, na realidade, a famosa joia de trovadores e poetas, um paraíso onde nas noites enlustradas o deus Krishna vinha tocar flauta na companhia dos gopi, as suas vaqueiras, e arrastar a amada Radha na sua dança.

O pôr do Sol coincidia com a “hora da poeira das vacas”, a altura em que o gado voltava de pastar, os homens regressavam dos arrozais e as galinhas recolhiam aos poleiros. Com a tanga de algodão entre as pernas para lhe facilitar o andar, Ha-sari Pai assobiava, enquanto avançava a passo lento, transportando o arado de madeira ao ombro. À medida que a noite ia caindo, os pombos redobravam o voo em círculo e os arrulhos. Nos tamarindos, um bando de mynah, os pardais da Índia, realizavam um concerto ensurdecedor. Dois esquilos-listrados com “as marcas dos três dedos do deus Rama” pulavam por entre os mamoeiros. Garças e garçotas recolhiam a toda a pressa aos seus ninhos. Um cão sarnento farejava o solo em busca de um local adequado onde passar a noite. Em seguida, e a pouco e pouco, os guinchos agudos das cicadas desvaneceram-se. Ouviu-se o último tiquetaque da máquina do arroz e depois o silêncio, um silêncio quase imediatamente quebrado no momento em que as rãs iniciaram o seu coro. E acima dele ergueu-se o grasnar típico de um sapo.

Menos de cinco minutos depois, a noite tropical caía sobre a terra. À semelhança do que fazia todas as noites, Aloka, a mulher jovem de pele aveludada, soprou um búzio para saudar a deusa da Noite. Uma das suas cunhadas fez soar uma pequena campainha, a fim de afastar os espíritos malignos, particularmente os que viviam na figueira-de-bengala de cem anos

situada ao fundo da estrada. A vaca estava atada ao barracão que servia de estábulo. Durante algum tempo uma cabra teimosa obrigou toda a gente a dispersar-se numa tentativa de a apanhar. Contudo, a ordem acabou por ser restaurada e Hasari fez baixar um portão de arame farpado a tapar o acesso ao pátio, a fim de afastar os chacais e as raposas. Em seguida, a mãe executou um ritual tão antigo como a própria Índia — encheu de azeite a lamparina, que ardia diante das imagens policromas dos deuses protetores: Rama e a sua mulher Sita, deusa dos frutos da terra; Lakshmi, a deusa da Prosperidade sentada numa flor de lótus; e Ganesh, o deus da Felicidade com cabeça de elefante. Duas outras gravuras desbotadas pelos anos mostravam uma o rosto infantil de Krishna, engolindo avidamente uma tigela de manteiga, uma representação popular do deus Vaca, extraordinariamente venerado pelo povo hindu; e a outra o deus Macaco, Hanuman, um herói lendário de algumas das mais fantásticas aventuras da mitologia indiana.

Enquanto as mulheres faziam a comida lá fora, num fogão de barro, Hasari e os seus dois irmãos entraram e foram sentar-se, sob o alpendre, ao lado do pai. O aroma inebriante de um arbusto de jasmims perfumava a noite, que se apresentava pontilhada com as luzes tênues de pirilampos. Num céu carregado de estrelas brilhava um fino quarto crescente. Era “a lua de Shiva”, a lua nova do benfeitor do mundo, o deus de mil olhos da prosperidade. Os quatro homens estavam sentados, imersos profundamente numa silenciosa meditação, quando Hasari reparou que o pai observava os filhos um após outro. Depois ouviu o velho murmurar como se falasse de si para si:

— O carvão não muda de cor quando se lava. O que não se pode curar tem de se suportar.

O velho já não sabia quantas gerações de lótus haviam florescido e desaparecido no lago desde o seu nascimento.

— A minha memória é como a cânfora — costumava dizer. — Há tantas coisas de que me esqueci... Agora, já vou bastante avançado nos anos e ignoro quantos me restam dos cestos de arroz cheios pelos deuses da vida no momento em que nasci.

Prodip Pai recordava-se, porém, de que outrora havia sido um camponês próspero. Fora dono de seis silos cheios de arroz e oito acres de terra fértil. Providenciara pelo futuro dos filhos e dera generosos dotes às filhas mais velhas com a finalidade de lhes arranjar bons maridos. Para a velhice dele e da mulher tinha conservado o pedaço de terra e a casa que herdara do pai.

— Os dois poderemos viver ali em paz — prometera-lhe —, até o dia

em que Yama, o deus da Morte, vier finalmente reclamar-nos.

Errara. Aquele pedaço de terreno fora dado, há anos, ao seu pai, por um zamindar, um rico fazendeiro, como reconhecimento pela sua dedicação. Um dia, o herdeiro do benfeitor, reclamara a terra. Prodip Pai recusou-se a devolvê-la; a questão foi levada a tribunal. Dado que o jovem zamindar comprara o juiz, o camponês foi, inevitavelmente, obrigado a abandonar a sua terra e a casa. Compelido a pagar as custas legais, tivera de sacrificar o dote reservado para a sua última filha e os bocados de terra dos seus dois filhos mais novos.

— Aquele lavrador desonesto tinha um coração mais duro do que o de um chagal — havia comentado.

Por sorte, o filho mais velho conseguira albergar toda a família sob o seu tecto. Hasari era um bom filho. Esforçou-se ao máximo para convencer o pai de que continuava ele a ser o chefe da família. Na realidade, o velho estava mais familiarizado do que qualquer outra pessoa com os direitos e deveres de todos, os hábitos e costumes locais, bem como as demarcações dos arrozais e pastos. Só ele podia manter relações amistosas com os abastados lavradores, um trunfo de importância primordial para a sobrevivência de uma família de camponeses.

— Os peixes não podem dar-se ao luxo de viver em más relações com os crocodilos do lago — afirmava com frequência.

Contudo, a realidade era a de que este homem venerado pelos filhos perdera tudo. Já não estava sob o seu telhado.

— E, no entanto, não podia queixar-me! — reconhecia. — Apesar de ser um homem arruinado, restavam-me os meus três filhos. Que bênção foram estes filhos!

Era graças a eles que continuava a usufruir daquelas coisas que para um camponês indiano representam abundância: um silo de arroz, uma enxerga de palha, duas vacas e um búfalo, um pedaço de terra, um pouco de trigo conservado de reserva em potes de barro para a eventualidade de tempos difíceis e mesmo algumas rupias num mealheiro. E quanto às mulheres dos seus filhos? Também elas haviam trazido felicidade ao lar. Eram as três tão bonitas como Parvati (Cinco irmãos, heróis da grande epopeia Maabarata) e dariam mães dignas dos Pandava². Os Pais podiam ser pobres, mas eram felizes. No dia seguinte, as casas estariam molhadas de orvalho. A monção chegaria e com ela a estação da esperança. E no velho tronco da mowa as orquídeas proclamariam a glória de Deus.

II

Mais e terríveis provações estavam, porém, reservadas a Prodip Pai e à sua família. À semelhança de outros dez ou doze milhões de camponeses de Bengala, iriam, durante a segunda metade do século XX, tornar-se vítimas daquele fenômeno endêmico conhecido pelos economistas como “o ciclo da pobreza” — aquele inevitável processo de descer a escada social que fazia do lavrador um meeiro, depois um camponês sem terra, em seguida um trabalhador rural, acabando, eventualmente, por forçá-lo ao exílio. Nem valia a pena sonhar em subir um degrau na direção oposta. Aqui, todos tinham de lutar apenas para defender o seu estado existencial, que se encontrava sob uma constante ameaça. A melhoria desse estado era bastante problemática, na medida em que a pobreza só pode engendrar maior pobreza. Se é verdade que o carvão não muda de cor quando se lava, é igualmente verdade que a pobreza, mesmo quando pintada nos tons mais alegres, jamais deixa de ser pobreza.

As desavenças legais com o zamindar tinham deixado os Pais apenas com meio acre de terra arável, que lhes podia render de quinhentos a seiscentos quilos de arroz. Isto mal constituía um quarto do que era, na realidade, necessário para dar de comer à família. A fim de compensar o déficit, Prodip Pai e os filhos conseguiram plantar a meias um outro pedaço de terra embora alguns proprietários exigissem três quartos da colheita como pagamento, Prodip arranhou maneira de ficar com metade. Este acordo era de importância vital. Quando lhes faltava o arroz, sobreviviam dos frutos dos três coqueiros e dos vegetais que cresciam no solo e exigiam muito pouca irrigação, como as cabaças, uma espécie de pepino que chegava a medir um metro e oitenta, ervilhas e rabanetes gigantes. Havia igualmente a fruta-pão, algumas das quais pesavam cerca de dois quilos. Os Pais conseguiram, assim, sobreviver durante dois anos. Foram mesmo ao ponto de comprar duas cabras. E davam regularmente graças aos seus deuses, levando ofertas ao pequeno templo construído no sopé da mais antiga figueira-de-bengala da aldeia.

Durante o terceiro ano, porém, a desgraça voltou a bater à porta. Um parauta destruiu todo o arrozal quando este estava no meio do crescimento. A fim de superar a catástrofe, o pai pôs-se a caminho da única casa de tijolo da aldeia. O telhado de telhas imperava Sobre as barracas.

Quase todos os habitantes de Bankuli se haviam visto obrigados, em qualquer altura da vida, a ir ter com o mahajan, o ourives-usurário, um homem pançudo de crânio tão liso e brilhante como uma bola de bilhar. Por mais repugnância que pudesse provocar, o mahajan de Bankuli era, aqui como em toda a Índia, a pessoa-chave da aldeia. Era o seu banqueiro, o prestamista, o penhorista e muitas vezes o seu vampiro. Ao fazer a hipoteca do campo pertencente à família, o pai de Hasari obteve o empréstimo de duzentos quilos de arroz na condição de devolver trezentos após a primeira colheita. Foi um ano de grande miséria para os Pais. Contudo, tal como o caracol que avança devagar em direção à meta, lá foram vivendo. Devido às suas dívidas e incapacidade de comprarem semente que chegasse, os dois anos seguintes mais pareceram um pesadelo. Um dos irmãos de Hasari teve de desistir do seu trabalho de meeiro e aceitar emprego como trabalhador rural. Nesta altura o ciclo da pobreza tinha começado, de fato, a asfixiar os Pais. O mau tempo piorou a sua situação. Numa noite de Abril todas as mangas e cocos foram arrancados por uma tempestade. Tiveram, conseqüentemente, de vender o búfalo e Rani, uma das duas vacas, apesar de eles serem tão úteis durante a época de trabalho. Rani não queria, obviamente, partir. Puxou a corda com toda a força, soltando os mais lancinantes mugidos. Todos interpretaram a sua reação com um mau presságio, um indício de que Radha, a amada do deus-pastor Krishna, estava furiosa.

A partida dos animais privou a família Pai do seu precioso leite diário e, sobretudo, do indispensável estrume, que, quando misturado com palha aparada e moldado em forma de bolos, era seco ao sol e utilizado como combustível para cozinhar a comida. A filha de Hasari e as suas primas tinham de ir todos os dias à procura de estrume substituto. No entanto, um maná tão valioso como este não pertencia simplesmente a alguém que se desse ao trabalho de o apanhar e os aldeões afugentavam-nas. Aprenderam, por conseguinte, a roubá-lo às escondidas. Os irmãos de Amrita percorriam o campo, do romper ao fim do dia, na companhia dos primos mais velhos em busca de algo para comer ou transformar em dinheiro. Apanhavam fruta e amoras silvestres. Reuniam galhos secos e ramos de acácia, que os Indianos utilizam para limpar os dentes. Apanhavam peixe nos lagos. Faziam grinaldas de flores silvestres. E levavam os seus magros tesouros para vender no mercado, que se realizava três vezes por semana, a doze quilômetros da sua casa.

Mais dois incidentes iriam agravar as dificuldades financeiras dos Pais. O irmão mais novo de Hasari ficou doente, enfraquecido pela falta de alimentação. Um dia começou a cuspir sangue. Para pessoas tão pobres como eles a doença constituía uma maldição pior do que a morte. Os honorários do médico e os preços dos remédios podiam levar os proventos de vários meses. E, para salvar o irmão, Hasari recorreu, por conseguinte, ao único meio possível: quebrou o mealheiro de barro e dirigiu-se a correr ao padre da aldeia, pedindo-lhe que influenciasse o destino realizando uma puja especial, uma cerimonia de oferta aos deuses.

O jovem recuperou forças suficientes para participar no segundo acontecimento do ano que iria afundar a família um pouco mais na privação: o casamento da sua irmã mais nova. O idoso pai da rapariga encontrara-lhe por fim um marido e nada impediria que a celebração do casamento se efetuasse de acordo com o ritual tradicional. Quantos milhões de famílias indianas se arruinaram, ao longo de gerações, devido ao casamento das filhas? Antes do mais, havia o dote, um costume ancestral oficialmente abolido desde a independência, mas que na prática continuava em vigor. O pequeno lavrador com o qual o pai de Hasari tinha negociado o casamento da filha exigira uma bicicleta, duas targas de algodão, um rádio a pilhas, metade de uma onça de ouro e mais algumas joias para a jovem noiva, tudo sob a capa de um dote. No total, as suas exigências ascendiam a uns bons milhares de rupias (cerca de cem dólares).

A tradição exigia, além disso, que o pai da noiva fosse o único a cobrir as despesas da cerimonia, o que implicava arranjar mais mil rupias para dar de comer às famílias e seus convidados e comprar presentes para o brâmane que presidiria ao casamento. Tratava-se de uma cruel sangria para esta pobre gente, mas o casamento de uma filha constitui um sagrado dever de um pai. Após a sua última filha ter saído do lar, o velho teria cumprido a sua missão na Terra. Em seguida, e, finalmente, poderia esperar em paz a visita de Yama.

Prodip Pai dirigiu-se uma vez mais ao usurário, a fim de pedir um empréstimo de duas mil rupias. Levou como garantia os únicos bens da família, as últimas joias da mulher: um fio com brincos de ouro a condizer e duas pulseiras de prata. Nalini tinha recebido estes enfeites por ocasião do seu próprio casamento e de acordo com aquele mesmo costume do dote. Se por um lado se tratava de um costume cruel, era igualmente uma forma de provisão para o futuro, de fato o único método de poupança familiar na Índia. A quantia emprestada pelo mahajan representava apenas metade do real valor

dos objetos, e com uma taxa de juro astronômico: cinco por cento ao mês, sessenta por cento ao ano! A velha poucas esperanças albergava de voltar a ver as joias — joias que ela usara com tanto orgulho nos dias festivos ao longo de quarenta anos da sua vida ao lado de Prodip Pai.

Prodip Pai pedira seguidamente aos filhos que lançassem as linhas no lago e pescassem todas as carpas e ruyi que conseguissem. Graças à célebre colheita que antecedeu a guerra contra a China, Hasari, o filho mais velho, pudera comprar algumas dúzias de peixe miúdo para desovarem na sua reserva de água. O peixe crescera e multiplicara-se e, por conseguinte, cada um deles pesava na altura vários quilos. Conservados até então como provisão contra a fome, serviriam de prato-surpresa no banquete, de casamento.

— O crepúsculo aproxima-se — continuava o velho a murmurar de si para si —, mas o Sol continua rubro. O nosso chakra, a roda do nosso destino, ainda não completou a volta.

“Era uma terra muito descorada e de aluvião”, recordaria Hasari Pai. “Contudo, era a nossa terra, a Mãe-Terra, Bhu-devi, a deusa Terra. Nunca conheci uma terra de qualquer outra cor e amava-a, sem dúvida, tal como ela era. Não amamos a nossa mãe tal como ela é, independentemente do seu físico ou defeitos? Amamo-la. E se ela sofre, sofremos com ela. Corria o mês de Maio, o auge do Verão em Bengala. O ar parecia brilhar sobre a paisagem superaquecida. Todos os dias eu contemplava, demorada e confiantemente, o céu, que assumia a pouco e pouco as cores e sombreados de penas de pavão. De acordo com uma proclamação feita pelo brâmane da aldeia, mais uma lua e teríamos a monção. O brâmane era um homem muito inteligente e sabedor. Tinha igualmente uma idade avançada e conhecia todos os aldeões como se fossem membros da sua própria família, embora isso fosse quase impossível, dado que ele era de elevado e nobre nascimento, acima de qualquer casta a que nós pudéssemos pertencer. No primeiro dia de cada novo ano o nosso pai e todos os outros chefes de família da aldeia costumavam ir consultá-lo sobre o que os próximos doze meses lhes reservavam a nível de homens, gado e colheitas. A semelhança de um elevado número da sua casta, o nosso idoso brâmane conhecia as leis das estações e os caminhos seguidos pelos corpos celestes. Era ele quem fixava as datas para o trabalho agrícola e as cerimónias familiares. Ninguém sabia exatamente como é que ele fazia os cálculos, mas estudava o movimento dos planetas e predizia os dias propícios para as sementeiras, as colheitas e os casamentos. A época de casamento estava

ultrapassada nesse ano. Agora, era a altura de a terra ser fecundada. O brâmane tinha previsto um ano de riquezas excepcionais, um ano como apenas se verifica de dez em dez anos, ou mesmo mais; um ano sem secas nem epidemias, sem besouros, gafanhotos ou qualquer outra calamidade. Ele sabia, o nosso brâmane.”

Chegara, portanto, a época das sementeiras e cada família foi fazer a sua puja aos deuses. Hasari apresentou-se na companhia do pai e dos irmãos junto ao pequeno altar no sopé da figueira-de-bengala, que se erguia à entrada dos campos.

— Ofereço-te este trigo, Gauri — recitou o pai, colocando um grão de arroz em frente da imagem da mulher do deus Shiva, protetora dos camponeses. — Dá-nos água em abundância e devolve-nos cem vezes esta quantidade.

Três dias depois algumas bem-vindas tempestades inundaram, de fato, as sementes.

Hasari estava certo de que neste ano os deuses estavam do lado dos camponeses de Bankuli. O pai não hesitara em pedir emprestadas ao usurário careca mais duzentas rupias, em troca de uma percentagem sobre a colheita em perspectiva. Hasari gastara vinte e cinco rupias com o aluguer de uma junta de bois para lavrar o campo. Cerca de quarenta rupias foram empregues nas sementes; o resto destinara-se à compra de estrume e pesticidas. Esta seria uma das maiores colheitas que alguma vez haviam tido e, dado que as chuvas que antecedia as monções tinham caído na altura prevista, os Pais podiam evitar alugar uma bomba de água. Na realidade, a fortuna sorria, pois tal iria custar-lhes seis rupias por hora, o equivalente ao preço de dois quilos de arroz — uma pequena fortuna!

Todas as manhãs Hasari ia acocorar-se com o pai e os irmãos junto à berma do campo. Ficava ali horas intermináveis a contemplar o crescimento dos suaves e verdes brotinhos. O início da monção estava previsto para sexta-feira, 12 de Junho. A sexta-feira não é um dia muito auspicioso no calendário hindu. Contudo, isso pouco interessava: a monção era a monção e a sua chegada todos os anos constituía uma dádiva dos deuses ao povo da Índia.

III

Todos — homens, mulheres, crianças e mesmo os animais — fixavam ansiosamente o céu. Regra geral, levanta-se um vento forte alguns dias antes do eclodir da monção. O céu escurece subitamente enquanto as nuvens invadem a terra, enrolando-se umas nas outras como maços de algodão e deslizando sobre os campos a uma enorme velocidade. Sucede-lhe uma segunda vaga enorme e aparentemente orlada a ouro e, momentos depois, uma tremenda rajada de vento explode num tufão. Por fim, um outro banco de nuvens negras, desta vez não orladas a ouro, mergulha o céu e a terra na escuridão. Um interminável ribombar de trovões abala o ar e o cenário está pronto. Agni, o deus Fogo dos Vedas, protetor dos homens e dos seus corações, desencadeia os seus raios e coriscos. Os grossos e quentes pingos de chuva transformam-se em cataratas. As crianças vão pôr-se nuas em pelo debaixo da chuvada, gritando de alegria, os homens dançam e, abrigadas em alpendres, as mulheres entoam os cânticos de ação de graças.

Água. Vida. O céu torna a terra frutífera. É o renascer, o triunfo dos elementos. No espaço de algumas horas a vegetação irrompe de todas as direções, os insectos multiplicam-se, as rãs aparecem em quantidade, os répteis também e os pássaros chilreiam enquanto fazem os ninhos. E como que por magia os campos apresentam-se cobertos das mais belas verduras, que cada vez vão ficando mais fortes e altas. O sonho e a realidade misturam-se pelo espaço de uma ou duas semanas, até que num céu finalmente mais calmo, surge o arco-íris da Índia, deus de todos os deuses, senhor dos elementos e do firmamento. Para os humildes camponeses, este arco-íris significa que os deuses estabeleceram a paz com a humanidade. A colheita será boa.

Uma boa colheita implicaria que, neste ano, o campo dos Pais, que media apenas meio acre, talvez pudesse produzir quinhentos quilos de arroz — o suficiente para dar de comer a toda a família durante mais de três meses. Enquanto esperassem pela próxima colheita, os homens teriam de colocar os seus préstimos ao serviço do zamindar, um emprego muito aleatório, que proporcionava quando muito quatro ou cinco dias de trabalho por mês, mas na maioria das vezes apenas algumas horas. Este tipo de mão de obra rendia apenas três rupias (cerca de trinta centimos) diárias, além de uma porção de arroz e seis bidi — aqueles cigarros muito finos feitos de uma onça de tabaco

enrolada numa folha de kendu.

No entanto, a sexta-feira, 12 de Junho, apareceu e desapareceu sem a mínima nuvem. Ao longo dos dias seguintes o céu manteve-se de um branco-aço. Por sorte, Hasari tomara a precaução de reservar a bomba de água. Incapaz de se permitir tal luxo, Ajit, o vizinho dos Pais, já começara a lamentar a sua sorte. Decorridas algumas semanas, os pequenos rebentos do seu arrozal começaram a amarelecer. Os mais velhos da aldeia rebuscavam no mais fundo da memória, tentando recordar-se se em alguma vez do passado a monção os teria obrigado a uma espera semelhante. Um deles lembrava-se de que no ano em que Mahatma Gandhi morreu apenas chegara a 2 de Julho. No ano da guerra com a China quase nem marcara presença e noutras épocas, como quando o touro premiado morrera, surgira com uma tal violência, por volta de 15 de Junho, que todas as sementeiras haviam ficado inundadas. Não foi melhor.

Até os mais optimistas começaram a preocupar-se. Estaria Bhagavan, o grande deus, irritado? Acompanhados pelo vizinho, os Pais foram ter com o brâmane e pediram-lhe que celebrasse uma puja, a fim de fazer cair a chuva. Em troca dos seus serviços o brâmane pediu dois dhoti para si, um sari para a mulher e vinte rupias (dois dólares). Todos se apressaram a dirigir-se ao mahajan, a fim de obter mais dinheiro emprestado. Nos velhos tempos, uma puja implicava o sacrifício de um animal, um bode por exemplo, mas na época atual as pessoas raras vezes sacrificavam animais. Era demasiado caro. O padre contentou-se em acender um pavio impregnado de ghee, a ritual manteiga purificada, em frente de Ganesh, o deus que traz boa sorte. Queimou depois paus de incenso e entoou mantras enquanto os camponeses escutavam respeitosamente.

Contudo, tão-pouco Ganesh ou qualquer dos outros deuses ouviu as suas preces e Hasari viu-se obrigado a alugar a bomba de água. Durante seis horas o pulsar do seu motor forneceu a seiva essencial para o crescimento dos rebentos nos campos dos Pais. Durante esse período os rebentos adquiriram o seu belo tom esmeralda e cresceram um metro e quarenta, o que significava que agora necessitavam urgentemente de ser transplantados. Ao longo da enorme planície cultivada, que se estendia para lá do retângulo verde do seu campo, Hasari podia divisar dúzias de retângulos que já estavam bastante amarelecidos. Os camponeses que não haviam conseguido dar água suficiente aos seus arrozais mediam a extensão do desastre. Para eles não haveria colheita. O espectro da fome erguia-se no horizonte.

Agora já ninguém perscrutava o céu. A rádio do mahajan anunciou que nesse ano a monção tardaria a chegar. Ainda não tinha atingido as ilhas Andaman, que se localizavam a grande distância da baía de Bengala, quase ao largo da costa da Tailândia. De qualquer maneira, a rádio já nada podia ensinar aos camponeses de Bankuli.

— Só nos podia trazer o olho do Diabo — refletiu Hasari. — Soubemos que não ia haver chuva quando não ouvimos a fala do cuco.

No começo de Julho, um grupo de bauls — frades mendicantes que cantam a glória do deus Krishna — vestidos com roupas ocres, atravessaram a aldeia. Detiveram-se próximo do santuário Gauri debaixo da figueira-de-bengala, à entrada dos campos, e começaram a cantar, acompanhando os versos com o tanger de um alaúde de uma corda, sinetas e pequenos címbalos. “Não continues a vaguear, pássaro do meu coração”, cantavam. “Ignoras que o teu afastamento nos causa grande sofrimento? Oh, vem ter connosco, pássaro, e traz a nossa água contigo.”

Toda a atenção dos Pais se concentrou desde essa altura no lago que servia de reserva de água comum. O seu nível baixava rapidamente. Os aldeões dedicavam-se a infindas especulações, tentando fazer os cálculos de quanto tempo as bombas de rega demorariam a esvaziá-lo, tomando em consideração a significativa evaporação com o calor tão tórrido. O momento fatal verificou-se em 23 de Julho. Foi esse o dia em que se viram obrigados a retirar o peixe que estrebuchava na lama e a dividi-lo entre eles. Naquele período de angústia surgiu um motivo para uma inesperada alegria. O fato de poderem comer peixe era um prazer real. Contudo, em muitos lares, as mães renunciaram a este prazer, dentro de uma perspectiva cautelosa e altruísta, e preferiram secar o peixe.

No campo dos Pais o reluzente verde-esmeralda não tardou a mudar, primeiro, para um verde-acinzentado e depois para uma cor amarelada. O arroz definhou, depois murchou e, por fim morreu — aquele arroz que eles haviam cuidado, tratado e semeado. O arroz junto do qual tinham sofrido, curvado as cabeças e envelhecido.

“Sentia-se incapaz de o abandonar”, viria Hasari a confessar. “Mantinha-me imóvel na berma do nosso campo, esmagado pela enormidade da catástrofe.”

Outros camponeses desesperados passaram a noite diante das faixas de terra, com a cabeça baixa, numa atitude de desânimo. Talvez estivessem a pensar no lamento do faquir, arrebatado por Deus. “Havia um tesouro no meu

campo, mas hoje outra pessoa tem a chave e o tesouro já não me pertence.”

Hasari demorou toda a noite a aceitar este fato trágico. Ao alvorecer regressou a casa e foi sentar-se sob o alpendre na companhia do pai e dos irmãos. Foi o velho, Prodip, quem fez o balanço da situação:

— Não voltaremos ao campo nesta estação.

Momentos mais tarde, Hasari ouviu a mãe a levantar as tampas dos potes de armazenagem, alinhados no telheiro. Os potes continham o arroz que os Pais haviam posto de lado até a próxima colheita. A pobre mulher começou a fazer os cálculos sobre quanto tempo a família poderia aguentar-se com tão magras reservas. Hasari já sabia a resposta.

— Se racionássemos, deixando apenas alguns punhados de arroz para oferta aos deuses, teríamos dois meses de comida.

A sua mulher, cunhadas e filhos foram juntar-se-lhes. Todos pressentiam que algo corria mal, mas a velha voltou a colocar as tampas nos potes e anunciou com uma aparente serenidade:

— Temos arroz que chegue para quatro meses. Depois comeremos os legumes.

Velhos e novos regressaram, tranquilizados, às suas tarefas domésticas. Apenas Hasari se deixou ficar para trás. Reparou nas lágrimas que corriam pelas faces da mãe. O pai rodeou os ombros da mulher com um braço.

— Nós os dois passaremos sem comer para que o arroz dure mais tempo, Nalini, mãe dos meus filhos — disse ele. As crianças não devem sofrer. — Ela aprovou a ideia com um aceno de cabeça.

Muitos dos aldeões já não tinham nada que comer. O primeiro indício desta crua realidade foi o desaparecimento da aldeia das famílias mais pobres. Tinham-se apercebido de que naquele ano nem um único grão de arroz se colheria nos campos. Ninguém disse, na realidade, uma palavra, mas o povo sabia que os mais pobres tinham partido para a grande cidade de Calcutá, a cerca de noventa quilômetros. Seguiu-se a vez dos pais e dos filhos mais velhos nos lares onde as vasilhas de barro estavam vazias. Famílias inteiras começaram a percorrer a estrada que levava à cidade.

A partida dos vizinhos foi um motivo de grande tristeza para os Pais. Há tanto tempo que as famílias se conheciam! Antes de abandonar a sua casa, o idoso Ajit partiu os potes de barro e apagou a lamparina que arde permanentemente em todos os lares; algumas delas há gerações que se mantinham acesas. Com mãos ligeiramente trémulas, retirou as gravuras dos

deuses que estavam colocadas sobre o pequeno altar da família e meteu-as, enroladas, na mochila. Os deuses exibiam grandes e radiosos sorrisos — sorrisos que pareciam bastante incongruentes naquela manhã. Prem, o filho mais velho, colocou flores e alguns grãos de arroz do lado de fora do buraco, junto à ombreira da porta. Esta era a toca da cobra. Prem recitou uma prece à cobra, pedindo-lhe que guardasse aquela casa e a mantivesse em segurança até eles voltarem. Naquele preciso instante, um gato preto passou junto à casa. Isto não era um bom augúrio e, por conseguinte, a fim de enganar os maus espíritos, o velho Ajit teve de os lançar na pista errada. Partiu, assim, sozinho, dirigindo-se ao norte, antes de se desviar a pouco e pouco para sul, onde se juntaria à família. Antes de ele se ir embora, o filho mais velho abriu a gaiola do papagaio. Pelo menos o papagaio ficaria livre. No entanto, em vez de voar logo rumo ao céu, o pássaro pareceu estranhamente desorientado. Depois de hesitar um pouco, começou a esvoaçar de arbusto em arbusto atrás dos seus donos, que desapareciam envoltos na poeira.

O Verão passou sem que praticamente chovesse e voltou a chegar a época da sementeira de Inverno. Sem água, porém, não haveria sementeira, nem lentilhas, nem batata-doce, nem arroz. Nesta altura, Bhaga, a única vaca que restava aos Pais, só tinha pele e osso. Há muito tempo que não lhe davam palha, para já nem falar de farelo. Era alimentada com o produto das três bananeiras que forneciam um pouco de sombra à casa. Uma manhã, Hasari foi encontrá-la, deitada de lado, com a língua a sair-lhe da boca. Foi então que se apercebeu de que todo o gado ia morrer.

Os mercadores de gado surgiram, quais abutres, das cidades vizinhas. Ofereceram-se para comprar os animais que ainda estivessem vivos e partiram com os caminhões carregados de vacas conseguidas por cinquenta rupias e búfalos por mais umas escassas cem.

— Não se preocupem — diziam com falsa compaixão. — No próximo ano podem tornar a comprar o vosso gado.

Só omitiram que nessa altura o preço seria dez vezes superior.

Alguns dias mais tarde chegou a vez de aparecerem os curtidores, a fim de levarem as carcaças dos animais de que os camponeses não haviam tido coragem de se separar. Quinze rupias era o que pagavam! Tratava-se de pegar ou largar.

O mês de Novembro passou. A partida do gado eliminara a única fonte de combustível dos camponeses. Deixara de haver estrume que lhes permitisse cozinhar e também se acabara o leite. O som dos risos das crianças

desapareceu. Os seus pequenos estômagos incharam como balões e algumas delas morreram, vítimas da fome.

No começo de Janeiro, os aldeões ouviram dizer que estavam a distribuir comida na cidade, a cerca de trinta quilômetros. De início, ninguém se mostrou disposto a ir até lá.

“Éramos camponeses e não mendigos”, viria Hasari Pai a dizer mais tarde. “Contudo, tivemos de nos resignar a aceitar esmolas, a bem das mulheres e das crianças.”

Mais tarde, os representantes governamentais percorreram as aldeias, anunciando uma operação de salvamento chamada “Trabalho para Comida”. Abriram-se postos de trabalho na região para abrir canais, reparar estradas, aumentar o tamanho dos reservatórios de água, varrer os arbustos, levantar diques e escavar buracos ao longo das estradas e destinados à plantação de árvores.

“Davam-nos um quilo de arroz por cada dia de trabalho, uma ração que supostamente servia para alimentar uma família, e a rádio não parava de informar que no resto do país os silos estavam cheios de cereal.”

Por volta de 20 de Janeiro começou a espalhar-se uma notícia horrível: secara o poço junto ao pequeno altar em honra do deus Gauri. Os homens desceram ao fundo para fazer sondagens e verificaram que as correntes subterrâneas tinham realmente secado. As autoridades municipais tiveram de instituir um sistema rotativo para os três restantes poços da aldeia, que ainda forneciam um pouco de água. Esta era racionada. De início havia um balde diário para cada família e depois meio. Acabou por haver apenas uma xícara por pessoa e que tinha de ser bebida no próprio local, em casa do presidente da Câmara. Longas filas formavam-se, dia e noite, diante da casa do presidente. Foram eventualmente colocadas sentinelas armadas com cassetetes junto ao único poço que ainda não secara. Alguns quilômetros a norte, elefantes selvagens, mortos de sede, tinham cercado um lago e atacavam qualquer pessoa que ousasse ir à procura de água.

Nessa altura os campos não passavam de extensões de terra descoradas cobertas de uma crosta cheia de rachas. As árvores não estavam em melhores condições. Muitas delas haviam morrido e os arbustos há muito que estavam secos.

A resistência dos Pais chegava ao fim. Um dia, o velho reuniu os familiares à sua volta. De uma ponta do dhoti, atada com um nó, tirou cinco notas de dez rupias enroladas e duas moedas de uma rupia, que entregou a

Hasari.

— Tu, que és o meu filho mais velho, toma este dinheiro e vai com a tua mulher e filhos para Calcutá. Encontrarás trabalho na grande cidade. Enviar-nos-ás o que puderes. És a nossa única esperança de não morrermos de fome.

Hasari curvou-se e tocou nos pés do pai. O velho colocou a palma da mão sobre a cabeça do filho, depois no ombro e apertou-o fortemente até Hasari voltar a pôr-se de pé. As mulheres choravam em silêncio.

Na manhã seguinte, quando os primeiros raios de Surya, o deus Sol, tingiram ao de leve o horizonte, Hasari e a família partiram, sem se atreverem a virar-se para trás, na direção dos que os viam afastar-se. Hasari seguia na frente com Amrita, a filha mais velha. A sua mulher, Aloka, vestida com um sari de algodão verde, caminhava atrás na companhia dos dois filhos, Manooj e Shambu. Hasari transportava ao ombro uma mochila de pano onde a mulher tinha metido alguma roupa branca e as sandálias que receberam dos pais como parte do seu dote. Era a primeira vez que estes camponeses saíam da aldeia rumo a um lugar tão distante. Os dois rapazes saltitavam de alegria ante a perspectiva de aventura.

“No que me dizia respeito, sentia medo”, viria Hasari a confessar. “Medo do que nos estava reservado.”

IV

Depois de uma manhã de caminho a pé, algumas horas aos balanços num ônibus e uma noite numa carruagem de trem de terceira classe cheia, Hasari Pai e a família chegaram à estação de Howrah, um dos dois terminais de trem de Calcutá. Ficaram tão surpresos ante o espetáculo oferecido que, durante uns segundos, foram incapazes de dar um passo. Viram-se subitamente arrebatados por uma multidão de pessoas que iam e vinham em todas as direções, de carregadores hindus transportando montanhas de caixotes e embrulhos, de vendedores oferecendo todo o imaginável tipo de mercadorias. Era a primeira vez que se lhes deparava tanta riqueza: pirâmides de laranjas, sandálias, escovas, tesouras, cadeados, copos, sacos; pilhas de xales, saris, dhoti, jornais e toda a espécie de comida e bebida. Frades mendicantes chamados saddhu misturavam-se por entre os viajantes e, a troco de uma moeda de vinte paisa (dois centavos), tocavam-lhes com as mãos ou derramavam-lhes algumas gotas de água sagrada do Ganges na boca. Não faltavam engraxadores, limpadores de ouvidos, sapateiros, escribas e astrólogos a oferecerem os seus serviços. Hasari e a família sentiam-se atordoados, confusos, perdidos. Muitos dos outros viajantes que os rodeavam denotavam as mesmas reações.

“O que vamos fazer?”, perguntava o camponês a si próprio. “Onde vamos dormir esta noite?”

Os Pais deambularam durante algum tempo no meio da multidão. Observaram com curiosidade uma família que, aparentemente, se instalara num canto do átrio principal. Eram camponeses da província do Bihar, que, à semelhança dos Pais, haviam sido impelidos até ali pela seca e compreendiam um pouco de bengali. Há várias semanas que estavam a viver ali. Para além das suas trouxas cuidadosamente atadas, haviam arrumado os utensílios de cozinha e uma chula, um pequeno fogão portátil. Apressaram-se a precaver os recém-chegados contra a polícia que fazia incursões frequentes à estação ferroviária, a fim de expulsar quem quer que ali se tivesse instalado. Hasari interrogou-os quanto à possibilidade de arranjar trabalho, mas ainda não tinham encontrado nada para eles. Confessaram terem-se visto obrigados a mandar os filhos pedir na rua para evitar morrer de fome. No rosto lia-se-lhes a vergonha da atitude. Hasari explicou que um jovem da sua aldeia estava a trabalhar como carregador no mercado do Bazar Bara e que ia tentar contatar

com ele. Sugeriram que Hasari deixasse a mulher e os filhos na sua companhia, enquanto efetuasse as suas investigações. Confortado pela boa vontade destes estranhos, Hasari foi comprar algumas samosas, uns fritos de forma triangular com recheio de legumes ou carne picada, que partilhou com os novos amigos, a mulher e os filhos; desde o dia anterior que não comiam nada. Em seguida, mergulhou, resoluto, na multidão de viajantes que saíam da estação.

O aparecimento deste camponês recém-chegado provocou uma imediata reação em massa. Uma horda de vendedores ambulantes rodeou Hasari com ofertas de caneta de tinta permanente, doces, bilhetes de loteria e milhares de outros artigos. Os mendigos assaltaram-no. Os leprosos penduraram-se-lhe na camisa. Fora da estação, um ciclone de caminhões, ônibus, táxis, carros de mão, lambretas, riquixás, carruagens puxadas por cavalos, motorizadas e bicicletas circulavam numa espécie de loucura colectiva. Arrastavam-se à velocidade de um peão no meio de uma confusão caótica. As campainhas dos triciclos de transporte, o toque das buzinas, o roncar dos motores, os apitos dos ônibus, as sinetas das carroças, o grasnar dos altifalantes assemelhavam-se a uma competição para ver quem fazia mais barulho.

“Era pior do que os trovões que anunciam as primeiras gotas da monção”, viria Hasari a dizer. “Julguei que a minha cabeça fosse explodir.”

No meio de todo este movimento detectou um impassível polícia que tentava dirigir o trânsito. Esforçou-se por chegar junto dele e perguntar onde se situava a loja em que trabalhava o seu conhecido. O polícia gesticulou com o cassetete na direção de um aglomerado de traves metálicas que se elevavam para o céu no extremo da praça.

— Do outro lado da ponte! — resmungou entre dentes.

Esta ponte era a única ligação entre as cidades gêmeas de Calcutá e Howrah. Estendia-se sobre o rio Hooghly, um afluente do Ganges, e era, sem dúvida, a ponte mais congestionada do mundo.

Mais de um milhão de pessoas e centenas de milhares de veículos atravessavam-na, diariamente, num turbilhão alucinante. Hasari Pai viu-se de imediato envolvido numa torrente de pessoas que abriam caminho em várias direções entre duas filas inamovíveis de vendedores, acorados no chão por detrás de mercadorias expostas. Ao longo das seis vias de trânsito, centenas de veículos viam-se por completo aprisionados numa única e gigantesca saída apertada que se estendia a perder de vista. Os caminhões roncavam numa tentativa de chegar à linha dos eléctricos. Autocarros vermelhos de dois pisos

seguiram a abarrotar de gente que se pendurava dos lados. Alguns dos ônibus inclinavam-se a tal ponto que davam a impressão de poderem tombar de um momento para o outro. Havia igualmente carroças de mão, que se arrastavam por baixo de pilhas de caixotes, tubos e maquinaria e eram empurradas por pobres indivíduos, cujos músculos pareciam prestes a rebentar. Os carregadores, de rostos distorcidos pelo esforço, avançavam com cestos e embrulhos à cabeça. Outros transportavam recipientes presos em cada extremo de uma longa vara, apoiada nos ombros. Búfalos, vacas e cabras, dirigidos por meio de paus, esforçavam-se por seguir caminho por entre o labirinto de veículos. Frequentemente, os animais tomados de pânico escapavam-se em todas as direções.

“Como estes pobres animais devem estar a sofrer!”, comentava Hasari de si para si, recordando com nostalgia a tranquila beleza da paisagem da sua terra.

Do outro lado da ponte o trânsito parecia ainda mais congestionado. Hasari reparou, subitamente, numa carroça com duas rodas que transportava dois passageiros. Entre os eixos havia um homem. “Deus do céu!”, pensou. “Até cavalos humanos existem em Calcutá!” Hasari acabava de descobrir o seu primeiro riquixá.

Quanto mais se aproximava do bazar, mais se elevava o número destes curiosos e pequenos veículos, que transportavam pessoas ou mercadoria, ou as duas coisas. Começou a sonhar ao mesmo tempo que seguia o seu andamento com o olhar.

“Será que teria forças para ganhar o sustento da minha família puxando uma máquina daquelas?”

O Bazar Bara era uma área transbordante de gente e onde as casas tinham vários andares, na realidade tantos que Hasari se sentia admirado que conseguissem manter-se de pé. A rede de pequenas ruas, travessas cobertas e estreitas, passagens ladeadas de centenas de quiosques, oficinas e lojas, assemelhava-se a uma colmeia florescente de atividade. Ruas inteiras mostravam-se ocupadas por comerciantes que vendiam enfeites e grinaldas de flores. Acocoradas por detrás de montanhas de rosas-de-bengala, jasmims, cravos indianos e malmequeres, crianças teciam botões de pétalas semelhantes a colares de pérolas, a fim de formar grinaldas com a grossura de jiboias. Também os pendentes eram feitos de flores e entrelaçados de fios dourados. Respirando gostosamente o aroma destas flores, Hasari comprou por dez paisa um punhado de pétalas de rosas, a fim de as colocar em honra

de Shiva, o benevolente e terrível deus da religião hindu que ele descobriu num nicho numa esquina de rua. Deteve-se uns momentos diante da pedra negra e cilíndrica que simbolizava as forças de vida e pediu ao deus conhecedor dos meandros da verdade que o ajudasse a descobrir a pessoa que procurava.

Mais à frente, Hasari passou debaixo de uma arcada, onde dúzias de quiosques vendiam perfume contido numa profusão de frascos e garrafinhas coloridas. Entrou depois numa rua coberta onde, no meio do brilho do ouro e vidraria, apenas via joalheiros. Mal acreditava nos seus olhos. Havia centenas deles, alinhados, quais prisioneiros por detrás das barras das gaiolas que continham os seus tesouros. Mulheres envoltas em preciosos saris comprimiam-se de encontro às grades; os negociantes davam a sensação de estarem continuamente a abrir e a fechar à chave os cofres por detrás deles. Manejavam as suas balanças em miniatura com espantosa agilidade. Hasari avistou igualmente várias mulheres mais pobres, cobertas de véus remendados, forçando caminho para chegar junto das grades. Aqui, como nas aldeias, os ourives eram também usurários.

Para lá desta rua dos mahajan ficava o mercado dos saris. Mulheres detinham-se junto dos sumptuosos escaparates, sobretudo nos armazéns especializados em trajes de casamento, saris enfeitados de ouro e lantejoulas.

Nesse dia o Sol apresentava-se escaldante e os vendedores de água, tocando as suas pequenas sinetas, estavam a fazer um bom negócio. Hasari deu a um deles cinco paisa para matar a sede. Constantemente alerta, observava com cuidado cada um dos trabalhadores e negociantes e interrogava os condutores, mas só um milagre poderia ajudá-lo a descobrir o amigo numa multidão tão agitada. Prosseguiu, no entanto, a sua busca até o cair da noite.

“Lavar um arrozal de dez acres era menos cansativo do que aquele percurso infundável através do bazar”, recordaria mais tarde.

Exausto, comprou cinco bananas e perguntou o caminho de volta para a grande ponte.

Os filhos atiraram-se às bananas como pardais esfomeados e toda a família adormeceu no chão da estação de trem. Por sorte, a polícia não fez qualquer rusga nessa noite.

Na manhã seguinte, Hasari levou consigo Manooj, o filho mais velho, e juntos exploraram outra secção do Bazar Bara: primeiro, o canto dos trabalhadores de metal e fundidores; em seguida, as oficinas onde dúzias de

homens e crianças em tronco nu passavam o dia a enrolar finos cigarros chamados bidi. A luz no interior das divisões era tão fraca que mal se distinguiam os rostos. Hasari dava o nome e a descrição do amigo a todos os que se dispunham a escutá-lo, mas isto assemelhava-se a procurar uma agulha num palheiro. Havia provavelmente centenas de trabalhadores que também se chamavam Prem Kumar e correspondiam à sua descrição. Naquela segunda noite, Hasari voltou a levar bananas. Os Pais dividiram-nas com a família vizinha, que nada tinha que comer.

Após o terceiro dia de buscas, sem mais dinheiro para comprar bananas, Hasari viu-se reduzido a um comportamento de grande humilhação para um camponês. Antes de retomar o caminho de volta à estação ferroviária, apanhou todas as cascas e bocados de comida que conseguiu encontrar.

“Nessa noite, a minha mulher sugeriu que a nossa filha, Amrita, se pusesse a pedir à entrada da estação. Chorava ao mesmo tempo que falava, invadida pela vergonha e o desespero. Éramos camponeses e não pedintes.”

Os Pais eram incapazes de se reconciliar com uma ideia tão repugnante. Esperaram mais um dia e uma noite, mas ao alvorecer do dia seguinte mandaram a filhinha e os dois irmãos ocupar posições nos lugares onde os ricos saíam dos táxis e automóveis particulares.

Em seguida, Hasari regressou desanimado ao Bazar Bara. No momento em que passava por uma oficina onde alguns trabalhadores hindus estavam a carregar barras de ferro num telagarhi, uma carroça comprida, um dos homens começou de súbito a cuspir sangue. Os companheiros deitaram-no no chão. Tinha o rosto tão pálido que Hasari julgou que o homem estava morto. Quando o dono da oficina saiu cá fora a gritar porque o telagarhi ainda não tinha partido, Hasari avançou a passos largos e ofereceu-se para substituir o trabalhador doente. O homem hesitou, mas a sua distribuição não podia esperar mais tempo e ele ofereceu três rupias pela corrida, pagas à chegada.

Sem se aperceber realmente do que estava a acontecer-lhe, Hasari juntou-se aos outros para elevar a pesada carga. O patrão evitara cuidadosamente mencionar que o destino era uma fábrica situada do outro lado da grande ponte, bem longe da estação ferroviária. Os trabalhadores lutaram como animais para puxar o enorme carregamento, mas em vão. A meio da subida da vertente, o veículo parou. Hasari julgou que as veias do pescoço lhe iriam rebentar. Um polícia aproximou-se e ameaçou os homens com o cassetete, na medida em que estavam a atrapalhar o trânsito.

— Saiam do caminho! — gritava, erguendo a voz acima das buzinas

ensurdecedoras. Como resposta, o mais velho dos trabalhadores curvou-se para apoiar todo o peso do corpo de encontro a um das rodas e gritou aos outros que as empurrassem.

Exausto mas orgulhoso ante a perspectiva de surpreender a família com os seus primeiros proventos, Hasari regressou à estação, já a noite caíra. Contudo, era a ele que lhe estava reservada a verdadeira surpresa. A mulher e os filhos tinham desaparecido. E igualmente a outra família. Depois de uma longa busca, acabou por encontrá-los num aterro por detrás do terminal dos ônibus.

— A polícia expulsou-nos — explicou Aloka, por entre lágrimas. — Disseram que se voltassem a ver-nos na estação nos meteriam na prisão.

Os Pais não faziam ideia de para onde ir a seguir. Atravessaram a grande ponte e continuaram simplesmente a andar. Estava escuro, mas apesar do adiantado da hora as ruas ainda estavam cheias de gente. Surpreendidos pela multidão que se movimentava como formigas, acotovelando-se e gritando, chegaram a um lugar mesmo no centro da cidade. Aloka tinha um ar miserável, que lhe era dado pelo sari de camponesa pobre; pegara no filho mais novo ao colo e levava a filha pela mão. Manooj, o filho mais velho, caminhava na frente com o pai. Tinham tanto medo de se perderem que se chamavam constantemente no escuro. O passeio estava a abarrotar de pessoas que dormiam, enroladas da cabeça aos pés em pedaços de pano khadi. Pareciam cadáveres. Mal encontraram um lugar vazio, os Pais detiveram-se a repousar um pouco. Uma família estava acampada nas proximidades. A mãe assava chapati num fogão portátil. Ela e a família vinham de Madras. Por sorte, falavam algumas palavras de hindi, uma língua que Hasari compreendia vagamente. Também eles tinham partido do campo na peugada da miragem de Calcutá. Ofereceram aos Pais um bolo quente de forma e limparam um canto do passeio, a fim de que os recém-chegados pudessem instalar-se junto deles. A hospitalidade dos estranhos trouxe novo calor ao coração do camponês. Pelo menos, a sua família estaria a salvo na sua companhia até que encontrasse trabalho. Nessa noite, tinha aprendido uma dura lição: “Dado que nesta cidade desumana os homens morrem no trabalho, diabos me levem se não conseguir um dia substituir um desses mortos.”

V

A cidade que Hasari não hesitara em descrever como “desumana” era, de fato, uma cidade-miragem, à qual no decurso de uma geração seis milhões de pessoas famintas haviam chegado com a esperança de dar de comer às suas famílias. Nos anos 60, Calcutá, apesar do seu declínio ao longo dos últimos anos, era uma das mais ativas e prósperas cidades da Ásia. Graças ao seu porto e numerosas indústrias, às fundições e fábricas de produtos químicos e farmacêuticos, fábricas de farinha, de linho, juta e algodão, Calcutá vangloriava-se de ocupar o terceiro lugar na média de pagamento de salários mais altos por habitante em qualquer cidade indiana, logo a seguir a Deli e Bombaim. Um terço das importações e quase metade das exportações da Índia passavam pelas águas do Hooghly, um afluente do Ganges, nas margens do qual a cidade havia sido fundada três séculos antes. Aqui, efetuavam-se trinta por cento das transações bancárias do país e coletava-se um terço do imposto de rendimento. Alcinhada de o “Rur da Índia”, o seu interior produzia o dobro do carvão da França e tanto aço como toda a Coreia do Norte. Calcutá escoava para as suas fábricas e armazéns todos os recursos materiais deste vasto território: cobre, manganésio, cromo, amianto, bauxite, grafite e mica, bem como madeira preciosa dos Himalaias, chá de Assam e Darjeeling e quase cinquenta por cento da juta do mundo.

Era igualmente destas terras do interior que diariamente convergia para os bazares e mercados da cidade uma vaga ininterrupta de produtos alimentares: cereais e açúcar de Bengala, legumes do Bihar, fruta de Caxemira, ovos e criação de Bangladesh, carne de Andra, peixe de Orissa, marisco e mel de Sundar, tabaco de bétel de Patna, queijos do Nepal. Vastas quantidades de outros artigos e materiais alimentavam igualmente um dos mais diversificados e animados pontos de comércio da Ásia. Nos bazares de Calcutá havia nada menos do que duzentas e cinquenta variedades de tecido e mais de cinco mil cores e sombreados de saris. Antes de chegarem a esta Meca de indústria e comércio, estas mercadorias tinham muitas vezes de atravessar vastas regiões de uma extrema pobreza, regiões onde milhões de pequenos camponeses como os Pais arrancavam uma desesperada sobrevivência a bocados de terra estéril. Como era possível que, sempre que a desgraça batia à porta, estes pobres não sonhassem em tomar o mesmo caminho que estas mercadorias?

A metrópole situava-se no centro de uma das mais ricas e ao mesmo tempo mais amaldiçoadas regiões do mundo, uma região de falta ou abundância destruidora de monções que causavam seca ou dilúvios. Era uma área de ciclones, inundações e terremotos apocalípticos, uma área de êxodos políticos e guerras religiosas como nenhum outro clima ou história do país talvez jamais haja engendrado. O terremoto que abalou o Bihar em 15 de Janeiro de 1937 causou centenas de milhares de mortes e catapultou aldeias inteiras na linha de Calcutá. Seis anos depois, a fome matou três milhões e meio de pessoas só em Bengala e originou milhões de refugiados. A independência da Índia e a divisão, em 1947, lançaram sobre Calcutá cerca de quatro milhões de muçulmanos e hindus que fugiram do Bihar e do Paquistão Oriental. O conflito com a China, em 1962, e subsequentemente a guerra contra o Paquistão causaram mais algumas centenas de milhares de refugiados; e no ano de 1965 um ciclone tão violento como dez bombas H de três megatoneladas, capaz de arrasar uma cidade como Nova Iorque, juntamente com uma seca terrível no Bihar, mais uma vez impeliu comunidades inteiras para Calcutá.

Agora, era mais uma seca que arrastava milhares de camponeses famintos como os Países até a cidade.

A chegada destas vagas sucessivas de povos necessitados transformara Calcutá num enorme aglomerado humano. Dentro de alguns anos a cidade viria a condenar os seus dez milhões de habitantes a viverem em menos de quatro metros quadrados por pessoa, enquanto os quatro ou cinco milhões que se comprimiam nos bairros de lata tinham algumas vezes de se contentar com um escasso metro e meio. Calcutá tornara-se, por conseguinte, uma das maiores catástrofes urbanas do mundo — uma cidade consumida pela decadência, onde dez mil casas e muitos edifícios novos com dez andares de altura, e algumas vezes mais, ameaçavam abrir fendas e desmoronar-se a qualquer momento. Alguns bairros pareciam vítimas recentes de um bombardeamento, devido às fachadas com rachas, telhados abalados e paredes comidas pela vegetação tropical. Uma vaga de cartazes, slogans publicitários e políticos e anúncios pintados nas paredes desafiavam todos os esforços no sentido de uma renovação. Na falta de um serviço adequado de recolha do lixo, mil e oitocentas toneladas de detritos acumulavam-se diariamente na rua, atraindo um exército de moscas, mosquitos, ratos, baratas e outra bicharada.

No Verão, a proliferação da sujidade acarretava o risco de epidemias.

Ainda há bem pouco tempo era vulgar as pessoas morrerem de cólera, hepatite, encefalite, tifo e raiva. Artigos e reportagens da imprensa local denunciavam constantemente a cidade como uma lixeira envenenada por vapores, gases nauseantes e detritos — uma paisagem devastada de estradas em péssimo estado, esgotos com fugas, canos de água rotos e linhas telefônicas destruídas. Em resumo e segundo as próprias palavras um dia pronunciadas pelo primeiro-ministro, Rajiv Gandhi, Calcutá era “uma cidade moribunda”.

E, no entanto, centenas de milhares e mesmo milhões de pessoas deambulavam dia e noite pelas suas praças, avenidas e as mais estreitas ruelas. A mínima parcela de passeio estava ocupada, coberta de comerciantes e vendedores ambulantes, famílias sem lares, pilhas de materiais de construção ou lixo, quiosques e uma quantidade enorme de altares e pequenos templos. O resultado de tudo isto cifrava-se num caos indescritível nas estradas, um recorde de acidentes de viação e horríveis engarrafamentos de trânsito. Além disso, dada a falta de casas de banho públicas, centenas de milhares de habitantes da cidade viam-se obrigados a satisfazer as suas necessidades físicas na rua.

Nos velhos tempos, sete de cada dez famílias tinham de sobreviver apenas com uma ou duas rupias diárias, uma quantia que nem chegava para a compra de meio quilo de arroz. Calcutá era, na realidade, aquela “cidade desumana”. Os Pais tinham acabado de descobrir o local onde as pessoas morriam nos passeios rodeadas pela indiferença geral. Era igualmente um barril de pólvora de violência e anarquia, onde as massas viriam um dia a voltar-se para o mito salvador do comunismo. À fome e conflitos sociais havia ainda a acrescentar um dos mais insuportáveis climas do mundo. O calor, tórrido durante oito meses no ano, derretia o asfalto das ruas e fundia a estrutura metálica da grande Ponte Howrah, de tal modo que ela media um metro e quarenta a mais de dia que de noite. A cidade assemelhava-se em muitos aspectos à deusa Kali, que é adorada por muitos habitantes — Kali, a terrível, a imagem do medo e da morte, representada com uma expressão aterrorizadora no olhar e um colar de cobras e de crânios à volta do pescoço. Os próprios slogans escritos nas paredes proclamavam o estado desastroso da cidade. “Aqui já não há esperança”, dizia um deles. “Só resta a raiva.”

E, no entanto, que passado prestigioso caracterizara esta metrópole agora considerada desumana por muitos dos seus habitantes! Desde a data da sua fundação, em 1690, por um punhado de comerciantes ingleses, até a partida

do último governador britânico, em 15 de Agosto de 1947, Calcutá simbolizara, mais do que qualquer outra cidade do mundo, o sonho imperial do domínio do homem branco no Globo. Durante aproximadamente dois séculos e meio fora a capital do Império Britânico na Índia. Havia sido deste ponto que até 1912 os seus governadores-gerais e vice-reis tinham imposto a sua autoridade num país com uma população superior à atual dos Estados Unidos da América. As avenidas de Calcutá tinham testemunhado a passagem de tantas tropas e o desfile de tantas damas da sociedade, em palanquins ou caleches, como os Champs-Élysées de Paris ou o London Hall. Mesmo agora, devastada por décadas de monções, os seus edifícios públicos, monumentos, o centro comercial, as suas belas residências com balaustradas e colunas constituíam ainda um testemunho desse legado. Ao fundo da avenida onde, em 1911, George V e a rainha Mary haviam desfilado numa carruagem enfeitada a ouro entre duas filas de montanheses vestidos com saias escocesas e polainas brancas erguia-se no meio de um parque de trinta acres o imponente edifício de 137 divisões, onde o Império alojara os seus vice-reis. Raj Bhavan, o palácio real, era uma réplica de Kedleston Hall, um dos mais belos castelos de Inglaterra. O vice-rei, Lord Wellesley, tinha decorado a grande sala de mármore com bustos de doze césores. Antes de se tornar, após a independência, a morada do governador indiano de Bengala, Raj Bhavan fora o local de festas e celebrações, cuja sumptuosidade ultrapassava as mais ousadas fantasias. Nas noites de gala, o representante de Sua Majestade Real ocupava um trono de veludo púrpura e ouro, rodeado de um séquito de ajudantes de campo e oficiais uniformizados. Dois servos indianos de turbante agitavam suavemente leques de seda escarlate para o abanarem, ao mesmo tempo que soldados armados de lanças incrustadas de prata lhe prestavam guarda de honra.

Muitos outros vestígios de igual ostentação, e frequentemente devorados pelo caos da construção e atuais bairros de lata, testemunhavam a grandiosidade desta antiga joia da Coroa: edifícios como o estádio onde, em 2 de Janeiro de 1804, a equipa de Calcutá, chefiada pelo neto do primeiro-ministro britânico Walpole, enfrentara uma equipa de alunos de Eton no primeiro desafio de críquete realizado no Oriente. Existia ainda o imponente enclave de oitocentos acres junto às águas sagradas do rio Hooghly, que albergara uma das mais grandiosas cidadelas alguma vez erguidas pelo homem. Construído para defender os três primeiros armazéns — um dos quais, o Kalikata, assim chamado por se situar próximo de uma aldeia

dedicada a Kali, iria dar o nome à cidade — o Forte William servira de berço a Calcutá e à conquista britânica do seu enorme império na Ásia.

Dentre todos estes símbolos de um glorioso passado nenhum detinha, porém, uma majestosidade superior à da enorme construção de mármore branco que se erguia no extremo do Parque Maidan. Construído com a ajuda de fundos oferecidos pelo próprio povo indiano, a fim de comemorar o reinado de sessenta e três anos da imperatriz que acreditava ser a melhor encarnação da vocação do homem branco para cuidar do bem-estar do povo na terra, o Victoria Memorial conservava no meio da moderna selva urbana a mais fabulosa coleção de tesouros jamais reunidos numa época colonial. Reunia todos os memoriais, religiosamente preservados, a fim de serem submetidos ao incrédulo escrutínio de gerações atuais: estátuas da imperatriz em todas as diversas fases do seu esplendor juntamente com as dos enviados reais que aqui se foram sucedendo; um retrato de Kipling; sabres de punhos enfeitados a ouro e pedras preciosas, usados por generais britânicos durante as batalhas que conferiram a Índia à Grã-Bretanha; pergaminhos comprovativos destas conquistas; mensagens manuscritas pela rainha Vitória reiterando o seu afeto aos “povos de além-mar”.

Apesar do calor, doenças tropicais, cobras, chacais e mesmo tigres, que, por vezes, durante a noite, rondavam as residências em Chowringhee Road, Calcutá havia proporcionado aos seus fundadores um estilo de vida extremamente fácil e agradável. Ao longo de dois séculos e meio, gerações de britânicos haviam começado o dia com um passeio numa carruagem puxada a cavalos ou numa limusina à sombra das bananeiras, arbustos de magnólia e palmeiras do Parque Maidan. Todos os anos, antes do Natal, uma esplendorosa época de polo, corridas de cavalos e recepções sociais atraíam a elite da Ásia a Calcutá. Nos tempos áureos da cidade, a ocupação principal das damas havia sido experimentarem nos seus toucadores as últimas roupas de Paris e Londres, feitas por costureiras locais de sumptuosos panos e brocados tecidos em Madras ou Benares. Durante aproximadamente meio século o ponto de encontro mais em moda entre estas damas privilegiadas era o salão de Messieurs Malvaist e Siret, dois famosos cabeleireiros franceses que um astuto homem de negócios trouxera de Paris.

Fora devido à sua abundância de diversões que a Calcutá dessa era recebera a alcunha de “Paris do Leste”. Todas as suas festas começavam por uma deliciosa excursão no Hooghly, numa dessas compridas gôndolas impelidas por cerca de quarenta barqueiros de turbantes vermelhos e verdes e

túnicas brancas cingidas com faixas douradas. Como alternativa existia um passeio junto ao rio, ao longo do Jardim do Paraíso, para onde um vice-rei, apaixonado pela arquitetura oriental, fizera transportar, tábua a tábua, um pagode dos elevados planaltos de Burma. Ao fim da tarde, a banda da guarnição oferecia neste lugar virado para o rio um concerto de música romântica para deleite dos expatriados vestidos de saias-balão, casacas e chapéu alto. À noite jogavam-se sempre as cartas num dos numerosos clubes “com entrada proibida a cães e indianos”, que constituíam o orgulho da Calcutá britânica. Realizava-se, ocasionalmente, um jantar e baile sob os tectos ornamentados dos luxuosos salões das casas de Chowringhee ou na pista de madeira de teca da London Tavern. Os que tinham predileção pela arte dramática dispunham de várias opções. Calcutá orgulhava-se de ser a capital artística e intelectual da Ásia. Todas as noites se representava uma peça de Shakespeare na New Play House e as mais recentes produções da West End londrina encontravam-se em cena numa série de outros teatros. Geoffrey Moorhouse, um célebre historiador de Calcutá, conta-nos que no princípio do século uma das grandes damas da sociedade, uma tal Mrs. Bristow, fora mesmo ao ponto de converter uma das salas de recepções da sua residência num palco de ópera e serviu de anfitriã aos melhores tenores e divas da Europa (Cakutta, por Geoffrey Moorhouse (Weidenfeld and Nicolson, Londres). As tábuas do palco de Old Empire Theatre haviam acolhido as sapatilhas de ballet da grande Anna Pavlova num inesquecível recital efetuado pouco antes da sua retirada. A Orquestra Sinfônica de Calcutá dava todos os sábados um concerto conduzido pela batuta do seu fundador, um mercador bengalês chamado Shosbree. Pouco depois da Primeira Guerra Mundial, prosperou em Chowringhee Road o mais famoso restaurante três estrelas da Ásia. Até a inauguração do Maxim’s do Oriente, em 1960, o Firpo manter-se-ia o templo do deleite gastronômico e social de Calcutá. Todas as famílias respeitáveis faziam a sua reserva de mesa na ampla sala de jantar em L do Firpo. O dono do restaurante italiano recebia os clientes como um potentado oriental ou ia mesmo ao ponto de os mandar embora quando os rostos ou a forma de vestir lhe desagradavam. Animado pelos músicos de Francisco Casanovas, um nobre espanhol que se dedicara à arte de tocar clarinete, a pista de dança do Firpo constituía o berço de romance para a última geração de brancos na Ásia.

Os que preferiam os tesouros da rica cultura bengalesa às delícias ocidentais dispunham de idênticas opções. Desde o século XVIII que Calcutá

tinha sido a pátria de filósofos, poetas, romancistas e músicos. Calcutá proporcionara mesmo à Índia um Prêmio Nobel da Literatura, na pessoa de Tagore, e um Prêmio Nobel da Ciência por intermédio de J. C. Bose. Foi igualmente a pátria de Ramakrishna e Vivekananda, dois dos mais venerados santos modernos; de Satyajit Ray, um dos mais famosos galardoados do mundo cinematográfico; de Sri Aurobindo, um dos gigantes da espiritualidade universal; de Satyen Bose, um dos grandes mestres da teoria da relatividade.

As vicissitudes do destino não haviam apagado por completo uma herança tão prestigiosa. Calcutá continuava a ser o foco artístico e intelectual da Índia e a sua cultura mantinha a criatividade e a vivacidade de sempre. As centenas de quiosques de livros em College Street apresentavam-se ainda carregados de volumes: edições originais, panfletos, publicações de todo o gênero, tanto em inglês como nas inúmeras línguas indianas. Embora os bengaleses constituíssem atualmente metade da população trabalhadora da cidade, era indubitável que Calcutá produzia mais escritores do que Paris e Roma juntas, mais revistas de crítica literária do que Londres e Nova Iorque, mais cinemas do que Nova Deli e mais editores do que o resto do país. Todas as noites os teatros levavam à cena várias produções teatrais, concertos clássicos e inúmeros recitais, em que todos, desde um citarista de renome universal como Ravi Shankar ao mais humilde dos tocadores de flauta, ou tabla, se encontravam em união com as audiências populares, diante das quais se exibiam através do mesmo amor pela música. Metade dos grupos de teatro da Índia eram naturais daqui. Os Bengaleses iam ao ponto de reivindicar que um dos seus eruditos traduzira na sua língua o famoso dramaturgo francês Molière muito antes de os Ingleses conhecerem o seu nome.

No entanto, para Hasari Pai e os milhões de exilados que pululavam nos seus bairros de lata, Calcutá não representava cultura nem história. Para eles significava apenas a leve esperança de descobrirem algumas migalhas com que pudessem sobreviver até o dia seguinte. Numa metrópole de tal magnitude havia sempre algumas migalhas a juntar, ao passo que numa aldeia inundada de água ou atingida pela seca até essa possibilidade deixara de existir.

VI

Depois de mais um dia de buscas pelo Bazar Bara, uma noite regressou Hasari Pai com um sorriso triunfante absolutamente inesperado.

— Que Bhagavan seja abençoado! — exclamou Aloka ao avistar o marido. — Vejam, meus filhos. O vosso pai parece satisfeito. Deve ter encontrado o homem da nossa aldeia. Ou melhor ainda, talvez tenha encontrado trabalho. Estamos salvos!

Hasari não encontrara o amigo nem trabalho. Trazia simplesmente à família dois cartuchos de jornais cheios de muri, o arroz cozinhado em areia quente que os pobres comem como último recurso para matar a fome. Os grãos secos eram duros e tinham de ser mastigados longo tempo, um processo que dava a ilusão de na realidade se trincar qualquer coisa.

Pais e filhos mastigaram em silêncio durante algum tempo.

— Aqui tens. É para ti — disse Hasari, oferecendo o resto da parte que lhe competia ao seu filho mais novo, que o olhava com uma expressão implorativa.

Aloka observou q gesto do marido com o coração apertado. Entre os pobres da Índia, a comida reservava-se sempre prioritariamente aos que podiam trabalhar e providenciar as necessidades da família. Hasari perdera bastante peso desde a sua chegada a Calcutá. Tinha os ossos salientes. Duas rugas profundas notavam-se debaixo do bigode, e o cabelo negro e brilhante tornara-se grisalho sobre as orelhas, um fenómeno que era raro num indiano tão jovem. “Deus do céu. Como ele envelheceu”, pensava a jovem mulher enquanto o via estender-se para passar a noite no asfalto do pedaço de passeio que lhes estava reservado. Lembrou a primeira vez que o vira, tão elegante, tão robusto debaixo do dossel ornamentado e erguido para o seu casamento em frente da casa da família. Ele viera da sua aldeia, transportado num palanque e escoltado pelos parentes e amigos. O padre brâmane ungira-lhe a testa com pasta de arroz e folhinhas de manjerição. Ele estava vestido com uma túnica branca nova em folha e um turbante amarelo-laranja muito vivo. Aloka lembrava-se do terror que sentira quando a mãe e as tias a haviam deixado a sós com ele depois da cerimonia. Ela tinha apenas quinze anos e ele só três anos mais. O seu casamento fora arranjado pelos pais e nunca se tinham visto antes. Ele olhara-a insistentemente e perguntara-lhe o nome. Ela recordava-se também de que ele acrescentara: “És uma jovem muito bonita e

pergunto-me se também me acharás atraente.” Ela tinha-se contentado em lhe responder com um sorriso, porque não lhe ficava bem falar à vontade com o marido no dia do casamento. Depois, tinha corado e, encorajada pela sua suavidade, aventurara-se por sua vez a fazer uma pergunta. Ele sabia ler e escrever? “Não”, respondera simplesmente, antes de acrescentar com uma expressão orgulhosa: “Mas sei fazer muitas outras coisas.”

“Nesse dia, o pai dos meus filhos parecia tão forte e robusto como o tronco da grande figueira-de-bengala à entrada da nossa aldeia”, refletia Aloka. E, agora, parecia tão frágil em cima do bocado de passeio. Era-lhe difícil aceitar que se tratava do mesmo homem cujos braços robustos a tinham apertado como um par de tenazes na sua noite de casamento. Embora a sua tia mais velha lhe tivesse dado alguns conselhos, ela era tão tímida e ingênua nessa altura que lutara por se libertar do seu abraço. “Não tenhas medo”, dissera ele. “Sou o teu marido e tu serás a mãe dos meus filhos.”

Aloka estava imersa nas suas recordações no escuro, quando rebentou o rebuliço mesmo ao lado. Os vizinhos, aquela boa gente que tão generosamente acolhera os desanimados Pais, acabara de dar pela falta da filha. Ela era uma bonita jovem de treze anos, suave e graciosa, com uma grande trança que lhe caía sobre as costas e olhos verdes. Chamava-se Maya, o que significa “ilusão”. Costumava ir pedir todas as manhãs junto à entrada dos grandes hotéis de Chowringhee Road e Park Street, onde se hospedavam homens de negócios e turistas ricos de todo o mundo. Ninguém, no entanto, tinha o direito de estender a mão na mina de ouro que era aquela área, a não ser quando sob o controle do sindicato dos escroques. Todas as noites, Maya entregava os ganhos diários ao chefe do bando, que, em troca, lhe fazia o pagamento de cinco rupias. Maya tivera sorte em ser aceite, porque, a fim de incitarem os seus “clientes” a uma maior generosidade, os extorsionistas preferiam explorar jovens aleijados ou deficientes, homens sem pernas em tábuas com rodas ou mães vestidas de farrapos e com bebês pálidos nos braços. Era mesmo voz corrente que as crianças sofriam mutilações à nascença para serem vendidas a esses canalhas.

A jovem Maya sentia-se profundamente triste por ser obrigada a pedir. Em várias ocasiões, quando chegava a hora de partir para o “trabalho”, tinha-se lançado a soluçar nos braços da mãe. Tais cenas eram frequentes nas ruas de Calcutá, onde tantas pessoas se viam forçadas a sofrer as piores humilhações apenas para sobreviver. Contudo, Maya jamais se furtara à tarefa. Sabia que para a sua família as cinco rupias que trazia todas as noites

significavam a diferença entre a vida e a morte.

Nessa noite não voltara. À medida que as horas passavam, a mãe e o pai cada vez se sentiam mais preocupados. Levantaram-se, sentaram-se novamente, andaram em círculos murmurando imprecações incompreensíveis. Ao longo dos três meses que se haviam visto aprisionados naquele bocado de passeio, tinham aprendido o suficiente para saberem que a sua angústia se justificava. Tal como em qualquer outra parte do mundo, o rapto das crianças era um crime vulgar em Calcutá. Os canalhas responsáveis procuravam, na generalidade, rapariguinhas entre os dez e os quinze anos, mas os rapazinhos não se encontravam a salvo. As crianças costumavam ser vendidas a uma rede de fornecedores de bordéis que as enviavam para Madras, Bombaim ou Nova Deli, ou as exportavam para algumas capitais dos países do golfo Pérsico. Ninguém mais as via ou ouvia falar delas. As mais afortunadas ficavam aprisionadas em casas de prostituição na própria cidade de Calcutá.

Abalada pelo desgosto dos vizinhos, Aloka acordou o marido. Hasari sugeriu de imediato ao pai de Maya que fossem ambos procurar a jovem. Os homens mergulharam, pois, em escuras ruas, a abarrotar de gente que dormia nos poiais das casas e nos passeios. Evitar perderem-se num tal labirinto, onde todos os prédios se assemelhavam, não constituía tarefa fácil para camponeses habituados a movimentar-se na simplicidade familiar da sua região.

Depois de os dois homens se terem afastado, Aloka sentou-se ao lado da mãe da rapariga. A pobre, cujo rosto denotava as marcas de bexigas, estava lavada em lágrimas. Agarrava no bebê adormecido entre as pregas do sari e dois outros rapazinhos, embrulhados em farrapos, dormiam ao seu lado. Nada conseguia aparentemente perturbar o sono das crianças, nem mesmo os barulhentos tubos de escape dos caminhões ou o ranger dos eléctricos que desfilavam junto às suas cabeças, ou as câibras de um estômago faminto. Ao longo do tempo em que estes camponeses haviam vivido neste bocado de passeio, tinham demarcado o território como se fosse sua intenção ficar ali para sempre. O seu rincão resumia-se a um pequeno e limpo lugar de acampamento com um canto para dormirem e outro canto para cozinharem, com uma chula e alguns utensílios. Era Inverno e esta gente sem abrigo não tinha motivo para recluir-se da chuva torrencial da monção. Quando, porém, o vento de Dezembro soprava dos Himalaias e varria as avenidas, fazia um frio cortante nos passeios. De todos os sítios se erguia o mesmo ruído aterrador. O

som de acessos de tosse, de pigarro, o silvo das cuspidelas. O pior para Aloka era ver-se obrigada “a dormir no chão sem mais nada. De manhã acorda-se com tantas dores nos membros como se se tivesse levado uma tarefa”. Por uma qualquer ironia do destino, um anúncio de um cartaz pregado no passeio oposto parecia troçar deles. Mostrava um marajá a dormir aconchegadamente num grosso colchão. Ele inquiria solicitamente da sua terra de sonho: “Já alguma vez pensou em oferecer de presente um colchão Simmons”.

O pai de Maya e Hasari Pai demoraram algumas horas a regressar e quando apareceram não traziam a rapariguinha. Nesse instante houve algo no comportamento do marido que surpreendeu Aloka. O mesmo homem que parecera tão exausto antes de partir mostrava-se agora cheio de vida. O pai de Maya tinha um ar idêntico. Sentaram-se no passeio sem pronunciar palavra e começaram a rir. Aloka apercebeu-se de que o marido estivera a beber.

“Fiquei indignada”, recordar-se-ia Aloka. “E o meu marido deve ter-se dado conta da minha irritação, porque se retirou, envergonhado, para o lugar onde estivera a dormir umas horas antes, parecendo um cão arrependido. O nosso vizinho imitou-o e, pelo silêncio da sua esposa, apercebi-me de que a pobre mulher devia estar habituada a este tipo de situação.”

De fato, não era nada de surpreendente. À semelhança de todas as cidades superpovoadas, Calcutá apresentava-se a abarrotar de miseráveis espeluncas de bebida e jogo, onde, a troco de algumas paísa, os pobres podiam conseguir uma mistela que lhes permitia afogar o desgosto por umas horas.

Aloka passou a noite a tentar consolar a mulher do vizinho. A tristeza dela partia-lhe o coração, tanto mais que acabara de saber que o filho mais velho, um rapaz de quinze anos, se encontrava preso. Costumava ausentar-se à noite, mas regressava sempre todas as manhãs com cerca de dez rupias. Pertencia a um bando organizado que roubava nas carruagens dos trens. Dois meses antes a polícia viera prendê-lo. Desde então, os três filhos mais novos nunca mais pararam de choramingar com fome. “Pobre mulher! Uma filha perdida sabe-se lá onde, um marido bêbado, um filho ladrão por detrás das grades. Que destino horrível!”, lamentava-se Aloka interiormente, aterrorizada com a ideia de que a mesma situação aguardava a sua família caso o marido não encontrasse trabalho depressa.

O dia acabara de romper, depois de uma noite de ansiedade, quando a jovem Maya reapareceu. A mãe desenrolou-se como uma cobra.

— Maya! — gritou, apertando a jovem nos braços. — Onde estiveste,

Maya?

O rosto da adolescente denotava uma expressão reservada e hostil. Havia indícios de batom nos lábios e cheirava a perfume. Libertando-se do abraço da mãe e apontando para os dois irmãozinhos, estendeu-lhe uma nota de dez rupias.

— Hoje, eles não chorarão.

VII

Trezentas mil pessoas espalhadas por esta cidade de miragem viviam nas ruas como estas duas famílias. Outras pululavam na confusão de tábuas e poeira definidora dos seus três mil bairros de lata.

Um bairro de lata não era exatamente uma cidade de barracas. Assemelhava-se a uma espécie de subúrbio industrial assolado pela pobreza e exclusivamente habitado por refugiados das áreas rurais. Tudo nestes bairros se aliava para impelir os habitantes à degradação e desespero: escassez de trabalho e desemprego crônico, salários extraordinariamente baixos, a inevitável mão de obra infantil, a impossibilidade de poupança, a hipoteca de bens pessoais e a sua perda mais cedo ou mais tarde. Havia também a total inexistência de qualquer reserva de alimentos e a necessidade de comprar em quantidades mínimas — um cêntimo de sal, dois ou três cêntimos de lenha, uma colher de açúcar —, além da total ausência de privacidade, com dez ou doze pessoas a partilharem um único quarto. O milagre destes campos de concentração residia, porém, em que a acumulação de elementos desastrosos era contrabalançada por outros fatores que permitiam aos habitantes não só conservarem-se humanos mas transcenderem até a sua situação e tornarem-se modelos de humanidade.

Nestes bairros de lata as pessoas punham, de fato, em prática o amor e apoio mútuo. Sabiam como tolerar todos os credos e castas, como respeitar um estranho, como mostrar caridade em relação a mendigos, aleijados, leprosos e mesmo loucos. Aqui os fracos eram ajudados e não pisados. Os órfãos eram de imediato adotados pelos seus vizinhos e os velhos mereciam o cuidado e o respeito dos filhos.

Contrariamente aos ocupantes de aglomerados pobres de outras cidades do mundo, os antigos camponeses que se refugiavam nestes bairros não eram marginais. Tinham reconstruído a vida das suas aldeias no seu exílio urbano. Talvez uma vida adaptada e distorcida, mas apesar de tudo tão real que a própria pobreza se havia tornado uma forma de cultura. Os pobres de Calcutá não eram desenraizados. Partilhavam um mundo comum e respeitavam os seus valores sociais e religiosos, mantendo as tradições e as crenças ancestrais. Por último — e isto era de primordial importância —, sabiam que a sua pobreza era alheia a uma culpabilidade pessoal; devia-se, sim, a maldições cíclicas ou constantes que assolavam os locais de onde provinham.

Um dos principais e mais antigos bairros de lata de Calcutá situava-se nos subúrbios, a quinze minutos a pé da estação ferroviária onde a família Pai chegou. Localizava-se entre um aterro férreo, a linha Calcutá-Déli e duas fábricas. Por uma questão de ignorância ou desafio, o dono da fábrica de juta, que, no começo do século, alojara os seus operários nesta terra, que recuperara a um pântano infestado de febres, baptizara o local de Anand Nagar, “Cidade da Alegria”. A fábrica de juta viera a fechar as portas, mas os antigos domínios dos operários tinham-se expandido e transformado numa verdadeira cidade dentro de uma cidade. Nesta altura, mais de setenta mil habitantes encontravam-se reunidos numa extensão de terra pouco maior que três vezes o tamanho de um campo de futebol. Tal incluía cerca de dez mil famílias, divididas geograficamente de acordo com os seus vários credos religiosos. Sessenta e três por cento desta gente eram muçulmanos, trinta por cento hindus e pelo meio havia pequenas ilhas de siques, jainas, cristãos e budistas.

Com os seus aglomerados de casas baixas construídas em pátios minúsculos, os telhados de telhas vermelhas e as travessas retilíneas, a “Cidade da Alegria” mais parecia, de fato, um subúrbio industrial do que uma cidade pobre. Possuía, no entanto, um triste recorde: tinha a mais elevada densidade populacional deste planeta — duzentas mil pessoas por quilómetro quadrado. Era um local onde nem sequer havia uma árvore, uma única flor, uma borboleta, um pássaro além dos abutres e corvos; era um local onde as crianças nem sequer sabiam o que era um arbusto, uma floresta ou um lago, onde a atmosfera estava tão carregada de dióxido de carbono e enxofre que a poluição matava pelo menos um elemento de cada família; um local onde homens e animais assavam numa fôrnalha durante os oito meses de Verão, até que a monção transformava as ruas e barracas em lagos de lama e excremento; um local onde a lepra, a tuberculose, a disenteria e todas as doenças provocadas por subnutrição reduziã até há bem pouco a média de esperança de vida à das mais baixas do mundo; um local onde oitenta e cinco vacas e búfalos atados a pilhas de estrume forneciam leite infectado de germes. Acima de tudo, no entanto, a “Cidade da Alegria” era um local onde predominava a mais extrema pobreza económica. Nove em cada dez dos seus habitantes não tinham uma rupia diária para comprar duzentos e cinquenta gramas de arroz. Além disso, e à semelhança de todos os outros bairros de lata, a “Cidade da Alegria” era ignorada por outros cidadãos de Calcutá, excepto em caso de crime ou de greve. Considerada como um subúrbio

terrível, de má reputação, como o retiro dos intocáveis, párias, marginais, era um mundo à parte, isolado do mundo.

Encalhados naquele local após migrações sucessivas, os que ocupavam este bairro de lata pertenciam a todas as raças do subcontinente indiano. Afegãos do tipo turco-iraniano, indo-arianos puros de Caxemira e do Punjab, bettiah cristãos, orianos negroides, mongoloides do Nepal, tibeto-birmaneses de Assam, aborígenes, bengaleses, usurários afegãos, marwari de Rajasthan, siques exibindo orgulhosamente os seus turbantes, refugiados do distante e superpovoado Kerala — todos estavam ali. E também vários milhares de tamules do Sul, que viviam à parte em barracas arruinadas com porcos anões, os seus costumes e a sua linguagem própria. Eram igualmente visíveis os sábios hindus, instalados em pequenos ashram construídos de tábuas; grupos de baul, célebres frades místicos mendicantes bengaleses com vestes ocre, para os quais a “Cidade da Alegria” era uma paragem necessária; alguns sufi muçulmanos com cavanhaques, todos vestidos de branco; todo o gênero de faquires cobertos com as roupas mais inconcebíveis ou, na realidade, por vezes sem roupas; alguns adoradores do fogo sectários de Zoroastro; e jainas com panos a tapar-lhes a boca, para impedirem a morte ao engolirem acidentalmente um mosquito. Havia também uma série de dentistas chineses. E o mosaico não estaria completo se não se mencionasse uma pequena colônia de eunucos. Havia ainda as famílias dos senhores locais, da máfia que mantinha o controle das atividades do bairro de lata, fosse ela a especulação estatal quanto às demarcações de gado, destilação ilícita de álcool, despejo pelo não pagamento de renda, julgamentos sumários, castigos aplicados pela menor ofensa verbal, mercado negro, casas de fumo, prostituição, droga ou o controle da atividade sindical e política. Alguns anglo-indianos, os descendentes de filhos nascidos da união de indianos sem casta e soldados rasos britânicos, e uma série de outros grupos étnicos completavam a população desta Torre de Babel. Até há pouco só a raça branca dos Vikings e dos Celtas não tinha representantes neste formigueiro. Um dia, porém, esta lacuna ia ser preenchida.

VIII

Algumas semanas depois da chegada da família Pai a Calcutá foi a vez de um europeu descer no imponente buraco da estação de Howrah. Com o fino bigode sob um nariz arrebitado, a testa alta e um andar e maneiras descontraídas, assemelhava-se muito ao ator americano Jack Nicholson. Usava jeans e camisa indiana, calçava tênis e a bagagem reduzia-se a um saco de pano pendurado ao ombro. Apenas uma cruz de metal negra pendurada no peito por um cordão denunciava a sua condição. O polaco, de trinta e dois anos, Stephan Kovalski era um padre católico.

Para ele Calcutá constituía o termo de uma longa viagem, que havia começado em Krasnik, uma pequena cidade mineira silésio-polaca, onde ele nascera em 1933. Filho e neto de mineiros, Stephan Kovalski passara os primeiros tempos da infância nos sombrios arredores da abertura por onde o pai costumava descer todas as manhãs. Acabara de completar cinco anos quando pai levou toda a família, de trem, para se juntarem a um grupo de primos que tinham emigrado para o Norte da França; ali, os salários pagos aos mineiros eram seis ou sete vezes superiores aos vigentes na Polônia. Numa noite de Verão de 1946, uma ambulância parara em frente da casa dos mineiros Kovalski. Stephan tinha visto retirarem o pai, envolto em ligaduras. Era o Verão da grande greve que paralisou todas as minas de carvão do Norte da França. No decurso de violentos confrontos entre os mineiros e as forças da lei e da ordem, o pai de Stephan Kovalski tinha sofrido queimaduras no rosto e perdido um olho. Esta experiência traumatizante havia transformado por completo este homem calmo e profundamente religioso. Revoltou-se contra o sofrimento e a dor e refugiou-se na revolta ativa, radical e desesperada. Antigo militante da Liga Operária Católica, aderiu às fileiras da revolucionária Liga Marxista, organização da extrema esquerda. Dado que o reconheciam à distância por causa da pala que usava sobre o olho, vieram a alcunhá-lo de “o Pirata”. Envolveu-se numa série de incidentes graves. Falou-se de terrorismo industrial e ele foi preso. Alguns dias mais tarde, o presidente da Câmara local veio informar a mãe de Stephan, uma polaca de temperamento generoso e bom, de que o marido se enforcara na cela.

O jovem Stephan tinha sido uma testemunha indefesa da metamorfose do pai. Este suicídio representou um choque terrível para o adolescente. Stephan deixou de comer, a tal ponto que as pessoas temiam pela sua vida.

Fechou-se no quarto a fim de meditar diante de uma imagem do Santo Sudário de Turim que o pai lhe oferecera aquando da primeira comunhão. A imagem do rosto de Cristo após o tirarem da cruz, juntamente com uma fotografia da mais famosa cantora popular francesa, Edith Piaf, alguns livros, incluindo a biografia de Charles de Foucauld, um nobre e oficial que se tornara monge no deserto do Sara, e uma tradução francesa de As Chaves do Reino, de Cronin, eram os seus únicos companheiros.

— Vou ser missionário — declarou um dia à mãe, ao dar-lhe um beijo de despedida, antes de sair para a escola.

Há muito tempo que Stephan Kovalski andara a meditar sobre a sua resolução.

“Foram dois os fatores que me impeliram a fazê-lo”, recordaria anos mais tarde. “A necessidade de me afastar após a morte do meu pai, mas sobretudo o desejo de conseguir por outros meios o que ele tentara obter através da violência. Nessa altura havia uma grande quantidade de novos emigrantes a trabalharem nas minas do Norte da França: norte-africanos, senegaleses, turcos, jugoslavos. O meu pai, que nunca se esqueceu de que ele próprio havia sido emigrante, envolveu-os a todos na sua organização revolucionária. Eles haviam-se tornado a sua família e ele era um pouco o pai deles. Alguns costumavam passar a noite em nossa casa, quando vinham das minas. Ainda não havia televisão e, por conseguinte, as pessoas falavam sobre tudo, mas especialmente, sobre justiça, solidariedade, fraternidade, sobre o que de mais necessitavam. Não cessa de repetir que está connosco, mas sabe, de fato, alguma coisa a nosso respeito?, perguntou um dia, provocadoramente, ao meu pai um emigrante senegalês. Por que não vai viver uns tempos numa cidade de barracas africana ou nas nossas regiões pobres? Ficaria assim com uma ideia mais exata do motivo por que somos forçados a abandonar tudo e a vir para aqui quebrar pedra o dia inteiro no fundo de uma mina. Nunca me esqueci das suas palavras.”

A sugestão do africano influenciou profundamente o rapaz. Alguns anos antes, durante o cruel Verão de 1940, ficara desolado ante a visão de êxodo dos refugiados belgas em fuga diante dos soldados alemães pela estrada que se estendia por detrás da propriedade dos mineiros. Depois da escola apressara-se a ir dar qualquer coisa de beber àquela pobre gente. Mais tarde testemunhou as perseguições dos nazis às crianças judaicas. Juntamente com os pais, atirou-lhes, por baixo do arame farpado, pão e queijo tirado às rações da família. Ao longo da guerra estes operários tinham partilhado os seus

magros recursos com outros. A vocação de Stephan Kovalski para servir os outros nasceu desta mesma revolta contra a injustiça e da vida de amor e dádiva em que ele crescera.

Quando deixou a comunidade mineira, passou três anos num pequeno seminário da Bélgica. A educação religiosa que ali recebeu parecia-lhe muito afastada das exigências quotidianas, mas o estudo mais profundo do Evangelho reforçou o seu desejo de se identificar com o sofrimento dos pobres. Durante o período das férias ia a casa dar um beijo à mãe, antes de partir à boleia até a região de Paris, onde procurava uma espécie de santo com barbas. Nesse tempo, o abade Pierre, que era igualmente membro do Parlamento, com a sua velha boina na cabeça e os seus discípulos ao lado, fornecia ajuda aos mais necessitados com os lucros da venda do que conseguiam recolher, esvaziando os celeiros e adegas dos mais privilegiados.

Mais tarde, no seminário de Lovaina, também na Bélgica, Kovalski conheceu o homem que iria conferir uma diretiva final à sua viagem. O padre Ignacio Fraile pertencia a uma ordem espanhola fundada no século passado por um padre da província das Astúrias, que presentemente estava a ser considerado para santificação pelo Vaticano. A Fraternidade de S. Vicente reunia padres e leigos famosos que faziam os votos de pobreza, castidade, obediência e caridade, a fim de “procurarem os mais pobres dos pobres e os desamparados nos lugares onde estão para partilharem a sua vida e morrerem com eles”. Pequenas comunidades de padres e irmãos surgiram nos subúrbios industriais de numerosas cidades da Europa, América Latina, África, Ásia, em todo o lado, na realidade, onde as pessoas sofriam. Havia várias na própria França.

Stephan Kovalski foi ordenado padre em 15 de Agosto de 1960 na festa de Nossa Senhora da Ascensão. Tinha exatamente vinte e sete anos. Nessa mesma noite apanhou o trem para Douai, a fim de passar algumas horas com a mãe, que estivera internada no hospital durante três meses, devido a problemas cardíacos. Antes de beijar o filho uma última vez, ofereceu-lhe uma caixa cuidadosamente embrulhada. Lá dentro, num forro de algodão, encontrou uma cruz de metal preta com duas datas gravadas: a do seu nascimento e a da sua ordenação.

— Nunca te separe de ela, meu filho — disse-lhe, prendendo a mão de Stephan entre as suas. — Esta cruz proteger-te-á para onde quer que vás.

Dado saber que as pessoas mais necessitadas não se encontram na Europa, mas no Terceiro Mundo, Stephan Kovalski tinha estudado espanhol

durante o último ano de seminário, com a esperança de que o enviassem para os aglomerados pobres, ou favelas, da América do Sul. Em vez disso, foi a Índia o destino que a Ordem lhe reservou.

Índia! Um subcontinente com uma extraordinária riqueza potencial e onde, no entanto, continuavam a existir áreas e grupos sociais de uma extrema pobreza. Um país de intensa espiritualidade e de violentos conflitos raciais, políticos e religiosos. Um país de santos como Gandhi, Aurobindo, Ramakrishna e Vivekananda e de líderes políticos que eram, por vezes, odiosamente corruptos. Um país que fabricava foguetões e satélites, mas onde oito de cada dez habitantes nunca tinham viajado mais além de até onde as carroças puxadas a bois os levavam. Um país de incomparável beleza e variedade e de terríveis perspectivas como os bairros de lata de Bombaim ou Calcutá. Um país onde muitas vezes o sublime se encontrava lado a lado com o pior que este mundo pode oferecer, mas onde os dois elementos eram sempre mais vibrantes, mais humanos e por último mais atraentes do que qualquer outra coisa.

Impaciente por partir, Stephan Kovalski requereu um visto de residência. O seu pedido marcou o início de um prolongado purgatório. Durante cinco anos, as autoridades indianas todos os meses lhe prometiam a entrega deste documento essencial. Contrariamente a um visto temporário de turista, uma licença de residência exigia, de fato, a aprovação do ministro dos Negócios Estrangeiros, em Nova Deli. A indicação da sua qualidade de padre no pedido de Stephan Kovalski ocasionara dificuldades. Há algum tempo que a Índia recusava o ingresso no seu território a missionários estrangeiros. Os motivos desta proibição nunca tinham sido oficialmente definidos, mas a quantidade maciça de conversões do hinduísmo ao cristianismo fora inequivocamente denunciada.

Enquanto aguardava a concessão do visto, Stephan Kovalski habitou primeiro num aglomerado pobre argelino no distrito de Saint-Michel, em Marselha, depois num lar de emigrantes senegaleses, em Saint-Denis, próximo de Paris. Fiel ao seu ideal de fraternidade, partilhava tudo: o trabalho exaustivo remunerado com salários abaixo dos fixados pela lei, as enxergas miseráveis dos hotéis de emigrantes, os odores insuportáveis das cozinhas estilo divisões de barracas. Desempenhou sucessivamente as tarefas de maquinista, montador, fundidor e lojista.

Em 15 de Agosto de 1965, o quinto aniversário da sua ordenação, Stephan Kovalski decidiu finalmente que a espera se prolongava em demasia.

Mediante o acordo dos superiores, pediu um simples visto de turista. Desta vez, no espaço destinado à profissão, escreveu “operário fabril especializado”. No dia seguinte, foi-lhe devolvido o passaporte com o precioso visto devidamente carimbado com o selo dos três leões do imperador Ashoka, escolhido pelos fundadores da Índia moderna como o emblema da sua república. Apesar de a permissão o autorizar a ficar na Índia apenas três meses, agora a grande aventura da vida de Stephan Kovalski podia, pelo menos, começar. Depois de chegar a Calcutá, o destino pretendido, tentaria obter uma permissão de residência permanente.

Bombaim, a “passagem para a Índia”! Foi através deste porto na costa ocidental, que ao longo de três séculos forneceu uma primeira visão do continente a centenas de milhares de soldados e governadores britânicos, que Stephan Kovalski entrou na Índia. Escolheu a mais longa via de aproximação a fim de se familiarizar com o país, antes de chegar a Calcutá, situado no extremo oposto da enorme península. Na Estação Victoria, um prodigioso caravancha cheio de torres neogóticas, subiu para uma carruagem de terceira classe de um trem com destino a Trivandrum e ao sul.

O trem parou em todas as estações. Nessas alturas, todos os passageiros saíam para satisfazer as suas necessidades físicas, lavar e cozinhar os alimentos, no meio de uma massa efervescente de vendedores, carregadores, vacas, cães e corvos. “Olhava em volta e fazia como os outros”, viria Stephan Kovalski a escrever numa carta à mãe. No entanto, quando comprou uma laranja, descobriu que se diferenciava dos restantes. Pagou o fruto com uma nota de rupia, mas o vendedor não lhe deu o troco. A sua reclamação foi recebida com uma expressão de raiva e de desdém: “Como é possível que um sahib (Tratamento de respeito, dantes reservado aos estrangeiros brancos) tenha tão pouco dinheiro?”

“Descasquei a laranja, e tinha tirado um quarto quando uma menina se colocou na minha frente, com uns grandes olhos que pareciam dois tições. Dei-lhe evidentemente o fruto e ela afastou-se a correr. Segui-a. Fora dividi-lo com os irmãos e irmãs.”

Um momento depois, Stephan Kovalski nada mais tinha que oferecer além de um sorriso a uma rapazinha engraxador que andava à sua volta; mas um sorriso não enche um estômago vazio. Kovalski remexeu no saco e ofereceu ao rapaz a banana que prometera a si próprio comer longe dos olhares dos outros.

“A continuar assim, estava condenado a morrer rapidamente de fome”,

viria a recordar.

Para além do congestionamento de carros, havia que enfrentar um calor de sauna, a poeira carregada de fuligem que queimava a garganta e todos os odores, exclamações, lágrimas e risos que faziam desta viagem de trem um meio de fato autêntico de conhecimento de um povo. Foi no restaurante de uma das estações do Sul que Kovalski experimentou pela primeira vez a comida indiana.

“Comecei por observar as pessoas que me rodeavam”, narrou. “Apenas se serviam dos dedos da mão direita para comer. O processo de enrolar pequenas bolas de arroz e mergulhá-las no molho sem as desfazer nem queimar os dedos até o osso exigia uma ginástica correta. Quanto à boca, esófago e estômago ficam uma autêntica fogueira com estas criminosas especiarias! Devo ter proporcionado um espetáculo realmente cômico, dado que os clientes do restaurante se dobravam de riso. Não era todos os dias que podiam trocar de um pobre sahib que se dispusera a adquirir o seu certificado de indianização.”

Dez dias mais tarde, após uma curta paragem num aglomerado pobre, perto de Madras, Stephan Kovalski chegou a Calcutá.

IX

Não existia miséria possível nem a maior privação num pedaço de passeio em Calcutá capazes de alterar o ritual do povo mais limpo do mundo. Ao primeiro ruído do eléctrico nos trilhos da avenida, Hasari Pai levantava-se para satisfazer o “apelo da natureza”. Dirigia-se ao esgoto que se estendia, aberto, do lado oposto da avenida. Tratava-se de uma formalidade que iria tornar-se progressivamente mais curta para um homem privado de alimentação. Erguia o seu longhi de algodão, agachava-se por cima da sarjeta, e na beira do passeio dúzias de outros homens faziam o mesmo. Ninguém reparava neles. Era parte da vida e do cenário circundante. Aloka e as outras mulheres haviam feito o mesmo, ainda mais cedo, antes de os homens acordarem. Em seguida, Hasari ia ocupar o seu lugar na fila de homens que esperavam para efetuarem as lavagens diárias na fonte. Esta fonte era, na realidade, uma bomba de incêndio que escoava um líquido acastanhado extraído diretamente do rio Hooghly. Quando chegava a sua vez, Hasari punha-se de cócoras, derramava uma tigela de água por cima da cabeça e esfregava-se vigorosamente de cima a baixo com o sabão dos pobres, uma pequena bola feita de uma mistura de barro com cinza. Nem o cortante frio de Inverno ou a angústia de um estômago vazio aceleravam esta ancestral cerimonia de purificação, a que tanto jovens como velhos aderiam devotamente todas as manhãs.

Em seguida, Hasari dirigia-se com os dois filhos mais velhos ao Bazar Bara. O mercado estava sempre a abarrotar de tanta mercadoria que havia inevitavelmente alguma comida, num maior ou menor estado de podridão, a recolher nas pilhas postas de lado. Centenas de famílias pobres e desafortunadas percorriam como este pai e os filhos o mesmo labirinto na esperança de algum milagre: a descoberta de um indivíduo da sua aldeia, do seu distrito, da sua província, um parente, um conhecido, o amigo de um amigo, de um membro da sua casta, da sua subcasta, de um ramo da sua subcasta; em resumo, alguém que pudesse estar preparado para os acolher debaixo das suas asas protetoras e encontrar-lhes duas ou três horas, talvez um dia, ou mesmo — milagre dos milagres — vários dias de trabalho. Esta busca incessante não era tão irrealista como pode parecer. Todos os indianos se encontram sempre ligados ao resto da estrutura social por uma rede de laços inacreditavelmente diversificados, e, por conseguinte, ninguém neste

gigantesco país de setecentos e cinquenta milhões de habitantes podia ficar alguma vez abandonado — à excepção, talvez, de Hasari Pai, a quem esta “cidade desumana” parecia obstinadamente rejeitar. Nessa manhã, a manhã do sexto dia, deixou os filhos a rebuscar no lixo, enquanto mais uma vez se afastava, a fim de perscrutar o bazar em todas as direcções possíveis. Ofereceu os seus serviços a dúzias de comerciantes e de transportadores. Algumas vezes foi mesmo ao ponto de seguir carroças a abarrotar, com a leve esperança de que um dos trabalhadores caísse prostrado pelo cansaço e ele pudesse substituí-lo. Com o estômago a doer-lhe da fome, a cabeça vazia e o coração desesperado, o antigo camponês quase desmaiou junto a uma parede.

— Interessava-te ganhares umas rupias? — ouviu, então, no meio do atordoamento.

O homenzinho de óculos mais parecia um empregado de escritório do que um comerciante do bazar. Hasari fitou o desconhecido com surpresa e esboçou um aceno de cabeça afirmativo.

Basta que me sigas. Levar-te-ei a um sítio onde te tirarão um pouco de sangue a troco de trinta rupias. Serão quinze para mim e quinze para ti.

Trinta rupias pelo meu sangue! — exclamou Hasari, paralisado de surpresa. — Quem irá querer o sangue de um pobre vagabundo como eu, e ainda por cima pagar-me trinta

rupias?

Não sejas idiota! Sangue é sangue! — retorquiu o indivíduo de óculos. — Quer venha de um bandido ou de um pária, de um marwari cheio de dinheiro ou de um vagabundo como

tu. E sempre sangue.

Convencido pela lógica deste raciocínio, Hasari fez um esforço para se levantar e ir atrás do desconhecido.

O homem enquadrava-se numa profissão praticada em abundância numa cidade onde a mínima hipótese de lucro atraía, inevitavelmente, um enxame de intermediários parasitas conhecidos por “revendedores”. Por cada transação ou serviço prestado havia um ou mais intermediários que recebiam cada um a sua percentagem. O indivíduo de óculos era um cáften. Andava no encalço de doadores para um dos numerosos bancos de sangue privados que havia em Calcutá. Usava sempre a mesma técnica. Vigia as entradas de pedreiras, fábricas, mercados, todos os lugares onde sabia que podia encontrar homens sem trabalho, prontos a aceder a tudo em troca de algumas rupias. Os tabus proibiam os muçulmanos de dar sangue. Por conseguinte, ele

apenas se interessava por hindus.

Para um homem prestes a esgotar os seus recursos, a venda do seu sangue representava uma última hipótese de sobrevivência, e para astutos homens de negócios sem escrúpulos isto significava a oportunidade de fazer uma fortuna. A necessidade de sangue nos hospitais e clínicas de uma imensa metrópole como Calcutá ascendia a centenas de milhares de garrafas por ano. Na medida em que os quatro ou cinco bancos de sangue oficiais do estado de Bengala não tinham hipótese de satisfazer tal procura, era de esperar que organizadores privados tentassem aproveitar-se do mercado. Apenas tinham de obter a cumplicidade de um médico, apresentar um pedido em seu nome ao Departamento de Saúde, alugar instalações, comprar um frigorífico, algumas seringas, pipetas e garrafas e contratar um ajudante de dispensário. O resultado cifrava-se num comércio gigantesco com um movimento anual superior a dez milhões de rupias. Só a feroz concorrência a que estes dispensários, privados ou não, estavam sujeitos podia, aparentemente, impedir o florescimento dos seus lucros. Hasari acabara de entrar em contato com um dos bancos mais bem organizados de uma cidade que, segundo os entendidos nestes assuntos, praticava uma série de aldrabices, com um grau de arte e imaginação, que faria empalidecer de inveja Nápoles, Marselha ou Nova Iorque.

Hasari seguiu o seu “benfeitor” de óculos através das ruas do bairro comercial, depois ao longo de Chowringhee Road e por fim de Park Street, a rua de artigos de luxo, restaurantes e boites. Ao fundo da parte superior do quarteirão e nas ruas adjacentes havia vários dispensários de sangue. O do número 49 de Randal Street fora instalado numa antiga garagem. O cáften e Hasari ainda mal tinham chegado à porta quando foram abordados por um homem de rosto macilento e os cantos da boca avermelhados pelo tabaco de mascar.

— Vêm por causa do sangue? — perguntou o homem em voz baixa.

O indivíduo dos óculos aquiesceu com aquela inimitável sacudidela de cabeça tão carateristicamente indiana.

— Nesse caso, sigam-me — convidou o estranho, com uma piscadela de olho. — Sei de um outro banco onde pagam quarenta rupias. Cinco para mim e o resto para vocês os dois. De acordo?

Este homem era outro dente da engrenagem e servia de agente de um banco de sangue rival situado duas ruas mais adiante.

Uma placa indicava as iniciais dos seus três proprietários. O CRC era

um dos dispensários mais importantes de Calcutá. As dez rupias adicionais que oferecia nada tinham a ver com generosidade. Significava simplesmente que tiravam dez onças líquidas dos doadores, em vez das oito habituais. Verdade se diga que acrescentava a esta remuneração um verdadeiro bônus para um homem com o estômago vazio: uma banana e três biscoitos açucarados. O proprietário era um famoso hematologista, um tal Dr. Rana. Também ele não passava de mais um dente da engrenagem. Na qualidade de diretor de um dos bancos de sangue oficiais, não tinha dificuldade em desviar doadores e compradores para o seu dispensário privado. Nada podia ser mais fácil. Bastava dizer aos doadores que apareciam no banco de sangue oficial que o CRC pagava melhor. Quanto aos clientes que vinham comprar sangue para uma emergência ou uma futura operação, o médico mandava simplesmente informá-los de que as garrafas do grupo de sangue necessitado estavam temporariamente esgotadas no banco oficial, mas que as tinha à disposição no seu CRC.

Contudo, estas práticas podiam ser consideradas jogos comerciais inocentes em comparação com a falta de precauções médicas que pesavam sobre a maioria dos dispensários. A Organização Mundial de Saúde estipulara um certo número de regras vitais relativamente a análises e que deviam ser seguidas antes da utilização de sangue para transfusões. Tratava-se de simples testes que custavam pouco e que possibilitavam a detecção, entre outras coisas, do vírus da hepatite B ou de quaisquer doenças venéreas. No CRC, porém, à semelhança do que acontecia noutros bancos de sangue privados dessa altura, os vírus constituíam aparentemente a menor preocupação. O interesse primordial era, na verdade, o lucro.

Hasari foi convidado a sentar-se num banco. Enquanto um enfermeiro lhe aplicava um garrote de borracha nos bíceps, outro enfiou-lhe uma agulha na veia da dobra do braço. Ambos ficaram a observar o fluxo de líquido vermelho com um fascínio que aumentava com a subida do nível da garrafa. Seria o espetáculo do sangue, a ideia de que “estava a ser esvaziado como a garrafa de pele de bode de um vendedor de água no Bazar Bara”, ou a falta de alimento? As forças começaram a faltar a Hasari. A vista toldou-se-lhe e grossas gotas de suor cobriram-lhe a testa, apesar de tremer de frio. As vozes dos ajudantes pareciam chegar-lhe de um outro planeta, através de um estranho som de campainhas. Só conseguia distinguir os óculos do seu “benfeitor”, como que através de um véu. Em seguida, sentiu duas mãos que o seguravam no banco. Depois tudo escureceu à sua volta. Tinha desmaiado.

O incidente era tão banal que os ajudantes não interromperam o seu trabalho. Todos os dias lhes era dado ver homens que, exaustos pelas privações, desmaiavam no momento em que vendiam o sangue. Se fossem eles a mandar, sugariam os corpos inertes na totalidade. Eram pagos por garrafa.

Quando Hasari voltou a abrir os olhos, deparou-se-lhe uma visão de sonho por cima da cabeça: um dos homens de bata branca oferecia-lhe uma banana.

Aqui tens, menina! Enfia este fruto pelas goelas. Ficarás tão forte como Bhim! (O mais forte dos Pandava, os cinco heróis irmãos da famosa epopeia Maabarata) — disse o assistente num tom jocoso.

Como te chamas? — inquiriu, em seguida, ao mesmo tempo que tirava um livro de recibos do bolso.

Escrevinhou algumas palavras, rasgou a folha e ordenou a Hasari num tom peremptório para “assinar aqui”. Hasari fez uma cruz e meteu no bolso as quarenta rupias debaixo dos olhares cobiçosos dos dois abutres que o tinham levado até ali. O dinheiro seria repartido lá fora. O camponês só não sabia que tinha colocado a assinatura num recibo de quarenta e cinco rupias e não de quarenta. Os ajudantes cobravam, igualmente, a sua comissão.

Tonto e sentindo a cabeça vazia, perdido em vizinhanças desconhecidas, Hasari levaria horas a encontrar o pedaço de passeio onde a mulher e os filhos o aguardavam. Das dezassete rupias e meia que os intermediários lhe tinham deixado, decidiu gastar cinco a celebrar com a família a alegria de ter, realmente, ganho algum dinheiro na “cidade desumana”. Comprou meio quilo de barfi, o delicioso nogá bengalês ostentadamente embrulhado numa fina prata, e alguns mansour, uns bolos amarelos feitos de farinha de grão-de-bico e leite adocicado. Mais adiante escolheu cerca de vinte cartuchos de papel cheios de muri, o arroz inchado que se triturava entre os dentes de tal maneira que os vizinhos do passeio podiam participar no festejo. Não conseguiu, por fim, resistir a oferecer um presente a si próprio. Parou diante de um dos inúmeros nichos onde vendedores, com a impassibilidade de budas, preparavam o seu pan, o tabaco de mascar feito de uma pequena noz de bétel moída, uma pitada de tabaco, um pouco de tília, pimenta, ervas e cardamomo, tudo metido numa folha de bétel habilmente enrolada e selada com cravo-da-Índia. Pan dava energia. E sobre tudo enganava a fome.

Quando Aloka avistou o marido, sentiu um aperto na garganta. “Bebeu outra vez, meu Deus!”, pensou. Depois, ao vê-lo carregado de embrulhos,

receou que ele tivesse cometido qualquer delito. Correu ao seu encontro, mas os filhos já se lhe tinham antecipado. Eles já estavam a repartir o nogá, à semelhança de uma ninhada de leões bebês que se atiram sobre o pai quando ele regressa com uma carcaça de gazela.

No meio da confusão, ninguém se apercebeu da pequena mancha vermelha que Hasari ainda tinha na dobra do braço.

X

Era aqui. Estava certo disso. O entusiasmo que de súbito se apoderou de Stephan Kovalski, o sentimento de plenitude por estar finalmente “com eles”, não podia passar de mera ilusão. Era sem dúvida aqui, neste lugar cinzento, sujo, pobre, triste, fedorento e com lama. Neste selvático turbilhão de homens, mulheres, crianças e animais. Neste entrelaçado de barracas feitas de terra batida, nesta selva de ruelas cheias de detritos e esgotos à vista, nesta poluição assassina de enxofre e vapores, nesta confusão de vozes, gritos, choros, ferramentas, maquinaria e altifalantes. Sim, era, sem dúvida, para este bairro de lata nos confins do mundo que o seu Deus o enviara.

“Como foi compensadora esta certeza absoluta de que chegara por fim onde supostamente eu devia estar!”, viria a dizer mais tarde. “O meu entusiasmo e ânsia de partilhar não haviam errado ao incitarem-me a tentar uma experiência considerada impossível para um ocidental. Sentia-me num delírio tal de felicidade que teria sido capaz de andar descalço sobre brasas.”

Alguns dias antes, mal saiu do trem, Stephan Kovalski fizera uma visita ao bispo de Calcutá. O bispo morava numa bela casa de estilo colonial rodeada por um amplo jardim, num bairro residencial. Era um anglo-indiano com cerca de cinquenta anos, vestido com uma batina branca e senhor de um porte majestoso. Na cabeça usava uma mitra púrpura e no dedo um anel episcopal.

Vim viver com os pobres — declarou o padre polaco com simplicidade.

Não lhe será difícil encontrá-los — suspirou o prelado. — Aqui, os pobres encontram-se infelizmente por todo o lado.

Entregou a Stephan Kovalski uma carta de recomendação para o cura da paróquia de um distrito operário do outro lado do rio.

Com as suas duas torres pintadas de branco, a igreja descortinava-se ao longe. Era um edifício imponente, decorado com janelas de vitrais coloridos, e, no interior, havia uma preciosa coleção de imagens de santos, caixas de esmolas e ventiladores sobre os bancos reservados aos fiéis. O seu nome mais parecia um desafio lançado às inúmeras pessoas sem lar, que estavam acampadas na praça e ruas circundantes. Em grandes letras luminosas via-se escrito, a toda a largura da fachada, “Nossa Senhora do Bom Acolhimento”.

O reitor da paróquia era natural de Goa. O padre Alberto Cordeiro tinha uma pele muito escura e o cabelo encaracolado penteado com esmero.

Devido ao rosto redondo e à enorme pança sob uma batina imaculada, mais parecia um monsenhor da Cúria Romana do que um padre dos pobres. No pátio da igreja estava estacionado o seu automóvel e vários criados cristãos asseguravam-lhe uma agradável e confortável existência, como convinha a um reitor encarregado de uma paróquia.

O repentino aparecimento de um padre estrangeiro vestido com jeans e sapatos de tênis desconcertou um pouco o eclesiástico.

Não usa batina? — inquiriu.

Não era propriamente a roupa mais confortável para viajar pelo vosso país, em especial com este calor — explicou Stephan Kovalski.

Ah! — suspirou o reitor. — Vocês, os Ocidentais, podem dar-se ao luxo desses caprichos de imaginação. Serão sempre respeitados! Têm pele branca! Para nós, padres indianos, uma batina é ao mesmo tempo um símbolo e uma proteção. Num país que respeita a santidade, garante-nos um lugar à parte.

O indiano escutou a mensagem do bispo.

Quer mesmo ir viver para um bairro de lata?

E por esse motivo que aqui estou.

O padre Cordeiro pareceu surpreso. Começou a percorrer a sala de um lado para o outro com uma expressão preocupada.

— Mas não é essa a nossa missão como padres! — exclamou, por fim. — Aqui as pessoas só pensam em nos derrubar. Dá-se a mão e tomam logo o pé. Não, meu querido amigo, não lhes prestará qualquer serviço indo partilhar a sua existência. Arrisca-se meramente a encorajar a sua preguiça latente e a colocá-los numa posição de permanente dependência. — Deixou de passear e parou diante de Kovalski. — Além de que não ficará aqui indefinidamente. Quando voltar para a sua terra, será aqui à minha casa que eles virão reclamar que o clero nada faz em seu proveito. Contudo, se nós, padres indianos, nos deixássemos levar, deixariam de nos respeitar.

Era óbvio que a ideia de ir viver no meio de um bairro de lata jamais passara pela cabeça do bom padre Cordeiro. No entanto, Kovalski viria mais tarde a reconhecer que esta relutância em se misturar com a população do bairro de lata não provinha necessariamente de falta de caridade, mas de um desejo bastante vulgarizado entre o clero local quanto à manutenção de uma certa distância entre eles e as massas, e que se devia ao tradicional respeito indiano pela hierarquia social.

Apesar das suas reservas naturais, o cura mostrou-se muito compreensivo. Entregou Stephan Kovalski aos cuidados de um dos seus

acólitos, um cristão ango-indiano, que se encarregou de lhe arranjar alojamento no grande e próximo bairro de lata de Anand Nagar, a “Cidade da Alegria”.

Eram cinco da tarde do dia seguinte quando o polaco e o seu guia chegaram à entrada do bairro. O vermelho do pôr do Sol apresentava-se velado por uma névoa de vapor acinzentado. Um cheiro a queimado invadia a cidade, à medida que por todo o lado se acendiam as chula, onde se cozinhava o jantar. Nas ruelas, o ar estava carregado de uma poeira acre que queimava a garganta e os pulmões. Havia um som que se distinguia acima dos outros, o ruído da tosse que destroçava inúmeros peitos.

Antes de chegar a Calcutá, Stephan Kovalski passara alguns dias num bairro de lata da área de Madras, construído perto de uma mina, em campo aberto. Era um bairro de lata cheio de luz e de esperança, dado que os seus ocupantes saíam todos os dias para trabalhar fora dele e sabiam que chegaria a altura em que iriam viver num aglomerado industrial. Em Anand Nagar verificava-se o oposto: todos tinham o ar de jamais haverem saído dali e de talvez nunca virem a fazê-lo. Tratava-se de uma impressão que era diretamente reforçada pela intensa atividade que se repercutia por todo o bairro. Seria possível e imaginável descrever como “preguiçosas” as pessoas que ia descobrindo enquanto seguia o seu guia anglo-indiano? “Mais parecem formigas”, pensou. Todas elas, desde o velho mais cansado às crianças que ainda mal sabiam andar, estavam ocupadas com qualquer tarefa. Na ombreira de cada barraca, à entrada de cada loja, numa série de pequenas oficinas ou minifábricas, Kovalski descobria as pessoas ocupadas a vender, negociar, fabricar, remendar, consertar, separar, pregar, colar, transportar, puxar, empurrar. Após uns duzentos metros de exploração, sentia-se como se tivesse bebido.

“Quarenta e nove, Nizamudhin Lane.” A morada estava pintada em duas tábuas pregadas e que serviam de porta a um buraco sem janelas com pouco mais de um metro de largo e dois de comprido. O chão era de terra batida e avistavam-se pedaços de céu através das telhas que faltavam no tecto. Não havia mobília, nem eletricidade, nem água corrente.

“Exatamente o quarto de que preciso”, pensou Kovalski. “O ideal para uma vida de pobreza. Tendo o ambiente certo como bônus.”

Logo à saída da porta estendia-se um esgoto aberto a transbordar de uma nauseabunda lama negra. E do outro lado amontoava-se uma pilha de detritos. À esquerda, numa pequena plataforma sobre o esgoto, erguia-se uma

casinha de chá debaixo de um alpendre de bambu. À exceção do velho dono da casa de chá, que era hindu, todos os habitantes desta área eram muçulmanos.

O senhorio do quarto, um corpulento bengalês vestido à maneira ocidental, era considerado um dos homens mais ricos do bairro de lata. Possuía um bloco de casas ao fundo da ruela, onde se situavam as latrinas e um poço. Mandava vir xícaras de leite adocicado da casa de chá.

Tem a certeza de que é aqui que deseja viver, padre? — perguntou ele, examinando, incrédulo, o visitante.

Tenho — respondeu Stephan Kovalski. — Quanto é o aluguer?

Vinte e cinco rupias por mês. Pagos adiantados.

Vinte e cinco rupias? — exclamou o anglo-indiano indignado. — Vinte e cinco rupias por um quarto miserável sem uma janela. Isso é um roubo de estrada!

De acordo — interrompeu Stephan Kovalski, tirando o dinheiro do bolso. — Aqui estão três meses de aluguer.

“Sentia-me tão feliz que teria dado a Lua a troco de um aluguer vitalício daquele buraco”, viria a recordar mais tarde. Em breve descobriria como ele era privilegiado: havia dez ou doze pessoas juntas a viverem em buracos iguais.

Fechado o negócio, o enviado do padre Cordeiro não demorou a apresentar ao recém-chegado os escassos cristãos da “Cidade da Alegria”. Nenhum deles queria acreditar que o sahib de jeans que apareceu de súbito diante das suas casas miseráveis era um emissário de Deus.

“No entanto, mal ficaram convencidos. Eu próprio quase me podia ter tomado pelo Messias!”, disse ele mais tarde.

Num dos recintos houve uma jovem que caiu de joelhos.

— Abençoe o meu filho, padre — disse ela, estendendo-lhe o bebê que agarrava nos braços. — E abençoe-nos a todos, porque não somos dignos de que um padre esteja sob o nosso tecto.

Todos se ajoelharam e Kovalski fez o sinal da cruz sobre as suas cabeças. Quando souberam que ia ficar com eles, todos quiseram melhorar-lhe o quarto. Alguns ofereceram um balde, outros uma enxerga, uma lamparina, um cobertor. Quanto mais pobres eram mais ansiosos se mostravam por dar. Nessa noite voltou a casa, seguido de uma escolta carregada de presentes, “tal como um dos três reis Magos”.

Foi assim que começou a primeira noite da sua nova vida indiana e que

iria constituir uma das mais intensas recordações da sua existência.

“Já estava escuro. As noites caem muito cedo nos trópicos. Acendi a lamparina que uma das famílias me emprestou. Tiveram mesmo a delicadeza de pensar em deixar-me alguns fósforos. Desenrolei a enxerga que me tinham dado, após o que me sentei no chão com as costas encostadas à parede e esvaziei o meu velho saco comprado, um dia, no bairro árabe de Marselha. Tirei lá de dentro a minha navalha de barba, o pincel, a escova de dentes, a pequena caixa de primeiros socorros que me fora dada por amigos na fábrica quando me vim embora, uma muda de cuecas e camisa e a minha Bíblia de Jerusalém. Por outras palavras, todas as minhas posses deste mundo. Entre as páginas do Evangelho havia a imagem que nunca me abandonara durante os meus anos entre os pobres e miseráveis. Desdobrei-a com cuidado e contemplei-a demoradamente.”

Era a fotografia do Santo Sudário de Turim que o pai dera a Stephan há uns anos. O rosto de Cristo impresso no sudário, o rosto de um homem de olhos baixos e faces inchadas, com a testa picada de espinhos e a barba arrancada. Esse homem crucificado representou, nessa noite, para Stephan Kovalski a encarnação de todos os mártires do bairro de lata onde ele acabara de chegar.

“Na minha qualidade de crente devoto, cada um deles tinha aquele mesmo rosto de Jesus Cristo proclamando à humanidade do cimo do Calvário toda a dor, mas também toda a esperança do homem rejeitado. Era esse o motivo da minha vinda. Eu estava ali por causa do grito do Cristo crucificado — Tenho sede —, para dar voz à fome e sede de justiça dos que eram colocados, diariamente, na Cruz e que sabiam enfrentar aquela morte que nós, no Ocidente, não sabíamos encarar sem desespero. Em nenhum lado este ícone se aplicava melhor do que neste bairro de lata.”

Stephan Kovalski pregou a imagem com a ajuda de dois fósforos postos na parede. Passado algum tempo, tentou rezar, mas os seus esforços foram inúteis. Estava entorpecido. Precisava de algum tempo para se ajustar à sua nova encarnação. Enquanto refletia, apareceu na ombreira uma rapariguinha descalça e vestida de farrapos, mas com uma flor na trança. Trazia um prato de alumínio cheio de arroz e hortalça. Colocou-o em frente de Kovalski, juntou as mãos à altura da testa, na saudação indiana, inclinou a cabeça, sorriu e desapareceu a correr.

“Dei graças a Deus por esta aparição e por esta refeição oferecida por irmãos desconhecidos. Depois comi com os dedos, tal como eles faziam. Nas

profundezas deste buraco, sentia que tudo estava a assumir proporções muito exatas. Foi assim que o contato dos meus dedos com o arroz me levou a compreender, nessa primeira noite, até que ponto a comida não era uma coisa morta nem neutra, mas antes uma dádiva de vida.”

Por volta das nove da noite, quando o barulho das ruas acalmou, Kovalski começou a tomar consciência dos ecos de vida que o rodeavam: conversas nos quartos próximos, discussões, lágrimas, acessos de tosse. Depois, o chamamento de um muezim fez-se ouvir, saído de um altifalante, logo seguido das vozes de mulheres a recitarem versos do Corão. Um pouco mais tarde, à prece do muçulmano seguiu-se uma outra litania. Da casa de chá em frente chegava uma simples sílaba incessantemente repetida. Om... om... om, cantava o velho hindu dono da loja. Na qualidade de invocação mística que ao longo de milhares de anos tinha ajudado os hindus a entrar em contato com Deus, este om proporcionava uma inefável paz interior. Stephan Kovalski escutara-o pela primeira vez nas aldeias do Sul e as vibrações desta simples sílaba pareceram-lhe carregadas de tal força, tal profundidade de crença, que a tinha adotado como introdução às suas invocações ao Senhor. Pronunciar o Om não exigia um esforço consciente.

“O om surgia por si e prolongava-se, vibrando no íntimo como uma oração”, diria. “Nessa noite, enquanto repetia o om que vinha do outro lado da rua, experimentei a sensação não só de falar com Deus, mas também de dar um passo no profundo mistério do hinduísmo, algo que muito me ajudou a compreender os verdadeiros motivos da minha presença naquele bairro de lata.”

Pouco depois da meia-noite, o silêncio envolveu a “Cidade da Alegria”. Acalmaram as preces e conversas juntamente com a tosse e as lágrimas das crianças. O sono descera sobre Anand Nagar. Entorpecido pela fadiga e as emoções, também Stephan Kovalski sentia a necessidade de fechar os olhos. Dobrou a camisa e as jeans, a servir de almofada, e deitou-se na estreita enxerga. Descobriu, então, que o seu quarto tinha um comprimento exatamente igual à sua própria altura: um metro e oitenta e dois. Após um último olhar dirigido ao Santo Sudário de Cristo, apagou a lamparina e fechou os olhos, tomado de uma felicidade como nunca experimentara desde que tinha sido ordenado padre, há cinco anos.

Foi então que um coro frenético se fez ouvir sobre a sua cabeça. Acendeu um fósforo e descobriu a ninhada de ratos que se perseguiam uns aos outros pelas vigas de bambu e desciam pelas paredes ao som de uma

cacofonia de guinchos agudos. Levantou-se de um salto e, apesar do desejo de não acordar os vizinhos, começou a caçar os intrusos, atingindo-os com o sapato. Contudo, mal um bando desaparecia, logo outros chegavam através dos buracos do telhado. As proporções da invasão forçaram-no a desistir. Apercebeu-se no entanto de que, por mais desagradável que uma coabitação deste tipo pudesse ser, fazia parte inevitável da sua nova vida. Voltou a deitar-se, com uma resignação firme, mas quase de seguida sentiu qualquer coisa nos cabelos. Acendeu outra vez a lamparina e, ao sacudir a cabeça, uma enorme e peluda centopeia caiu no chão. Embora fosse um ardente admirador de Mahatma Gandhi e dos seus princípios pacifistas, pisou-a. Mais tarde viria a conhecer a identidade da criatura: uma escolopendra, cujo ferrão podia ser tão venenoso como o de um escorpião. Deitou-se pela segunda vez e recitou algumas preces na esperança de reconquistar um pouco de serenidade. A “Cidade da Alegria” ainda reservava, porém, mais algumas surpresas para a primeira noite que o polaco passou nos seus domínios. Os mosquitos indianos distinguem-se dos restantes por serem minúsculos, fazerem muito pouco barulho e levarem uma pessoa ao desespero, antes de se decidirem a picar. O efeito resulta numa tortura de expectativa que, se não fosse indiana, decerto seria chinesa.

Algumas horas mais tarde, Kovalski foi despertado de um breve intervalo de sono pelo som de algo semelhante a um bombardeamento. Ao abrir a porta, deparou-se-lhe um caminhão estacionado na ruela e a descarregar carvão junto da loja do homem que vendia combustível. Preparava-se para voltar a deitar-se quando distinguiu no escuro duas pequenas silhuetas que rastejavam para debaixo do veículo. O negociante de carvão, um indivíduo com as pernas tortas, também detectara os ratoneiros. Presenteou-os com uma tal ladainha de insultos que eles se puseram a mexer. Ouviu-se o som de passos de corrida, em seguida um enorme chapinhar e gritos. Um dos fugitivos tinha, sem dúvida, caído no grande esgoto que atravessava a ruela, um pouco adiante. Kovalski logo se dispôs a acorrer, mas só dera três passadas quando o agarraram com força pelo braço, impedindo-o de avançar.

Compreendeu a mensagem sem mesmo haver reconhecido o rosto do homem que o prendera.

“Estava a ser convidado a que não me misturasse nas questões privadas da Cidade da Alegria.”

XI

A venda do sangue permitiu aos cinco membros da família Pai aguentarem-se cinco dias. Durante esse período, alimentaram-se sobretudo de bananas. Este fruto, que existia em abundância e se vendia barato, constituía uma dádiva da Providência aos pobres da Índia. Em Calcutá, as suas qualidades nutritivas e curativas haviam-na tornado objeto de um verdadeiro culto. Por altura dos grandes festejos em honra da deusa Durga, padroeira da cidade, as bananeiras eram colocadas em altares, embrulhadas em saris brancos orlados a vermelho e veneradas como a mulher de Ganesh, deus da Sorte.

Os Pais sobreviviam igualmente de tudo a que os dois filhos mais velhos conseguiam deitar mão no Bazar Bar, enquanto o pai andava à procura de trabalho. As poucas paísa que restavam da última rupia foram utilizadas na compra de quatro bolas de estrume de vaca para fazer um derradeiro guisado de raspas de carne na chula dos vizinhos. Quando se esgotaram todos os recursos, Hasari tomou uma decisão heroica. Voltaria a vender um pouco mais do seu sangue.

De um ponto de vista fisiológico, era uma ideia louca; mas esta “cidade desumana” era uma cidade onde a loucura prevalecia. Um relatório médico revelou que muitos homens, levados pelo mais profundo desespero, não hesitavam em aparecer todas as semanas às entradas dos bancos de sangue. Não chegavam, regra geral, a uma idade avançada. Encontravam-nos, mortos por anemia, numa rua qualquer ou numa cama na casa dos moribundos da Madre Teresa, tão fracos como a chama de uma vela privada de oxigênio. O mesmo relatório acrescentava também que um de cada quatro doadores tinha no sangue uma percentagem de hemoglobina inferior à metade do nível aceitável. Quantos dispensários, no entanto, se preocupavam, de fato, com o percentual de hemoglobina no sangue que recolhiam? De qualquer maneira, e como Hasari viria a aprender, existia uma forma de defraudar a percentagem exigida.

Nesse dia os lucros oferecidos pelo banco de sangue CRC eram tão atraentes que havia multidões à espera junto à porta. Todos os recrutadores para instituições rivais se haviam reunido ali, a fim de tentarem desviar alguma da clientela para os seus próprios patrões. Hasari foi de imediato abordado por um indivíduo com dois dentes de ouro na frente.

— Quarenta rupias — sussurrou o homem com o ar de uma prostituta que baixa o preço. — Trinta para ti, dez para mim.

“Trinta rúpias! Isto é quase o dobro do que eu recebi da última vez”, pensou Hasari, sem saber ainda que em Calcutá o preço do sangue variava de dia para dia, à semelhança dos preços da juta ou da mostarda na Bolsa de Dalhousie Square. A diferença de pagamento dependia, na realidade, principalmente, da capacidade dos intermediários de se aproveitarem da ingenuidade das suas presas e, por conseguinte, depenarem-nas com maior ou menor ganância. O homem com os dentes de ouro havia detectado com um primeiro olhar a marca no braço de Hasari, que o tornava um “profissional”.

O Banco de Sangue do Paraíso tinha um nome adequado. Pintado de cor-de-rosa e mobilado com assentos confortáveis, fora montado num anexo de uma das mais modernas e dispendiosas clínicas de Calcutá, exclusivamente frequentada por ricos negociantes marwari e as suas famílias. A enfermeira, vestida com uma bata e touca de uma brancura imaculada e que estava encarregada de admitir os doadores, esboçou uma careta ante o aspecto patético do candidato. Fê-lo sentar-se numa cadeira que se reclinava para trás. No entanto, e contrariamente aos enfermeiros do CRC, não lhe enfiou uma agulha no braço. Para grande surpresa do camponês, dedicou-se à tarefa de lhe picar o indicador e deixar cair uma gota de sangue numa placa de vidro. O homem dos dentes de ouro tinha perfeita consciência do que estava a passar-se.

— Esta cabra está a sabotar-me — resmungou.

Não havia errado as previsões. Momentos depois, a mulher informou-o delicadamente de que o sangue do seu cliente não satisfazia os requisitos do dispensário. O motivo invocado teria excluído a maioria dos habitantes dos bairros de lata de Calcutá: nível de hemoglobina insatisfatório.

Foi um duro golpe para Hasari.

Não conhece outro lugar? — suplicou ao intermediário, mal se viram na rua. — Nem uma moeda tenho para comprar uma banana para os meus filhos.

Não devias brincar com assuntos desta natureza, amigo — replicou o indivíduo, colocando-lhe amistosamente o braço sobre o ombro. — De momento o que tens nas veias

é água. E se não tomares precauções, a tua família não tardará a ver as tuas cinzas flutuando no Hooghly.

Hasari sentia-se tão perseguido pela miséria que esta perspectiva lhe parecia de qualquer maneira inevitável.

Desta vez não temos solução — suspirou. Morreremos todos. — Apesar de endurecido pela profissão que desempenhava, o indivíduo sentiu-se comovido pela aflição de Hasari. — Não chores, amigo. Vem comigo. Quero oferecer-te um presente. — Arrastou o camponês até a loja mais próxima, onde lhe comprou uma embalagem de comprimidos. Os químicos do laboratório suíço que os fabricavam não tinham, provavelmente, previsto a utilização que os povos do Terceiro Mundo iriam dar a estes comprimidos.

Aqui tens, amigo — disse o intermediário, estendendo a Hasari uma embalagem de comprimidos de sulfato de ferro. — Toma três por dia e volta aqui dentro de uma semana. Recorda-te de que são exatamente sete dias. Mas ouve bem! — acrescentou com um ar de súbito ameaçador. — Não deixes de aparecer, ou essa porcaria que te corre nas veias pode muito bem transbordar de graça! Vou levar-te a um sítio onde pensarão que o teu sangue é tão bom — rematou num tom mais suave de voz — que quererão te tirar até a última gota.

XII

Os acontecimentos que marcaram a vida de Stephan Kovalski após a sua primeira noite na “Cidade* da Alegria” poderiam perfeitamente parecer insignificantes. Contudo, num lugar onde setenta mil pessoas vivem juntas, num estado de promiscuidade e condições deploráveis de higiene, até as vulgares necessidades do quotidiano apresentam problemas particulares. A satisfação das funções físicas naturais era um mero exemplo. O acólito do reitor da paróquia vizinha incitara Kovalski a que fosse às latrinas num quarteirão hindu que era igualmente habitado por alguns cristãos.

Para um hindu, a resposta ao “apelo da natureza” é um ato que deve ser executado com um ritual muito exato. O lugar escolhido não deve situar-se na proximidade de um templo, uma figueira-de-bengala, a margem de um lago, um poço ou um cruzamento onde as pessoas passem. A terra não deve ser de cor clara ou arada, mas lisa e, sobretudo, afastada de qualquer casa. Antes de praticar o ato, o hindu deve descalçar as sandálias — quer dizer, se as tiver —, agachar-se tanto quanto possível e nunca se levantar a meio. Deve acautelar-se, sob pena de cometer uma grave ofensa, em não fitar o Sol, a Lua, as estrelas, uma fogueira, um brâmane ou uma imagem religiosa. Deve manter-se silencioso e abster-se do sacrilégio de se voltar para observar o que fez. Existem, finalmente, regras que ele deve seguir para completar as suas lavagens, com uma mistura de terra e água.

Os autores destes preceitos sagrados não haviam obviamente previsto que milhões de pessoas se veriam um dia enlatadas em selvas urbanas, privadas de qualquer espaço aberto à exceção dos locais de habitação. Para os hindus da “Cidade da Alegria” o “apelo da natureza” só podia, assim, ser satisfeito em público, sobre um esgoto público nas ruelas ou numa das raras guaritas recentemente distribuídas pelos projetistas da cidade e baptizadas de “latrinas”.

Que aventura a de Stephan Kovalski ao fazer a sua primeira visita a um destes lugares de utilização pública! Às quatro da manhã o acesso ao mesmo já se encontrava obstruído por uma fila de algumas dúzias de pessoas. Os primeiros já há quase duas horas que estavam ali à espera. A chegada do sahib em jeans e sapatos de ténis provocou uma reação de curiosidade e divertimento, e tanto mais que, devido à sua ignorância dos costumes do país, o polaco já tinha cometido um erro imperdoável: trouxera com ele um bocado

de papel higiênico. Era concebível que alguém quisesse conservar em papel um detrito expulso do corpo e abandoná-lo depois aos olhares públicos? Ao mostrar-lhe um recipiente de estanho com água que segurava na mão, um rapazinho tentou explicar a Stephan que devia lavar-se e depois limpar a bacia. Kovalski olhou em volta e reparou que todos tinham trazido um recipiente semelhante cheio de água. Algumas pessoas tinham mesmo alguns sobresselentes que empurravam com o pé, à medida que a fila ia avançando.

“Apercebi-me de que guardavam lugar para outros que estavam ausentes”, declarou mais tarde o padre.

Um velho desdentado aproximou-se e ofereceu o seu balde ao polaco.

“Agarrei no objeto com um sorriso agradecido, sem ter consciência de que cometera um segundo sacrilégio, susceptível de provocar um outro ataque de riso. Pegara no recipiente com a mão esquerda, que era a reservada para os contatos impuros. Antes de chegar às casas de banho públicas, tive de atravessar um verdadeiro lago de excrementos. Esta prova adicional constituía um ato de delicadeza para com os limpadores das fossas, que estavam em greve há cinco meses. O cheiro era tão nauseabundo que deixei de saber o que considerava mais insuportável: o cheiro ou o espetáculo. Parecia-me sublime que as pessoas conseguissem, de fato, manter o bom humor no meio de tamanha degradação. Riam e trocavam gracejos, em particular as crianças, que traziam toda a frescura e alegria das suas brincadeiras àquela fossa. Regressei da expedição tão tonto como um pugilista que leva KO no primeiro assalto. Nunca havia sido submetido a uma provação assim.”

Ao regressar, o polaco apercebeu-se de que era alvo de uma série de olhares hostis. Correria a novidade de que o sahib era um padre católico. No coração do bairro muçulmano esta intrusão podia ser interpretada como um ato provocatório.

“Só Deus sabe como me senti isolado naquela primeira manhã!”, viria a declarar. “Dado ser incapaz de pronunciar uma só palavra das línguas faladas no bairro de lata, era como se eu fosse mudo e surdo. E, não tendo possibilidade de deitar mão a um pouco que fosse de vinho, ficava privado do conforto de celebrar a Eucaristia na escuridão do meu buraco. Restava-me, por sorte, orar!”

Orar! Durante anos a fio, Stephan Kovalski começara cada dia com uma hora de meditação. Quer estivesse num avião, num trem ou numa sala a abarrotar de operários emigrantes, abstraía-se, virava-se para Deus e

dedicava-se a recitar as suas palavras ou a dizer simplesmente ao seu Criador: “Aqui me encontro ao Teu dispor.” Gostava também de abrir a Bíblia ao acaso e de escolher uma frase, como por exemplo: “Salva-me ou morrerei”, ou “De Ti vem a salvação”, ou “A Tua presença é a plenitude do êxtase.” Estudava todas as palavras e todas as sílabas, colocando-as de mil formas e maneiras.

“Trata-se de um exercício espiritual que me ajuda a conseguir o silêncio para me dedicar inteiramente a Deus. Se Deus tiver tempo para me escutar, tem inevitavelmente tempo para me amar”, explicou.

Naquele dia, porém, Kovalski sentia-se incapaz de um verdadeiro silêncio, do esvaziamento pleno de si próprio. Desde a noite anterior que sofrera o bombardeio de demasiadas emoções. Não conseguia orar, como era seu hábito todas as manhãs.

“Sentei-me em frente da imagem do Santo Sudário e comecei a recitar oms em voz alta. Depois intercalei o nome de Jesus. Om... Jesus, om... Jesus. A meu ver, era uma forma de me juntar às preces dos habitantes do bairro, que estavam tão próximos de Deus e viviam constantemente com Ele, e ao mesmo tempo a descoberta de uma maneira de comunicar com o deus que se me revelara e que eles não conheciam. Momentos depois, encontrava-me de novo na Sua presença. Podia falar-lhe.

Aqui estou, Senhor. Tu sabes, Jesus, que eu sou um pobre homem; tem, pois, compaixão de mim. Sabes que não vim aqui para conquistar graças. Nem estou aqui pelos outros. Estou aqui por Ti, para Te amar incondicionalmente. Jesus, meu irmão, Jesus, meu salvador; cheguei às profundezas deste bairro de lata com as mãos tão vazias que nem sequer consigo celebrar a Eucaristia em memória do Teu sacrifício. Contudo, não é verdade que todos estes homens de olhos postos no chão e rostos inchados, não é verdade que esta gente inocente martirizada neste local de sofrimento, comemora diariamente o teu sacrifício? Tem piedade deles, Jesus de Anand Nagar.

Jesus da Cidade da Alegria’, Tu, o eterno martirizado, que és a voz dos que não têm voz; Tu, que sofres no íntimo de cada uma destas pessoas, que sentes a sua angústia, a sua miséria e a sua tristeza, mas que sabes como te expressar através dos seus corações, das suas lágrimas, do seu riso e do seu amor. Jesus de Anand Nagar, Tu sabes que estou aqui simplesmente para partilhar, de maneira a que eles e eu possamos mostrar que Te amamos. A Ti e ao Teu Pai, o Pai da piedade, o Pai que te enviou, o Pai que perdoa. E para

Te dizer, igualmente, que és a luz e a salvação do mundo e que aqui, na Cidade da Alegria', vivemos nas trevas. Por isso, Jesus, nossa luz, precisamos de Ti, porque sem Ti estamos perdidos.

Permite, Jesus de Anand Nagar, que este bairro de lata mereça o seu nome, permite que ele seja realmente uma cidade da Alegria.

XIII

Por São Macário! Aquele vagabundo nem contar até sete sabe! — rugiu o canalha que arranjava gente para o banco de sangue, ao avistar Hasari Pai, avançando com passo decidido na sua direção. Ainda não tinham decorrido vinte e quatro horas sobre o seu malogro da véspera.

Olá, velho amigo! — cumprimentou Hasari alegremente. — O homem com os dentes de ouro ficou surpreso com aquela jovialidade.

O que te deu, amigo? Saiu-te o primeiro prêmio da loteria?

Acho que encontrei emprego e, por conseguinte, vim devolver-te os comprimidos que tornam o sangue vermelho. Aqui tens. Pode ser que sirvam de proveito a alguém.

A sorte parecia, na realidade, ter finalmente sorrido ao camponês. Fora de novo tomar a vez na fila junto a uma das numerosas oficinas nas imediações do Bazar Bara e que fabricava peças mecânicas para carruagens de trem. Era o mesmo local onde dantes havia ganho cinco rupias por substituir o trabalhador que desmaiara. Desta vez dois homens estavam a carregar uma carroça com molas de lâmina, quando um deles tropeçou numa pedra e deixou cair a que transportava. O homem, prostrado no solo, gritou de dor. A pesada peça de metal tinha-lhe esmagado o pé na queda. Hasari correu em seu auxílio. Rasgou um pedaço da sua própria tanga de algodão e atou-a à volta da perna, a fim de estancar o sangue. Em Calcutá, era raro haver disponibilidade de assistência policial ou uma ambulância quando se verificava um acidente. O dono da oficina, um homem gordo com um colete abotoado, contentou-se em chamar um riquixá. Visivelmente furioso com o incidente, tirou algumas notas de cinco rupias do bolso. Meteu uma na mão do homem acidentado e deu outra ao condutor do riquixá. Ao ver Hasari levantar o trabalhador e ajudá-lo a entrar no carro de duas rodas, deu-lhe mais duas.

— Guarda uma para ti — disse. — A outra é para untar as mãos do enfermeiro que estiver à entrada do hospital para que ele te deixe entrar. E quanto a ti, põe-te a andar, preguiçoso! — acrescentou num tom duro, virando-se para o condutor que esperava entre os varais do carro.

A hesitação que Hasari Pai mostrou antes de subir para o carro intrigou o homem que o puxava.

Nunca te sentaste num riquixá?

Não — confessou o camponês, empoleirando-se, timidamente, junto do trabalhador ferido.

O cavalo humano ajustou-se entre os varais e arrancou com um sacão. O cabelo grisalho e os ombros curvados do homem indicavam que já não era novo. No que dizia, porém, respeito aos condutores de riquixá, a aparência física pouca relação tinha com a idade. As pessoas que puxavam aquelas máquinas envelheciam muito rapidamente.

Não és destes sítios, pois não? — inquiriu o condutor, após ter adquirido uma certa velocidade.

Não. Sou de Bankuli.

Bankuli! — repetiu o condutor do riquixá, diminuindo subitamente a velocidade. — Isso fica apenas a trinta quilômetros da minha terra! Eu sou de...

Embora não tivesse percebido o nome da aldeia, que se perdera no meio do ruído das buzinas, Hasari gostaria de ter saltado do carro e abraçado o indivíduo. Encontrara finalmente alguém da sua terra nesta cidade desumana. Fez, no entanto, um esforço para dissimular a alegria que o invadiu, em benefício do ferido, que a cada ressalto gemia mais. O condutor tomava agora a direção do hospital à velocidade máxima que as pernas arqueadas lhe permitiam. No entanto, com intervalos imprevisíveis, lançava o corpo para trás com um movimento desesperado, tentando parar bruscamente diante de qualquer ônibus ou caminhão que lhe cortava o caminho.

O hospital geral de Calcutá era uma cidade em si, formada por uma série de alguns edifícios em ruínas, ligados por infindáveis corredores e pátios onde famílias inteiras se acocoravam. Uma placa na entrada principal indicava que “Em 1878, num laboratório setenta metros a sudeste desta porta, o cirurgião major Ronald Ross, do Exército indiano, descobriu o processo pelo qual a malária é transmitida através dos mosquitos”. O condutor do riquixá dirigiu-se imediatamente às urgências. Já levava muitas vezes doentes feridos a este hospital. Uma das funções especiais dos riquixás era, na realidade, servir de ambulância em Calcutá.

“Na porta diante de nós havia um imenso cordão de pessoas à espera, e eram muitos os gritos e discussões”, viria Hasari a narrar. “Havia mulheres com bebês ao colo, tão fracos que já nem choravam. De vez em quando, víamos passar uma maca com um cadáver coberto de flores, que carregadores entoando cânticos transportavam para uma pira. Quando chegou a nossa vez, meti furtivamente na mão de enfermeiro a nota de cinco rupias que o dono da

oficina me dera. O suborno resultou, em vez de nos mandar embora, como à maioria das outras pessoas, disse-nos que levássemos o nosso amigo para a sala no interior.”

Os dois homens deitaram o trabalhador numa maca que ainda estava manchada com o sangue do ferido anterior. Um cheiro intenso a desinfetante enchia a sala; contudo, mais impressionante ainda era a confusão de inscrições políticas que adornavam as paredes. Todas as opiniões se misturavam aqui numa espécie de delírio pictorial: bandeiras vermelhas, martelos e foices, retratos de Indira Gandhi e slogans. A surpresa do camponês de Bengala provocou um sorriso no condutor do riquixá.

— Aqui, meu velho, lembrem-te que votes neles, mesmo quando estão prontos a cavar-te a sepultura — disse. i “Não me recordo de quanto tempo mantiveram o nosso carregador na sala de operações”, contaria Hasari. “Eu não parava de perguntar a mim próprio o que estariam a fazer-lhe que demorava tanto. Em seguida, ocorreu-me um pensamento. E se ele estivesse morto? Talvez o tivessem morto sem intenção e não se atrevessem a trazer o cadáver, com receio de que pedíssemos uma explicação. Contudo, isso era um absurdo, porque havia corpos que eram trazidos continuamente pela porta da sala ao lado e não havia forma de saber se estavam mortos ou vivos. Todos pareciam como se estivessem a dormir. De qualquer maneira, já tinha percebido que nesta cidade desumana não era costume os homens pobres como nós fazerem perguntas. Caso contrário, os condutores de riquixás, para mencionar apenas um caso, teriam partido a cara aos motoristas de todos os ônibus e caminhões.

Por fim, alguns empregados transportaram uma forma humana enroscada numa maca. Uma enfermeira segurava numa garrafa com um tubo que saía do braço do doente. Ele dormia. Observei-o mais de perto. Era o nosso amigo. Tinha um grosso emplastro na extremidade da perna. Só nessa altura compreendi o que eles tinham feito. Aqueles safados tinham-lhe amputado o pé.”

— Não vale a pena esperarem. Ainda vai estar a dormir umas horas — disse a enfermeira. — Venham buscá-lo daqui a dois dias.

Os dois homens retiraram o riquixá do pátio e afastaram-se do hospital. Caminharam, uns momentos, sem pronunciar palavra. Hasari estava visivelmente chocado.

Continuas verde — observou o condutor do riquixá. — E inútil te afligir. Ainda verás muitos mais assim.

E, no entanto, sinto-me como se não pudesse aguentar mais! — respondeu Hasari com um aceno de cabeça.

Como se não pudesses aguentar mais! — riu o companheiro, fazendo soar o estridente guizo colocado junto ao varal do riquixá. — Só quando tiveres, como eu, dez anos de condução desta pesada porcaria, é que poderás dizer que não aguentas mais!

Tinham chegado a um cruzamento, onde um polícia estava a dirigir o trânsito. O condutor tirou uma moeda da camisa e, ao passar por ele, meteu-a na mão.

— É costume daqui — explicou com uma careta. — Poupa-nos todo o gênero de aborrecimentos. Em especial, quando não se tem licença para conduzir um riquixá! Agradava-te conduzir uma destas máquinas? — acrescentou em seguida, rodeando os varais com as palmas da mão.

A pergunta apanhou Hasari de surpresa. Que hipótese havia de um vagabundo como ele ter a sorte de vir a ser condutor de riquixá? A ideia parecia-lhe tão ridícula como se lhe tivessem perguntado se gostaria de pilotar um avião.

Qualquer tipo de trabalho me servia — respondeu, comovido pelo fato de um condutor de riquixá se mostrar tão interessado nele.

Experimenta — convidou o companheiro, parando bruscamente. — Põe-te no meio deles — acrescentou com um gesto na direção dos varais — e arranca. Atira as costas para

trás para que as rodas se movam.

Hasari fez como o companheiro lhe dizia.

“Se pensa, no entanto, que é fácil pôr um desses calhambeques em movimento, está muito enganado”, viria mais tarde a afirmar. É necessária a força de um búfalo! E quando já está a andar, a situação piora. Depois do arranque, não há forma de o parar. Anda como se tivesse vida própria. É, de fato, uma sensação muito estranha. Travar subitamente, numa emergência, requer uma destreza especial. Com passageiros lá dentro, podem perfeitamente puxar-se cento e cinquenta quilos.”

— Repara bem nisto, meu filho. O principal consiste em encontrar o ponto de equilíbrio do peso que se transporta. Têm de se colocar as mãos no lugar exato onde se estabelece o equilíbrio.

Hasari não conseguia convencer-se de que alguém pudesse tratá-lo com tanta paciência e bondade. “Afimal, esta cidade não é assim tão desumana”, pensava ao mesmo tempo que devolvia os varais do riquixá ao seu

proprietário. Limpou a testa com uma ponta do longhi. O esforço tinha-o esgotado.

— Devíamos celebrar a tua iniciação! — exclamou o condutor. — Este é um dia grande para ti. Vamos beber um copo de bangla!1 Conheço um lugar barato atrás da estação de Sealdah.

O condutor do riquixá ficou um pouco surpreso pela falta de entusiasmo do companheiro. Hasari mostrou a nota de cinco rúpias que o dono da oficina lhe dera.

— Os meus filhos e a mãe não têm nada que comer — replicou. — Preciso levar- alguma coisa.

Álcool destilado clandestinamente.

— Não há problema! É por minha conta.

Viraram à direita e mergulharam num quarteirão de casas térreas e ruelas estreitas a abarrotar de gente às janelas e na rua. A música soava estridente dos altifalantes. A roupa estava a secar em cima dos telhados e inúmeras bandeiras verdes flutuavam em varas de bambu. Passaram junto a uma mesquita e depois uma escola onde, debaixo de um alpendre, um mullah estava a dar uma aula a rapariguinhas vestidas com calças e túnicas e véus por cima das cabeças. Esta era uma área muçulmana. Entraram, em seguida, num dos bairros de prostituição de Calcutá. Mulheres com saias de cores provocantes, decotes pronunciados e maquilhagens exageradas falavam e riam. Hasari ficou mudo de espanto. Nunca tinha visto criaturas assim em toda a sua vida, dado que na sua aldeia as mulheres apenas vestiam saris.

“Algumas mulheres me chamaram. Achei uma delas muito atraente. Devia ser muito rica, porque tinha os braços cobertos de pulseiras até os cotovelos. Contudo, o meu companheiro passou junto dela sem falar. Era um indivíduo muito sério.”

Numerosos riquixás atravancavam a rua. Estavam todos ocupados por homens que tinham vindo aqui em busca de diversão. Uma série de gente miserável, carregadores, operários e desempregados, deambulava pelos passeios. Calcutá é uma cidade onde vivem centenas de milhares de refugiados sem família.

— Vem comigo, querido — convidou uma mulher com um olhar significativo e agarrando no pulso de Hasari. — Faço-te feliz. Por quatro rupias. Nem mais.

Hasari sentiu-se corar da raiz dos cabelos à ponta dos pés. O condutor do riquixá veio em seu auxílio.

— Deixa-o em paz! — ordenou à rapariga, apontando-lhe um dos varais ao estômago. A prostituta respondeu com uma torrente de invectivas que chamou a atenção da rua inteira e fez com que os dois amigos se torcessem de riso. — Se alguma vez puxares um riquixá e te acontecer lebares uma destas raparigas, não te esqueças de receber adiantado — disse o condutor ao companheiro, tirando partido do incidente para o aconselhar. — Caso contrário, fugir-te-á por entre os dedos como uma enguia.

A seguir à rua das raparigas, os dois homens atravessaram uma praça, passaram debaixo de um arco e entraram numa área fechada ladeada de velhos edifícios com fachadas e balaustradas em ruínas, onde se via um estendal de roupa colorida. Búfalos, vacas, cães, galinhas e porcos passeavam-se no meio das crianças que brincavam com papagaios de papel. Pequenos pontos de todas as cores possíveis voavam pelo céu no extremo de pedaços de fio. Em Calcutá, os brinquedos favoritos eram os papagaios de papel, como se de qualquer forma estes pedaços de papel, subindo acima dos telhados, levassem a ambição das crianças de se escaparem ao seu destino, toda a sua necessidade de fugirem à sua prisão de lama, vapores, barulho e pobreza.

Um homem com um colete sujo estava sentado a um canto, por detrás de uma paliçada de tábuas, debaixo de um alpendre de telhas. Era o dono da venda. O condutor do riquixá encaminhou Hasari até um banco, posto à cabeceira da única mesa. O lugar tresandava ao cheiro da bebida. O dono bateu palmas. Surgiu imediatamente um rapazinho de cabelo desgrenhado com dois copos e uma garrafa sem rótulo nem rolha. Estava cheia de um líquido acinzentado onde flutuavam pequenos flocos brancos. O homem do riquixá contou cautelosamente sete notas de uma rupia, em seguida dobrou-as num belo maço e estendeu-as ao proprietário. Em seguida, encheu o copo de Hasari. O camponês ficou perplexo ante o cheiro acre que a mistela emanava, mas o companheiro parecia tão encantado que ele não se atreveu a fazer comentários. Tocaram silenciosamente os copos e beberam um gole.

Foi nessa altura que Ram Chander — pois era esse o nome do condutor do riquixá — começou a falar.

— Vi-me obrigado a deixar a minha aldeia depois da morte do meu pai. O pobre homem nunca conseguira pagar a dívida de família, que já vinha do tempo do pai e da mãe. Tinha hipotecado a nossa terra, a fim de pagar o juro, mas nem isso chegara e quando ele morreu fui forçado a pedir ainda mais dinheiro emprestado para lhe fazer um funeral digno. Duas mil rúpias! Havia,

primeiro, os quatro dhoti e nada menos do que quatro metros de algodão para conseguir que o pujari recitasse as orações. Depois foram precisos cinquenta quilos de arroz e a mesma quantidade de farinha, além de azeite, açúcar, especiarias e legumes para dar de comer aos convidados. Por fim, precisamos de cinquenta quilos de madeira para a pira e a gorjeta, a fim de pagar aos que se encarregaram da cremação. Apercebi-me imediatamente de que nunca seria capaz de devolver todo aquele dinheiro ficando onde estava, sobretudo na medida em que, para conseguir o empréstimo, eu tinha perdido a minha única fonte de rendimento, hipotecando a próxima colheita.

“Foi por essa altura, durante o festival de Durga, que um velho amigo de infância regressou à aldeia. Era condutor de riquixá em Calcutá. Vem comigo, disse-me, que te arranjo um riquixá para puxares. Ganharás de dez a doze rupias por dia. Decidi, portanto, vir com ele. Ainda me recordo da minha mulher a chorar na entrada da nossa casa e com o meu filho pela mão. Tínhamos falado tanto da minha partida e, agora, chegara o dia. Ela preparara-me um saco com um longhi e também uma muda de roupa e uma toalha. Cozinhara-me até alguns chapati e pedaços de legumes para a viagem. Continuarei a vê-los em frente da nossa casa até o dia em que morrer. Foi, na realidade, esta recordação que me ajudou a sobreviver, pois só quatro meses depois encontrei trabalho, graças ao meu amigo de infância.

“Nesta maldita cidade, arranjar trabalho é tão difícil, que se podem esperar anos e morrer entretanto vinte vezes de fome. E se não tiveres ninguém que te ajude, não há a mínima hipótese. Até mesmo ao mais baixo nível é tudo uma questão de conhecimentos e, sem dúvida, de dinheiro a pronto. Tem de se estar preparado para pagar a todo o momento. Esta cidade é um ogre. Cria pessoas cujo único objetivo consiste em depenar-te até o último cêntimo. Como eu era ingênuo quando cheguei aqui vindo do campo! Estava convencido de que o meu amigo ia levar-me diretamente ao dono do riquixá e pedir-lhe que me aceitasse. O indivíduo em questão é um biari dono de mais de trezentos carros, dentre os quais, pelo menos, duzentos rodam sem licença. Limita-se a dar uma percentagem aos polícias, e fica o assunto arrumado. Contudo, logo desisti da ideia de arranjar imediatamente emprego. O biari nunca se vê em parte alguma. Ninguém sabe onde ele mora. E um patrão a sério. Pouco lhe interessa que sejas tu ou Indira Gandhi a puxar os seus riquixás, desde que receba o seu dinheiro todas as noites. Tem um empregado especial para o recolher e só ele pode fazer de alguém condutor de riquixá. Não penses que este indivíduo é mais acessível do que o patrão.

Há que se lhe ser apresentado por alguém da sua simpatia, alguém que possa dar informações a teu respeito, a que casta pertences, qual o teu clã e a linha de descendência. E era bem melhor que o saudasses com o mais respeitoso namaskaf (“Como está?”, cumprimento), tratando-o por sardarji (Chefe, patrão, termo de respeito), invocando a bênção de Shiva e de todos os deuses sobre a sua pessoa, sem esquecer o habitual suborno, na medida em que para um tipo como ele a gorjeta é quase tão importante como as dívidas. Não se é nada, apenas um pobre vagabundo, suam-se as estopinhas para ganhar algumas rupias com que dar de comer à família, mas tem de se passar o tempo a tirar uma moeda para o polícia nos cruzamentos, dado não se ter direito legal de trabalhar naquela rua, mais uma moeda para outro polícia, porque se transporta mercadoria quando se é suposto transportar pessoas, uma nota para o dono, a fim de que ele te deixe dormir no estábulo, outra para que o tipo da oficina te conserte um aro da roda, outra para o antigo dono do riquixá e que te passou o seu veículo miserável. És, em resumo, sugado o dia inteiro e, se não tomares cautela, é bem possível que te vejas sem riquixá por a polícia to ter confiscado ou teres sido despedido por quem te contratou.

“No meu caso, esperei mais de quatro meses que os deuses se resolvessem a dar-me uma oportunidade e, no entanto, todas as manhãs costumava ir colocar um pouco de arroz, malmequeres, uma banana ou qualquer outra gentileza diante da imagem de Ganesh, no templo próximo da casa onde eu morava. Três condutores de riquixá viviam na mesma espelunca, no pátio de um velho edifício arruinado por detrás de Park Circus. Também eles haviam deixado as famílias nas respetivas aldeias. Um velho carpinteiro ganhava a vida a fabricar raios para as rodas e consertava rodas de carroças. Na medida em que todos eram hindus, tomavam as refeições juntos. O velho fazia a comida. Cozinhava-a numa chula, que alimentava com aparas de madeira trazidas do trabalho.

“Foi ali que o meu amigo me deu abrigo quando cheguei de Calcutá. Montou-me um estrado para eu dormir entre duas vigas de bambu, mesmo por baixo das telhas. Na parede tinham cavado um nicho, onde fora colocada uma estatueta de um Ganesh com uma cabeça de elefante cor-de-rosa. Recordo-me de pensar que, com um deus daqueles sob o nosso tecto, tudo certamente acabaria por correr bem. Tinha razão. Uma manhã, ao voltar do templo, reconheci o representante do dono dos riquixás, na sua bicicleta. Já o vira algumas vezes antes, quando ele vinha recolher as percentagens, e o meu

amigo falara-lhe a meu respeito. Era um homem baixo, com olhos astutos, e tão penetrantes que pareciam deitar chispas. Lancei-me sobre ele mal pôs o pé no chão.

“Namaskar Sardarji! A que devemos a honra da visita de uma pessoa tão importante? O senhor, filho do deus Shiva! Ele não conseguiu reter um sorriso de satisfação.

“Tenho um indivíduo com uma perna partida. Gostavas de o substituir? Em caso afirmativo, podes dar-me vinte e cinco rupias imediatamente e terás de pagar duas rupias por dia ao condutor incapacitado. Mais, evidentemente, o costumado aluguer de seis rupias diárias!

“Avisou-me, de passagem, que o carro não tinha licença de trânsito, o que significava que, se a polícia me apanhasse, eu teria de pagar o suborno habitual. Era nitidamente um roubo de estrada. E, no entanto, desfiz-me em agradecimentos. Ficar-lhe-ei eternamente reconhecido, disse-lhe. A partir de agora serei como o mais novo dos seus irmãos. (Devido ao poder e autoridade de que usufrui o filho mais velho na família tradicional indiana, trata-se de uma declaração de respeito e submissão.)

“O sonho que me levava a abandonar a minha aldeia tinha-se tornado, finalmente, realidade. Eu ia ganhar o sustento da minha família entre os varais de um riquixá.”

XIV

Nesse tempo, a “Cidade da Alegria” dispunha apenas de cerca de dez poços e fontes para setenta mil habitantes. A fonte mais próxima do quarto de Stephan Kovalski situava-se junto a um barracão para os búfalos, ao fundo da sua ruela. Quando chegava perto, os vizinhos estavam a levantar-se. Havia a mesma explosão de vida sempre que a manhã rompia. As pessoas que tinham passado a noite, dez ou doze num único buraco infestado de ratos e de vermes, nasciam outra vez com o dia, como se fosse o primeiro alvorecer do mundo. A sua ressurreição diária iniciava-se com um processo geral de purificação. Ali, nas vielas inundadas de lama, junto às águas portadoras de doenças de um esgoto, os ocupantes da “Cidade da Alegria” baniam o miasma da noite com todo o ritual de uma toilette meticulosa. Sem revelarem uma parcela que fosse da sua nudez, as mulheres conseguiam lavar-se desde os longos cabelos às solas dos pés, sem esquecer os saris. Depois, ocupavam-se, esmeradamente, a pôr azeite, a pentear e a dividir o cabelo em tranças, antes de o decorarem com uma flor fresca colhida só Deus sabe onde. Em todos os sítios em que havia água fresca, os homens despejavam tinas sobre a cabeça. Os rapazinhos limpavam os dentes com arbustos de acácia cobertos de cinza, os velhos passavam bocados de juta na língua, as mães despiolhavam os filhos antes de lhes ensaboarem os corpinhos com um vigor que nem o frio cortante das manhãs de Inverno diminuía. Stephan Kovalski continuou a avançar, observando tudo o que rodeava. Antes de chegar à fonte, o olhar foi, de súbito, atraído pela beleza de uma jovem mãe embrulhada um sari vermelho, sentada na ruela, com as costas muito direitas e um bebê colocado entre as pernas estendidas. A criança estava nua, tendo apenas um amuleto preso por um fino cordel à volta da cintura. Era gordinha e não parecia subalimentada. Existia um calor estranho na forma como a mãe e filho se fitavam, como se comunicassem entre si por meio do olhar. Fascinado, Kovalski pousou o balde no chão. A jovem mulher tinha deitado algumas gotas de óleo de mostarda nas palmas da mão e começava a massagear o corpinho que mantinha no regaço. Hábeis, inteligentes e atentas, as suas mãos moviam-se para cima e para baixo, obedecendo a um ritmo tão discreto quanto inflexível. Trabalhando à vez, como o surgir de ondas, partiam dos flancos do bebê, atravessavam-lhe o peito e seguiam até o ombro oposto. No final do movimento, o dedo mínimo escorregava pela nuca da

criança. A mãe virou-o, em seguida, de lado. Estendendo-lhe os braços, massageou-os com suavidade, um após outro, à medida que lhe entoava velhas canções sobre os amores do deus Krishna ou de qualquer lenda oriunda das profundidades de tempos épicos. Foi depois a vez das mãozinhas, que agarrou e massajou com os polegares, como que para estimular o fluxo do sangue desde as palmas às extremidades. O estômago, pernas, calcanhares, as solas dos pés, a cabeça, a nuca, o rosto, as narinas, as costas e nádegas foram assim sucessivamente acariciados e revitalizados por estes dedos leves e delicados. A massagem foi concluída com uma série de exercícios de ioga. A mãe cruzou várias vezes os braços do bebê sobre o peito a fim de libertar as costas, a caixa torácica, a respiração. De vez em quando, era a vez de as pernas serem levantadas, abertas e fechadas sobre o seu estômago, a fim de produzir a abertura e relaxe total da bacia. A criança tagarelava feliz.

“Eu estava a testemunhar um verdadeiro ritual”, viria Kovalski a declarar, arrebatado por tanto amor, beleza e inteligência. Conseguia perfeitamente imaginar o alimento extracorporal que a massagem proporcionava a um corpinho ameaçado por tantas deficiências vitais.

Após este raio de luz no meio de tanta fealdade, a tarefa de ir buscar água parecia uma banalidade formal. Algumas dúzias de mulheres e crianças mantinham-se em fila e a água que corria da fonte era tão pouca que demorava um tempo infinito a encher um balde. Que importava isso, afinal? O tempo não contava para Anand Nagar e a fonte era um lugar de troca de novidades. Para Kovalski constituía um maravilhoso campo de observação. Uma menina aproximou-se dele, dirigiu-lhe um sorriso e pegou-lhe no balde com um gesto autoritário.

Deves estar com muita pressa, Daddah (Grande Irmão) — disse-lhe em inglês, ao mesmo tempo que lhe colocava a mão no pulso.

O que te leva a pensares isso?

Porque tens um relógio.

Ao regressar a casa, o padre encontrou algumas pessoas junto da sua porta. Reconheceu-as como sendo os ocupantes do recinto cristão aonde, na sua primeira noite, o representante do reitor da paróquia vizinha o tinha levado. A jovem mulher que lhe pedira que abençoasse o filho oferecia-lhe, agora, um chapati e uma pequena garrafa.

— Namaskar, padre — cumprimentou-o num tom caloroso. — Chamo-me Margareta. Os meus vizinhos e eu pensamos que devias ter alguma coisa

com que celebrar a missa.

Aqui está um pouco de pão e vinho.

Stephan Kovalski examinou as suas visitas, sentindo-se bastante comovido. “Podem não ter nada que comer, mas conseguiram arranjar pão e vinho para a Eucaristia.” Pensou nos primeiros cristãos das catacumbas romanas.

Obrigado — agradeceu, disfarçando a emoção.

Pusemos a mesa no nosso pátio — acrescentou a jovem com um sorriso de cumplicidade.

— Vamos — disse Kovalski, desta vez dando largas à alegria que o invadia.

Estas pessoas pertenciam ao reduzido número de famílias — cerca de cinquenta — que formavam a pequena ilha de cristãos no meio dos setenta mil muçulmanos e hindus da “Cidade da Alegria”. Embora também eles fossem pobres, sofriam um pouco menos de privações comparativamente ao resto da população. Existiam várias razões para esta vantagem. Primeiro, e paradoxalmente, isto devia-se ao fato de constituírem uma tal minoria: quanto menor o número de pessoas, mais fácil se torna dar ajuda aos menos afortunados. As passo que os padres hindus e tnullah muçulmanos da área tinham a seu cargo mais de três milhões de fiéis, os padres católicos da igreja local possuíam menos de mil paroquianos. Em segundo lugar, a fim de se distinguirem da maioria das restantes secções da comunidade e melhorarem as suas hipóteses de conseguirem trabalho burocrático, muitos cristãos esforçavam-se por conquistar o instrumento-chave da ascensão social, que era a língua inglesa. Por fim, o fato de conseguirem superar mais facilmente a extrema pobreza, devia-se também a que a sua religião não os ensinava a resignarem-se à sorte. Para os hindus, a sua má sorte resultava do peso de ações cometidas em vidas anteriores; este karma devia ser aceite para que se pudesse renascer sob circunstâncias mais auspiciosas. Isentos destes tabus, os cristãos tinham liberdade para se escaparem aos seus infortúnios como lhes fosse possível. Esse o motivo por que a Índia se encontra salpicada de instituições e pequenos grupos elitistas, que conferem à minoria cristã um grau de influência nacional que em muito supera a quantidade dos seus membros. O mesmo acontecia, igualmente, na “Cidade da Alegria”.

Os cristãos do bairro de lata provinham de Bettiah, uma região agrícola do Bihar, que até os anos 40 albergara uma das mais importantes comunidades cristãs do Norte da Índia. As origens dessa comunidade constituem um

capítulo importante na grande saga das migrações religiosas mundiais. Iniciou-se por volta do começo do século XVII, quando, perseguidos por um soberano sanguinário, trinta e cinco convertidos nepaleses fugiram da sua pátria juntamente com o seu capelão, um frade italiano. Encontraram refúgio num estado principesco, onde o frade curou “milagrosamente” a mulher do rajá local. Este último ofereceu-lhes terra como prova de gratidão. Esta tradição de bom acolhimento aos cristãos foi perpetuada pelos rajás que lhe sucederam e, por conseguinte, a pequena comunidade prosperou e aumentou. Um século mais tarde incluía duas mil almas. Com as suas casas caiadas de branco, as ruas estreitas, os pátios, as praças adornadas de flores e a sua grande igreja; com os homens de chapéus de aba larga e as rapariguinhas de saias e mantilhas, o bairro cristão da cidade de Bettiah mais parecia uma aldeia mediterrânica. Um dia, a área iria ser atingida por uma estranha calamidade. Os Britânicos chamaram-lhe azul-dourado; os camponeses chamaram-lhe índigo. A monocultura intensiva da planta índigo, que era utilizada como corante, iria provocar, em 1920, a primeira ação significativa de Gandhi. Foi aqui, na região de Bettiah, que o Mahatma iniciou a sua campanha de ação pacifista pela libertação da Índia. O índigo acabou por ser derrotado, em 1942, por um substituto sintético. Contudo, o azul-dourado não morreu sem primeiro se vingar: secara todas as virtudes da terra e condenara milhares de camponeses ao exílio.

O reduzido número de famílias que se preparavam para assistir à primeira missa de Kovalski em Anand Nagar provinham na sua totalidade destas terras massacradas. Eram cerca de vinte pessoas, na sua maioria mulheres com os filhos ao colo e alguns velhos. Quase todos os chefes de família estavam ausentes, um indício de que este recinto era privilegiado, dado que os outros abundavam em homens desempregados. A consagração pertencia também um indivíduo vestido de farrapos, cuja aparência miserável logo se esquecia devido à sua expressão radiosa. Conheciam-no por “Gunga”. Era um indivíduo simples, surdo e mudo, e ninguém sabia de onde ele vinha nem como chegara à “Cidade da Alegria”. Um dia, Margareta tinha-o recolhido numa ruela inundada pela monção. Estava quase a afogar-se. Acolhera-o, embora fosse viúva e já tivesse oito pessoas em casa. Uma manhã ele desaparecera. Nunca mais o viram durante dois anos. Em seguida, reapareceu. Costumava dormir, embrulhado nuns farrapos, por baixo do alpendre e parecia sempre satisfeito. No entanto, um mês antes um vizinho encontrara-o inanimado numa viela. Margareta tinha-lhe diagnosticado

cólera, metera-o num riquixá e levava-o ao hospital mais próximo. Graças a uma nota de dez rupias, tinha convencido a enfermeira de serviço a arranjar-lhe um catre, no serviço de urgências. De regresso a casa, entrara na Igreja de Nossa Senhora do Bom Acolhimento e acendera uma vela. Três dias mais tarde, Gunga estava de volta. Ao ver Kovalski, precipitou-se na sua direção e curvou-se para lhe limpar o pó dos sapatos de tênis, após o que colocou as mãos sobre a cabeça em sinal de respeito.

O que o padre foi encontrar quando entrou no recinto cristão ficar-lhe-ia para sempre gravado na memória.

“Tinham forrado um estrado, apoiado em dois caixotes, com um tecido impecável de algodão e colocado um castiçal em cada extremo. Uma bacia e uma xícara serviam de pátina e cibório. Um crucifixo de madeira e uma grinalda de cravos amarelos completavam a decoração deste altar improvisado erguido junto do poço no centro do recinto.”

Stephan Kovalski deteve-se um pouco a reunir ideias, meditando no milagre que iria realizar num cenário de chula fumegantes, pedaços de trapos a secar nos telhados e crianças em farrapos a perseguirem-se umas às outras nas sarjetas, no meio de todo o barulho das buzinas, cânticos, gritos e a vida em geral. Com um pedaço de chapati — assim se chamava ao pão sem fermento que o próprio Cristo partira na Última Ceia — preparava-se, assim, para “criar” o próprio Criador de tudo isto. Nas suas mãos, um pedaço de pão estava prestes a transformar-se em Deus, Aquele que se encontrava na origem de todas as coisas. Para Kovalski este processo era a mais prodigiosa transformação que um homem pode ser chamado a realizar.

Tinha celebrado missa muitas vezes numa barraca de um bairro de lata, na sala de estar comum de um lar para trabalhadores emigrantes, ou em qualquer canto de uma fábrica. Contudo, hoje, no meio destas pessoas sofredoras, desprezadas e atingidas pelo desgosto, ele sentia tudo o que havia de único nesta oferta, neste partilhar de pão.

“A vontade de Deus de partilhar o sofrimento dos mais humildes sempre me pareceu um fenómeno extraordinário”, viria a dizer. “Como se o fato de ter assumido a forma de homem não tivesse bastado para saciar a sua sede de humildade, como se Ele quisesse estar ainda mais próximo dos mais pobres, dos mais humildes, dos mais incapacitados e rejeitados deste mundo. Que fonte extraordinária de felicidade é a de ter o poder de permitir que Deus expresse a qualidade infinda do seu amor através da Eucaristia.”

Estava Kovalski a celebrar missa num silêncio monástico, quando três

cães atravessaram o pátio a correr em perseguição de uma ratazana quase com o tamanho deles. A cena era tão vulgar que ninguém lhe prestou atenção. Um vendedor de balões que passou durante a leitura do Evangelho atraiu —, por outro lado, as atenções. Voando no topo das suas canas de bambu, as bolas coloridas recortavam-se como estrelas no enorme céu cinzento. Quando os ramalhetes coloridos desapareceram à distância, a voz quente de Kovalski ergueu-se acima das cabeças ali reunidas. O padre escolhera com cuidado a mensagem das boas novas que ela transmitia. Olhando com amor os rostos macilentos que o encaravam, repetiu as palavras de Jesus Cristo:

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Enquanto pronunciava estas palavras, Stephan Kovalski sentia uma certa inquietação. “Estas pessoas necessitam, realmente, de palavras?”, interrogava-se. “Não são elas já Cristo, o veículo, o Sacramento? Não são elas os pobres das Escrituras, os pobres de Iavé, aqueles em que Jesus se encarnou ao dizer que onde estavam os pobres estava Ele também?”

Decorridos uns momentos de silêncio, estendeu os braços como que para abraçar aquele punhado de homens e mulheres sofredores. Desejando incutir-lhes a mensagem do Evangelho daquela primeira manhã, fitou intensamente cada um dos seus novos irmãos e irmãs.

— A paz seja convosco, pois vós sois a luz do mundo — proclamou, em seguida, deixando que Cristo falasse através da sua voz.

XV

As primeiras lavagens de Stephan Kovalski no bairro de lata iniciaram-se, no entanto, com mais um sacrilégio. Tinha-se despido e ficara em cuecas, como vira fazer aos homens que iam buscar água. Em seguida, saíra para a ruela onde se situava o seu quarto, devidamente munido do balde de água. Acocorara-se naquela característica posição indiana que é tão difícil de manter a um ocidental, derramara um pouco de água sobre os pés e dedicava-se ao processo de esfregar vigorosamente os tornozelos, quando o velho hindu da loja de chá em frente lhe chamou, horrorizado, a atenção.

— Não é essa a maneira de fazer a toilette, padre disse ele. — Lava-se primeiro a cabeça e os pés em último lugar, depois de se ter limpo tudo o mais.

O polaco preparava-se para balbuciar uma desculpa, quando apareceu a rapariguinha que lhe trouxera o prato de comida na noite anterior. O espetáculo de um sahib seminu a salpicar-se de água divertiu-a tanto que desatou a rir.

— Porque estás a lavar-te, Daddah? — perguntou. — Tens a pele tão branca!

Momentos depois, Kovalski cometeu um quarto erro, ao enrolar de forma errada a esteira de dormir. Em vez de começar pelo lado da cabeça, fez ao contrário. Segundo lhe explicou por mímica o seu vizinho muçulmano, tal significava que na noite seguinte corria o risco de pôr a cabeça onde tinha posto os pés na noite anterior.

“Sabia que me levaria algum tempo a aprender todas as subtilezas da vida no bairro de lata e a deixar de chocar as pessoas”, admitiu, mais tarde, o padre polaco. No caminho de regresso da fonte sentira a reserva dos vizinhos de uma forma mais palpável. As mulheres haviam-se apressado a tapar o rosto com o véu do sari. As crianças que jogavam ao berlinde tinham-se afastado com a rapidez de coelhos. Os vermes eram os únicos que não o baniam. À semelhança dos ratos e dos mosquitos noturnos, agora também eram as moscas que lhe faziam companhia. “Havia centenas delas. Verdes, cinzentas, grandes, pequenas; moviam-se em esquadrões, sempre prontas a picar a mínima parcela de pele. Não hesitavam em entrar-me nos ouvidos, narinas, olhos e garganta juntamente com cada pedacinho de comida. Nada lhes domava a ousadia. Nem se davam ao trabalho de voar quando eu as

perseguia. Apenas se afastavam uns centímetros para infligir a sua tortura em qualquer outra parte mais distante do meu corpo. Encontrava-me por completo à sua mercê. Tentava furtar-me àquele suplício, concentrando-me em recordações mais felizes: a minha mãe a bater claras para fazer farófias, na minha sobremesa favorita ou no rosto do meu pai, negro como carvão, quando voltava, à noite, da mina.”

Naquela primeira manhã, Stephan Kovalski recorreu também à imagem de Cristo como auxílio. Cantou uma litania de oms, de olhos fixos no rosto torturado, pregado na parede. Momentos depois, a invocação passou ao domínio absoluto do inconsciente, quando ele começou a respirar em unísono com o bater do coração. Este método de utilizar o ritmo respiratório para comunicar com Deus libertou-o a pouco e pouco de todas as contingências exteriores. As moscas podiam atacá-lo como lhes aprouvesse; deixara de as sentir.

Foi nessa altura que o rosto sorridente do representante do padre da paróquia se recortou na ombreira da porta. O homem tinha vindo por estar preocupado sobre como o polaco havia aguentado as suas primeiras horas no bairro de lata. A narrativa das suas aventuras nas latrinas e os seus problemas com ratos e moscas constituiu motivo de grande consternação.

— O padre Cordeiro incumbiu-me de lhe dizer que há um confortável quarto para si no presbitério — insistiu. — Tal não o impediria de vir passar aqui o tempo que quisesse, mas suplicou-lhe que aceite. Aqui não é lugar para um padre.

O anglo-indiano sacudiu tristemente a cabeça e, em seguida, tirou de um saco de napa dois grandes volumes que o padre Cordeiro lhe pedira que entregasse a Kovalski. Um era uma gramática bengalesa; o outro uma edição da Bíblia em hindi. O polaco aceitou, entusiasmado, os presentes. Sabia que lhe seriam indispensáveis para o ajudarem a destruir o muro de silêncio que o isolava na sua nova existência.

Longe de o desencorajar, a sua incapacidade de se expressar e compreender começara por encantar Kovalski.

“Para um estrangeiro como eu, que se via no meio de uma gente tão miserável, fornecia-me a oportunidade de me colocar na posição de inferior”, viria a explicar. “Era eu que precisava dos outros e não os outros que precisavam de mim.” Uma reflexão fundamental para um homem que se sentia tão privilegiado em comparação com os que o rodeavam, ao ponto de o levar a interrogar-se se alguma vez se integraria no seu meio. “Como é que eu

podia, realmente, acreditar que conseguiria, física e mentalmente, partilhar o sofrimento dos que viviam nos bairros de lata, quando usufruía a saúde de um jogador de futebol, não tinha de dar de comer à família, nem uma casa a meu cuidado, além de que não precisava de procurar trabalho nem de estar obcecado em o manter, quando sabia que podia ir-me embora em qualquer momento?”

Tal como ele esperara, o obstáculo da língua ajudou os seus primeiros contatos com as pessoas que o rodeavam, proporcionando-lhe um sentido de importância, de superioridade. Como é que se diz “água” em urdu? “Chá” ou “balde” em hindi? Ao repetir, erradamente, as palavras na língua deles, ao pronunciá-las de forma incorreta, provocava o riso e, a pouco e pouco, foi conquistando simpatias, até que chegou o dia em que, quando aquela gente entendeu que não estava apenas diante de um visitante de passagem mas sim de um deles, lhe deu a alcunha mais afetuosa do seu vocabulário, a de “Daddah Stephan”, “Grande Irmão Stephan”.

O hindi, a grande língua “franca” da Índia moderna, agora falada por cerca de duzentos e cinquenta milhões era compreendida pela maioria dos ocupantes da “Cidade da Alegria”. Era uma das vinte ou trinta línguas faladas no bairro; entre elas contava-se o bengali, o urdu, o tâmul, o malaiala, o punjabi e vários dialectos. Dado não ter professor, Kovalski iniciou o seu processo de aprendizagem de uma maneira um tanto original. Todas as manhãs, após a sua hora de meditação, dava a si próprio uma lição em hindi graças aos textos dos Evangelhos, que ele conhecia melhor do que as palmas das mãos. Sentava-se na esteira, com as costas apoiadas à parede, as pernas dobradas na posição de lótus, com a versão francesa da Bíblia de Jerusalém numa das coxas e, na outra, o grosso volume dos Evangelhos, em hindi, que o padre Cordeiro lhe enviara. A caligrafia elegante e misteriosa da obra recordou-lhe os hieróglifos egípcios. Tal como o famoso erudito francês Champollion, que decifrara estes hieróglifos, também Kovalski se apercebeu de que, primeiro, tinha de descobrir uma chave. Procurou-a pacientemente, analisando os versos do texto hindi, um por um, com a esperança de descobrir o nome de uma pessoa ou de um lugar que não tivesse sido traduzido. Após vários dias de busca, chamou-lhe por fim a atenção uma palavra de nove letras impressa em maiúsculas latinas. Identificou de imediato o capítulo de onde ela provinha, e não teve dificuldade em escrever o correspondente francês a cada palavra hindi. O seu trabalho consistia apenas em extrair as letras, uma a uma, a fim de descobrir a transcrição e reconstruir um alfabeto.

A palavra-chave parecia-lhe duplamente simbólica. Era o nome de uma cidade, à semelhança daquela onde ele se encontrava, uma cidade onde multidões de gente pobre se reunira para venerar Deus. Era também o símbolo de um intrincado aglomerado de pessoas e coisas comparável à “Cidade da Alegria”. A palavra mágica era “Cafarnaum”.

XVI

Todas as cidades do ex-mundo colonial os baniram das suas ruas, como sendo um dos aspectos mais degradantes da exploração do homem pelos seus semelhantes. Todas, excepto Calcutá, onde, ainda hoje, cerca de cem mil cavalos humanos arreados aos seus riquixás percorrem mais quilômetros por dia do que os trinta Boeings e Airbuses da Indian Airlines, a companhia de voos domésticos indiana. Transportam diariamente mais de um milhão de passageiros e ninguém, salvo alguns urbanistas visionários, pensou em relegar estes carros anacrônicos para um museu histórico, na medida em que aqui o suor humano fornece a mais barata energia do mundo.

Com as suas duas grandes rodas de raios de madeira, a estrutura elegante e os varais retilíneos, os riquixás assemelhavam-se às carruagens do tempo das nossas avós. Inventados no Japão no fim do século XVII por um missionário europeu, o seu nome deriva da expressão japonesa *jiriki shaw*, que significa à letra “veículo puxado pelo homem”. Os primeiros riquixás apareceram na Índia por volta de 1880, nas avenidas imperiais de Simla, a capital de Verão do Império Britânico na Índia. Cerca de vinte anos mais tarde, alguns destes veículos chegaram a Calcutá, importados por comerciantes chineses que os utilizavam para o transporte de mercadorias. Em 1914, estes mesmos chineses pediram licença para os empregar também no transporte de pessoas. Dado serem mais rápidos do que os palanquins dos velhos tempos e mais maneáveis do que as carruagens de cavalos, os riquixás não demoraram a impor a sua presença no principal porto da Ásia. A moda iria propagar-se a numerosas metrópoles do Sudeste asiático. Para muitos camponeses, entre os milhões de homens que se haviam refugiado em Calcutá desde a independência, os seus varais forneciam um meio de ganhar a vida. Desconhece-se quantos riquixás percorrem atualmente as ruas e travessas da última cidade do mundo onde ainda existem. Em 1939, os Ingleses limitaram o seu número a seis mil e na medida em que mais nenhuma licença para os conduzir foi emitida desde 1949, há oficialmente menos de dez mil. As estatísticas não oficializadas indicam, no entanto, um número cinco vezes superior, dado que quatro de cada cinco funcionam igualmente, com um número falso. Cada um destes cinquenta mil riquixás é a forma de subsistência de dois condutores, que operam por turnos entre os varais, vinte e quatro horas por dia. O suor destes cem mil escravos alimenta

outras tantas famílias. Calcula-se, por conseguinte, que mais de cem mil indivíduos procuram no riquixá o meio de ganhar a tigela diária de arroz. Os economistas foram mesmo ao ponto de calcular as implicações financeiras desta atividade única no catálogo de profissões: quatro milhões de dólares, ou seja, um quarto do orçamento de todo o sistema de transportes urbanos de uma cidade como Paris. Uma parte considerável desta quantia — cerca de cem mil dólares por ano — representa os subornos pagos pelos condutores à polícia e outras entidades para poderem exercer o seu comércio numa cidade que se tornou tão congestionada que um número cada vez mais elevado de ruas lhe está vedado.

Não há nada como um grande copo de bangla para te meter um tigre no motor! — exclamou Ram Chander, parafraseando um velho anúncio que se via nas paredes de Calcutá. Conduziu o seu recente amigo até cá fora.

Tens razão, raios! — concordou Hasari Pai. — É como se se comessem seis chapati seguidos e um caril de peixe. — Fez uma careta e esfregou o estômago. — Só que esta gasolina especial se agita um bocado cá dentro.

O fato de se “agitar” dentro dele não era surpreendente; a beberagem que os dois amigos tinham acabado de ingerir constituía uma das misturas mais letais alguma vez preparadas pelo homem. Chamava-se “licor do campo” e provinha de uma aldeia situada na orla de uma lixeira de Calcutá. Ali, durante o ano, todo o tipo de detritos, vísceras de animais e suco de cana eram fermentados durante um mês em grandes potes colocados no fundo de um fétido lago. As páginas de noticiário da imprensa chamavam constantemente a atenção para a destruição causada por este álcool venenoso, que na Índia fazia anualmente tantas vítimas como o paludismo. Só tinha uma vantagem, que era a do preço. Na medida em que fugia aos impostos, custava apenas sete rupias por garrafa, quatro ou cinco vezes menos do que uma garrafa de rum oficial da mais baixa qualidade.

Os dois amigos iniciaram caminho juntos. Pouco depois, no entanto, Ram Chander foi mandado parar por uma senhora idosa mas muito forte, vestida com um sari branco de viúva. Hasari ajudou-a a subir para o riquixá e Ram partiu a trote. Enquanto ficava a ver o carro afastar-se, o camponês não conseguia deixar de pensar na sorte do amigo. “Pelo menos, pode olhar os outros de frente. Tem um emprego. Tem a sua dignidade. Ao passo que eu sou como os cães sarnentos que enchem as ruas. Não existo.”

Antes de se separarem, os dois amigos tinham combinado encontrarem-se no dia seguinte na esplanada de Park Circus, no ponto de cruzamento das

linhas dos eléctricos. Ram Chander tinha prometido tentar apresentar o amigo ao representante do proprietário do seu riquixá.

— Com um pouco de sorte e uma gorjeta generosa talvez se descubra uma carripana para conduzires — dissera.

“Em circunstâncias normais ter-me-ia recusado a acreditar numa coisa tão maravilhosa”, confessaria Hasari, “mas o bangla dera-me asas. Sentia-me como um papagaio de papel.”

Os dois homens haviam igualmente decidido ir ao hospital visitar o trabalhador acidentado.

O camponês deambulou por muito tempo, antes de encontrar a família.

“Por todo o lado se viam filas ininterruptas de lojas, armazéns, quiosques e milhares de pessoas nos passeios e nos acessos. Era como se metade da população passasse todo o seu tempo a vender coisas à outra metade. Havia uma série de objetos que eu nunca vira antes, como instrumentos para descascar legumes ou extrair sumo das frutas. Havia também pilhas de utensílios de cozinha, ferramentas e peças metálicas, sandálias, camisas, cintos, malas, pentes, canetas e óculos para o sol. Em alguns sítios era muito difícil andar porque tanto as pessoas como a mercadoria se amontoavam na calçada. A um canto da rua comprei vários alubhurta a um vendedor ambulante. Os meus filhos adoravam aqueles fritos de batata polvilhados de açúcar, mas com as cinco rupias eu não podia comprar muitos e talvez tivesse feito melhor em comprar várias porções de arroz soprado para alimentar a família. Mas quando se tem o estômago e a cabeça cheia de bangla, não se é responsável pelas loucuras cometidas.”

A noite já caíra há muito quando Hasari reconheceu, por fim, a avenida onde assentara arraiais. Antes de chegar ao pedaço de passeio ocupado pela família, ouviu gritos e avistou uma multidão. Receando que alguma coisa tivesse acontecido à mulher e aos filhos, dirigiu-se apressadamente ao local da cena, mas era a mulher do vizinho quem gritava. Tinha o rosto a sangrar e marcas de pancadas nos ombros e nos braços. O marido regressara embriagado uma vez mais. Tinham discutido e ele atingira-a com uma barra de ferro. Se os vizinhos não tivessem acudido, ele matava-a. Espancara também os dois filhos mais pequenos. Em seguida pegara nas roupas esfarrapadas e partira, deixando a família à mercê do Diabo. A pobre mulher viu-se abandonada no meio do passeio com três filhos pequenos e outro a caminho, sem esquecer o filho que tinha na prisão e a filha que se prostituía. “Algumas vezes, existem bons motivos para que se amaldiçoe o karma”,

pensou Hasari.

Por sorte, nessa noite, os dois filhos mais velhos de Hasari tinham conseguido trazer alguns restos de abóbora e de nabo da sua busca na lixeira do Bazar Bara. Sentiam-se extraordinariamente orgulhosos do seu feito, na medida em que eram tantas as pessoas a remexer nos montes de lixo que os bons achados se tornavam escassos. A mãe pediu emprestada a chula à mulher do vizinho, a fim de cozinhar uma sopa, que os Pais partilharam com ela e os filhos abandonados. Partilharam também os fritos. Nada consegue apaziguar melhor o desgosto e o medo do que uma boa refeição, sobretudo quando se vive no passeio, sem uma folha de zinco ou de oleado como tecto. Nessa noite, antes de adormecerem, as duas famílias chegaram-se um pouco mais. Só os pobres podem necessitar da ajuda dos pobres.

XVII

Recomeçava todas as noites por volta das onze horas. Primeiro eram as lágrimas. A pouco e pouco aumentavam de intensidade. O ritmo tornava-se mais acelerado e transformava-se numa série de acessos de tosse que se sucediam do outro lado da parede divisória. Um rapazinho muçulmano de dez anos estava a morrer de tuberculose óssea no buraco ao lado. Chamava-se Sabia.

“Porquê esta agonia de um inocente num lugar já atacado por tanto sofrimento?”, protestava um indignado Kovalski.

Durante as primeiras noites o padre havia cedido à cobardia. Pusera algodão nos ouvidos para não ouvir.

“Assemelhava-se a Job à beira da revolta”, viria a explicar. “Era em vão que lia as Escrituras à luz da minha lamparina. Não conseguia encontrar uma explicação satisfatória para a ideia de que Deus pudesse deixar acontecer tal coisa. Quem se arriscaria a dizer àquela criança que se contorcia de dores: Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus; bem-aventurados os que choram, porque serão consolados; bem-aventurados os que têm sede, porque serão saciados. O profeta Isaías esforçou-se por justificar o sofrimento dos inocentes. Era o nosso sofrimento que o rapaz estava a suportar, afirmava Isaías, e ele ajudar-nos-ia à salvação dos nossos pecados. A ideia de que o sofrimento de um ser humano podia ajudar a salvar o mundo era sem dúvida muito atraente, mas como podia eu aceitar que o sofrimento do meu pequeno vizinho fazia parte desse processo redentor? Tudo em mim se revoltava contra a ideia.”

Passaram-se algumas noites antes que Stephan Kovalski pudesse aceitar ouvir os gritos de Sabia e mais algumas para escutar não só com os ouvidos mas com o coração também. Sentia-se dividido entre a sua fé religiosa e a revolta como ser humano. Tinha ele qualquer direito de ser feliz, de entoar cânticos a Deus, enquanto aquele intolerável tormento acontecia mesmo ao seu lado? Todas as noites, sempre que o seu jovem vizinho voltava a gemer, abstraía-se e rezava. Em seguida, deixava de ouvir as lágrimas, os gritos, os ruídos; deixava de notar o barulho dos ratos na escuridão; deixava de sentir o cheiro fétido emanado pelo esgoto entupido do lado de fora da porta. Ingressava no que descrevia como um estado de “ausência de gravidade”.

“De início, as minhas orações ligavam-se exclusivamente à agonia do

pequeno Sabia. Pedia ao Senhor que lhe aliviasse o sofrimento, que lhe minorasse o sacrifício. E caso, no Seu juízo, esta experiência fosse realmente útil para a redenção dos pecados da humanidade, eu pedia ao Pai, que não hesitara em sacrificar o seu próprio Filho, que me deixasse assumir uma parte, que me deixasse sofrer em vez daquela criança.”

Noite após noite, de olhos vidrados no escuro para a imagem do Santo Sudário, Stephan Kovalski rezava até os gemidos cessarem.

— Tu que morreste na Cruz para salvar a humanidade, ajuda-me a compreender o mistério do sofrimento — rezava e suplicava incessantemente. — Ajuda-me a transcendê-lo. Ajuda—me, principalmente, a lutar contra as suas causas, contra a falta de amor, contra o ódio e contra todas as injustiças que dele resultam.

A doença do seu jovem vizinho piorou e os sons da sua agonia aumentaram. Uma manhã, o padre apanhou o ônibus para o hospital mais próximo.

— Preciso de uma seringa e de uma dose de morfina. É muito urgente — declarou ao enfermeiro responsável pela farmácia do hospital, metendo-lhe trinta rupias na mão.

“Dado que a sua doença era incurável e as minhas orações se tinham provado inúteis”, diria mais tarde, para se justificar, “Sabia devia, pelo menos, poder morrer em paz.”

Ajudada pelas suas três filhas, com as idades de onze, oito e cinco anos, a mãe de Sabia passava os dias, acorada na ruela, a fazer sacos de papel com jornais velhos. Era viúva e esta atividade representava o único rendimento para sustentar a família. Tinha de se levantar centenas de vezes ao dia, a fim de limpar tudo à volta e permitir a passagem de um triciclo ou uma carroça. Contudo, Stephan Kovalski apercebera-se de que ela jamais deixava de sorrir.

Mal se deteve do lado de fora do buraco, teve de enfrentar olhares hostis. O que levaria este infiel a querer visitar o pequeno muçulmano que estava a morrer? Ia tentar converter o rapaz à sua religião? Dizer-lhe que Alá não era o verdadeiro Deus? Havia muita gente na área que desconfiava do padre. Contavam-se tantas histórias sobre a devoção dos missionários cristãos, sobre a sua diabólica capacidade de se intrometerem em todo o lado! Não era apenas para os colocar menos em guarda que este usava calças e sapatos de tênis, em vez de uma sotaina? Contudo, a mãe de Sabia acolheu-o com o seu belo sorriso. Mandou a filha mais velha ir buscar uma xícara de

chá à loja do velho hindu e convidou o padre a entrar. O cheiro a carne putrificada fê-lo hesitar um pouco na ombreira da porta. Depois mergulhou numa semipenumbra.

O pequeno muçulmano estava deitado numa enxerga de farrapos, a pele cheia de feridas, carregado de piolhos e os joelhos semidobrados sobre o tronco descarnado. Stephan Kovalski aproximou-se mais e o rapazinho abriu os olhos, onde brilhou de imediato uma centelha de alegria. Kovalski foi totalmente apanhado de surpresa.

“Como posso acreditar nos meus próprios olhos? Como é possível que uma tão grande serenidade emane desta pequena figura martirizada?”, pensou, ao mesmo tempo que os dedos apertavam com mais força o frasco de morfina.

Saia, Sabia — murmurou com um sorriso.

— Saia, Daddah — respondeu a criança alegremente. O que tens na mão? Doces?

Admirado, Stephan Kovalski deixou cair o frasco, que se partiu em estilhaços.

“Sabia não precisava de morfina. Tinha as feições imbuídas de uma paz que me desarmou. Apesar de estar cheio de chagas, mutilado e crucificado, mantinha-se vitorioso. Ele dera-me a oferta mais preciosa de todas: um motivo secreto para jamais desesperar, uma luz na escuridão.”

Quantos irmãos e irmãs de luz como Sabia tinha Stephan Kovalski neste local de sofrimento? Centenas, talvez mesmo milhares. Todas as manhãs, depois de celebrar a Eucaristia, visitava-os com as poucas reservas de que dispunha: um pouco de comida, alguns remédios ou simplesmente o conforto da sua presença.

Nada conseguia levantar-lhe mais o moral do que as visitas a uma mulher cristã cega e leprosa que vivia junto da linha férrea. Por inacreditável que parecesse, também esta mulher, apesar de ter chegado a uma inconcebível decadência, irradiava serenidade. Passava dias inteiros a rezar, enroscada a um canto da barraca, sem luz nem ventilação. Atrás dela, pendurado num prego da parede lamacenta, havia um crucifixo, e a imagem de uma Virgem escurecida de fuligem repousava num nicho por cima da porta. A mulher leprosa estava tão magra que a pele enrugada acentuava a proeminência dos ossos. Que idade poderia ter? Decerto menos do que a que aparentava. Quarenta no máximo. Como se a cegueira não bastasse, a lepra reduzira-lhe as mãos a dois cotos e roera-lhe a face. Era viúva de um dos

funcionários menores da Câmara e há vinte anos que vivia no bairro de lata. Ninguém sabia como é que ela contraíra a lepra, mas estava tão consumida pela doença que era tarde de mais para a curar. Num outro canto do buraco, os seus quatro netos, de idades entre os dois e os seis anos, dormiam lado a lado numa enxerga já no fio.

Em redor desta mulher cristã e da sua família formara-se uma daquelas cadeias de ajuda e amizade mútuas que faziam da “Cidade da Alegria” um desses lugares privilegiados a que Jesus de Nazaré se referiu quando convocou os seus discípulos para “se reunirem num local adequado, onde esperassem o Último Julgamento e a Ressurreição”. Esta ajuda era tanto mais importante quanto os vizinhos eram todos hindus, um fato que em circunstâncias normais os impediria de tocarem em alguém atacado de lepra, de entrarem em casa dessa pessoa ou, mesmo, como algumas vezes se dizia, de conspurcarem os olhos com o espetáculo de um leproso. Contudo, estes hindus revezavam-se todos os dias para trazerem à mulher cristã um prato de arroz e de legumes, ajudarem-na a lavar-se, a tratar da casa e a cuidar dos netos. O bairro de lata, tão desumano noutros aspectos, dava-lhe algo que nenhum hospital lhe podia ter proporcionado. Esta mulher mutilada não sofria de falta de amor.

Um sexto sentido avisava-a sempre da chegada de Kovalski. Mal o sentia aproximar-se, fazia uma tentativa para se arranjar. Servia-se do que lhe restava das mãos e alisava os cabelos num gesto comovente de coquetismo entre a pior das degradações. Em seguida, arranjava espaço em seu redor, tateando para ajeitar uma almofada destinada ao visitante. Por fim, feliz, restava-lhe esperar pacientemente, enquanto desfiava o rosário. Nessa manhã, o padre iria enchê-la de alegria.

— Bom dia, padre! — apressou-se a cumprimentar, mal lhe ouviu os passos.

— Bom dia, avozinha! — respondeu Kovalski, descalçando os sapatos à entrada da porta. — Hoje, parece em boa forma.

Nunca a tinha ouvido queixar-se ou pronunciar palavras de autopiedade pelo seu estado, e mais uma vez, nesta ocasião, ficou surpreendido ante a expressão alegre que lhe divisou no rosto torturado. Ela fez-lhe sinal para que se sentasse ao seu lado, e assim que ele se instalou estendeu-lhe os braços, num gesto de amor maternal. A mulher cega e leprosa acariciou o rosto do padre como que para sentir a vida nele.

“Sentia-me extraordinariamente admirado”, viria a dizer. “Era como se

estivesse a dar-me aquilo mesmo que procurava em mim. Havia mais amor no toque macio daquela carne apodrecida do que em todos os abraços do mundo.”

— Desejo que o bom Senhor venha finalmente buscar-me, padre. Porque não lhe pede que o faça? Se o bom Senhor a mantém connosco, avozinha, é porque ainda precisa de si aqui. Se ainda tiver de continuar a sofrer, padre, estou preparada — replicou. — Estou acima de tudo preparada para rezar por outras pessoas, para as ajudar a suportar o seu próprio sofrimento. Traga-me o sofrimento delas, padre.

Stephan Kovalski contou-lhe a visita que fizera ao jovem Sabia. Ela ouviu, fixando-o atentamente com os olhos sem vida.

— Diga-lhe que vou rezar por ele.

O padre procurou dentro do saco o lenço lavado onde tinha enrolado cuidadosamente um pedaço de chapati consagrado durante a sua missa da manhã.

O que está a fazer, padre? — perguntou a leprosa, intrigada por aquele breve silêncio.

Trouxe-lhe a comunhão, avozinha. Receba o corpo de Cristo.

Ela entreabriu os lábios e Kovalski colocou o pedacinho de bolo na ponta da língua.

— Amém — murmurou ela após uns momentos e com o rosto inundado de alegria. Fez-se um longo silêncio, apenas interrompido pelo zumbido das moscas e uma qualquer discussão lá fora. Os quatro corpinhos adormecidos não se tinham mexido.

Quando Stephan Kovalski se levantou para se ir embora, a mulher ergueu o rosário num gesto de saudação e dádiva.

— Não se esqueça de dizer aos que sofrem que eu rezo por eles.

Nessa noite Stephan Kovalski anotou no seu diário: “Esta mulher sabe que o seu sofrimento não é inútil, e afirmo que Deus quer utilizar o seu sofrimento para ajudar os outros a suportar o deles. Este o motivo por que a minha oração por esta mulher não deve ser triste. O seu sofrimento assemelha-se ao de Cristo na Cruz; é construtivo e redentor. E cheio de esperança. Sempre que saio da barraca onde vive a minha irmã, a mulher cega e leprosa, sinto-me revitalizado. Como se pode, assim, desesperar neste bairro de lata de Anand Nagar? Este lugar merece, de fato, o seu nome de Cidade da Alegria’.”

XVIII

Controlava a sua frota de carros como um chulo supervisa as suas prostitutas. Nunca ninguém o via, mas há cinquenta anos que todos — os condutores, os seus criados e a própria polícia — aceitavam o poder de Bipin Narendra, o maior proprietário de riquixás de Calcutá. Ninguém sabia ao certo quantos veículos operavam sob o seu controle. Corria o boato de que havia pelo menos quatrocentos, dos quais mais de metade funcionavam ilegalmente, sem matrícula oficial. Caso, no entanto, alguém encontrasse Bipin Narendra nos degraus do Templo de Kali, quase de certeza lhe daria uma esmola. Com as calças demasiado largas, as sandálias usadas, a camisa cheia de nódoas e a muleta que servia de apoio a uma perna um pouco aleijada, mais parecia um mendigo do que um industrial. Só o eterno gorro branco no alto da cabeça careca eliminava um tanto a aparência pobre da sua pessoa. Ninguém sabia a sua idade; até ele apenas tinha uma vaga ideia, com uma margem de dois ou três anos; nunca bebera uma gota de álcool, nunca fumara um cigarro nem comera um grama de carne em toda a vida. Nem tão-pouco transpirara, obviamente, entre os varais dos riquixás que agora lhe proporcionavam a sua riqueza e destruíam homens em menos de duas décadas.

A sua recordação mais antiga datava do tempo em que saíra pela primeira vez da sua terra natal, o Biar, para vir ganhar a vida em Calcutá. “Foi no começo da Grande Guerra na Europa”, costumava contar. “Havia muitos soldados em Calcutá e todos os dias um número cada vez maior dos mesmos subiam a bordo dos navios que os esperavam. Realizavam-se paradas no Maidan e bandas regimentais tocavam música militar. A vida era muito mais divertida, muito mais do que na província onde eu nasci. Os meus pais eram camponeses sem terra, na realidade trabalhadores rurais. O meu pai e irmãos ofereceram os seus préstimos ao zamindar, mas só tinham trabalho durante alguns meses por ano. Aquilo não era vida.”

Bipin Narendra arranhou o seu primeiro emprego como ajudante de motorista de um ônibus que pertencia a um biari da sua aldeia. A sua função consistia em abrir as portas em todas as paragens e vigiar a entrada e saída dos passageiros. Havia um outro empregado além do motorista. Era ele que cobrava os bilhetes, de acordo com a distância em causa. Era ele também que tocava a campainha como sinal de arranque. “Eu invejava-o muito porque ele

metia ao bolso uma percentagem em cada bilhete e, dado que era hábito o cobrador repartir os lucros com o motorista, todos os ônibus competiam para arranjar passageiros. Muitos dizem que o sistema ainda hoje se aplica.”

Passados três anos, o dono do ônibus tinha dinheiro para comprar mais um veículo e Bipin Narendra recebeu o lugar de cobrador. Era incapaz de dizer quantos milhares de quilômetros tinha percorrido na grande metrópole. “Mas nesse tempo, a cidade era muito diferente. Não havia tantos habitantes e as ruas estavam limpas e bem conservadas. Os Ingleses eram muito rígidos. Podia-se ganhar dinheiro sem recorrer a subterfúgios e trabalhando honestamente.”

Os riquixás tinham constituído um êxito ribombante a partir do dia em que apareceram pela primeira vez, porque forneciam um meio de transporte mais barato do que qualquer carruagem puxada a cavalos ou um táxi. Um dia, em 1930, Bipin Narendra comprou duas dessas máquinas. Novas, custou cada uma duzentas rupias, mas ele conseguiu desenterrar algumas em segunda mão apenas por cinquenta rupias. Alugou-as imediatamente a dois exilados biaris da sua aldeia. Mais tarde pediu mil e seiscentas rupias emprestadas ao patrão e comprou mais oito riquixás japoneses novos em folha. Isto foi o começo da sua fortuna. Decorridos alguns anos, o homem que a partir dessa altura passou a ser conhecido por “o Biari” era dono de aproximadamente trinta carros. Com as rendas que cobrava diariamente comprou um pedaço de terra em Ballygunge, a sul de Calcutá, onde mandou construir uma casa. Ballygunge era uma região bastante pobre, habitada na sua maioria por modestos empregados hindus e muçulmanos e onde o preço de terra não era muito elevado. Entretanto o “Biari” casara-se e, sempre que a mulher ficava grávida, mandava construir mais um quarto na casa. Agora, era dono de uma mansão de quatro andares, a maior da área, porque a mulher lhe dera nove filhos, três rapazes e seis raparigas.

O “Biari” tinha trabalhado duramente. Ao longo de quase cinquenta anos levantara-se todas as manhãs às cinco horas e partia na bicicleta para fazer a ronda entre os condutores de riquixás e receber o pagamento do aluguer diário. “Não sabia ler nem escrever”, diria com orgulho, “mas sempre soube somar e nunca me esqueci de uma única rupia que me deviam.”

À medida que cada um dos filhos chegava à idade de trabalhar, foi diversificando gradualmente os seus negócios. Conservou o mais velho a seu lado para o ajudar a dirigir a frota de veículos, que agora ascendia a mais de trezentos. Colocou o segundo filho à frente de uma fábrica de parafusos que

era fornecedora a ferrovia. Para o mais novo comprou um ônibus que cobria o percurso da Praça Dalhousie aos subúrbios de Garia. A fim de conseguir o alvará para este trajeto particularmente lucrativo, dera um suborno considerável a um babu do município. Quanto às filhas, casara-as a todas, e casara-as bem! O “Biari” era, de fato, um pai afortunado! A mais velha era mulher de um tenente-coronel do exército, a segunda de um oficial da marinha. Casara as duas filhas a seguir com comerciantes, a quinta com um zamindar do Biar e a mais nova com um engenheiro do departamento de construção de estradas, um homem que trabalhava para o Governo de Bengala. No fim de contas, o saldo era soberbo para os descendentes de um camponês analfabeto.

Contudo, no entardecer da vida, o “Biari” havia perdido muito do seu antigo entusiasmo. “O negócio já não é como dantes”, lamentava-se. “Agora, tem de se ganhar dinheiro furtivamente. O esforço, o êxito e a sorte tornaram-se crimes. Cada um dos governos que têm vindo a dominar o nosso país desde a independência vem tentando liquidar os ricos e apropriar-se do fruto do seu trabalho, como se ao tornarem os ricos mais pobres conseguissem enriquecer os pobres! Aqui, em Bengala, os comunistas instituíram leis para restringir o poder privado. Decretaram que nenhum indivíduo tem o direito de possuir mais do que dez riquixás. Dez riquixás, imaginem! Como se eu pudesse sustentar a família com dez riquixás, quando me vejo obrigado a pagar constantemente a manutenção, as reparações, os acidentes e o suborno à polícia. Tive, por conseguinte, que zelar pelos meus interesses. Fiz o que todos os grandes proprietários faziam quando os proibiam de ser donos de mais de quarenta acres de terra. Transferi o título de propriedade dos meus carros para os nomes dos meus filhos e de vinte e dois netos. E cheguei mesmo a pôr riquixás em nome de uma dúzia de sobrinhos. Os meus trezentos e quarenta e seis veículos pertencem, oficialmente, a trinta e cinco proprietários diferentes.”

Na realidade, o único e verdadeiro dono de toda a frota era o “Biari”.

Poucos dos seus condutores de riquixá lhe conheciam o rosto. Alguns nem sequer sabiam a sua identidade. Durante os últimos dez anos tinha deixado de aparecer na área. “Agora, não passo de um velho que coxeia com a ajuda de uma muleta até encontrar o deus da Morte, pelo qual espero em paz e serenidade”, afirmava. “Tenho a consciência limpa. Sempre fui bom e generoso para os que puxaram os meus riquixás. Sempre que um deles tinha dificuldade em pagar o aluguer, concedia-lhe um ou dois dias de crédito.

Pedia-lhe, evidentemente, juro. Mas sem exagero. Pedia-lhe apenas vinte e cinco por cento ao dia. E sempre que um deles estava doente ou era vítima de um acidente, adiantava-lhe o dinheiro para remédios ou o médico. Aumentava em seguida o pagamento do aluguer para cobrir o que eu tinha pago e o condutor dispunha de várias semanas para me reembolsar. Agora, é o meu representante que trata desses assuntos. Infelizmente, hoje em dia, os condutores não têm a mesma mentalidade que dantes. Estão sempre a pedir qualquer coisa. Gostariam de qualquer varinha mágica que lhes desse a posse dos carros. Foram mesmo ao ponto de formar um sindicato com esse objetivo. E iniciaram greves. O mundo está virado de pernas para o ar. Portanto, agora, nós, os proprietários, tivemos de nos organizar. Também nós criamos um sindicato, o Sindicato de Todos os Proprietários de riquixás de Bengala. E temos quem nos dê proteção. Não havia simplesmente qualquer outra alternativa com um Governo que passa o tempo a virar os trabalhadores contra os patrões em nome da assim chamada luta de classes. Várias personalidades das altas esferas quiseram mesmo banir totalmente os riquixás a pretexto de que eles constituíam um insulto à dignidade humana e de que os condutores eram explorados como animais de carga. Conversa de chacha! Bem podem deitar pela boca fora o que lhes apetecer sobre o seu assim chamado respeito pelo ser humano. Nada mudará, porém, o fato de que existe mais de um milhão de desgraçados sem trabalho em Calcutá e que, ao eliminar-se o sustento de cem mil condutores de riquixás, se estará a condenar, oitocentas ou novecentas mil pessoas a morrer de fome. É uma questão de lógica, só que a política e a lógica não andam de mão dada. Há, por conseguinte, que puxar a brasa à sardinha sem dar nas vistas.”

Enquanto o seu empregado lhe trouxesse o dinheiro do aluguer todos os dias depois do pôr do Sol, o “Biari” saberia que nada mudara fundamentalmente. Para este homem no crepúsculo da vida existia ainda a alegria de ver a camisa do seu representante a abarrotar de maços de notas. “Os homens sábios da nossa nação dizem que o nirvana é a chegada à fase do desprendimento total. Para mim, o nirvana consiste em ser capaz, aos noventa e tal anos, de contar todas as noites, uma após outra, as rupias ganhas pelos meus trezentos e quarenta e seis riquixás no asfalto de Calcutá.”

XIX

“Quando eu era criança”, recordaria Stephan Kovalski, “costumava ir passear pelo campo e divertia-me a cortar as corolas das flores com um pau. Mais tarde, quando comecei a ir à escola, costumava apanhar uma flor e pô-la na minha carteira. Em seguida, disse de mim para mim que as flores eram belas no próprio sítio onde cresciam e, portanto, deixei de as apanhar e admirava-as no seu cenário natural. Passou-se o mesmo com as mulheres. Um dia, disse ao Senhor que não queria colher uma única mulher porque queria que elas florescessem exatamente onde estavam.

“O Paraíso é meu. Jesus é meu. Maria é minha. Tudo é meu, escreveu um dia S. João. Mal queremos agarrar-nos a uma coisa específica, tudo o resto nos escapa, ao passo que através do desprendimento se pode usufruir tudo sem que, de fato, se possua algo em particular. É esta a chave do celibato voluntário, sem o qual a castidade não faria sentido. Trata-se de uma escolha de amor. Por outro lado, o casamento significa a dádiva de si próprio, de corpo e alma, a um outro ser. No que se referia ao amor físico e carnal, teria sido fácil, mas eu achava impossível dar a minha alma a uma única pessoa. Já tinha decidido oferecê-la a Deus e não existia ninguém neste mundo com quem eu quisesse partilhar essa dádiva, nem sequer com a minha mãe que eu adorava. Aquele que por fim renunciou a uma mulher, filhos, um campo, em meu nome será recompensado cem vezes , disse Cristo; e Ele estava certo. Eu nunca tivera uma irmã e, no entanto, aqui na Cidade da Alegria, encontrei inúmeras irmãs, que me proporcionaram um alegria imensa. Com elas partilhei um sentido de comunhão e solidariedade que era tão essencial num bairro de lata, onde as pessoas precisam tanto umas das outras.

“Apesar de ter feito todas estas afirmações, como me era, no entanto, possível, algumas vezes, deixar de sonhar com uma certa ternura humana? Como é que no meio de tanta miséria, eu pude deixar de ceder a mulheres atraentes, que eram a própria imagem de graça e sedução com os seus saris multicores? Elas representavam a beleza no meio da fealdade do bairro de lata. Eram flores. O meu problema consistia em adaptar-me à sua presença e manter-me lúcido. Na medida em que decidira não procurar um amor duradouro, com todas as implicações associadas, também não tinha o direito de aceitar amores de passagem. No fim de contas, eu respondera de uma vez

por todas ao chamamento do Senhor dos Evangelhos e fizera minha a sua proibição de não ter outro lar para além daquele que Ele me mostrasse.

“Não me encontrava numa situação muito confortável, em particular dado que a minha reputação de ser uma espécie de Pai Natal arrastava, frequentemente, as mulheres do bairro até mim. Uma insinuação, uma mão pousada sobre a minha, uma determinada maneira de ajeitar um sari ou um olhar perturbador levavam-me, algumas vezes, a achar as suas intenções suspeitas. No entanto, talvez eu estivesse enganado, porque, na Índia, os elos entre homens e mulheres têm muitas vezes o cunho de uma certa ambiguidade. A semelhança da maioria das outras mulheres indianas, ainda não influenciadas pelos movimentos de libertação feministas, as mulheres da Cidade da Alegria’ apenas dispunham de sedução para conquistar a atenção masculina e afirmar a sua identidade.

“Eu esperava que a minha situação bem conhecida de religioso me protegeria destas manifestações emotivas, mas errei, o que não era, realmente, de surpreender. Não existia sempre, em todas as obras da literatura sagrada hindu uma cena em que o guru era tentado? E quanto às esculturas eróticas dos templos, onde verdadeiras orgias estavam retratadas nos baixos-relevos? Apercebi-me de que era também nos períodos de descontração que a tentação me atingia mais duramente, e não em alturas de intensa provação. Era sempre durante uma fase em que a minha relação com Deus se encontrava de certo modo enfraquecida que eu me sentia mais vulnerável. Quando não se acha a alegria em Deus, procura-se noutro lado.

“Tive particular consciência deste tipo de perigo na minha relação com Margareta, a jovem viúva cristã que me trouxera pão e vinho para a minha primeira missa no bairro de lata. Não que ela tivesse alguma vez esboçado o mínimo gesto ou feito qualquer insinuação comprometedora, mas o seu corpo, moldado sob a musselina, emanava uma sensualidade, uma fragrância, um magnetismo aos quais me era mais difícil resistir comparativamente ao fascínio de outras mulheres. Além de que uma tal capacidade de amor, um tal abandono emanava das suas feições, do seu olhar, sorriso e porte que esta flor me parecia sempre aberta. Talvez estivesse enganado. Desconfiava que a minha capacidade de julgamento sofria a distorção do que me rodeava.

“Uma noite, no final de um desses dias que a descida do barômetro tornara particularmente penoso, num desses dias em que a camisa se pega às costas e a mente se esvazia de qualquer centelha de energia, eu estava a tentar rezar diante da imagem do Santo Sudário. A pequena chama da minha

lamparina fazia com que o rosto de Cristo e a minha sombra executassem um bailado fantasmagórico naquela atmosfera úmida. Sentia-me como se flutuasse num barco à deriva. Esforcei-me em vão por concentrar o coração e a alma no Senhor. Sentia-me terrivelmente abandonado. Foi nessa altura que me apercebi da sua presença. Não a tinha ouvido entrar, mas tal não era de surpreender. Ela movia-se com uma agilidade felina. Foi o cheiro que a denunciou, a delicada fragrância de pachuli. Fingi que não dera por nada. Eu estava a rezar em voz alta, mas as palavras não tardaram a transformar-se em meros sons. Esta presença, este respirar suave no escuro, o pensamento desta mulher, que eu não podia ver mas cujo perfume sentia, envolvia-me numa magia ao mesmo tempo maravilhosa e terrível. Era como se o Senhor me tivesse abandonado por completo. Do outro lado da parede chegou-me um queixume, depois um ruído de tosse e em seguida um gemer ininterrupto. A agonia de Sabia, o meu irmãozinho muçulmano, acabara de recomeçar.

“Aqueles gritos de angústia impeliram-nos de imediato um para o outro. À semelhança de duas vítimas de um naufrágio que se agarram à mesma boia, nós éramos dois seres angustiados, desejando proclamar no limiar da morte o nosso irresistível desejo de viver.

“Uma deliciosa euforia invadia-me no momento em que uma pancada na porta me libertou das garras da tentação. O Senhor acorrera em meu auxílio.”

— Grande Irmão Stephan! — chamou a mãe de Sabia. — Vem depressa. Sabia quer ver-te.

XX

Hasari Pai apareceu na esplanada de Park Circus, mas Ram Chander, o seu amigo condutor de riquixás, não estava lá. O camponês decidiu esperar.

“Aquele indivíduo era a minha única esperança”, explicaria. “A minha única garantia de que, algures, nesta cidade infernal, havia também uma lamparina que ardia para mim. Estava preparado para esperar até a noite, pela noite fora, se necessário, e pelo dia seguinte também.”

Ram Chander apareceu ao começo da tarde. Vinha sem riquixá e tinha um ar desanimado.

— Aqueles safados apanharam-me o riquixá resmungou entre dentes. — Na noite passada, depois de ter largado a senhora que entrou quando nos separamos, dirigia-me a casa tranquilamente, quando um polícia me mandou parar. A noite caíra naquele momento. “Onde está a tua lanterna?”, perguntou-me o filho da mãe. Pedi-lhe desculpa, respondi que me esquecera de a levar comigo nessa manhã. Mas ele não quis saber. Sugeriu o negócio habitual.

— O negócio habitual? — repetiu Hasari surpreendido.

Sim, claro! “Dá-me quinze rupias”, diz-me ele “ou prendo-te e levo-te para o posto da polícia.” De nada me valeu ter protestado que não tinha esse dinheiro. Mostrou-se de cal e

pedra. Empurrou-me para o posto da polícia, enquanto me batia com o lathi 1. Ali confiscaram-me o carro e, como se isso não bastasse, fizeram queixa oficial e mandaram-me aparecer amanhã no tribunal da polícia. Vão-me passar uma multa de pelo

menos trinta rupias.

Ram puxou uma longa fumaça do cigarro, que conservava na mão em concha.

— Vamos comer alguma coisa — disse. — Até os piores problemas parecem mais fáceis de resolver com o estômago cheio.

Bastão.

Conduziu Hasari até um restaurante barato, em Durga Road, que era um local que costumava frequentar. Compunha-se de uma pequena divisão térrea com cinco mesas de tampo de mármore. O proprietário, um gordo muçulmano, em tronco nu, vigiava as panelas. Na parede atrás dele estava

pendurada uma gravura suja da Kaaba, a grande pedra negra sagrada de Meca. Em cada mesa havia uma tigela de sal grosso e de pimentos secos e no tecto uma ventoinha antiga mostrava indícios de uma fadiga crescente a cada volta das pás. Pairava um forte cheiro a fritos. Um rapazinho trouxe-lhes dois pratos de arroz e uma tigela de dal (lentilhas cozidas). Os dois amigos deitaram a sopa em cima do arroz e mexeram tudo com os dedos, após o que comeram em silêncio. Isto foi um verdadeiro festim para Hasari, a sua primeira refeição a sério desde que chegara a Calcutá. Quando acabaram, o optimismo de Ram Chander voltara.

— Há riqueza bastante nesta cidade para encher o estômago a todos. — Hasari alisou o bigode e fez uma expressão céptica. — É verdade, garanto-te — prosseguiu o condutor de riquixá. — Continuas a pensar como um camponês. Contudo, em breve serás um verdadeiro wallah (Habitante de Calcutá) e conhecerás todos os truques!

Ram Chander deixou três rupias em cima da mesa e seguiram para o hospital. Percorreram uma larga avenida que era utilizada pelos carros eléctricos até chegarem à estação ferroviária de Sealdah. Ao lado havia um mercado, onde o condutor de riquixá comprou algumas tangerinas e bananas para o trabalhador ferido que iam visitar.

“Na parte de fora do hospital havia ainda mais pessoas do que no dia anterior”, contaria Hasari. “Todos tentavam entrar. Só se ouviam gritos e discussões à nossa volta. Uma ambulância com uma cruz vermelha quase atropelou algumas pessoas que se aglomeravam na entrada das urgências, onde tínhamos deixado o nosso amigo no dia anterior. Pensei, por instantes, que a multidão encolerizada ia fazer o motorista em tiras, mas ele conseguiu escapar-se e abrir a porta das traseiras do veículo. Lá dentro distingi alguns corpos cobertos de sangue. Davam a sensação de que haviam sofrido queimaduras; pedaços de carne pendiam-lhes das pernas. Não era um espetáculo agradável, mas a verdade é que estávamos num hospital e não num arrozal. A um canto do pátio via-se uma série de ambulâncias enferrujadas com os vidros partidos e os pneus em baixo. Mal se distinguiam as cruzes vermelhas. Alguns leprosos haviam feito deste pátio de ferro-velho o seu lar.

“Percorremos os corredores do hospital, tentando encontrar o nosso amigo. Uma enfermeira indicou-nos uma sala. Acho que devia ser a chefe, porque era a única que trazia um cinto largo à cintura, um enorme molho de chaves e divisas nos ombros. Além de que parecia assustar toda a gente. À

nossa esquerda e direita havia divisões maiores, onde funcionários escreviam, bebiam chá e conversavam, rodeados por montanhas de papel atadas com finos cordéis. Alguns dos papéis já deviam estar ali há muito tempo, pois apresentavam-se cobertos de poeira — pelo menos, os que os ratos tinham deixado. Por falar de ratos, vimos muitos a andar por ali. Levavam decerto uma vida maravilhosa num lugar como aquele. Ram informou-me que algumas vezes atacavam os doentes e os feridos. Citou o caso de uma mulher idosa e paralisada a quem roeram os pés e as mãos durante a noite.

“Ram meteu furtivamente uma nota de cinco rupias na mão do enfermeiro encarregado do bloco operatório. Era uma ampla divisão com várias janelas e grandes ventoinhas verdes no tecto. Havia cerca de cinquenta camas apertadas umas de encontro às outras. À cabeceira da maioria das camas estava pendurada uma garrafa de onde saía um tubo, que entrava no corpo do doente. Regra geral o líquido apresentava-se claro como água, mas em alguns casos era vermelho. Devia tratar-se de sangue de qualquer pobre tipo como eu que o vendera para dar de comer aos filhos. Avançamos pelo meio das camas à procura do nosso amigo. Não era muito agradável, devido ao espetáculo que alguns dos doentes ofereciam. Havia um pobre velho aprisionado da cabeça aos pés num colete de gesso. As enfermeiras iam de cama em cama, empurrando carros com frascos de todas as cores imagináveis, algodão, ligaduras e instrumentos. Estas mulheres deviam ter um coração generoso para se dedicarem a este tipo de trabalho. Alguns doentes agarravam-se aos saris brancos; outros empurravam-nas com insultos e ameaças.

“O nosso amigo estava deitado num charpoi, uma armação feita de corda fina, porque já não havia camas de ferro disponíveis. Pareceu satisfeito ao ver-nos. Disse-nos que lhe doía muito o pé, mas, ao pronunciar as palavras, devia estar consciente de que lho haviam amputado. Ram estendeu-lhe os frutos. Ele sorriu, pegou numa tangerina e apontou para a cama ao lado onde jazia um pequeno corpo com a cabeça, braços e pernas envoltos em ligaduras. A criança queimara-se numa explosão de um fogão de parafina e soltava ligeiros gemidos. Descasquei o fruto que o trabalhador acidentado me entregara e coloquei um gomo entre os lábios do rapaz. Ele abriu a boca e engoliu com grande dificuldade. A pobre criança era da mesma idade que o meu Shambu.

“O nosso amigo estava em muito má forma. Tinha a barba crescida, o que lhe acentuava o aspecto doentio. Ram e eu fizemos o que nos era possível

para o consolar e garantir que não o abandonaríamos. Não tinha ninguém em Calcutá. Tínhamos nos tornado sua família. Não falo em nome de Ram, mas, no que me dizia respeito, pouca vantagem havia em ter um vagabundo como eu a servir-lhe de família.

“Ficamos algum tempo junto dele. Devia estar com febre elevada, pois tinha a testa constantemente molhada. Um enfermeiro acabou por nos mandar sair. O nosso amigo agarrou-nos nas mãos, mas tínhamos de ir embora. Dissemos mais algumas coisas, para tentar elevar-lhe o moral, e prometemos voltar. Antes de sair da sala, voltei-me uma vez mais. Vi que erguia a mão num gesto vago, assemelhando-se a um junco agitado pela brisa noturna.”

XXI

Uma família muçulmana de sete pessoas — quatro crianças e três adultos — ocupava o cubículo anexo ao quarto de Stephan Kovalski. O chefe da família chamava-se Mehboub. Era um homem baixo, seco e musculoso, na casa dos trinta, com uma expressão enérgica e resoluta por baixo das sobancelhas espessas e de uma testa meio encoberta por uma madeixa de cabelo encaracolado. A sua mulher, Selima, usava uma pedrinha enfiada na asa do nariz. Embora estivesse grávida de alguns meses, andava numa rodaviva, varrendo, limpando tachos e panelas, preparando refeições ou lavando roupa. A mãe de Mehboub, uma velha de cabelo branco cortado tão curto que mal se distinguia, vivia com eles. Mantinha-se horas a fio acocorada na ruela, murmurando versículos do Corão. Nasir, o filho mais velho e que tinha dez anos, estava empregado numa pequena oficina de cromagem. Duas das suas irmãs frequentavam a escola maometana. A mais nova, apenas com três anos de idade, brincava na ruela. A família vivia bastante bem. Há treze anos que Mehboub trabalhava de dia num estaleiro naval, a fabricar hélices de barcos. Ganhava cerca de trezentas rupias por mês, uma pequena fortuna num bairro de lata onde milhares de famílias não conseguiam uma rupia diária por pessoa.

Durante várias semanas as relações de Stephan Kovalski com os vizinhos limitara-se à mera troca de um delicado Saïam, de manhã e à noite. Estes muçulmanos (e não eram os únicos) persistiam em desaprovar a intrusão de um padre católico estrangeiro na sua vizinhança. Como sempre, foi graças às crianças que as relações se descongelaram gradualmente. Algumas atenções, indícios de interesse pelas suas brincadeiras, foi tudo o que bastou para os conquistar.

Um incidente dramático iria romper o gelo de uma vez por todas. Uma noite, Mehboub voltou do trabalho com um ar totalmente desanimado. O estaleiro acabara de dispensar a sua mão de obra. Era uma prática vulgar desde o estabelecimento de uma lei que obrigava os patrões a pagarem aos empregados numa base de ordenado mensal após vários meses de trabalho regular. A exceção daqueles cujos interesses eram beneficiados por esta lei, ninguém desejava vê-la implantada. Dizia-se mesmo que o Governo, o patronato e os sindicatos tinham de fato reunido forças contra ela. O Governo, na medida em que o aumento do número de operários pagos numa

base de ordenado mensal reforçaria fatalmente a força dos sindicatos; o patronato, porque um operário a trabalhar em condições precárias se podia explorar muito mais facilmente; os sindicatos, dado os seus membros se comporem de trabalhadores pagos ao mês e ansiosos por limitarem as vantagens à sua minoria. Além disso, como sempre acontece na Índia, às razões objetivas vinham juntar-se princípios tradicionais, herdados do passado. Caso os operários pagos ao dia passassem a receber um salário mensal, o que seria do costume segundo o qual o filho mais velho de um operário com salário mensal tinha o direito ao privilégio de ser empregado pela fábrica onde o pai trabalhava? Por conseguinte, todos conspiraram para dar a volta à lei. A fim de evitar que se concedessem contratos de trabalho, as pessoas eram despedidas periodicamente e depois voltadas a contratar. E, assim, milhares de homens viviam sob a inquietação de não saberem se teriam o emprego à sua espera no dia seguinte. Após treze ou catorze anos, quando já não era possível deixar de os pôr ao abrigo de um contrato, despediam-nos de uma vez por todas. Fora isto o que acontecera ao vizinho de Stephan Kovalski.

Este homem robusto, com os músculos das pernas, peito e ombros endurecidos pelo trabalho, começou a decair ante o olhar de Kovalski e no espaço de semanas. Encarquilhou-se como um fruto seco. Com o estômago vazio, percorria quilômetros, diariamente, pelos subúrbios industriais de Calcutá à procura de qualquer meio de ganhar um bocado de pão. À noite, fatigado, entrava no quarto do padre e deixava-se cair, sem uma palavra, diante da imagem do Santo Sudário de Cristo. Por vezes mantinha-se assim uma hora, sentado na posição de lótus em frente do rosto do Homem ao qual em tanto se assemelhava.

“Pobre Mehboub”, lamentaria Kovalski. “Enquanto estava a rezar diante da imagem sagrada, eu revoltava-me contra o Senhor, como o fizera por causa da agonia do pequeno Sabia. Achava tão difícil aceitar que Ele permitisse que tais injustiças ocorressem!”

Os sete membros daquela família não tardaram a ter de sobreviver das vinte rupias que Nasir, o filho mais velho, ganhava todos os meses na oficina onde durante doze horas por dia mergulhava num banho de cromio os aparos de canetas de tinta permanente. Embora passasse todo o dia a inalar vapores tóxicos do metal sob a eletrólise Nasir era um jovem robusto, o que não constituía surpresa. Nas famílias pobres a comida reservava-se sempre para o que trabalhava. Aos outros restavam as migalhas. Nasir completava o salário

com as dez rupias que Kovalski lhe dava. Todas as manhãs, ao romper do dia, levava uma tina cheia de água e guardava lugar para o padre nas latrinas, após o que regressava a correr e informava Stephan de que a sua vez chegara.

Uma noite, depois de meditar em frente da imagem de Cristo, Mehboub convidou o padre a ir a sua casa. A divisão media cerca de um e meio por dois metros. Dois terços eram ocupados por uma plataforma baixa feita de tábuas e que servia de mesa durante o dia e de cama à noite, quando a tapavam com uma manta de farrapos. A filha mais nova dormia entre a mãe e a avó na “cama-mesa”, enquanto Nasir e as duas irmãs mais velhas dormiam por baixo. Quanto a Mehboub, estendia-se numa esteira, lá fora, por baixo do alpendre. A outra única peça de mobiliário consistia num baú de metal, onde as roupas para os dias festivos do calendário eram religiosamente guardadas, envoltas em cartazes de cinema arrancados às paredes de Calcutá. À semelhança de milhões de outras mulheres indianas, Selima alimentava a chula com estrume de vaca e pedaços de carvão apanhados junto à via-férrea. A sua barraca sem janelas, água, nem eletricidade apresentava-se, no entanto, meticulosamente limpa, a tal ponto que o chão de terra batida parecia mármore. Ninguém sonharia em pisá-lo sem primeiro se descalçar.

Quanto maior era a miséria mais caloroso era o acolhimento. Mal Kovalski entrou sob o telhado dos vizinhos, eles apressaram-se a oferecer-lhe chá, jelebi (Pequenos fritos adocicados em forma de travesseiro) e outras guloseimas, tão apreciadas pelos Bengaleses. No espaço de segundos tinham esgotado os seus recursos de dias, apenas para o honrar à sua maneira.

Stephan Kovalski desejava, naturalmente, ajudar esta família, mas como fazê-lo sem cair na armadilha de se transformar num Pai Natal estrangeiro? Um incidente relativamente insignificante proporcionou-lhe a solução. Uma manhã, quando estava a cozinhar arroz no seu fogão de petróleo, queimou a mão. Serviu-se da sua falta de jeito como pretexto para perguntar à mulher do vizinho se ela, de futuro, se disporia a preparar-lhe as refeições. Como pagamento pela sua alimentação ofereceu-lhe três rupias por dia, uma soma principesca, segundo os padrões do bairro. Para o polaco esta era, na realidade, uma oportunidade de fazer uma experiência a que se dispusera. Insistiu em que a jovem mulher lhe preparasse exatamente a mesma comida que para a família.

“Como é que eu poderia partilhar verdadeiramente as condições de vida dos meus irmãos da Cidade da Alegria’ sem conhecer a sua maior angústia?”, viria a dizer. “A angústia que condicionava cada momento da sua vida: a

Fome. A Fome com maiúscula, bem entendido. A Fome que, ao longo de gerações, açoitara milhões de pessoas neste país, ao ponto de a fronteira real entre os ricos e pobres se delimitar ao nível do estômago. Havia os dobela, que comiam duas vezes por dia, os ek-bela, que só comiam uma vez, e os outros, que nem sequer garantia tinham de uma refeição diária. Eu era um tin-bela, o representante quase exclusivo de uma espécie de consumidor desconhecido nos bairros de lata.”

A mulher do vizinho olhou surpreendida para o polaco.

— Tu, um padre sahib! — protestou. — Tu de quem se diz que és um dos homens mais ricos do teu país, queres comer a comida dos pobres? Não é possível, Daddah Stephan. Deves ter enlouquecido!

“Como desejei pedir-te perdão, irmãzinha Selima!”, diria Kovalski. “Como podias compreender um segundo que fosse, tu que viveste entre os restos, que nunca viste um pássaro ou a folhagem de uma árvore, tu que sentias um outro inocente a mexer-se no teu interior, uma criança que amanhã sugaria os teus seios vazios chorando de fome, sim, como podias compreender que alguém fosse bastante louco para trocar um karma no paraíso por este infernal bairro de lata e vir partilhar a tua pobreza?”

— Falo a sério, irmãzinha — confirmou Kovalski. — A partir de amanhã, serás tu a fazer-me a comida, se me fizeres esse favor.

No dia seguinte, ao meio-dia, uma das filhas de Selima levou-lhe um prato com a sua comida para o dia: uma concha de arroz, um pouco de couve e de nabo e algum dal, as lentilhas que eram frequentemente as únicas proteínas ao dispor dos pobres da Índia. Para os outros ek-bela do bairro de lata, esta teria sido uma ração principesca. Com o seu apetite europeu, mais acostumado aos excessos alimentares do que à frugalidade indiana, o polaco preparou-se para engolir a sua refeição em dois minutos. No entanto, e como receara, Selima tinha-se mantido fiel à tradição indiana, que exigia que em toda a comida se pusesse malagueta e outras especiarias igualmente picantes. Só lhe restava a alternativa de engolir cada bocado lenta e cuidadosamente. Um dia em que se insurgiu na presença de um médico indiano contra este costume, que retira todo o sabor aos alimentos, Kovalski descobriu o verdadeiro motivo desta prática culinária. Na medida em que provoca transpiração, ativa a circulação do sangue e acelera a assimilação, a malagueta é principalmente um meio de enganar a fome para milhões de seres subalimentados. E, sobretudo, ajuda a engolir o que quer que seja, mesmo comida putrefata!

O polaco, que não tinha uma atividade física extenuante, aguentou corajosamente a sua nova dieta durante os dois primeiros dias. Sempre que a fome o atormentava, ia beber uma xícara de chá açucarado à loja do velho hindu. Ao terceiro dia, porém, as coisas modificaram-se. Começou a ter violentas dores de estômago, acompanhadas de vertigens e de suores frios. Mal ingeriu a sua única refeição, viu-se obrigado a enroscar-se na esteira, vencido pela dor. Tentou rezar, mas parecia-lhe ter o espírito tão vazio como o estômago. Durante o dia seguinte e os outros, a fome não o deixou em paz. Sentia-se envergonhado. Eram tão poucas pessoas aqui que tinham a sorte de comer todos os dias um prato semelhante ao que Selima lhe cozinhava... Tomou consciência das reações do corpo. A pulsação aumentara consideravelmente e o mesmo aconteceu com a respiração. “Serei capaz de aguentar?”, interrogava-se, humilhado por se sentir reduzido a um farrapo, enquanto os seus companheiros de miséria, com muito menos calorias, continuavam a puxar carros ou a transportar cargas mais adequadas a bestas. Mas ao cabo de alguns dias deixou de ter perturbações e a sensação de fome desapareceu como que por magia. O corpo havia-se adaptado. Não só deixara de sofrer como experimentava mesmo uma certa sensação de bem-estar.

Foi então que cometeu um erro fatal. Dado que um visitante francês lhe tinha trazido uma caixa de almôndegas de Lião e um queijo camembert, foi oferecer estas especialidades do seu país de adoção aos vizinhos que tão pouco tinham. Mehboub apenas se dispôs a aceitá-las caso o seu amigo as partilhasse também. O resultado foi desastroso. Despertou um apetite incontrolável no polaco. As náuseas, as cólicas e as vertigens reapareceram com um vigor renovado. Kovalski sentia-se enfraquecer de dia para dia. Os músculos diminuía a olhos vistos. Os braços, as coxas, as pernas e os peitorais pareciam vazios. Perdeu mais alguns quilos. A mais leve tarefa, como a de ir encher o balde à bica, exigia-lhe um esforço incomensurável. Era-lhe difícil estar de pé mais de meia hora. Sofria de alucinações. Pesadelos atormentavam-no durante o sono. Chegou mesmo a abençoar o coro dos ratos que o acordava na altura em que, nos sonhos, uma procissão infindável de homens descarnados se aproximava dele. Vivía uma experiência física da maldição da fome. Tanto a nível físico como mental, Stephan Kovalski ingressara nas fileiras da maioria dos habitantes de Anand Nagar. E, por conseguinte, atingira o seu objetivo.

Não era, porém, um idiota. Conhecia o percurso exato da sua experiência e os seus limites.

“Assemelhava-me a esses náufragos voluntários que sabem que os irão socorrer ao fim de algum tempo. Ao passo que o drama dos verdadeiros náufragos é o desespero. Sabia que, se a minha fome ultrapassasse os limites suportáveis, bastava-me um gesto para comer até me saciar. Sabia que, se tivesse o mínimo problema de saúde, trinta e seis pessoas acorreriam em meu auxílio.

“Mehboub e todos os outros habitantes da Cidade da Alegria eram náufragos verdadeiros. Aos apelos dos seus estômagos vazios acrescia-se a angústia dos que não tinham esperança de salvação. E, portanto, a sua dignidade assumia dimensões ainda mais extraordinárias. Da boca do meu vizinho jamais saía qualquer queixa. Só deixava demonstrar o seu tormento quando a filha mais nova chorava de fome. Nessas alturas o seu belo rosto contorcia-se de desespero. Reagia, porém, rapidamente. Pegava na menina, sentava-a nos joelhos, contava-lhe uma história e cantava-lhe uma canção. E a criança não tardava a rir. Esquecida da fome, libertava-se dos braços do pai para retomar a brincadeira na ruela. Havia, no entanto, alturas em que nada servia para lhe acalmar o choro. Era então que Mehboub pegava na filha e ia a um recinto vizinho pedir um bocado de chapati. Jamais um outro pobre lhe fechava a porta. Era essa a lei do bairro de lata.”

XXII

Com a sua camisa de algodão cinzento, as calças de linho bege e as sandálias de couro, Musafir Prasad diferenciava-se visivelmente dos outros cavalos humanos. Depois de vinte anos a penar entre os varais de um riquixá, passara para o lado do capital. Aos quarenta e oito anos, este antigo camponês emigrado de Biar tornara-se patrão. Era o homem de confiança de Bipin Narendra, o velho proprietário de riquixás. Por baixo dos cabelos negros ondulados e brilhantes com o óleo de mostarda, o seu cérebro funcionava como um autêntico computador. Este homem de orelhas proeminentes e queixo de velha geria o império dos trezentos e quarenta e seis carros e dos cerca de setecentos cavalos humanos que os puxavam; e fazia-o sem se servir de lápis ou de papel, pela boa razão de que não sabia ler nem escrever. Nada escapava, porém, à vigilância diabólica deste fenómeno dotado do dom da ubiquidade. Quer fizesse quarenta e cinco graus à sombra ou a monção se mostrasse rigorosa, percorria diariamente algumas dezenas de quilômetros na sua velha bicicleta. Devido às pernas um pouco arqueadas e à forma como bamboleava ao pedalar, fora alcunhado de “o Pernalta” pelos condutores de riquixá. E, por estranho que pudesse parecer, todos os que pululavam as ruas desta cidade desumana gostavam do “Pernalta”.

“Quando o Velho me mandou chamar para que tomasse conta de tudo”, contava, “julguei que Deus fazia desabar o céu em cima da minha cabeça. Ao longo dos vinte anos em que trabalhara para ele, sempre me havia limitado a tarefas insignificantes, como os consertos de riquixás, os subornos de polícias, os acidentes, os expedientes e coisas do gênero. No entanto, a sacrossanta colecta dos pagamentos diários de aluguer pertencia-lhe exclusivamente. Nunca deixava de a fazer, nem quando a água lhe chegava às coxas. Era só ele que conhecia todos os meandros, pois embora a maioria dos condutores de riquixá pagasse o aluguer dos seus veículos ao dia, havia outros que regularizavam as contas à semana ou ao mês. Alguns pagavam um preço inferior a outros, dado que as reparações eram à sua custa e conduziam um riquixá sem licença. Na medida em que havia dois homens para cada carro, era necessário o controle de cerca de setecentos ou oitocentos indivíduos. Uma tarefa imensa que, aparentemente, só a grande cabeça do Velho podia cumprir. Um dia, no entanto, o Velho começou a sentir o peso dos anos. Escuta-me, Musafir, disse-me. Há muitos anos que tu e eu nos

conhecemos. Somos ambos biaris e confio em ti. Serás o meu representante. A partir de agora cobrarás o dinheiro e virás trazê-lo aqui todas as noites. Dar-te-ei cinco paiza por cada rúpia. O Velho não era uma pessoa com quem se pudesse discutir. Prostrei-me por terra a fim de lhe tocar os pés e levei as mãos à cabeça. Sois o filho do deus Shiva. Sois o meu senhor, respondi e ficar-vos-ei eternamente grato.

“No dia seguinte, levantei-me às quatro da manhã, porque queria ir às latrinas e ao chafariz antes dos outros meus vizinhos. Os quatro companheiros com os quais partilhava uma barraca, nas imediações da grande casa do Velho, ainda estavam a dormir. Também eles trabalhavam para o Velho como camionista, mecânico, condutor de riquixá e marceneiro. Também eles eram biaris, e também eles tinham deixado as famílias nas suas aldeias, a fim de vir ganhar a vida em Calcutá.

“Às quatro e meia, montei na bicicleta e pedalei diretamente até o Templo de Lakshmi, a nossa deusa da Prosperidade, por detrás do Bazar Jagu. Estava escuro como breu e o brâmane dormia ainda por detrás do locutório. Toquei a sineta e acabou por aparecer. Dei-lhe dez rupias e pedi-lhe que celebrasse uma puja só para mim, a fim de que o dia pudesse iniciar-se sob os melhores auspícios. Levara comigo um cartucho de arroz, algumas flores e duas bananas. O padre colocou as minhas ofertas numa bandeja e penetramos no interior do santuário. Ele acendeu algumas lamparinas, após o que recitou mantras ante a divindade. Repeti algumas orações. A puja encheu-me de uma alegria imensa e da certeza de que a partir desse dia iria ganhar uma enorme quantidade de rupias. Prometi solenemente a Lakshmi que quanto mais dinheiro tivesse mais ofertas lhe traria.

“Depois da puja voltei a montar na bicicleta e pedalei na direção de Lowdon Street, perto da escola de enfermeiras da Clínica de Bellevue, onde o Velho tinha seis riquixás. Devido àquela hora matutina, todos os condutores ainda estavam presentes. Dormiam nos assentos forrados de oleado, com as pernas pendentes. A maioria dos condutores não tinha outro sítio onde viver. O seu veículo servia-lhes de casa. Na medida em que eram dois para um único carro, havia frequentes discussões, que me competia resolver. Não era fácil dizer a um que podia dormir no seu velho traste e ao outro que não!

“Dirigi-me em seguida a Theatre Road, onde o Velho tinha uma dúzia de carros. Cortei depois por Harrington Street, uma bela rua residencial com bonitas mansões rodeadas de jardins e edifícios habitados por ricos e estrangeiros. Do lado de fora do portão de uma destas casas havia sempre

guardas uniformizados e uma bandeira americana. O Velho era dono de, pelo menos, trinta riquixás neste sector. Dado tratar-se de um bairro abastado, era igualmente um local com problemas. Havia sempre um ou dois tipos aos quais a polícia confiscava os carros, sob qualquer pretexto. E os polícias exigiam subornos muito elevados por saberem que aqui os homens ganhavam melhor do que noutros locais. Bastava olhar para o passeio junto da polícia de Park Street, em frente da Universidade de São Xavier. Estava permanentemente a abarrotar de riquixás confiscados, acorrentados uns aos outros e numa extensão de mais de cem metros. Naquela primeira manhã, vi-me obrigado a fazer um não mais acabar de salamaleques e a untar as mãos daqueles brutamontes com mais de sessenta rupias para desobrigar três carros, uma formalidade que sempre complicava a minha contabilidade, na medida em que me obrigava, consequentemente, a certificar-me de que as rendas dos condutores em causa aumentavam durante um número determinado de dias.

Depois de Harrington Street dirigi-me a toda a pressa à estação em frente do Bazar Malik, à esquina do grande cruzamento de Park Street e Lower Circular Road, onde, de entre os trinta ou quarenta riquixás ali estacionados, uma boa vintena era igualmente propriedade do Velho. No entanto, antes desta nova paragem arrumei a bicicleta à esquina de New Park Street para beber uma xícara de chá. Chá bem quente, bem forte e com muito açúcar como só Ashu, um gordo punjabi instalado no passeio, sabia preparar. O seu era o melhor chá das ruas de Calcutá. Ashu misturava o leite, o açúcar e o chá na chaleira com tal gravidade que se diria um brâmane a executar o Arati (Cerimonia da oferta das luzes). Invejava a maneira como ele passava os dias, sentado de pernas cruzadas no meio dos seus utensílios e desfrutando da elevada consideração dos clientes.

“Pedalei depois rumo ao mercado de peixe, carne e legumes de Park Circus, junto do qual estavam sempre estacionados uns cinquenta carros. À medida que progredia na minha volta, a fralda da camisa, onde metia as notas, aumentou a ponto de formar um enchumaço em redor da cintura. Fazer desporto em Calcutá com uma barriga enorme já era por si uma sensação estranha, mas o fato de essa barriga se dever a um maço de notas de banco elevava-se ao domínio do fantástico. A esta hora muitos dos condutores já estavam em movimento ou cruzavam as ruas tocando os guizos contra os varais para atrair a atenção da clientela. Isto significava que eu tinha de percorrer metade da cidade. Ao meio-dia, porém, cheguei ao sector das

escolas e colégios, para onde centenas de riquixás convergiam duas vezes por dia. Levar e trazer as crianças da escola constituía, de fato, uma especialidade da corporação e a única oportunidade de ter proventos regulares, na medida em que cada criança tinha geralmente o seu condutor habitual. Chamava-se a isto um ‘contrato’ e, ao tornar-se beneficiário de um ou mais contratos diários, um condutor podia duplicar ou mesmo triplicar a quantidade de dinheiro que enviava mensalmente à família. Era também uma bela garantia de dignidade junto dos clientes. Mas quantos tinham esta oportunidade?

“Eu sabia que para executar corretamente o meu trabalho precisava de um coração de ferro como o do meu patrão. Senão, como exigir o aluguer de cinco ou seis rupias a um pobre diabo cujo carro ainda não se deslocara do mesmo sítio? Sabia, que para poderem pagar, muitos tinham de se privar de comer durante alguns dias. Pobre gente! Como puxar dois clientes e os respetivos embrulhos ou duas gordas mulheres da zona rica sem ter nada no estômago? Todos os dias havia condutores que desmaiavam na rua. E sempre que um deles não conseguia voltar a pôr-se de pé, competia-me procurar um substituto. Graças a Deus não faltavam candidatos! Contudo, o Velho prestava sempre o maior cuidado à escolha dos condutores, recolhendo informações. Tinha bons motivos para agir assim. Não queria envolver-se na política. As reivindicações por isto ou aquilo, chantagem, ameaças, greves, eram um pesadelo para ele. Não quero vermes nas minhas goiabas, Musafir, dizia repetidamente, na medida em que agora os condutores tinham os seus próprios sindicatos e o Governo tentava infiltrar nas suas fileiras falsos condutores que promoviam manifestações contra os proprietários. Dizia-se que deveria ser concedida aos condutores de riquixá a propriedade dos seus instrumentos de trabalho. Até agora, ainda nada se conseguira nesse sentido. Conhecia um ou dois que, tal como eu, se tinham tornado os representantes dos patrões. Conhecia também alguns que tinham conseguido trocar os varais pelo volante de um táxi. Não conhecia, porém, um único que tivesse conseguido comprar o seu próprio riquixá. Nem sequer uma velha geringonça sem licença de circulação.

“A generosa deusa Lakshmi não ficou indiferente às minhas orações e oferendas. No final da primeira semana já eu tinha um belo maço de cento e cinquenta rupias para levar ao munshi¹ instalado diante do edifício dos correios de Park Street. Todos os membros da minha família na aldeia iriam ficar surpreendidos. O seu último postal a pedir-me dinheiro chegara dois dias antes. Os seus postais diziam sempre o mesmo. Ou me pediam dinheiro

ou me informavam que o meu último vale postal fora recebido e lhes permitira comprar qualquer coisa para a família. Deixara na minha casa da aldeia o meu pai, mãe, mulher, três filhos, duas filhas e três noras mais os respetivos filhos. Ao todo uma boa vintena de bocas a alimentar com o produto de dois miseráveis acres. Sem o que eu enviava, a fome atingiria aquela casa de lama seca, onde há quarenta e oito Invernos minha mãe me deitara ao mundo.

“Eu tinha o meu munshi habitual junto aos correios de Park Street. Chamava-se Sousa e era cristão. Era natural do outro extremo da Índia, um local chamado Goa, a sul de Bombaim. O munshi cumprimentava-me sempre com um sorriso e algumas palavras amáveis de boas-vindas, pois éramos bons amigos. Eu arranjava-lhe a clientela dos meus condutores que trabalhavam naquela zona e ele dava-me uma comissão sobre as transações que fazia para eles. Era normal. Nada há como as questões de dinheiro para cimentar elos fortes entre os trabalhadores.

“Era nisto em que pensava na manhã em que vi Ram Chander, um dos meus condutores, precipitar-se na minha direção com duas notas de dez rupias na mão. Ram era um dos poucos bengaleses que trabalhavam para o Velho. Na noite anterior, os polícias tinham-lhe confiscado o veículo por não ter lanterna. Tratava-se de um mero pretexto para obter suborno numa cidade onde a grande maioria de caminhões e carros andam sem luzes. Ram Chander não estava porém a oferecer-me vinte rupias para que lhe fosse livrar o riquixá, mas para que aceitasse o amigo que o acompanhava. Sois o mais nobre dos filhos de Makali, (A deusa-mãe Kali) sardarji’, exclamou. Gostava de vos apresentar um meu compatriota. É natural do meu distrito. Há gerações que eu e a minha família conhecemos o seu clã e descendência. É um trabalhador corajoso e honesto. Por amor da nossa mãe Kali, dai-lhe um dos vossos riquixás para que o conduza.

“Recebi as duas notas que ele me estendia e examinei o homem, que parecia ligeiramente relutante em se aproximar. Embora fosse magro, os ombros e os braços pareciam sólidos. Pedi-lhe que erguesse o seu longhi a fim de me permitir verificar igualmente a condição das pernas e das coxas. Era o que o Velho sempre costumava fazer antes de contratar um condutor. Tinha por hábito dizer que nunca se confia um riquixá a um cabritinho. Pesei os prós e os contras antes de responder à ansiosa expectativa dos dois bengaleses. Estão com sorte, disse-lhes. Na noite passada morreu um homem junto ao mercado de Bhowanipur.”

XXIII

A comunidade muçulmana da “Cidade da Alegria” estava em festa. Nos últimos dois dias, em todos os recintos, as mulheres haviam desembalado as roupas festivas, religiosamente guardadas. Os homens estendiam fitas multicores por sobre as ruelas. Os eletricitas instalavam altifalantes e fileiras de lâmpadas coloridas. Em cada esquina da rua, os pasteleiros amontoavam montanhas de doces nos tabuleiros. Esquecidos da sua angústia de pobreza, os cinquenta mil muçulmanos do bairro preparavam-se para celebrar um dos acontecimentos mais importantes do seu calendário, o nascimento do profeta Maomé.

As vagas sonoras de hinos e cânticos transformavam este bairro miserável numa agitada quermesse. Prostrados e virados na direção da mística e distante Kaaba, milhares de fiéis encheram as seis mesquitas para uma noite de orações ininterruptas.

As lojas dos barbeiros, alfaiates e ourives abarrotavam de gente. Os pobres adornavam-se como príncipes para esta ocasião. As mulheres hindus acorriam a ajudar as suas vizinhas muçulmanas na confecção do festim tradicional. Outras, munidas de pentes, escovas, flores e fitas encarregavam-se dos penteados. Outras ainda traziam pó de açafrão, carmim e hena com a finalidade de decorar os braços e os pés das suas amigas com artísticos desenhos. As crianças eram objeto de uma toilette particularmente requintada. Com os olhos realçados por enormes riscos em carvão, os corpos magros envoltos em brilhantes túnicas de seda e véus de musselina, os pés enfiados em chinelas de marroquim, pareciam surgidos de qualquer gravura das Mil e Uma Noites.

Todos os ruídos, o entusiasmo popular e os altifalantes não chegavam, porém, para abafar os gemidos que chegavam aos ouvidos de Kovalski. Contudo, a tortura por que passava o seu pequeno vizinho Sabia já não repelia o padre. Acabara por aceitar que era, na realidade, Jesus que estava a sofrer do outro lado da parede de barro amassado e que este sofrimento era uma prece. Uma pergunta, no entanto, continuava a persegui-lo: o sofrimento desta criança era, de fato, indispensável?

Allak Akbar! Só Deus é grande!

Que a paz seja com Maomé, o seu profeta!

Allah Akbar!

Que a paz seja com Noé, Abraão, Moisés,
Zacarias, Jesus e todos os outros profetas!

Os fiéis repetiam em coro cada verso emitido ao microfone pelo mullah cego e barbudo da Jama Masjid, a mesquita principal da “Cidade da Alegria”. Com a fachada creme, onde se abriam janelas rendilhadas, e os quatro minaretes pontiagudos como velas, era o edifício mais alto e colorido do bairro de lata. Erguia-se numa praça que constituía o único espaço livre naquele formigueiro, junto a um lago de água estagnada e viscosa onde os habitantes do bairro lavavam a roupa. Uma alegre multidão enchia a praça e as ruelas circundantes. Por cima das suas cabeças flutuavam miríades de bandeirinhas verdes e brancas, estandartes vermelhos marcados com o crescente do Islão e bandeirolas decoradas com versos do Corão e as cúpulas douradas das sagradas mesquitas de Jerusalém, Medina e Meca, símbolos mágicos que iluminavam de fé e sonho os arredores em decadência.

O mullah cego, um venerável patriarca com um turbante de seda branca, caminhava na frente da procissão. Era guiado por dois religiosos vestidos com ábaya cinzentas. Lançada de um triciclo, equipado com um altifalante, uma litania de cânticos, entoada por milhares de vozes, deu o sinal de partida. De dois em dois minutos, o mullah parava, pegava no microfone e entoava invocações que eletrizavam os fiéis. O cortejo não demorou a estender-se por mais de um quilômetro, um prodigioso rio de cores e de vozes escoando-se por entre as paredes dos casebres, irrigando com uma fé entusiástica e com o requinte das roupagens aquele labirinto pestilento que atravessava. Neste dia de festa, o Islão submergia o bairro de lata com luzes, sons e um fervor religioso.

Do limiar do seu quarto, Kovalski observava surpreendido a aproximação do cortejo. “Como é possível que uma tal beleza emane de um local tão miserável?”, interrogava-se. O espetáculo das crianças era particularmente belo. Os rosas, azuis e dourados, os camafeus dos shalwar e ghaghra das raparigas e os kurta de musselina bordada, bem como os topi (Calças apertadas nos tornozelos, saias, túnicas sem colarinho e gorros, respetivamente.) entrelaçados dos rapazes, conferiam uma fabulosa mescla de cores à procissão. Na terceira fila, empunhando um estandarte vermelho e verde decorado com um minarete, Kovalski reconheceu o seu vizinho Mehboub. O dia festivo transformara o faminto trabalhador desempregado num orgulhoso soldado do Profeta. Entre as crianças desfilavam o seu filho mais velho, Nasir, aquele que guardava o lugar a Kovalski na fila para as

latrinas, e igualmente as suas duas filhinhas, juntamente com as irmãs de Sabia, todas vestidas e ornamentadas como princesas, exibindo reluzentes pulseiras de vidro, sandálias de lentejoulas e véus de musselina multicores. “Obrigado, Senhor, por teres dado tanta força para acreditar em Ti e Te amar à gente atormentada deste bairro miserável”, murmurou o padre num sussurro, emocionado pelo crescendo de vozes que proclamavam bem alto o nome de Alá. Foi nessa altura que ouviu alguém chamá-lo.

— Gostaria que abençoasses o meu filho antes que o levem, Grande Irmão Stephan. Sabia era muito teu amigo e tu és um verdadeiro homem de Deus.

Sabia acabara de morrer. Tinha morrido no próprio instante em que a procissão do Profeta passava diante do casebre de Nizamudhin Lane, que albergara a sua agonia.

Até mesmo no desgosto, a mãe de Sabia deu mostras de uma exemplar dignidade. Ao longo de todo o sofrimento jamais o rosto desta mulher deixara transparecer o mais leve desânimo. Quer estivesse acorada no passeio a fazer os sacos de papel, atravessasse a lama com o balde de água ou se ajoelhasse a rezar junto ao leito do filho, conservava a cabeça direita e conseguia manter a serenidade do sorriso e a beleza de uma estátua de templo.

“Sempre que a via, eu dava graças a Deus por ter aceso uma tal chama de esperança neste local de sofrimento”, diria Kovalski. “Por que ela nunca desistiu. Lutou, pelo contrário, como uma leoa. Para pagar a consulta do médico e os dispendiosos medicamentos levava ao usurário as últimas joias, duas pulseiras e um par de brincos que haviam sobrevivido a outras situações aflitivas. A noite, ouvia-a recitar com frequência versos do Corão para acalmar as dores do filho. Algumas vezes convidava as mulheres da vizinhança para que a acompanhassem nas suas preces à cabeceira do filho, tal como as santas mulheres do Evangelho tinham rezado aos pés da Cruz. Não era fatalista nem resignada. Tão-pouco a ouvi pronunciar qualquer palavra de revolta ou queixa. Aquela mulher deu-me uma lição de fé e de amor.”

Nesse momento, abriu-lhe caminho por entre as mulheres que choravam. O filho estava estendido num esquife, envolto numa mortalha branca, com uma grinalda de malmequeres amarelos sobre o peito. Tinha os olhos fechados e as maçãs do rosto descontraídas e refletindo paz. Stephan Kovalski fez o sinal da cruz com o polegar sobre a testa do rapazinho.

— Adeus, meu corajoso irmãozinho — murmurou.

Alguns instantes depois, transportado por jovens da ruela, Sabia abandonou o casebre para a sua última viagem até o cemitério muçulmano, que se situava no extremo do bairro de lata. Stephan Kovalski seguiu o pequeno cortejo, imerso em oração. Devido às festividades, não havia muita gente para saudar a passagem deste pequeno inocente. De qualquer maneira, a morte era uma coisa tão natural no cotidiano da “Cidade da Alegria” que ninguém lhe prestava uma atenção especial.

Parte 2

OS CAVALOS HUMANOS E SEUS CARROS DE FOGO

XXIV

Hasari Pai manteve-se demoradamente em pé, de olhos fixos no riquixá, como se ele fosse Ganesh em pessoa. Ganesh, o deus de cabeça de elefante, benfeitor dos pobres, o que traz boa sorte e remove os obstáculos. Em vez dos varais do riquixá, Hasari via uma tromba e orelhas enormes no lugar das rodas. Aproximou-se respeitosamente do veículo e esfregou nos varais a pedra em forma de lua do seu anel, após o que levou a mão ao coração e à testa.

“Aquele carro alinhado junto ao passeio, era uma dádiva dos deuses”, diria, “uma charrua humana capaz de frutificar o meu suor e providenciar comida para os meus filhos e para todos os meus parentes que esperavam na aldeia. E, contudo, não passava de uma geringonça a cair aos bocados e que nem sequer tinha licença de circulação. A pintura estava arruinada, a palha saía dos buracos do assento, alguns arcos da capota tinham-se quebrado e os pneus de borracha à volta das rodas estavam tão usados que deixavam ver a madeira. Debaixo do assento havia uma caixa destinada a conter os acessórios indispensáveis: um frasco de óleo para untar de vez em quando as rodas, uma chave para apertar os parafusos das rodas, uma lanterna para iluminar durante a noite e o pano de linho que se coloca diante da capota quando se transportam mulheres muçulmanas que pretendem manter-se ao abrigo dos olhares dos homens ou com a finalidade de proteger os clientes durante as chuvadas da monção.

“Apenas menciono estes objetos porque o meu amigo Ram Chander os havia mostrado na caixa do seu riquixá, quando levamos o trabalhador ferido ao hospital. A minha caixa estava vazia. Alguém devia tê-la esvaziado quando o antigo condutor tombara morto na rua. Ram já me prevenira que em Calcutá, se fosse possível roubar o ar que se respira, não faltava gente preparada para o fazer!

“Na parte traseira do carro havia uma placa de metal com um número e alguns dizeres. Não compreendia o que estes significavam, mas registei o número na cabeça como se fosse um talismã, à semelhança da fórmula mágica que iria abrir-me as portas de um novo karma. Louco de felicidade mostrara ao meu amigo e benfeitor Ram o número um e os três noes que figuravam na placa. Pouco importava que a matrícula fosse falsa, dado que se compunha exclusivamente dos números que no nosso calendário auguram

felicidade.

“Depois de o ter admirado prolongadamente, instalei-me por fim entre os varais do riquixá, ergui-o com precaução e coloquei os dedos no sítio gasto e abandonado há algumas horas pelo pobre homem ao qual o número 1999 não trouxera por certo felicidade. Ao dar um golpe de rins, escutei o ranger das rodas. Este ruído assemelhou-se ao som tranquilizador de um moinho esmagando os grãos de arroz da nossa terra. Como podia deixar de acreditar na bênção dos deuses? Além de que este primeiro dia da minha nova vida calhou numa sexta-feira, o melhor dia da semana depois de segunda-feira, porque era este o dia em que se ganhava mais dinheiro. Estávamos também no princípio do mês. A partir da segunda quinzena, as pessoas mantêm, aparentemente, os cordões da bolsa tão apertados como o tridente de Shiva. O bom e velho Ram já me revelara inúmeros segredos e ensinara-me os truques da profissão. Há todo o tipo de pessoas, dissera-me. Boas e sacanas. Encontrarás os que te obrigarão a correr e outros que te dirão que sigas com calma. Alguns tentarão levar-te a tirar algumas moedas do preço da corrida. Contudo, se tiveres a sorte de apanhar um estrangeiro, podes pedir-lhe mais dinheiro. Ele pusera-me de sobreaviso contra os gunda (Trapaceiro), que à semelhança de algumas prostitutas, são especialistas em se escapar sem pagar quando chegam ao destino. Terás toda a vantagem em massagear os membros com óleo de mostarda, avisara-me igualmente, porque durante alguns dias sentirás tantas dores nas coxas, nos braços e nas costas como se toda a polícia de Calcutá te tivesse batido com os seus lathi.

“Vi-me sozinho. Sozinho com este curioso carro no meio desta cidade desconhecida e a abarrotar de gente. Era aterrorizador. Como conseguiria orientar-me neste labirinto de ruas? Ou esquivar-me por entre os caminhões, ônibus e automóveis que se aproximavam de mim com um barulho ensurdecedor, semelhante às vagas de uma tempestade marítima? Fui invadido pelo pânico.

“Tal como Ram me aconselhara, puxei o riquixá até a estação de Park Circus a fim de esperar o meu primeiro cliente. Park Circus era um cruzamento muito movimentado, onde desembocavam várias carreiras de ônibus e linhas de eléctricos. Ali encontravam-se muitas oficinas e escolas, bem como um grande mercado, frequentado pelas donas de casa da abastada vizinhança. Uma longa fila de riquixás estava permanentemente estacionada neste cruzamento privilegiado. Não posso afirmar que os condutores que ali aguardavam pacientemente, sentados nos varais, me receberam com

exclamações de alegria. Havia tão poucas migalhas a colher nesta cidade desumana que a chegada de mais um concorrente não desencadeava obrigatoriamente a euforia. Eram todos biaris, na sua maioria muito jovens. Contudo, os mais velhos tinham um ar cansado. Podiam contar-se-lhes as costelas por baixo da roupa de algodão no fio.

“A fila diminuiu rapidamente. A minha vez não tardaria a chegar. A medida que o momento se aproximava, sentia o coração bater-me com força no peito. Seria na realidade capaz de puxar esta velha geringonça? A perspectiva de mergulhar na frenética vaga de tráfego paralisava-me de antemão os braços e as pernas. A fim de ganhar forças, fui comprar, por vinte e cinco paísa, um copo de sumo de cana-de-açúcar ao biari que moía interminavelmente pedaços de cana na sua carroça com manivela. Fazia um bom negócio. Formava-se bicha diante do seu moinho, dado que um copo de sumo de cana-de-açúcar era tudo o que um indivíduo podia comprar para se aguentar o dia inteiro. Os mais pobres de nós tinham, por vezes, que se contentar com a compra de um pedaço de cana-de-açúcar e mascá-la, afim de enganar a fome. Isto custava apenas um cêntimo. Mas beber um copo inteiro assemelhava-se a encher um depósito de gasolina. Senti uma vaga de calor que me descia do estômago até as coxas. Quanto à velha geringonça, seria capaz de a puxar até o cume dos Himalaias.

“Acorreu-me ao espírito a recordação dos dias felizes em que costumava seguir o lento passo do búfalo através do arrozal. riqixá wallah!, escutei em seguida uma voz que me pareceu saída de um sonho. Avistei uma jovem com duas tranças que lhe chegavam à cintura. Usava a blusa branca e a saia azul-marinho das alunas de uma escola próxima. Trepou para o meu riqixá e pediu-me que a levasse a casa. Ao aperceber-se de que eu não fazia a mínima ideia de onde ficava a sua rua, orientou-me. Jamais esquecerei aqueles momentos em que me vi de súbito no meio do tráfego. Era quase de enlouquecer. Sentia-me como um homem que se lançara à água para se escapar das feras e se via rodeado de crocodilos. Os motoristas dos ônibus e caminhões dirigiam o baile. Pareciam retirar uma satisfação maligna ao aterrorizar os homens dos riqixás, avançando sobre eles como touros bravos por entre o barulho das suas buzinas e motores. Os mais selvagens eram os motoristas das furgonetas e também os taxistas com turbantes. Sentia-me tão assustado que avançava a passo, olhando incessantemente à esquerda e à direita. Concentrava-me na tentativa de equilibrar o veículo, na descoberta do local exato onde colocar as mãos, a fim de distribuir o peso com mais

eficiência. Tudo isto era mais fácil de dizer do que fazer, no meio de ruas irregulares, buracos, sulcos deixados pelos carros, bocas de esgoto abertas, linhas dos eléctricos. Um verdadeiro trabalho de acrobata! Contudo, a tromba de Ganesh velava por mim naquela primeira corrida. Dirigiu-me por entre os obstáculos e permitiu-me chegar são e salvo à casa da jovem. Quanto lhe devo?, perguntou a rapariga ao descer do meu carro. Eu não fazia a mínima ideia. Dê-me o que achar bem. Ela rebuscou no porta-moedas. Aqui tem três rupias. É mais do que o preço habitual, mas espero que lhe dê sorte.

“Peguei nas notas e coloquei-as junto ao coração, agradecendo-lhe com efusão. Estava profundamente comovido. Conservei a mão sobre o dinheiro por uns instantes, como que para me impregnar deste primeiro dinheiro ganho na pele de um condutor de riquixá em Calcutá. O fato de sentir estas notas entre os dedos provocou-me uma repentina vaga de esperança, a convicção de que se trabalhasse duramente poderia na realidade atingir o que a minha família esperava de mim e tornar-me o seu alca traz, o pássaro que, na nossa aldeia, distribui alimento por todas as avezinhas esfomeadas.

“Entretanto, era à minha mulher e filhos que eu queria entregar o dinheiro daquela primeira corrida. Dirigi-me apressadamente ao vendedor de fritos mais próximo e comecei a correr até o passeio onde estávamos acampados, tendo como único passageiro um saco de fritos. A minha chegada atraiu imediatamente uma multidão. A notícia de que um ocupante do passeio se tornara realmente condutor de riquixá espalhara-se de uma ponta à outra da rua, com o som de um petardo de Diwali. Pouco interessava que a minha velha geringonça fosse um dos veículos mais vulgares que se viam em Calcutá; as crianças treparam pelas rodas e instalaram-se no assento, os homens verificaram o peso dos varais, as mulheres olharam-me com admiração e inveja. Arjuna partindo no seu carro para a grande guerra do Maabarata (O Festival das Luzes hindu, em que se venera Lakshmi, a deusa da Prosperidade) não teria causado menor burburinho. Para toda aquela pobre gente que, como nós, havia abandonado os seus arrozais, eu era a prova em carne e osso de que ainda restava lugar para a esperança.

“Aquela recepção deu-me mais força do que um prato cheio de pimentos verdes. Voltei a partir, e mal percorrera alguns metros quando duas enormes matronas me mandaram parar, a fim de que as transportasse ao Cinema Hind, em Ganesh Avenue. As duas juntas deviam pesar duzentos quilos e julguei que o meu velho carro iria desfazer-se ao primeiro girar das rodas. Os cubos das rodas rangeram de uma forma lancinante e os varais tremeram-me nas

mãos, à semelhança de juncos num dia de tempestade. Todos os meus esforços se provaram inúteis: não consegui pura e simplesmente encontrar a medida certa de equilíbrio. Assemelhava-me a um búfalo ao qual se atrela uma casa.

“As minhas duas passageiras devem ter-se apercebido da minha incompetência, dado que uma delas me ordenou que parasse. Mal saíram, fizeram sinal a um outro riquixá. Ignoro a quantidade de pimentos que o condutor comera nesse dia, mas fiquei a observá-lo a trotar com tanta facilidade como se transportasse duas estatuetas de Durga para o Ganges.

“Após uma tão amarga humilhação, senti a urgente necessidade de me redimir. Estava disposto a transportar qualquer pessoa, mesmo gratuitamente, apenas para demonstrar as minhas capacidades. A oportunidade surgiu à esquina de Park Street, uma rua larga no centro da cidade e ladeada de arcadas. Um jovem e uma jovem que saíam de uma pastelaria com um gelado na mão fizeram-me sinal para que os transportasse. O rapaz pediu-me que levantasse a capota e fizesse descer o pano protetor de olhares indiscretos. Infelizmente, eu não estava equipado com esse acessório! Dado que não queria perder esta corrida, propus que se servissem da minha tanga sobresselente. O jovem ajudou a companheira a entrar e disse-me que fizesse a volta do bairro. Sentia-me intrigado mas não fiz perguntas. Limitei-me a prender o pano à capota e lá partimos para uma viagem sem destino. Ainda mal havia virado a esquina, quando alguns frenéticos abanões quase me fizeram perder o equilíbrio. Agarrando-me com força aos varais para poder continuar, não tardei a compreender o motivo dos balanços. A minha velha geringonça estava a servir de ninho do amor.

“Deixaste de ser uma cidade amaldiçoada, Calcutá! Muito pelo contrário. Permite-me que te abençoe por me teres dado, a mim um pobre camponês exilado, a oportunidade de ganhar dezassete rupias naquele primeiro dia. Permite-me que te abençoe igualmente, querido Ganesh, por teres desviado embustes e perigos do meu carro e deixado que completasse sete corridas sem problemas nem acidentes. Resolvi aplicar uma parte dos meus ganhos na compra do acessório que é o emblema dos condutores de riquixá. Também os camponeses possuem utensílios nobres, como a charrua e a foice, destinadas à colheita do arroz. Estes instrumentos são festejados na grande puja do deus Viswakarma (O deus dos utensílios de trabalho).

“O instrumento que me dispus a comprar era o guizo que os condutores de riquixá trazem consigo, enfiando o indicador direito na fina correia e

servindo-se dele para atrair clientes, fazendo-o retinir de encontro a um varal do veículo. Existem de todas as formas e tamanhos e de todos os preços. Vão desde os mais vulgares, de ferro, até soberbos guizos de cobre, que brilham tanto como o planeta Brihaspati. Alguns emitem sons como o de uma grua rebuscando as águas de um lago. Outros assemelham-se mais ao grito de um alcião perseguindo uma libélula. Foi a um condutor de Park Circus que comprei o meu primeiro guizo, por duas rupias. Tinha uma bela tira de couro, que preendi no indicador junto ao meu anel de pedra de lua. Como era possível que, com tais joias nos dedos, deixasse de sentir energias no meu íntimo? Como era possível não acreditar na generosidade do meu karma?

“Não demoraria muito tempo a sofrer uma desilusão. Na manhã seguinte, ao acordar, tinha tantas dores nos braços, nas pernas e na nuca que senti grande dificuldade em pôr-me em pé. O meu amigo Ram Chander avisara-me. Não se passa a um cavalo humano de um dia para o outro, mesmo quando se pertence a uma boa casta camponesa. O prolongado esforço de tração, as sacudidelas brutais e as esgotantes acrobacias para manter o equilíbrio, a violenta e por vezes desesperada contração de todo o corpo para parar numa emergência provocam um choque violento quando mal se comeu durante meses e o corpo já está bastante gasto.

“Foi em vão que segui os conselhos de Ram quanto fazer massagem da cabeça aos pés com óleo de mostarda, à semelhança dos lutadores de Howrah Bridge antes de um combate. Não consegui erguer os varais do meu riquixá! Apeteceu-me chorar. Confiei o veículo aos cuidados da minha mulher e arrastei-me até a estação de Park Circus. Estava disposto, custasse o que custasse, a entregar as cinco rupias do aluguer diário ao representante do proprietário. Teria passado sem comer, teria levado a minha pedra de lua ao mahajan só para pagar estas cinco rupias. Era uma questão de vida ou de morte; havia milhares de outros camponeses esfomeados à espera de deitar mão ao meu riquixá.

“Em Park Circus, encontrei Ram. Acabava de recuperar o seu veículo, após o seu problema com a polícia na outra noite. Achou divertido ver-me curvado em dois como um velho.

“Ainda não viste nada!, exclamou num tom trocista. Antes de três meses, também tu cuspirás sangue.

“Fiquei assim a saber que o meu amigo, sempre tão corajoso e seguro de si, tinha uma infecção pulmonar.

“Tomas alguns medicamentos para isso?

“Estás a brincar?, retorquiu, fitando-me surpreendido. Viste com os teus olhos as filas de espera no dispensário. Chega-se de manhã cedo e à noite ainda se está lá. Mais vale que de vez em quando ofereças a ti próprio um bocado de pan.

“De pan?

“Claro. Para camuflar o inimigo. Quando cuspires, ficas sem saber se é sangue ou bétel. Dessa maneira, não te preocupas tanto.

“Posto isto, Ram sugeriu que fôssemos visitar o nosso amigo trabalhador ao hospital. Há dois dias que não íamos vê-lo. E, contudo, tantas coisas se tinham passado nestes últimos dois dias! Apiedado do meu estado de saúde, Ram ofereceu-se para me transportar no seu riquixá. Foi um espetáculo bastante cômico. Os outros condutores da estação divertiram-se à grande quando nos viram partir assim. Não tinham muitas oportunidades de se rirem.

“Que sensação estranha a de ocupar subitamente a posição de passageiro! Era ainda mais aterrorizador do que seguir a pé, entre os varais. Todos aqueles ônibus e caminhões, cujas carroçarias de metal passavam quase a rasar-nos a cara! Eu estava em posição de ver tudo como aquele táxi que carregou sobre nós semelhante a um elefante furioso, o que forçou Ram a fazer uma pirueta no último segundo. Ou aquele telagarhi tão carregado e surgido da direita a tal velocidade que nem mesmo um muro teria conseguido detê-lo. Admirei a agilidade com que Ram mudava a posição das mãos nos varais, de forma a que todo o peso da carga se apoiasse nas rodas. Com o seu guizo, bem poderia passar por uma bailarina de Katakali.

“O trajeto até o hospital foi muito demorado. Todas as ruas se apresentavam bloqueadas por cortejos que ostentavam bandeirolas vermelhas. Em Calcutá, estas procissões faziam, aparentemente, parte da decoração geral. Já tinha visto várias. Aqui os trabalhadores estavam organizados e era seu costume manifestarem-se a pretexto de reivindicações. Coisa inexistente nas aldeias. O que poderíamos reivindicar nos campos? Não se protesta contra o céu porque não nos enviou a monção. Aqui, existia um Governo a quem expressar o descontentamento.

“Paramos num bazar para comprar fruta. Desta vez fui eu a pagar com o dinheiro que me restava do dia anterior. Comprei igualmente um ananás, que pedi ao vendedor que descascasse e cortasse em pedaços. Dessa forma, poderíamos comê-lo com o trabalhador hindu.

“O hospital continuava a abarrotar de gente. Dirigimo-nos de imediato ao edifício onde víamos a nosso amigo pela última vez. Antes de o fazermos,

Ram acorrentou uma roda do seu riquixá a um candeeiro e levou consigo os acessórios. Era o mesmo enfermeiro que se encontrava de vigilância aos doentes que haviam sido operados e deixou-nos entrar sem dificuldades, depois de lhe termos metido duas rupias no bolso. Continuava a pairar aquele cheiro insuportável que parecia entrar-nos pela garganta. Avançamos por entre as filas de camas até a do nosso amigo, situada ao fundo, próximo da janela, junto à da criança queimada a quem eu dera uma tangerina. Na medida em que me era difícil caminhar dobrado em dois, Ram levava-me bastante avanço. Já não está cá!, gritou-me.

“A cama do nosso amigo estava ocupada por um velho muçulmano de barba e que tinha o tronco coberto de ligaduras. Foi incapaz de nos dar qualquer informação, o mesmo se passando com o enfermeiro. Devo dizer que nem sequer sabíamos o nome do trabalhador ferido. Talvez o tivessem transportado para outro lado... Ou talvez o tivessem simplesmente mandado embora, para dar lugar a outro... Vimos em várias salas. Conseguimos mesmo entrar na sala junto àquela onde se faziam operações. O nosso amigo mantinha-se invisível. Ao sairmos do edifício, vimos dois enfermeiros que transportavam um corpo numa maca. Reconhecemos o nosso amigo. Tinha os olhos abertos, o rosto cavado e coberto de barba. Mantinha os lábios entreabertos, como se fosse dizer-nos qualquer coisa. No entanto, para ele tudo acabara. Interroguei-me se teria mais cargas a transportar na sua próxima encarnação, ou se seria um sardarji ao volante de um automóvel.

“Ram interrogou os enfermeiros a fim de saber para onde levavam o nosso amigo. É um pobre, respondeu o mais velho. Será deitado ao rio.”

XXV

A morte do jovem Sabia modificou o comportamento dos vizinhos de Stephan Kovalski. Fez com que todas as suas reticências desaparecessem. Mesmo os mais desconfiados cumprimentavam agora o padre com um “Saíam, padre”. As crianças disputavam entre si a honra de lhe transportarem o balde até a fonte.

Deu-se em seguida um outro acontecimento que veio completar esta transformação. Algumas portas adiante do seu quarto, vivia uma rapariga de quinze anos que cegara em resultado de uma infecção viral. Tinha os olhos purulentos e sofria tanto que amaldiçoava o mundo e tudo o que nele existia. Chamava-se, Banoo e tinha longas tranças, como as princesas das miniaturas mongóis. Um dia a mãe apresentou-se diante de Stephan Kovalski, com as mãos unidas num gesto de súplica.

— Por amor de Deus, Doktor (Doutor), faça qualquer coisa pela minha filhinha — implorou.

Como poderia ele curar uma infecção daquele gênero quando, a nível de remédios, apenas dispunha de algumas aspirinas, um pouco de elixir paregórico e um tubo de uma pomada qualquer? Mesmo assim, Stephan Kovalski decidiu aplicar um pouco de pomada nos olhos da jovem. Três dias depois dera-se o milagre: a infecção parara e no fim da semana a jovem Banoo tinha recuperado a vista. A notícia espalhou-se como um rastilho. “Há um bruxo branco no bairro”, dizia-se.

Este episódio conferiu ao polaco o seu certificado final de aceitação e uma fama que de boa vontade teria dispensado. Dúzias de doentes e de inválidos dirigiam-se ao 49 Nizamudhin Lane. Viu-se obrigado a procurar outros medicamentos. O seu quarto transformou-se num refúgio para os males mais confrangedores. Nunca estava vazio. Uma manhã, dois maqueiros foram ali depositar um homem barbudo com a cabeleira hirsuta coberta de cinzas. Não tinha pernas nem mãos. Era um leproso e, no entanto, o seu rosto irradiava uma alegria surpreendente em alguém tão desfavorecido pela sorte.

— Chamo-me Anouar, Grande Irmão — anunciou. — Deves cuidar de mim. Estou muito doente, como podes ver. Quem é aquele? — acrescentou, ao mesmo tempo que pousava o olhar no Santo Sudário de Cristo.

— É Jesus.

— Jesus? — retorquiu o leproso com uma expressão incrédula. — Não é

possível. Não se parece com o outro. Porque é que o teu Jesus tem os olhos fechados e uma expressão tão triste?

Stephan Kovalski sabia que a iconografia indiana reproduzia imagens de Cristo em abundância, mas de um Cristo com olhos azuis, triunfante e cheio de colorido, como os deuses do panteão hindu.

— Ele sofreu — respondeu o padre.

O polaco apercebeu-se de que se tornavam necessárias mais explicações. Uma das filhas de Margareta traduziu as suas palavras em bengali.

— Tem os olhos fechados para que possa ver-nos melhor — prosseguiu. — E também a fim de que, pelo nosso lado, possamos olhá-lo melhor. Talvez que, se tivesse os olhos abertos, não nos atrevêssemos a fazê-lo, porque os nossos olhos não são puros, tão-pouco os nossos corações, e transportamos uma forte carga de responsabilidade pelo seu sofrimento. Pois, se Ele sofreu, foi por mim, por ti, por todos nós; por causa dos nossos pecados, por causa do mal que cometemos. Contudo, ama-nos tanto que nos perdoa. Quer que o olhemos. É por isso que fecha os olhos, e esses olhos fechados também me convidam a fechar os meus olhos para rezar, para contemplar o Deus que existe dentro de mim... e dentro de ti também. E a amá-lo. E a fazer como Ele faz e a perdoar e a amar todos. A amar especialmente os que sofrem como Ele. A amar-te a ti, que sofres como Ele.

Uma rapariguinha de vestes esfarrapadas e que se mantivera escondida atrás da cadeira do leproso avançou e depositou um beijo na imagem, acariciando-a com a pequena mão.

— Ki Koshto! Como ele sofre — murmurou, após tocar na fronte com três dedos.

O leproso parecia profundamente comovido. Os olhos negros adquiriram brilho.

— Ele sofre — acrescentou ainda Stephan Kovalski. Não quer, porém, que choremos por Ele, mas sim pelos que sofrem hoje, dado que Ele sofre neles, nos corpos e corações dos solitários, dos abandonados, dos desprezados, bem como no espírito dos loucos, dos neuróticos e dos perturbados mentais. É por isso, compreendes, que amo esta imagem. Porque ela me recorda tudo isto.

O leproso abanou a cabeça pensativamente.

— O teu Jesus é muito mais bonito do que o das nossas imagens, Daddah Stephan — concluiu, em seguida, levantando o coto na direção do

ícone.

“Sim, Tu és belo, Jesus da Cidade da Alegria”, viria Kovalski a escrever nessa noite no bloco de apontamentos que utilizava como diário. “Tão belo como o leproso aleijado que hoje me enviaste com o seu corpo mutilado, as suas chagas e o seu sorriso. Foste Tu que vi nele, Tu que és a encarnação de toda a dor e angústia, Tu que conhecestes Gethsemani, o suor do sangue, a tentação do demônio, que suaste sangue, foste abandonado pelo Pai, e conhecestes a prostração, o desânimo, a fome, a sede. E a solidão.

“Tentei cuidar destes leprosos, Jesus de Anand Nagar. Tento diariamente partilhar com os pobres. Inclino a cabeça juntamente com os fracos e os oprimidos como se fossem uvas numa prensa, cujo suco se derramou sobre o meu hábito e o manchou. Não sou puro nem santo. Apenas um pobre homem tão pecador como os demais. Algumas vezes sou esmagado ou desprezado como os meus irmãos do bairro de lata, mas com a certeza de que me amas bem no fundo do meu coração. E igualmente com a certeza de que ninguém pode privar-me da alegria que me enche, porque Tu estás na realidade presente, aqui no mais profundo deste bairro miserável.”

XXVI

“Com os dedos gordos e cobertos de anéis, a camisa quase a rebentar devido aos pneus de obesidade e o cabelo a reluzir de óleos perfumados, o meu primeiro cliente do dia era francamente repugnante”, viria a narrar Hasari Pai. “E ainda por cima arrogante. Contudo, eu encontrava-me demasiado falido para me poder dar ao luxo de me recusar a transportá-lo. Era um marwari¹. Estava por certo habituado a andar de táxi, e tinha pressa. Mais rápido!, ordenava incessantemente e, na falta de uma chibata, bombardeava-me as costas com pontapés, que me eram particularmente dolorosos, dado que ele usava botas duras e pontiagudas.

“Não me indicara para onde queria ir. A direito e rápido!, limitara-se a ordenar quando subira. Este marwari (Regra geral, mercador do estado de Marwar, em Rajasthan, com fama de dureza no negócio) devia estar habituado a comandar cavalos ou escravos. Vira à direita! Vira à esquerda! Mais depressa! As ordens assemelhavam-se a rugidos e eu executava as acrobacias adequadas para me esquivar dos ônibus e caminhões. Mandou-me parar várias vezes e, em seguida, fez-me partir ao mesmo ritmo veloz. Estas paragens bruscas, em que se torna necessário um golpe de rins e uma tração para trás, provocam dores horríveis. Como se os tendões se vissem repentinamente forçados a aguentar todo o peso do riquixá e o do cliente. Arrancar de novo era igualmente penoso, mas desta vez a dor localizava-se nos ombros e nos antebraços, na medida em que se tornava necessário um esforço supremo para voltar a pôr a máquina em movimento. Pobre e velha geringonça! Com todas aquelas paragens e arranques, os varais estremeciam tão violentamente como os meus ossos. Ignoro se o fato se devia à onda de calor que há dois ou três dias se abatera sobre Calcutá, mas a verdade é que toda a gente tinha os nervos à flor da pele. À esquina de uma avenida, um sardarji deitou o braço fora da janela e agarrou o varal do meu riquixá; empurrou-o com tal violência que me fez perder o equilíbrio, o que me valeu mais um chorrilho de insultos por parte do meu cliente e um golpe de bastão do polícia encarregado de dirigir o trânsito. Mais à frente, um bando de crianças, penduradas nas traseiras de um eléctrico a abarrotar, presenteou-me com uma chuva de pontapés na cabeça. Impossível responder. Tratava-se de humilhações que se tinha de engolir em silêncio.”

Nesse dia, a corrida de Hasari terminou à porta de um restaurante em

Park Street. Antes de pousar os varais, a fim de permitir que o passageiro saísse, pediu cinco rupias. “Cinco rupias! Cinco rupias por uma corrida com um cavalo coxo!”, exclamou o gordo passageiro escarlate de raiva, fixando o condutor como se lhe tivesse apontado uma arma ao estômago com intenção de lhe roubar a carteira.

Nesta altura, porém, o incidente sofreu uma viragem inesperada. Alertados pelos protestos do marwari, uma dúzia de condutores de riquixá, que aguardavam junto a um restaurante das proximidades, acorreram e formaram um círculo à volta do colega. Assustado pelo seu ar ameaçador, o gordo acalmou-se e apressou-se a procurar o dinheiro nos bolsos. Sem pronunciar palavra, estendeu a Hasari uma nota verde de cinco rupias. Bem dizem os camponeses de Bengala: “Quando os cães uivam, o tigre encolhe as garras.”

Esta cidade era certamente uma selva com leis e hierarquias semelhantes às da floresta. Havia elefantes, tigres, panteras, cobras e todos os tipos de outros animais. Era aconselhável conhecê-los a fim de evitar sarilhos. Um dia em que Hasari estava estacionado à porta do Kit Kat, um night club à esquina de Park Street, um taxista sique fez-lhe sinal para que se afastasse e lhe permitisse arrumar o seu automóvel. O condutor fingiu não entender. O turbante do sique agitou-se irritadamente por detrás do volante, ao mesmo tempo que fazia soar ruidosamente a buzina, assemelhando-se a um elefante pronto a carregar. Hasari apercebeu-se de que ele ia mergulhar de encontro ao seu riquixá e, por conseguinte, só teve tempo de pegar nos varais, e arrancar. Cometera um erro: não tinha respeitado uma das leis da selva de Calcutá, a que estipula que um riquixá deve sempre dar o lugar a um táxi.

A experiência mais adversa da sua existência como cavalo humano não foi, no entanto, a dureza física do trabalho: no campo havia tarefas tão fatigantes como a de puxar duas obesas poussah desde Park Street ao Bazar Bara. As mesmas tinham, porém, carácter periódico e eram espaçadas por longos intervalos de inatividade, em que uma pessoa podia descansar, ao passo que a vida do condutor de riquixá era uma escravidão diária que se prolongava em cada dia da semana e em cada semana do ano.

“Acontecia-me, por vezes, levar pessoas à estação de Howrah, na outra margem do rio. Ali, não existiam riquixás puxados por condutores a pé, apenas riquixás com bicicleta. Eu nunca pedalara numa dessas máquinas, mas parecia-me que deviam exigir menor esforço. Mencionei, um dia, este fato a Ram Chander, mas ele limitou-se a colocar as palmas das mãos nas nádegas

com um ar de imenso sofrimento.

“Pobre homem, gemeu. Não fazes ideia do que é passar dez ou doze horas em cima de uma bicicleta! Para começar, ficas com o eu cheio de feridas. Depois, são os colhões, que perdem ação e ao fim de dois ou três anos não podes fornicar. A tua bicicleta pôs-te o sexo tão mole como algodão.

“Bom e velho Ram! Não havia ninguém como ele para demonstrar que existia sempre alguém em piores condições.”

XXVII

— Verá, meu caro amigo, que irão chupá-lo até a medula dos ossos. Esperarão tudo de si porque tem a pele branca. Pense que nunca se viu um europeu numa necrópole como a “Cidade da Alegria”!

Stephan Kovalski não conseguia afastar do pensamento as palavras do cura indiano da paróquia vizinha, enquanto dava algumas aspirinas a uma mulher que lhe trouxera o filho atacado de meningite. A recuperação da jovem cega e a sua compaixão por todos os que sofriam tinham bastado para que a profecia do padre Cordeiro se realizasse. O “Pai”, da 49 Nizamudhin Lane transformara-se num Pai Natal. Um Pai Natal especialmente talhado para as necessidades de um bairro de lata, um homem que sabia ouvir e compreender, sobre o qual os mais abandonados podiam projetar os seus sonhos e no qual encontravam amizade e compaixão. Sentiu-se, repentinamente, acreditado com o mínimo benefício que pudesse ocorrer, como a decisão do município de escavar dez novos poços ou a amenidade excepcional da temperatura no começo daquele Inverno. Esta necessidade de recorrer constantemente a uma pessoa constitui um traço característico do espírito indiano. Remonta, sem dúvida, ao sistema das castas e ao fato de em cada grupo social existir sempre um chefe. A não ser que se conhecesse este “alguém” ou se lhe tivesse acesso, eram poucas as hipóteses de se obter alguma coisa quer junto dos departamentos administrativos, quer da polícia ou dos hospitais. Para as centenas de habitantes desprezados e marginalizados do seu bairro, Stephan Kovalski tornou-se, por conseguinte, “a pessoa” por excelência, aquela que obtinha absolutamente tudo devido à sua pele branca, à cruz de um homem de Deus que usava ao peito e à sua carteira, que para os pobres sem nada deve ter parecido tão repleta como a de G. D. Birla, o célebre multimilionário de Calcutá.

Este gênero de fama exasperava o polaco. Ele não pretendia ser o Pai Natal, nem a Assistência Social, nem a Divina Providência. Apenas queria ser um pobre no meio dos pobres. “A minha ambição residia sobretudo em inculcar-lhes autoconfiança, de forma a que se sentissem menos abandonados e com vontade de empreendimentos capazes de melhorar a sua sorte.”

Algumas semanas antes das festas de Durga, o seu desejo iria satisfazer-se. Uma noite, alguns dos seus vizinhos, liderados por Margareta, entraram no seu quarto.

— Queremos discutir contigo a possibilidade de sermos úteis à gente daqui, Grande Irmão Stephan — declarou a jovem viúva cristã.

Margareta procedeu às apresentações. Vinha acompanhada de um jovem casal hindu, um cristão anglo-indiano, um operário muçulmano e uma rapariga assamesa na casa dos vinte. Seis pobres que pretendiam reencontrar a sua dignidade e “construir algo juntos”. Os Ghoshs — o casal hindu — eram belos, são e luminosos. Sob o seu véu de algodão vermelho decorado com motivos florais, a jovem, dotada de uma pele acetinada e clara, assemelhava-se a uma Madona da Renascença. Kovalski sentiu-se de imediato fascinado pela intensidade do seu olhar.

“Naquela jovem ardia um fogo interior.” Ela chamava-se Shanta e era a filha mais velha de um camponês atingido pela pobreza, natural de Basanti, um enorme burgo isolado do delta do Ganges. Para dar de comer aos seus oito filhos, o pai costumava partir com os pescadores locais em explorações regulares até a selva inundada das Sundarbans. Ali recolhia mel selvagem. Um dia, porém, o pai não voltou. Fora apanhado por um tigre devorador de homens que naquela parte da região matam mais de trezentos colhedores de mel por ano. Foi no solo de terra batida da pequena escola primária local que Shanta viera a conhecer o indivíduo barbudo e de cabelo encaracolado que era seu marido. Ashish, um nome que significa esperança, tinha vinte e seis anos e era um dos onze filhos de um trabalhador agrícola à jorna.

A história deste casal era quase única: tinham-se casado por amor. Este desafio a todas as tradições provocara um escândalo tal que se tinham visto obrigados a fugir da aldeia e a procurar refúgio em Calcutá. Após terem passado fome durante quase um ano, Ashish encontrara emprego como monitor num centro de aprendizagem para crianças deficientes da Madre Teresa. Quanto a Shanta, era professora numa escola de Howrah. Após o nascimento do seu terceiro filho, haviam descoberto o seu eldorado: um quarto num recinto hindu em Anand Nagar. Dois salários regulares de duzentas rupias por mês (vinte dólares) podem parecer uma miséria, mas em Anand Nagar era uma pequena fortuna. Os Ghoshs eram privilegiados, o que tornava ainda mais significativa a sua disponibilidade para servir os outros.

O anglo-indiano tinha o nome extravagante de Aristotle John. Era um indivíduo baixo com um rosto triste e a típica expressão preocupada de muitos membros de uma comunidade que se tornou particularmente marginalizada na Índia moderna. Trabalhava na ferrovia. O muçulmano Saladdin, de cinquenta e dois anos, usava um pequeno bigode e uma barretina

bordada na cabeça. Era ele o mais antigo habitante do bairro de lata. Tendo escapado aos massacres da Divisão, há vinte anos que partilhava um casebre com três tnullah, aos quais servia de cozinheiro e guia.

Construir algo em conjunto! Neste “Gulag”, onde setenta mil homens lutavam pela sua sobrevivência quotidiana, neste local que por vezes mais parecia um campo de concentração, onde todos os anos centenas de pessoas morriam de tuberculose, lepra, disenteria, úlceras e todas as doenças resultantes da subalimentação, nesta atmosfera tão poluída que milhares de pessoas nem sequer chegavam aos quarenta anos, havia tudo a construir. Era preciso um dispensário e uma leprosaria. Era preciso distribuir leite às crianças subalimentadas e às grávidas, instalar chafarizes de água potável, mais latrinas e esgotos. Eram inúmeras as tarefas urgentes.

— Sugiro que cada um de nós faça uma sondagem individual — disse Kovalski — para concluirmos quais as necessidades prioritárias dos nossos vizinhos.

Os resultados chegaram três dias depois. Eram concordantes e unânimes. Os desejos mais prementes dos habitantes da “Cidade da Alegria” não eram os previstos pelo padre. Aquela gente não pretendia mudar as suas condições de vida. O alimento que buscavam não se relacionava com os frágeis corpos das crianças, mas com o espírito. Os seis inquéritos revelaram que a primeira reivindicação era a criação de uma escola noturna, a fim de que as crianças que trabalhavam todo o dia em oficinas, lojas e casas de chá do bairro pudessem aprender a ler e a escrever.

Kovalski incumbiu Margareta de convidar as famílias em causa a procurarem um local que pudesse servir de sala de aulas e ofereceu-se para participar na remuneração de dois professores.

“Eu atingira o meu primeiro objetivo: o de encorajar os meus irmãos de Anand Nagar a zelar pelos seus próprios interesses”, diria.

Este primeiro passo foi o começo de uma ação baseada na solidariedade e dádiva que um dia revolucionaria por completo as condições de vida no bairro de lata. Na reunião seguinte, Kovalski sugeriu a criação de um grupo de voluntários para ajudarem a acompanhar os doentes aos hospitais de Calcutá, na medida em que ir procurar sozinho tratamento nestes caravançarás era frequentemente um pesadelo tal que a maioria das pessoas não se atrevia a fazê-lo.

Todos podiam assistir às reuniões efetuadas no quarto do 49 Nizamudhin Lane. Espalhou-se um novo boato: “Existem, de fato, pessoas

dispostas a escutar os pobres.” Foi uma ideia tão revolucionária que o polaco baptizou o seu pequeno grupo de Comité de Escuta e de Ajuda Mútua. Tratou-se igualmente de uma revelação: as pessoas descobriam que havia gente em piores condições do que elas próprias. Kovalski instituiu como regra que cada reunião se iniciasse com a leitura de um capítulo da Bíblia. “Nenhuma outra leitura se adequaria melhor à vida no bairro.” Nenhum exemplo poderia ser mais apropriado que o de Cristo aliviando os fardos dos seus contemporâneos. Hindus, muçulmanos, cristãos, todos os homens de boa vontade podiam compreender a ligação entre a mensagem do Evangelho e a sua vida de sofrimento, entre a pessoa de Cristo e aqueles que haviam escolhido perpetuar a sua ação.

Foi a jovem assamesa, que desde a primeira noite viera oferecer os seus préstimos a Kovalski, quem, aparentemente, compreendeu com mais intensidade esta ligação. Com a trança caída pelas costas, os olhos amendoados e as faces rosadas, mais parecia uma bonequinha chinesa. O seu nome tinha a ressonância de um mantra. Chamava-se Bandona o que significa “louvar a Deus”. Embora pertencesse à religião budista, fora de imediato conquistada pelos ensinamentos do Evangelho. Colocar-se ao serviço dos outros, para melhor se encontrar com Deus, respondia à sua natureza impaciente. “Sempre que algum infeliz expunha as suas dificuldades, o rosto de Bandona transformava-se numa máscara de dor”, comentaria Kovalski. “O sofrimento deles era também o seu.”

Contudo, esta jovem tão sensível aos problemas dos outros denotava um pudor quase doentio no que lhe dizia respeito. Ante qualquer pergunta pessoal, cobria o rosto com a ponta do sari e baixava a cabeça. Este fato despertou a curiosidade de Kovalski.

— Não foi o teu Jesus que disse que só estamos aqui para cumprir a vontade do seu Pai e que a nossa identidade não conta? Porque te interessas pois por mim? — respondeu secamente num dia em que o polaco se mostrava insistente.

O padre conseguiu, no entanto, arrancar-lhe algumas informações que lhe permitiram compreender o que levara uma rapariga das montanhas de Assam a encalhar na miséria de um bairro de lata de Calcutá. O pai era um pequeno camponês de origem assamesa, que se instalara na região de Kurseong, no extremo norte de Bengala, junto às primeiras vertentes da cordilheira do Himalaia. A semelhança dos restantes montanheses daquela área, trabalhava um pequeno rincão de terra arável, penosamente arrancado

ao flanco da montanha. Era o suficiente para dar de comer à mulher e a quatro filhos. Um dia, porém, alguns empresários de Calcutá começaram a explorar a madeira das florestas. Determinaram uma quantidade diária de árvores a abater. Anos antes, a região já sofrera uma modificação radical devido ao desenvolvimento das plantações de chá. Com a chegada dos lenhadores, as florestas diminuíram. Os camponeses viram-se forçados a ir procurar cada vez mais longe a lenha necessária para queimar e nova terra para cultivarem. A quantidade de queimadas do mato aumentou e, dado que a vegetação já não tinha tempo de renascer antes das chuvadas da monção, a erosão atacou o solo. Privados dos seus pastos tradicionais, também o gado se tornou um fator de destruição. A crescente escassez de produtos naturais forçou as famílias a aumentar as colheitas necessárias à sua alimentação. À medida que a lenha se tornava mais rara, tinham de usar o estrume para cozinhar as suas refeições, o que retirava às terras o seu mais rico fertilizante. Os proventos baixaram. A deterioração da terra aumentou. Devido à falta da floresta, a água deixou de ser retida, as nascentes esgotaram-se, os reservatórios esvaziaram-se e os lençóis subterrâneos secaram. Dado que esta região estava sujeita à mais acentuada pluviosidade mundial — onze mil milímetros de água por ano em Assam —, todos os anos, a cada monção, a terra arável e o húmus eram arrastados um pouco mais para as planícies, deixando apenas as rochas áridas. No espaço de alguns anos, toda a região se transformou num deserto. Para os que ali viviam só restava a alternativa de partir. Partir rumo à cidade que os tinha arruinado! Bandona tinha quatro anos quando a sua família se pôs a caminho de Calcutá. Graças a um primo que trabalhava num armazém de roupas, os pais tiveram a sorte de encontrar uma barraca no bairro de lata de Anand Nagar. Cinco anos mais tarde, o pai morreu tuberculoso. A mãe, uma mulherzinha corajosa a quem nada conseguia abater, queimara durante um ano paus de incenso diante da imagem enegrecida do fundador da seita budista dos Bonés Amarelos e depois voltara a casar. Contudo, o marido deixou-a pouco tempo depois, a fim de ir trabalhar no sul do país. Educara sozinha os seus quatro filhos, buscando objetos metálicos nas lixeiras e vendendo-os a um ferro-velho.

Bandona começara a trabalhar aos doze anos, primeiro numa fábrica de cartão e depois numa empresa que fabricava peças para caminhões. Tornara-se a partir dessa altura o único sustento da família, dado que a tuberculose atingira por sua vez a mãe. Bandona saía de casa às cinco da manhã e raramente voltava antes das dez da noite, depois de duas horas de ônibus e

três quilômetros a pé. Havia muitas vezes em que nem sequer regressava a casa, na medida em que frequentes cortes de eletricidade a obrigavam a dormir junto à sua máquina para poder recuperar o tempo perdido, assim que a corrente voltasse. Em Calcutá, dezenas de milhares de operários levavam este gênero de vida, acorrentados às suas máquinas por causa dos múltiplos cortes de corrente. Bandona ganhava quatro rupias diárias, o que lhe permitia pagar o aluguer da barraca da família e garantir à mãe e aos irmãos uma gamela de arroz ou dois chapati uma vez por dia. Nos sábados e dias festivos, em vez de descansar e de se distrair com as jovens da sua idade, percorria o bairro para ajudar uns e outros. Foi assim que uma noite batera à porta de Stephan Kovalski.

Uma série de donativos vindos da Europa possibilitara ao padre fazer com que ela saísse da fábrica e trabalhasse a tempo inteiro para o Comité de Escuta e Ajuda Mútua. Ninguém possuía como Bandona o dom da partilha e do diálogo, com respeito pela fé e crenças do próximo. Sabia escutar as confissões dos moribundos, rezar com as famílias dos mortos, lavar os cadáveres, acompanhar os defuntos na sua última viagem até o cemitério ou a pira. Ninguém a ensinara e, no entanto, sabia tudo. Por intermédio da intuição, da amizade e do amor. A sua extraordinária capacidade de comunicar abria-lhe todas as portas. Entrava em todos os recintos ou barracas sem qualquer preconceito de casta ou religião, uma proeza notável na medida em que não casara. Em circunstâncias normais seria impensável que uma jovem solteira tivesse acesso a todos os lugares, particularmente num meio estranho à sua casta. As mulheres casadas jamais faziam confidências a uma jovem solteira, mesmo da sua casta, dado que a tradição exigia que as raparigas desconhecessem tudo sobre a vida, a fim de se conservarem inocentes até casarem, sob pena de serem acusadas de imoralidade e, por conseguinte, rejeitadas.

Duas ou três vezes por semana, a jovem assamesa acompanhava grupos de doentes e de moribundos aos hospitais de Calcutá. Era uma verdadeira proeza conduzir estes infelizes no meio de um tráfego assustador e guiá-los em seguida através de corredores e salas de espera a abarrotar de gente. Nestas instituições, um pobre sem acompanhante não tinha a mínima hipótese de chegar a uma sala de exames. E mesmo quando, por sorte, usufruía dessa oportunidade, jamais conseguiria explicar o seu mal ou compreender o tratamento prescrito, dado que em nove de cada dez casos não falava o bengali dos médicos, mas um dos vinte ou trinta dialectos do enorme

continente, que exportava os seus milhões de pobres para Calcutá. Exigindo, reclamando e forçando a entrada, Bandona lutava como uma leoa para que os seus protegidos fossem tratados como seres humanos e para que os medicamentos receitados lhes fossem devidamente entregues, algo que raras vezes acontecia. Decorridas algumas semanas, viria a tornar-se o pilar e a alma do Comité de Escuta e Ajuda Mútua. A sua memória era o ficheiro de todas as misérias do bairro de lata. A sua expressão, o sorriso, o amor em breve lhe valeram a alcunha de Anand Nagarka Swarga Duto (“o Anjo da Cidade da Alegria”).

Uma noite, ao voltar de uma das suas expedições ao hospital, Bandona irrompeu pelo quarto de Stephan Kovalski para o informar de que os médicos tinham diagnosticado uma doença mortal numa das mulheres grávidas do bairro. Apenas um soro fabricado em Inglaterra poderia salvá-la.

— E preciso que mandes vir urgentemente esse remédio, Daddah Stephan — suplicou, agarrando nas mãos do padre. — Caso contrário, esta mulher e o bebê morrerão.

No dia seguinte, Kovalski dirigiu-se apressadamente aos correios de Howrah para mandar um telegrama ao responsável da sua confraria que podia contatar os seus conhecimentos em Londres. Com um pouco de sorte, o remédio poderia chegar dentro de uma semana. De fato, nove dias depois, Stephan Kovalski recebeu por intermédio do excelente serviço postal indiano, que funcionava até mesmo nos bairros de lata, um aviso dos Serviços Alfandegários para que fosse buscar uma encomenda em seu nome.

Isto marcou o começo de uma odisseia que ele não esqueceria tão depressa.

XXVIII

“Ele vai morrer aqui na rua”, pensou Hasari Pai aterrorizado. O peito do seu amigo Ram Chander inchara ante o seu esforço desesperado de respirar um pouco de ar. Tinha as costelas tão proeminentes que dava a sensação de poderem rebentar a qualquer momento. O rosto adquirira uma tonalidade esverdeada e a boca abria-se e fechava-se como a de um naufrago privado de oxigênio. Um súbito acesso de tosse fê-lo estremecer e contorcer-se, como o ruído de um pistão numa bomba de água. Começou a escarrar, mas como tinha pan na boca era impossível saber se estava a cuspir sangue ou bétel. Hasari ajudou o amigo a sentar-se no banco do riquixá e sugeriu levá-lo a casa. Ram abanou a cabeça em negativa e acalmou o companheiro.

— É deste maldito frio — disse. — Vai passar.

Naquele ano o Inverno bengalês foi assassino. Ventos dos Himalaias tinham feito baixar os termômetros até os nove graus, uma temperatura que era polar para uma população habituada a viver num forno durante oito meses por ano. Para os cavalos humanos representou uma provação especialmente dura. Condenados a passar do banho de suor provocado pelas corridas ao frio das prolongadas esperas, os seus corpos subalimentados pouca resistência ofereciam. Muitos deles morreram.

“Ram foi um irmão para mim nesta selva de Calcutá, onde os homens se tratavam como feras”, narraria Hasari Pai. “Tinha-me ajudado e sustentado e arranjado o meu riquixá. Sempre que avistava o seu cabelo grisalho, apressava o passo a fim de estacionar o meu calhambeque ao lado do seu. Quantas horas passamos, sentados ao lado um do outro, na esquina de Park Circus ou de Wellesley Street ou, quando fazia calor, em frente do grande mercado de Lower Circular Road que todos conheciam pelo nome de ‘Mercado do Ar Condicionado’, dado no seu interior existirem máquinas que sopravam aquela substância maravilhosa que eu pensava existir apenas nos cumes dos Himalaias: ar fresco. O sonho de Ram era voltar um dia à sua aldeia e abrir uma mercearia. Ficar sentado o dia inteiro no mesmo lugar, sem me mexer, sem ter de correr de um lado para o outro, dizia, quando falava do seu futuro paraíso. E falava-me de como imaginava a sua vida, instalado na sua loja, rodeado de sacos a abarrotar de todas as variedades de dal e de arroz e outros sacos cheios de especiarias de odores inebriantes, montes de legumes, e nas prateleiras todo o tipo de outros artigos: barras de sabão, paus

de incenso, biscoitos e doces. Numa palavra, sonhava com um mundo de paz e prosperidade de que ele seria o centro imóvel, como aqueles litigam (Pedra em forma de falo, simbolizando Shiva) de Shiva, símbolos de fertilidade, pousados nos seus yoni (Sexo feminino) nos templos.”

Antes, porém, de realizar o seu sonho, Ram Chander tinha uma promessa a cumprir. Devia reembolsar o mahajan da sua aldeia do empréstimo que contraíra para pagar os ritos do funeral do pai. Caso contrário, o campo da família, que servia de hipoteca, perder-se-ia irreversivelmente. Alguns dias antes da expiração do prazo de pagamento, ele conseguira negociar um outro empréstimo com um usurário de uma aldeia próxima. Para os camponeses, o pagamento de uma dívida com a ajuda de outro empréstimo, e deste último mediante um terceiro, e assim por diante, constituía prática comum. No fim de contas, acabavam sempre por perder as suas terras.

Os cinco anos que Ram Chander tinha para pagar a sua dívida expiravam dali a umas semanas, precisamente antes das festas de Durga. Apesar do agravamento do seu estado de saúde, Ram continuava a trabalhar como uma besta. Uma manhã, Hasari encontrou-o à entrada dos correios de Park Street. O robusto indivíduo não passava de uma sombra do que fora. Viera até ali, a fim de que o munshi lhe preenchesse o vale mensal. O volumoso maço de notas que retirou do seu longhi surpreendeu o amigo.

— Iria jurar que assaltaste o Banco da Índia! exclamou Hasari.

— Não — respondeu Ram, com uma gravidade desusada. — O que aconteceu é que este mês tenho de lhes mandar tudo, senão perderemos o campo.

“Mandar-lhes tudo” significava que durante o mês anterior reduzira a sua alimentação a rações de fome: dois ou três bolos folhados, uma xícara de chá e um copo de sumo de cana por dia.

“Mal avistei o filho dos vizinhos, que corria ao meu encontro, compreendi”, narraria Hasari. “As notícias espalham-se rapidamente por todas as principais estações de riquixá da área, e não tardaram a aparecer trinta dos nossos reunidos no pequeno casebre, por detrás do hospital de Chittarajan, onde vivia Ram Chander. Ele estava deitado no estrado que lhe servira de cama durante os cinco anos que passara em Calcutá. A farta cabeleira grisalha assemelhava-se a uma auréola em redor da cabeça. Tinha os olhos entreabertos e nos lábios um daqueles sorrisos maliciosos que o caracterizavam. Parecia divertir-se com a partida que acabara de nos pregar.

De acordo com o marceneiro que partilhava o seu casebre, Ram morrera durante o sono, o que provavelmente explicava a sua expressão tranquila. Na noite anterior, fora acometido de violentos acessos de tosse. Cuspia muito e chegara mesmo a vomitar sangue. Em seguida adormecera e não voltara a acordar.

“Agora, tínhamos de realizar as cerimónias fúnebres. Discutimos com os outros condutores de riquixá se o transportaríamos a pé até o ghat crematório ou se era preferível alugar um tempo. Em Calcutá, podem-se alugar estes veículos de três rodas por uma, duas horas ou o tempo que se quiser, ao preço de trinta rupias por hora. Dada a distância que nos separava do ghat de Nimtallah, concordamos em alugar um tempo e, assim, sugeri que fizéssemos uma colecta. Uns deram vinte rupias, outros dez e outros cinco. Procurei na cintura de Ram, no sítio onde sabia que ele guardava o dinheiro, e encontrei vinte e cinco rupias. Os vizinhos quiseram igualmente associar-se a esta colecta, pois Ram gozava da simpatia de todo o bairro. Era imbatível a contar histórias e as crianças adoravam-no. Alguém foi buscar xícaras de chá à casa de chá mais próxima e todos bebemos em redor do nosso amigo. Ignoro se o fato se deveu ao seu sorriso, mas o certo é que não reinava a tristeza. As pessoas conversavam, entravam e saíam como se ele estivesse vivo e pudesse igualmente falar. Na companhia de três colegas, dirigi-me ao mercado próximo da estação de Sealdah a fim de comprarmos os diversos artigos necessários ao cumprimento das cerimónias fúnebres, a começar pela padiola necessária para transportar o corpo até o ghat. Compramos também paus de incenso, um pote de ghee, cinco metros de pano de algodão branco e uma longa corda para atar a mortalha à volta do corpo: e também várias grinaldas de jasmins brancos e um pote de barro para derramar água do Ganges sobre a boca e a cabeça do morto.

“Considerávamo-nos como sua família e, por conseguinte, fomos nós a vesti-lo pela última vez. Não demoramos muito tempo. Ram morreu em calções, longhi e a camisa de trabalho. Nós o lavamos e embrulhamos na mortalha que tínhamos comprado. De momento, apenas o rosto e a ponta dos pés ficaram à mostra. Nós o deitamos em seguida na padiola. Pobre Ram! Pesava, na realidade, muito pouco. Nenhum condutor de riquixá pesa muito, mas ele batia todos os recordes de peso-pluma. Desde o Inverno devia ter perdido uns vinte quilos. Nos últimos tempos, vira-se obrigado a recusar clientes demasiado gordos. Não se pede a uma cabra que puxe um elefante! Decoramos a padiola com as grinaldas de jasmins brancos e acendemos os

paus de incenso nos quatro cantos. Um após outro, demos uma volta em redor do corpo, num derradeiro namaskar de adeus.

“Antes de abandonar o casebre, reuni os seus objetos pessoais. Não havia grande coisa: alguns utensílios de cozinha, uma muda de longhi, uma camisa e umas calças para as festas de Durga e um velho chapéu de chuva. Eram todos os seus haveres.

“Seis de nós subimos com Ram para o tempo. Os outros apanharam um ônibus para o ghat crematório junto ao rio. Tudo se assemelhava às festas de Durga, à exceção de que, em vez de uma estátua da divindade, transportávamos o corpo do nosso amigo até o rio sagrado. Levamos uma hora a atravessar a aldeia de leste a oeste e cantamos hinos durante todo o percurso. Eram versículos do Gita, o livro sagrado da nossa religião. Todo o hindu aprende estes versículos em criança. Eles proclamam a glória da eternidade.

“Voltamos a reunir-nos aos outros no ghat. Havia sempre piras a arder e alguns cadáveres aguardavam já nas padiolas. Contatei com o responsável das cremações. Era um funcionário que pertencia à casta dos dom que são especialistas na cremação dos mortos. Vivem com as famílias junto das piras dos defuntos. O responsável pediu-me cento e vinte rupias para madeira. A madeira para uma cremação é muito cara. Este o motivo por que se deitam os indigentes e os sem-família ao rio, sem os queimar. Para que o corpo do nosso amigo se desfizesse em cinzas, custava ao todo cento e cinquenta rupias. Quando chegou a nossa vez, desci até o rio, a fim de encher de água o pote de barro, e cada um de nós derramou algumas gotas nos lábios de Ram. O brâmane deitou-lhe sobre a testa o ghee que trouxéramos e recitou os mantras rituais. Em seguida, colocamos o corpo na pira. O funcionário cobriu o corpo com outros paus até o aprisionar completamente numa gaiola de ramos. O brâmane deitou mais ghee sobre os ramos até não avistarmos mais do que um pedaço da mortalha branca.

“A medida que o momento final se aproximava, sentia um nó na garganta e as lágrimas subiram-me aos olhos. Por mais empedernido que se fosse, era uma coisa horrível ver um irmão fechado numa pira e prestes a ser queimado. Acorreram-me várias imagens à memória: o nosso encontro diante do armazém do Bazar Bara, quando levamos o carregador ferido ao hospital, aquela primeira garrafa de bangla que depois bebemos juntos, os domingos passados a jogar às cartas no restaurante de Park Circus, a nossa visita ao homem de confiança do proprietário de riquixás para lhe pedir que me

confiasse um veículo. Sim, nesta cidade desumana, Ram tinha sido um pai para mim, e agora, sem ele, sentia-me um órfão. Um dos outros condutores deve ter-se apercebido do meu desgosto, porque se aproximou de mim, e pousou-me uma mão no ombro. Não chores, Hasari, disse. Todos temos de morrer um dia. Talvez não fosse a mais reconfortante das frases, mas ajudou-me muito a conter-me. Aproximei-me da pira.

“Na medida em que Ram não tinha família em Calcutá, o brâmane pediu-me que mergulhasse a tocha ardente na pilha de madeira. Tal como exigia o ritual, dei cinco voltas em redor da pira, após o que lancei a tocha para o local onde estava a cabeça. A pira incendiou-se imediatamente por entre um crepitar de faíscas. Tivemos de recuar por causa do calor. Quando as chamas chegaram ao corpo, desejei uma boa viagem a Ram. Desejava, sobretudo, que ele pudesse renascer com um karma melhor, no corpo de um zamindar, por exemplo, ou no de um proprietário de riquixás!

“A cremação durou várias horas. Quando já nada restava para além de um montão de cinzas, um dos funcionários encarregados das cremações salpicou as cinzas com água do Ganges, após o que as colocou num pote de barro cozido. Em seguida, todos descemos até o rio e espalhamos as cinzas na corrente, a fim de que fossem levadas para a eternidade dos oceanos. Depois, tomamos um banho purificador e abandonamos o ghat.

“Restava-nos apenas mais um rito a executar. Na realidade, era mais uma tradição do que um rito. Para terminar aquele dia triste, invadimos uma das numerosas tabernas que se mantêm abertas dia e noite na proximidade dos crematórios e mandamos vir várias garrafas de bangla. Depois de estarmos completamente embriagados, fomos jantar juntos. Foi um verdadeiro festim de arroz, de dal, iogurte e doces. Um festim de ricos, para honrar dignamente a morte de um pobre.”

XXIX

Num velho edifício em ruínas, com uma escada que cheirava a urina e estava pejada de silhuetas em dhoti deambulando em todas as direções, os Serviços Alfandegários de Calcutá constituíam um templo clássico da burocracia. Stephan Kovalski irrompeu pela primeira repartição, exibindo como um talismã o aviso de chegada da sua encomenda de remédios. Uma vez lá dentro, porém, mal dera um passo quando todo o seu entusiasmo desapareceu. Deteve-se, pregado ao chão, ante o espetáculo que se lhe oferecia. Na sua frente estendia-se um campo de batalha de mesas velhas e prateleiras, abatendo-se sob o peso de montanhas de dossiers, de onde saíam papéis amarelados vagamente presos com pedaços de fio. Havia pilhas de registos aparentemente roídos pelos ratos, e alguns deviam remontar ao século passado. O cimento rachado do chão apresentava-se igualmente juncado de papéis. Das gavetas desconjuntadas saía uma variedade infinda de impressos. Na parede, Kovalski reparou num calendário muito antigo que mostrava uma imagem poeirenta da deusa Durga matando o demônio Búfalo, encarnação do Mal.

Uma dúzia de babu (Originariamente, uma expressão de respeito, utilizada hoje em dia para designar os funcionários burocráticos subalternos) em dhoti estavam sentados no meio deste caos, sob uma bateria de ventoinhas, que desencadeava uma verdadeira corrente de ar úmido que fazia esvoaçar os papéis. Enquanto alguns deles se esforçavam por apanhar os documentos como se estivessem a caçar borboletas, outros datilografavam com um só dedo em máquinas de escrever antigas, parando a cada letra a fim de verificar se haviam realmente tocado na tecla certa. Outros falavam a telefones que não pareciam ligados. Muitos davam a sensação de se ocuparem com atividades que não eram profissionais na verdadeira acepção do termo. Alguns liam jornais ou bebiam chá em pequenos goles. Outros dormiam com a cabeça pousada nos papéis que lhes cobriam as secretárias, semelhantes a múmias num leito de papiros. Outros, porém, sentados nas cadeiras na posição hierática do ioga, pareciam ter atingido a fase última do nirvana.

Num pedestal junto à entrada, três divindades do panteão, unidas por teias de aranha, velavam sobre o enorme departamento, enquanto um retrato de Gandhi coberto de pó contemplava resignadamente este caos. Na parede

oposta, um cartaz amarelado proclamava as gloriosas virtudes do trabalho de equipa.

A entrada de um desconhecido não despertara o mínimo interesse. Kovalski avistou um funcionário descalço que passava com uma chaleira. Com um movimento do queixo, este último indicou-lhe um dos funcionários que datilografava com um dedo. Avançando com dificuldade por entre as pilhas de dossiers, o padre chegou à personagem em questão e estendeu-lhe o aviso recebido pelo correio. O babu ajustou os óculos e examinou demoradamente o papel.

— Prefere o chá com ou sem leite? — inquiriu, fitando o visitante.

— Com — respondeu Kovalski um tanto apanhado de surpresa.

O homem fez soar uma sineta várias vezes até que uma sombra surgiu de entre as rimas de dossiers.

Mandou vir um chá. Depois examinou o documento e consultou o relógio.

— São quase horas de almoço, Mister Kovalski. Depois será tarde de mais para encontrar o seu dossier antes do encerramento das secções. Volte amanhã de manhã.

— Mas trata-se do envio muito urgente de medicamentos! — protestou o padre. — Para alguém que pode morrer.

O funcionário compôs uma expressão contristada.

— Aguarde o seu chá — disse, em seguida, apontando para a montanha de papéis que o rodeava. — Faremos tudo para encontrar a sua encomenda o mais rapidamente possível.

Após estas palavras, pronunciadas com a máxima afabilidade, o babu levantou-se e afastou-se.

Na manhã seguinte, às dez horas em ponto, hora a que abrem todos os departamentos administrativos na Índia, Kovalski estava de volta. Havia já cerca de trinta pessoas em fila. Alguns minutos antes da sua vez, viu que o mesmo funcionário de óculos se levantava e se ia embora como no dia anterior. Era a hora do almoço. Kovalski precipitou-se atrás dele. Com o mesmo sorriso delicado, o babu limitou-se a apontar para o relógio com uma expressão grave. Apresentou desculpas, mas era meio-dia. Debalde Kovalski lhe suplicou; o indivíduo manteve-se inflexível. O polaco decidiu manter-se no mesmo lugar e aguardar o regresso do babu. Contudo, naquela tarde o funcionário não voltou ao local de trabalho.

Por azar, o dia seguinte era um dos dois sábados do mês em que os

serviços fechavam. Kovalski teve de esperar até segunda-feira. Depois de mais três horas na fila que se formara nos degraus manchados de bétel, encontrou-se mais uma vez diante do funcionário de óculos.

— Bom dia, padre! — cumprimentou amavelmente o indiano, antes do invariável: “Prefere o chá com ou sem leite?”

Desta vez Kovalski estava cheio de esperança. O babu começou por meter na boca o pedaço de bétel que tinha acabado de preparar. Após várias mastigadelas, levantou-se e dirigiu-se para um armário metálico. Puxando pela maçaneta, fez uma série de tentativas antes de conseguir abri-lo. Quando a porta girou finalmente nos gonzos, o armário expeliu uma avalanche de dossiers, registos, impressos e documentos vários, quase enterrando o infeliz funcionário. Se não estivesse em jogo a vida de um ser humano, Kovalski teria desatado a rir, mas a urgência do assunto fez com que mantivesse a calma. Apressou-se a socorrer a “vítima”, decidido a arrancá-la a este oceano de papéis e a conseguir a entrega imediata da encomenda de remédios. Desconhecia ainda as armadilhas, por vezes subtis, da burocracia local. Com a precipitação tropeçou num coco que outro babu colocara no chão junto à sua cadeira, a fim de acalmar a sede ao longo da manhã. Felizmente não faltavam papéis que amortecessem a queda do polaco.

O incidente teve um efeito benéfico. O funcionário de óculos começou a folhear as páginas de vários registos caídos do armário. Kovalski observou-o, fascinado, durante alguns minutos. O homem percorria com os dedos uma confusão de caixas e pilhas em busca de qualquer informação cabalística garatujada com uma tinta quase ilegível. O dedo do babu deteve-se subitamente numa página. Kovalski inclinou-se para diante e mal conseguia acreditar nos seus olhos. No meio de todo este desabamento de documentos e registos, um sinal ligava todo este caos a uma realidade viva, palpável, indiscutível. Leu o seu nome. Esta burocracia não era tão ineficaz como os próprios Indianos afirmavam.

A descoberta impeliu o funcionário na direção de outra secção do mar de papéis, que pareciam poder afundá-lo a qualquer momento. Com a destreza de um pescador de pérolas, fez surgir um dossier de capa amarela, onde Kovalski decifrou o seu nome uma segunda vez. Vitória! Mais uns instantes de paciência, e a protegida de Bandona poderia receber a primeira injeção do soro salvador. Mas, indubitavelmente esgotado pelo esforço da sua descoberta, o babu endireitou-se e consultou o relógio.

— Continuaremos depois do almoço, padre — suspirou.

Nessa tarde, o babu pareceu mais desabrido.

— A informação constante no talão do registo não corresponde ao aviso que lhe enviaram — anunciou. — Terei de verificar em outros livros de registo.

“Só o rosto desolado do funcionário me impediu que explodisse de cólera”, contaria Kovalski.

O sexto e o sétimo dia passaram sem que eles conseguissem encontrar o registo certo. No oitavo dia, o babu exigiu quarenta rupias ao padre para utilizar dois empregados extras na procura das referências exatas. Passou mais uma semana. A catastrófica burocracia engolia sistematicamente as melhores das intenções. Stephan Kovalski já desistira de toda a esperança quando, seis semanas depois, recebeu pelo correio mais um aviso, convidando-o a aparecer urgentemente para levantar a sua encomenda. Por milagre, a protegida de Bandona continuava viva.

O babu recebeu o visitante com o entusiasmo que se aplica a uma velha amizade. A sua alegria por rever Kovalski era autêntica. Pediu-lhe mais trinta rupias, desta vez para a compra de selos fiscais, e pegou num frasco de cola e num pincel a que restavam quatro pelos. Passou cola em abundância no lugar destinado aos selos. Entretanto, apanhados pelo redemoinho das ventoinhas, os selos tinham voado. Kovalski viu-se obrigado a pagar mais trinta rupias por três novos selos. Convidaram-no depois a preencher uma série de formulários para estabelecer os direitos a pagar. Este cálculo e o de diversos impostos levou praticamente todo o dia. A soma final era exorbitante: trezentas e sessenta e cinco rupias, o triplo ou o quádruplo do custo declarado do medicamento. Contudo, salvar uma vida não tinha preço.

“Ainda não ultrapassara, porém, todas as dificuldades”, lamentar-se-ia o polaco. “De fato, os Serviços Alfandegários não estavam habilitados a receber diretamente o pagamento dos direitos por eles fixados. O dinheiro dos direitos tinha de ser depositado no banco central, que passava um recibo na altura.

Mais um dia, portanto, a deambular de balcão em balcão naquele estabelecimento tentacular.”

Apertando, finalmente, o precioso recibo de encontro ao peito, Kovalski regressou a toda a pressa ao edifício da Alfândega. Neste momento tornara-se já uma figura tão familiar que todos o cumprimentavam com um alegre “Bom dia, padre!”. No entanto, o seu babu deu mostras de uma reserva desacostumada. Absteve-se mesmo de examinar o documento, e em vez disso

pediu ao padre que o acompanhasse. Desceram juntos dois andares e entraram num armazém onde pacotes e caixotes vindos de todo o mundo se acumulavam em prateleiras. O babu pediu a um dos funcionários uniformizados que fosse buscar o pacote do medicamento. Momentos mais tarde, Stephan Kovalski confrontou-se por fim com a preciosa encomenda, uma caixa um pouco maior do que dois maços de cigarros.

“Assemelhava-se a uma miragem, uma visão de vida e de esperança, a promessa de um milagre. A longa espera, todo o tempo gasto numa atividade inútil, todo aquele esforço desesperado ia finalmente salvar uma vida.”

Estendeu a mão para pegar no embrulho.

— Lamento padre, mas não posso entregá-lo — desculpou-se o funcionário uniformizado da Alfândega.

Apontou para uma porta atrás dele que tinha uma tabuleta com os dizeres “Incinerador de mercadorias”.

— A data de validade do seu remédio expirou há três dias — explicou, dirigindo-se à porta. — Somos obrigados a destruí-lo. É um regulamento internacional.

O babu, que até esse momento se conservara silencioso, interferiu rapidamente, agarrando o indivíduo pela camisa.

— Este padre é um homem santo — protestou. Trabalha para os pobres. Precisa desse remédio para salvar a vida a uma mulher indiana. Mesmo que a data tenha expirado deve entregar.

O funcionário aduaneiro examinou os tênis deformados de Kovalski.

— Trabalha para os pobres? — repetiu num tom respeitoso. Kovalski esboçou um aceno afirmativo e viu que o funcionário da Alfândega passava uma cruz por cima da palavra “deteriorado”.

— Não diga uma palavra a ninguém, padre, e que Deus o abençoe.

Apesar de um tratamento de choque, a protegida de Bandon morreu algumas semanas depois. Tinha vinte e oito anos, era viúva e deixava quatro órfãos. Num bairro de lata indiano, tal qualificação não se aplica de fato às crianças. Quando os pais morrem, e Deus sabe como isso acontecia frequentemente, não deixavam órfãos atrás de si. Outros membros da família — um irmão mais velho, um tio, uma tia — ou, na ausência de parentes, os vizinhos adotavam-nos imediatamente.

A morte da jovem mulher depressa caiu no esquecimento. Era essa mais uma das características do bairro de lata. A vida continuava com uma energia e vigor sempre renovados, independentemente dos acontecimentos.

XXX

Uma miríade de serpentes cintilantes invadiu subitamente o céu quando o ruído de fogos de artifício explodiu no bairro de lata. Diwali, o festival hindu das luzes, era celebrado na noite escura do ano e marcava o início oficial do Inverno. Neste país, onde tudo é mito e simbolismo, representava a vitória da luz sobre as trevas. As iluminações comemoravam uma das maiores epopeias da lenda de Ramaiana, o regresso da deusa Sita trazida de volta pelo seu divino consorte Rama, depois de ter sido raptada para Ceilão pelo demônio Ravana. Em Bengala, acredita-se igualmente que as almas dos defuntos iniciam a sua viagem nesta data do ano e acendem-se lanternas para lhes iluminar o caminho. É também o festival da deusa Lakshmi, que nunca entra numa casa escura, mas apenas nas casas bem iluminadas. E, na medida em que ela é a deusa da Riqueza e da Beleza, veneram-na com a esperança de que traga felicidade e prosperidade. Por fim, é para muitos bengaleses igualmente o festival de Kali, a obscura divindade que simboliza as duras experiências através das quais se atinge a luz. Para os habitantes da “Cidade da Alegria”, Diwali é sobretudo a esperança no final da noite.

À semelhança dos outros lares hindus espalhados pelo país, os casebres do bairro de lata constituíam nessa noite o cenário de frenéticos jogos de cartas. O festival perpetuava, na realidade, um costume nascido de uma outra lenda, a famosa partida de dados na qual o deus Shiva tinha recuperado a fortuna que perdera numa partida anterior contra Parvati, a sua esposa infiel. Para obter esta vitória, o deus Shiva apelara ao seu divino colega Vixnu, que se encarnara oportunamente num par de dados. As festas de Diwali eram também, assim, uma forma de homenagem ao jogo.

Nessa noite, todos os hindus jogavam às cartas, aos dados ou à roleta. Jogavam com notas de dez, cinco, uma rupia, ou apenas algumas moedas. Quando o dinheiro se acabava, jogavam uma banana, um punhado de amêndoas, alguns doces. Pouco lhes importava o que jogassem, desde que jogassem. O próprio Kovalski não pôde escapar ao ritual, pois embora ocupado por muçulmanos, também Nizamudhin Lane tinha a sua chama.

O velho hindu da casa de chá convidou o seu vizinho estrangeiro a participar num aceso jogo de póquer, que se prolongou até o nascer do dia. Tal como na lenda, o devoto de Shiva conseguiu recuperar as vinte rupias que o adversário lhe ganhara no último lance.

Foi ao regressar a casa nessa manhã que Stephan Kovalski soube a notícia. Selima, a mulher do seu vizinho Mehboub, grávida de sete meses, desaparecera.

A jovem muçulmana fora discretamente abordada três dias antes, no chafariz, por uma das suas vizinhas. Uma matrona de rosto marcado pelas bexigas, Mumtaz Bibi, era uma figura misteriosa neste universo, onde a promiscuidade a todos tornava transparente. Embora o marido não passasse de um simples operário de fábrica, ela vivia numa certa opulência. Morava na única casa de tijolo da ruela e a sua habitação não era propriamente um casebre. Do tecto pendia um raro e maravilhoso objeto: um lâmpada eléctrica. Dizia-se também que era proprietária de uma série de quartos das redondezas, mas ninguém sabia de onde lhe vinha o dinheiro. As más-línguas faziam correr o boato de que Mumtaz se dedicava ao ocultismo fora do seu recinto. O padrinho da máfia local já fora visto a entrar na sua casa. Falava-se de tráfico de bhang, a marijuana indiana, de destilação clandestina de álcool, de prostituição e até mesmo de uma rede de aquisição de jovens para os bordéis de Deli e Bombaim. Contudo, ninguém conseguira ainda provar estas calúnias.

“Passa pela minha casa no caminho de volta da fonte”, dissera ela a Selima. “Tenho uma proposta interessante a fazer-te”.

Apesar de surpreendida, Selima obedeceu. A pobre mulher tornara-se uma sombra do que fora desde que o marido ficara desempregado. O belo rosto acetinado tornara-se flácido e o pequeno brilhante que usava no nariz há muito que tinha ido parar ao cofre do usurário. Ela, sempre tão direita e digna, com o seu velho sari, tinha agora um andar de velha. Apenas o ventre se mantinha intato, um ventre inchado, esticado, soberbo, que ela exibia orgulhosamente. Constituía a sua única riqueza. Dali a dois meses daria à luz o pequeno ser que mexia no seu interior. O seu quarto filho. Mumtaz Bibi tinha preparado um prato com doces e duas pequenas xícaras de chá com leite. Convidou a sua visita a que se sentasse no estrado baixo que lhe servia de cama.

— Estás decidida a conservar essa criança? — perguntou—lhe, apontando para o ventre de Selima. — Se concordares em ma vender, estou disposta a fazer-te uma boa proposta.

— Vender-te o meu filho! — balbuciou Selima, surpreendida.

— Não exatamente a criança — corrigiu-a a gorda mulher. — Apenas o que trazes no ventre neste momento. E por um bom preço: duas mil rupias.

A opulenta viúva de Nizamudhin Lane exercia a mais recente das profissões clandestinas de Calcutá: a venda de embriões e fetos humanos. Na origem deste comércio situava-se uma rede de compradores estrangeiros que percorriam o Terceiro Mundo por conta de laboratórios e institutos de pesquisas genéticas. A maioria destes compradores eram suíços ou americanos. Utilizavam os embriões e fetos para os seus trabalhos científicos ou para o fabrico de produtos de rejuvenescimento destinados à clientela de estabelecimentos especializados na Europa e na América. Esta procura desencadeara um tráfego frutífero, de que Calcutá era um dos fulcros. Um dos fornecedores titulares desta invulgar mercadoria era um ex-farmacêutico chamado Sushil Vohra. Obtinha o seu produto de várias clínicas especializadas em abortos e tratava do acondicionamento das encomendas, que partiam para a Europa ou os Estados Unidos, via Moscovo, nos voos regulares da companhia aérea soviética Aeroflot.

Os fetos mais procurados eram naturalmente os mais desenvolvidos, mas estes eram também os mais difíceis de obter, o que explicava a elevada soma proposta a Selima, ao passo que um embrião de dois meses se pagava por menos de duzentas rupias. Na realidade, era muito raro que uma mulher grávida de seis ou sete meses se separasse do filho. Até nas famílias mais pobres o nascimento das crianças é sempre aguardado com alegria. Constituem a única riqueza dos que nada têm.

— Pensa bem, minha filha — aconselhou Mumtaz, assumindo um ar maternal. — Já tens três filhos. O teu marido está desempregado e ouvi dizer que em tua casa nem todos os dias se come. Talvez não seja este o momento oportuno de acrescentares mais uma boca ao teu lar. Ao passo que com duas mil rupias se podem encher muitos pratos de arroz, como sabes.

Ela sabia-o bem, a pobre Selima. A sua tortura diária consistia em descobrir algumas cascas e restos de comida para alimentar os seus.

— O que dirá o meu marido se eu aparecer em casa com duas mil rupias e nada no meu...? — inquietou-se a infeliz.

— Isso não será problema — respondeu a matrona com um sorriso cúmplice. — Pagar-te-ei as duas mil rupias em pequenas prestações. O teu marido nem mesmo se preocupará e poderás comprar comida todos os dias para a tua família.

As duas mulheres separaram-se com estas palavras, mas no momento em que Selima ia a sair Mumtaz voltou a chamá-la.

— Esqueci de uma coisa — acrescentou. — Se concordares, não terás

motivo de receio. A operação efetua-se nas melhores condições e dura apenas uns minutos. Quando muito, estarás ausente três horas de casa.

Por estranho que pareça, a ideia de perigo não passara pela cabeça da mulher de Mehboub: para um pobre daquele bairro a morte não constituía uma grande preocupação.

A infeliz passou todo o dia e toda a noite atormentada por aquela conversa. Cada movimento que sentia no seu interior parecia-lhe um protesto contra o horrível negócio que acabavam de lhe propor. Jamais poderia concordar com este crime, mesmo por duas mil rupias. Contudo, outras vozes perseguiram Selima nessa noite, as vozes dos seus outros três filhos que choravam de fome. Ao romper do dia, tomou a decisão.

Tudo foi combinado para dois dias depois. Mal recebeu a notícia, o traficante Sushil Vohra preparou um frasco enorme com um líquido antisséptico. Um feto de sete meses tinha praticamente o mesmo tamanho e forma de um bebê recém-nascido. Levou o recipiente a uma pequena clínica onde se realizaria a operação. As festas em curso levantavam alguns problemas. Os habituais cirurgiões hindus estavam ocupados a jogar cartas ou dados, mas Sushil Vohra não era indivíduo para se deixar vencer por tais obstáculos. Mandou vir um dos seus confrades muçulmanos.

O estabelecimento médico que Mumtaz indicou a Selima só com dificuldade se poderia designar de clínica. Era uma espécie de dispensário constituído por uma única divisão, separada ao meio por uma cortina. Uma metade servia de recepção e local de tratamento, e a outra de sala de operações. O equipamento médico era dos mais sumários: uma mesa metálica, uma luz fluorescente, um frasco de álcool e outro de éter arrumados numa prateleira. Não havia esterilizador nem oxigênio e nenhuma reserva de sangue. Tão-pouco instrumentos. Cada cirurgião era obrigado a trazer a sua maleta pessoal.

Incomodada pelo cheiro a éter que impregnava o chão e as paredes, Selima deixou-se cair num banco, que constituía a única peça de mobiliário. O ato que se dispusera a cometer cada vez lhe parecia mais monstruoso, mas submeteu-se-lhe resignadamente. “Esta noite o meu marido e os meus filhos poderão comer”, repetia sem cessar de si para si. Entre a blusa e a pele sentia o contato das primeiras notas que Mumtaz lhe dera: trinta rupias, o suficiente para comprar quase vinte quilos de arroz.

O cirurgião convocado para a operação era um homem na casa dos cinquenta, um pouco calvo e com orelhas proeminentes. Pediu a Selima que

se deitasse na mesa e examinou-a atentamente. Atrás dele, o traficante denotava sinais de impaciência. O avião da Aeroflot partiria dali a quatro horas. Disporia do tempo exato para levar o frasco ao aeroporto de Dum Dum. Já tinha prevenido o seu contato em Nova Iorque. A transação render-lhe-ia cerca de mil dólares.

— De que estás à espera, doutor?

O cirurgião pegou na maleta de instrumentos, enfiou uma bata, pediu um pouco de sabão e uma bacia para lavar as mãos, após o que embebeu um pedaço de algodão em éter, que colocou debaixo do nariz e na boca de Selima. Esfregou nervosamente o bigode, enquanto esperava que a jovem mulher perdesse os sentidos, e depois agarrou no bisturi. Vinte minutos depois, colocando compressas para estancar o sangue que corria do útero, depositou o feto envolto em placenta nas mãos do traficante. Era um rapaz.

Foi após cortar o cordão umbilical que aconteceu o drama. Do ventre de Selima saiu um líquido ensanguentado, em seguida grandes coágulos negros e depois um verdadeiro fluxo. O chão ficou inundado de sangue no espaço de segundos. O cirurgião tentou comprimir o baixo-ventre mediante compressas e uma ligadura muito apertada, mas a torrente vermelha não estancava. Tirou o penso e tentou apalpar o traçado da aorta abdominal. Aplicando o punho no vaso sanguíneo, comprimiu com toda a força, numa tentativa de parar a hemorragia. Não dispondo, porém, de uma dose maciça de coagulantes, todos os seus esforços foram inúteis. Apalpou-lhe o pulso. Contudo, as pulsações de Selima eram imperceptíveis e irregulares. Nesse momento, ouviu o ruído de uma porta a fechar-se nas suas costas e voltou-se. O traficante tinha partido, levando o frasco. Mumtaz Bibi fez outro tanto, tendo primeiro recuperado levemente as trinta rupias da blusa da vítima. O cirurgião tapou a mulher moribunda com o velho sari. Em seguida despiu a bata ensanguentada e dobrou-a cuidadosamente. Arrumou os seus instrumentos na maleta e meteu tudo na pasta de couro. Também ele se foi embora.

Selima ficou só com o empregado da “clínica”. Apenas se escutava o ruído de vozes que se sobrepunham ao ranger da ventoinha. O pedaço de algodão embebido em éter continuava a tapar o rosto da infeliz. O empregado era um homenzinho enfezado, com espessas sobrancelhas e um nariz aquilino, semelhante a um bico de uma águia. Para ele, o corpo exangue estendido na mesa valia mais do que todas as partidas de cartas que se jogavam naquele momento. Conhecia uma morada útil, onde cortavam os cadáveres sem identificação para recuperar os esqueletos e exportá-los para a

América.

XXXI

Cinquenta mil bombas lançadas sobre cada um dos cinquenta mil riquixás de Calcutá não teriam produzido um alarido maior. Os proprietários dos riquixás haviam acabado de informar que iriam aumentar o aluguer diário pago pelos condutores. A partir do dia seguinte, passaria de cinco para sete rupias.

Era o golpe mais terrível infligido pelos proprietários dos riquixás desde os confrontos de 1948, quando os patrões haviam exigido que todos os veículos lhes rendessem uma renda dupla, uma pela utilização diurna e outra pela utilização noturna. Esta pretensão esteve na origem da primeira greve dos condutores, um hartal (Paragem total de toda a atividade, greve) de dezoito dias que terminou com a vitória dos cavalos humanos e uma vitória significativa da sua parte: a criação de um sindicato. O responsável por esta iniciativa era um antigo camponês do Biar de cabelos grisalhos e encrespados, atualmente com cinquenta e quatro anos, uma idade recorde nesta profissão, onde a esperança de vida não ultrapassava os trinta anos. Em cerca de treze mil dias, Golam Rassoul havia percorrido entre os seus varais uma distância quatro vezes superior à que separa a Terra da Lua. Este sobrevivente de mais de trinta anos de monções, incidentes e humilhações, compreendera que um poderoso sindicato era o único meio para que os condutores de riquixá se fizessem ouvir. Contrariamente, porém, aos operários das fábricas, os condutores trabalhavam a nível individual e as suas ambições limitadas erguiam uma extraordinária barreira a uma ação de grupo.

Rassoul aprendeu a ler e a escrever, copiou documentos e contactou com uma personalidade do movimento sindicalista que possuía uma vasta experiência de organização de massa, um membro do Partido Comunista do Parlamento de Bengala chamado Abdul Rahman. “Chefia uma cruzada”, exortara-o ele, “para que os condutores de riquixá de Calcutá deixem de ser tratados como animais!”

Assim nasceu o Sindicato dos Condutores de riquixá, um dos sindicatos mais insólitos do mundo, uma organização de cavalos humanos decididos a levantar cabeça e a agrupar-se para defender os seus direitos. Agregado à Federação Comunista dos Sindicatos Indianos, o sindicato elegeu como presidente Abdul Rahman e como secretário-geral o seu instigador, um condutor veterano de riquixá com o cabelo grisalho e o nome de Golam

Rassoul. Duas divisões no quarto andar do arruinado edifício dos sindicatos passaram a servir de sede à nova organização. Todas as manhãs, às seis horas, antes de tomar lugar entre os varais do seu riquixá junto à estação de Sealdah, Rassoul estava presente a fim de escutar as queixas dos seus camaradas e oferecer-lhes o apoio do sindicato nos seus conflitos com os proprietários e polícias.

No começo, as reuniões atraíram um número reduzido de participantes. Depressa, porém, começaram a comparecer condutores vindos de todos os pontos da cidade. À tarde, Rassoul trocava os varais por um objeto que não fazia de modo algum parte do equipamento geral de um condutor de riquixá. Munido de uma caneta, instalava-se atrás das pilhas de dossiers poeirentos do Serviço Municipal de Carruagens e Veículos de Mão a fim de se inteirar das formalidades de renovação das licenças dos riquixás. Esta cerimonia desenrolava-se sob uma grinalda de teias de aranha que giravam ao ritmo de uma velha ventoinha, entre as gravuras amarelecidas de Kali, a deusa sanguinária com dez braços e um enorme vestido florido. Teoricamente, a renovação custava doze paisa, menos de um cêntimo. Desde 1911 que o preço não mudava. Na prática, porém, dizia-se que um condutor, para obter o precioso documento, teria de pagar um suborno de trinta rupias aos policiais. E, aparentemente, três vezes mais quando o seu protetor Rassoul se encontrava ausente.

“Protetor” era a palavra exata. Em trinta anos de ação sindical, o infatigável Rassoul abria fogo permanente. Por intermédio de comícios de protesto, marchas de fome e greves, inspirara e organizara a resistência dos cavalos humanos de Calcutá contra a voracidade dos patrões e a interferência da polícia. Batera-se contra o que designava como o arbitrarismo das autoridades municipais que interditavam continuamente o acesso a determinadas ruas aos riquixás, sob o pretexto de descongestionar os engarrafamentos de tráfego que aumentavam de dia para dia. O desastre urbano de Calcutá constituía uma ameaça fatal para os que ganhavam a vida no meio dos engarrafamentos. Até os mais acrobáticos condutores se viam apanhados como peixes na rede. A fim de escapar àquela trama e evitar as ruas proibidas, os homens viam-se obrigados a desvios fatigantes.

Agora, a subida exorbitante dos alugueres infligia-lhes mais um golpe. Foi assim que, de rua em rua, de praça em praça, das margens do Hooghly aos arranha-céus de Chowringhee e dos bairros de lata de Howrah aos luxuosos portões das residências de Wood Street, a cidade começou a ser

palco de um estranho concerto. “Tap, tap, tap”, o som contínuo dos guizos batendo de encontro à madeira dos varais dos riquixás. A hora da raiva chegara.

“Alguns homens têm facas com que se defender, ou espingardas. Ou armas ainda mais terríveis”, narraria Hasari Pai.

“Nós tínhamos apenas uma bolinha de cobre com o tamanho de uma noz. Contudo, aquele miserável guizo, que provocava um som agudo quando batia de encontro aos varais ou ao pé de um candeeiro, era mais poderoso do que qualquer outra arma. Era a voz dos riquixás de Calcutá. Era a nossa voz. E naquela manhã a nossa voz deve ter produzido um autêntico rebuliço, dado que os representantes dos proprietários dos riquixás se apressaram a vir explicar-nos o que levava os seus patrões a decidir aumentar o aluguer. Regra geral, davam-nos as más novas sem se incomodarem com palavreado. Quem precisa de dar explicações a escravos? No entanto, devido à agitação que nesta altura se vivia na cidade, certamente entenderam que não íamos engolir as suas urtigas como as pobres cabrinhas do Zoo de Alipore. O aumento era excessivo. Elevando ao máximo a voz para se fazer ouvir no meio daquele ruído de guizos, Musafir, o representante do meu proprietário, interpelou-me publicamente.

— Sabes quanto custa, hoje em dia, mudar o cubo de uma roda, Hasari? Ou quanto custa uma capota nova? — gritou um outro delegado.

— Ou o suborno dos polícias? — acrescentou um terceiro.

“Todos estes homens tinham decorado a lição na ponta da língua. Contudo, a nós pouco nos interessava o preço dos cubos das rodas ou os subornos dos polícias. Não arruináramos demasiado as costas entre os varais dos nossos riquixás para lamentar a sorte dos patrões. O que tinha realmente importância para um condutor era o maço de rupias que levava mensalmente ao tnunshi, a fim de dar de comer à família que deixara atrás de si, na aldeia.

“Gerou-se uma discussão. Mas como todos gritavam ao mesmo tempo era impossível alguém fazer-se ouvir. A chegada de Golam Rassoul, o secretário do nosso sindicato, serviu para acalmar os ânimos. Apesar da sua baixa estatura e do seu ar de pássaro caído do ninho, emanava uma imensa autoridade.

— Vão dizer aos vossos patrões que desistam do aumento dos alugueres — declarou, enfrentando os representantes. — Caso contrário, nem um só riquixá ficará inteiro nas ruas de Calcutá.

“Rassoul abriu a caixa de cartão que trouxera com ele e distribuiu

panfletos. Nenhum de nós sabia ler ou escrever, mas adivinhamos o que se pretendia. Tratava-se de um apelo à greve.

Os representantes desapareceram, a fim de informar os proprietários. Também eles tinham um sindicato.

“Os condutores acorreram com os seus veículos de todos os cantos da cidade. Havia mesmo riquixás com triciclos vindos do outro lado do rio, de Barrackpore e dos longínquos subúrbios. Os ciclistas eram pobres tipos como nós, à excepção de que faziam mais corridas por dia.

“A esplanada de Park Circus encheu-se de tal maneira que os ônibus e os eléctricos deixaram de poder circular. Os carros da polícia acorreram ao local para fazer escoar o tráfego, mas o que podiam trinta polícias frente a uma multidão como a nossa? Distribuíram algumas bastonadas ao acaso e por fim desistiram. Um membro do sindicato desenrolou uma bandeira vermelha presa a duas compridas varas de bambu. Exibia a foice e o martelo com o nome do nosso sindicato. Erguida por cima das nossas cabeças, formava um arco de triunfo.

“O barulho dos guizos aumentava a cada cinco minutos, à medida que novos condutores de riquixás iam chegando. Era de ensurdecer. Dir-se-ia que um bilião de cigarras batiam as asas ao mesmo tempo. Os proprietários decerto escutaram aquele concerto dos seus esconderijos. A menos que tivessem posto algodão nos ouvidos!

“O ar desdenhoso dos representantes no momento em que regressaram junto de nós era mais eloquente do que qualquer discurso: os patrões mantinham o aumento anunciado. Rassoul subiu para um telagarhi, munido de um megafone. Interroguei-me como era possível que uma voz tão potente saísse de um peito tão frágil.

— Camaradas! — gritou. — Os proprietários dos vossos riquixás querem aumentar ainda mais os seus lucros. A sua voracidade não conhece limites. Começaram por exigir o pagamento de um duplo aluguer, um para o dia, outro para a noite. Agora, aumentam os vossos alugueres em cinquenta por cento! Só Deus sabe as novas exigências que vos imporão amanhã!

“Rassoul falou durante algum tempo. O rosto desaparecia-lhe por detrás do megafone. Referiu-se aos nossos filhos e declarou que este aumento os condenaria a passar fome. Disse-nos que não tínhamos alternativa para a nossa condição de escravos, que a maior parte de nós tinha perdido as suas terras e que se nos tirassem a esperança de ganhar a vida a puxar os nossos riquixás apenas nos restaria a morte. Disse que tínhamos de nos libertar desta

ameaça, custasse o que custasse, que éramos em número suficiente e com a força bastante para impor a nossa vontade e obrigar os proprietários a recuar. E terminou propondo-nos que votássemos a favor de uma greve ilimitada.

— Inkalabad zindabad! Viva a Revolução! — gritou em seguida. — Viva o Sindicato dos Condutores de riquixás!

“Entoamos os slogans em coro e repetimo-los várias vezes. Isto fez-me pensar no meu amigo Ram Chander. Como ele teria gostado de ver todos os seus irmãos de miséria unidos, ombro a ombro, na defesa do prato de arroz das suas famílias! Ele que tantas vezes lutara sozinho. Sentíamo-nos transportados, como pelo vento que sopra antes da monção. Viva a Revolução! A Revolução! Também eu pronunciava a palavra, sem saber exatamente o que ela significava. Só desejava poder levar algumas rupias por mês ao munshi e beber uma garrafa de bangla de vez em quando na companhia de amigos.

“Rassoul pediu que todos os que eram a favor da greve levantassem a mão. Entreolhamo-nos em silêncio. Qual dentre nós podia encarar sem apreensão um único dia sem o seu ganha-pão? O pássaro corta o ramo em que se empoleira? Os proprietários tinham os seus potes cheios de arroz e dal. Nós podíamos ficar reduzidos a esqueletos antes que eles perdessem um grama de gordura. E, contudo, não nos restava escolha.

“Um indivíduo ao meu lado, ergueu o braço. Era um biari. Eu conhecia-o de vista. Chamavam-lhe Cara Marcada’ porque recebera uma bastonada de um polícia que o desfigurara. Tossia como Ram, mas não mascava pan. Quando cuspiam, não restavam dúvidas quanto à natureza do vermelho. Indubitavelmente dissera de si para si que, com ou sem greve, pouca diferença lhe fazia.

“Outras mãos se levantaram. Mais ainda depois. Por fim, todas as mãos se ergueram, inclusive a minha. Era estranho o espetáculo de todas aquelas mãos erguidas acima das cabeças. Nenhuma delas apresentava o punho cerrado. Não existia ódio, mas antes uma certa resignação. Era inútil que Rassoul repetisse que a greve constituía a nossa única arma, pois não havia dúvida de que os condutores tinham levantado relutantemente a mão. Como era possível fazer-lhes frente? O Sindicato dos riquixás não era o sindicato dos operários da Dunlop, ou da GKW ou de outras grandes fábricas. Sempre que os trabalhadores entravam em greve, estes sindicatos davam-lhes subsídios. Podiam aguentar-se durante meses.

“Rassoul voltou a pegar no megafone para anunciar que a moção de

greve fora aceite por unanimidade.

— Camaradas! — gritou de seguida. — O nosso venerado presidente Abdul Rahman convoca-os para uma reunião na esplanada do Maidan, esta tarde, às três horas. Unidos, faremos ouvir a nossa cólera. Unidos, faremos vergar os proprietários.

“E retomou slogans sobre a Revolução, que todos repetimos em coro. Estávamos como que embriagados. Gritávamos sem pensar. Gritávamos porque todos éramos pobres que se haviam unido para gritar.

“O mais extraordinário residia neste sentimento de vingança que, de súbito, nos invadiu. A grande cidade de Calcutá pertencia-nos a nós, transportadores de homens; a nós, que éramos insultados e desprezados pelos motoristas de táxis, ônibus e caminhões. A nós, que éramos atormentados e espancados com golpes de bastão pelos polícias; a nós, que os clientes tentavam sempre enganar em algumas moedas. Nós, os escravos suados e sofrendores dos sardarji e dos proprietários; nós, a população de condutores de riquixá, éramos subitamente os patrões. Nem um só veículo rolava no centro da cidade, inteiramente bloqueado por milhares de riquixás. Assemelhava-se a uma inundação, só que a monção fizera chover carros vazios. Ignoro quantos éramos, talvez cinquenta mil ou mais. Tal como os muitos afluentes do Ganges, os nossos vários desfiles convergiam na totalidade para Chowringhee, a grande avenida ao longo do Maidan, que os senhores da polícia haviam interdito às nossas velhas geringonças, três meses antes, sob o pretexto de que ocupávamos espaço em demasia e causávamos engarrafamentos. Agora, viam-nos passar, de cabeça baixa enfiada nos capacetes brancos, as armas metidas nos cintos impecavelmente lustrosos e os bastões prontos a atingir a cabeça, ou as costas dos pobres.

“Os membros do sindicato tinham distribuído folhetos vermelhos ao longo do percurso. Estes anunciavam que éramos os condutores de riquixá de Calcutá e que rejeitávamos o novo aumento de aluguer. Diziam também que estávamos fartos dos embargos da polícia e que reivindicávamos o direito de ganhar o nosso arroz como toda a gente. Os transeuntes fixavam-nos surpreendidos. Nunca tinham visto tantos riquixás juntos. Estavam habituados a assistir a manifestações dos funcionários públicos, dos empregados da ferrovia ou dos condutores de elétricos, numa palavra, aqueles que tinham a sorte de estar bem empregados e ganhar bem. Parecia ultrapassá-los o fato de que aqueles miseráveis, que consideravam animais de carga e avistavam sempre de costas dobradas, se atrevessem igualmente a

fazer manifestações.

“Enquanto caminhávamos, entoávamos slogans que terminávamos com três toques de guizo. Isto fazia um barulho impressionante. À esquina de Lindsay Street, um vendedor de cocos tirou a cabeça a todos os frutos e distribuiu-os para que pudéssemos continuar. Era pena que o cortejo nos forçasse a seguir a pé, pois muito me agradaria ter ido dizer ao indivíduo que ele podia entrar no meu riquixá e o conduziria gratuitamente aonde ele quisesse. Não era todos os dias que nos ofereciam de beber nesta cidade. Mais adiante, em frente das arcadas do Grand Hotel, onde eu andara a rebuscar nas lixeiras com os meus filhos, havia turistas estrangeiros que não podiam regressar aos ônibus por causa da nossa marcha. Pareciam interessar-se por nós, dado que tiravam fotografias. Alguns deles foram mesmo ao ponto de se meterem no meio do cortejo para tirarem fotografias connosco. Os condutores de riquixá em cólera deviam constituir um espetáculo tão excitante como o dos tigres brancos no Zoo de Alipore. Ignoro se os condutores de riquixá fazem greve noutros países, mas no regresso poderiam mostrar estas imagens aos amigos e parentes e dizer-lhes que se assistia a episódios bastante curiosos nas ruas de Calcutá.

“O nosso desfile chegou ao local de encontro ao fundo de Chowringhee. Quando nos juntamos a um outro, o desfile aumentou na proporção de um rio maior que o Ganges. O nosso destino final era o Sahid Minar, o pilar no Maidan, tão alto que parece atingir as nuvens. Lá em cima, no terraço, avistavam-se polícias. Os condutores de riquixá de Calcutá reunidos deviam causar dores de cabeça à polícia. Junto ao pilar, havia uma plataforma decorada com bandeiras vermelhas. Era um espetáculo grandioso. Quando chegamos, os homens do sindicato convidaram-nos a deixar os carros ao longo do Maidan e a sentarmo-nos diante do estrado. Interroguei-me como é que cada um de nós seria capaz de voltar a encontrar o seu veículo no meio de tantos.

“Golam Rassoul subiu ao estrado. Para esta ocasião solene, vestira um dhoti e um kurta impecáveis. Contudo, apesar daquela bela roupa, mantinha o seu ar insignificante. Havia mais pessoas a seu lado, no estrado, mas não sabíamos quem eram. Momentos depois, Rassoul pegou num microfone e gritou qualquer coisa em hindi. Quase todos os condutores se puseram em pé e gritaram:

— Abdul Rahman zindabad! Viva Abdul Rahman! — Rassoul repetiu estas palavras, desta vez em bengali, e foi assim que tomei conhecimento da

chegada do presidente do nosso sindicato. Era um homem baixo e gordo com um ar de babu de um partido político. Impossível que tivesse puxado muitos riquixás, a menos que o tivesse feito noutra vida. Rodeavam-no uma dúzia de homens, que lhe abriram caminho por entre a multidão. Quase lhe varriam a poeira por baixo dos pés. Agitou a mão ao passar entre nós, e não era uma miserável pedra de lua o que usava nos dedos, mas enormes anéis de ouro que brilhavam ao sol. Subiu para o estrado e instalou-se na primeira fila com o seu séquito. Rassoul anunciara que ele ia apresentar-nos aos representantes dos outros sindicatos que tinham vindo trazer-nos o apoio dos seus membros. Havia representantes das fábricas de juta, dos automóveis Hindoustani, dos estaleiros navais e sabe-se lá de que mais! De cada vez que nos faziam sinal, saudávamos cada um com uma corrente de Zindabads!, e sempre que o fazíamos a multidão oscilava em todas as direções. Sentíamos calor na boca do estômago ante o pensamento de que havia gente disposta a interessar-se por pobres tipos como nós. Rassoul fez-nos aclamar uma vez mais o presidente. Emocionado pelos aplausos, o homem dos anéis levantou-se para tomar a palavra.

“Devia estar muito acostumado àquele tipo de comícios, na medida em que todas as suas atitudes pareciam especialmente calculadas. A começar, o seu silêncio. Demorou um bom minuto a olhar-nos sem falar, abanando levemente a cabeça como um camponês satisfeito por contemplar as suas espigas de trigo, ondulando a perder de vista no horizonte. Em seguida, resolveu falar, misturando frases em bengali e hindi. Não compreendi tudo o que ele disse, pois utilizava sobretudo o hindi, falado pela maioria dos condutores biaris. Falava, no entanto, muito bem aquele babu Abdul! Consegui perceber que nos dizia que os patrões nos impunham a fome, que faziam fortuna à custa do nosso suor e sangue e que tudo isto continuaria enquanto o Governo capitalista não se decidisse a expropriá-los para nos dar os carros que puxávamos. Era, de fato, uma excelente ideia e aplaudimos com entusiasmo. Houve mesmo quem gritasse que devíamos exigir a expropriação imediata. Dessa forma, não haveria aumento de aluguer.

“Abdul Rahman continuou o seu discurso, falando cada vez mais depressa e mais alto. Poderia pensar-se que estava a recitar o Ramaiana, tal o entusiasmo que colocava em cada palavra. O dedo apontava proprietários imaginários e parecia trespassá-los com uma faca. O efeito produziu uma tal magia que alguns dos meus colegas começaram a bater as mãos, a gritar ou a erguer o punho. Os mais novos, que abriam caminho por entre as fileiras para

venderem doces e chá e os próprios indivíduos que andavam a fazer a colecta, pararam a fim de brandir o punho e gritar com os outros. Ignoro se os proprietários e os seus representantes observavam esta cena de longe e se escutavam os nossos gritos, mas, se assim fosse, por certo fariam caretas. Se nesse momento Abdul nos tivesse pedido que fôssemos incendiar as suas casas, creio bem que o teríamos seguido como um só homem. Em vez disso, porém, ele optou por aproveitar este aglomerado de miseráveis que o escutavam como um guru saído da tromba de Ganesh para fazer política e atacar o Governo a propósito dos obstáculos e violência características da polícia. Esta questão tocava-nos tão de perto que uma tremenda ovação interrompeu o seu discurso. Todos ao Writer's Building!, começaram a ouvir-se algumas vozes.

“O Writer's Building é um imenso edifício situado em Dalhousie Square, onde se encontravam instalados os departamentos governamentais. Abdul Rahman ergueu os braços para tentar acalmar a gritaria, mas um vento de raiva açoitara subitamente a sua audiência, semelhante a um tufão que anuncia um ciclone.

“Algo de estranho aconteceu em seguida. Um dos condutores saiu da multidão e, empurrando todos os que encontrava pela frente, correu até o estrado, subiu os degraus e agarrou no microfone antes que Abdul ou qualquer outra pessoa tivesse tempo de intervir.

— Camaradas! — gritou. — O babu está a tentar adormecermos com cantigas de embalar. Está a tentar abafar-nos a raiva com belas frases, para que nos conservemos cordeiros. Para que todos os sardarji possam continuar a devorar-nos sem protestos.

“Ficamos tão estupefatos que nos pusemos nos bicos dos pés. Foi então que reconheci o ‘Cara Marcada’. Os que se encontravam no estrado não se tinham atrevido a arrancar-lhe o microfone. Ele falava com dificuldade por causa da sua doença do peito.

— Camaradas! É com ações que devemos mostrar a nossa raiva! — Ergueu o braço na direção de Chowringhee. De nada serve estarmos aqui reunidos. E debaixo das janelas dos proprietários dos nossos riquixás que devemos manifestar-nos. Eu sei onde vive um deles. Sabiam que mais de trezentos riquixás lhe pertencem, só a ele, Narendra Sing, o homem a que chamam o Biari E a ele e aos seus sócios que devemos mostrar a nossa força. Vamos todos a Ballygunge!

“O ‘Cara Marcada’ parou para tomar fôlego e nesse momento uma dúzia

de homens com uniformes de caqui irrompeu pelo estrado. Rodearam-no e arrastaram-no até o fundo das escadas, enquanto Abdul voltava a pegar no microfone.

— Provação! — gritou ele. — Este homem é um agitador!

“Seguiram-se alguns momentos de confusão, enquanto o Cara Marcada era afastado. Vários condutores apressaram-se a ir em sua ajuda, mas foram brutalmente empurrados. Não era a noite designada para a revolução.

“Abdul Rahaman continuou a falar, após o que chegou a vez dos representantes dos outros sindicatos. Sentia-se que estavam a tentar entusiasmar-nos, mas após o incidente com o Cara Marcada isso tornara-se impossível. Apenas víamos que todos estes belos discursos nos tinham impedido de ganhar o nosso alimento nesse dia e que no dia seguinte aconteceria o mesmo. Interrogávamo-nos sobre quanto tempo seríamos capazes de aguentar a greve. No final de todos os discursos, o presidente do sindicato pegou no microfone e pediu que cantássemos com ele o hino dos trabalhadores. Eu não conhecia esta canção, mas os mais antigos de nós, aqueles que já tinham estado presentes noutros comícios no Maidan, sabiam-na. Abdul Rahman e as personalidades que ocupavam a tribuna entoaram a canção e milhares de vozes juntaram-se-lhes. Os meus amigos disseram-me que era a canção dos trabalhadores do mundo inteiro. Chamava-se A Internacional.”

XXXII

Tudo tinha começado com a simples questão da redistribuição da terra. Desde a tomada do Poder pelo Governo de esquerda em Bengala, o Partido Comunista convidara os camponeses sem terra a apoderarem-se das propriedades dos zamindar e a organizarem-se para as cultivarem colectivamente. Para além da morte de uma série de agricultores ricos que tentaram resistir, o processo completou-se sem muita violência. Foi, porém, nessa altura que rebentaram os incidentes de Naxalbari, e logo a questão deixou de ser um simples confronto entre proprietários de terras e camponeses para se transformar numa das mais graves crises políticas que ameaçaram a Índia desde a independência.

Naxalbari é uma região situada no centro de uma estreita faixa de terra formada pelo Norte de Bengala entre a fronteira do Nepal e a do Paquistão Oriental. O Tibete e a China encontram-se a uns escassos cento e cinquenta quilómetros. É uma região coberta de plantações de chá e selvas que se adequam na perfeição à infiltração e à guerrilha. Não existe uma só cidade, mas apenas algumas aldeias e campos habitados por aborígenes que subsistem miseravelmente do produto de pedaços de terra tão pobres que nem os plantadores os querem.

Uma longa tradição de ativismo vermelho impeliu esta gente, que já se havia erguido contra as autoridades em várias ocasiões. Em nenhum outro lado a nova política de redistribuição de terras se implementou com tanto vigor. Nem com tanta violência. Encorajados pelos estudantes maoistas de Calcutá, possivelmente formados em Pequim, os naxalitas assassinavam, armavam emboscadas e atacavam as forças da ordem. A palavra “naxalita” não tardou a ocupar o seu lugar no vocabulário do comunismo indiano, ao lado de “bolchevique” e “Exército Vermelho”. Inspirando-se nos ensinamentos revolucionários de Mao Tsé-Tung, os guerrilheiros confundiam terrorismo e guerra civil. Nas praças das aldeias queimavam em fogueiras os títulos de hipotecas e provas de dívidas, antes de decapitarem alguns usurários e proprietários de terras à maneira chinesa, em frente de multidões arrebatadas.

O contágio atingiu Calcutá. Os atentados bombistas, assassínios, manifestações violentas, sequestros de responsáveis políticos e de donos de fábricas multiplicaram-se. Nem mesmo os bairros de lata escaparam.

Cocktails molotov haviam sido lançados nas ruelas da “Cidade da Alegria”, fazendo várias vítimas. Os naxalitas tinham ido ao ponto de profanar a estátua de Gandhi, à entrada de Park Street, sujando-a com alcatrão. Completamente ultrapassado pelos acontecimentos, o Governo mostrava-se dividido ante as medidas a tomar. Os comunistas no Poder acusavam simultaneamente Pequim de procurar desestabilizar o poder da esquerda em Bengala e a CIA de infiltrar os seus agentes nos comandos naxalitas para preparar o regresso das forças conservadoras.

As acusações contra a CIA faziam parte da argumentação tradicional. Desde a partida dos Ingleses que a organização americana se tornara o bode expiatório habitual, sempre que convinha implicar o estrangeiro nos assuntos internos da Índia. Estes ataques não teriam tido grande consequência se não houvessem eventualmente resultado numa espécie de psicose de espionagem, o que significava que um certo número de residentes estrangeiros estavam sujeitos à intervenção da polícia. Stephan Kovalski viria a ser uma das vítimas.

A sua qualidade de padre católico polaco era por si própria suspeita. E, como se tal não bastasse, encontrava-se numa situação um tanto irregular. O prazo do seu visto de turista há muito que expirara e todos os seus esforços para obter um visto de residência permanente tinham sido inúteis. Na Índia a burocracia não é coisa que se apresse. E enquanto o seu pedido não tivesse sido oficialmente indeferido Kovalski podia esperar que não o deportassem. A circunstância para si mais desfavorável era, na realidade, a natureza do local de residência. Nenhuma autoridade oficial acreditaria de fato que um europeu se dispusesse, voluntariamente e por prazer pessoal, a partilhar a miséria e a pobreza dos que viviam nos bairros de lata. A sua presença na “Cidade da Alegria” tinha certamente outros motivos. Foi assim que uma manhã, cerca das oito horas, quatro inspetores vestidos à maneira ocidental e pertencentes ao Departamento dos Serviços Secretos Distritais da Polícia de Calcutá (District Intelligence Branch) apareceram em Nizamudhin Lane. Esta intrusão da polícia causou uma viva emoção. Todo o bairro ficou imediatamente ao corrente. Dezenas de habitantes acorreram ao local. Alguns tinham-se armado com paus a fim de impedir que lhes levassem o seu “Grande Irmão”. O próprio padre polaco teria ficado surpreendido se descobrisse todo este movimento que se gerava em torno da sua pessoa. A esta hora da manhã costumava ter o seu diálogo quotidiano com Cristo. Sentado na posição de lótus, com os olhos fechados e a respiração reduzida

ao mínimo, rezava diante da imagem do Sudário de Cristo.

“Não ouvi os polícias baterem-me à porta”, narraria Kovalski. “Como podia tê-los ouvido? Nessa manhã, como em todas as outras, eu estava surdo a todos os barulhos, surdo para poder estar a sós com Deus, para escutar apenas a sua voz no mais profundo de mim, a voz de Jesus de Anand Nagar.”

Respeitando os costumes, o polícia que aparentemente chefiava a operação descalçou os sapatos antes de entrar. Era um homem bochechudo e com os dentes acastanhados do bétel. Do bolso da camisa saíam-lhe três canetas.

— É aqui que mora? — perguntou num tom arrogante e olhando em volta.

— Sim. É aqui.

A imagem do Santo Sudário atraiu a atenção do polícia. Aproximou-se com um ar desconfiado.

— Quem é?

— O meu Senhor.

— O seu patrão?

— Se preferir chamar-lhe assim... — aquiesceu Stephan Kovalski com um sorriso.

Visivelmente, o polícia não se encontrava disposto a brincadeiras. Examinou a imagem com atenção. Tinha obviamente descoberto uma prova. Chamou um dos seus subordinados e ordenou-lhe que arrancasse a imagem da parede.

— Onde estão os seus objetos pessoais? — perguntou.

Stephan Kovalski apontou para o pequeno baú metálico que uma família cristã lhe emprestara, a fim de que nele metesse a Bíblia, alguns remédios e a pouca roupa interior que possuía. O inspetor examinou metodicamente o conteúdo do baú. Uma nuvem de baratas voadoras escapou-se em todas as direções.

— É tudo? — admirou-se.

— É tudo o que tenho.

A expressão incrédula do indivíduo despertou uma certa dose de piedade em Stephan Kovalski, que sentiu o desejo de se desculpar por ter tão pouca coisa.

— Não tem um rádio? — inquiriu ele.

— Não.

O polícia levantou a cabeça a fim de inspecionar o tecto do casebre e

constatou que nem sequer havia uma lâmpada. Tirou um bloco de apontamentos do bolso e começou a desenhar um esboço do quarto. Isto levou-lhe bastante tempo, porque nenhuma das suas três canetas funcionava devidamente.

Foi nesse momento que aconteceu um episódio imprevisto. Alertada por alguns dos vizinhos, Bandona entrou de rompante no quarto, com os olhos brilhantes de raiva. Agarrou no braço do inspetor e empurrou-o para a porta.

— Saia daqui! — gritou a jovem assamesa. — Este é um pobre homem enviado por Deus. Se o atormentar, Deus castigá-lo-á!

O polícia ficou tão admirado que não ofereceu a mínima resistência. Lá fora, a multidão aumentara. A rua estava cheia de gente.

— Ela tem razão! — gritou uma voz. — Deixe o nosso Grande Irmão em paz.

O chefe dos polícias parecia perplexo.

— Ficar-lhe-ia muito grato se me acompanhasse ao posto da polícia — disse em seguida, delicadamente virando-se para o padre e unindo as mãos à altura da testa. — Gostaria de dar aos meus superiores a oportunidade de trocarem umas breves impressões consigo.

— Não se preocupem — acrescentou, dirigindo-se desta vez a Bandona e à multidão ali reunida. — Prometo devolver-vos o vosso “Grande Irmão” ao fim da manhã.

Kovalski esboçou um gesto de despedida aos amigos que tinham vindo em seu auxílio e acompanhou o agente até a carrinha da polícia que estava estacionada à entrada do bairro de lata. Dez minutos depois, saía em frente de um edifício em mau estado a pouca distância do hospital de Howrah. Quatro lanços de uma escada escura e manchada com as cuspidelas dos mascadores de bétel conduziram a uma sala grande a abarrotar de armários roídos pelo caruncho e cheios de pilhas de documentos oficiais protegidos do redemoinho resultante das ventoinhas pelo peso de bocados de metal. Era aparentemente a hora do chá, dado que os inspetores presentes davam a sensação de se preocuparem mais em esvaziar as xícaras e conversarem do que em estudar dossiers relativos à segurança do Estado. A entrada deste sahib calçado de tênis colocou ponto final nas conversas.

— Este é o padre polaco que vive em Anand Nagar — informou o polícia com tanto orgulho como se tivesse trazido o assassino de Mahatma Gandhi.

Aquele que parecia ser o chefe, um bonito homem de cabelo grisalho e

cuidadosamente penteado, vestido com um dhoti impecável, convidou Kovalski a sentar-se na sua frente.

— Gosta de estar no nosso país? — perguntou após oferecer uma xícara de chá a Kovalski e acender um cigarro.

— Imensamente.

O oficial da polícia denotava uma expressão pensativa. Fumava de uma maneira estranha. Segurava o cigarro entre o indicador e o anular e inalava o fumo da cavidade formada pelo polegar e o indicador dobrado. Dir-se-ia que o “bebia”.

— Mas não acha que o nosso país tem coisas mais belas a oferecer a um estrangeiro do que os bairros de lata?

— Certamente — concordou Kovalski. — Mas tudo de pende daquilo que se procura.

— E o que é que pode procurar num bairro de lata? — retorquiu o chefe da polícia, voltando a inalar o fumo.

Kovalski tentou explicar. Ao ouvir-se falar, achou que o fazia de uma forma tão pouco convincente que teve a certeza de estar apenas a aumentar as suspeitas dos seus entrevistadores. Errara na sua apreciação. Na Índia existe um tal respeito pela compaixão para com os outros que as suas explicações suscitaram a simpatia.

— Mas porque não se casou? — interferiu um inspetor de bigode.

— Eu sou casado — retificou o polaco. — Casado com Deus — acrescentou frente às expressões cépticas dos que o rodeavam.

O polícia que lhe havia revistado o quarto desdobrou então a gravura do Santo Sudário e colocou-a na secretária do chefe de cabelos grisalhos.

— Encontramos isto na casa dele, chefe. Afirma que é uma imagem do seu “Senhor”.

O inspetor examinou minuciosamente a gravura.

— É Jesus Cristo — explicou Kovalski. — Logo após a sua morte na cruz.

— E é com ele que se casou? — retorquiu o agente, abanando respeitosa e várias vezes a cabeça.

— Sou o seu servidor — limitou-se o padre a responder, sem desejar complicar a discussão.

Na Índia, o impacto do sagrado é tão grande que Stephan divisou um brilho de simpatia nos rostos à sua volta. Desta vez estava certo de que conseguira dissipar-lhes as suspeitas.

Foi então que o inspetor-chefe voltou a sentar-se à secretária. Denotava uma expressão dura.

— Mesmo assim gostaria de saber quais as suas relações com a CIA — declarou.

Kovalski ficou tão surpreendido com a pergunta que se manteve silencioso.

— Não tenho quaisquer relações com a CIA — acabou por conseguir balbuciar.

Falara com tão pouca convicção que o da polícia voltou ao ataque.

— E não está em contato com ninguém ligado à CIA? — insistiu.

Kovalski respondeu com uma sacudidela negativa de cabeça.

— E, no entanto, a maioria dos estrangeiros que se apresentam como “assistentes sociais” são agentes da CIA — interferiu um dos ajudantes de pele reluzente. — Porquê uma exceção no seu caso?

Kovalski fez um esforço supremo para manter a calma.

— Ignoro se a maioria dos “assistentes sociais” são agentes da CIA — retorquiu num tom firme. — Contudo, nos meus tempos de jovem, li um número suficiente de romances de espionagem para vos garantir que seria muito difícil ser um agente eficaz para um pobre tipo que vive vinte e quatro horas num bairro de lata. E a vossa polícia está suficientemente organizada para saber que as únicas visitas que recebo são as dos pobres do bairro. Peço-vos, assim, que tenham a bondade de não perder o vosso e o meu tempo com tais disparates.

O inspetor-chefe de cabelo grisalho escutara as palavras sem se mexer. Todos os seus colegas haviam agora formado um círculo em redor dele e do polaco.

— Perdoe-me causar-lhe todo este incomodo, Shri Kovalski — desculpou-se o inspetor-chefe. — Sou, no entanto, obrigado a cumprir o meu dever. Peço-lhe, assim, que me fale um pouco das suas ligações com os naxalitas.

— Os naxalitas? — repetiu Kovalski como se um raio o tivesse fulminado.

— A pergunta não é tão absurda como parece pensar — prosseguiu secamente o inspetor-chefe. — Não é, afinal, verdade que o seu Jesus e os naxalitas têm uma série de ideais comuns? — acrescentou em seguida num tom mais brando. — Não afirmam revoltar-se contra a mesma coisa? Contra as injustiças que oprimem os pobres e os fracos, por exemplo?

— Sim, de fato — aquiesceu Kovalski. — Mas com a significativa diferença de que Jesus Cristo lidera a sua revolta com amor, ao passo que os naxalitas apelam ao crime.

— É, portanto, contra as atividades naxalitas? interveio o ajudante de pele reluzente.

— Absolutamente. Mesmo que, à partida, a sua causa seja justa.

— Isso significa que é igualmente contra os maoistas? — inquiriu o inspetor-chefe.

— Sou contra todos os que pretendem alcançar a felicidade para uns decapitando outros — respondeu firmemente Kovalski.

Nesta altura do interrogatório verificou-se um certo alívio na tensão do ambiente. O inspetor-chefe acendeu mais um cigarro e o moço de recados voltou a encher as xícaras de chá com leite a ferver. Alguns polícias fizeram uma mortalha de bétel, que lhes dava aos dentes e gengivas uma cor sanguinolenta e nada agradável. Em seguida, o interrogatório continuou.

— Se não é membro da CIA, nem dos comandos naxalitas, nem pertence aos grupos de ação maíosta, é certamente um jesuíta — retomou o inspetor-chefe.

Durante alguns segundos Kovalski manteve-se silencioso, dividido entre a raiva e o riso.

— Se pretende, agora, levar-me a admitir que sou um missionário — acabou por observar —, está novamente a perder o seu tempo. Sou tanto um missionário jesuíta como um agente da CIA.

— Mas está mesmo assim ao corrente do que fizeram os missionários em Nagaland? — insistiu o inspetor-chefe.

— Não, não estou.

— Ora, ora, Shri Kovalski. Ignora, realmente, que os missionários se juntaram aos movimentos separatistas para encorajar a população a rebelar-se e a reivindicar a independência?

— Posso garantir-lhe que na sua maioria, independente mente de serem ou não jesuítas, a ação dos missionários no vosso país se tem dirigido no sentido de melhorar as condições de vida da população — replicou Kovalski, indignado ante a viragem ocorrida no interrogatório. — Aliás, sabe perfeita mente que quando aqui se fala do “espírito missionário” é muitas vezes para chamar a atenção quanto à obra de alguém que se dedicou de fato aos outros, que deu somente amor aos seus irmãos indianos.

Fez-se um pesado silêncio. Em seguida e sem pronunciar palavra, o

inspetor-chefe levantou-se e estendeu a mão ao seu interlocutor, num gesto de comoção e respeito. O ajudante de pele reluzente imitou-o, bem como os restantes, um após outro. Tinham chegado, por fim, a um entendimento.

Antes de levar de volta o visitante, o inspetor-chefe apontou para a gravura do Santo Sudário, desdobrada no tampo da sua secretária.

— Sou um hindu — declarou. — Mas gostaria de lhe pedir que me deixasse guardar esta gravura como recordação do nosso encontro.

Stephan Kovalski mal conseguia acreditar no que ouvia. “Mas que coisa extraordinária! O chefe da polícia a pedir-me uma imagem de Cristo!”, pensou.

— Foi um presente que me deram e ao qual estou muito ligado — respondeu o padre. — Contudo, posso pedir a um fotógrafo que lhe faça uma cópia.

O indivíduo pareceu encantado com a ideia. O inspetor-chefe colocou em seguida diante de Kovalski um impresso com vários selos fiscais.

— Aqui tem, em troca, um documento que certamente lhe agradará. O seu visto de residência. O meu país orgulha-se de receber homens santos, como é o seu caso.

XXXIII

Ela é a deusa triunfante, a destruidora dos demônios do mal e da ignorância, a esposa do deus Shiva, a filha dos Himalaias, a rainha de múltiplas encarnações, a energia feminina dos deuses, alternadamente o símbolo da bondade e da crueldade. Os Puranas, as lendas douradas do hinduísmo, dedicam milhares de versos às fantásticas proezas que cometeu sob uma miríade de nomes, disfarces e atributos.

Na sua aparência terna, chama-se Ouma, a luz e a graça; Gauri, a deusa de pele clara; Parvati, a rainha das montanhas; Jagan Mata, a mãe do universo. Na sua forma destruidora recebe os nomes de Kali, a negra; Bhairavi, a terrível; Chandi, a furiosa; Durga, a inacessível. E sob este último nome e esta aparência de divina triunfadora do mal que a adoram particularmente em Bengala. Todas as crianças conhecem a sua história fantástica.

Há centenas de milhares de anos, um terrível demônio devastou a Terra, gerando a confusão nas estações do ano. Era o demônio do mal, por outras palavras, da ignorância, e nem mesmo os próprios deuses conseguiam livrar-se dele. Brahma, o Criador, declarara que só um filho nascido do deus Shiva poderia vencê-lo, mas a esposa de Shiva morrera, e ele, completamente entregue ao desgosto, não pensava de forma alguma em colocar um filho no mundo. Levava uma vida de asceta, mendigando comida pelas aldeias, como tantos outros que hoje se veem na Índia, de cabelos longos e o corpo coberto de cinzas.

Entretanto, a situação na Terra piorava, e no Céu os deuses lamentavam o facto de que Shiva não pensasse em voltar a casar. Pediram, então, a Kama, deus do Amor e do Desejo, que fizesse nascer o amor no coração de Shiva. Kama pôs-se a caminho, na companhia de sua esposa, a Volúpia, e da sua amiga, a Primavera. Chegaram ao sopé da montanha onde Shiva se encontrava a meditar e, no momento em que o asceta pareceu descontraír-se um pouco, Kama disparou do seu arco de flores a flecha de jasmim, à qual ninguém consegue resistir. A partir de então, Shiva começou a pensar em Ouma, filha dos Himalaias, em cujo corpo se reencarnara a sua esposa desaparecida. Após terem sido submetidos a várias provocações casaram e ela tomou o nome de Parvati, “filha da montanha”.

O demônio do mal continuava, no entanto, a devastar a Terra e talvez

fosse tarde de mais se houvesse que esperar um filho de Shiva para o enfrentar. Foi então que os deuses reuniram as suas diversas energias numa única baforada de fogo e a concentraram em Parvati, transfigurando-a. Ela transformou-se, assim, na grande deusa Durga, “aquela a que nada pode atingir”. Para combater o demônio nas dez direções do espaço, tinha dez braços, que os seus pais equiparam com as devidas armas. O seu pai, Himalaia, Rei das Montanhas, ofereceu-lhe um leão como montada, após o que a Lua lhe conferiu uma face redonda e a Morte os seus longos cabelos negros. E tinha a cor da aurora.

O demônio surgiu-lhe então sob a forma de um enorme búfalo acompanhado do seu grande exército. A batalha iniciou-se. Os machados, as flechas e os dardos cruzaram os ares e o imponente leão montado pela deusa atacou o exército de demônios com a força de labaredas sobre a floresta. A própria deusa, com os seus dez braços armados, trespassou o inimigo, os seus cavalos, elefantes e carros, que se amontoaram num terrível caos. Os furiosos rugidos do búfalo faziam estremecer o mundo; desenraizou montanhas com os chifres e arremessou-as contra a deusa, que as pulverizou com as suas flechas. O combate durou três dias. Por várias vezes Durga esteve à beira da derrota. Houve um único instante, na noite do terceiro dia, em que interrompeu a sua carnificina para levar aos lábios uma taça cheia de licor dos deuses. Em seguida desfechou um terrível golpe com o tridente, que enterrou no peito do monstro. Ferido de morte, este tentou imediatamente abandonar o seu corpo. Da boca saiu-lhe um novo monstro que brandia um sabre. Contudo, a deusa triunfante logo o decapitou.

Foi nessa altura que se tornou totalmente negra e ficou conhecida por Kali, que significa “a Negra”, tão negra como o tempo que tudo consome. A Terra e o Céu ecoaram com gritos de júbilo e cantos vitoriosos.

Uma vez por ano, no final da monção, os oito milhões de hindus de Calcutá comemoram esta vitória com uma festa de quatro dias e quatro noites, cujo esplendor e devoção não são provavelmente equiparados em lugar algum. Durante quatro dias festivos Calcutá transforma-se numa cidade de luz, alegria e esperança. Os preparativos para esta festa começam com vários dias de antecedência, no velho bairro ocupado pela casta dos oleiros, onde centenas de artesãos confeccionam, com uma arte legada de pais para filhos, uma coleção das mais fabulosas estátuas alguma vez consagradas a uma divindade ou aos seus santos. Durante um ano inteiro estes artistas rivalizam entre si para produzir as mais colossais e sumptuosas

representações da deusa Durga. Após terem construído a estrutura com palha entrançada, os oleiros elaboram os modelos em argila antes de os esculpir, para obterem a forma e a expressão desejadas. Encomendadas de antemão por famílias, comunidades, grupos de bairro, fábricas ou oficinas, estes milhares de durgas destinam-se na sua totalidade a ocupar lugar, no primeiro dia festivo, sob um dos mil palanques (chamados pandal) erguidos nas ruas, avenidas e cruzamentos da cidade. A construção destes palanques, e em particular a sua decoração, provoca grandes rivalidades.

Algumas semanas antes da festa, Stephan Kovalski recebeu a visita de dois cavalheiros que se apresentaram como representantes da comissão do bairro para a construção dos palanques de Anand Nagar. Extraordinariamente corteses e bem vestidos de mais para que pudessem ser habitantes do bairro de lata, os visitantes mostraram um bloco de apontamentos cheio de subscrições e convidaram o padre a pagar a quantia que lhe fora destinada, ou seja, cinquenta rupias. Numa só manhã já tinham recolhido mais de mil rupias, percorrendo cada um dos casebres da ruela, incluindo os dos muçulmanos e cristãos.

Kovalski sentiu-se indignado pelo fato de se desperdiçar tanto dinheiro numa festa, ao passo que reinava tanta pobreza. Estava errado. O seu raciocínio lógico de ocidental levava-o a omitir o essencial. Esquecia a osmose em que o povo indiano vivia com as suas divindades e o papel que os deuses representavam no seu quotidiano. Qualquer intervenção boa ou má do destino, o trabalho, a chuva, a fome, um nascimento, uma morte, tudo está sempre relacionado com os deuses e este o motivo por que as festas mais importantes deste país nunca comemoram aniversários históricos, nem mesmo o glorioso dia da independência indiana, mas sempre qualquer acontecimento religioso. Nenhum outro povo venera os seus deuses e profetas tão fervorosamente como a população de Calcutá, embora aparentemente o Céu a tenha abandonado. Todos os dias, ou quase, o bairro de lata e outras áreas da cidade ressoavam com o barulho de qualquer procissão, num testemunho deste casamento místico entre um povo e o seu criador.

Na semana anterior, Kovalski chocara na esquina de Chitpore Road com uma fanfarra. Bloqueando o tráfego, os bailarinos contorciam-se, pronunciando o nome do profeta Hussain e manejando à luz do Sol os sabres curvos por cima da cabeça. Era o Moharram, o grande festival muçulmano que marcava o início do calendário sagrado islâmico. No bairro de lata, como

por toda a cidade, os muçulmanos xiitas tinham vestido as suas roupagens festivas. Era um feriado municipal, um dos catorze ou quinze no calendário desta cidade que constituía um verdadeiro mosaico de povos e crenças.

Dois dias antes, uma profusão de petardos fizera com que o ocupante do 49 Nizamudhin Lane acordasse sobressaltado. As várias famílias de siques do bairro celebravam o nascimento do guru Nanak, o venerado fundador da sua comunidade, nascida no Punjab, no extremo oposto da Índia. Uma procissão de homens com turbante, armados com o tradicional kirpan¹, atravessava o bairro ao som triunfante de uma fanfarra e dirigia-se ao pequeno gurdwara² local. Entretanto, de todos os sítios da cidade, outras procissões, acompanhadas de carros ricamente decorados com grinaldas de flores, tomavam a direção de outros gurdwara. Nestes santuários, os padres revezavam-se numa leitura ininterrupta do Granth, o livro sagrado. Uma gigantesca tenda azul e branca fora erguida na relva do Maidan com vista a uma banquete monumental. Um dos chefes da comunidade sique de Anand Nagar, um simpático gigante de turbante escarlate chamado Govind Singh, que era motorista de táxi, convidara o polaco a assistir à festa. Centenas de fiéis vieram sentar-se no chão, em longas filas, com as mulheres de calças apertadas e túnicas panjabi de um lado e os homens com os seus pontiagudos turbantes do outro. Pessoas generosas, transportando caldeirões de arroz e caril de legumes, passavam por entre as filas e distribuíam uma concha de caril, que colocavam no pedaço de folha de bananeira posto à guisa de prato em frente de cada conviva. Jovens de olhos negros pintados com lápis de carvão deitavam chá em pequenas tigelas de barro cozido, que se partiam depois de usadas. Durante todo o dia, centenas de altifalantes proclamavam o júbilo dos siques de uma margem à outra do Hooghly.

No dia anterior, o Bazar Bara, o imenso mercado do outro lado da ponte, servira de cenário a um entusiasmo efervescente. Os adeptos da seita dos jainas digambara, um ramo desaparecido do hinduísmo nascido na época de Buda, festejavam o regresso da estação das peregrinações marcada pelo fim oficial da monção. Precedida por dois cavalos em tamanho natural, feitos de cartolina e montados em cima da carroçaria de um jipe, a procissão abriu caminho por entre caminhões, carroças, riquixás e veículos de todos os gêneros, à mistura com uma entusiástica multidão de peões. No meio do cortejo, num carro florido puxado por homens curiosamente vestidos à maneira dos lacaios isabelinos, o papa da seita, sentado seminu no seu trono dourado, saudava a multidão, que o aclamava ao som de címbalos e

tambores.

De entre todos estes festejos, nenhum indubitavelmente testemunhava com tanta intensidade a presença de Deus em Calcutá como as puja hindus em honra da deusa Durga. Embora ao longo dos anos o festival tivesse sofrido algumas modificações e assumido uma feição mais comercial, a ele continuava a dever-se o maior contributo para fazer desta cidade um lugar de fé. Em parte alguma esta característica era tão marcada como nos bairros de lata, no fulcro daquela gente desfavorecida, à qual os peritos da Fundação Ford não prometiam qualquer melhoria de condições de vida antes do ano 2020. No fundo da sua miséria, tinham sabido preservar a herança das suas tradições, e nenhuma delas se expressava mais visivelmente do que através da alegria dos festejos.

Nas suas veias corria o gosto pelas festas que pelo espaço de um dia ou de uma semana os arrancavam à realidade. Festas pelas quais as pessoas se endividavam ou deixavam de comer, a fim de comprar roupa nova em honra dos deuses. Festas que eram um veículo mais eficaz para a religião do que qualquer catecismo. Festas que invadiam o coração e os sentidos através da magia dos cânticos e do ritual de longas e sumptuosas cerimónias litúrgicas.

Que importava, assim, que os trapaceiros se aproveitassem do suor e da fome dos pobres? Feito o balanço, eram os pobres os que ficavam ricos. Em Anand Nagar, os escroques não hesitavam em obrigar os condutores de riquixá com triciclo ou os puxadores de telagarhi a pagar o seu contributo para os palanques; nem em mandar parar os caminhões e os ônibus em Great Trunk Road, a fim de extorquir dinheiro aos motoristas e aos passageiros. O próprio bairro dos leprosos, situado no extremo do bairro de lata, não escapava à recolha de fundos. Ninguém sabia exatamente qual a percentagem do maná que ia direito aos bolsos destes vadios, mas o que restava para o festival era suficiente para criar a magia.

À medida que o dia se aproximava, uma espécie de onda vibratória percorria os bairros de lata. Grandes armações em bambu evocando arcos de triunfo começavam a surgir por todo o lado. Os artistas decoravam estas armações com tecidos multicores. Adornavam os suportes e o tecto com padrões magníficos em forma de mosaicos ou quadrados, conferindo aos tecidos uma geometria de soberbo requinte. O santuário destinado a receber a estátua da deusa era em si um sumptuoso arranjo floral, um verdadeiro conjunto de rosas, malmequeres e jasmims que afastavam os cheiros nauseabundos à volta. Mais surpreendente ainda era a inconcebível panóplia

de acessórios que acompanhavam as decorações. Nenhum pandal ficava completo sem uma quantidade imensa de projetores, filas de lâmpadas e até mesmo lustres vitorianos. Pequenas ilhas luminosas envolviam subitamente os telhados e fachadas dos prédios de uma auréola sobrenatural. Durante dia e noite uma cadeia de altifalantes enchia o bairro de canções e música. Em toda a Índia a festa faz-se acompanhar do máximo ruído. Este concerto constituía o sinal para um ritual de purificação que, durante alguns dias, transformaria por completo este universo de miséria.

Todas as famílias hindus e uma grande quantidade de famílias muçulmanas e cristãs dedicavam-se à tarefa de lavar os casebres por dentro e por fora, desde as varandas às beiras dos poços e às fachadas das lojas. O velho e piedoso hindu dono da casa de chá em frente do quarto de Kovalski aproveitou a ausência do padre para passar uma demão de tinta branca na fachada do seu quarto, o que deu mais luz à entrada. Seguiu-se a toilette especial das pessoas. Nesta ocasião única do ano, milhares de pobres trocavam as suas roupas usadas pelos trajes do festival cuidadosamente preservados ou talvez mesmo comprados para o momento, endividando-se no usurário da vizinhança. Todos os comerciantes de Calcutá encorajavam estas aquisições, baixando os preços em honra da deusa. Semelhantes a estrelas de cinema, as durgas passavam pelas mãos de um exército de alfaiates e maquiadores que as adornavam de vestes e joias sumptuosas. A instalação das estátuas nos santuários originava um meticuloso ritual, efetuado sob a vigilância da polícia.

No dia previsto, às seis horas da tarde, o som melancólico dos búzios e o toque incessante dos milhares de dak (Grande tambor duplo que se pendura horizontalmente no pescoço) que, há séculos, marcavam o ritmo das puja de Durga, anunciavam o começo oficial da festa. Ao longo de quatro dias de uma quermesse delirante, a população do bairro de lata, à semelhança de milhões de pessoas em toda a cidade, ia desfilar com a família diante dos quatro pandal erguidos na “Cidade da Alegria”. Hindus, siques, muçulmanos, budistas e cristãos eram todos irmãos, unidos pelo mesmo sonho. Os homens vestiam sherwani de lã por cima das calças e as mulheres exibiam kurta de seda verde, com brincos de ouro, que lhes dava aparência de princesas orientais. Nasir, o filho mais velho de Mehboub, que fabricava canetas numa oficina, e as suas irmãs, até mesmo . a mais pequena, que tinha a barriga inchada devido às lombrigas, também se apresentaram vestidos e arranjados como príncipes, apesar de a família ter caído na mais absoluta miséria após o

trágico desaparecimento da mãe. Ao lado de Mehboub e seus filhos, Kovalski reconheceu o velho hindu da casa de chá.

Tinha a testa decorada com as três riscas de cinza dos adoradores de Shiva. Visivelmente comovido pelo seu darshan¹ com a divindade, insensível às luzes e ao ruído ensurdecedor dos altifalantes, de olhos fechados, parecia totalmente imerso num estado de beatitude. O espetáculo deste homem santo em oração recordou a Stephan Kovalski as palavras do profeta Isaías: “As preces dos pobres e dos órfãos encontram sempre resposta no Senhor.”

Ao crepúsculo do quarto dia, todas as estátuas da “Cidade da Alegria” foram içadas para carros iluminados, envoltos em tecidos e ornamentados de flores, a fim de serem solenemente conduzidos em procissão, ao som das cornetas, gaitas de foles, tambores e búzios até as margens do Hooghly. Ao mesmo tempo e por toda a cidade, cortejos idênticos tomavam o mesmo destino. Em cima de caminhões, carroças, automóveis particulares e até mesmo bicicletas e riquixás puxados à mão, milhares de durgas desciam até o rio, escoltadas pelos seus devotos proprietários. Um dos riquixás apanhados nesta onda tinha o número 1999. A cada paragem ao longo do caminho, Hasari Pai virava-se para contemplar o maravilhoso espetáculo da deusa que transportava no banco da sua velha geringonça, uma durga maior do que ele, com dez braços e cabelos magníficos coroados de um diadema dourado e com olhos de vitória. “Oh, meu Deus!”, dizia de si para si. “Até mesmo o meu riquixá se transformou num santuário!”

Nessa noite, centenas de milhares dos habitantes da cidade comprimiam-se junto às margens do rio; Hasari demorou horas a chegar à beira de água. Quando, finalmente, atingiu o seu objetivo, os membros da família à qual pertencia a estátua e que o tinham seguido num outro riquixá enfeitaram a deusa de flores e fizeram-na descer respeitosamente para a água. Emocionado, Hasari ficou a vê-la a ser levada pela corrente. A semelhança de todas as outras durgas, ela transportava para a eternidade dos oceanos as tristezas e as alegrias do povo de Calcutá.

XXXIV

Não foi um empreendimento fácil! Após o hindi e o urdu, que com tanto custo decifrara por intermédio comparativo dos Evangelhos, Stephan Kovalski decidira quebrar de uma vez por todas o seu isolamento linguístico. Munido de uma gramática, todas as manhãs e noites se aplicava à conquista da língua bengali. Por sorte, no início de cada obra havia uma série de frases bengalesas traduzidas para o inglês. Partindo do princípio de que os nomes das cidades e outros nomes próprios se podiam escrever da mesma forma nas duas línguas, identificou as palavras correspondentes e conseguiu separar as letras, reconstituindo um alfabeto bengali para si. No capítulo da pronúncia, havia diagramas que mostravam a posição da língua em relação ao palato, dentes e lábios. O o era, por conseguinte, pronunciado com a extremidade dos lábios um pouco entreaberta, mas a boca fechada. Para pronunciar o u era preciso prender a língua nos dentes de cima. Era tão complicado que ele teve de ir ao bazar de Howrah para comprar um espelho, um objeto que em muito contribuiu para despertar a curiosidade dos vizinhos. Assim equipado, conseguiu dominar a pouco e pouco a ginástica das inúmeras letras aspiradas que fazem com que as pessoas conhecedoras do bengali pareçam permanentemente ofegantes. Estes esforços forneceram-lhe igualmente a oportunidade de fazer uma constatação: “A imagem que o espelho me devolveu nada tinha de animadora. Começava a ficar um pouco calvo na frente e com o rosto flácido. As faces tinham adquirido o tom acinzentado do bairro de lata.”

Esta aparência triste constituía um indício de que a indianização de Kovalski estava no bom caminho. Um dia, os vizinhos aperceberam-se de que quase se completara. Foi no final de uma cerimônia de casamento. Alguns amigos hindus tinham acabado de casar a filha com o filho de um dos vizinhos. Kovalski ajoelhou-se em frente do pai e da mãe para fazer algo jamais feito por qualquer estrangeiro antes dele. Limpou-lhes o pó das sandálias e levou as mãos à fronte. Este gesto era uma forma de lhes dar a entender: “Dado que a minha irmãzinha casou com o meu irmãozinho, sois os meus pais. Tornei-me um membro da vossa família.”

Nessa noite Kovalski dirigiu-se ao ourives da sua rua. Mostrou-lhe a sua cruz de metal com as duas datas — a do seu nascimento e a do dia em que fora ordenado — e pediu-lhe que gravasse por baixo a palavra “Premanand”,

que ele escolhera para seu nome indiano. Em bengali, Premanand significava “Bem-aventurado o que é amado por Deus”. Pediu ao ourives que deixasse um espaço junto da inscrição a fim de que, chegada a altura, ele pudesse gravar a terceira data mais importante da sua vida. De fato, nesse mesmo dia Kovalski dera um passo extraordinário, um passo que era incompreensível para os Indianos, convencidos de que nada poderia alterar a condição recebida à nascença, à exceção da morte e de uma outra vida.

Dirigira-se ao Ministério do Interior, onde preencheria formulários, solicitando ao Governo da Índia a honra de se unir oficialmente à população dos pobres da “Cidade da Alegria”. Pedira a nacionalidade indiana.

Ashish e Shanta Ghosh, o jovem casal hindu do Comité de Escuta e Ajuda Mútua, interromperam Kovalski numa noite em que ele se dedicava a uma das sessões de mímica linguística diante do espelho.

— Temos notícias para ti, padre — anunciou o jovem, esfregando a barba com força. — Serás o primeiro a saber.

Kovalski convidou os jovens a sentarem-se.

— Decidimos abandonar o bairro e regressar à nossa aldeia.

Debaixo do seu véu vermelho, Shanta observava a reação do padre.

“Deus do céu!”, pensou Kovalski. “Esta é a notícia mais importante que ouvi desde a minha chegada à Cidade da Alegria’. Se as pessoas começarem, na realidade, a regressar às suas aldeias, estamos salvos!”

— O que vos levou a?... — balbuciou, sem conseguir dissimular a alegria que o invadia.

— Há três anos que andamos a fazer economias — prosseguiu Shanta. — E conseguimos comprar dois acres de boa terra próximo da nossa aldeia, de um hindu que precisava de dinheiro para casar a filha.

— Vamos escavar um lago no meio para criar peixe — explicou o marido.

— E a água irá permitir-nos obter uma segunda colheita na estação da seca — acrescentou Shanta.

Kovalski teve a sensação de que presenciava uma espécie de milagre. O milagre com que sonhavam milhões de esfomeados obrigados a procurar refúgio em Calcutá.

— Shanta partirá primeiro com os filhos — declarou Ashish. — Semeará e apanhará a primeira colheita de arroz. Eu ficarei para ganhar um pouco mais de dinheiro. Se a primeira colheita for satisfatória, partirei também.

Os belos olhos negros da jovem pareciam duas brasas ardentes.

— Acima de tudo, porém — acrescentou ela —, queríamos que o nosso regresso transportasse algo ao povo da nossa aldeia, algo que faça soprar...

— ... um vento novo — concluiu o marido. — A terra bengalesa podia dar três colheitas se fosse devidamente irrigada. Tentarei organizar uma cooperativa.

— E eu abrirei uma oficina de artesanato para as mulheres.

De olhos semicerrados e com o espelho sobre os joelhos, Kovalski escutava-os, maravilhado.

— Que Deus vos abençoe — disse finalmente. — Por uma vez na vida, a luz e a esperança nascerão de um bairro de lata.

XXXV

O recepcionista irrompeu pelo gabinete sem bater à porta.

— Senhor cônsul, está lá fora uma indiana que pretende falar-lhe urgentemente. Diz que no bairro de lata onde vive há um missionário polaco a morrer com a cólera. Recusa que o transportem para uma clínica. Quer ser tratado como todos os outros...

Antoine Dumont, um homem de sessenta e dois anos, ostentando um laço e a roseta da Legião de Honra, era o representante da República Francesa em Calcutá. Desde que os flibusteiros de Luís XV tinham chegado a estas paragens, a fim de contrariar a supremacia britânica, e instalado as suas lojas, a França mantivera um consulado num dos velhos edifícios próximos de Park Street.

O diplomata cofiou o bigode e saiu para o corredor que servia de sala de espera. Trinta anos de cargos na Ásia tinham-no acostumado a enfrentar muitos aborrecimentos causados pelos seus compatriotas ou detentores de passaportes franceses. Nunca tinha negado assistência e apoio a hippies, drogados, desertores e turistas que haviam sido roubados. Contudo, era esta realmente a primeira vez em que recebia um SOS envolvendo um eclesiástico que estava a morrer “voluntariamente” de cólera nas profundezas de um bairro de lata indiano.

Na véspera, Shanta e Margareta tinham encontrado Kovalski inanimado no seu quarto. Estava deitado no meio dos seus próprios vômitos e excrementos. Dava a impressão de que qualquer parasita lhe devorava as entranhas. Os músculos haviam perdido a força, e a pele, esticada sobre os ossos, assemelhava-se a um velho pergaminho. Estava consciente, mas tão fraco que qualquer esforço para falar podia extinguir a centelha de vida que ainda ardia nele.

As duas mulheres indianas tinham imediatamente diagnosticado a sua doença: um ataque fulminante de cólera, que, por estranho que pareça, denotava uma predileção por constituições mais robustas.

Kovalski sentira os primeiros sintomas na noite anterior, quando dolorosas cólicas no ventre o haviam forçado a dirigir-se várias vezes às latrinas. Apesar do calor, começara a tremer. Em seguida, sentira um formigueiro nas pontas das mãos e dos pés, e depois um tremor muscular generalizado. Os pés e as pernas adquiriram uma estranha cor azulada. A pele

das mãos secara, antes de se enrugarem e abrir fendas. Embora suando em profusão, cada vez tinha mais frio. Sentia a pele das maçãs do rosto a retrair-se, o mesmo lhe acontecendo no nariz, órbitas, testa e crânio. Cada vez sentia mais dificuldade em fechar a boca e os olhos. O corpo contorcia-se-lhe em espasmos. Começou a vomitar. A respiração tornou-se irregular e dolorosa. Tentou beber um pouco de água, mas nada conseguia passar através da garganta, que dava a sensação de paralisada. Por volta das quatro ou cinco horas da manhã, deixou de sentir o pulso. Foi nessa altura que se afundou numa espécie de torpor.

Quando acordou, quis levantar-se para ir às latrinas, mas não teve força para se erguer nem mesmo ajoelhar-se. Viu-se obrigado a ficar onde estava. Julgou que ia morrer, e a ideia não lhe provocou qualquer pânico. Na sua extrema fraqueza, sentiu, pelo contrário, uma espécie de euforia.

As duas indianas interromperam o que mais tarde ele designaria como “uma deliciosa sensação de avançar nas pontas dos pés para o nirvana”. Contudo, Shanta e Margareta não estavam dispostas a deixar que o seu “Grande Irmão” morresse sem que nada fizessem por ele. Margareta agarrou no balde com água e salpicou-lhe o rosto e o tronco para lhe umedecer a pele. Os primeiros cuidados residiam em suspender a desidratação, mas ela teve a consciência imediata de que apenas uma rápida aplicação de soro poderia deter o avanço da doença. Tinham de levar o padre sem demora, para o submeter a cuidados intensivos.

— Aguenta-te Daddah Stephan — suplicou, ao mesmo tempo que lhe umedecia o rosto com a ponta do véu. — Vamos levar-te para Bellevue.

Todos os habitantes de Calcutá, até mesmo os mais miseráveis, conheciam o nome da luxuosa clínica particular situada entre as palmeiras, na vizinhança de Park Street. Era ali que a elite médica de Bengala operava e tratava os ricos marwari, os altos dignitários do Governo e os membros da colónia estrangeira, em condições de higiene e de conforto comparáveis às de uma instituição ocidental. Margareta sabia que a clínica de Bellevue não se recusaria a aceitar o padre. Ele era um sahib.

O rosto de Kovalski contorceu-se num esgar. Quis falar, mas não encontrou força para articular as palavras. A indiana inclinou-se sobre ele. Apercebeu-se, então, de que ele se recusava a abandonar o quarto. Queria “ser tratado como os pobres dali”. Stephan Kovalski conhecera na “Cidade da Alegria” dezenas de homens atacados pela cólera. Ficavam onde estavam. Os mais robustos sobreviviam; os outros morriam. A quantidade de casos

aumentava durante a monção. Na falta de espaço, remédios e médicos, os hospitais quase sempre se negavam a recebê-los. Ele não queria de forma alguma ser submetido a um tratamento de privilégio.

Ante esta resistência imprevista, as duas mulheres foram aconselhar-se com as vizinhas. Ficou decidido que o reitor da paróquia seria avisado. Só ele, julgavam, poderia convencer o confrade a deixar-se transportar para a clínica de Bellevue. O padre Cordeiro recebeu-as de uma forma bastante reservada e afastou de imediato a ideia de uma intervenção pessoal junto de Kovalski.

— Só vejo uma solução — declarou. — É preciso informar o cônsul polaco. Ou melhor, o cônsul francês, dado que Kovalski é detentor de um passaporte francês. No fim de contas, a pessoa em causa é alguém que se encontra sob a sua responsabilidade. Só ele pode obrigar esse obstinado estrangeiro a deixar-se cuidar normalmente. Ou, pelo menos, pode tentar.

Margareta foi designada como emissária. Convenceu tão eficazmente o diplomata quanto à necessidade urgente da sua intervenção que nessa mesma tarde um Peugeot 504 cinzento, ostentando um galhardete tricolor, parou junto à entrada de Anand Nagar. O aparecimento do automóvel causou tal sensação que Antoine Dumont teve dificuldade em abrir caminho por entre a multidão. Levantou as dobras das calças e aventurou-se a percorrer a ruela lamacenta. Incomodado pelos cheiros pestilentos, teve de parar duas ou três vezes, a fim de enxugar o rosto e o pescoço. Apesar da sua longa experiência, nunca penetrara em tal cenário. “Este padre deve ser completamente louco”, repetia de si para si, enquanto tentava evitar as poças de lama. Ao chegar junto do corpo enroscado nas profundezas da barraca, denotou um entusiasmo ligeiramente forçado.

— Bom dia, reverendo! — saudou. — Trago-lhe respeitosos cumprimentos da República Francesa. Sou o cônsul francês em Calcutá.

Stephan Kovalski teve dificuldade em abrir os olhos.

— A que devo tal honra? — inquiriu com voz débil.

— Ignora que o primeiro dever de um cônsul é o de velar pelos cidadãos que se encontram sob a sua tutela?

— Estou-lhe muito grato, senhor cônsul, mas não preciso de nada. Tenho aqui bastantes amigos.

— Foram precisamente esses amigos que me alertaram. Por que o seu estado de saúde necessita...

— ... de uma repatriação? — interrompeu Kovalski, reunindo um pouco

de energia.— Foi isso que veio aqui sugerir—me? Repatriação por motivos clínicos? Não devia realmente

ter-se dado ao incomodo, senhor cônsul. Agradeço-lhe a sua bondade, mas peço-lhe que se poupe a despesas inúteis. Não há “repatriações” para os pobres dos bairros de lata.

Deixou pender a cabeça e fechou os olhos. A secura do tom em que se dirigira não tinha passado despercebida ao diplomata. “Este padre é doido varrido”, pensou ele.

— Aceite, pelo menos, que o tratem numa boa clínica — insistiu, procurando as palavras mais convincentes. — Pense no que a sua vida representa para os seus amigos. E no vazio que a sua morte deixaria indubitavelmente atrás de si.

— A minha vida está nas mãos de Deus, senhor cônsul. A Ele cabe decidir. Tenho a certeza de que a minha presença aqui se deve à decisão de que o senhor deve curar-se — argumentou o diplomata.

— Talvez — concordou Kovalski, perturbado ante a lógica da observação.

— Nesse caso peço-lhe que deixe que os seus amigos o transportem para...

— Para um hospital civil, senhor cônsul, e não para uma clínica de ricos.

Dumont sentiu que estava a meio caminho da vitória. Um pouco mais de paciência e Kovalski acabaria por se deixar convencer.

— Quanto melhor o tratarem tanto mais depressa poderá continuar as suas atividades.

— O meu desejo não consiste em continuar as minhas atividades, senhor cônsul, mas em poder sempre enfrentar de cara descoberta esta gente que me rodeia.

— Compreendo, mas deixe-me garantir-lhe que nem uma só rupia será tirada aos pobres para pagar a sua hospitalização. O Consulado pagará as despesas.

— Agradeço-lhe, senhor cônsul, mas não se trata de despesas — suspirou Kovalski, esgotado pela conversa. Para mim, trata-se de respeitar um compromisso que assumi livremente. Esta doença é providencial. Suplico-lhe que não insista.

O corpo do doente foi sacudido por um espasmo. Antoine Dumont contemplou o corpo inanimado e, por momentos, interrogou-se se ele não estaria morto. Em seguida, tomou consciência da respiração irregular do

padre.

Lá fora, na ruela, Ashish e Shanta, Bandona, Margareta, Aristotle John, Saladdin, o velho Surya, Mehboub e muitos outros vizinhos aguardavam ansiosamente. Quando o diplomata apareceu na ombreira, todos avançaram ao seu encontro.

— Então? — perguntou Margareta.

— Meia vitória apenas! — respondeu o diplomata, ajeitando o laço. — Uma clínica está fora de questão, mas consente em ir para um “hospital civil”. Acho que devemos respeitar a sua vontade.

Assim que o diplomata partiu, Margareta meteu Kovalski num riquixá e levou-o para o City Hospital, uma das principais instituições médicas da capital de Bengala. Com o seu relvado cuidadosamente aparado, um lago, a fonte e uma alameda de buganvílias, este estabelecimento oferecia um aspecto exterior bastante agradável. Uma tabuleta vermelha na ala das urgências indicava porém um edifício cujas portas e janelas se apresentavam quase na totalidade destruídas. Margareta sentiu-se tentada a pedir ao condutor do riquixá que desse meia volta. Até mesmo os espetáculos mais desoladores da “Cidade da Alegria” não a tinham preparado para o choque que a esperava. Pensos ensanguentados, camas partidas e colchões desventrados e cobertos de piolhos enchiam os corredores. Para onde quer que fosse, havia detritos de todo o gênero. Pior ainda, no entanto, eram as pessoas que se encontravam no local. Os doentes graves, atacados de encefalite, trombose, tétano, tifoide, tifo, cólera, abscessos infectados, os feridos, os amputados e queimados, viam-se por todo o lado, muitas vezes deitados no chão.

Margareta acabou por conseguir desencantar uma maca de bambu, onde instalou Kovalski, que não dava acordo de si. Ao ver que ninguém aparecia para o examinar, meteu uma nota na mão de um enfermeiro a fim de que lhe arranjasse uma garrafa de soro e uma seringa, que ela própria enfiou no braço do doente. Pediu em seguida remédios anticólera. No entanto, e à semelhança de tantos outros estabelecimentos, havia falta de medicamentos neste hospital. A imprensa denunciava com frequência a pilhagem de que os hospitais eram alvo e que se destinava a fornecer as inúmeras farmácias das redondezas.

— Tenho sede...

Kovalski abriu os olhos para o mundo de pesadelo deste hospital civil. Não havia um jarro nem água à cabeceira do doente. De vez em quando

passava um rapazinho com um cantil. Cobrava cinquenta paísa por copo. As latrinas eram ao fundo do corredor. A porta fora arrancada e os esgotos estavam entupidos. Os excrementos tinham transbordado e espalhavam-se pelo corredor, com grande satisfação das moscas.

Centenas de doentes acotovavam-se diariamente às portas destes estabelecimentos com a esperança de receberem qualquer tratamento, de obterem uma cama livre — ou uma maca no chão —, a fim de conseguirem, pelo menos, comer durante alguns dias. A mesma confusão existia praticamente em todos os lugares. Em algumas alas das maternidades era possível encontrar três mães e os seus bebês deitados na mesma cama, uma situação que por vezes causava a asfixia dos recém-nascidos. Campanhas regulares na imprensa condenavam esta negligência, a corrupção e os roubos que paralisavam alguns hospitais.

No hospital onde se encontrava Stephan Kovalski, um dispendioso aparelho de cobalto estivera sem funcionar durante meses, dado que ninguém assumia a responsabilidade de gastar as seis mil e oitocentas rupias necessárias para a sua reparação. Num outro, a unidade de reanimação cardíaca estava fechada devido à falta de ar condicionado. E noutro, ainda, dez dos doze eletrocardiógrafos estavam avariados, o mesmo acontecendo a metade dos monitores cardíacos à cabeceira de algumas camas. As garrafas de oxigênio e gás para a esterilização faltavam praticamente por todo o lado. “O único aparelho que parece funcionar devidamente, mas apenas quando não se verificam cortes de corrente, é a máquina de eletrochoques do hospital psiquiátrico”, afirmava um jornal. Não fora possível inaugurar a nova ala cirúrgica de um grande hospital simplesmente porque a Direcção dos Serviços de Saúde não tinha aprovado a nomeação de um empregado de elevador. De um modo quase generalizado, a falta de técnicos e de chapas significava que a maioria dos doentes se viam obrigados a esperar quatro meses por uma radiografia e semanas por qualquer análise. Num hospital próximo da estação de Sealdah, onze das doze ambulâncias estavam avariadas ou abandonadas, com os tejadilhos destruídos, sem motor nem pneus. Em muitos blocos operatórios, as caixas de bisturis, ferros, pinças e categutes estavam quase vazias, tendo sido o conteúdo roubado pelo pessoal. Os poucos instrumentos que restavam era raro estarem em ordem. O catequite era frequentemente de tão baixa qualidade que as costuras rebentavam. Em muitos lugares as reservas de sangue não existiam. A fim de conseguirem o precioso líquido antes de uma operação, os doentes ou as famílias tinham

algumas vezes de recorrer a esses vigaristas especializados com os quais Hasari Pai já fizera negócio. Os parasitas encontravam nestes hospitais oportunidades fantásticas de enriquecerem. Alguns deles abordavam os doentes à entrada (especialmente os pobres que tinham vindo do campo) e prometiam-lhes hospitalização imediata ou um exame médico a troco de algum dinheiro. Outros faziam-se passar por médicos, e arrastavam as vítimas para consultórios a cargo de enfermeiros cúmplices. Pediam em seguida às mulheres que lhes entregassem as joias durante o exame radiológico e desapareciam.

Em alguns hospitais, o desvio da comida destinada aos doentes havia assumido tais dimensões que as refeições tinham de ser transportadas em carros fechados a cadeado. Apesar destas precauções, grandes quantidades de alimentos e de leite eram regularmente desviadas para as inúmeras casas de chá que se tinham instalado nas proximidades do hospital. O açúcar e os ovos desapareciam sistematicamente, a fim de serem revendidos nas imediações a preços duas vezes mais baixos que os do mercado. Os jornais denunciavam que esta pilhagem não se referia apenas à comida. Alguns estabelecimentos hospitalares já não tinham portas nem janelas. Durante a noite, os tratamentos tinham de ser feitos à luz da vela; todas as lâmpadas eléctricas tinham desaparecido.

No entanto, e como é hábito na Índia, o melhor coabitava com o pior. Nestas instituições havia igualmente uma rede de pessoas que se uniam para afastar o isolamento, o anonimato, o terror. A algumas camas de Kovalski jazia um doente que, depois de um acidente, fora submetido a uma das mais delicadas e ousadas operações da cirurgia moderna: uma osteossíntese da coluna vertebral. Kovalski acompanhava diariamente a sua recuperação. Nesta sala comum e em tantos aspectos sórdida, este homem era objeto de atenções e cuidados extraordinários. Todas as manhãs as enfermeiras ajudavam-no a levantar-se e a recuperar gradualmente o uso das pernas. Em cada uma das suas visitas, o cirurgião, sobrecarregado de trabalho, conseguia sempre tempo para o examinar com todo o cuidado e falar com ele, demonstrando competência e solicitude. Algumas camas adiante, uma mulher conservava-se acorada no chão ao lado do berço do filho. A criança sofria de meningite. A ninguém teria passado pela cabeça impedir a pobre mulher de ficar junto ao filho, e o pessoal encarregado da distribuição da comida oferecia-lhe sempre um prato de arroz.

Altamente surpreendidos por saberem que tinham um sahib como

companheiro de sofrimento, alguns doentes arrastavam -se até junto de Stephan para lhe pedir que lhes decifrasse as receitas. Kovalski espantou-se muitas vezes ante a consciência e precisão com que alguns dos sobrecarregados médicos prescreviam os tratamentos, até mesmo para os mais miseráveis dos seus doentes.

Nada estava totalmente apodrecido nesta cidade desumana.

O gesto de Margareta teria indubitavelmente causado a indignação do padre. Acabava de meter furtivamente vinte rúpias na mão da enfermeira para que ela mudasse o seu protegido para uma cama debaixo da ventoinha. Esta prática era, no entanto, corrente. Os doentes viam-se constantemente desalojados dos seus catres, a fim de darem lugar a estes beneficiários dos subornos.

A cólera teria decerto vitimado o polaco se não fossem as garrafas de soro, os remédios e a comida que a indomável indiana lhe trazia diariamente. Ela organizara uma colecta no bairro de lata e todos os pobres haviam contribuído para a salvação do “Grande Irmão”. Os filhos de Mehboub tinham percorrido a linha férrea em busca de restos que pudessem vender. Surya, o velho hindu da casa de chá, oferecera vários sacos de doces. A mãe de Sabia, a criança que morrera de tuberculose no quarto ao lado, talhara e cosera uma camisa para o Daddah Stephan. Os próprios leprosos haviam entregue o produto de vários dias de mendicidade. Stephan Kovalski tinha falhado: não pudera ser um pobre igual aos seus irmãos do bairro de lata.

XXXVI

Calcutá nunca fora cenário de um tal espetáculo: milhares de riquixás abandonados por toda a cidade. A greve, a primeira grande greve dos cavalos humanos do mundo, paralisou o meio de transporte mais popular de Calcutá.

“A greve é, no entanto, a arma dos ricos”, reconhecia Ha-sari Pai. “As belas decisões não duram muito quando se tem o estômago roído de fome e a cabeça mais vazia que a pele de uma cobra na muda. Os proprietários sabiam-no bem. Sabiam que nós acabaríamos por ceder. Passados dois dias, alguns dos camaradas voltaram a pegar nos varais. Outros imitaram-nos no dia seguinte. E em breve todos andávamos à procura de clientes, chegando mesmo ao ponto de fazer corridas abaixo da tarifa para podermos comprar imediatamente algo de comer. E vimo-nos obrigados a pagar o novo aluguer. Foi muito duro. Contudo, nesta maldita vida surge a cada instante um qualquer acontecimento que impede que se chore o destino.

“Quando conheci o meu colega Atui Gupta, esfreguei várias vezes os olhos. Não pude deixar de me interrogar se, em vez de esperar um cliente à esquina de Russell Street, não estaria de fato assistindo a qualquer filme. Na realidade, Atui Gupta parecia um herói saído de um filme. Era um belo indivíduo, com um bigode negro bem escovado, o cabelo cuidadosamente penteado, rosto cheio e o ar de um conquistador. Vestia uma camisa colorida e umas calças de sahib. E mais incrível era o fato de ter peúgas e sapatos. Sapatos verdadeiros, que rodeavam o pé, e não sandálias de plástico de baixa qualidade. E havia algo ainda mais surpreendente: usava um relógio de ouro no pulso. Conseguem imaginar um condutor de riquixá com um relógio de ouro?

“Eu já vira filmes em que os heróis se disfarçavam de condutores de riquixá, mas isso era no cinema. Gupta era bem real. Ninguém sabia de onde ele vinha. E uma verdade que em Calcutá se vive lado a lado com gente de quem nada se sabe, ao passo que na nossa aldeia há gerações que as pessoas se conheciam. Uma coisa era certa em relação a Gupta: devia ter frequentado a escola durante muito tempo, pois sabia mais do que todos os brâmanes de Calcutá juntos. Ninguém sabia recitar o Ramaiana com ele. Era um verdadeiro ator. Sentava-se onde quer que fosse e começava a recitar poesia. Logo se formava um grupinho à sua volta e, no espaço de segundos, fazia-nos esquecer os golpes nos pés, as cólicas no estômago, o calor. Envolvia-nos

com a sua magia. Tinha a surpreendente capacidade de personificar ora Rama, depois Sita e ainda o terrível Ravana. Teríamos sido capazes de o escutar durante horas, dias, noites, enquanto ele nos transportava através das montanhas, dos mares e do céu. Em seguida, o riquixá era menos pesado. Em alguns meses Gupta tornou-se o herói dos condutores de riquixá de Calcutá. Como pudera acabar na pele de um pobre tipo como nós? A resposta continuava a ser um mistério.

“Alguns afirmavam que ele era um espião, outros que era um agitador político. Vivia numa pensão de Free School Street frequentada por gente esquisita, estrangeiros que andavam descalços e usavam colares e pulseiras à volta dos tornozelos. Dizia-se que esta gente se injetava com drogas e fumava, não bidi mas o bhang que nos transporta ao nirvana. Gupta não andava descalço e nunca o vi com um cigarro na boca. Trabalhava duramente, como qualquer de nós. Ao romper do dia era sempre o primeiro a chegar à estação de Park Circus e continuava as suas corridas muito depois do cair da noite. Há que dizer que não tinha atrás de si os anos de trabalho com o estômago vazio, como era o caso dos outros condutores. Ele ainda possuía um bom motor. À semelhança de todos nós, não tinha, porém, licença para a sua geringonça. Em Calcutá, um bom suborno consegue abrir as portas do Paraíso.

“De qualquer maneira, com ou sem licença, Gupta devia ter passado alguns belos dias, dado que as mulheres discutiam entre si um lugar no seu riquixá. Pensavam sem dúvida que eram puxadas por Manooj Kumar (Famosa estrela do cinema indiano). No nosso negócio é, no entanto, preferível ter a aparência de um pobre diabo do que de uma estrela de cinema. Quanto mais se sai do vulgar mais gente tem o olho em cima de nós.”

Um dia em que transportava duas jovens de volta à sua casa em Harrington Street, o belo Atui Gupta iria experimentar pessoalmente a verdade destas palavras. Uma carroça do lixo avariara-se no meio do caminho e toda a rua estava bloqueada. Gupta tentou escapar-se ao obstáculo passando por cima do passeio, mas um polícia interferiu. Seguiu-se uma acesa discussão e Gupta recebeu várias bastonadas. Furioso, pousou os varais e atirou-se ao polícia. Os dois homens rolaram por terra, lutando violentamente. O polícia acabou por pedir reforços e uma multidão de colegas correu a fim de prender o condutor e confiscar-lhe o riquixá.

Quando a polícia o libertou, por fim, na tarde do dia seguinte, Atui

Gupta não passava de um monte de carne ensanguentada. Tinham-lhe batido toda a noite e queimado o peito com cigarros. Tinham-no pendurado de um gancho, primeiro pelos braços e depois pelos pés, vergastando-lhe o corpo com golpes de bambu. Não o puniam só porque se batera com um deles, mas também por causa das suas calças limpas, da sua camisa e sapatos de sahib, do seu relógio em ouro. Um escravo não tinha direito a diferenciar-se das restantes bestas de carga.

Não se dando por satisfeito em lhe ter batido, o polícia apresentou queixa contra Atui Gupta diante dos juízes do Bonsal Court, o tribunal municipal de Calcutá. No dia do julgamento, os condutores de riquixá fizeram uma verdadeira guarda de honra ao seu camarada. Dado que ele mal podia andar, puseram-no num dos carros decorados com flores.

“Parecia um marajá ou uma estátua de Durga, o nosso amigo”, recordaria Hasari Pai, “só que tinha ligaduras nos braços e nas pernas e os olhos e o rosto pareciam pintados de carvão, de tal modo as feições estavam desfiguradas.”

O Bonsal Court era um velho edifício de tijolo do outro lado de Dalhousie Square, no centro da cidade. No pátio, junto a uma grande bananeira, erguia-se um pequeno templo. Os condutores ajudaram Gupta a descer diante do hotel, decorado com retratos de Shiva, de Kali e do deus-macaco Hanuman, porque ele era muito religioso e queria ter um darshan com as divindades antes de se apresentar na frente dos juízes. Hasari pegou-lhe na mão, a fim de o ajudar a tocar o pequeno sino suspenso na porta do santuário. Gupta recitou alguns mantras, após o que colocou uma grinalda de flores à volta do tridente de Shiva.

No passeio, ao longo das grades em ferro, uma multidão comprimia-se entre uma dupla fila de vendedores. O ar quente intensificava o cheiro a óleo a ferver e a fritos. Mais adiante, à entrada do pátio, as pessoas formavam fila diante dos escrevões, que se acocoravam por detrás de máquinas de escrever; outros abriam cocos ou bebiam chá ou bebidas engarrafadas. Havia mesmo mendigos nas escadas de acesso às câmaras de audiência. Mas o que chamava, sobretudo, a atenção era o constante vaivém. As pessoas entravam, saíam e paravam a conversar. Os acusados passavam acorrentados a polícias. Juristas de casacos pretos apertados e calças de riscas conversavam entre si ou com as famílias dos presos.

Gupta e os amigos entraram num vestíbulo que cheirava a bolor. As mulheres, sentadas nos bancos, davam o peito aos bebês. Havia pessoas que

comiam, outras que dormiam no chão enroladas num pedaço de tecido de kadhi.

Alguém informou Gupta de que ele devia ir arranjar um advogado. Ao fundo de um comprido e escuro corredor havia uma sala cheia deles. Estavam sentados atrás de pequenas mesas sob ventoinhas que lhes faziam voar os papéis. Gupta escolheu um indivíduo de meia-idade que inspirava confiança. Vestia uma camisa e gravata sob um casaco preto tão brilhante como a superfície de um lago ao luar. O advogado de defesa conduziu o cliente e a sua escolta até junto de uma escada que tresandava a urina. A um canto de todos os patamares, os juízes ditavam os seus pareceres a funcionários que datilografavam só com um dedo.

O pequeno grupo chegou, por fim, a uma grande sala. Uma fotografia amarecida de Gandhi decorava uma parede. O fundo da sala estava mobilado com uma pirâmide de baús metálicos, mais ou menos enferrujados, que continham milhares de provas usadas no decurso de anos de processos: facas, pistolas, todo o gênero de armas e objetos roubados. No meio da câmara, havia bancos alinhados diante de um estrado. No estrado estavam duas mesas e uma gaiola ligada a um túnel em grade de ferro que se estendia ao longo de toda a sala. “Já uma vez tinha visto um túnel daqueles num circo”, narraria Hasari Pai. “Servia para conduzir os tigres e as panteras até a pista.”

Aqui era utilizado para conduzir os presos diante dos juízes. Atui Gupta não era forçado a utilizá-lo, dado que comparecia diante do tribunal na qualidade de homem livre.

A sala não tardou a encher-se completamente de condutores de riquixá que bebiam chá e fumavam bidi enquanto aguardavam a chegada dos juízes. Gupta sentou-se diante do estrado num banco ao lado do seu advogado. Dois homens vestidos com dhoti bastante sujos acabaram finalmente por aparecer. Traziam volumosos dossiers debaixo do braço e caminhavam com uma expressão de enfado. Eram os escrivães. Um deles bateu as palmas ordenando que fossem postas em movimento as duas grandes ventoinhas suspensas do tecto. As máquinas estavam tão usadas que as pás demoraram um tempo imenso antes de começarem a trabalhar. Dir-se-iam dois abutres que, depois de terem devorado uma carcaça, não conseguiam levantar voo.

Abriu-se uma porta ao fundo da sala e o juiz entrou. Era um homem muito magro, com uma expressão triste por detrás dos óculos e vestia uma toga negra orlada a pele. Todos se levantaram, até mesmo Gupta, que tinha grande dificuldade em se manter de pé. O juiz sentou-se na cadeira de honra,

a meio do estrado. O acusado e os seus amigos mal lhe divisavam o rosto atrás dos volumes do Código Penal indiano e dos dossiers que cobriam a mesa. Mal acabara de abrir um dossier, quando um pombo se empoleirou num dos livros e satisfez as suas necessidades. Um escrivão subiu ao estrado, a fim de limpar os excrementos ainda moles com uma ponta do seu dhoti. Várias famílias de pombos tinham construído os seus ninhos nas pilhas de dossiers e de baús ao fundo da sala.

Uma pequena figura, vestida igualmente de toga negra, fez a sua entrada na sala. Era tão estrábico, que se tornava impossível dizer se estava a olhar para a esquerda ou para a direita. Era o PP, o promotor público. Em baixo, à esquerda do estrado, um oficial da polícia montava guarda em pé. “Pareciam prestes a representar uma cena do Ramaiana com uma série de personagens”, contaria Hasari Pai.

Um dos escrivães começou a ler o auto que acusava Atui Gupta de ter atacado o polícia em Harrington Street. O juiz havia tirado os óculos, fechado os olhos e recostara-se na cadeira. Apenas se lhe via a cabeça calva que reluzia acima das pilhas de dossiers. Quando o escrivão acabou a leitura ouviu-se a voz do juiz a pedir ao advogado de defesa que iniciasse o que tinha a dizer. Em seguida, Hasari viu que o condutor de riquixá pousava a mão no ombro do advogado de defesa, impedindo-o de que se pusesse em pé. Gupta estava decidido a conduzir a sua própria defesa.

No espaço de alguns minutos, fez um relato tão pormenorizado das violências a que havia sido submetido que a sala inteira começou a fungar e a chorar. O PP e o advogado tomaram a palavra, mas de nada serviu. Também o juiz fungava por detrás dos seus livros e dossiers. Gupta foi considerado inocente e mandado embora. O juiz ordenou, além disso, que lhe devolvessem o seu riquixá.

A audiência durara menos de dez minutos. “A parte mais demorada foram os nossos aplausos”, diria Hasari. “Estávamos orgulhosos e felizes pelo nosso amigo.”

A notícia de que Gupta fora mandado em paz espalhou-se como um rastilho entre os condutores de riquixá da cidade. O “Cara Marcada” e Golam Rassoul, o pilar do Sindicato dos Condutores de riquixá, sugeriram que se organizasse imediatamente uma estrondosa manifestação em frente do Writer’s Building, a sede do Governo bengalês, como protesto contra a brutalidade da polícia. Rassoul alertou os membros do sindicato dos condutores de telagarhi, os condutores de carros de mão. Eles saltaram de

entusiasmo ante a oportunidade: os condutores de riquixá e de telagarhi eram os bodes expiatórios da polícia de Calcutá.

O desfile partiu de Park Circus ao princípio da tarde. Os chefes dos partidos de esquerda tinham fornecido tantas faixas, estandartes e bandeiras vermelhas que a marcha se assemelhava a um campo de papoulas em movimento. Na frente, sentado num riquixá enfeitado com flores e fitas vermelhas, seguia o herói do dia, puxado por homens que se revezavam em cada cem metros entre os varais. Foi o carro número 1999 que teve a honra de o transportar, a geringonça entre os varais da qual Hasari Pai tinha suado, sofrido e esperado durante quatro anos.

Ao longo do percurso, centenas de condutores de carros puxados à força de braços juntaram-se ao desfile. A circulação imobilizou-se e a paralisação não tardou a estender-se aos subúrbios. Desta vez os habitantes observaram a passagem dos manifestantes sem se mostrarem surpreendidos. Nunca um cortejo desfilara com tantas bandeiras e estandartes. Os comunistas tinham enviado equipas de reforço com altifalantes. Os responsáveis do sindicato gritavam slogans que os condutores repetiam a plenos pulmões. Foram necessárias mais de duas horas para chegarem a Dalhousie Square. A polícia tinha bloqueado os acessos ao edifício do Governo com uma barricada de cinco carrinhas, caminhões e centenas de homens com uniformes de caqui e armados de espingardas. A enorme fachada de tijolo vermelho adornada de estátuas encontrava-se sob a proteção de mais polícias.

A coluna viu-se forçada a parar junto à barricada. Um oficial da polícia de capacete aproximou-se dos manifestantes e perguntou aos homens que se encontravam à cabeça do desfile se pretendiam comunicar qualquer mensagem ao secretário do primeiro-ministro. Atui Gupta respondeu que exigia ser recebido, juntamente com os chefes do sindicato, pelo primeiro-ministro em pessoa. O polícia respondeu que transmitiria o pedido. Os militantes aproveitaram-se da espera para pronunciar discursos inflamados contra a polícia e gritar slogans revolucionários.

Decorridos uns minutos, o oficial da polícia veio informar que o primeiro-ministro concordava em receber uma delegação de quatro condutores de riquixá. Rassoul, Gupta e dois outros membros do sindicato foram autorizados a atravessar a barragem. Quando reapareceram, meia hora mais tarde, ostentavam um ar de satisfação, especialmente Gupta. Servindo-se de um altifalante este anunciou que o primeiro-ministro e o chefe da polícia haviam garantido que não voltariam a verificar-se atos de brutalidade

policiais. Uma onda de aplausos e exclamações de júbilo saudou esta informação. Gupta acrescentou que recebera pessoalmente a promessa solene de que os policiais que o tinham maltratado seriam punidos.

Seguiu-se mais uma salva de aclamações. Gupta, Rassoul e os dois outros delegados foram, em seguida, adornados com grinaldas de flores. “Sentíamos-nos como se algo de importante tivesse acabado de ocorrer”, contaria Hasari Pai. “Podíamos-nos separar felizes e tranquilos. O amanhã marcaria o início de melhores dias.”

A marcha dispersou-se sem incidentes. Os condutores de riquixá e de telagarhi voltaram às suas casas. Gupta subiu de novo para o riquixá de Hasari. Com alguns camaradas, foram a uma taberna da Ganguli Street festejar a sua vitória com algumas garrafas de bangla. Foi quando iam a sair do estaminé que Hasari ouviu um baque, semelhante ao do rebentar de um pneu de bicicleta. Gupta soltou um grito, a cabeça pendeu-lhe sobre o peito, após o que todo o corpo escorregou de encontro aos varais. Hasari deu-se conta de que ele tinha um buraco na cabeça, mesmo acima da orelha, e de onde começara a jorrar sangue. Gupta tentou dizer qualquer coisa, após o que revirou os olhos.

“Os nossos inimigos tinham-se vingado. Haviam-nos roubado o nosso herói.”

XXXVII

A pequena colônia tinha-se instalado no extremo do bairro de lata, junto à via-férrea. Observada do exterior, nada a diferenciava dos vários recintos do bairro. Exibia as mesmas construções em quadrado à volta de um pátio, com o mesmo tipo de roupa interior a secar nos telhados e os mesmos esgotos abertos. Este era, porém, um gueto muito especial. Nenhum dos restantes habitantes do bairro de lata se aventurava jamais por aquelas paragens, pois era neste local que viviam os seiscentos leprosos da “Cidade da Alegria”, amontoados em dez e doze no quarto.

A Índia conta com cerca de cinco milhões de leprosos na sua população. O terror e o medo inspirados pelas feições desfiguradas, as mãos e os pés reduzidos a cotos e as feridas algumas vezes infestadas de vermes, condenavam os leprosos de Anand Nagar à segregação total. Embora fossem livres de sair e de circular pelo bairro, um código tácito impedia-os de entrar nas casas ou recintos dos ocupantes saudáveis. Ao dirigir-se ao quarto de Stephan Kovalski, o aleijado Anouar havia quebrado a regra, e a infração podia ter-lhe custado a vida. Já se tinham verificado alguns linchamentos, embora mais por medo do mau-olhado do que por medo do contágio. Embora dessem esmolas aos leprosos a fim de melhorar o seu karma, a maioria dos indianos encarava a lepra como uma maldição dos deuses.

No centro da colônia dos leprosos, uma barraca feita de bambu e barro seco abrigava algumas enxergas de palha. Neste buraco viviam alguns refugiados dos passeios de Calcutá que haviam chegado ao termo do seu calvário. Um destes era Anouar.

“Também este homem mostrava um sorriso difícil de compreender à luz do seu sofrimento”, comentaria Stephan Kol-valschi. “Jamais pronunciava a mínima queixa. Sempre que, por casualidade, o encontrava numa ruela, cumprimentava-me com uma voz cheia de alegria.”

— Então, Daddah Stephan? Sente-se melhor, hoje?

Vinda deste farrapo humano que se arrastava pela lama, a pergunta parecia tão incongruente que eu hesitava em responder. Tinha adquirido o hábito de me inclinar sobre o seu corpo e de lhe agarrar o coto da mão direita com as mãos. Da primeira vez que o fiz, o gesto apanhou-o tão de surpresa que examinou as pessoas à volta com uma expressão de triunfo, parecendo dizer-lhes: “Veem como sou um homem igual a vocês? O Daddah está a

apertar-me a mão!”

Stephan Kovalski sabia que Anouar chegara a uma fase avançada da sua doença e suportava um verdadeiro suplício. Nada mais podia fazer-se por ele desde que a doença lhe atingira aos nervos. Quando as dores se tornavam intoleráveis, fazia-se transportar até o 49 Nizamudhin Lane, onde o padre lhe dava uma injeção de morfina. Kovalski conseguira arranjar algumas ampolas no hospital de Howrah. Reservava-as para os casos desesperados.

No dia a seguir a uma destas injeções, Kovalski encontrou Anouar numa das ruelas. Parecia invulgarmente preocupado.

— O que aconteceu, Anouar? — perguntou o polaco, inquieto.

— Oh, nada, Daddah Stephan. Estou ótimo. E o meu vizinho Said que não passa nada bem. É preciso que venhas visitá-lo. Está tão doente que não consegue comer nem dormir.

O aleijado, que se arrastava no meio da lama, nada pedia para si. Apenas preocupado com o seu vizinho, era a mensagem viva do provérbio indiano “Que interessa a infelicidade, quando sofremos juntos?”.

Stephan Kovalski prometeu aparecer nessa mesma tarde.

Foi uma descida aos Infernos. O padre não encontrou uma leprosaria, mas uma espécie de ossuário. Aqueles esqueletos consumidos pela gangrena, de olhos fechados e cobertos de chagas eram, na realidade, seres humanos? Eram seres humanos aqueles cadáveres que ainda respiravam e de cuja pele enrugada escorria um líquido amarelo? O próprio espetáculo nada era comparado com o cheiro nauseabundo. “Eu nunca havia sentido um odor tão repugnante. Uma mistura de decomposição, álcool e incenso. Para lhe resistir, tornava-se necessário ter a esperança escrita com maiúsculas no fundo do coração.” Acoradas no meio dos detritos e dejectos, as crianças jogavam ao berlinde, soltando enormes gargalhadas. Kovalski não teve dificuldade em identificar o amigo de Anouar. Said era um homem com pouco mais de quarenta anos, sem mãos nem pés. A lepra também lhe roera o nariz e comera os olhos. Anouar procedeu às apresentações. Said virou o rosto cego na direção do padre e Kovalski julgou detectar-lhe um sorriso.

— Eu estou bem, Grande Irmão Stephan — garantiu-lhe. — Não devias ter-te dado ao incomodo de me vir visitar.

— Não é verdade — corrigiu Anouar, sacudindo a cabeça. — Sofres muito.

Kovalski pegou-lhe no braço e examinou o coto. A ferida apresentava uma cor esverdeada e as larvas passeavam-se no osso descarnado. O estado

de saúde de Said ultrapassara a hipótese de tratamento. Kovalski encheu uma seringa de morfina e procurou uma veia por baixo da pele dura e fendida. Nada mais podia fazer.

Ao seu lado, estava estendida uma mulher numa enxerga dura e com um bebê junto dela. A criança era um belo rapazinho que agitava as mãozinhas rechonchudas. Uma alergia aos medicamentos cobrira o rosto da mãe com chagas purulentas e entumecências. Era um fenômeno comum, e tão doloroso que muitos leprosos recusavam tratar-se. O corpo da pobre mulher estava coberto com um pedaço de tecido que lhe subia até o queixo. Kovalski inclinou-se e pegou na criança ao colo. Ficou surpreendido ante a força com que a mãozinha do bebê lhe agarrou no dedo.

— Vai ser um belo rapaz — prometeu à mãe, mas a leprosa virou costas e Kovalski pensou que a ofendera.

— Tome-o. E seu e não deve afastar-se dele.

Seguiu-se um momento interminável. A mãe não esboçou qualquer movimento para lhe pegar. Chorava. Acabou por afastar o pano e mostrou os braços. Não tinha dedos.

Kovalski deitou a criança cuidadosamente ao seu lado. Unindo depois as mãos num gesto indiano de saudação, afastou-se sem uma palavra. Lá fora, esperava-o uma multidão de aleijados, cegos e pessoas sem pernas ou braços. Todos tinham acorrido para ter um darshan com o “Grande Irmão”, que ousara penetrar no seu tugúrio.

“Também eles sorriam”, contaria o padre. “E os sorrisos nada tinham de forçado ou suplicante. Eram sorrisos de homem, olhares de homem, dignidade de homem. Alguns bateram as mãos atrofiadas para me aplaudir. Outros acotovelaram-se para se aproximar de mim, escoltar-me, tocar-me.”

Anouar conduziu o visitante a um recinto onde quatro leprosos jogavam às cartas, acorados numa enxerga. A sua chegada interrompeu-os, mas ele pediu-lhes que continuassem a jogar. Isto proporcionou-lhe a oportunidade de testemunhar um número de malabarismo digno do mais famoso circo. As cartas voavam entre as palmas das mãos antes de caírem no solo, num bailado pontuado de risos e exclamações.

Num recinto próximo, músicos mendigos executavam um concerto de flautas e tambores em sua honra. A medida que ia atravessando o bairro, as pessoas saíam dos seus buracos. A sua visita assumia um carácter festivo. “Diante da porta de uma barraca, um velho quase cego empurrou na minha direção um rapazinho de três anos que acabara de adotar. O velho costumava

pedir em frente da estação de Howrah. Numa manhã, esta criança buscou refúgio junto dele como um cão perdido e sem coleira. Este mesmo velho, que não tinha o suficiente com que se alimentar todos os dias e que jamais se curaria, tomara o rapazinho a seu cargo.” Um pouco à frente, Stephan ficou pregado ao chão ante o espetáculo de uma rapariguinha que massageava com os dedos ainda intactos o corpo rechonchudo do irmãozinho que deitara no colo. Anouar indicava o caminho, arrastando-se na sua tábua com rodas, com um fervor duplicado pelo orgulho de servir de guia ao “Grande Irmão Stephan”.

— Vem sentar-te aqui, Daddah Stephan — convidou-o, indicando com um gesto uma enxerga feita de sacos de juta cozidos e que uma mulher acabara de desenrolar para ele num dos recintos. Vários leprosos lutavam por arranjar um lugar ao seu lado. Foi quando percebeu que o convidavam para comer.

“Julgava ter aceito todos os aspectos da miséria e; no entanto, sentia-me repugnado com a ideia de me sentar à mesa com os mais martirizados dos meus irmãos”, confessaria Stephan. “Que tristeza! Que falta de amor! Que longo caminho eu tinha ainda a percorrer!” Dissimulou o seu mal-estar o melhor que lhe foi possível e o calor da hospitalidade acabou por o dissipar completamente. As mulheres trouxeram tigelas de metal cheias de arroz e legumes, e a refeição iniciou-se. Kovalski tentou esquecer as mãos sem dedos que lutavam com as bolas de arroz ou os pedaços de abóbora. Os seus anfitriões pareciam cheios de alegria e de gratidão. Jamais um estranho viera partilhar a sua comida. “Apesar de sentir o estômago às voltas, queria mostrar-lhes a minha amizade. Mostrar-lhes que não os receava. E se não os receava era porque os amava. E se os amava era porque o Deus com que eu vivia, e para o qual vivia, também os amava. Estas pessoas precisavam de mais amor do que quaisquer outras. Elas eram párias entre os párias.”

A generosidade que caracterizava Kovalski não o impediu, porém, de sentir uma certa indignação ante o fato de que seres humanos pudessem ter-se deixado cair num tal estado de decadência física. Sabia perfeitamente que a lepra não é uma doença fatal. Desde que seja tratada a tempo, é mesmo facilmente curável e não deixa sequelas. Foi nesse dia, confrontado com o horrível espetáculo de tantas mutilações, que tomou uma decisão. Instalaria uma leprosaria na “Cidade da Alegria”. Uma verdadeira leprosaria com especialistas que soubessem curar a doença.

No dia seguinte, Stephan Kovalski apanhou o ônibus que atravessava o

Hooghly. Dirigia-se ao Sul de Calcutá, a fim de expor os seus planos à única pessoa da cidade capaz de o ajudar a pô-los em prática.

XXXVIII

Assemelhando-se a uma flor em busca de sol, a cúpula arredondada do Templo de Kali emergia sobre a confusão das ruelas, residências, lojas e hospedarias. Este importante local do hinduísmo militante, construído junto a um antigo afluente do Ganges, nas margens onde se incineravam os mortos, era o santuário mais frequentado de Calcutá. Uma multidão de fiéis juntava-se dia e noite no interior e à volta das suas paredes cinzentas. Famílias ricas, com os braços carregados de ofertas de frutos e comida envoltas em papel dourado; penitentes vestidos de algodão branco conduzindo cabras ao altar de sacrifício; iogues com roupas cor de açafrão e os cabelos levantados e presos no alto da cabeça, exibindo o símbolo da seita pintado a vermelho na testa; trovadores entoando cânticos com a melancolia de suspiros; músicos, comerciantes, turistas; toda uma multidão que se mistura numa atmosfera festiva.

É também um dos lugares mais congestionados desta cidade superpovoada. Centenas de lojas rodeiam o templo num círculo de quiosques multicoloridos. Aqui vende-se tudo: frutos, flores, pós, joias falsas, perfumes, objetos de devoção, utensílios de cobre trabalhado, brinquedos e até mesmo peixe fresco e pássaros engaiolados.

Acima deste formigueiro paira o fumo azulado das piras fúnebres e o cheiro a incenso de mistura com carne queimada. Vários cortejos fúnebres abrem caminho por entre as vacas, os cães, as crianças que brincam na rua e o rebanho de fiéis adoradores. No Templo de Kali, a vida mais trepidante coexiste com a morte.

À esquina deste santuário ergue-se uma comprida e baixa construção de janelas tapadas com rendilhados de gesso. A porta de acesso ao imponente pórtico esculpido está sempre aberta. Uma tabuleta de madeira anuncia em inglês e bengali: “Município de Calcutá — Nirmal Hriday — a Casa do Coração Puro, Hospício para os Moribundos Abandonados”.

Stephan Kovalski chegara ao seu destino. Subiu o pequeno lanço de degraus e entrou no edifício. Um cheiro indefinível, que nem mesmo os desinfetantes conseguiam eliminar, reinava à sua volta. Assim que os seus olhos se habituaram à penumbra, distinguiu três filas de sacos-camas cobertos com enxergas verdes muito finas, colados uns aos outros. Cada um tinha um número pintado. Silhuetas movimentavam-se silenciosamente por entre as

filas.

Os leitos estavam ocupados por homens descarnados em várias posições de agonia. Numa segunda divisão, havia filas de leitos semelhantes para as mulheres.

A atenção de Kovalski foi de imediato atraída pela serenidade do lugar. O horror não marcava presença. As pessoas miseráveis aqui reunidas já não sofriam o tormento da angústia, solidão, abandono. Tinham encontrado o amor e a paz.

Os cento e dez ocupantes da Casa do Coração Puro deviam tal serenidade à infatigável e baixa mulher vestida de sari de algodão branco orlado de azul que Stephan Kovalski avistou inclinada sobre um moribundo ao fundo da sala. A Índia e todo o mundo começavam a conhecer o nome desta santa que há alguns anos revolucionava o exercício da caridade. Os jornais e revistas haviam popularizado esta religiosa que recolhia crianças abandonadas e os moribundos sem família nas ruas de Calcutá. A sua obra já ultrapassara as fronteiras da Índia e as nações haviam-lhe concedido as mais altas distinções. Chamava-se Madre Teresa. Tinha cinquenta e quatro anos quando Stephan Kovalski a conheceu.

Parecia mais velha, apesar da sua robustez. Tinha a cara marcada por profundas rugas e a silhueta curvada acusava anos de sacrifício e noites de insônia.

Agnes Bojaxhiu nasceu em Skopje, Jugoslávia, de pais albaneses. O pai era um próspero comerciante. Desde muito jovem que se sentiu atraída pela vida dos missionários na Índia. Aos dezoito anos, recebendo o nome de Teresa, em memória da pequena Flor de Lisieux, ingressou na Ordem Missionária das Irmãs de Loreto e em 20 de Janeiro de 1930 desembarcava de um vapor num cais de Calcutá, nessa altura a segunda mais importante metrópole do Império, a seguir a Londres. Durante dezasseis anos, ensinou geografia às filhas da burguesia inglesa e bengalesa num dos mais prestigiados conventos de Calcutá. Mas num dia de 1946, durante uma viagem de trem a Darjeeling, uma cidade situada nas vertentes dos Himalaias, ouviu uma voz. Deus pedia-lhe que abandonasse o conforto do convento para ir viver entre os mais pobres dos pobres. Depois de ter obtido a permissão do papa, vestira um simples sari de algodão branco para fundar uma nova ordem religiosa, cuja vocação residia em aliviar a miséria dos mais abandonados dos homens. Em 1950, nascia a Ordem das Missionárias da Caridade, uma confraria que trinta e cinco anos mais tarde disporia de oitenta e cinco casas e

vários milhares de instituições de caridade por toda a Índia e outros continentes, incluindo países para lá da Cortina de Ferro. A casa destinada aos moribundos, onde Kovalski acabara de entrar, nascera de uma experiência particularmente comovedora vivida uma noite pela Madre Teresa.

Acontecera em Junho de 1952. As cataratas da monção abatiam-se sobre Calcutá com um ruído que parecia anunciar o fim do mundo. Uma silhueta branca, curvada sob a fúria do dilúvio, caminhava junto às paredes do Medicaí College Hospital. Tropeçou subitamente em algo estendido no chão. Curvou-se e divisou uma velha que jazia no meio de uma poça. A mulher quase não respirava. Os ratos tinham-lhe roído as pontas dos dedos dos pés até o osso. A Madre Teresa pegou-lhe ao colo e correu na direção da porta do hospital. Procurou a porta das urgências, entrou numa sala de recepção e depositou a moribunda numa maca. Um funcionário apareceu imediatamente.

— Leve essa mulher daqui para fora! — ordenou. — Nada podemos fazer por ela.

Madre Teresa pegou na moribunda ao colo e reiniciou a corrida. Conhecia um outro hospital nas proximidades. De súbito, porém, escutou um estertor. O corpo ficou rígido e apercebeu-se de que era tarde de mais.

Depositou o fardo, fechou os olhos da pobre criatura, e esboçou o sinal da cruz, enquanto rezava ao seu lado debaixo de chuva. “Nesta cidade, os próprios cães recebem melhor tratamento do que as pessoas”, suspirou, afastando-se.

No dia seguinte, dirigiu-se apressadamente à Câmara Municipal e percorreu as várias secções. A obstinação desta freira europeia vestida com um sari de algodão suscitou uma significativa admiração.

— É lamentável que os habitantes desta cidade se vejam forçados a morrer nas ruas — declarou. — Deem-me uma casa onde possamos ajudar os moribundos a comparecer diante de Deus com dignidade e amor.

Uma semana depois, a Câmara pôs-lhe à disposição uma antiga casa de repouso para os peregrinos hindus, situada junto ao Templo de Kali. A Madre Teresa sentiu uma enorme alegria. “É obra de Deus. A casa dispõe da localização ideal. É aos recintos deste sítio sagrado que a maioria dos abandonados vêm morrer, com a esperança de serem cremados nas piras.” De começo, a intrusão de uma freira vestida com um sari branco e ostentando um crucifixo numa vizinhança inteiramente consagrada ao culto de Kali provocou curiosidade. A pouco e pouco, no entanto, os ortodoxos hindus

mostraram-se indignados. Espalharam-se rumores de que a Madre Teresa e as suas Irmãs estavam ali a fim de converter os moribundos ao cristianismo. Geraram-se incidentes. Um dia, uma chuva de pedras abateu-se sobre uma ambulância que levava os moribundos recolhidos na rua. As Irmãs foram insultadas e ameaçadas. A Madre Teresa acabou por se pôr de joelhos em frente dos manifestantes.

— Matem-me! — gritou em bengali, erguendo os braços em cruz. — E chegarei mais depressa ao Céu!

Impressionada, a população retirou-se, mas a agitação continuou. Delegações do bairro apresentaram-se na Câmara e no quartel-general da polícia, a fim de exigirem a expulsão da “freira estrangeira”. O chefe da polícia prometeu satisfazer-lhes a reivindicação, mas insistiu, em primeiramente levar a efeito as suas investigações no local. Dirigiu-se à casa dos moribundos, onde foi encontrar a Madre Teresa ajoelhada à cabeceira de um homem que acabara de ser recolhido na rua, um esqueleto num estado de sujidade inacreditável e com as pernas inchadas devido a úlceras purulentas. “Deus do Céu!”, exclamou para de si para si. “Como é que ela é capaz de suportar uma coisa destas?” A Madre Teresa limpava as horríveis feridas, aplicava pensos com antibiótico e prometia ao infeliz que ele iria melhorar. O rosto deixava transparecer uma enorme serenidade e o chefe da polícia sentiu-se estranhamente comovido.

— Quer que lhe mostre o nosso estabelecimento? — perguntou-lhe a Madre Teresa.

— Não, Irmã. É desnecessário — desculpou-se ele.

Quando saiu do edifício, jovens fanáticos da vizinhança aguardavam-nos nos degraus.

— Prometi-vos que expulsaria esta estrangeira — disse-lhes. — E fá-lo-ei no dia em que convencerem as vossas mães e irmãs a virem até aqui e a seguir-lhe o exemplo.

No entanto, a batalha ainda não estava ganha. Durante os dias que se seguiram, os agitadores continuaram a atirar pedras. Uma manhã a Madre Teresa avistou um aglomerado de gente no exterior do Templo de Kali. Ao aproximar-se, viu um homem estendido no chão, com os olhos revirados e o rosto exangue. Ostentava a tripla risca dos brâmanes. Ninguém se atrevia a tocar-lhe. Sabiam que estava atacado de cólera.

Ela inclinou-se, pegou no corpo do brâmane e transportou-o para casa dos moribundos. Cuidou dele noite e dia e salvou-lhe a vida. “Durante trinta

anos venerei uma Kali de pedra”, viria o brâmane a declarar. “Mas aqui está a verdadeira Kali, uma Kali de carne e osso.” Jamais voltaram a ser lançadas pedras contra as Irmãzinhas vestidas de saris brancos.

A notícia deste episódio espalhou-se por toda a cidade. Ambulâncias transportavam diariamente os que sofriam até junto da Madre Teresa. “Nirmal Hriday é a joia de Calcutá”, observaria um dia a freira. Esta joia usufruía da proteção da própria cidade. O presidente da Câmara, jornalistas e muitas pessoas famosas acorreram a visitá-la. Damas de alta sociedade vieram oferecer os seus serviços e cuidar dos moribundos juntamente com as Irmãs. Uma delas viria a tornar-se uma grande amiga da Madre Teresa.

Amrita Roy, aos trinta e cinco anos de idade, era rica, bela e poderosa. O tio, o Dr. B. C. Roy, um homem generoso, era nem mais nem menos que a principal entidade ministerial de Bengala. Um parentesco que serviria para derrubar muitos obstáculos numa cidade onde tudo é problemático, desde o clima, à poluição, aos excessos de densidade populacional e à burocracia. A semelhança de Stephan Kovalski, também a Madre Teresa se via por vezes obrigada a passar dias nos armazéns da Alfândega, a fim de arrancar aos funcionários menores caixotes de remédios e caixas de leite em pó enviados por amigos de todo o mundo.

O acolhimento de moribundos abandonados foi, porém, apenas um primeiro passo da Madre Teresa. Também os vivos necessitavam de cuidados, e entre os mais negligenciados dos vivos contavam-se os recém-nascidos, que podiam encontrar-se em qualquer manhã, no meio do lixo, numa sarjeta ou à porta de uma igreja.

Um dia, “a mão de Deus” guiou a Madre Teresa até o portal de uma enorme casa desabitada situada numa avenida muito próxima do lugar que servia de abrigo à sua confraria. Em 15 de Fevereiro de 1.953, a Shishu Bhavan (o Lar das Crianças) recebia o seu primeiro pensionista, um bebê nascido de parto prematuro, envolto numa folha de jornal e recolhido do passeio. Pesava menos de um quilo e meio. Nem sequer tinha forças para chupar o biberão que a Madre Teresa lhe deu. Teve de ser alimentado com uma sonda nasal. A freira insistiu e obteve a sua primeira vitória neste novo ninho de amor e compreensão. Várias dezenas de bebês não demoraram a aparecer em berços e berçários. As Irmãs, os seus amigos e o padre confessor ficaram preocupados. Como poderia ela garantir a subsistência de tanta gente? Para além dos indigentes da casa dos moribundos, havia agora várias centenas de bocas a alimentar.

— O Senhor providenciará — foi a resposta dada à pergunta, com um sorriso que lhe iluminava o rosto.

E na realidade o Senhor providenciou. Choveram as dádivas. Famílias ricas mandavam os seus motoristas com os automóveis cheios de arroz, legumes, peixe. Uma noite, a Madre Teresa encontrou o homem que lhe dera um quarto na sua casa, logo no início.

— É fantástico — anunciou-lhe num tom de júbilo. — Acabei de obter do Governo um subsídio mensal de trinta e três rupias para cem das nossas crianças.

— Do Governo? — replicou o indivíduo, compadecido. — Tenho, de fato, muita pena de si. Não faz ideia da confusão burocrática em que se meteu.

E, na realidade, ainda não tinham passado seis meses quando se efetuou uma reunião na sede governamental. Uma dúzia de burocratas vestidos com dhoti examinaram os livros de contabilidade da freira. Fizeram-lhe perguntas, detiveram-se em pequenos pormenores e criticaram. Exasperada, a Madre Teresa pôs-se em pé.

— Julgam que podem exigir que eu gaste trinta e três rupias com as crianças que apadrinham — exclamou, indignada —, ao passo que gasto apenas dezassete com as nossas restantes crianças, que são de longe mais numerosas! Quem poderia fazer tal coisa? Os meus agradecimentos, cavalheiros, mas passarei sem o vosso dinheiro — concluiu, abandonando a sala.

Numa cidade já sobrecarregada por uma elevada taxa de nascimentos, declarou guerra ao aborto. Mandou as suas Irmãs desenhar e afixar cartazes anunciando que aceitaria todas as crianças que lhe enviassem. A coberto da noite, raparigas grávidas vinham pedir-lhe um lugar para os seus futuros filhos.

O anjo da piedade voava constantemente para salvar qualquer novo grupo de pessoas necessitadas. Após os moribundos e as crianças abandonadas, chegou a vez dos mais miseráveis dos homens, os leprosos. Em Titagarh, um bairro de lata de um subúrbio industrial de Calcutá, construiu em terra cedida pelos caminhos de ferro, um edifício de tijolos e telhado de zinco, onde albergou os doentes mais afetados, levando-lhes diariamente remédios, ligaduras e palavras de conforto. Centenas de doentes não tardaram a correr a este oásis de amor.

Titagarh foi apenas um começo. Enviou depois grupos de irmãs indianas

à cidade com a missão de abrirem mais sete dispensários. Um deles ergueu-se no bairro de lata onde a Madre Teresa cuidara pela primeira vez dos pobres. Os leprosos afluíam. Um funcionário da Câmara que morava nas proximidades protestou contra a presença de vizinhos tão indesejáveis e ameaçou alertar as autoridades. A Madre Teresa foi obrigada a ceder, mas, como sempre acontecia, soube tirar vantagem do incidente.

— Precisamos de clínicas móveis — anunciou às Irmãs.

Algumas pequenas carrinhas brancas ostentando o emblema das Missionárias da Caridade patrulhariam um dia a enorme cidade, a fim de prestar cuidados nos bairros mais abandonados. Era um destes veículos que Stephan Kovalski pretendia trazer a Anand Nagar. E, melhor ainda, esperava que duas ou três das Irmãs da Madre Teresa viessem ajudá-lo a dirigir a pequena clínica para leprosos que tencionava instalar na antiga escola muçulmana, junto aos estábulos de búfalos da “Cidade da Alegria.”

Avançou por entre as filas de corpos e aproximou-se da figura ajoelhada. A freira estava a lavar as feridas de um homem ainda novo, mas tão magro que mais parecia um dos mortos-vivos descobertos pelos Aliados nos campos de concentração nazis. Toda a carne lhe desaparecera. Apenas restava a pele retesada sobre os ossos. A mulher falava-lhe docemente em bengali.

“Jamais esquecerei a expressão daquele homem”, comentaria Kovalski. “O seu sofrimento transformou-se em surpresa e depois em paz, a paz que resulta de se ser amado.”

Ao sentir uma presença atrás dela, a Madre Teresa levantou-se. Reparou de imediato na cruz metálica que o visitante usava ao peito.

— Em que posso ser-lhe útil, padre? — desculpou-se humildemente.

Stephan Kovalski sentiu-se pouco à vontade. Acabava de interromper um diálogo em que identificara algo de único. Os olhos do moribundo pareciam implorar à Madre Teresa que voltasse a inclinar-se sobre ele. Era uma cena profundamente comovedora. O padre apresentou-se.

— Julgo que já me falaram de si — exclamou ela num tom entusiasmado.

-Vim solicitar a sua ajuda, madre.

— A minha ajuda? — replicou, apontando a mão para o tecto. — E a ajuda de Deus que deve pedir, padre. Eu nada sou.

Nessa altura, um jovem americano vestido com umas jeans passou com uma tigela. A Madre Teresa chamou-o e indicou o moribundo.

— Ama-o — ordenou. — Ama-o com todas as tuas forças. — Entregou as pinças e as ligaduras ao jovem e afastou-se, conduzindo Stephan Kovalski para um espaço entre a sala dos homens e a das mulheres, onde havia uma mesa e um banco. Na parede estava pendurado um texto emoldurado de um poema hindu, que o padre leu em voz alta.

Se tiveres dois pedaços de pão,
Dá um aos pobres,
Vende o outro
E compra jacintos
Para alimentares a alma.

O polaco expôs o seu plano de abrir uma leprosaria na “Cidade da Alegria”.

— Excelente, padre, excelente — comentou a Madre Teresa com o seu sotaque pitoresco, uma mistura de eslavo e bengali. — Está a fazer uma obra do Senhor. De acordo, padre. Vou mandar-lhe três Irmãs que estão habituadas a cuidar de leprosos. — Eles dão-nos mais do que nós lhes damos — acrescentou, passeando o olhar pela sala cheia de corpos prostrados.

Uma jovem Irmã aproximou-se e falou-lhe em voz baixa. Necessitavam da sua presença noutro lado.

— Adeus, padre — despediu-se. — Venha dizer-nos a missa um dia destes.

“Abençoada sejas, Calcutá por teres feito nascer santos no meio de tanta miséria”, pronunciou Stephan Kovalski, emocionado.

XXXIX

A situação piorava a olhos vistos. Engarrafamentos terríveis paralisavam o tráfego com uma frequência cada vez mais elevada. Por vezes, avançar um passo constituía uma vitória. As avenidas do centro da cidade viam-se quase constantemente juncadas de eléctricos privados de electricidade, caminhões avariados com os radiadores a deitar fumo por todos os lados e ônibus de dois pisos imobilizados devido a eixos partidos ou até mesmo deitados de lado. Hordas de táxis amarelos com a pintura a cair aos bocados abriam caminho ao som das buzinas. Carroças de búfalos e carros de mão transportando cargas muito acima das suas possibilidades e trabalhadores carregando montanhas de mercadorias à cabeça tentavam movimentar-se no meio de um tráfego caótico. Por todo o lado, um formigueiro de peões disputava com os riquixás a sua parte de asfalto nas ruas em péssimo estado devido à ruptura de uma canalização de água ou de um esgoto. Tudo parecia ruir e afundar-se um pouco mais de dia para dia.

“Havia também clientes que nos apontavam a ponta da faca ao estômago e exigiam a receita do dia”, diria Hasari Pai. “Bêbados que nos pagavam com socos e prostitutas que desapareciam sem pagar a conta, ou mesmo os elegantes mensahib que nos enganavam em algumas paísa.”

Um dia, Hasari pediu ao munshi que acrescentasse ao seu envio de dinheiro uma curta mensagem para o pai no espaço reservado à correspondência. “Estamos bem. Eu ganho a vida como condutor de riquixá.” Inchado de orgulho por ter sido capaz de um tal gesto frente aos que esperavam tudo dele, voltou apressadamente ao passeio onde se encontrava acampado com a mulher e três filhos. Tinha uma importante notícia a dar-lhes.

— Mulher! — exclamou assim que viu Aloka, acorada a limpar a gamela da vizinha. — Encontrei um sítio para nós num bairro de lata!

Um bairro de lata! Para os camponeses, habituados a um banho diário num lago, à limpeza de uma casa e à comida saudável do campo, a perspectiva de viver num bairro de lata, sem água, sem esgotos e, por vezes, sem latrinas, nada oferecia de agradável. Contudo, qualquer coisa era preferível ao passeio. Ali, pelo menos, alguns pedaços de oleado e folhas de zinco colocados sobre uma estrutura em forma de gaiola fornecer-lhes-ia algo semelhante a uma casa, um abrigo para enfrentar o frio do Inverno seguinte e,

dali a alguns meses, a violência da monção. O bairro de lata onde Hasari descobrira três metros quadrados de espaço situava-se em plena cidade, no prolongamento de Chowringhee Road, a avenida que ladeava o Parque Maidan. A sua fundação datava do tempo da guerra com a China, quando milhares de refugiados do Norte desceram rumo a Calcutá. Um dia, algumas famílias haviam-se detido neste terreno entre duas ruas, pousado as suas miseráveis bagagens, erguido alguns paus e estendido uns pedaços de tecido, a fim de se protegerem do sol. Outras famílias tinham-se reunido a este primeiro núcleo e, por conseguinte, o pequeno acampamento transformara-se num bairro de lata, mesmo no centro de uma área residencial. Ninguém levantara objecções. Nem a Câmara, nem a polícia, nem os proprietários do terreno. A cidade já se encontrava habituada a estas manchas de pobreza, lugares onde viviam centenas de pessoas desenraizadas, algumas vezes sem disporem de água potável. Várias destas pequenas ilhas existiam já há uma geração. Nem todos, porém, mostravam igual desinteresse em relação a esses intrusos. Mal um recém-chegado se instalava no seu quadrado de lama ou de cimento era de imediato abordado. Tratava-se da inacreditável indústria de extorsão praticada por um bando sem escrúpulos com a cooperação de algumas autoridades. Era uma máfia estritamente autóctone que nada ficava a dever ao seu famoso modelo ítalo-americano.

Antes de se ter mudado, Hasari recebeu a visita de um homenzinho com mau aspecto que declarou representar o “proprietário” da colonia, por outras palavras, o “padrinho” local. Sempre que um punhado de refugiados parava em qualquer local e erguia um bairro de lata, o representante da máfia aparecia munido de uma ordem de demolição com o carimbo oficial das autoridades municipais. Aquela pobre gente via-se, então, defrontada com a escolha entre pagar um aluguer regular ou comprar o terreno. Pelos seus três metros quadrados, Hasari foi forçado a pagar uma caução de cinquenta rupias e ficar com uma renda mensal de vinte rupias pagas adiantadamente. Estas sanguessugas não limitavam, porém, a sua extorsão à colecta de alugueres e outros “impostos residenciais”. O seu controle estendia-se, na realidade, a outros aspectos da vida no bairro. Na qualidade de única autoridade local, a máfia declarava-se “protetora” da população. De certo modo, esta reivindicação era correta. Ela interferia sempre que era preciso solucionar um conflito ou em tempo de eleições, distribuindo uma série de favores em troca de votos: cartões de racionamento, arranjo de uma canalização de água, construção de um templo, admissão de crianças nas escolas oficiais. Quem

quer que se atrevesse a pôr em dúvida a legitimidade do seu poder clandestino era impiedosamente castigado. De vez em quando havia fogos nos bairros de lata. Algumas vezes um bairro inteiro era incendiado. Outras vezes aparecia um cadáver esfaqueado. Esta ditadura onipotente manifestava-se de muitas e variadas maneiras. Por vezes diretamente, como era o caso do bairro de Ha-sari, onde vários representantes da máfia habitavam no local. Noutras ilhotas, formadas na vizinhança de uma pedreira, uma destilaria, um depósito de lixo ou um campo de corridas, a máfia reinava por intermédio dos gerentes ou do proprietário da empresa. Estes intermediários exerciam poder absoluto sobre os habitantes, na medida em que estes dependiam deles para a sua tigela diária de arroz. Havia ainda locais onde impunham a lei mediante comissões e associações. Estas organizações não passavam de disfarces. Quer fossem de natureza religiosa, representassem uma casta ou uma região de origem, todas ofereciam à máfia e às suas ligações políticas o meio ideal para se infiltrar no mais fundo dos bairros de lata. Não se tratava, assim, de uma simples questão de rendas e impostos. A máfia constituía o ponto de justiça na própria estrutura familiar. Fixava o montante das multas e recolhia os donativos para os festivais religiosos, negociava casamentos, divórcios, adoções, heranças, ditava as excomunhões. Em resumo, regia todos os ritos e costumes, desde o nascimento à morte, inclusive; nenhum muçulmano conseguia um lugar no cemitério e nenhum hindu se fazia cremar sem pagar a sua quota à máfia.

A partida dos Pais do seu passeio verificou-se discretamente, a coberto da noite. Mal tinham ainda empilhado os seus magros haveres no riquixá e virado a esquina, quando uma nova família de refugiados se instalou no seu lugar.

XL

O drama começou no preciso momento em que Stephan Kovalski saía das latrinas. Ouviu gritos e avistou um bando de crianças e de adultos que se lançavam ao ataque. Uma chuva de pedras e projeteis desabou em redor do pequeno urinol, quase atingindo o padre. Este recuou um passo e descobriu o alvo de toda aquela fúria: uma infeliz em farrapos, com os cabelos desgrenhados e o rosto manchado de sangue e sujidade. Os olhos brilhavam-lhe de ódio, a boca espumava e emitia sons animalescos, ao mesmo tempo que agitava as mãos e os braços descarnados. Quantos mais insultos pronunciava mais a multidão a atacava. Era como se a violência latente do bairro de lata explodisse de uma vez só: a “Cidade da Alegria” pretendia executar um linchamento! O polaco tentou acorrer em auxílio da infeliz, mas alguém o agarrou pelos ombros e o puxou para trás. Estavam prestes a fechar o círculo e a matar. Os homens avançavam, de navalha na mão. As mulheres excitavam-nos com o seu clamor. Era um espetáculo horrível.

De súbito, porém, o padre avistou um homem que se destacava da multidão, brandindo um pau. Reconheceu o velho proprietário da casa de chá em frente do seu quarto. Fazendo girar o pau por cima de todas as cabeças, precipitou-se para junto da infeliz e, protegendo-a com o seu corpo frágil, virou-se para os seus agressores.

— Deixem esta mulher em paz! — gritou-lhes. — É Deus que nos visita.

A multidão deteve-se, petrificada. Os gritos pararam abruptamente. Todos os olhos se fixaram na frágil figura do velho hindu.

Decorridos uns segundos, que mais pareceram uma eternidade, Kovalski, avistou um dos assaltantes que se aproximava do velho, munido de uma faca. Ao chegar junto dele, prostrou-se por terra, depositou-lhe a arma aos pés e começou a limpar-lhe a poeira das sandálias ao mesmo tempo que tocava na testa em sinal de respeito. Em seguida, levantou-se, girou nos calcanhares e afastou-se. Outros imitaram-no, e no espaço de minutos a multidão tinha-se dispersado.

O velho hindu aproximou-se então da louca que o olhava com um ar de fera encurralada. Lenta e delicadamente, ele limpou-lhe o rosto com a fralda da camisa. Depois, ajudou-a a levantar-se e, rodeando-lhe a cintura com um braço, conduziu-a pela ruela até a sua casa de chá.

Passou algum tempo antes que Kovalski viesse a saber a história daquele amante da justiça e detentor do luminoso nome de Surya (ou Sol). Três anos antes, as mãos que agora mexiam em tigelas de chá e chaleiras tinham modelado bolas de barro numa roda de pedra. À medida que a roda girava, estas bolas transformavam-se, entre os dedos do velho hindu, em taças, potes, xícaras, pratos, lamparinas para o culto, e mesmo nos vasos gigantescos de dois metros utilizados nos casamentos. Surya era o oleiro de Biliguri, um burgo com cerca de mil habitantes e situado duzentos quilômetros a norte de Calcutá. Há gerações que os seus antepassados eram os oleiros da aldeia. O papel do oleiro constituía uma parte tão significativa da vida da comunidade como o do brâmane ou do usurário. Em cada novo ano e em todas as famílias hindus, os potes eram cerimoniosamente quebrados; também eram quebrados sempre que havia um nascimento, como sinal de boas-vindas ao novo ser, e sempre que se verificava uma morte, para permitir ao defunto que partisse para o outro mundo com a sua louça. Quebravam-se igualmente por ocasião de um casamento; na família da noiva na medida em que, ao partir, a jovem morria aos olhos da família, e na família do noivo porque a chegada da jovem esposa significava o nascimento de um novo lar. E eram ainda quebrados por ocasiões de inúmeros festivais, dado que os deuses pretendiam que tudo se renovasse na Terra. Em resumo, o oleiro jamais corria o risco de ficar sem trabalho.

Além de Surya e dos dois filhos que trabalhavam com ele, havia apenas mais sete artesãos na aldeia. Todas as suas oficinas davam para a praça municipal. Havia um ferreiro, um carpinteiro, um cesteiro, que fabricava igualmente laços e armadilhas, e um ourives, que desenhava o que se chamava “correntes de poupança”. Sempre que a família conseguia economizar algum dinheiro, as mulheres acorriam junto dele para acrescentar uma ou duas voltas de prata às suas correntes. Havia igualmente um tecelão, um sapateiro e um barbeiro, cujos talentos específicos se viravam mais para o assegurar da felicidade da aldeia que para o corte dos cabelos, dado que era ele o casamenteiro oficial. Havia ainda mais duas lojas de cada lado da olaria de Surya: a do merceeiro e a do doceiro. Não havia cerimonia religiosa ou social que fosse devidamente realizada sem os mishti deste último, ou seja, doces mais doces que o próprio açúcar.

Quase no final da monção desse ano, verificou-se em Biliguri um desses incidentes que à primeira vista parecem insignificantes. Ninguém, por conseguinte, lhe prestou muita atenção na altura. Ashok, o filho mais velho

do tecelão, que trabalhava em Calcutá, regressou à aldeia com um presente para a mulher: um balde de plástico, tão vermelho como um hibisco. Nestes campos afastados, ninguém alguma vez pusera os olhos num utensílio do gênero. O material extraordinariamente leve e maleável de que era feito provocou a admiração geral. Foi passado de mão em mão com admiração e inveja. O primeiro a aperceber-se do interesse deste novo objeto foi o merceeiro. Menos de três meses depois, a sua loja apresentava-se decorada com baldes semelhantes e de cores diferentes. Copos, pratos e recipientes enriqueceram subsequentemente a sua coleção. O plástico tinha conquistado um novo mercado. E ferira simultaneamente de morte um artesão da aldeia.

Surya verificou que a sua clientela diminuía a olhos vistos e em menos de um ano caiu na miséria, com os seus filhos. Os dois rapazes e a sua família puseram-se a caminho do exílio e da cidade. O próprio Surya tentou resistir. Graças à solidariedade da sua casta, encontrou trabalho numa aldeia a cerca de cinquenta quilômetros e que ainda não fora atingida pela febre do plástico. Contudo, o vírus ia a caminho, e todas as aldeias da região não tardaram a ficar contaminadas.

Em seguida, as próprias autoridades municipais concederam licença a um industrial de Calcutá para a construção de uma fábrica. Um ano depois, todos os oleiros da região se encontravam arruinados.

Desesperado, Surya pôs-se a caminho de Calcutá, acompanhado da esposa. A pobre mulher, que sofria de asma, não conseguiu, porém, aguentar a poluição da cidade. Morreu no espaço de alguns meses, num canto do passeio onde se haviam acolhido.

Após a cremação da esposa, numa das piras nas margens do Hooghly, o oleiro vagabundeou durante algum tempo junto ao rio sem saber o que fazer. A dois quilômetros da ponte de Ho-wrah avistou um homem que enchia um cesto na margem do rio. Surya entabulou diálogo com ele. O homem trabalhava na oficina de um oleiro, junto da “Cidade da Alegria”, onde fabricavam as xícaras sem asa, que se quebravam depois de usadas. Graças a este encontro milagroso, no dia seguinte Surya viu-se acorrido atrás de uma roda de pedra, a fabricar centenas dos pequenos recipientes. A oficina fornecia inúmeras casas de chá das ruelas da “Cidade da Alegria”.

Um dia, o velho muçulmano que dirigia a casa de chá em Nizamudhin Lane foi encontrado pendurado numa corda atada a um bambu. Suicidara-se. Surya, que já não se achava fisicamente capaz de um tão moroso trabalho manual, foi falar com o proprietário da loja e obteve a concessão. Desde essa

altura começou a entoar os seus oms e a aquecer as chaleiras com chá e leite na sua chula, que enchia de fumo a ruela durante todo o dia. O velho hindu era, porém, um homem tão bom e santo que os habitantes de Nizamudhin Lane lhe perdoavam este fato.

Pouco depois da sua chegada, Stephan Kovalski recebera a visita do vizinho. O velho entrara no quarto do padre com as mãos unidas à altura da testa. Se bem que na boca do hindu já poucos dentes existissem, o seu sorriso aqueceu o coração do polaco, que o convidou a sentar-se. Ficaram longos momentos a olhar-se sem pronunciar palavra. “No Ocidente”, viria Kovalski a comentar, “os olhares das pessoas ficam-se pela superficialidade. Os olhos daquele homem eram uma revelação da sua alma.” Passados dez minutos, o hindu levantou-se, uniu as mãos, inclinou a cabeça e foi-se embora. Voltou no dia seguinte e manteve o mesmo respeitoso silêncio. Ao terceiro dia, e arriscando-se a quebrar um delicado mistério, o padre inquiriu o motivo do seu silêncio.

— Es um grande espírito, Daddah Stephan — respondeu ele — e na presença de um grande espírito as palavras tornam-se desnecessárias.

Foi assim que se tornaram amigos. No meio das famílias muçulmanas que rodeavam o polaco, o hindu tornou-se uma espécie de tábua de salvação, a quem Stephan podia agarrar-se sempre que perdia pé. Estabelecer laços amistosos com os hindus era, na realidade, mais fácil. Para eles os dois, Deus encontrava-se em todo o lado: numa porta, numa mosca, num pedaço de bambu e nos milhões de encarnações de um panteão de deuses, em que Surya achava que Jesus Cristo ocupava naturalmente o seu lugar, da mesma forma que Buda, Mahavira e o próprio Maomé. Para eles, estes profetas eram todos encarnações do Grande Deus, que tudo transcendia.

XLI

A cidade de Miami, na Florida, situa-se aproximadamente a doze mil quilômetros de Calcutá, mas é em anos-luz que se torna necessário medir a distância real que separa estas duas cidades. Miami possui, certamente, bairros de lata quase tão pobres como os de Calcutá: o seu gueto negro e os miseráveis bairros construídos pelos refugiados de Cuba e Haiti nas periferias a sudoeste. Durante a década de 70, os assaltos, roubos à mão armada, violações e toda uma série de crimes violentos desencadeados pelo uso da droga, uma imensa miséria e o desemprego tornaram-se acontecimentos tão vulgares em Miami que só os mais violentos inspiravam os jornalistas da cidade. A psicose do medo reinante em alguns sítios da cidade atingiu dimensões tais que muitos habitantes preferiam mudar-se para zonas mais calmas ou mesmo emigrar para outras regiões dos Estados Unidos. Nada de semelhante ocorrera alguma vez em Calcutá, apesar da pobreza dos seus bairros de lata. Com exceção do breve período do terrorismo naxalita, a população de Calcutá jamais tivera motivo para recear pela sua segurança física ou haveres. Cometem-se menos crimes violentos anualmente na superpovoada capital de Bengala do que apenas na Baixa de Miami. O medo é estranho às ruas de Calcutá. Uma jovem pode passar de noite em Chowringhee Avenue ou em qualquer das outras avenidas principais sem qualquer receio de que a ataquem. Uma mulher de idade pode levar para casa as suas compras do dia pelas ruas de Calcutá sem se deter a cada passo para se certificar receosamente de que não é seguida.

Lado a lado com os seus bairros de lata, Miami, a cidade que orgulhosamente se define como o portão de acesso à América do Sul, alberga também ilhéus de luxo e riqueza que ultrapassam as mais ousadas fantasias dos habitantes de Calcutá, mesmo dos seus mais privilegiados residentes, que jamais se aventuraram a aproximar-se de um bairro de lata. Um deles chamava-se King Estates. Era um imenso complexo à beira-mar aninhado entre palmeiras e jacarandás, um paraíso para os multimilionários e as suas vivendas sumptuosas. A maioria das casas estavam equipadas com piscinas, quadras de tênis e docas privadas, de onde partiam iates, alguns quase do tamanho de vapores oceânicos, rumo ao mar azul. Algumas destas propriedades dispunham igualmente de heliportos e outras campos de polo com espaço para várias dúzias de cavalos. Um alto portão em ferro protegia

esta ilhazinha privilegiada. Guardas particulares armados com carros de patrulha equipados de holofotes e sirenas patrulhavam este paraíso dia e noite. Ninguém entrava em King Estates, nem mesmo a pé, a não ser que possuísse um cartão eletrônico, cujo código mudava semanalmente, ou fosse pessoalmente revistado e identificado por um dos guardas de controle.

Um dos seus mais distintos ocupantes era um cirurgião judeu chamado Arthur Loeb. A sua hacienda mexicana, de paredes brancas e reluzentes, com as fontes e os seus pátios de colunas, contava-se entre as preciosidades da propriedade. Loeb era um homem enorme, de cabelo ruivo, onde começavam a aparecer fios prateados, e que possuía quatro paixões: romances policiais, caça submarina, ornitologia e a sua clínica, Bei Air, um estabelecimento de luxo com cento e quarenta camas e especializado no tratamento das vias respiratórias.

Casado há vinte e nove anos com Gloria Lazar, a loura e bonita filha de um dos pioneiros do cinema falado, Loeb tinha dois filhos: Gaby, de vinte anos, uma morena esplendorosa que estudava arquitetura na Faculdade de Belas-Artes de Miami, e Max, de vinte e cinco anos, que, tal como o pai, era um gigante ruivo e sardento. Max estava prestes a terminar os estudos na Faculdade de Medicina da Universidade de Tulane de Nova Orleans. No espaço de dois anos, após ter completado o estágio de interno, tencionava especializar-se em cirurgia torácica. Era uma fonte de imenso orgulho e felicidade para o pai. Não só seguia os passos profissionais do Loeb pai como a sua decisão de se especializar em cirurgia torácica era uma promessa de que um dia a Bei Air passaria para as suas mãos.

— Vou sair do país, professor.

Não existia qualquer troça neste tratamento de “professor”. Os filhos de Arthur Loeb tinham-lhe dado esta alcunha no dia em que ele subira ao pódio da Universidade de Colúmbia a fim de receber o título honorário de professor catedrático de medicina.

— O que queres dizer com isso de sair do país? — inquiriu Arthur Loeb, fazendo parar o cavalo e virando-se para o filho.

— Vou passar um ano na Índia.

— Na Índia? E o teu estágio de interno?

— Pedi um adiamento.

— Um adiamento?

— Sim, professor. Um adiamento — repetiu Max, esforçando-se por se manter calmo.

O pai largou as rédeas e os cavalos partiram a trote.

— E a que devemos esta surpresa? — inquiriu o pai, após terem avançado um pouco mais.

— Preciso de uma mudança de ares — respondeu Max, fingindo não perceber a irritação contida na pergunta — ... além de que quero ser útil a alguém.

— O que queres dizer com “ser útil a “alguém”?

— Isso mesmo. Ajudar pessoas que precisam de ser ajudadas — limitou-se a responder, consciente de que não podia torneir a questão por muito tempo. — Fui convidado a substituir alguém num dispensário.

— Em que sítio da Índia? No fim de contas, a Índia é um país vastíssimo.

— Calcutá, professor.

Esta palavra provocou um tal efeito em Arthur Loeb que ele tirou o pé dos estribos.

— Calcutá! Com tantas cidades no mundo e ele tinha de escolher Calcutá! — exclamou, sacudindo a cabeça.

A semelhança de muitos outros americanos, Loeb sentia muito pouca simpatia pela Índia. O seu desagrado podia mesmo definir-se como repugnância em relação a Calcutá, uma cidade sinónimo de miséria, mendigos e pessoas que morriam nos passeios. Quantos programas de televisão vira, quantos artigos de revista lera em que lhe eram apresentadas todas as tragédias de Calcutá nos mais horríveis pormenores? Mais ainda do que as imagens de fome, excesso populacional e pobreza, era a recordação de um homem o que, sobretudo, causava a particular aversão do cirurgião pela maior democracia do mundo. Era o rosto de um homem cheio de arrogância e ódio que dava ao mundo lições de moralidade do alto de tribuna das Nações Unidas. Como tantos outros americanos, Loeb recordava com uma raiva incontrolada as diatribes de Krishna Menon, o enviado de Neru às Nações Unidas. Ele tinha todas as características de um perigoso visionário, uma espécie de alto dignitário da Igreja cuspidor o seu veneno sobre o Ocidente, em nome dos valores de um Terceiro Mundo que ele considerava asfixiados pelo homem branco.

— É esse o único lugar que encontraste para poderes exercer os teus talentos? — interrogou surpreendido Arthur Loeb. — E pensas, realmente, pobre e ingênua criatura, que os teus amigos vão manter o teu lugar quente? Quando regressares, todos terão os seus diplomas e tu encontrarás um novo

grupo que não se disporá a prestar-te favores, acredita.

Max não deu resposta.

— A tua mãe já sabe?

— Sabe.

— E aprova?

— Não propriamente.... mas pareceu-me que acabou por compreender

-E Sylvia?

Sylvia Paine era a noiva de Max, uma bonita e alta rapariga loira de vinte e três anos, a imagem perfeita da americana saudável e desportiva. Os pais eram donos da propriedade contígua à dos Loeb em King Estates. O pai era o dono do Tribune, o principal matutino de Miami. Ela e Max conheciam-se desde crianças. Estava previsto que casariam em Junho, após os seus exames.

— Sim, professor. Ela sabe — respondeu Max.

— E o que acha da ideia?

— Sugeriu acompanhar-me!

Seis semanas após este diálogo, Max Loeb apanhou o avião para Calcutá. Na qualidade de bons desportistas que eram, os pais tinham dado uma festa de despedida em sua honra. Os cartões de convite referiam que Max Loeb ia passar um ano de estudo e reflexão na Ásia. A Ásia era vasta e Max concordara em não revelar a ninguém o seu destino exato, a fim de impedir comentários desagradáveis na pequena colónia de multimilionários de King Estates. Passou naturalmente a sua última noite na América em companhia da noiva. Levou-a a jantar ao Versailles, um famoso restaurante situado em Boca Raton. Mandou vir uma garrafa de Bollinger, o seu champanhe favorito, e ela propôs-lhe um brinde ao sucesso da sua missão e ao seu regresso o mais rapidamente possível. Sylvia tinha um vestido decotado de linho rosa e um simples colar de pérolas ao pescoço. O cabelo, apanhado ao alto e preso com uma travessa de tartaruga, revelava a curva do pescoço e o soberbo desenho da cabeça. Max não conseguia desviar o olhar.

— Estás muito bonita — elogiou. — Como vou conseguir passar sem ti?

— Oh! Conhecerás indianas ainda mais bonitas. As pessoas dizem que elas são as melhores amantes do mundo. Dizem mesmo que sabem preparar poções especiais capazes de suscitar paixões loucas.

Max pensou no bairro de lata que Stephan Kovalski lhe descrevera na sua carta, mas a ideia de despertar ciúmes em Sylvia não lhe desagradava inteiramente.

— Tentarei aprender as suas técnicas a fim de te poder fazer ainda mais feliz — replicou com uma piscadela de olho.

Estava a brincar. Max sabia perfeitamente que, sob a bela aparência de Sylvia, se escondia uma natureza tímida e pudica. A sua grande paixão era a poesia. Sabia milhares de versos de cor e era capaz de recitar toda a obra de Longfellow, longos trechos de Shelley, Keats, Byron e até mesmo Baudelaire e Goethe. Embora se tivessem tornado amantes desde os seus anos de liceu (acontecera pela primeira vez no iate do pai de Max, durante uma pescaria entre Cuba e Key Largo), a sua história de amor situava-se mais no plano intelectual do que físico. A parte o ténis e a equitação, nunca se haviam, na realidade, dedicado às atividades próprias dos jovens da sua idade. “Raramente íamos a festas”, admitiria Max, “e detestávamos dançar. Em vez disso, preferíamos passar horas deitados na areia, junto ao mar, a discutir a vida, o amor e a morte. E Sylvia recitava-me os poemas que memorizara desde o nosso último encontro.”

Sylvia fora visitá-lo várias vezes a Nova Orleans. Juntos haviam explorado os tesouros históricos de Luisiana. Uma noite em que uma tempestade tropical os retivera numa plantação nas margens do Mississipi, tinham feito amor numa cama onde haviam dormido mademoiselle de Granville e o marquês de Lafayette. “Não havia dúvida de que o nosso casamento estava previsto pelos astros”, diria Max. “Apesar de a família de Sylvia ser de presbiterianos e a minha de judeus praticantes, sabíamos que nada poderia agradar mais aos nossos pais.”

Porém, subitamente, sete meses antes da data fixada para o casamento, Max decidira sair do país por um ano. Não confessara à noiva as razões profundas da sua resolução. “Há determinadas ações na vida de uma pessoa que não necessitam de explicações”, pensou. Contudo, naquela última noite, inebriado pela euforia do champanhe e o aroma suave de um charuto havano Montecristo de contrabando, decidiu revelar-lhe a verdade.

— Para o caso de me acontecer uma infelicidade, quero que saibas que não parti por mero capricho.

Contou-lhe como um dia, na biblioteca da Universidade, lhe chamara a atenção uma fotografia de uma criança que ilustrava a capa de uma revista publicada no Canadá por uma instituição de caridade. A criança era um rapazinho indiano, de cinco ou seis anos, sentado em frente da parede arruinada de um casebre de Calcutá. Uma madeixa de cabelo preto escondia-lhe a testa e parte dos olhos, mas por entre as madeixas brilhavam duas

chamas, as suas pupilas. Max sentiu-se sobretudo impressionado pelo sorriso da criança, um sorriso calmo e radioso que lhe fazia duas pequenas covas ao canto da boca e revelava quatro dentes muito brancos. O pequeno não parecia ter fome, mas era decerto muito pobre, pois estava totalmente nu. Nos braços apertava um bebê, apenas com uns dias de idade e coberto de farrapos.

— Segurava-o com tanto orgulho — recordou Max —, com uma expressão tão grave por detrás do sorriso e um sentido tão óbvio das responsabilidades que durante uns minutos não consegui desviar os olhos dele.

A criança era um dos habitantes da “Cidade da Alegria” e o bebê que tinha ao colo era o seu irmãozinho. O jornalista que tirou a fotografia descrevia na reportagem a sua visita ao bairro de lata e o seu encontro com um “apóstolo vindo do Ocidente para viver entre a gente mais desfavorecida do mundo”. O apóstolo em questão era Stephan Kovalski. Em resposta a uma das perguntas do jornalista, Stephan expressara o desejo de que alguém com bastante experiência clínica, de preferência um jovem médico, viajasse até Anand Nagar a fim de trabalhar com ele e o auxiliar a organizar uma verdadeira infraestrutura médica num sítio desprovido de qualquer ajuda.

— Escrevi-lhe — concluiu Max — e ele respondeu que me esperaria com a maior brevidade possível. Segundo parece, o Inverno está a chegar ao fim e em breve será a altura do insuportável valor do Verão e da monção.

— A monção! — repetiu ela com um ar meditativo. Pensava num poema de Paul Verlaine que lhe merecia uma preferência muito especial. — “Il pleut dans mon coeur” — recitou em francês, acariciando a mão de Max — “comme il pleut sur la ville.

Quelle est cette langue qui penetre mon coeur?” (“Sinto no coração uma chuva igual à que cai sobre a cidade. Que languidez é esta que me trespassa o coração?”)

XLII

O quadro na sua moldura dourada, adornado com uma grinalda de flores, constituía uma expressão de força e de beleza. No seu elefante, coberto de tapeçarias e incrustado de pedras preciosas, a figura retratada assemelhava-se a um marajá triunfante. Vestia a túnica orlada de fios dourados e bordada a joias. As únicas características que o distinguiam de um homem eram as asas e os quatro braços, que brandiam um machado, um martelo, um arco e setas.

Chamava-se Viswakarma e não era um homem, nem tão pouco um príncipe, mas sim um deus pertencente ao panteão hindu. Na qualidade de um dos deuses mais poderosos da mitologia indiana, Viswakarma constituía a personificação do poder criativo. Os hinos dos Vedas, os livros sagrados do hinduísmo, glorificavam-no como “o arquitecto do Universo, o deus que tudo vê, o criador dos Céus e da Terra, o pai, o distribuidor de todos os mundos, o que dá os nomes às divindades e se situa para lá da compreensão dos mortais”. De acordo com o Maabarata, a lenda épica do hinduísmo, Viswakarma não era somente o supremo arquitecto. Ele era também o artífice dos deuses e o fabricante das suas ferramentas, o senhor das artes e o carpinteiro do cosmo, o construtor dos carros celestiais e o criador de todas as profissões manuais que permitem a subsistência do homem, um fato que lhe conferia uma devoção especial entre os trabalhadores e artesãos da Índia.

Tal como os cristãos glorificam “o deus do Universo que dá o pão, o fruto do labor do homem” durante a Eucaristia da missa, os Indianos veneravam Viswakarma, a fonte do labor e vida. Todos os anos, após a lua de Setembro, nas inúmeras oficinas dos bairros de lata de Calcutá, bem como nas amplas e modernas fábricas dos subúrbios, a sua efígie triunfante presidia nos locais de trabalho do homem, ricamente decorada, para uma fervorosa puja de dois dias. Era um espantoso momento de comunicação entre patrões e trabalhadores, uma alegria que invadia os ricos e os pobres, unidos na mesma oração e adoração.

A semelhança dos outros bairros de lata, também a “Cidade da Alegria” celebrava o festival de Viswakarma com um fervor especial pelo deus que lhes providenciava o pão. Não era, afinal, uma verdade que o emaranhado de barracas que formavam o bairro albergava o mais surpreendente formigueiro de trabalhadores? Stephan Kovalski detectava diariamente a presença de

qualquer nova e minúscula oficina ou pequena fábrica através de uma porta entreaberta, do ranger de uma máquina ou de uma pilha de novos objetos acumulados do lado de fora de um casebre. Ora avistava crianças seminuas ocupadas a cortar folhas de lata para fabricar pequenos púcaros, ora, mais adiante, rapazinhos como Nasir, o filho de Mehboub, a mergulhar objetos em tanques que emanavam odores nocivos. Por todo o lado havia crianças que fabricavam fósforos e fogos de artifício bengalês, envenenando-se a pouco e pouco com o seu manuseio de fósforo, dióxido de zinco, pó de amianto e goma-arábica.

Quase em frente do quarto do polaco, no escuro de uma oficina, silhuetas negras laminavam, soldavam e ajustavam peças de ferro, por entre o cheiro a óleo queimado e metal em brasa. Na porta ao lado, numa espécie de estábulo sem janelas, uma dúzia de sombras fabricava bidi. Eram quase todos vítimas da tuberculose e já não tinham força bastante para manobrar uma prensa ou puxar um riquixá. Na medida em que não paravam um só minuto, conseguiam enrolar uma média de mil e trezentos cigarros por dia. Por cada mil bidi recebiam onze rupias, pouco mais de um dólar. Um pouco mais adiante, numa exígua divisão, Stephan Kovalski reparou um dia numa enorme hélice de um navio, junto a uma forja. A porta era tão estreita que a entrada, de terra batida, tivera que ser alargada com um ancinho de forma a fazer sair o mastodonte. Cinco homens conseguiram, finalmente, erguer a hélice e içá-la para um telagarhi. O proprietário prendeu três trabalhadores à carroça e ordenou-lhes que seguissem caminho. As costas e os arreios uniram-se num desesperado esforço. As rodas giraram e o patrão soltou um suspiro de contentamento. Não precisaria de contratar um quarto trabalhador. “Mas o que acontecerá”, interrogou-se Kovalski, “quando os infelizes chegarem à base da vertente que conduz à ponte de Howrah?”

Quantos anos levaria a descobrir todos os lugares onde homens e crianças passavam a vida a fabricar molas, peças de caminhões, agulhas de teares, parafusos, reservatórios de aviões e até mesmo malha para turbinas com uma espessura de um sexto de um milionésimo de milímetro! Caracterizada por uma surpreendente destreza, inventividade e recursos, aquela era toda uma força de trabalho que se ocupava a copiar, reparar e renovar peças e máquinas de todos os tipos. Aqui, o mínimo pedaço de ferro, o menor resquício era reposto em uso, transformado e adaptado. “Nada se destruía, na medida em que, por um qualquer milagre, tudo voltava a renascer”, diria mais tarde Kovalski.

No meio das sombras, do pó e da confusão das oficinas onde suavam, os operários de Anand Nagar constituíam o orgulho de Deus, que dá o arroz ao homem. Infelizmente, porém, também lhe dava motivo de remorso.

O artigo 24 da Constituição indiana estipulava que “nenhuma criança deveria trabalhar numa fábrica ou mina, nem estar empregada em qualquer outro lugar perigoso”. No entanto, por motivos de lucro e docilidade, uma vasta quantidade de mão de obra era extraordinariamente jovem. Uma criança era, na realidade, quase sempre preferida a um adulto. Os seus dedinhos movimentavam-se com mais agilidade e contentavam-se com um salário miserável. Estas misérias, porém, ganhas com tanto orgulho pelas crianças, significavam frequentemente para os adultos a diferença entre a inanição e a sobrevivência da família!

Os operários do bairro de lata encontravam-se entre os menos protegidos do mundo. Não tinham direito a assistência social; eram, muitas vezes, vergonhosamente explorados, trabalhando de doze a catorze horas seguidas em instalações onde nenhum zoo do mundo se atreveria a conservar os seus animais. Muitos deles comiam e dormiam no local, sem luz ou ventilação. Desconheciam o significado de fins de semana ou de férias. Um dia de ausência, e podiam ver-se na rua sem trabalho. Uma observação importuna, uma reivindicação, uma discussão, uma hora de atraso podiam originar um despedimento imediato sem indemnização. Apenas os que conseguiam adquirir qualquer especialização (como um torneiro, um laminador, um técnico de prensa) tinham real esperança de conservar por mais tempo os seus empregos.

— Só na “Cidade da Alegria” havia centenas deles — talvez quinze ou vinte mil — e naturalmente várias centenas de milhares em Calcutá e milhões na Índia. “O que os impediria de usar o peso da quantidade para mudarem a sorte?”, comentaria Kovalski. “Foi uma pergunta que sempre me intrigou e para a qual jamais encontrei uma resposta satisfatória. As suas origens rurais não os haviam decerto preparado para fazerem reivindicações colectivas. A sua pobreza era de tal ordem que qualquer tipo de trabalho, mesmo numa oficina onde suavam as estopinhas, constituía uma benção. Quando havia tanta gente desempregada, como podiam protestar contra o trabalho que, pelo menos, lhes permitia que levassem para casa, às suas famílias, a tigela de arroz de que necessitavam diariamente? E quando uma família se vê reduzida à mais extrema pobreza, devido à doença ou à morte do pai, não é compreensível que um dos filhos esteja preparado para trabalhar em qualquer

parte? A moralidade ditaria, sem dúvida, outros princípios, mas quem tem voz para falar de moralidade e de justiça, quando se trata de uma questão de sobrevivência?”

E o que faziam os sindicatos para proteger esta gente? Ao lado de três poderosas federações sindicais que incorporam vários milhões de membros, existem na Índia aproximadamente mil e seiscentos sindicatos, de entre os quais quatrocentos e cinquenta pertencem exclusivamente a Bengala. E não existe ausência de greves na sua lista de empreendimentos. Só em Bengala perdem-se anualmente mais de dez milhões de dias de trabalho. Quem se atreveria, no entanto, a instigar uma greve num bairro de lata como a “Cidade da Alegria”? Havia demasiada gente à espera do lugar do próximo.

Com todo o respeito devido a Viswakarma, o doador de arroz, esta gente eram os verdadeiros proscritos do mundo, os escravos da fome. E, no entanto, com que ardor e fé festejavam o seu deus todos os anos e pediam que lhes abençoasse as máquinas e as ferramentas a que estavam acorrentados!

Desde a noite anterior que o trabalho havia cessado em todas as oficinas do bairro de lata. Enquanto todos os operários se dedicavam a limpar, dar uma nova pintura e decorar as suas máquinas e ferramentas com folhagem e grinaldas de flores, os patrões tinham-se deslocado a Howrah, a fim de comprarem os ícones tradicionais do deus de quatro braços, empoleirado no seu elefante, e as estátuas do mesmo deus em barro pintado, esculpido pelos oleiros do distrito. O tamanho e o esplendor das imagens dependiam do tamanho da preocupação laboral. Nas grandes fábricas, as estátuas de Viswakarma ultrapassavam duas ou três vezes o tamanho natural e valiam milhares de rupias.

No espaço de uma noite todas aquelas masmorras de sofrimento haviam-se transformado em lugares de adoração, enfeitados com altares temporários e cobertos de flores. Na manhã seguinte todo o bairro de lata ecoava com a alegria do festival.

Os escravos do dia anterior vestiam agora camisas multicores e Umghi novos; as mulheres haviam-se enrolado em saris de cerimonia, cuidadosamente preservados durante o ano na arca da família. As crianças ostentavam o esplendor e garbo de príncipinhos. A alegre sarabanda de instrumentos de sopro e tambores de uma fanfarra substituíra o som surdo das máquinas em redor das quais o brâmane circulava nesse momento, tocando uma campainha com uma das mãos e transportando o fogo purificador na outra, a fim de abençoar cada um dos instrumentos de trabalho.

Nesse dia, uma série de operários procurou Kovalski, a fim de lhe pedir que abençoasse igualmente os meios da sua sobrevivência em nome do seu Deus. “Abençoado sejas Senhor do universo que dás pão aos homens, porque os teus filhos de Anand Nagar Te amam e acreditam em Ti”, repetia o padre em cada oficina. “Alegra-te na sua companhia, por este dia de luz na sua cidade de sofrimento.”

Depois das bênçãos, iniciaram-se as festividades. Os patrões e os capatazes serviram aos operários e às suas famílias um banquete de legumes, carne, vegetais, puri (Bolo de arroz frito em ghee) e laddou (Bolinho de leite coalhado, adocicado, amassado e frito). Havia bangla e todì (Vinho de palmeira) em abundância. Às pessoas bebiam, riam, dançavam, e sobretudo esqueciam. Viswakarma podia sorrir do alto dos seus milhares de altares floridos. Tinha-os unido através do trabalho.

A festa prolongou-se pela noite fora à luz dos holofotes. Uma população privada de televisão, cinema e virtualmente todo o gênero de diversão rendia-se uma vez mais à magia do festival. Os operários e as suas famílias iam de oficina em oficina, detendo-se a admirar as mais belas estátuas e a felicitar os seus criadores, enquanto os altifalantes ecoavam música popular sobre os telhados e os fogos de artifício iluminava as libações.

No dia seguinte, os operários de cada oficina carregaram as estátuas num telagarhi ou riquixá e acompanharam-nas, ao som dos tambores e címbalos, até o ghat de Banda, nas margens do Hooghly. Ali, içaram-nas para barcos e remaram até meio do rio. Lançaram, em seguida, as imagens pela borda fora, a fim de que os corpos de barro se desfizessem na água sagrada, mãe do mundo.” Viswakarma-Kijai! Viva Viswakarma!”, gritaram milhões de vozes nesse momento especial.

Depois, cada um deles regressou à sua máquina, e a cortina caiu mais uma vez sobre os escravos do deus que dá o arroz.

XLIII

“Chamávamos Festival de Viswakarma à puja dos riquixás”, explicaria Hasari Pai. “A nossa fábrica, a nossa oficina, as nossas máquinas eram na totalidade formadas por duas rodas, um chassis e dois varais. Bastava que uma das rodas se quebrasse num buraco, que um caminhão arrancasse um varal ou um ônibus esmagasse a carroçaria como um chapati, e adeus Hasari! De nada valeria ir chorar no gamsha (Grande lenço de assoar) do proprietário. Dele apenas seria de esperar uma boa tarefa. Mais do que qualquer outra pessoa, tínhamos uma grande necessidade da proteção do deus, não só para as nossas carruagens, mas também para nós próprios. Um prego num pé, um acidente ou a febre vermelha, que atingiu Ram e o Cara Marcada, e ficava-se arrumado.”

A semelhança dos seus condutores, também os proprietários de riquixá eram fervorosos adoradores do deus Viswakarma. Por nada deste mundo teriam deixado de se colocar sob a sua proteção e de organizar uma puja em sua honra, que era tão entusiástica e generosa como outras realizadas em todos os outros locais de trabalho de Calcutá.

As celebrações realizavam-se geralmente nos seus lares. Apenas o velho Narendra Singh, conhecido por “Biari”, insistia em ocultar a sua morada. “Talvez com medo de que um dia nos irritássemos e decidíssemos fazer-lhe uma visita”, brincava Hasari. O filho mais velho de Narendra Singh alugara, por conseguinte, uma casa enorme rodeada de jardins atrás de Park Circus, onde instalara um magnífico pandal decorado de grinaldas de flores e centenas de lâmpadas alimentadas por um gerador alugado para a ocasião.

No dia anterior ao festival, todos os condutores se dedicavam à tarefa de limpar meticulosamente o seu riquixá. Hasari fora mesmo ao ponto de comprar os restos de uma lata de tinta preta para camuflar os riscos na madeira. Untou cuidadosamente os cubos das rodas com algumas gotas de óleo de mostarda, para eliminar qualquer ruído desagradável que pudesse irritar os ouvidos do deus. Foi em seguida buscar a mulher e os filhos.

Aloka preparara-lhe as roupas de festival: um longhi aos quadradinhos e uma camisa de riscas azuis e brancas. Ela própria pusera um sari de cerimonia, vermelho e dourado, que havia trazido com eles da aldeia. Era o seu sari de casamento e, apesar dos ratos, das baratas e da umidade, ela conseguira por qualquer processo preservar a frescura original. Também as

crianças estavam maravilhosamente vestidas; tinham, de fato, um aspecto tão limpo e bem arranjado que as pessoas vinham admirá-las. O deus podia dar-se por satisfeito. Embora toda a família vivesse numa barraca feita de paus e pedaços de pano, hoje, pelo menos, as pessoas que saíam daquele buraco eram príncipes.

Aloka, a filha Amrita e Shambu, o filho mais novo, subiram para o riquixá. A velha geringonça jamais havia transportado passageiros tão orgulhosos e elegantes. Os três juntos assemelhavam-se a um bouquet de orquídeas. Manooj, o filho mais velho, atrelou-se aos varais, dado que o pai não queria manchar de suor a sua bela camisa.

A casa alugada pelo filho do “Biari” ficava próximo. Uma das características particulares da cidade residia em que os quarteirões dos ricos e os bairros de lata dos pobres se situavam lado a lado.

Poucos condutores de riquixá tinham a sorte de poder festejar a puja em família. A maioria deles viviam sozinhos em Calcutá, tendo deixado a família nas aldeias. “Era uma tristeza para eles”, comentaria Hasari. “Nada há de mais agradável do que celebrar um festival com a família junta. É como se o deus se tornasse nosso tio ou primo.”

O proprietário encarregara-se de tratar de tudo. O seu pandal estava decorado como um santuário. A entrada havia um arco de flores vermelhas e brancas entrelaçadas e orladas de folhas de palmeiras. No meio, sobre um tapete de malmequeres e jasmims, imperava no seu trono uma enorme estátua de Viswakarma, espantosamente maquiada, com batom nos lábios e carvão nos olhos.

— Que imponente é o nosso Deus! Que poder emana! — extasiou-se Hasari. Os braços da estátua chegavam ao alto da tenda, brandindo um machado e um martelo, como que a forçar dádivas do Céu. O peito dava a sensação de poder afastar os ventos tempestuosos, os bíceps pareciam capazes de agarrar montanhas e os pés de esmagar todas as feras do mundo. Com um tal deus por protetor, como era possível que as velhas geringonças deixassem de se transformar em carros celestiais? E os pobres diabos que as puxavam em cavalos alados?

Hasari e a família prostraram-se diante da divindade. Aloka, que era muito devota, trouxera ofertas — uma banana, um punhado de arroz, jasmim e pétalas de malmequeres —, que depositou aos seus pés. O marido foi estacionar o riquixá junto dos que já se encontravam no jardim. Um dos filhos do proprietário ocupou-se a decorá-lo com grinaldas de flores e

folhagem. “Que pena que ele não possa falar e agradecer”, disse-lhe Hasari. Todos estes carros com os seus varais cobertos de flores e apontados como lanças na direção do céu, constituíam um belo espetáculo. O antigo camponês mal reconhecia as velhas geringonças que ele e os colegas puxavam ofegantes ao longo do dia. Era como se qualquer varinha mágica lhes tivesse dado uma nova encarnação.

Depois de todos os riquixás estarem arrumados, ouviu-se o som dos tambores e depois o toque das fanfarras. Um velho padre vestido de branco entrou à frente de uma banda de cerca de cinquenta músicos com casacos vermelhos e calças enfeitadas a ouro. Um jovem brâmane de tronco nu e o triplo cordão à cintura começou a agitar freneticamente uma sineta, a fim de informar o deus da sua presença, e em seguida o padre desfilou lentamente entre as filas de riquixás, derramando sobre cada um deles algumas gotas de água sagrada do Ganges e um pouco de ghee. Todos os condutores de riquixá se sentiam profundamente emocionados. Desta vez não eram as lágrimas de desgosto nem o suor que escorriam sobre os pobres calhambeques, mas a água fecundante do deus que os protegia e daria de comer aos seus filhos.

Após ter abençoado todos os riquixás, o padre regressou até diante da divindade, a fim de lhe colocar nos lábios um pouco de arroz e de ghee e incensá-la com o arati que o brâmane transportava num pequeno recipiente. “Viswakarma-Kijai! Viva Viswakarma!”, gritou nessa altura um dos filhos do “Biari”. Os cerca de seiscentos condutores de riquixá presentes repetiram a invocação três vezes. Era um bramido triunfante e sincero que agradava mais aos proprietários do que os slogans hostis gritados por ocasião da recente greve.

“Mas porque não gritávamos ao mesmo tempo ‘Viva Viswakarma e viva a solidariedade dos condutores de riquixá!’”, interrogar-se-ia Hasari. “E porque não também Viva a Revolução”? Não era Viswakarma acima e mais que tudo o deus dos trabalhadores antes de o ser dos proprietários? Ainda que, por vezes, nos desse a sensação de se ter esquecido de olear a roda do nosso karma.”

Depois da cerimônia, o filho mais velho do “Biari” convidou os condutores e suas famílias a sentarem-se na relva. Os condutores naturais das mesmas regiões agruparam-se entre si, o mesmo acontecendo com os que tinham vindo com as famílias. Os outros filhos do “Biari” colocaram, em seguida, diante de cada pessoa uma folha de bananeira onde puseram arroz e guisado de carneiro. Cada um recebeu igualmente um chapati, bolos e uma

tangerina. Um verdadeiro banquete, que os estômagos contraídos pelas privações não conseguiam absorver na íntegra. “De qualquer maneira”, comentaria Hasari, “o que mais me satisfez o estômago foi o espetáculo dos nossos patrões ocupados a servirem-nos. Assemelhava-se a uma família de tigres oferecendo erva a um bando de antílopes.”

XLIV

Alguém bateu à porta do 49 Nizamundhin Lane. Era Anouar. Stephan Kovalski ajudou o aleijado a transpor a ombreira e instalou-o na enxerga feita de palha de arroz que lhe servia de cama. O leproso parecia atrapalhado.

— Tenho um grande favor a pedir-te, Grande Irmão Stephan — acabou por declarar, unindo as palmas atrofiadas num gesto suplicante.

— Sou teu irmão. Podes pedir-me o que quiseres.

— Bom. Serias capaz nesse caso de ir dizer a Puli que eu gostaria de me casar com Meeta?

— Meeta? — repetiu Kovalski, surpreendido. — Mas ela é a mulher dele?

— E por isso mesmo, Daddah Stephan, que queria que fosses tu a pedir-lhe. A ti não poderá recusar. Todos te respeitam.

Puli era um homenzinho magro de cerca de cinquenta anos e com a pele muito escura. Natural do Sul, tinha chegado um dia a Calcutá e não voltara a partir. Deve ter contraído a lepra quando era novo, durante as longas peregrinações da sua vida nômade. Fora anteriormente domesticador de macacos. Tendo optado pela mendicidade, mantivera-se anos seguidos nos degraus do Templo de Kali, até que uma desavença com o chefe do grupo local dos exploradores dos mendigos o forçou a exilar-se para os degraus da estação de Howrah, situada na outra margem do rio. Os seus dotes de comediante proporcionavam-lhe um rendimento apreciável. Ninguém conseguia resistir à comicidade da sua mímica nem ao horror das suas feridas. Fora relativamente poupado pela doença e, por conseguinte, havia feito ligaduras falsas, que pintara de mercúrio. Vivia num dos recintos mais miseráveis da colônia de leprosos de Anand Nagar, na companhia da sua esposa, Meeta, uma terna e jovem de vinte e sete anos e três filhos encantadores entre os seis meses e os quatro anos de idade.

Meeta era a filha mais nova de um oleiro refugiado do Paquistão Oriental. Aos dezasseis anos, quando os pais se dispunham a casá-la com um oleiro da sua casta, a jovem descobriu na face direita uma pequena mancha esbranquiçada insensível ao toque. Após ter hesitado durante semanas, acabou por se ir pôr na fila de consultas do hospital de Howrah. O diagnóstico médico foi imediato. Na opinião dos pais, a filha havia sido amaldiçoada por Deus. Baniram-na imediatamente do casebre da família. Se

não o tivessem feito, toda a família se arriscava a ser expulsa pelos vizinhos. Reduzida à mendicidade nas imediações da estação, Meeta foi recolhida por um bengalês, que a vendeu a um bordel em Calcutá. Quando o proprietário descobriu que a sua nova pensionaria era leprosa, espancou-a brutalmente e pô-la na rua. Foi recolhida por trapeiros, levada para a casa dos moribundos da Madre Teresa e salva mesmo a tempo. Em seguida, voltou a mendigar nas proximidades da estação e foi nessa altura que o antigo domesticador de macacos a encontrou. Tomou-a de imediato sob a sua proteção e desposou-a um ano depois.

O pedido de Anouar deixou Kovalski pregado ao chão. Ainda não se apercebera totalmente de até que ponto o mundo dos leprosos era um universo à parte, com as suas leis próprias. A lepra, em particular numa fase avançada, exacerba a sexualidade. Isto explica o motivo por que os leprosos têm ocasionalmente mais que uma mulher e regra geral muitos filhos. Considerando-se amaldiçoados por Deus e excluídos do resto da raça humana, não têm tabus a respeitar. São livres. Nenhum representante da lei viria alguma vez meter o nariz nos seus assuntos. Em Anand Nagar, estes homens desfigurados, estropiados e excomungados não dispensavam as mulheres. Os lucros que obtinham através da mendicidade permitia-lhes sempre comprá-las. O último recurso de uma família muito pobre que não conseguisse casar uma das filhas por causa de qualquer defeito físico ou uma enfermidade consistia em vendê-la a um leproso. No entanto, uma esposa raramente bastava para satisfazer os apetites destes homens atacados pela doença. Também as mulheres tinham algumas vezes mais que um marido. Estas negociações polígamas eram efetuadas por um intermediário e depois celebradas com um ritual tão sumptuoso e dispendioso como o de um casamento normal.

— Garanto-te que não te será difícil convenceres Puli de que tenho o suficiente para a fazer feliz, Grande Irmão insistiu firmemente Anouar. — Trezentas rupias não são coisa que se despreze! — acrescentou o leproso, metendo os cotos no seu longhi e exibindo um maço de notas atadas com um pedaço de fio.

— Perguntaste a Meeta a sua opinião? — inquiriu o padre, preocupado e considerando este ponto primordial.

Anouar pareceu surpreendido.

— Meeta fará o que o marido lhe ordenar — replicou ele.

Kovalski recusou, como seria de esperar. Estava disposto a desempenhar

virtualmente qualquer outro papel ao serviço dos seus irmãos, mas não a servir de intermediário numa união que reprovava. Anouar teria de abordar diretamente o seu “rival”.

Após difíceis negociações, a transação concretizou-se, finalmente, a troco de quinhentas rupias, mais duzentas do que a quantia que Anouar trazia no maço à cintura. O aleijado pediu emprestada a diferença (e ainda mais algum dinheiro, a fim de cobrir as despesas do casamento) ao usurário da colônia, um gordo punjabi que tinha vários mendigos a trabalhar por sua conta.

Nesta comunidade onde cada elemento se considerava impuro e amaldiçoado por Deus, a religião não desempenhava qualquer papel. Nenhum brâmane ou mullah aparecia a fim de celebrar uma cerimonia neste local. Hindus, muçulmanos e cristãos viviam juntos dentro de uma relativa indiferença em relação às crenças e rituais da sua religião de origem. Havia, porém, alguns costumes que se perpetuavam, tais como a escolha de uma data propícia para o casamento. A colônia possuía mesmo o seu astrólogo, um velho de barbas brancas chamado Joga, que, durante quarenta anos, havia exercido a profissão de adivinho na esplanada do Maidan. O seu trabalho nem sempre era fácil, em particular quando os futuros esposos desconheciam a data do casamento, como era o caso de Anouar e Meeta. O velho Joga contentou-se em sugerir um mês que se encontrava sob a influência benigna do planeta Vênus e qualquer dia à excepção de terça-feira, sábado ou domingo, os três dias nefastos do calendário semanal indiano.

O gueto dos malditos encontrava-se em pleno bacanal. No dia previsto, encandeado pelo brilho das luzes e entontecido pelo ruído da música, Stephan Kovalski penetrou no bairro dos malditos. Embora no mais íntimo de si desaprovasse a natureza da união prestes a concretizar-se, não fora capaz de recusar o convite feito pelos seus amigos. No fim de contas, era tão raro que alguém de boa saúde proporcionasse aos párias a amizade da sua presença! As mulheres leprosas, envoltas em saris de musselina multicores, esperavam à porta, a fim de adornarem o convidado de honra dos noivos com grinaldas de malmequeres e jasmims e colocar-lhe na fronte o tilak de bem-vindo, a mancha de pó escarlata que significa a terceira visão. Nessa noite, Kovalski iria necessitar extraordinariamente desse terceiro olho para descobrir todos os requintes da festa em que ele seria o príncipe. Trocara os tênis e a velha camisa preta por chinelos pontiagudos e um magnífico kurta de algodão branco, presente dos futuros esposos ao seu grande irmão de miséria.

O espetáculo à sua volta era inacreditável. Vestidos com as camisas novas e coletes coloridos, as faces barbeadas e as roupas imaculadas, os leprosos quase haviam retomado a aparência humana. A sua alegria aquecia o coração. O mestre de cerimônias era nem mais nem menos do que Puli, o anterior marido da noiva. Conseguira desencantar de qualquer sítio um fraque e um chapéu alto.

— Bem-vindo à nossa reunião, Grande Irmão Stephan — exclamou na sua voz de falsete, abraçando o padre.

O hálito revelava que já fizera algumas visitas às reservas de bangla destinadas à recepção. Conduziu o convidado de honra até o casebre do noivo. Kovalski teve dificuldades em reconhecer o miserável tugúrio. Os leprosos tinham renovado a pintura em honra do casamento de Anouar. Grinaldas de flores pendiam do tecto de bambu e a terra batida do chão resplandecia com uma tapete de rangoli. Símbolos da alegria popular por ocasião de festas e de grandes solenidades, os rangoli são magníficos desenhos geométricos de bom augúrio traçados com farinha de arroz e pós coloridos.

No meio da barraca erguia-se apenas um charpoi, também ele decorado com grinaldas de flores e coberto com uma bonita manta de retalhos feita de pequenos quadrados de várias cores. Anouar estava sentado neste leito real. Ao seu lado via-se o trono em que se faria transportar até o local da cerimônia. Recebeu o padrinho com efusões de ternura. Em seguida assumiu bruscamente uma expressão grave.

— Tens uma injeção que me dês, Grande Irmão Stephan? — perguntou num sussurro. — Esta noite sinto dores horríveis.

Stephan Kovalski aprendera por experiência a nunca ir visitar os leprosos sem se prevenir com uma dose de morfina no bolso. Nessa noite, porém, interrogou-se sobre qual o efeito analgésico que o medicamento podia ter no comportamento do seu amigo durante a festa, e sobretudo depois, quando se encontrasse a sós com a jovem noiva. Por precaução, injetou-o apenas com metade de uma ampola. Mal acabara de guardar a seringa no bolso, quando uma meia dúzia de matronas vestidas com trajes compridos e multicores, a fronte ornada com um diadema, o pescoço e os braços cobertos de bijutaria, entraram a cantar bhajan, hinos religiosos. Por baixo da maquilhagem e da roupa, havia enfermidades esquecidas. Apesar de Anouar ser de origem muçulmana, tinham vindo realizar uma das cerimônias essenciais em qualquer casamento hindu, o holud-nath, a purificação do

noivo.

Tomaram a seu cargo o corpo de Anouar e esfregaram-no com todo o gênero de unguentos e massas amareladas, que emanavam um forte odor a almíscar e açafão. A cena ofereceria uma comicidade irresistível se o objeto de todas estas atenções não fosse um corpo semidestruído. Terminadas as unções, as matronas procederam à toilette do noivo, aspergindo-o de água. Em seguida, começaram a vesti-lo. Anouar submetia-se com a docilidade de uma criança. Enfiaram-lhe um longo kurta de seda verde com botões dourados. Como é que um homem que se arrastava pela lama num estrado de rodas podia alguma vez ter sonhado com tal roupa?

“Aquele leproso mutilado vestido de trajes festivos provocou-me um súbito nó no estômago”, admitiria o polaco.

Na ausência de qualquer entidade religiosa, cabia ao mestre de cerimônias dirigir as celebrações. Nenhum teólogo, fosse de que religião fosse, teria conseguido orientar-se no labirinto cerimonial dos leprosos da “Cidade da Alegria”. Puli era, no entanto, um ás, e de qualquer forma este casamento tocava-o de perto. Nada esquecera, por conseguinte, e muito menos o sagrado costume de que ele seria um dos beneficiários: o envio pelo noivo de presentes à sua noiva e família.

— És o padrinho, Grande Irmão Stephan, e serás portanto tu a levar os presentes de Anouar a Meeta — anunciou ele com uma piscadela de olho que tinha um significado: “Contigo, pelo menos, posso estar certo de que nada desaparecerá pelo caminho.”

Anouar retirou, então, da sua enxerga uma série de pequenos pacotes embrulhados em papel de jornal e atados com elásticos. Cada pacote continha qualquer joia ou enfeite. À exceção de três anéis de prata verdadeira, o resto consistia em bijutaria de bazar, uma pulseira para o tornozelo, brincos, uma pedra para colocar no nariz, um colar de âmbar e uma matika, o diadema usado pelas mulheres casadas. De qualquer maneira, a escolha destes presentes fora negociada entre Puli e Anouar. Além das joias, havia dois saris, alguns frascos de cosméticos e uma caixa de doces cobertos de canela. Puli meteu tudo num cesto, que entregou a Kovalski. Em seguida, reuniu a escolta.

Seis leprosos coroados com barretinas de cartão entraram no casebre. Dois deles seguravam baquetas de tambor entre os dedos mutilados, outros dois címbalos e os restantes trombetas. Puli ergueu o chapéu e o pequeno cortejo pôs-se a caminho com um entusiasmo carnavalesco. Tão majestoso

como Baltasar caminhando rumo a Jerusalém, Kovalski avançou equilibrando o cesto das oferendas na cabeça e atento a não deslizar para qualquer esgoto com as suas chinelas pontiagudas. Puli sentia tanto orgulho em poder exhibir o seu convidado de honra aos olhos da colônia que obrigou a procissão a dar uma volta ao bairro antes de entrar no recinto de Meeta. O espetáculo que aguardava o polaco no horrível buraco, onde passara tantas horas a confortar os amaldiçoados do bairro da lata, era tão extraordinário que se interrogou se não estaria a sonhar. Todo o recinto se apresentava coberto de véus de musselina e enfeitado com grinaldas de malmequeres, rosas e botões de jasmim. Alimentadas por um gerador especialmente alugado para a ocasião, dúzias de lâmpadas eléctricas iluminavam o recinto com uma claridade jamais vista até essa altura.

Kovalski estendeu o seu cesto de oferendas a uma das matronas que montavam guarda, de pé, junto à porta de Meeta. Em seguida, conduzido por Puli e pela banda, que se esforçavam por competir com o ruído da aparelhagem sonora, regressou ao casebre de Anouar. Nesta altura já era quase meia-noite, a hora propícia, em que “o dia cavalga a noite”. A cerimonia podia iniciar-se.

Não havia éguas brancas enfeitadas de ouro e veludo para conduzirem o aleijado até junto do recinto velado de musselina onde a sua noiva Meeta o aguardava com o rosto tapado com um retângulo de algodão vermelho. Mas a sua cadeira decorada de flores e transportada como um palanquim por quatro outros leprosos assemelhava-se a igual quantidade de montadas. Coroado com um turbante dourado e antecedido pelo indescritível Puli, que cumprimentava a multidão erguendo o chapéu alto, Anouar atravessou o bairro, assemelhando-se a um imperador mongol prestes a ser coroado. Atrás dele, Kovalski transportava o pedaço de tecido dourado que, dali a instantes, serviria para tapar o rosto do leproso antes da sua entrada no recinto. No meio de todos estes barulhos, risadas e cheiros, entre os desfigurados e os mutilados, o polaco recebeu “uma lição fantástica de esperança”, uma vez mais maravilhado que “tanta vitalidade e alegria pudessem surgir numa tal abjecção”.

Puli tirou o chapéu e a música cessou. Tinham chegado à entrada do recinto e era necessário tapar a cara ao noivo. Duas matronas pegaram no pedaço de pano levado por Kovalski e pregaram-no com alfinetes no alto do turbante de Anouar. O rosto barbudo de Anouar ficou vedado aos olhares. O chapéu de Puli voltou a erguer-se sobre as cabeças e o cortejo arrancou de

novo ao som de trombetas e címbalos. “No reino dos céus, os seus rostos serão os mais belos”, pensou o padre ao passar os olhos por todos aqueles seres desfigurados que aguardavam em redor do pequeno recinto.

Num pequeno recipiente com azeite colocado no centro dos rangoli ardia uma chama. Este era o tradicional fogo de sacrifício oferecido aos deuses para que pudessem abençoar a união que estava prestes a celebrar-se. A frágil Meeta estava sentada numa almofada, com a cabeça inclinada para a frente e totalmente tapada pelo véu. Dava a sensação de meditar. No cabelo brilhava-lhe o diadema dourado que Anouar lhe enviara no cesto de oferendas. O cheiro a incenso impregnava o ar já carregado de fumo.

Após o cortejo ter dado três voltas ao recinto, Puli fez sinal a Kovalski para que ocupasse o seu lugar, à esquerda da noiva. Ordenou seguidamente aos carregadores que colocassem Anouar à sua direita. Com o chapéu alto bem enterrado na cabeça e o peito inchado por baixo de um casaco demasiado largo, deu início à cerimónia oficial.

Simpático Puli! Como ele, ninguém conseguia imitar um brâmane. Assumindo um porte inspirado, começou a pronunciar uma interminável litania de fórmulas com a sua voz de cana rachada! A assistência parecia enfeitiçada pelo cântico monótono, pontuado em intervalos regulares pelo toque dos címbalos. Após este preâmbulo, entrou na parte principal da cerimónia. O panigrahan era o rito essencial do casamento brâmane. Puli retirou um pequeno cordão violeta do bolso e, agarrando nas palmas das mãos da noiva e do noivo, uniu-as, repetindo os nomes em voz alta. Assim se realizou o primeiro contato físico entre os esposos. Enquanto Puli continuava as suas orações Kovalski fitou aqueles dois membros mutilados ligados um ao outro, e o que viu levou-o a recordar uma frase que lera um dia numa obra de um escritor francês chamado Léon Bloy: “Não entramos no Paraíso amanhã nem daqui a dez anos. Entramos hoje, se formos pobres e crucificados.”

Seguiu-se o momento mais importante da cerimónia. A banda e a congregação calaram-se, ao mesmo tempo que Puli convidava os recém-casados a que travassem um conhecimento oficial. Devagar e timidamente, cada um deles tirou o véu do outro com a mão que lhe restava livre. O alegre rosto barbudo apareceu diante dos olhos um pouco tristes e pintados de carvão de Meeta. Stephan Kovalski inclinou-se para diante, a fim de captar toda a emoção daquele instante e para tentar igualmente adivinhar os pensamentos da jovem leprosa, cujo marido a vendera por quinhentas rupias.

Meeta tinha os olhos marejados de lágrimas.

. Um autêntico casamento hindu teria incluído toda uma série de outros ritos, variáveis segundo a província e a casta. Um deles era, porém, universal. Sem ele, nenhuma cerimonia ficava completa. Puli convidou os esposos a dar sete voltas ao fogo do sacrifício, mantendo as mãos unidas pelo pedaço de cordão. Na sua excitação, esquecera-se da enfermidade de Anouar. Teve de voltar a chamar os carregadores. O leproso viu nessa altura o seu Grande Irmão levantar-se da almofada e aproximar-se dele com os braços estendidos.

— Deixa-me acompanhar-te a ti e a Meeta em redor do fogo, velho amigo — disse o padre num tom afetoso.

Kovalski pegou no corpo frágil ao colo, e os três fizeram lentamente sete vezes o percurso em redor do fogo cósmico. Os habitantes do recinto e as dúzias de vizinhos que haviam trepado para os telhados observavam a cena emocionados.

— E tu? Quando é que casas? — perguntou Anouar quando Kovalski voltou a pô-lo no mesmo lugar.

Puli, que escutara a pergunta, desatou a rir.

— E eu seria novamente o brâmane! — interferiu, agitando o chapéu e executando uns passos semelhantes aos de uma valsa.

Todos riram. Só a pobre Meeta parecia pouco à vontade no seu novo papel.

Chegara agora a altura da festa. A um sinal de Puli, as crianças trouxeram pilhas de folhas de bananeira, que distribuíram pela assistência. Logo surgiram mulheres carregadas com alguidares de arroz fumegante, legumes e peixe. As pessoas falavam, riam, cantavam e trocavam gracejos. Para divertir uma criança, um velho sem nariz fez uma máscara com as mãos. Um cheiro a especiarias invadiu o recinto, à medida que as folhas de bananeira se foram enchendo. Até mesmo os vizinhos empoleirados nos telhados tiveram o seu quinhão. A aparelhagem sonora fazia estremecer as telhas. Oferecendo uma visão soberba nas suas almofadas, os recém-casados e Kovalski receberam a homenagem da comunidade, sob o olhar deliciado de Puli, que multiplicava as suas momices. De vez em quando desaparecia, para surgir instantes depois ainda mais excitado. Kovalski não demorou a perceber o motivo.

O álcool! A festa estava prestes a transformar-se numa bebedeira monumental. Escondidas até esse momento no fundo dos casebres, garrafas de bangla começavam agora a circular entre os convidados. O efeito da

bebida foi imediato e completamente inesperado. Em vez de entorpecer estes organismos doentes e subalimentados, a brusca ingestão de álcool eletrizou-os. Os leprosos ainda válidos puseram-se de pé e começaram a dançar. Os cotos juntaram-se aos cotos, numa farândola endiabrada que serpenteava pelo recinto, acompanhada pelos risos e vivas do resto da assistência. As crianças corriam umas atrás das outras. Também as mulheres, libertas das suas inibições por grandes copos de bangla, formaram largas rodas, que giravam como piões à volta do recinto. Tinham tanta energia! Tanta vitalidade! Tanta alegria de viver! Kovalski voltou a deixar-se arrebatado pela admiração. Que ninguém lhe dissesse, a partir de agora, que os leprosos não passavam de gente apática, um monte de farrapos, um monte de objetos resignados. Estes homens e estas mulheres eram a própria vida. A VIDA com maiúsculas, a vida que palpitava, a vida que vibrava como em qualquer outro lado na mais abençoada das cidades, Calcutá.

Foi então que uma coisa surpreendente aconteceu. A um sinal do chapéu de Puli, a dança parou como que por milagre, os cantos e gritos diminuíram de intensidade, e acabaram por parar totalmente. As grinaldas de luzes extinguíram-se de imediato. Após um último estalido, o gerador parou. As trevas caíram e um manto de silêncio envolveu a assistência. Não se ouvia um único som ou palavra. Até mesmo as crianças se tinham calado.

Na sua almofada de honra, Stephan Kovalski susteve a respiração. Porquê esta repentina obscuridade? Porquê o silêncio? Distinguiu, então, sombras que se esquivavam na noite e entravam nas diferentes habitações que davam para o recinto. Outras deslizaram dos telhados. Outras, ainda, misturaram-se com o escuro do solo. Os recém-casados, que se encontravam ao seu lado, haviam desaparecido. Pôs o ouvido à escuta e detectou o murmúrio de vozes, que se assemelhavam a gemidos. Escutou depois uma série de gritos abafados. Nessa altura compreendeu.

A festa não acabara. Continuava ainda. Atingia o seu auge no último ritual, um derradeiro ato de homenagem à vida onipotente. Os leprosos da “Cidade da Alegria” faziam amor.

XLV

“Tudo começou com a sensação de uma enorme fadiga e uma estranha dor nos ossos, como se dezenas de polícias me tivessem espancado com os seus lathi”, narraria Hasari Pai. “Dizia a mim próprio que se tratava provavelmente da velhice, que chegava um tanto adiantada, como acontece a muitos condutores de riquixá. Em Calcutá, até as folhas das árvores nas praças caíam mais cedo do que no campo. Senti depois um estranho calor no peito. Mesmo quando estava de pé, à espera de clientes, invadia-me um calor que me fazia transpirar da cabeça aos pés. Ainda me parecia mais estranho, dado que era Inverno e Deus sabe que em Calcutá, o Inverno pode ser tão frio como o Verão é quente. O fato de nunca despir a velha camisola que um cliente de Wood Street me oferecera não alterava a situação. Continuava a ter frio. Talvez tivesse apanhado a doença dos mosquitos (Paludismo). Na opinião de Chomotkar, um meu amigo taxista, aquela doença provoca o mesmo gênero de arrepios. Ele já a tivera e curara-se com uns pequenos comprimidos brancos. Trouxe-me uma série deles embrulhados num pedaço de jornal e mandou-me tomar dois ou três por dia. Começamos o tratamento com um garrafa de bangla. Chomotkar afirmava que o bangla era um medicamento para tudo, mas julgo que estava errado na medida em que eu continuava a suar como um porco. O ardor no peito transformou-se numa verdadeira queimadura, a tal ponto que me custava respirar. De cada vez que transportava um cliente, até mesmo um ‘peso-pluma’ como um rapazinho de escola, via-me obrigado a parar durante dois ou três minutos para recuperar o fôlego. Um dia assustei-me deveras. Aconteceu em Park Street. Tinha estacionado o meu riquixá para ir comprar alguns bidi debaixo das arcadas, quando, subitamente, ao passar diante da vitrine da Pastelaria Flury, vi a minha imagem refletida na vitrine. Pelo espaço de um segundo interroguei-me sobre quem seria aquele velho diante da prateleira dos bolos, com as faces cavadas e barbudas e o cabelo branco. Julguei ver o meu pai na manhã em que me abençoou antes da minha partida para Calcutá. Jamais esquecerei essa visão.

“Pela forma como a minha mulher me vinha a observar há uns tempos, eu sabia que também ela estava assustada com o meu estado de saúde. Tornara-se particularmente atenta a cada um dos meus gestos e das minhas palavras. Era como se procurasse desesperadamente o mínimo indício que a

tranquilizasse, que lhe provasse que eu estava bem. Era sem dúvida esse o motivo por que correspondia com tão pouco entusiasmo sempre que eu expressava o desejo de fazer amor. O estranho da situação residia em que quanto mais esgotado me sentia mais desejava a minha mulher. Tal como se toda a vitalidade do meu corpo destróçado se tivesse alojado no meu órgão reprodutor. E a minha mulher não tardou, aliás, a anunciar-me que esperava um filho. Esta notícia deu-me tanta alegria que durante alguns dias deixei de sentir a fadiga, o frio e os suores.

“Depois o meu estado de saúde agravou-se. Um dia, quando acabara de partir com um marwari e a respetiva pilha de embrulhos, vi-me obrigado a parar e a pousar os varais. Qualquer coisa se bloqueara no meu peito e eu não conseguia respirar. Caí de joelhos. O marwari era um homem bom. Em vez de me insultar e chamar outro condutor de riquixá, ajudou-me a recuperar o fôlego, dando-me palmadas nas costas. Quando ele o fez, senti qualquer coisa quente na boca e cuspi. O marwari observou a cuspidela e fez uma careta. Estendendo-me uma nota de cinco rupias, mudou os seus embrulhos para outro riquixá. Ao afastar-se ergueu a mão num leve aceno de despedida.

“Deixei-me ficar na mesma posição algum tempo, antes de me levantar. No entanto, o fato de cuspir proporcionara-me um certo alívio. A pouco e pouco adquiri a respiração normal e reuni forças suficientes para continuar. Ainda não chegara o dia de Deus me vir buscar. A minha mulher rompeu aos soluços quando lhe contei o incidente. As mulheres são como os animais. Sentem a chegada da tempestade antes dos homens. Suplicou-me que fosse imediatamente consultar um kak e comprasse alguns remédios. Um kak era um curandeiro de rua. Pedia apenas uma ou duas rupias, ao passo que um verdadeiro médico que tivesse completado os seus estudos exigia cinco ou dez vezes mais. Contudo, antes de ir consultar o kak, a minha mulher sugeriu que levássemos oferendas aos deuses a fim de conjurar a ogre Suparnaka, responsável por inúmeras doenças. Colocou num prato uma banana, pétalas de rosa e um punhado de arroz e dirigimo-nos ao templo, onde entreguei ao brâmane a nota de cinco rupias que o marwari me dera. Ele recitou alguns mantras. Depusemos as oferendas aos pés da estátua de Ganesh e acendemos vários paus de incenso. Quando o deus com cabeça de elefante desapareceu por detrás de uma nuvem de fumo, retiramo-nos, para deixar que ele esmagasse a ogre com a tromba. No dia seguinte, eu tinha recuperado forças bastantes para pegar outra vez nos varais.

“Por essa altura uma vaga de um intenso frio abateu-se sobre o Norte do

país. O alcatrão das ruas de Calcutá queimava-nos as plantas dos pés devido ao frio, com igual intensidade ao que acontecia nos piores dias de calor, antes da monção. As noites eram terríveis. De nada servia apertarmo-nos uns contra os outros como sardinhas em lata. O frio penetrava-nos na pele e nos ossos com dentes mais pontiagudos que os de um crocodilo.

“As poções do kak de Wellesley Street decerto continham substâncias milagrosas, dado que dois frascos bastaram para me acalmar as dores nos ossos e o calor no peito. Estava convencido de que em breve poderia voltar à Pastelaria Flury e contemplar-me na vitrine sem qualquer receio. Foi então que comecei a sentir um estranho arranhar no fundo da garganta que me provocava acessos de tosse incontrolláveis. Era uma tosse seca e dolorosa. Tornou-se, cada vez mais violenta e sacudia-me como um furacão sacode um coqueiro, após o que me deixava completamente esgotado. É verdade que estes acessos de tosse são uma música tão familiar para os condutores de riquixá como o toque dos seus guizos. Era mesmo assim uma experiência horrível. Comprovava que o deus não escutara a minha prece.”

XLVI

Com os guiadores enfeitados de faróis e buzinas, os grossos pneus pintados de vermelho e verde, o depósito de gasolina brilhante como um fio de prata e o assento forrado com pele de pantera, a moto assemelhava-se a uma dessas máquinas fantásticas que se veem nos filmes. Vestido com umas calças de couro muito largas em baixo e uma camisa de seda, o motociclista percorria as ruelas lamacentas da “Cidade da Alegria”. Toda a gente conhecia este robusto indivíduo de óculos escuros que distribuía gestos e sorrisos como um político em campanha. Era uma personagem tão típica como o mullah cego da grande mesquita e o velho brâmane do templozinho junto à via-férrea. Chamava-se Ashoka, como o célebre imperador da história indiana. Era filho mais velho e o braço-direito do chefe da máfia local.

Apesar dos seus setenta mil habitantes, a “Cidade da Alegria” não dispunha de presidente da Câmara, força policial ou uma autoridade legal de qualquer gênero. Tal como no bairro de lata dos Pais, esta lacuna fora, no entanto, de imediato preenchida pela máfia que representava o supremo poder na “Cidade da Alegria”. Era ela que conduzia os negócios, extorquia, arbitrava; ninguém questionava o seu poder. Havia várias famílias rivais no seu seio, mas o “padrinho” mais poderoso era um hindu com óculos de lentes grossas que vivia com os filhos, as suas mulheres e o seu clã num moderno edifício de quatro andares na proximidade do bairro de lata, do outro lado de Great Trunk Road, a principal autoestrada que ligava Calcutá a Deli. Tinha cerca de sessenta anos e era conhecido por Kartik Baba, um nome que o pai lhe dera em honra do filho de Shiva, deus da Guerra.

Quase todas as lojas de bebidas clandestinas do bairro lhe pertenciam e era ele também quem controlava o tráfico de drogas e a prostituição local. Orgulhava-se, igualmente, de ser um dos mais importantes proprietários de habitações de Anand Nagar. Escolhera habilmente os seus locatários. Em vez de famílias de refugiados, dera preferência aos búfalos e vacas. A maioria dos estábulos que abrigavam as cerca de oito mil e quinhentas cabeças de gado que viviam no bairro de lata pertenciam-lhe. Esta invasão de animais, com o seu mau cheiro, os milhões de moscas e o rio de detritos que seguia diariamente para os esgotos remontava aos dias em que, por razões de higiene, a Câmara Municipal banira os estábulos do centro de Calcutá. Anunciara-se com grande alarido a criação de leitarias municipais nos

subúrbios da cidade, mas, como era hábito, nada se fizera e os animais haviam sido simplesmente mudados para a “Cidade da Alegria” e outros bairros de lata idênticos. O “padrinho” fora um dos principais beneficiários desta operação. Era mais lucrativo alojar uma vaca do que uma família de nove pessoas. Eram suas estas palavras: “Pela mesma renda e o mesmo espaço, não há risco da mínima queixa ou reivindicações de qualquer tipo.”

Todos sabiam que o “padrinho” tinha montes de outras fontes de lucro à disposição. Chefiava, sobretudo, uma rede de receptadores que compravam e revendiam as mercadorias roubadas dos vagões de trem. Os proventos deste negócio ascendiam a milhões de rupias. Mas retirava sobretudo lucros significativos de uma forma particularmente odiosa: explorava os leprosos de Anand Nagar.

Sem se contentar em lhes cobrar meramente o aluguer dos seus miseráveis casebres, forçava-os a pagar uma taxa diária de uma ou duas rupias em troca da sua “proteção” e um lugar de mendicância no passeio da estação de Howrah. Tornavam-se, na realidade, necessários fortes apoios políticos para que o “padrinho” pudesse efetuar impunemente estas transações. Corria o boato de que ele era um generoso contribuidor para os cofres do partido no Poder, para o qual servia igualmente de fervoroso agente eleitoral. Os boletins de voto da “Cidade da Alegria”, até mesmo aqueles que os cotos seguravam, faziam parte das suas manigâncias. Por estranho que possa parecer, os residentes acomodavam-se a esta situação e, dado não existir qualquer outra autoridade incontestada no bairro de lata, recorriam mesmo com frequência ao “padrinho”. Ao longo dos anos este tornara-se, por conseguinte, um “defensor dos oprimidos”, uma espécie de Robin dos Bosques.

Como é óbvio, raramente interferia em pessoa. Em vez disso, delegava essa missão no seu filho mais velho, Ashoka, ou em qualquer outro membro da família. Era ele, no entanto, quem manejava os cordelinhos e não lhe faltavam recursos de imposição do seu poder. Por exemplo, mandava um dos seus esbirros provocar um incidente numa das tabernas. Em seguida mandava Ashoka ou, nos casos mais delicados, ele próprio aparecia para restabelecer a ordem e mostrar assim à comunidade a sua bondade e influência. Além disso, sempre que Ashoka ou qualquer dos seus outros filhos abusava de qualquer das raparigas do bairro, mostrava-se tão generoso para com os pais que as pessoas se apressavam a abafar o caso. Era, em resumo, um verdadeiro senhor.

Uma manhã, a presença da moto do filho do “padrinho” diante da casa de Stephan Kovalski causou sensação em Nizamudhin Lane. Não tardaram a correr boatos: “O ‘padrinho’ procura sarilhos com o Grande Irmão Stephan. O ‘padrinho’ quer expulsar o padre...” Esta ansiedade parecia, à primeira vista, injustificada. Após se prostrar diante do padre com igual respeito ao que prestaria à deusa Kali, o mensageiro do chefe da máfia dirigiu a palavra a Kovalski.

— O meu pai pediu-me que lhe fizesse um convite, padre — disse ele.

— Um convite? — surpreendeu-se o padre.

— Sim. Gostaria de discutir uma pequena questão consigo. Uma coisa insignificante...

Kovalski sabia que nada era “insignificante” para o “padrinho”. Achou por bem não oferecer resistência.

— Muito bem. Vou acompanhá-lo — concordou.

— Não tenha tanta pressa — replicou Ashoka com um gesto das mãos protegidas pelas luvas de couro. — O meu pai não recebe as pessoas a qualquer hora. Espera-o amanhã, às dez horas. Virei buscá-lo.

A travessia da “Cidade da Alegria” na enorme e ruidosa moto do herdeiro do trono, que não parava de buzinar, foi uma experiência bastante cômica para Stephan Kovalski. Imaginou a cara do cura da paróquia, caso pudesse vê-lo nesse momento. “Desconhecia como os imperadores hindus e mongóis recebiam os seus súbditos”, contaria, “mas ser-me-ia muito difícil esquecer a forma principesca como o ‘padrinho da Cidade da Alegria’ me acolheu.”

A sua casa era, de fato, um palácio. Diante da porta estavam estacionados três automóveis Ambassador com antenas de rádio e janelas com cortinas, bem como algumas motos semelhantes às dos polícias que escoltam os chefes do Governo. O hall do rés-do-chão dava para uma sala enorme atapetada com uma carpeta oriental e confortáveis almofadas. Um pequeno altar com um lingam de Shiva, as imagens de vários deuses e uma pequena sineta para tocar as puja, decoravam um canto da divisão. Paus de incenso ardiam por todo o lado, emanando um cheiro embriagante.

O “padrinho” estava sentado numa espécie de trono esculpido em madeira e incrustado com motivos de madrepérola e marfim. Usava uma barretina branca e um colete de veludo preto sobre uma comprida camisa de algodão branco. Óculos de lentes escuras e muito grossas ocultavam-lhe completamente os olhos, mas detectavam-se-lhe as reações através do erguer

das espessas sobrancelhas. Ashoka fez sinal a Stephan para que se sentasse na almofada diante do pai. Criados de turbante trouxeram chá, garrafas de limonada gelada e um prato de doces bengaleses. O “padrinho” esvaziou uma das garrafas e começou a tamborilar no braço da cadeira com o enorme topázio que lhe enfeitava o indicador.

— Bem-vindo a esta casa, padre — começou num tom de voz cerimonioso e um tanto rouco. — Considere-a como se fosse sua. — Sem esperar resposta, aclarou a garganta e cuspiu no vaso de cobre que resplandecia junto ao seu pé direito.

Neste momento, Kolvaski notou que ele usava sandálias com tiras de pedras preciosas.

— Sinto-me muito honrado em conhecê-lo — acrescentou o seu anfitrião. Um dos criados apareceu com uma bandeja de charutos atados. O chefe da máfia desatou a fita e ofereceu um charuto ao padre, que o recusou. O “padrinho” dedicou-se vagarosamente à tarefa de acender o seu.

— Deve ser uma pessoa muito especial — declarou o “padrinho, exalando uma baforada de fumo —, dado que me disseram que fez um pedido... o que me parece difícil de acreditar... para obtenção de cidadania indiana.

— Está sem dúvida bem informado — confirmou Kovalski.

— Decerto concordará que não é vulgar que alguém possa sentir-se tentado a trocar a sua condição privilegiada de estrangeiro pela de um pobre indiano — retorquiu o padrinho com uma risada e recostando-se confortavelmente na cadeira.

— Talvez o nosso conceito de riqueza seja diferente.

— De qualquer maneira, orgulhar-me-ei em ter alguém como o senhor entre os meus compatriotas. E se, por qualquer motivo, a resposta ao seu pedido se atrasar, avise-me. Tenho conhecimentos. Tentarei interferir.

— Agradeço-lhe, mas confio no Senhor.

O “padrinho” não queria acreditar no que ouvia; seria possível que alguém pudesse recusar o seu apoio?

— Ouvi alguns estranhos boatos, padre — declarou insidiosamente. — Parece que tem intenção de criar uma leprosaria no bairro de lata. Certo?

— Oh! “Leprosaria” é uma expressão grandiosa. Será antes um dispensário para tratar os casos mais graves. Pedi à Madre Teresa a ajuda de duas ou três das suas Irmãs.

— Devia saber que ninguém pode ocupar-se dos leprosos desse bairro

de lata sem minha autorização — replicou o “padrinho”, perscrutando o padre com uma expressão severa.

— Nesse caso, o que espera para os socorrer? O seu auxílio seria bem-vindo.

Os sobrolhos do “padrinho” ergueram-se acima dos óculos.

— Há vinte anos que os leprosos da “Cidade da Alegria” se encontram sob a minha proteção, e foi provavelmente a melhor coisa que lhes poderia ter acontecido. Sem mim, há muito que os habitantes deste lugar os teriam expulso. Já se interrogou, meu caro padre, como irão reagir os vizinhos do seu “dispensário” ante a proximidade dos seus leprosos? — perguntou, inclinando-se para diante com um súbito ar de cumplicidade.

— Tenho fé na compaixão dos meus irmãos respondeu Kovalski.

— Compaixão? Vocês, homens santos, passam o tempo a falar de compaixão. E o resultado da compaixão será um motim. Deitarão fogo ao seu dispensário e lincharão os leprosos.

O padre cerrou os dentes, optando por não responder. “Este patife tem provavelmente razão”, pensou.

O “padrinho” voltou a acender o charuto e inspirou longamente o fumo.

— Só vejo um meio de evitar todos esses aborrecimentos — replicou, atirando a cabeça para trás.

— Qual é?

— A sua assinatura de um contrato de proteção.

— Um contrato de proteção?

— Irá somente custar-lhe três mil rupias por mês. As nossas taxas são regra geral muito mais elevadas. Mas o senhor é um homem de Deus e sabe bem que na Índia estamos habituados a respeitar o que é sagrado.

Em seguida, e sem esperar qualquer resposta, bateu palmas e o filho mais velho apareceu imediatamente.

— O padre e eu chegamos a um acordo amigável — anunciou o “padrinho” com visível satisfação. — Podem agora com binar as modalidades do contrato.

O “padrinho” era um senhor. Não se ocupava com pormenores.

Nessa noite, os fundadores do Comitê de Ajuda Mútua da “Cidade da Alegria” reuniram-se no quarto de Stephan Kovalski, a fim de discutir o ultimato do “padrinho”.

— A família do “padrinho” é onipotente declarou Saladdin. — Lembrem-se das últimas eleições. Os coquetéis molotov, os espancamentos

com barras de ferro... as pessoas

mortas e todas as que ficaram feridas! Valerá de fato a pena reacender a fogueira em benefício de algumas carcaças apodrecidas? Devemos aceitar pagar.

— Mesmo assim, três mil rupias pelo direito de cuidar de alguns leprosos é um preço exorbitante — indignou-se Margareta.

— É o montante que te incomoda ou o princípio? — inquiriu Kovalski.

— O montante, evidentemente! — respondeu, parecendo surpreendida com a pergunta.

“Uma resposta típica”, pensou Kovalski. “Até aqui nas profundezas do bairro de lata, a extorsão e a corrupção se colam à pele como moscas.” Todos os restantes partilhavam a opinião de Saladdin, à excepção de Bandona, a jovem natural de Assam.

— Que Deus amaldiçoe esse demônio! — exclamou Bandona. — Dar-lhe uma só rupia significaria atraiçoar a causa de todos os pobres.

As suas palavras tiveram o efeito de um choque eléctrico em Kovalski.

— Bandona tem razão. Devemos aceitar o desafio e resistir, lutar. É agora ou nunca que podemos mostrar a esta gente que já não está só.

Ao começo da manhã do dia seguinte, a potente e ruidosa motorizada do filho de Kartik Baba parou junto ao quarto de Kovalski. Tal como o pai lhe ordenara, Ashoka viera discutir as condições de pagamento do “contrato”. O encontro durou, no entanto, apenas uns segundos, o suficiente para que o padre desse a conhecer a sua recusa ao jovem rufia. Este era o primeiro desafio alguma vez apresentado à autoridade do onnipotente chefe da máfia da “Cidade da Alegria”.

Uma semana mais tarde o pequeno dispensário estava pronto a acolher os primeiros leprosos. Bandona e uma série de voluntários foram buscar os seis doentes mais graves, que Kovalski pretendia hospitalizar prioritariamente. Ele próprio se dirigiu à casa da Madre Teresa, a fim de ir buscar as três Irmãs que viriam cuidar dos leprosos. Mal tinham chegado ao sítio onde se erguia a mesquita, foi o grupo de Bandona detido por um bando de jovens rufias armados com paus e barras de ferro.

— Ninguém avança! — gritou o chefe, um adolescente com o rosto cheio de borbulhas e ao qual faltavam os dentes da frente.

A jovem assamesa tentou desobedecer, mas uma avalanche de pauladas deteve-a. Nesse mesmo instante o padre chegou do outro extremo do bairro, acompanhado pelas três freiras. Ao ver o ajuntamento no extremo da ruela,

cerrou os dentes. Ouviu em seguida uma forte explosão e um clamor. Um segundo grupo começara a servir-se de barras de ferro e picaretas para destruir a velha escola que iria servir de leprosaria. Aterrorizados, os lojistas da vizinhança apressaram-se a barricar as vitrines. Na autoestrada de Deli ouvia-se o som metálico de dúzias de persianas, à medida que os comerciantes as baixavam precipitadamente. Após a destruição do dispensário, surgiu um terceiro grupo. Transportavam garrafas e engenhos explosivos em mochilas penduradas aos ombros. A rua esvaziou-se no espaço de segundos. Até mesmo os cães e as crianças que se viam sempre por todo o lado desapareceram. Uma série de explosões sacudiu o bairro e o seu eco repercutiu-se muito para além dos limites da “Cidade da Alegria”, até a estação do trem e mais para lá. Ao lado de Kovalski, as Irmãzinhas da Madre Teresa começaram a recitar o terço em voz alta.

O padre conduziu-as até o recinto de Margareta e confiou-as à proteção de Gunga, o surdo-mudo, após o que correu na direção das explosões. Uma voz suplicou-lhe que voltasse para trás. Parou e deu meia volta, avistando Margareta, que corria apressadamente até junto dele.

— Não te aproximes por amor de Deus, Grande Irmão Stephan! — implorou ela novamente. — Eles matam-te.

Nesse momento viram desembocar da estrada que rodeava o bairro de lata uma procissão em que abundavam as bandeiras e bandeirolas escritas com slogans em hindi, urdu e inglês: “Não queremos um hospital de leprosos em Anand Nagar!”

Um indivíduo munido de um megafone caminhava à cabeça e entoava outros slogans, que a multidão que o seguia ia repetindo. Um deles era assim: “Não queremos leprosos aqui. Vai para casa, padre sahib!”

Esta gente não pertencia, na realidade, ao bairro. Não era de admirar. Calcutá possuía a maior reserva de agitadores profissionais do mundo. Qualquer partido político ou organização podia alugar milhares por cinco ou seis rupias por cabeça ao dia.

A mesma multidão que uma manhã gritava slogans revolucionários sob as bandeiras vermelhas dos comunistas podia, perfeitamente, desfilar na manhã seguinte por detrás dos estandartes dos apoiantes do Congresso. Nesta cidade em permanente ebulição, qualquer oportunidade de libertar tensões era agarrada. Mal distinguiu o emblema do partido de Indira Gandhi nas bandeiras que exigiam a expulsão dos leprosos, o representante do Partido Comunista local, um antigo contramestre da Hindustan Motors, chamado

Joga Banderkar, de trinta e dois anos, foi igualmente acometido pelo súbito impulso de se manifestar. Correndo com a máxima velocidade que lhe permitia a sua perna direita estropiada, foi alertar alguns camaradas. Em menos de uma hora, os comunistas do bairro de lata tinham conseguido reunir várias centenas de militantes para uma contramanifestação. A resposta do “padrinho” à recusa de Stephan Kovalski iria resultar, por conseguinte, num confronto político.

Esta sequência de acontecimentos enquadrava-se nos moldes clássicos. As simples alterações entre vizinhos transformavam-se em disputas entre os recintos e estas numa batalha entre os habitantes de um bairro inteiro, em que as pessoas eram feridas e muitas vezes mortas. No dia em que salvara a infeliz louca do linchamento, o velho Surya explicara a Kovalski os mecanismos desta violência.

— Baixas a cabeça, calas-te e aguentas tudo indefinidamente — dissera-lhe. — Armazenas o rancor contra o proprietário do teu casebre que te explora, o usurário que te bebe o sangue, os especuladores que fazem subir o preço do arroz, os patrões das fábricas que te recusam emprego, os filhos dos vizinhos que te impedem de dormir ao cuspirem os pulmões durante toda a noite, os partidos políticos que te sugam a vida e te ignoram, os brâmanes que te pedem dez rupias para recitar um simples mantra. Aceitas a lama, a merda, o mau cheiro, o calor, os insectos, os ratos, a fome. Até que um dia, bum! Tens a oportunidade de gritar, esmagar, matar. Ignoras por que, mas é algo mais forte do que tu e mergulhas de cabeça.

O fato de que num tal contexto de dureza as explosões de violência não fossem mais frequentes constituía motivo de constante admiração para Kovalski. Quantas vezes assistira à inesperada transformação de disputas nos recintos numa torrente de ofensas e invectivas, como se cada pessoa implicada quisesse evitar o pior! Os pobres de Anand Nagar sabiam, na realidade, o preço das lutas. As recordações do horror do terrorismo da Divisão e do terrorismo naxalita eram fantasmas ainda presentes.

Nessa manhã, contudo, nada parecia aplacar a fúria dos homens e das mulheres que atravessavam o bairro de lata. Os dois cortejos encontraram-se à esquina da Great Trunk Road. Verificou-se um embate selvagem, sob um dilúvio de telhas, tijolos e coquetéis molotov atirados do cimo dos telhados. Na memória de Stephan Kovalski reavivou-se a imagem do rosto sangrento do seu pai nessa noite do Verão de 1947, quando a polícia e os grevistas das minas se tinham batido em redor dos poços, no Norte da França. O confronto

de hoje era ainda mais violento. “Descobri pela primeira vez, nos seus rostos um sentimento que julgava ausente deste formigueiro de miséria”, explicaria. “Foi ódio o que descobri. Contorcia-lhes a boca, inflamava-lhes o olhar, levava-os a cometer atos monstruosos, como o de lançar um engenho explosivo sobre um grupo de crianças apanhadas na luta ou deitar fogo a um ônibus cheio de passageiros, ou atacar velhos miseráveis e incapazes de se defender. Havia muitas mulheres entre os combatentes mais encarniçados. Identifiquei algumas delas, embora as expressões desfiguradas as tornassem quase irreconhecíveis. Apercebi-me então do que aconteceria um dia quando os pobres de Calcutá resolvessem atacar os bairros ricos.”

Ouviu-se repentinamente um silvo, em seguida uma detonação seguida de uma deslocação de ar tão forte que Kovalski e Margareta foram projetados um de encontro ao outro. Uma garrafa de gasolina acabara de explodir ao seu lado. Foram imediatamente envolvidos por um fumo espesso. Quando a nuvem se dissipou, estavam no meio da confusão. Era impossível escaparem-se sem correr o risco de serem abatidos no lugar. Por sorte, os combatentes faziam, aparentemente, uma pausa para efetuarem um ritual tão antigo como a própria guerra, o saque. Depois, mais uma vez tijolos e garrafas começaram a chover.

A ferocidade atingiu um estado de paroxismo. Os feridos tombavam dos dois lados. Kovalski viu uma criança de quatro ou cinco anos apanhar um dos engenhos explosivos junto a um esgoto. O projétil explodiu, arrancando-lhe a mão. Alguns segundos mais tarde viu uma barra de ferro passar junto à cabeça de Margareta. Só teve tempo para se atirar para diante dela e desviar o golpe. Mas já um outro assaltante os atacava com um cutelo. No instante em que ele baixava a arma, Kovalski viu uma mão que agarrava no homem pelo colarinho e o puxava para trás. Reconheceu Mehboub, o seu vizinho muçulmano, também ele armado com uma barra de ferro. Após a morte da mulher, o muçulmano confiara a sua velha mãe e os filhos aos cuidados do filho mais velho, Nasir, e desaparecera. Voltara agora na qualidade de esbirro do “padrinho”. Tinha a testa e o nariz marcados de cicatrizes e o bigode ensanguentado; assemelhava-se mais do que nunca à imagem do Santo Sudário diante da qual tantas vezes se recolhera. Entretanto, à volta deles, os golpes sucediam-se com uma violência redobrada.

Os combatentes mais encarniçados eram os mais novos. Dir-se-ia que lutavam uns com os outros pelo mero prazer do ato. Kovalski viu um adolescente enterrar uma faca no ventre de uma mulher. Apercebeu-se, em

seguida, da silhueta robusta e dos óculos escuros de Ashoka, o filho mais velho do “padrinho”. Nem ele nem o pai haviam aparecido no campo de batalha até esse momento. Agora, Ashoka ditava as suas ordens. O padre tomou consciência de que algo de novo estava para acontecer.

Não teve de esperar muito tempo para descobrir de que se tratava. “A carnificina parou como que por magia”, narraria ele. “Os assaltantes depuseram as armas, rodaram sobre os calcanhares e afastaram-se. Em questão de minutos, tudo regressara praticamente à normalidade. Os gemidos dos feridos, os tijolos, outros objetos que atravancavam o passeio e o cheiro acre do fumo eram os únicos indícios de que ali se travara uma batalha. Um lampejo de razão impedira o irremediável.”

O “padrinho” estava satisfeito. Aplicara a lição desejada e continuava a manter o controle das suas tropas. Stephan Kovalski recebera o aviso: ninguém na “Cidade da Alegria” podia desafiar impunemente o “padrinho”.

XLVII

“Com todos os seus belos discursos, as promessas e as bandeiras vermelhas, tinham-nos aprisionado como a pombos sobre grude. Mal os elegemos, todos esses babu esquerdistas nos viraram as costas”, narraria Hasari Pai, referindo-se às eleições que haviam levado a esquerda ao Poder, em Bengala. “Começaram por votar uma lei que obrigava os juízes não só a confiscar os riquixás que circulavam sem licença, mas igualmente a mandá-los destruir. Eram eles os chamados defensores da classe operária, eles que tinham sempre a boca cheia de palavras como ‘direitos’ e ‘justiça’, eles que passavam o tempo a virar os pobres contra os ricos, os explorados contra os patrões, e eis que agora atacavam o nosso ganha-pão! Destruir os riquixás de Calcutá assemelhava-se a queimar as colheitas dos campos!

E quem seriam as vítimas desta loucura? Os proprietários dos veículos? Não, raios! Eles não precisavam das cinco ou seis rupias que os nossos calhambeques lhes rendiam diariamente para encher a barriga. Ao passo que para os cem mil que nós éramos significava a morte.”

Hasari lançou-se como sempre em busca de uma explicação. O homem a que chamavam “Cara Marcada” tinha uma. Na sua opinião, se os babu do Governo queriam queimar os carros que não tinham licença de circulação era porque estes “senhores” não apreciavam a concorrência. Descobrira que alguns babu exploravam riquixás por conta própria, para os quais tinham, obviamente, arranjado licenças. Quanto a Golam Rassoul, o secretário-geral do sindicato, semelhante a um pardal caído do ninho, possuía uma outra explicação. Desde que militava ao lado dos babu comunistas tinha a cabeça cheia de todo o gênero de teorias, que as almas simples como Hasari dificilmente compreendiam. “Porque nós tínhamos muito mais oportunidade de exercitar a barriga das pernas do que o cérebro”, constataria Hasari.

Rassoul afirmava que os responsáveis pelas perseguições eram, na realidade, os tecnocratas da municipalidade. Na sua opinião, os babu em causa reprovavam aos condutores de riquixá que trabalhassem à margem do sistema governamental. Por outras palavras, que não dependessem dos babu nem do Estado. “Como se o Estado tivesse por hábito fazer a ronda dos passeios e bairros de lata e oferecer trabalho aos esfomeados sem emprego!”, comentaria Hasari. “De qualquer maneira, não havia lugar para os condutores de riquixá nessa visão do amanhã por parte dos tecnocratas de Calcutá”,

acrescentaria Rassoul. “A Calcutá destes visionários seria uma cidade de máquinas e não de cavalos humanos. Mais cinco mil táxis e ônibus trariam mais vantagens a toda a gente do que o suor de centenas de milhares de pobres diabos.” Segundo Rassoul, isto era fácil de compreender. “Suponhamos”, explicava, “que o Governo põe em circulação cinco mil táxis e ônibus para transportar os dois milhões de pessoas que levamos diariamente nas nossas geringonças. Podem imaginar o que esta ordem vai significar para os condutores de automóveis, os fabricantes de pneus e companhias petrolíferas, para não falar dos laboratórios farmacêuticos devido a todas as doenças pulmonares que a nova poluição provocará?

Fosse por que motivo fosse, os novos babu resolveram fazer a vida negra aos condutores de riquixá. A lei foi implementada e os carros sem licença confiscados. Nenhum condutor se atrevia a passar nas ruas principais, onde os polícias dirigiam o tráfego. Outros polícias esperavam-nos nas estações.

— Mostra-me a tua licença — ordenava um agente ao primeiro condutor da fila.

— Não tenho licença — desculpava-se o infeliz, tirando algumas rupias das pregas do seu longhi.

Desta vez, porém, o polícia fingia não ver o dinheiro. Atuava sob ordens estritas: a época do suborno acabara pura e simplesmente. Algumas vezes, o condutor nem sequer respondia. Limitava-se a encolher os ombros num gesto resignado. Estava habituado à fatalidade. O polícia ordenava aos condutores que puxassem os carros até o thana mais próximo, o posto de polícia local. Nos passeios diante de todos os thana em breve passaram a ver-se dezenas de riquixás encostados uns aos outros e as rodas travadas com correntes. Todos estes carros imobilizados ofereciam um espetáculo desolador. Pareciam árvores de um pomar arrancadas por um ciclone, quais peixes apanhados numa rede.

— Que calamidade! — lamentava-se Hasari com os companheiros. Mas enquanto os carros ali estivessem, acorrentados no exterior dos thana, havia esperança de que um dia fossem devolvidos àqueles para quem eram um ganha-pão. Contudo, até essa esperança não demoraria a ser esmagada.

Segundo o que prescrevia a lei, os juizes ordenaram a destruição dos riquixás confiscados. Uma noite carregaram-nos nos caminhões do lixo municipais e levaram-nos para um destino desconhecido. Rassoul conseguiu que um espião do sindicato seguisse os caminhões, e os condutores não

tardaram a saber que os seus carros haviam sido reunidos na lixeira pública da cidade, atrás do bairro dos curtidores de peles, provavelmente para serem queimados.

Dada a sua dispersão, levava regra geral bastante tempo a reunir uma quantidade significativa de condutores. Nesse dia, porém, não necessitaram de mais de uma hora para organizar um desfile formidável por Lower Circular Road, munidos de bandeiras, cartazes e de todos os acessórios sempre presentes nesse gênero de manifestações. Chefiada por Rassoul, “Cara Marcada” e todo o estado-maior do sindicato, a coluna pôs-se em marcha na direção do depósito do lixo aos gritos de “Os nossos riquixás são o nosso arroz”. À medida que avançavam, outros trabalhadores se lhes juntavam. Em Calcutá, as manifestações ajudavam a esquecer um estômago vazio. A cada cruzamento, os polícias paravam o tráfego para os deixar passar. Era costume em Calcutá. Os que reivindicavam os seus direitos tinham sempre prioridade sobre os outros cidadãos.

Caminharam assim durante quilômetros, ao longo dos mais distantes subúrbios, até chegarem finalmente a uma área deserta. “Foi nessa altura que se produziu o choque”, diria Hasari. “Primeiro sentiu-se um cheiro nauseabundo que queimava os pulmões, como se milhares de carcaças apodrecidas nos devorassem. Como se o Céu e a Terra se decompussem sob as nossas narinas. Levamos alguns minutos a vencer a repugnância e a prosseguir.” Na sua frente, estendia-se a perder de vista um monte enorme, donde chegava aquele odor insuportável: a lixeira de Calcutá. Numa extensão de detritos com um tamanho dez vezes superior ao Maidan, dúzias de caminhões e bulldozers moviam-se envoltos numa nuvem de poeira pestilenta. Miríades de abutres e de corvos voavam em círculo por cima de toda esta podridão. Eram tantos que, por momentos, o céu se mostrou enegrecido como num dia de monção. O mais surpreendente de tudo era, no entanto, a quantidade de trapeiros que se moviam como insectos no meio dos detritos.

Os condutores avistaram os seus carros no fundo deste cenário desolador. Formavam uma longa fila de rodas e arcos encavalitados. “Como é que Deus pode ter permitido que estes instrumentos que dão o arroz viessem a acabar num lugar assim?”, interrogavam-se Hasari e os seus camaradas. Era totalmente incompreensível. “O deus devia estar nos braços de qualquer princesa no dia em que os babu votaram a lei”, pensou o antigo camponês. “Ou então pouco se incomoda connosco.”

O que depois aconteceu iria ficar na memória de Hasari como o espetáculo mais horrível da sua vida. Atrás dos riquixás e a um nível inferior estavam camuflados três caminhões da polícia. Quando a procissão desembocou na lixeira, os polícias precipitaram-se dos veículos para lhes bloquear a passagem. Não se tratava de polícias de trânsito, mas da polícia de choque especializada, munida de capacetes, armas e escudos. Tinham recebido ordens para repelir os manifestantes e efetuar a destruição total dos riquixás.

Rassoul pegou no megafone e gritou que os condutores de riquixá tinham vindo opor-se à destruição dos seus instrumentos de trabalho. Entretanto, os fotógrafos da imprensa haviam acorrido ao local. Com os seus sapatos e calças, pareciam um tanto deslocados neste monte de detritos, mas a lixeira não tardou a assemelhar-se a um formigueiro. Os trapeiros tinham cessado de esgaravatar no lixo e outras pessoas chegavam das aldeias próximas. Os polícias avançaram, brandindo as armas, mas nem um só condutor se mexeu. “Dada a enormidade do crime, todos preferíamos tombar por terra a recuar”, diria Hasari. “Todos estes anos de luta e sofrimento tinham-nos, na verdade, endurecido e a nossa última greve mostrara-nos que podíamos fazer tremer os patrões se nos mantivéssemos unidos. Sentíamos-nos tão solidários como os varais o eram em relação aos nossos carros.”

Foi nessa altura que sobreveio o drama. Um polícia acendeu um fósforo e pegou fogo a uma tocha, que atirou para um dos riquixás que se encontravam no centro da fila. As chamas apoderaram-se de imediato da capota e do assento, após o que se propagaram aos veículos próximos. Após uns segundos de imobilidade, os que se encontravam nas primeiras filas do cortejo lançaram-se de encontro à barragem dos polícias. Queriam afastar do caminho os veículos em chamas, a fim de poupar os restantes, mas os polícias constituíam um muro inamovível.

Nesse mesmo instante, Hasari pousou os olhos no “Cara Marcada”. Ele tinha conseguido empoleirar-se nos ombros de um amigo. Soltando um grito, ergueu o corpo e, com um impulso formidável das ancas, conseguiu saltar por cima dos polícias. Quase caiu no meio das chamas, e os camaradas viram-no abrir caminho com o objetivo de afastar os carros que ardiam. Era uma loucura. Os próprios polícias se voltaram, surpreendidos. Ouviu-se um grito saído daquele braseiro. Hasari distinguiu um braço e uma mão agarrando num dos varais, após o que o fumo invadiu o cenário e o cheiro a carne queimada misturou-se com o odor nauseabundo da lixeira. Fez-se um silêncio

geral. Apenas se ouvia o crepitar das chamas, à medida que devoravam os riquixás. Os babu tinham vencido.

Quando o fogo se extinguiu, Hasari pediu a um dos trapeiros que lhe desse uma lata de conservas. Em seguida, foi procurar algumas cinzas do “Cara Marcada” no meio do braseiro. Ele e os camaradas iriam espalhá-las no Hooghly, o afluente do Ganges sagrado.

XLVIII

No Inverno, todas as noites ocorria o mesmo fenômeno. Assim que as mulheres deitavam fogo às bolas de estrume de vaca a fim de cozinhareem as refeições, o disco avermelhado do Sol desaparecia por detrás de uma cortina de fuligem. Retidas pela camada superior de ar fresco, as nuvens de fumo espesso pairavam ao nível dos telhados, aprisionando o bairro de lata sob um tecto poluído. Os seus habitantes tossiam, cuspiam, sufocavam. Nalgumas noites, a visibilidade ficava reduzida a menos de dois metros. Contudo, ninguém na “Cidade da Alegria” ousaria amaldiçoar o Inverno, esse pequeno intervalo antes da carnificina do Verão.

O Verão desse ano surgiu com o impacto de um raio. Em questão de segundos, a noite caiu em pleno dia. Tomados de pânico, os habitantes do bairro de lata saíram apressadamente dos seus recintos para as ruelas. Do cimo do terraço onde estava a escolher medicamentos, Stephan Kovalski viu abater-se sobre a “Cidade da Alegria” uma perturbação atmosférica de um tipo que desconhecia por completo. À primeira vista poderia ter passado por uma aurora boreal. Consistia, de fato, numa nuvem de milhões de partículas de areia suspensas e que avançava sobre o bairro a uma velocidade inacreditável. Não havia tempo de se abrigarem. O tornado já os atingira.

Devastou tudo à passagem, arrancando os telhados das casas, atirando os ocupantes por terra e provocando o pânico dos búfalos, nos estábulos. O bairro de lata ficou imediatamente coberto de um lençol de poeira amarela. Em seguida, uma sucessão de relâmpagos iluminou as trevas, o indício de um cataclismo que desta vez bombardeou o bairro de lata com uma chuva de granizo a que se seguiu uma tromba de água. Quando finalmente a chuva parou e o sol reapareceu, uma nuvem de vapor ardente abateu-se sobre o bairro. Foi então que Stephan Kovalski e os setenta mil habitantes da “Cidade da Alegria” se aperceberam de que as pequenas tréguas do Inverno tinham chegado ao fim. O inferno estava de volta. Nesse 17 de Março, o Verão chegara à cidade.

Verão! Essa estação amada por todas as zonas de clima temperado infligia aos ocupantes desta parte do mundo um sofrimento inconcebível e os mais desfavorecidos, os miseráveis dos bairros de lata, eram como sempre os mais cruelmente atingidos. Nos buracos sem janelas onde se empilhavam até quinze pessoas, nos minúsculos recintos calcinados durante doze horas

diárias por um sol implacável, nas ruelas estreitas onde nem a mínima brisa corria, enquanto a extrema pobreza e a ausência de eletricidade impediam o uso de ventoinhas, os meses de Verão que antecedia a monção eram uma tortura tão atroz como a fome.

Nas avenidas de Calcutá, as pessoas apenas se moviam sob a proteção de um guarda-sol. Até mesmo os policiais que dirigiam o trânsito nos cruzamentos dispunham de um guarda-sol, que atavam ao cinto e lhes deixava as mãos livres. Outras pessoas abrigavam-se do sol sob um jornal, livros, uma pasta, ou as pontas dos saris ou dos dhoti erguidas acima da cabeça. A fornalha fazia-se acompanhar de uma umidade que algumas vezes atingia os cem por cento. O mínimo movimento, alguns passos ou descer uma escada bastavam para que o suor escorresse em bica. A partir das dez da manhã o trabalho físico era impossível. Homens e animais viam-se petrificados sob o braseiro do ar imóvel. Nem uma brisa corria. O reflexo emitido pelas paredes dos edifícios era tão intenso que alguém que tivesse a imprudência de se aventurar a sair sem óculos escuros tinha a sensação de receber chumbo derretido nos olhos. Aventurar-se a caminhar descalço no asfalto era ainda mais doloroso. O alcatrão liquidificado arrancava a pele das plantas dos pés. Puxar um riquixá neste tapete de fogo constituía um ato de puro heroísmo. Correr, parar, arrancar outra vez com as rodas que se encravavam no alcatrão mole era um empreendimento a renovar vezes sem conto. A fim de tentar proteger os pés já ulcerados com gretas e queimaduras, Hasari Pai resolveu fazer algo que centenas de milhares de indianos jamais haviam feito. Pela primeira vez na sua vida, Hasari calçou o belo par de sandálias recebidas com o dote da mulher na ocasião do seu casamento. Tal iniciativa iria provar-se desastrosa. As sandálias duraram apenas o tempo de serem sugadas pelo alcatrão derretido.

Os habitantes da “Cidade da Alegria” resistiram seis dias, após o que começou a hecatombe. Com os pulmões dissecados pelo ar tórrido e os corpos esvaziados da sua substância, todos os que sofriam de tuberculose ou de asma e muitos bebês morreram. Os membros do Comité de Ajuda Mútua, com Stephan Kovalski, Margareta e Bandon a cabeça, corriam de um extremo ao outro do bairro de lata, a fim de socorrerem os casos mais desesperados. “Correr” não era a palavra mais exata, pois viam-se obrigados a andar lentamente, com receio de desmaiarem após uns passos. Sob o efeito da temperatura, o organismo desidratava-se em algumas horas. “O mínimo esforço cobria-nos de transpiração da cabeça aos pés. Depois sentiam-se

arrepios e quase de imediato vertigens. As vítimas de insolação e desidratação eram tão numerosas que as ruelas não tardaram a ficar pejadas de um número cada vez mais elevado de pessoas incapazes de se levantar”, contaria Kovalski.

Curiosamente, era o polaco que, embora habituado a um clima mais temperado, parecia o mais resistente aos rigores desta fornalha. Com o crucifixo de metal balouçando no peito nu, a cintura e as coxas envoltas num longhi de algodão e a cabeça tapada com um velho chapéu de palha, assemelhava-se a um evadido da ilha do Diabo. No décimo dia, porém, a temperatura bateu todos os recordes de há um quarto de século a essa parte. No termômetro da casa de chá do velho hindu, o mercúrio atingiu à sombra os 114 graus Fahrenheit, ou seja, 44 graus centígrados. Tendo em conta a umidade, isto equivalia a mais de 55 graus ao sol.

“O pior consistia na constante umidade em que nos víamos envolvidos”, comentaria Kovalski. “Não tardou a aparecer uma série de epidemias, que dizimaram muitas famílias. Para além do paludismo, reapareceram a cólera e o tifo. Foram, no entanto, as gastroenterites que mais vítimas fizeram. Podiam liquidar uma pessoa em menos de vinte e quatro horas.”

Tudo isto era, no entanto, apenas o começo. Outras provações aguardavam o polaco. Uma vaga de furunculose, antrazes, panarícios e micoses abateu-se sobre o bairro de lata. Milhares de pessoas foram atingidas e o mal não poupou muitas outras áreas de Calcutá, nem algumas profissões, como as de condutores de riquixá e de telagarhi, obrigados a caminhar descalços no meio das imundícies. Devido à falta de ligaduras e antibióticos, estas doenças de pele propagavam-se com uma rapidez fulminante. Junto à casa de Kovalski, os corpos dos filhos de Mehboub transformaram-se em chagas. O próprio Mehboub, que regressara a casa, foi vítima de antrazes muito dolorosos, que o padre se viu obrigado a lancetar com um canivete. No final de Março a temperatura voltou a subir e nessa altura ocorreu um fenómeno surpreendente. As moscas começaram a morrer. Seguiu-se a vez dos mosquitos, cujos ovos apodreciam antes de se abrirem. Todas as escolopendras, escorpiões e aranhas desapareceram. Os únicos insectos que sobreviveram na “Cidade da Alegria” foram os percevejos. Multiplicaram-se, como que a preencher o vazio deixado pelos outros. Todas as noites Kovalski os caçava implacavelmente, mas eles continuavam a aparecer. Alguns deles haviam-se refugiado por detrás da imagem do Santo Sudário. O frenesim com que os atacava e matava tornaram o padre consciente da falta de serenidade

de i que nessa altura sofria. “Após todo aquele tempo na Índia, o resultado era desapontador. Apesar das litâneas de oms e do exemplo de desprendimento que Surya, o velho hindu, me dava, eu continuava a revoltar-me contra as condições desumanas infligidas a estes meus irmãos.”

Numa manhã, quando se barbeava, teve um novo choque ante a imagem que o espelho lhe devolveu. As suas faces estavam ainda mais cavadas e em redor da boca e do bigode haviam-se formado rugas profundas, que lhe acentuavam a curva cômica do nariz. A pele adquirira uma cor de cera. Apresentava-se esticada sobre os ossos como um velho pedaço de tela.

Os verdadeiros mártires do calor eram, porém, os operários dos milhares de oficinas pequenas e fábricas espalhadas pela “Cidade da Alegria” e outros bairros de lata. Apertados uns de encontro aos outros perto das máquinas e nos buracos sem ventilação, faziam pensar em tripulações de submarinos perdidos. As condições de trabalho das mulheres eram igualmente lamentáveis. Estorvadas pelos saris e véus a um canto dos buracos transformados em fornos, ficavam esgotadas ante a mínima tarefa doméstica.

Por estranho que possa parecer, era a inatividade que se tornava mais difícil de suportar neste calor, que prostrava até os mais robustos. “O calor parecia mais insuportável quando parávamos”, diria Kovalski. “Abatia-se sobre nós como um manto de chumbo sufocante.” A fim de escapar à asfixia, as pessoas tentavam criar um pouco de vento à volta da cara, agitando um pedaço de cartão ou de jornal. “O mais extraordinário residia em que continuavam a abanar-se enquanto dormitavam ou mesmo dormiam.” O polaco tentou imitá-los, mas assim que o sono o invadia a mão deixava cair o leque improvisado. Apercebeu-se, então, de que aquela habilidade se tratava provavelmente de “uma adaptação da espécie, um reflexo adquirido por gerações em luta contra a dureza do clima”.

No começo de Abril, Stephan Kovalski sentiu nos sovacos e no ventre os primeiros indícios de uma comichão que, horas depois, se propagou a todas as partes do corpo. “Tinha a impressão de que milhões de insectos me picavam a pele.” A irritação tornou-se tão intensa que não conseguiu resistir a coçar-se. A sua epiderme não tardou a transformar-se numa chaga. Sufocado e sem forças, permaneceu, prostrado, no quarto. Um bairro de lata não é, porém, uma daquelas cidades-dormitórios do Ocidente onde se pode desaparecer ou morrer sem que os vizinhos se deem conta. Aqui, a menor modificação nos hábitos suscitava uma curiosidade instantânea.

O primeiro a inquietar-se quando não viu aparecer o padre foi Nasir, o

filho mais velho de Mehboub, que todas as manhãs lhe guardava o lugar na bicha para as latrinas. Alertou o pai, que correu a prevenir Bandona. Em questão de minutos, todo o bairro ficou ao corrente de que o Grande Irmão Stephan estava doente. “Só um lugar onde os homens vivem em contato com a morte pode oferecer tantos exemplos de amor e solidariedade”, pensou o padre ao sentir Surya, o velho hindu que habitava do outro lado da rua, entrar no seu buraco com uma xícara de chá e leite e um prato de biscoitos. Momentos depois, a mãe de Sabia trouxe-lhe uma tigela de “dedos-de-dama”, legumes semelhantes a grandes feijões. Para lhes dar um pouco mais de gosto, juntara um bocado de abóbora e alguns nabos, uma verdadeira extravagância para uma pessoa tão pobre como ela. Bandona chegou em seguida. A jovem assamesa diagnosticou o mal à primeira vista. Eram, na realidade, insectos que mordiam Stephan Kovalski, mas não os percevejos nem tão-pouco os outros pequenos parasitas que geralmente infestavam os tugúrios da “Cidade da Alegria”. O polaco estava a ser devorado por pequenos parasitas chamados “ácaros”, cuja penetração sob a epiderme causava uma penosa doença de pele que devastava o bairro de lata.

— Apanhaste a sarna, Grande Irmão Stephan — declarou Bandona com um sorriso.

No final de Abril o termômetro subiu mais alguns graus e com este novo assalto extinguiu-se um barulho que já fazia parte do cenário da “Cidade da Alegria”. Os únicos pássaros do bairro de lata, os corvos, deixaram de grasnar. Dias mais tarde, os seus cadáveres foram encontrados nos telhados e nos recintos. Um fio de sangue escorria-lhes dos bicos. O calor rebentara-lhes os pulmões. O mesmo destino estava reservado para breve a outros animais. Os ratos começaram a morrer às dezenas, depois às centenas. No quarto vizinho ao de Kovalski, a mãe de Sabia estendera um velho sari por baixo do estrado onde dormia a sua filha mais nova, que tinha varíola. Quando um dia descobriu larvas na testa da criança, a pobre mulher constatou que tinham caído de um buraco no tecto. Ao olhar para uma viga de bambu por cima dela, avistou uma série de vermes que se escapavam de um rato morto.

Foi nesta altura que os empregados da Câmara encarregados de despejar as latrinas e limpar os estábulos do gado decidiram entrar em greve. Dias depois, o bairro ficou submerso num lago de excrementos. Bloqueados por montanhas de estrume dos estábulos, os esgotos transbordaram, derramando uma torrente negra e pestilenta. O ar tórrido e imóvel não tardou a ser invadido por um fedor intolerável, que se juntava ao fumo das chula. E para

cúmulo o mês de Maio terminou com uma horrível tempestade, que antecedeu a monção. O nível dos esgotos e das latrinas subiu quase cinquenta centímetros numa noite. Viam-se cadáveres de cães e de ratos à deriva neste mar de imundície. Havia mesmo várias cabras e um búfalo flutuando com os ventres inchados como um balão. A tempestade provocou um outro fenômeno inesperado: a eclosão, a partir da primeira gota, de milhões de moscas. A inundação tinha invadido a maior parte dos tugúrios, transformando estes escassos metros quadrados a abarrotar de gente em fossas nauseabundas.

No meio do horror sobrevinha, porém, sempre um milagre. Aquele que Stephan Kovalski presenciou nas profundezas do seu buraco assumiu a forma de “uma rapariguinha de vestido branco com uma flor vermelha no cabelo, que avançava como uma rainha no meio de toda aquela imundície”.

Parte 3

CALCUTÁ, MEU AMOR

XLIX

Uma brusca diminuição de velocidade atirou-o de encontro às costas do assento. A asa do Boeing acabava de se inclinar para o solo, revelando uma luxuriante paisagem de campos cultivados e coqueiros. Após um voo de duas horas sobre a imensidade ressequida da Índia Central, Max Loeb teve a sensação de chegar ao centro de um oásis. Por todo o lado havia água: canais, lagoas de águas brilhantes, rincões cobertos de jacintos selvagens e assemelhando-se a jardins flutuantes retidos por pequenos diques. Pensou nas Everglades da sua Florida e nas terras cultivadas de Xochimilco, no México. As silhuetas escuras de numerosos búfalos destacavam-se em todo este verde. Em seguida o avião endireitou-se, proporcionando uma visão completa da cidade.

Era uma cidade enorme, desprovida de limites ou horizonte, atravessada por um rio de águas acastanhadas onde os navios ancorados se assemelhavam a aves petrificadas. Uma cidade de contornos imprecisos devido à nuvem de fumo que a cobria. A parede brilhante de um reservatório de gasolina, a silhueta de um guindaste na margem do rio, a estrutura metálica de uma fábrica iluminavam por instantes a camada espessa.

Quando a hospedeira anunciou a aterragem em Calcutá, Max divisou apenas o campanário gótico de uma catedral, as bancadas de um campo de corridas e ônibus vermelhos de dois pisos que se moviam ao longo de uma avenida no meio de um parque. O Boeing nivelou-se por fim com o solo e aterrou.

Mal se abriu a porta, a fofalha do exterior invadiu o avião. “Tive a impressão de que o sopro quente de um secador gigante me atingia”, descreveria o americano. “Recuei ante o choque e, por momentos, tive dificuldade em recuperar o fôlego. Quando saí finalmente para a passadeira o brilho intenso encandeou-me e tive de me agarrar ao corrimão.”

Momentos depois, na confusão do terminal, Max distinguiu uma grinalda de flores amarelas por cima das cabeças. Era Kovalski que brandia o ramo tradicional de boas-vindas ao visitante americano, seguindo o costume indiano. Os dois homens reconheceram-se intuitivamente. Cumprimentaram-se breve mas efusivamente.

— Sugiro levar-te para o Grand — disse Kovalski, subindo para um táxi. — É o hotel de luxo local. Nunca lá pus os pés, mas acho que é um sítio

mais adequado do que a Cidade da

Alegria' para um primeiro encontro com as realidades desta querida cidade. A não ser, evidentemente, que queiras dar um mergulho de imediato — acrescentou Kovalski, piscando o olho ao jovem americano, que suava cada vez mais abundantemente. — E será um mergulho a sério, acredita. Os limpa dores dos esgotos estão outra vez em greve. Não será propriamente a Florida o que te espera aqui.

Max reprimiu um esgar. refletia nas alternativas propostas, quando pousou o olhar no braço do companheiro.

— Que tens aí? — perguntou, indicando a pele coberta de crostas.

— Apanhei sarna.

O jovem médico resmungou entre dentes. Kovalski tinha indubitavelmente razão: faria mais sentido aclimatar-se primeiro. Passar sem transição de um paraíso de multimilionários para as profundas do inferno poderia causar-lhe um trauma irreparável. Max era suficientemente realista para se acautelar em relação a este tipo de choques. Quantos homens robustos da Brigada da Paz americana haviam tido dificuldades em se adaptar à verdadeira pobreza! Seria mais indicado ajustar-se gradualmente, no conforto de um quarto climatizado, com a ajuda de uns uísques e alguns saborosos charutos Montecristo. No fundo, não estava com pressa.

— Prefiro acompanhar-te a Anand Nagar — anunciou, porém, Max um instante depois e voltando-se para o companheiro.

Uma hora depois, os novos amigos encontravam-se frente a frente numa mesa, sob a luz trémula de uma das tabernas do bairro de lata. Um ventilador aparentemente a dar as últimas agitava uma atmosfera tórrida, carregada do cheiro a fritos.

— Guisado de búfalo? — perguntou o americano ante a estranha mistura que um dos jovens empregados lhe colocara na frente.

— Não propriamente “guisado” — corrigiu o polaco, atirando-se gulosamente ao prato. — Apenas o molho. Não tem carne. Contudo, os ossos, a pele, a moela e a gelatina foram tão bem cozidos que está cheio de proteínas. É como se comesses um entrecosto de charolais. E por trinta paísa não esperavas decerto que te servissem pato com azeitonas, pois não?

Max fez uma cara que era um puro reflexo da repugnância sentida.

— E fica a saber que tivemos uma sorte imensa em encontrar uma mesa — acrescentou Kovalski, ansioso por dar a melhor imagem possível do seu bairro de lata. — É o Maxim's cá do sítio.

O americano esboçou um sorriso ante a imagem, mas continuou a examinar o conteúdo do prato, a pobreza do cenário e a clientela. Cerca de vinte homens preparavam-se para comer no meio de grande algazarra. Eram todos operários de oficinas, sem família, condenados a viver junto das máquinas devido aos cortes de corrente. O estabelecimento pertencia a um gordo e calvo muçulmano chamado Nasser, que se mantinha atrás do seu caldeirão, semelhante a um Buda atrás do fogo de sacrifício. Nasser era o responsável pela célula local do Partido Comunista-Marxista. Nenhuma loucura do termômetro tinha força para o desalojar do seu posto, de onde comandava os seus dez empregados. Estes chamavam ao polaco “padre”, “tio” ou “Grande Irmão Stephan”. Cinco deles eram filhos do bairro. O mais velho não tinha mais que oito anos. Trabalhavam desde as sete da manhã até a meia-noite, a troco de comida e de um salário mensal de dez rupias. Descalços, vestidos de farrapos, corriam a encher baldes no poço, lavavam as mesas, limpavam o chão, afastavam as moscas, serviam as refeições. Verdadeiramente infatigáveis e com um sorriso permanente nos lábios. Outros três, encarregados de descascar os legumes, eram atrasados mentais. O gordo Nasser recolhera-os quando andavam a mendigar em Great Trunk Road por entre caminhões que diariamente ameaçavam esmagá-los. Viviam na taberna, dormindo em tábuas suspensas de vigas de bambu e que o patrão lhes preparava. Um cego e um vesgo lavavam a louça. O cego usava uma barbicha branca e cantava versos do Corão o dia inteiro. Kovalski nunca passava junto do restaurante sem trocar umas palavras com ele. “Tal como Surya, o velho hindu da casa de chá, este homem tinha o dom de recarregar as minhas baterias”, confessaria. “Emitia boas vibrações.”

L

Como conseguir que um americano, acabado de chegar de um mundo diferente, apreendesse no espaço de horas todas as subtilezas da vida de um bairro de lata? Kovalski sabia por experiência que a “Cidade da Alegria” era um lugar a descobrir em doses homeopáticas e que, acima de tudo, era preciso merecer. Seria um longo e difícil empreendimento.

Contudo, nessa primeira noite iria dar-se um acontecimento excepcional que aceleraria o processo e mergulharia Max Loeb no âmago do que o rodeava. O polaco dera a provar ao companheiro uma sobremesa, um pedaço de barfi, o delicioso nogá bengalês que se come enrolado numa fina folha prateada, quando um homenzinho entrou de rompante. Precipitou-se na direção de Kovalski, prostrou-se-lhe aos pés e falou-lhe em bengali com as mãos unidas num gesto suplicante. Tinha um ar de urgência e profunda comoção, e Max Loeb apercebeu-se de que lhe faltavam alguns dedos nas duas mãos.

— Quais são os teus conhecimentos de obstetrícia? — inquiriu Kovalski, levantando-se.

— Só os que aprendi na Faculdade — respondeu o americano com um encolher de ombros. — Pouca coisa...

— Anda. Será melhor do que nada. Parece que alguns dos meus amigos quiseram reservar-te uma pequena surpresa de boas-vindas. É isso mesmo, doutor! — acrescentou o polaco, encantado com a admiração do americano. — Querem dar-te o nascimento de um bebê.

— E querem que eu ajude?

— Como adivinhaste?

Apressaram-se a seguir o mensageiro que os esperava impacientemente na rua. Metidos na lama até a barriga das pernas, avançavam cautelosamente. De vez em quando tropeçavam em qualquer coisa mole, sem dúvida o cadáver de um cão ou um rato. Escurece cedo nos trópicos e a noite apresentava-se negra como breu.

— Tenta não mergulhares de cabeça num dos esgotos — acautelou Kovalski, aludindo a um dos fossos de dois metros que atravessava o bairro de lata.

— Seria uma boa forma de me provocar saudades das praias da Florida!

— Se conseguisses escapar-te com vida! No meio desta porcaria,

morrias em segundos por causa dos gases.

Avançaram durante mais de um quarto de hora com prudência e sob os olhares surpreendidos dos habitantes, que se interrogavam sobre onde iriam estes dois sahib através da lama e àquela hora.

— Baixa a cabeça!

O aviso salvou o americano de rachar a cabeça contra uma grossa viga de bambu.

— Tens de te habituar a caminhar curvado nestas redondezas... Lembra-te de que ajuda a mantermo-nos humildes.

Max dobrou o robusto corpo para entrar no recinto a abarrotar de gente, que discutia ruidosamente mas se calou ante a chegada dos dois estrangeiros. Ante a luz fraca de uma candeia, o americano distinguiu rostos sem nariz e cotos que se agitavam como os de marionetas. Apercebeu-se de que estava no bairro dos leprosos.

O fator mais insuportável residia no cheiro, um odor a carne putrefata. Tal como Stephan Kovalski na sua primeira visita, Max mal conseguia acreditar nos seus olhos. Aos pés destes corpos mutilados, brincavam crianças. Crianças de corpinhos robustos que pareciam saídas de qualquer anúncio publicitário. Um velho de cabelos grisalhos conduziu Kovalski e o companheiro na direção de um quarto miserável de onde saíam fracos gemidos. Quando iam a atravessar o limiar da porta, duas velhas de rostos enrugados tentaram bloquear-lhes o caminho, presenteando-os com uma torrente de insultos, saídos das bocas avermelhadas pelo bétel.

— Matronas! — explicou o polaco, virando-se para Max. — Consideram a nova vinda como uma afronta para elas.

Sem cerimônia, o velho afastou as mulheres do caminho e fez entrar os visitantes. Alguém trouxe uma vela e Kovalski avistou um rosto muito pálido, com profundas olheiras.

— Meeta! — exclamou, surpreendido.

A jovem mulher do seu amigo aleijado parecia exausta. Estava banhada num mar de sangue. Abriu os olhos com dificuldade, mas, ao descobrir o familiar nariz arrebitado e a fronte semicalva inclinados sobre ela, esboçou um sorriso.

— Grande Irmão Stephan! — suspirou num murmúrio.

Estendeu as mãos na sua direção, ao mesmo tempo que Max retirava os trapos que lhe serviam de compressas sobre o ventre.

— Temos de nos apressar! — declarou o americano. Caso contrário, é o

fim para os dois.

Acabara de descobrir entre as pernas da leprosa, o cimo de uma pequena cabeça ensanguentada. A criança ficara presa a meio caminho. A mãe não conseguia expeli-la. Talvez já estivesse morta.

— Tens alguma coisa que lhe aguento o coração? — perguntou Max, ao mesmo tempo que verificava o pulso da mulher.

Kovalski rebuscou na maleta que nunca o abandonava e onde trazia sempre alguns medicamentos de urgência e retirou um frasco.

— Tenho um pouco de coramina — respondeu.

— Nada mais forte? — replicou Max com um esgar. Um estimulante cardíaco intravenoso?

A pergunta pareceu tão incongruente ao padre que, apesar das circunstâncias, não conseguiu impedir-se de soltar uma gargalhada.

— Por quem me tomas? — disse. — Algum drugstore de Miami?

O americano desculpou-se com um sorriso ligeiramente forçado e Kovalski pediu uma xícara de água, onde deitou o medicamento. Ajoelhando-se à cabeceira da jovem leprosa, amparou-lhe a cabeça e ajudou-a a beber devagar, acrescentando involuntariamente ao líquido da xícara as gotas de suor que lhe escorriam da testa. Fazia no mínimo 45 graus naquele buraco.

— Diz-lhe que faça o máximo de força — ordenou Max.

Kovalski traduziu as palavras em bengali. Meeta contraiu o corpo, ofegante com o esforço. Lágrimas de dor rolavam-lhe pelo rosto.

— Não, não é assim! É preciso que faça força para baixo! Diz-lhe que primeiro respire fundo e depois se esforce por expelir quando expirar. Depressa.

Max estava banhado em suor. Limpou a cara e o pescoço. Tinha um gosto a ranço na boca. Seria do calor, do guisado de búfalo que não digerira, do cheiro ou da visão de todos estes corpos mutilados? Acometeu-o um desejo incontável de vomitar. Ao vê-lo empalidecer, Kovalski despejou o resto do frasco de coramina na xícara de onde a leprosa acabara de beber.

— Bebe isto rapidamente!

— Estás doido? — retorquiu Max, com um olhar sobressaltado para o recipiente.

— Não tens alternativa. Todos têm os olhos em ti. Se mostrares repulsa, podem irritar-se. Com os leprosos nunca se sabe. Não te preocupes — acrescentou, ao ver que Max ficava

ainda mais pálido. — A lepra de que ela sobre não é contagiosa.

Max levou a xícara aos lábios, fechou os olhos e bebeu o conteúdo de um trago. Uma rapariguinha de olhos pintados de carvão tinha-se aproximado e começou a abaná-lo com um pedaço de cartão. Sentiu-se melhor. Ao inclinar-se para examinar com mais pormenor a mulher em trabalho de parto, verificou que a criança se apresentava atravessada. Não era o cimo da cabeça o que estava a sair, mas a nuca. Max sabia que só havia uma maneira de arrancar o bebê: virá-lo.

— Achas que o bebê ainda vive? — perguntou Kovalski.

— Como posso saber sem um estetoscópio?

O jovem médico aplicou o ouvido ao ventre da leprosa. Endireitou-se com uma expressão desapontada.

— Não há pulsação — declarou. — Mas isso não significa nada. Ele está atravessado. Diz-lhe por amor de Deus que faça mais força.

A coramina fazia efeito; as contrações da leprosa aumentavam de vigor. Max sabia que devia aproveitar cada impulso. Não lhe restava dúvida de que era esta a sua última oportunidade.

— Dá a volta e vai para o outro lado — dirigiu-se a Kovalski. — Enquanto eu tento tirar-lhe a criança, massageava-lhe o ventre de cima para baixo, a fim de ajudar a expulsão.

Mal Kovalski passou à ação, o médico meteu delicadamente a mão por trás da nuca do bebê. Meeta soltou um gemido.

— Diz-lhe que respire fundo e faça força sem mexer o corpo.

Todos os músculos da leprosa se retesaram. Com a cabeça atirada para trás e os lábios crispados, fez um esforço desesperado.

O que aconteceu em seguida pode parecer inverosímil. A mão do americano chegara precisamente aos ombros do bebê quando duas bolas peludas, caídas do tecto, passaram diante dos seus olhos e aterraram no ventre da mãe. Alguns ratos tinham conseguido sobreviver no madeiramento do casebre. Tinham o tamanho de gatos. Max ficou tão surpreendido que retirou a mão. Foi o seu gesto brusco ou o choque provocado pela queda dos animais? Uma coisa era certa: o corpo da criança ficou na posição exata.

— Força, força, força! — gritava Max à leprosa.

Segundos depois, recebeu nas mãos um invólucro de carne envolto em muco e sangue. Ergueu-o como se exibisse um troféu.

Era um rapazinho magnífico, que devia pesar uns três quilos. Verificou que os pulmões se lhe enchiam de ar e a boca se abria para soltar um surpreendente vagido de alegria no recinto do bairro. Uma das matronas

cortou o cordão umbilical e atou-o com um pedaço de juta. A outra trouxe uma bacia para iniciar as abluções.

Ao ver as roupas da criança, o americano sentiu um baque no coração. “Esta gente deve ter uma resistência de ferro”, pensou.

Dado que nenhum brâmane aceitaria entrar num recinto de leprosos, a honra de proceder ao primeiro ritual que se segue ao nascimento de uma criança cabia a Stephan Kovalski. Sentiu, repentinamente, que alguém lhe tocava nos pés e, ao baixar os olhos, avistou Anouar, que acabara de chegar no seu bocado de madeira com rodas. Depois de ter limpo o pó dos tênis de Kovalski, o aleijado levou os cotos à testa em sinal de respeito. Parecia exultante de alegria.

— Deste-me um filho, Stephan Kovalski. Um filho! — exclamou o marido de Meeta, que devido à angústia se mantivera afastado do local até este momento triunfal. Trazia agora uma tigela cheia de bagos de arroz. Agarrando-a entre os cotos, ofereceu-a ao padre.

— Coloca o arroz junto do meu filho — pediu — para que os deuses lhe garantam uma longa e próspera vida.

Pediu, em seguida, uma lamparina de azeite a umas matronas. Segundo o ritual, a mecha deveria arder ininterruptamente até o dia seguinte. Caso se apagasse, o recém-nascido não viveria.

“Todos os leprosos estavam radiantes”, escreveria Max Loeb na sua primeira carta à noiva e em que narrava as suas demonstrações eufóricas. “Era impossível restringi-los. Mãos sem dedos envolveram-me o pescoço e rostos destruídos beijaram-me. Os aleijados erguiam as muletas e manejavam-nas como baquetas de tambor. Deus te abençoe, Grande Irmão de Stephan!”, gritavam as pessoas. Até mesmo as matronas se juntaram à festa. As crianças trouxeram biscoitos e doces, que tivemos de comer, sob pena de quebrar as regras da hospitalidade. Eu sentia-me sufocado e nauseado. O odor putrefato era ainda mais insuportável no recinto que dentro do buraco. No entanto, Stephan, o meu companheiro, parecia completamente à vontade. Agarrava as mãos sem dedos que se estendiam na sua direção, ao passo que eu me limitava a unir as minhas naquele belo gesto de saudação que vira as pessoas fazer no aeroporto. Os vagidos daquele recém-nascido encheram a noite. A minha primeira noite em Calcutá.”

“Não existem apenas tigres e cobras na selva de Calcutá”, maravilhou-se Hasari Pai. “Também se encontram pombas e cordeiros, até mesmo entre os

motoristas de táxi.” Os últimos eram, regra geral, verdadeiros patifes, que não tinham qualquer simpatia pelos cavalos humanos. Conduzindo como rajás nos seus palaquins pretos e amarelos com motor, nunca perdiam uma oportunidade de vincar a sua personalidade.

Um dia, num engarrafamento, um destes “rajás” atirara Hasari e o seu carro para uma sarjeta. Foi nessa altura que se deu o milagre. O motorista, um homenzinho careca com uma cicatriz no pescoço, parou a fim de se desculpar. Não era um sardarji do Punjab, com a sua barba frisada, um turbante e uma adaga, mas um bengalês como Hasari, natural de Bandel, uma pequena localidade nas margens do Ganges, a uns trinta quilômetros da sua aldeia. Apressou-se a ajudar Hasari a retirar o riquixá da sarjeta e sugeriu-lhe mesmo que bebesse uma garrafa de bangla na sua companhia. No dia seguinte, apareceu debaixo de uma chuvada torrencial. Abandonando os respetivos veículos, os dois homens abrigaram-se num estaminé clandestino por detrás de Park Street.

O motorista de táxi chamava-se Manik Roy. Começara como motorista de ônibus, mas, uma noite, um bando de dacoit, bandidos que operavam nas autoestradas, mandou-o parar. Após terem obrigado os passageiros a descer, os bandidos cortaram-lhes as goelas, depois do que se apoderaram de tudo o que eles traziam. Manik ignorava o milagre através do qual acordara vivo no dia seguinte. Conservava ainda, porém, uma impressionante cicatriz no pescoço como recordação daquela noite horrível. Este o motivo por que o haviam alcunhado de “Chamotkar”, que significa literalmente “filho do milagre”.

Aos olhos de Hasari este homem era, de fato, o “filho do milagre”, mas por outra razão. Em vez de agarrar os varais de um riquixá, as suas mãos acariciavam um volante; em vez de pisar o alcatrão e os buracos, os seus pés pousavam alegremente sobre três pequenos pedais forrados de borracha; em vez de penar e suar, ganhava o arroz para os seus filhos confortavelmente sentado num carro mais nobre que o de Arjuna. Um táxi! Qual o condutor de riquixá que não sonhara que algum dia os quatro braços do deus Viswakarma tocariam suavemente no seu velho calhambeque e o transformariam num desses veículos pretos e amarelos que percorriam as ruas de Calcutá?

Um dia o “Filho do Milagre” convidou Hasari a acompanhá-lo no seu táxi. Não poderia ter-lhe oferecido melhor presente. “Era como partir para o Sri Lanka com o exército de macacos”, diria Hasari, “ou como se me propusesse sentar-me no carro de Arjuna, rei dos Pandava.” Que maravilha,

na verdade, instalar-se num assento tão macio que se baixava à mínima pressão do corpo; descobrir diante dos olhos todo tipo de mostradores e ponteiros, que forneciam informações sobre o estado do motor e de outras peças. O “Filho do Milagre” introduziu uma chave numa fenda e logo se ouviu uma alegre contraexplosão por baixo do capô. Apertou depois com o pé num dos pedais e manobrou uma alavanca sob o volante. “Era fantástico como aqueles gestos tão simples bastavam para pôr o táxi em movimento”, diria Hasari. “Era uma maravilha pensar que para o fazer andar e dar-lhe cada vez mais velocidade bastava carregar com a ponta do pé num pequeno pedal.” Hasari observava o companheiro, mudo e quedo. “Será que também eu poderia fazer estas coisas?”, interrogava-se. “O ‘Filho do Milagre’ já foi motorista de táxi numa encarnação anterior? Ou só na sua atual existência é que aprendeu a conduzir um automóvel?” O motorista apercebeu-se da perplexidade do companheiro.

— Um táxi é muito mais fácil de conduzir do que o teu carro — declarou. — Repara bem. Basta um simples apoio neste pedal e paras. — O veículo parou tão bruscamente que Hasari foi atirado de encontro ao para-brisas. O “Filho do Milagre” desatou a rir.

O condutor de riquixá descobrira um outro mundo, um mundo onde se davam ordens a escravos mecânicos e não a músculos, onde a fadiga não existia, onde se podia falar, fumar e rir enquanto se trabalhava. O “Filho do Milagre” conhecia os lugares da alta, os restaurantes de luxo, cabarés e hotéis na área de Park Street. Trabalhava para uma larga rede de intermediários de hotéis que lhe reservavam as melhores corridas. Estes intermediários tinham sociedade com os porteiros e os empregados. O sistema funcionava impecavelmente.

O “Filho do Milagre” apanhou os seus dois primeiros clientes do dia em frente do Park Hotel. Eram estrangeiros e pediram-lhe que os levasse ao aeroporto. “Passou-se em seguida algo que me provocou um choque”, narraria Hasari. “Antes de arrancar, o meu amigo saiu do táxi, deu a volta e baixou uma espécie de pequena bandeirola metálica numa caixa fixa ao lado esquerdo do para-brisas. O que vi nesta caixa pareceu-me tão extraordinário que não conseguia desviar os olhos. À medida que avançávamos, um número aparecia na caixa em cada cinco ou seis segundos. Era como se visse as rupias a caírem no bolso do meu amigo! Só o deus Viswakarma poderia ter inventado uma tal máquina, uma máquina que fabricava rupias e enriquecia o seu dono a cada instante que passava. Nós, os condutores de riquixá, jamais

víamos tanto dinheiro a cair-nos nos bolsos. Cada uma das nossas corridas tinha um preço fixado antecipadamente. Podia-se discutir para pedir um pouco mais ou aceitar um pouco menos. A ideia, porém, de que bastava carregar num pedal para que as rupias comesçassem a chover como rosas selvagens num dia de vento era tão inconcebível como ver nascer notas de banco num arrozal.” Quando o “Filho do Milagre” parou o táxi diante do aeroporto de Calcutá, o contador indicava uma soma que pareceu tão astronômica a Hasari que o levou a interrogar-se se representaria mesmo rupias. E eram! Aquela única corrida custara trinta e cinco rupias, quase tanto como Hasari ganhava em meia semana. No regresso, o “Filho do Milagre” parou numa grande garagem de Dwarka Nath Road.

— Quando tiveres economizado rupias suficientes, é aqui que virás buscar o teu nirvana.

O passaporte para este nirvana era um livrinho de capa vermelha e duas páginas com selos, uma fotografia de identificação e uma impressão digital. O “Filho do Milagre” tinha razão: este pedaço de cartão, era a joia mais preciosa com que um condutor de riquixá poderia sonhar, a chave que lhe permitiria sair do seu karma e abrir a porta de uma nova encarnação. Este documento era a carta de condução para o Bengala Ocidental e esta garagem a mais importante escola de condução de Calcutá, a Grewal Motor Training School. No interior havia um enorme pátio onde se encontravam estacionados caminhões, ônibus e carros de instrução. Debaixo de uma área coberta, estava instalada uma espécie de sala de aula com bancos. Nas paredes, diversos quadros mostravam as várias peças de um automóvel, os sinais de trânsito a respeitar na cidade e na estrada, bem como esquemas de todos os acidentes possíveis. Via-se igualmente um enorme mapa colorido de Calcutá, incluindo uma lista de itinerários destinada a informar os futuros motoristas de táxi. Hasari não sabia para onde olhar primeiro, no meio de tanta coisa a observar. Qual o condutor de riquixá que poderia esperar atravessar um dia a ombreira desta escola de sonho? Receber as lições de instrução e passar o exame para obtenção da carta representava uma despesa impossível, quase seiscentas rupias, mais que o dinheiro que de quatro em quatro meses enviava à família que ficara na aldeia.

Quando, porém, voltou a entrar no táxi, Hasari sentiu como se tivesse este sonho tatuado na pele. “Tentarei recuperar as minhas forças para trabalhar ainda mais. Privar-me-ei outro tanto, mas um dia (juro sobre as cabeças dos meus filhos Manooj e Shambu) arrumarei o meu guizo no baú,

juntamente com os nossos trajes festivos, e irei entregar a minha velha geringonça a Musafir. E instalar-me-ei com o meu belo livrinho vermelho atrás do volante de um táxi preto e amarelo. Escutarei depois orgulhosamente a queda das rupias no contador, semelhantes às primeiras e grossas gotas de uma tempestade da monção.”

LI

— Não é exatamente o Hilton de Miami — desculpou-se Kovalski —, mas repete de ti para ti que esta gente vive aos dez e aos doze em quartos duas vezes mais pequenos.

Max Loeb esboçou um esgar enquanto inspecionava o alojamento que o polaco lhe encontrara no centro da “Cidade da Alegria”. Em comparação com muitos outros era, porém, um alojamento principesco equipado com um charpoi novo em folha, um armário, uma mesa, dois tamboretas, um balde e um jarro. E na parede um calendário com a fotografia de um bonito e rechonchudo bebê. O quarto dispunha mesmo de uma janela sobre a ruela. Outra das vantagens provinha de que o chão estava elevado cerca de trinta centímetros, o que, pelo menos teoricamente, o punha ao abrigo das inundações das monções ou dos dejetos dos esgotos.

— E a casa de banho? — inquietou-se o americano.

— As latrinas são ao fundo da ruela — respondeu Kovalski. — No entanto, será conveniente não as utilizares muito por agora. — A expressão perplexa de Max divertiu Kovalski. — E a melhor forma de não as utilizares muito, é comeres apenas arroz — acrescentou. — Ficas como se tivesses cimento nos intestinos.

A chegada de Bandona interrompeu o diálogo. Max ficou encantado com a beleza oriental da jovem assamesa. Com o seu sari vermelho-vivo, mais parecia uma princesa de uma iluminura.

— Bem-vindo a Anand Nagar, doutor — cumprimentou ela timidamente, oferecendo um ramo de jasmins ao americano.

Max aspirou o intenso perfume que as flores emanavam. Por uma fração de segundos esqueceu o que o rodeava, o barulho e o fumo das chulas, que lhe fazia arder os olhos. Foi transportado a milhares de quilômetros. Este perfume assemelhava-se ao das tuberosas que na Primavera enfeitavam o terraço da sua casa na Florida. “Que coisa estranha sentir aquele perfume no meio de tanta imundície”, recordaria.

Alguns minutos bastaram para que a jovem tornasse o quarto do americano mais acolhedor. Movimentando-se sem o mínimo ruído, como um gato, desenrolou uma esteira nas cordas do charpoi, acendeu várias lamparinas de azeite, pôs a arder pausinhos de incenso e dispôs as flores num vaso de cobre, em cima da mesa. Quando acabou, ergueu os olhos para o

tecto.

— E a vocês ordeno-vos que deixem dormir o doutor — disse. — Veio do outro lado do mundo e está muito cansado.

Foi por estas palavras que Max se apercebeu de que iria partilhar o quarto. Preferiria fazê-lo com esta bela rapariga oriental ou com alguma deusa do Kama Sutra do que com os animais peludos que já encontrara na casa da leprosa. De súbito, ouviu-se um pequeno grito agudo e repetido. Bandoná pousou a mão no braço de Max, tomada de uma repentina alegria, que se revelou nos olhos amendoados.

— Escuta, doutor — extasiou-se, apurando o ouvido. — É o tchik-tchiki. Está a saudar-te.

Max olhou para o tecto e avistou um lagarto verde que o fitava.

— É o melhor augúrio que podias ter tido — anunciou a jovem. — Vais viver mil anos!

Na medida em que os coquetéis molotov do “padrinho” da máfia tinham reduzido a cinzas o edifício onde Kovalski esperava cuidar dos leprosos e instalar um consultório para os outros habitantes do bairro de lata, foi o quarto do americano que, durante o dia, se transformou no primeiro dispensário da “Cidade da Alegria”. Desde as sete da manhã às dez da noite, e algumas vezes mais tarde, esta única divisão iria servir de sala de recepção, sala de espera, de consulta e de operações, uma sala de sofrimento e de esperança para algumas centenas dos setenta mil habitantes do bairro.

“As instalações eram rudimentares”, viria Max a narrar. “A minha mesa e a cama serviam para as observações e tratamentos. Não havia esterilizador e os meus instrumentos resumiam-se às três” ou quatro pinças e bisturis da minha maleta de estudante. Estávamos bem longe da Bei Air Clinic de Miami!” A reserva de ligaduras, gaze e algodão era, por outro lado, bastante boa. Kovalski dera mesmo a Max um presente de uma das suas admiradoras belgas: várias caixas de compressas esterilizadas para o tratamento de queimaduras. O padre passara três dias a discutir com os funcionários da Alfândega para as obter, sem pagar as quatrocentas rupias de direitos e o suborno solicitados. O que mais faltava eram os medicamentos. O americano tinha apenas à disposição o conteúdo de um pequeno bau metálico: um pouco de sulfona para os leprosos, de Ryfomicina para os tuberculosos e de quinino para o paludismo, bem como uma pequena reserva de pomadas para as doenças de pele e algumas vitaminas para as crianças mais atacadas pela subalimentação. Havia, finalmente, alguns antibióticos para os casos de

viroses. “Nada tinha de que me vangloriar”, contaria Max, “mas, como dizia Kovalski a quem o queria ouvir, o amor compensava tudo.”

O “telefone indiano” nada tinha a invejar ao seu rival árabe. Mal o dispensário abriu, todo o bairro ficou a saber da sua existência. Nas ruelas, recintos e oficinas as pessoas só falavam do “rico Grande Irmão” que viera da América para aliviar a miséria dos pobres. A “Cidade da Alegria” recebera a visita de um “grande bruxo”, um “grande daktar”, um “fazedor de milagres”, que iria curar os habitantes de todos os seus males. Kovalski encarregou Bandona de ajudar Max na sua tarefa. Era necessário alguém como a jovem assamesa para separar os que se encontravam realmente doentes daqueles que fingiam e detectar as urgências, os casos graves, as doenças crônicas e as incuráveis.

Uma maré violenta! Dezenas de mães acorreram ao dispensário com os seus filhos cobertos de furúnculos, abscessos, antrazes, peladas, sarna, todas as doenças possíveis causadas pela onda de calor e os estafilococos que pululavam na “Cidade da Alegria”. Pelo menos duas de cada três crianças sofriam de gastroenterites e lombrigas. Que vasto campo de experiência para um jovem médico! Com um bônus de inúmeras doenças praticamente desconhecidas no Ocidente. Sem a ajuda de Bandona, Max jamais teria sido capaz de as identificar.

— Vês estes traços brancos nas pupilas, Grande Irmão Max? — dizia-lhe ela, mostrando-lhe os olhos de uma criança de tenra idade. — É o indício de xeroftalmia. Dentro de um ou dois anos, o pobre miúdo cegará. Não se conhece isto no teu país.

Max Loeb sentia-se ultrapassado, afundado, submerso. Nada do que aprendera na Faculdade o tinha preparado para este confronto com a pobreza fisiológica do Terceiro Mundo nas suas piores facetas. Fenômenos como os olhos muito amarelos, um emagrecimento crônico, gânglios inchados e dolorosos no pescoço não correspondiam a nada que ele conhecesse. E, no entanto, estes eram os sintomas da doença mais espalhada na Índia e a que causava a mais elevada taxa de mortalidade: a tuberculose. O Instituto Nacional de Tuberculose afirmava que cerca de duzentos e sessenta milhões de indianos estavam contaminados (Índia Today, 30 de novembro de 1982).

Na primeira semana, o americano examinou e tratou o melhor que podia 479 doentes.

“Era um desfile interminável e patético”, viria a contar. “Por vezes, com algumas notas folclóricas. A maioria das crianças andavam nuas, com

somente um fino cordão à volta da cintura e um saquinho à altura do umbigo. A sua nudez facilitava a auscultação, mas dificultava o tratamento, dado que os corpinhos deslizavam por entre os dedos como se fossem enguias. Muitas das mulheres estavam tatuadas, algumas da cabeça aos pés. Apareciam com os seus melhores haveres: uma única pulseira de vidro colorido ou joias autênticas belamente trabalhadas, como brincos, uma argola na asa do nariz, enfeites de ouro ou prata nos pulsos, nos dedos, nos tornozelos e ocasionalmente nos dedos dos pés. Ostentavam, por vezes, colares com símbolos religiosos: um Corão em miniatura ou um crescente para as muçulmanas; um tridente de Shiva para as hindus; uma pequena espada de prata para as siques; e no caso das cristãs uma cruz ou uma medalha. Quanto às animistas, usavam todo o tipo de feitiços e amuletos.

“A tinta ocre ou escarlate com que as mulheres cobriam as mãos e os pés, bem como o bétel vermelho que inúmeras mulheres mascavam para enganar a fome, não facilitavam os meus diagnósticos. Como é que eu podia descobrir debaixo de toda esta tinta uma alteração da cor da pele ou inflamação das membranas mucosas da boca ou da garganta? Alguns doentes tentavam, pelo contrário, prestar-me uma ajuda excessiva. Como aquele velho encarquilhado que cuspiu um grande coágulo de sangue na mão e mo mostrou com extraordinária satisfação. Oh! Os milhões de bacilos que se passeavam naquela palma da mão! Logo no primeiro dia esforcei-me por aplicar alguns princípios rudimentares de assepsia e higiene. Não era de forma alguma coisa fácil. Nem sequer dispunha de uma bacia de lavatório onde desinfectar as mãos entre a observação de cada doente. E aqui os germes, a doença e a morte faziam parte do quotidiano! Vi uma mulher limpar com a ponta do sari a úlcera que lhe supurava a perna. E uma outra que espalhava com a palma da mão a pomada que acabara de lhe pôr na chaga.

“Felizmente, verificaram-se igualmente alguns episódios cômicos, como daquela vez em que uma criança me presenteou com um jato de urina em pleno rosto. A mãe apressou-se a secar-me, esfregando-me vigorosamente os olhos, a boca e as faces com a ponta do véu. Ou aquele indivíduo hilariante que se apresentou com uma receita de há anos, onde Bandona leu que, dado sofrer de um cancro generalizado em último grau, devia tomar seis aspirinas por dia. Ou ainda aquele outro que me estendeu, com tanta veneração como se se tratasse de uma imagem religiosa, uma radiografia aos pulmões mostrando fundas cavernas e que devia ter pelo menos vinte anos.

“Eram, porém, os casos trágicos que predominavam. Um dia, trouxeram-me uma rapariguinha com queimaduras atrozes por todo o corpo. Uma locomotiva expulsara o vapor no preciso instante em que ela andava a apanhar restos de carvão na via-férrea. Noutra altura, uma jovem hindu mostrou-me uma mancha branca no seu bonito rosto. Uma mera picada no centro da mancha bastou para que Bandona diagnosticasse uma doença que pouco se estudava nas faculdades americanas: lepra. Ou ainda o jovem pai de família que sofria de sífilis aguda, ao qual me vi obrigado a explicar, com a ajuda da jovem assamesa, os perigos de contágio que a mesma representava para a mulher e os filhos. Ou a mãe que me trouxe o pedaço de carne sem vida a que o seu bebê fora reduzido pela difteria. Sem falar dos que apareciam porque tinham como única esperança um milagre realizado pelo ‘grande daktar branco’: cancerosos, cardíacos graves, loucos, cegos, mudos, paralíticos e deformados.

“A visão mais insuportável, e aquela a que julgava ser incapaz de me habituar, era a daqueles bebês raquíticos de ventres inchados, autênticos monstros, que as mães suplicantes me depositavam em cima da mesa. Com a idade de um ano ou dezoito meses, nem chegavam a pesar três quilos. Sofriam de tais carências que as fontanelas não se tinham fechado. Privada de cálcio, a estrutura óssea dos crânios havia-se deformado e as suas características de dolicocefalos dava-lhes o ar de múmias egípcias. Com um tal grau de subalimentação, a maioria das suas células cinzentas encontrava-se provavelmente destruída. Mesmo que conseguisse proporcionar-lhes qualquer tratamento, seriam idiotas. Clinicamente classificados como tal.”

Max viria mais tarde a aprender que todas estas pequenas vítimas não passavam de mera amostra de um mal que atingia todo o país. Uma grande autoridade científica no assunto, o diretor da Fundação de Nutrição Indiana, declara que a Índia produz um número cada vez mais elevado de “sub-humanos” devido à sua alimentação insuficiente (“The Nutrition Factor”, pelo Dr. C. Gopalan, diretor da Fundação de Nutrição Indiana. Indian Express, a 9 de Janeiro de 1983.). Na opinião deste especialista, a saúde das gerações vindouras encontra-se comprometida. No mínimo cento e quarenta milhões de indianos, quase metade da população dos Estados Unidos, sofrem de subalimentação. Dos vinte e três milhões de crianças que nascem anualmente, apenas três milhões, ainda segundo a perspectiva desta autoridade, têm hipótese de atingir o estado adulto em boas condições de saúde. As outras estarão condenadas a morrer antes dos oito anos (quatro milhões) ou a tornar-

se cidadãos não rentáveis, por causa de deficiências físicas e mentais. Devido a carências alimentares, cinquenta e cinco por cento de todas as crianças com menos de cinco anos manifestarão problemas físicos e neurológicos, acarretando uma alteração de comportamento, ao passo que vários milhões de adultos sofrerão de gota, com as mesmas perturbações como sequelas.

No segundo dia, uma jovem muçulmana, com uma túnica negra e um véu, colocou o seu bebê envolto num pedaço de trapo em cima da mesa de Max. Fitando o médico com um olhar desvairado, desnudou o peito e agarrou os seios com as mãos.

— Estão secos! — exclamou. — Secos! Secos!

Em seguida pousou o olhar no calendário pregado na parede. Ao ver o bebê robusto que o pedaço de cartolina exibia, soltou um rugido. “A Nestlé dá saúde aos vossos filhos”, afirmava o slogan. A jovem mãe atirou-se ao calendário e fê-lo em pedaços. Nesse momento, uma outra mulher entrou de rompante. Empurrou a jovem mãe muçulmana e precipitou-se na direção do americano, colocando-lhe o bebê nos braços.

— Leva-o! — gemeu. — Leva-o para o teu país. Salva-o!

Era um gesto inconcebível, que traduzia a imensidade do desespero sentido por estas mães. “Em nenhum outro sítio”, diria Kovalski, “eu vira as mães adorarem os seus filhos como neste lugar, onde se privavam de tudo, se sacrificavam e davam o próprio sangue para que os filhos vivessem. Não, não era possível que tanto amor se desperdiçasse.”

Quanto a Max Loeb, tinha a certeza de que durante o resto dos seus dias veria “estas chamas de tristeza que ardiam nos olhos das mães da Cidade da Alegria’ ao assistirem, impotentes, à agonia dos filhos”. Nessa noite, Calcutá ofereceu-lhe uma outra recordação inesquecível. “OS MÉDICOS DE CALCUTÁ PÕEM NO MUNDO UM BEBÉ-PROVETA”, anunciava um jornal local em grandes parangonas.

LII

“Dizem que a cobra morde sempre duas vezes”, comentaria Hasari Pai. “Por outras palavras, uma infelicidade nunca vem só. Já tinha a febre vermelha nos meus pulmões. E, agora, recebia outro golpe. Ao romper de uma manhã, fui acordado por roncões de motor e o ranger de um bulldozer. ‘Aposto que esses safados voltaram’, disse à minha mulher, levantando-me.”

Vestiu o longhi e saiu precipitadamente. Em todo o bairro de lata reinava uma enorme agitação. Há vários dias que corriam boatos de despejo. Os “safados” tinham, de fato, aparecido: um bulldozer e duas carrinhas a abarrotar de polícias armados de lathi e granadas lacrimogêneas. Um automóvel preto Ambassador veio juntar-se-lhes e dele saíram dois babu em dhoti, envergando coletes por cima das camisas. Conferenciaram com o oficial da polícia que chefiava a operação e, em seguida, decorrido um momento, avançaram na direção do grupo formado pelos habitantes do bairro de lata.

O mais velho dos dois, que segurava alguns papéis na mão, tomou a palavra.

— A Câmara encarregou-nos de proceder à destruição do vosso bairro de lata — anunciou.

— Por que motivo? — inquiriu uma voz.

— Porque o vosso acampamento impede os trabalhos de construção da futura linha do metropolitano — respondeu o babu aparentemente desconcertado, dado que a arraia-miúda não tinha por hábito fazer perguntas.

Os habitantes entreolharam-se, perplexos.

— O que é isso de metropolitano? — dirigiu-se Hasari ao seu vizinho Arun, que afirmava ter viajado até o Afeganistão.

Arun viu-se forçado a confessar que não sabia. O babu consultou o relógio e retomou a palavra.

— Têm duas horas para reunir as vossas coisas e sair daqui — informou. — Passado esse prazo...

Sem se dar ao trabalho de fornecer explicações mais precisas, fez um gesto na direção do bulldozer. O funcionário expressara-se sem erguer a voz, como se tivesse vindo comunicar qualquer informação banal. Hasari observou o comportamento dos vizinhos. Não pronunciaram palavra e o silêncio tornou-se tão embaraçoso que os próprios babu pareciam pouco à

vontade. Tinham, sem dúvida, antecipado protestos, ameaças, qualquer reação. “Mas nada disso aconteceu”, comentaria Hasari. “Tinham vindo expulsar-nos como se caçam ratos e baratas e nós... nós nada dizíamos.” Ninguém podia, na realidade, sentir saudades deste bairro de lata, mas aquela amálgama de casebres era mesmo assim preferível a um passeio. Aqui, as pessoas tinham pelo menos um bocado de tecto e uns pedaços de cartão sobre a cabeça.

A falta de reação devia-se, na realidade, a um outro motivo. “Não dispúnhamos simplesmente de recursos”, acrescentaria Hasari. “Esta cidade acabara por eliminar qualquer capacidade de reação e neste putrefato bairro de lata não tínhamos ninguém que nos defendesse. Nem sindicato nem chefes políticos. Quanto aos rufias da máfia que haviam conseguido extorquir-nos o aluguer, haviam desaparecido por completo. E porque não admiti-lo? Já fôramos atingidos por tantas desgraças que mais um golpe pouca diferença fazia. Era sempre a roda do karma que não parava de girar.”

Os dois babu uniram as mãos num gesto de despedida e entraram no automóvel, deixando os ocupantes sós perante a polícia e o bulldozer. Foi nessa altura que algo de surpreendente aconteceu. Hasari viu o seu vizinho Arun pegar na viga de bambu que segurava o tecto do seu pardieiro e correr de encontro às forças da lei e da ordem. Ante este sinal, desencadeou-se a ação. Passado o entorpecimento inicial, todos se sentiram invadidos por uma raiva incontrolável. As barracas abateram-se, uma a uma; um dilúvio de materiais de construção abateu-se sobre a polícia. Alguns caíram por terra, o que duplicou a força dos atacantes. Carregaram sobre os polícias, batendo-lhes com tábuas, tijolos e telhas. As mulheres e as crianças gritavam para encorajar os homens. Hasari viu alguém pegar num prego e cravá-lo nos olhos de um polícia ferido. Viu outro vizinho derramar uma garrafa de petróleo no corpo de outro e pegar-lhe fogo. Alguns dos polícias tentaram disparar contra a multidão, antes de se refugiarem nas carrinhas, mas outros habitantes do bairro correram atrás deles, munidos com garrafas de petróleo; as carrinhas dos polícias incendiaram-se. Em seguida, alguém atirou uma garrafa para o bulldozer, que explodiu. Uma nuvem de fumo escuro envolveu o campo de batalha. Quando a luta acabou, as pessoas detiveram-se a analisar a extensão dos prejuízos. Vários polícias, gravemente queimados, jaziam, enroscados, no meio de um caos indescritível.

Quanto ao bairro de lata, dir-se-ia que um ciclone o pulverizara. Já não havia necessidade de um bulldozer, a raiva dos pobres fizera o trabalho, a

construção da linha do metropolitano poderia começar de acordo com o planeado.

Hasari, a mulher e os filhos prepararam-se para fugir antes que a polícia voltasse em força. Tinham perdido praticamente tudo. Mal haviam chegado ao primeiro cruzamento quando o silvo de sirenas encheu a atmosfera. Tal como centenas de outros fugitivos em busca de um pedaço de passeio, nada restava a Hasari e à família para além de esperar a misericórdia dos deuses. “Nesse dia, porém, os deuses de Calcutá estavam surdos.”

Deambularam a manhã inteira por toda a cidade, antes de chegarem junto ao portal de uma igreja, no passeio de Lower Circular Road. Ali existia um acampamento de algumas famílias pertencentes a uma tribo de adivasi. Os adivasi, que provinham do Norte da Índia, eram naturais de uma região à qual a sorte nem de perto nem de longe bafejara. O lugar em questão tinha a vantagem de se encontrar próximo de uma fonte. E pouca distância o separava de Park Circus, onde Hasari ia buscar o seu riquixá todas as manhãs. O condutor com o qual partilhava o seu veículo era um jovem muçulmano de cabelo encrespado e natural do Biar. Chamava-se Ramatullah e à volta do pescoço usava uma miniatura do Corão suspenso de uma pequena corrente. Trabalhava das quatro horas à meia-noite e mesmo até mais tarde, quando conseguia arranjar clientes. A fim de economizar o máximo de dinheiro para a família, dormia no carro, com a cabeça e as pernas pendentes de cada lado dos varais. Não era muito confortável, mas pelo menos ninguém lhe poderia roubar o riquixá enquanto dormia.

Ramatullah era um companheiro maravilhoso. Desde que vira Hasari tossir e cuspir sangue que não cessava de lhe testemunhar a sua amizade. Quando Hasari não aparecia de manhã, à hora habitual, apressava-se a descer até Harrington Street para recolher as duas crianças que o amigo estava encarregado de levar à escola diariamente, dado saber que perder um “contrato”, tão procurado pelos outros condutores, teria sido uma catástrofe. A tarde, chegava um pouco antes da hora, para evitar a Hasari a fadiga de uma última corrida, e sempre que o fazia dava ao doente o dinheiro que ganhara em seu lugar.

Ante o olhar assustado com que Ramatullah o saudou nessa manhã, Hasari deu-se conta de que a preocupação certamente se lhe refletia no rosto. Pôs Ramatullah ao corrente da batalha no bairro de lata e do despejo dos habitantes; mas nada servira, aparentemente, para que os olhos piedosos do muçulmano se desviassem do amigo.

— É preciso que vás consultar um médico imediatamente — disse Ramatullah. — Estás tão verde como um limão amargo. Anda. Sobe para o riquixá. Hoje, és o primeiro marwari do dia.

— Um marwari “peso-pluma”! Estás com sorte! observou Hasari, instalando-se no assento.

Dez minutos depois, o muçulmano conduzia o amigo hindu até o consultório de um especialista de medicina tradicional indiana em Free School Street. Dois outros doentes aguardavam já a sua vez num banco. O médico, um homem gordo e calvo, vestido com um dhoti impecavelmente branco, estava sentado numa cadeira ao fundo da divisão. Assemelhava-se a um zamindar ou um rajá dando uma audiência. Nas prateleiras à volta estava arrumada a farmacopeia da medicina tradicional indiana, numa fila de jarros e frascos cheios de ervas e pós. Após cada consulta, o médico levantava-se, escolhia alguns jarros e ia sentar-se a uma mesa por detrás de uma balança semelhante à utilizada pelos ourives e onde, depois de ter pesado meticulosamente cada ingrediente, procedia às misturas.

Quando chegou a vez de Hasari, o médico observou-o com um ar céptico e coçou a cabeça calva. Limitou-se a perguntar-lhe a idade. Em seguida, retirou pelo menos uns dez jarros das prateleiras. Levou um tempo imenso a proceder às diversas misturas. Além de vários comprimidos, adicionara ainda uma poção para restaurar as forças de Hasari. Pediu vinte rupias como pagamento. Este preço era consideravelmente mais elevado que o do kak, mas Ramatullah garantiu ao companheiro que nada havia melhor do que as drogas deste homem para curar a febre vermelha. Conhecia dois amigos que ele tinha salvo. “Fingi acreditar nele, mas no íntimo eu sabia que não havia cura para a febre vermelha. A prova residia em que levava um homem corajoso como Ram Chander.”

De regresso a Park Circus, Hasari ouviu o guinchar de pneus atrás de si. Era o “Filho do Milagre” que passava no seu táxi. Tinha uma expressão excitada, como se acabasse de ter despejado três garrafas de bangla. “Quando mal nos aguentamos de pé e temos o moral mesmo em baixo, o súbito aparecimento de um rosto familiar sorridente é tão reconfortante como ver aparecer a bola de fogo de Surya após oito dias de monção”, observaria Hasari.

— És exatamente a pessoa que eu procurava — gritou-lhe o amigo. — Tenho boas notícias para ti, mas primeiro quero que me pagues uma bebida.

O “Filho do Milagre” arrastou Hasari e Ramatullah até uma ruela por detrás de Free School Street, onde conhecia uma taberna clandestina. Mandou vir duas garrafas de bangla. Depois do primeiro copo, os olhos começaram a brilhar-lhe.

— No meu bairro de lata há uma família que vai voltar à sua aldeia — disse, finalmente, o “Filho do Milagre”. — O seu quarto fica, por conseguinte, livre. É uma divisão sólida com um verdadeiro telhado, paredes, uma porta. Pensei logo em ti...

“Nem sequer ouvi o resto”, recordaria Hasari. “Minha vista obscureceu repentinamente e começaram a soar guizos na minha cabeça. Avistei depois um homem que ardia como uma tocha e senti que batia com a cabeça em qualquer coisa dura. Ignoro quanto tempo aquilo durou, mas quando abri os olhos estava estendido no chão e avistei os rostos afogueados do Filho do Milagre’ e de Ramatullah inclinados sobre mim. Esbofeteavam-me com toda a força para me reanimarem.”

LIII

Dentre todos os bichos com os quais Max Loeb tinha de partilhar a sua habitação, nenhum lhe causava mais repugnância do que as baratas. Havia centenas, milhares delas. Criaturas que conseguiam resistir a todos os insecticidas e devoravam absolutamente tudo, inclusive plástico. Durante o dia conservavam-se mais ou menos inativas, mas mal caía a noite atacavam em plena força, movendo-se com uma rapidez vertiginosa e ziguezagueando em todos os sentidos. Não respeitavam qualquer parte do corpo, nem sequer o rosto. As mais difíceis de combater eram as pretas. Tinham um formato mais alongado e uma cintura mais fina do que as gordas baratas castanhas. As suas únicas inimigas eram as peludas aranhas gigantes, que pendiam como octópodes das mais grossas vigas de bambu.

Na segunda noite, Max teve oportunidade de assistir a um espetáculo que se tornaria uma das principais distrações das suas noites. A luz da candeia avistou um lagarto que perseguia uma barata preta. Quando estava prestes a ser apanhada, o insecto cometeu um erro fatal: refugiou-se por baixo do estômago de uma aranha. Nessa altura Max viu a aranha agarrar a intrusa com as pernas e enterrar-lhe no corpo as duas presas de que está munido o seu abdômen. Em alguns minutos esvaziou a barata como se fosse um ovo. As execuções deste gênero eram frequentes. Todas as manhãs, Max tinha de sacudir o pijama, para se livrar de carcaças vazias de baratas que lhe haviam caído em cima durante a noite.

Pouco depois da sua chegada, Max Loeb foi vítima de um incidente que lhe permitiria conhecer os seus vizinhos melhor do que se tivesse passado um ano com eles. Uma noite em que estava deitado, a ler, reparou numa criatura pouco maior do que um gafanhoto que descia rapidamente pela parede ao seu lado. Pôs-se de pé de um salto e o animal espetou-lhe o ferrão no calcanhar. Mais por medo do que pela dor sentida, Max soltou um grito e esmagou o agressor com a sandália. Era um escorpião. Colocou imediatamente um garrote à volta da coxa, para impedir que o veneno se propagasse, mas esta precaução foi inútil. Invadido por violentas náuseas, suores frios, tremores e alucinações, desmaiou em cima da cama.

“Não tenho a mínima recordação das horas que se seguiram”, viria a contar. “Apenas me lembro da sensação de um pano úmido na testa e da visão dos olhos amendoados de Bandona por cima de mim. A jovem

assamesa sorria-me e o seu sorriso acalmava-me. Havia uma multidão no meu quarto e era dia claro. As pessoas afadigavam-se à minha volta. Algumas massajavam-me as pernas, as crianças abanavam-me com pedaços de cartão e outras faziam-me respirar pequenas bolas de algodão embebidas numa substância de cheiro fortíssimo e nauseante. Outras apresentavam-me tigelas com poções e outras davam-me não sei que conselhos.”

O incidente proporcionara a todo o bairro a oportunidade de se reunirem e falarem, de comentarem e mostrarem a sua amizade. Max ficou sobretudo admirado ao verificar que ninguém parecia dar muita importância ao assunto. Aqui, a picada de um escorpião era uma coisa banal. Alguém informou Max de que já fora picado várias vezes. Outro homem expôs a coxa, ao mesmo tempo que repetia “Cobra, cobra!”, com ar de quem lhe dizia que a picada de um escorpião era insignificante. Contudo, estas pequenas criaturas matavam, anualmente, entre dez e doze pessoas do bairro de lata em particular crianças.

— Como é que soubeste? — perguntou Max a Bandoná.

— Quando os teus vizinhos não te viram sair para satisfazeres o “apelo da natureza”, Grande Irmão Max, interrogaram—se sobre se estarias doente. Quando não te viram na fonte, pensaram que estavas morto e, por conseguinte, foram chamar—me. Aqui não podes esconder nada. Nem mesmo a cor da tua alma.

LIV

Seria um exagero dizer que Stephan Kovalski recebeu a notícia com exclamações de júbilo. E, no entanto, estava convencido de que se tratava de um sinal de Deus a confirmar-lhe o significado da sua missão numa altura difícil. Neste momento da sua vida, este homem que tudo partilhara e tudo aceitara começava a sentir que lhe faltavam as forças. Para além do calor excessivo, a greve dos trabalhadores da Câmara que limpavam as latrinas havia transformado a “Cidade da Alegria” numa fossa mais difícil de tolerar do que nunca. À noite, enquanto procurava adormecer naquela umidade sufocante, Kovalski sonhava com as vastas planícies de trigo da sua nativa Polónia ou com as praias desertas da Bretanha. Sonhava com espaço, odores campestres, florestas, canteiros de flores, animais selvagens. Quando tinha chegado a este bairro de lata, tapara os ouvidos para não escutar os gritos de sofrimento. Agora, acontecia-lhe desejar tapar o rosto para nada mais ver nem sentir. Em resumo, encontrava-se em pleno estado depressivo. Nem sequer a presença de Max Loeb o aliviava. Foi nessa altura que Ashish e Shanta vieram dar-lhe a notícia.

— Encontramos-te um quarto no nosso recinto, Grand Irmão Stephan — anunciou Shanta com voz trémula. — Ninguém quer habitá-lo, porque o antigo locatário se enforcou do tecto. Às pessoas chamam-lhe o “quarto do enforcado”. Fica mesmo ao lado do nosso.

Um quarto num desses recintos onde cerca de cem pessoas viviam juntas, nasciam e morriam juntas, comiam e passavam fome juntas, onde tossiam, cuspiam, urinavam, defecavam e choravam juntas, onde se amavam, insultavam, se ajudavam e odiavam umas às outras, onde sofriam juntas e tinham esperança juntas! Há muito tempo que Kovalski desejara abandonar o anonimato da sua ruela para ir viver num recinto, para se dedicar ainda mais inteiramente aos outros. Agora, Ashish e Shanta tinham arranjado tudo. Tal como exigia o ritual, apresentaram o seu protegido ao mais idoso do recinto, um ex-marinheiro hindu que apanhara uma bebedeira durante a escala do navio e ficara em Calcutá. Há vinte e sete anos que Krishna Jado vivia em Anand Nagar. A sua extrema magreza, a respiração ofegante e a voz rouca revelavam que era tuberculoso. Ele apresentou, por seu turno, o polaco aos outros habitantes, que o receberam calorosamente. “Um padre sahib num recinto era como a chegada do Pai Natal”, dizia Shanta.

Onze famílias, cerca de oitenta pessoas, viviam neste retângulo de doze metros de comprimento por oito de largo. Eram todos hindus. Havia uma regra: as pessoas de religiões diferentes evitavam coabitar no mesmo recinto, onde a mínima diferença de costumes assumiria proporções gigantescas. Como podia uma família muçulmana grelhar um pedaço de carne de boi na sua chula mesmo ao lado de um vizinho que declarava sagrada a vaca? O inverso aplicava-se ao porco. Numa sociedade onde se dava tanta importância às práticas religiosas, melhor seria prever conflitos potenciais. Todas as horas do dia constituíam uma oportunidade para qualquer tipo de festa ou celebração. Hindus, siques, muçulmanos e cristãos pareciam competir entre si a nível de imaginação e fervor. Para além das grandes festas religiosas, os nascimentos, casamentos e todo o tipo de comemorações agitavam permanentemente os recintos. Um dia celebrava-se o aparecimento da primeira menstruação de uma jovem; noutra, todas as jovens casadouras rendiam culto ao lingam do deus Shiva para lhe pedir um marido tão bom como ele. Em qualquer outra altura, uma futura mãe festejava o primeiro mês da sua gravidez. Ou podia realizar-se uma enorme puja com brâmane, músicos e banquete, para glorificar o momento em que o bebê recebia a primeira colher de arroz das mãos do pai.

A cerimónia que decorria no momento em que Stephan Kovalski chegou à sua nova morada não era menos surpreendente. Reunidas atrás do poço, cerca de quinze mulheres entoavam cânticos o mais alto que as vozes lhes permitiam. Tinham na sua frente pratos metálicos a transbordar de oferendas: montículos de grãos de arroz, bananas, pétalas de flores, paus de incenso.

— Estão a implorar a Sitola que salve o pequeno Onima — explicou o mais velho do recinto.

A criança apanhara varicela e Sitola é a deusa da varíola. Todos os ocupantes do recinto participaram na puja. Tinham iniciado um jejum de três dias. Em seguida, ninguém comeria nem ovos nem carne — mesmo que tivessem meios de o fazer —, nem qualquer outro alimento que não fosse fervido, até a criança melhorar. Nenhuma das mulheres podia lavar ou estender roupa para não irritar a divindade.

Não houve, portanto, uma barra-khana (Banquete) para celebrar a chegada de Stephan Kovalski, mas o calor da recepção compensou a ausência da tradicional refeição festiva. Todos os habitantes aguardavam o novo locatário com grinaldas de flores. Shanta e as vizinhas tinham decorado a ombreira e o chão do quarto com rangoli, essas magníficas composições

geométricas de bom augúrio. No centro, Kovalski leu a mensagem de boas-vindas dos seus irmãos da “Cidade da Alegria”. Era uma frase do grande poeta bengalês Rabindranath Tagore: “És convidado para o festival deste mundo e a tua vida está abençoada.” Viera acompanhado de numerosos vizinhos hindus e muçulmanos da sua antiga habitação. O velho Surya, a mãe do pequeno Sabia, o carvoeiro do outro lado da ruela, Nasir, o filho mais velho de Mehboub, a maioria dos adultos e crianças da ruela onde tinha vivido nestes duros anos estavam presentes e choravam copiosamente. Embora as distâncias fossem minúsculas no bairro de lata, poderia julgar-se que o Grande Irmão Stephan iria partir para outro planeta. Foi talvez a mãe de Sabia quem melhor soube expressar o desgosto que todos sentiam.

— Antes de partires, dá-nos a tua bênção, Grande Irmão Stephan — pediu. — A partir de agora somos um pouco órfãos.

O padre ergueu a mão e traçou lentamente o sinal da cruz sobre as suas cabeças, repetindo num murmúrio as palavras sagradas: “Bem-aventurados sejais, pois sois os filhos do meu Pai. Sois a luz do mundo.”

Entrou depois no “quarto do enforcado”, a fim de largar a mochila e estender a esteira de palha de arroz.

— É tudo o que possuis? — surpreendeu-se uma mulher.

Ele esboçou um aceno de cabeça afirmativo. Logo um dos vizinhos trouxe um tamborete, outro alguns utensílios de cozinha e um terceiro queria oferecer-lhe o seu charpoi, mas Kovalski recusou este último. Desejava continuar a viver como um dos mais pobres dos pobres. Deste ponto de vista, o seu novo alojamento correspondia na íntegra aos seus desejos. Durante os quinze meses em que ninguém vivera ali, uma colônia de ratos aproveitara para se instalar. Machos pequenos, grandes e enormes, com caudas de trinta centímetros, e ratos bebês que emitiam guinchos agudos. Eram às dezenas. Infestavam o vigamento, corriam pelas paredes, metiam-se em todos os cantos. O chão estava coberto dos seus excrementos e nada parecia assustá-los. Os maiores tinham sobrevivido ao calor e a última tempestade parecia ter-lhes duplicado as energias. Eram eles os donos e senhores do “quarto do enforcado”. A primeira ação do novo locatário foi reivindicar-lhes um pedaço de parede, onde pudesse pregar a imagem do Santo Sudário. E um bocado de chão para se sentar na sua posição de reflexão e agradecer ao Senhor ter-lhe concedido esta nova oportunidade de amor e de partilha.

Amor e partilha! Estes escassos metros quadrados de terreno comum eram um lugar ideal para a concretização de um projeto do gênero. Aqui

vivia-se num estado de perfeita transparência. A menor emoção, o mais imperceptível movimento, qualquer palavra eram de imediato apreendidos, interpretados e tornados tema de comentário. Uma tal promiscuidade obrigava a precauções redobradas. Era preciso aprender a lavar-se ocultando a nudez sob o tecido do longhi, que se agarrava com os dentes; limpar o balde das latrinas de uma certa maneira; caminhar sem permitir que os olhos se detivessem numa mulher a urinar na sarjeta.

Nessa noite, Kovalski recebeu um verdadeiro choque. Expulso do seu quarto pelos ratos, procurou refúgio debaixo do pequeno alpendre do lado de fora da porta. Tropeçou nos vários corpos que já o tinham ocupado. Durante estas noites inacreditavelmente quentes todos dormiam ao ar livre. Por sorte, um muro baixo de tijolos erguido à entrada do recinto protegia-o dos detritos que transbordavam dos esgotos. Kovalski conseguiu arranjar lugar entre dois indivíduos adormecidos. “Havia tão pouco espaço que tive de me estender com a cabeça para os pés dos meus vizinhos, segundo o princípio da lata de sardinhas.”

Iria guardar duas recordações inesquecíveis desta primeira noite. Nenhuma delas se relacionou com os roncos dos vizinhos nem as cavalgadas das baratas e dos ratos sobre o seu rosto, os acessos de tosse e escarradelas dos tuberculosos ao seu lado, as rosnadelas dos cães vadios aos ratos, as pragas dos bêbados que tropeçavam sobre os corpos adormecidos ou os ruídos metálicos dos baldes que as mulheres traziam da fonte. A primeira impressão indelével daquela primeira noite foi o choro das crianças, vítimas de pesadelos. Os seus gritos, entrecortados por pedaços de frases que permitiam imaginar as terríveis visões que perturbavam o sono daqueles pequenos indianos. Havia uma enorme preocupação ligada aos tigres, espíritos e bhut, ou fantasmas. “Foi a primeira vez que ouvi os tigres a serem chamados pelo seu nome”, referiria Kovalski. Na Índia dizia-se sempre, o “grande gato”, a “grande fera”, o “grande felino”. Mas nunca “o tigre”, com receio de poder alertar o seu espírito e provocar o seu aparecimento. Era um tabu trazido originariamente do campo, onde os tigres, só em Bengala, ainda devoravam mais de trezentas pessoas por ano. Esta ameaça perseguia muitas crianças. Qual a mãe da “Cidade da Alegria” que não dissera um dia aos filhos: “Se não te portares bem, chamo o grande gato!”?

“A segunda recordação impressionante foi um ‘cocorocó’ vociferado junto aos meus tímpanos por um galo às quatro horas e meia da manhã, quando tinha acabado de adormecer.” Kovalski não tinha reparado na ave na

noite anterior. Pertencia aos ocupantes do quarto ao lado. Eram os únicos locatários que ainda não conhecia, pois, aparentemente, as suas atividades afastavam-nos muitas vezes do recinto. Tinham regressado tarde nessa noite. Kovalski sentou-se e viu “quatro mulheres a dormir lado a lado e envoltas em véus e saris de cores vivas”. Dizendo para os seus botões que nunca vira mulheres indianas tão altas, ainda mais surpreendido ficou ao ouvi-las falar, devido ao tom de voz rouco e surdo. Interrogou-se sobre se não estaria a sonhar. Depois compreendeu. Eram eunucos.

LV

Max Loeb acabara de tirar um charuto da sua caixa de Montecristo e preparava-se para o acender quando escutou um verdadeiro bombardeio no tecto do seu quarto. Era a décima noite após a sua chegada. Já presenciara tornados tropicais, mas jamais testemunhara tal tromba de água. Calcutá acabava de ser atingida por uma nova tempestade de pré-moção.

Max serviu-se de um uísque duplo e esperou. Não foi uma longa espera. A água infiltrou-se por entre as telhas e, no espaço de segundos, o quarto transformara-se num lago, cujo nível subia com crescente rapidez. Nos buracos próximos alguém estava a lutar por salvar o que pudesse. As pessoas gritavam e chamavam umas pelas outras. As primeiras gotas o americano apressara-se a empilhar sobre a cama a maleta de instrumentos, os seus objetos pessoais e as três caixas de leite em pó que Kovalski lhe trouxera para salvar bebês raquíticos no quarto e quinto grau de subalimentação. No topo da pirâmide colocou o que chamava as suas “vitaminas”: três garrafas de uísque e três caixas de charutos. O dilúvio redobrava de intensidade, quando Max escutou umas pancadas fracas na porta. Metido na água até os tornozelos, foi abrir e à luz do archote deparou-se-lhe a visão tranquilizadora de uma jovem a escorrer água. “Tinha na mão um enorme guarda-chuva preto que o pai me enviava.” Momentos depois, o indivíduo desempregado que morava ao lado apareceu com os braços carregados de tijolos, a fim de elevar o nível do muro da entrada, da cama e da mesa do daktar. No bairro de lata, a solidariedade não era palavra oca. Ao cabo de cerca de uma hora, verificou-se uma acalmia. O sonho maravilhoso de se refugiar “numa suíte com casa de banho no Grand Hotel” acabava de cruzar a mente de Max, quando a sua porta voou em pedaços. Três silhuetas precipitaram-se para o interior. Duas mãos agarraram-no imediatamente pelos ombros e encostaram-no à parede. Max sentiu a ponta de uma faca no estômago. “Um assalto”, pensou. “Era só o que me faltava!”

— Leite! — rosnou o indivíduo alto e de dentes partidos que o ameaçava com a faca. — Leite! Depressa!

— Sirva-se! — disse Max, que não estava disposto a armar em Buffalo Bill nas profundezas deste bairro de lata, apontando para as três caixas de leite em pó.

Cada um dos ladrões agarrou numa caixa e puseram-se em fuga.

— Obrigado! Voltaremos! — prometeu à saída o homem com os dentes partidos e que lhe falou em inglês.

Tudo acontecera tão rapidamente que o americano se interrogou sobre se tudo aquilo não passara de um sonho. Fez uma tentativa para recolocar as tábuas da porta na devida posição, mas um cheiro horrível deteve-o. Sentiu a barriga da perna molhada. Ouviu um gorgolejar e apercebeu-se então de que, por causa da chuva, as águas pestilentas dos esgotos estavam prestes a inundar-lhe o quarto.

Iniciou-se, assim, uma noite de horror. Não havia fósforos, nem tocha nem um copo. Tudo fora submerso pelas águas. “Que bicho me mordeu no dia em que respondi ao apelo de Stephan Kovalski?”, perguntava a si próprio, ao mesmo tempo que recordava a pele aveludada de Sylvia, os seus seios com sabor a pêsego e o comovente ar ingênuo com que ela lhe recitava poemas. Consultou o relógio. Devia ser de tarde em Miami. Os jasmims enchiam a varanda com o seu odor perfumado e ouvia-se o bater suave da água de encontro aos barcos no canal. Ao romper do dia, a figura de Bandona recortou-se na ombreira da porta desmantelada. Era difícil detectar-lhe a expressão à claridade obscura de uma manhã tempestuosa, mas a jovem parecia perturbada. Tinha os olhos amendoados fixos num qualquer ponto e uma expressão angustiada.

— Vem depressa, Grande Irmão Max. A minha mãe sente-se muito mal. Está a vomitar sangue.

Momentos depois, ambos atravessavam a corrente lamacenta e negra que inundava o bairro de lata. Bandona avançava cautelosamente, sondando o chão com um pau por causa dos esgotos abertos que lhes cortavam o caminho. De vez em quando parava, a fim de afastar o cadáver de um cão ou de um rato ou impedir Max de ser salpicado pelo chapinhar endiabrado das crianças que se perseguiam com gargalhadas, nadando naquela inundaçãõ fétida. Apesar de todo este pesadelo, a vida continuava. Num cruzamento deparou-se-lhes um cômico homenzinho de turbante, empoleirado no assento de um carro com triciclo. Crianças, algumas com as águas pelos ombros, aglomeravam-se à sua volta. O homem instalara no triciclo uma roda dentada que girava em frente de números. “Aproximem-se. Aproximem-se. Um grande prêmio de loteria por dez paisal”

— Um prêmio de loteria nesta imundície? — surpreendeu-se Max. É por que não? Dois biscoitos e um pedaço de bolo eram uma recompensa de marajá para crianças de barriga vazia.

A mãe de Bandona estava levantada. Era uma mulherzinha baixa, de cabelos apanhados na nuca e vestida e aprontada como as velhas chinesas do campo. Conversava e gracejava com as vizinhas que se haviam reunido no seu quarto, muito limpo e meticulosamente arrumado. Na parede, por detrás do estrado que lhe servia de cama a si e aos cinco filhos, havia duas gravuras de sábios budistas com as cabeças tapadas por gorros amarelos e uma fotografia do Dalai Lama. Em frente destes retratos ardia uma lamparina de azeite.

— Não devias ter-te incomodado, daktar — protestou. — Sinto-me muito bem. O grande Deus ainda não me quer.

Obrigou o americano a sentar-se e serviu-lhe chá e doces. Tranquilizada, Bandona voltara a sorrir.

— Mesmo assim, gostaria de a examinar — insistiu Max.

— Não vale a pena. Repito-te, daktar, que me sinto muito bem.

— O doutor veio especialmente da América, mãe interveio Bondona.

A palavra “América” produziu um efeito mágico. Contudo, nem pensar em mandar sair as pessoas do quarto. Num bairro de lata faz-se tudo em público, até mesmo um exame médico.

Momentos depois, Max pousava o estetoscópio.

— A tua mãe está sólida como um rochedo, Bandona — afirmou num tom tranquilizador.

Foi nessa altura que se deu a tragédia. A velha tentava erguer-se para deitar um pouco de água na chaleira, quando foi sacudida por um violento ataque de tosse. Desmaiou. Um fio de sangue começou a escorrer-lhe da boca. Pelo movimento dos lábios da jovem, Max apercebeu-se que ela rezava. A sua velha mãe fitava as pessoas que a rodeavam. Não havia qualquer indício de medo na sua expressão, mas antes a mais absoluta serenidade. Max preparou uma seringa com um estimulante cardíaco, mas nem teve tempo de enfiar a agulha. O corpo da velha assamesa inteiriçou-se bruscamente. Deixou escapar um suspiro. Estava tudo acabado.

Um uivo ecoou pelo quarto. Era Bandona. Agarrava a mãe nos braços e soluçava. Durante uns minutos apenas se ouviram gritos, lágrimas e lamentos. As mulheres laceravam os rostos com as unhas e os homens batiam com os punhos na cabeça. As crianças imitavam os pais. Outras manifestações de pesar chegaram do recinto e da ruela vizinha. Em seguida, e com a mesma rapidez com que se deixara vencer pela mágoa, Bandona voltou a pôr-se de pé, sacudiu o sari e ajeitou as tranças. Com os olhos secos

e uma expressão solene, assumiu o controle da situação.

“Presenciei seguidamente um surpreendente festival de ordens e indicações”, viria a contar o americano. “No espaço de dez minutos a jovem organizara e programara tudo até o pormenor. Enviou os irmãos aos quatro cantos de Bengala com a missão de prevenirem parentes e conhecidos. Mandou vizinhos e amigos ao bazar para comprarem os acessórios necessários ao funeral: uma padiola branca, segundo a tradição budista, pó avermelhado para a decoração ritual do corpo, velas, incenso, ghee, khadi de algodão e ramos de jasmim, cravos e lírios. A fim de cobrir todas estas despesas, mandara levar as suas duas pulseiras de ouro e a corrente ao usurário afegã que morava ao fundo da ruela e obter assim um empréstimo de mil rupias. Para receber, dar de comer e agradecer às dúzias de parentes e amigos que estariam presentes, mandou comprar cinquenta quilos de arroz, outros tantos de farinha para os chapati, legumes, açúcar, especiarias e azeite. Enviou, finalmente, cem rupias ao bonzo do pagode de Howrah para que ele viesse recitar os sloka budistas e realizar os ritos religiosos.”

Três horas depois, tudo estava em ordem. Amortalhada em tecido de algodão branco, a mãe de Bandona repousava na padiola perfumada de jasmim. Os pés e as mãos, pintados de vermelho, eram visíveis, bem como o rosto, de onde a morte apagara quase todas as rugas. Assemelhava-se a uma múmia. À sua volta, paus de incenso exalavam o perfume adocicado das rosas. Os acontecimentos desenrolaram-se rapidamente. O bonzo, com o seu traje açafrão, pronunciou as preces, ao mesmo tempo que fazia soar um par de címbalos. Untou depois a testa da falecida com ghee e cânfora e polvilhou-a com bagos de arroz, a fim de facilitar a transmigração da alma. Quatro homens da família pegaram na padiola aos ombros. No momento em que Bandona viu a mãe abandonar o casebre, onde as duas tinham vivido e lutado juntas durante tantos anos, não conseguiu reprimir um novo acesso de desespero. Todas as mulheres começaram a gritar, a soluçar e a gemer. Mas já a padiola se afastava pela ruela inundada.

Só os homens acompanhavam os mortos às piras. Entoavam cânticos a Ram num ritmo sincopado, pois a mãe de Bandona, na falta de um crematório especificamente budista, seria incinerada de acordo com o ritual hindu. O pequeno cortejo levou mais de uma hora a abrir caminho até o ghat funerário, na margem do Hooghly. Os homens colocaram a padiola sob uma figueira-de-bengala, enquanto o irmão mais velho de Bandona ia negociar o aluguer de uma pira e os serviços de um padre. Quando colocaram a defunta numa

das pilhas de madeira, o brâmane derramou-lhe algumas gotas de água do Ganges entre os lábios. O seu filho mais velho deu em seguida cinco voltas aos restos mortais, antes de atirar para o meio uma tocha a arder. Quando as chamas se atearam, ergueu-se um coro de vozes entoando cânticos.

Dado saber que um corpo demora cerca de quatro horas a consumir-se, Max afastou-se discretamente, a fim de levar um pouco de conforto a Bandona. No entanto, a alguns metros do casebre, sentiu que o chão lhe fugia subitamente debaixo dos pés. Uma torrente negra encheu-lhe a boca. As narinas, os ouvidos e os olhos foram igualmente submersos por aquele líquido putrefato. Debatia-se, mas quanto mais lutava mais se sentia arrastado para o fundo da fossa. Ao longo da vida já se salvara duas ou três vezes devido às suas qualidades de nadador. Desta vez e neste lodo imundo, ficou paralisado; a densidade e consistência do líquido tornavam inútil qualquer esforço de vir à superfície. Compreendeu que ia afogar-se.

Diz-se que num momento assim se revê todo o passado. Neste turbilhão nauseabundo, só lhe restou tempo para uma estranha visão: “A da minha mãe transportando um enorme bolo de aniversário para o terraço da nossa casa na Florida.” Depois, perdeu os sentidos.

Soube o que se passou depois pela boca dos amigos. O corpo de um sahib a ser engolido pelos esgotos da “Cidade da Alegria” não podia manter-se despercebido. Algumas pessoas tinham-no visto desaparecer. Havia acorrido e mergulhado sem hesitação para o socorrer. Tinham-no retirado inanimado das águas e transportado até a casa de Bandona.

Foi a segunda vez nesse dia que a jovem assamesa tomou a direção das operações. Pôs todos em movimento. Kovalski, Margareta e os outros vieram a correr. Conseguiu mesmo mandar vir um médico do centro da cidade. Respiração artificial, massagem cardíaca, injeções, lavagem ao estômago, tudo o que era possível se fez para reanimar o infeliz americano. Após três horas de esforços incansáveis, Max abriu finalmente os olhos, e deu com uma série de rostos maravilhosos que pareciam satisfeitos com o seu acordar. “Em particular, dois olhos amendoados que me fitavam com ternura e que ainda estavam congestionados de tanto terem chorado nesse dia!”

LVI

— Depois desses exercícios aquáticos estás a precisar de um bom banho — anunciou no dia seguinte Kovalski ao sobrevivente dos esgotos de Anand Nagar. — O que me dirias a um bom banho de clorofila. Conheço um sítio magnífico.

— Para te falar francamente — replicou Max num tom hesitante —, preferia um banho de espuma num hotel de cinco estrelas.

— Mas isso é banal — retorquiu Stephan, erguendo os braços ao céu. — Ao passo que o sítio onde eu quero levar-te...

Uma hora mais tarde, um ônibus deixava os dois sahib à entrada de um oásis que parecia inconcebível junto àquele aglomerado urbano. Era um jardim tropical de vários hectares, com milhares de árvores pertencentes a todas as variedades asiáticas. O universo de exuberância vegetal onde penetraram era, na verdade, surpreendente. Havia enormes figueiras-de-bengala entrelaçadas de lianas; muitos cedros centenários de troncos com a grossura de torres; acajus e árvores de teca que pareciam chegar ao céu; árvores ashok de formato cônico, magnólias gigantes com folhas semelhantes aos mosaicos envernizados dos pagodes chineses. “O Jardim do Paraíso acabava de me surgir diante dos olhos, ainda doridos da imundície e vapores da Cidade da Alegria”, comentaria Max Loeb. Mais extraordinária ainda era a quantidade e variedade de aves que povoavam o parque. Havia papa-figos de um amarelo-vivo; pica-paus do tamanho de pombos, de penas amarelas e bicos curvos; majestosos milhafres negros de caudas bifurcadas, voando em círculo no céu, antes de descerem sobre as presas. Havia ainda orgulhosos maçaricos-das-rochas de longos bicos curvos empoleirados nas suas pernas de aves migratórias. Voando pelos ramos de bambu, misturavam-se pegas, alvéolas cor de canela e enormes periquitos de plumagem amarela. Um alcião de plumagem violeta e um grande bico vermelho aterrou subitamente diante dos dois visitantes. Detiveram-se para não o assustar, mas ele era tão manso que voou para outro ramo de bambu, a fim de se aproximar ainda mais.

— Que descanso observar um pássaro na natureza! — extasiou-se Kovalski. — Uma criatura no seu ambiente natural, um ser livre. Não te presta atenção. Saltita de um para outro ramo, apanha um insecto, paira. Exibe a plumagem.

— É a sua missão de pássaro — comentou Max.

— E isso o que eu acho fantástico; nem sequer repara em nós.

— Se assim fosse, talvez tudo se alterasse.

— Claro. É verdadeiramente um ser livre. Ao passo que, na nossa vida, nunca encontramos seres livres. As pessoas têm sempre qualquer problema. E como vieste ao mundo para ajudá-las, és obrigado a interrogar-te sobre elas, a tentar compreendê-las, a estudar-lhes os antecedentes.

— É verdade — concordou Max, pensando no dia difícil que acabara de viver. — O mínimo encontro num bairro de lata provoca tensão.

Kovalski apontou para o pássaro.

— Excepto no caso das crianças — observou. — Só a criança é um ser descontraído. Quando contemplo os olhos de uma criança da “Cidade da Alegria”, vejo Deus. Uma criança não compõe uma atitude, não procura desempenhar um papel, não se altera em função dos acontecimentos. É límpida. Como este pássaro que vive na perfeição a sua vida de pássaro.

Max e Kovalski sentaram-se na relva. Ambos se sentiam a milhares de anos-luz de Anand Nagar.

— Penso que foi aqui que vim recolher forças para me aguentar durante todos estes anos — confessou o polaco quase num murmúrio. — Aqui e nas orações. Sempre que me sentia excessivamente deprimido, apanhava um ônibus e vinha até aqui. Uma libélula esvoaçando sobre o arbusto, o grito de um pica-pau, uma flor fechando-se ante o aproximar da noite ser viram-me de boia de salvação nesta experiência.

Seguiu-se um longo e repousante silêncio.

— És judeu, não és? — perguntou depois subitamente o polaco. — Esta pergunta é um impulso tipicamente indiano — explicou Kovalski ante a surpresa de Max. — Aqui um homem é definido pela sua religião. A religião condiciona tudo o resto.

— Sim, sou judeu — respondeu Max.

— És um privilegiado! — exclamou Kovalski com uma expressão radiosa. — O judaísmo é uma das mais belas religiões do mundo.

— Nem sempre foi essa a opinião dos cristãos — replicou Max num tom calmo.

— Infelizmente, não! Mas que heroísmo milenário isso vos inspirou! Que fé inquebrantável! Que dignidade no sofrimento! Que tenacidade na escuta do Deus único! Não inscreveram a Shema Israel na porta das vossas casas? Que lição

deram aos outros homens! E em particular a nós, cristãos.

Kovalski pousou a mão no ombro do americano.

— Espiritualmente, como sabes, nós, os cristãos, somos judeus — prosseguiu. — Abraão é o nosso pai. Moisés é o nosso guia. O mar Vermelho faz parte da minha cultura. Não. Da minha vida. Tal como as tábuas dos Mandamentos, o deserto do Sinai, a Arca da Aliança. Os profetas são a nossa consciência. David é o nosso salmista. O judaísmo trouxe-nos Jeová, o Deus onnipotente, transcendente, universal. O judaísmo ensina-nos a amar o próximo tal como a Deus! Que maravilhoso mandamento este! E tudo isto oito séculos antes de Cristo, estás consciente disto? O judaísmo ofereceu ao mundo a noção extraordinária de um Deus único e universal. Uma noção que só pode ser o fruto de uma revelação. O próprio hinduísmo, apesar de todo o seu poder místico e intuitivo, nunca foi capaz de conceber um Deus pessoal. Pertence exclusivamente a Israel o privilégio de ter feito esta revelação ao mundo, sem jamais a ter traído. É verdadeiramente fantástico. Pensa, Max, que, no mesmo luminoso momento em que a humanidade assistiu ao nascimento de Buda, Lao-Tseu, Confúcio, Mahavira, foi igualmente testemunha das palavras de um profeta judeu de nome Isaías, que proclamou a primazia do Amor sobre a Lei.

O amor! Era na Índia que tanto o judeu como o cristão tinham descoberto o verdadeiro sentido desta palavra. Dois dos seus irmãos da “Cidade da Alegria” iriam ainda vincá-lo bem nos seus espíritos, quando regressassem ao bairro de lata. “Um cego com cerca de trinta anos estava acorado à entrada da rua principal junto a um rapazinho atacado de poliomielite”, contaria Max. “Falava-lhe, ao mesmo tempo que lhe massajava suavemente as perninhas finas como dois paus, e depois os joelhos deformados e as coxas. O miúdo agarrava-se ao pescoço do seu benfeitor com um olhar cheio de gratidão. O seu companheiro cego sorria. Este homem ainda novo emanava uma serenidade de uma bondade quase sobrenaturais. Quando acabou, levantou-se e agarrou cuidadosamente nos ombros do rapazinho para o pôr de pé. Este último fez um esforço para se aguentar nas pernas. O cego disse-lhe algumas palavras e o rapazinho colocou um pé em frente, na água enegrecida que invadia a calçada. O cego voltou a empurrá-lo, docemente, e a criança avançou o outro pé. Dera um passo. Tranquilizada, atreveu-se a um segundo. Passados uns minutos, ambos caminhavam pelo meio da ruela. O rapazinho servia de guia ao seu irmão imerso nas trevas e este impelia o jovem atacado de poliomielite. O espetáculo destes dois náufragos era tão comovente que as próprias crianças que jogavam ao

berlinde pararam para os observar respeitosamente.”

LVII

Com as suas pulseiras e colares espalhafatosos, os saris de cores berrantes, os olhos negros maquiados, as sobrancelhas desenhadas com lápis de carvão, a bonita boca avermelhada com suco de bétel, a jovem Kalima, de vinte anos, era a pin-up do recinto. O próprio Kovalski se sentia perturbado por uma presença que emanava sensualidade e alegria no buraco escuro onde agora habitava. Admirava, sobretudo, a larga fita azul e a flor de jasmim com que esta criatura enfeitava os fartos cabelos negros que lhe chegavam à cintura. Este requinte no meio de um cenário tão feio deliciava o polaco. O único problema residia em que Kalima não era uma mulher, mas um eunuco.

Kovalski tivera a prova no segundo dia da sua permanência no recinto, quando procedia às lavagens. A “jovem mulher” deixara cair o véu por uma fração de segundo e o padre avistara-lhe o pênis, ou pelo menos o que dele restava. Kalima não era um travesti. Era, na realidade, um autêntico representante dessa casta secreta e misteriosa dos hijra, cujas comunidades se encontravam dispersas por toda a Índia. Tinha sido castrado.

Alguns dias mais tarde, uma festa improvisada iria oferecer a Kovalski a oportunidade de descobrir quais as funções que esta pitoresca personagem e os seus companheiros exerciam no bairro de lata. A noite acabava de cair quando os vagidos de um recém-nascido encheram subitamente o recinto. Homai, a mulher do zarolho hindu que vivia do outro lado do recinto, pusera nesse momento um filho no mundo. Logo a avó, coberta com o véu branco de viúva e acompanhada das outras mulheres da família, correu ao quarto do eunuco para o convidar a que fosse abençoar a criança. Kalima e os seus amigos maquiaram-se apressadamente, vestiram os saris festivos e adornaram-se com as suas bugigangas. Kalima colocou igualmente várias filas de guizos à volta dos tornozelos, enquanto os companheiros polvilhavam de pó vermelho os seus dholak, os pequenos tambores de que nunca se separavam. Os cinco eunucos puseram-se então a caminho, tocando os instrumentos e cantando com as vozes roucas: “Um recém-nascido apareceu na Terra. Viemos abençoá-lo. Hirola! Hirola!”

O mais velho do pequeno grupo, um eunuco de cabelo frisado e maçãs do rosto proeminentes, chamava-se Boulboul. Vestido com uma saia e um corpete vermelhos, uma argola de ouro no nariz e brincos dourados, conduzia a cerimônia, meneando as ancas. Era ele o guru do grupo, o seu mestre, a sua

“mãe”. Os seus discípulos, com Kalima à cabeça, seguiam-no, saltitando e cantando. “Traz-nos o teu filho, irmã”, cantava Boulboul, “porque queremos partilhar a vossa alegria. Hirola! Hirola!” A velha coberta com o seu véu branco de viúva apressou-se a ir buscar o recém-nascido e apresentou-o a Kalima. O eunuco pegou delicadamente no pequenito e pôs-se a dançar, saltitando sobre os dois pés ao som dos guizos e girando ao ritmo alegre dos tambores. Entoava com a voz rouca:

Viva o recém-nascido! Nós te abençoamos Para que vivas muito tempo,
Tenhas sempre boa saúde E ganhes muito dinheiro.

O canto atraía os habitantes dos recintos próximos. O recinto enchera-se. Bandos de crianças tinham mesmo trepado para cima dos telhados. Ninguém parecia importar-se com o calor sufocante. Era a festa. Enquanto Kalima e os seus companheiros continuavam a dançar, o guru Boulboul foi recolher os honorários para o seu grupo. Os eunucos fazem-se pagar muito caro e ninguém se atrevia a regatear o preço, com receio de ser amaldiçoado.

— O nosso recém-nascido é tão forte como Shiva — proclamaram depois os dançarinos. — E suplicamos ao deus onnipotente que transfira para nós todos os pecados da sua vida anterior. — Este apelo era de certa forma o credo dos eunucos, a justificação do seu papel no seio da sociedade. A Índia mística sacrificara os menos privilegiados dos seus párias oferecendo-lhes o papel de bodes expiatórios.

O guru voltara com uma tigela de arroz misturado com pedaços de gengibre. Passou o indicador pelo pó vermelho que cobria um dos tambores e colocou-o na testa do bebê. Este gesto simbólico transferia para a sua pessoa, os seus companheiros e toda a casta dos hijra os pecados anteriores do recém-nascido. O pó vermelho, símbolo do casamento nas esposas hindus, representa entre os eunucos a sua união ritual com os tambores. O guru espalhou seguidamente alguns grãos de arroz sobre o instrumento e atirou depois um punhado para a porta do lar da criança, a fim de abençoar a mãe, e um outro sobre a criança. Ergueu depois a tigela sobre a cabeça e começou a girar sobre si próprio sem derramar um só grão.

“Banhar-nos-emos nos rios sagrados para lavarmos todos os pecados do recém-nascido”, cantava, acompanhado pelos acólitos, que faziam soar os tambores e batiam palmas cadenciadas. Em seguida, e ante os olhares maravilhados da assistência, Kalima pôs-se a dançar, embalando o bebê nos braços. As belas feições e a feminilidade dos seus movimentos despoletavam a fantasia. Patético de realismo, o eunuco sorria maternalmente a esta bolinha

de carne que fazia o seu ingresso no mundo da “Cidade da Alegria”.

Um espetáculo de mímica pôs termo à cerimonia. Kalima restituiu o bebê à avó e colocou uma almofada por baixo do sari. Personificando uma mulher na fase final da gravidez, começou a dançar em círculo, exibindo o ventre enorme. Contorcia o rosto, imitando o aparecimento das primeiras dores do parto. Soltando gritos cada vez mais lancinantes, caiu prostrado no solo ao mesmo tempo que os outros eunucos lhe davam palmadas nos ombros e nas costas, como que para o ajudar a dar à luz. Quando ele ficou totalmente em transe, seu guru foi buscar o recém-nascido e depositou-o em seus braços. Kovalski observou como o rosto de Kalima irradiava felicidade. Os lábios do eunuco pronunciavam palavras de amor dirigidas à criança. Em seguida, o busto e os braços iniciaram movimentos de balouço. O eunuco embalava amorosamente o novo habitante do recinto.

LVIII

“Deus do céu! O Paraíso existe mesmo!”, pensou subitamente Max Loeb.

Um empregado com uma túnica e um turbante branco e ostentando o emblema do hotel no peito acabara de entrar no seu quarto. Numa bandeja de prata trazia um uísque duplo, uma garrafa de soda e uma taça cheia de amêndoa de caju. O americano fora incapaz de resistir à tentação de recarregar as baterias. O banho de clorofila do jardim tropical não lhe bastara. Refugiara-se numa suíte com ar condicionado do Grand Hotel, o palácio de Calcutá. Um fumegante “Niágara” de espuma perfumada esperava-o na banheira da sua casa de banho forrada de mármore. O pesadelo da “Cidade da Alegria” pertencia a um outro planeta. Meteu uma nota de dez rupias na mão do empregado. Quando ia a sair, este girou, no entanto, sobre os calcanhares. Era um homenzinho de rosto enrugado e uma barba grisalha.

— Gostaria de uma rapariga, sahib? — propôs-lhe. — Uma rapariga muito jovem e bonita?

Max pousou o copo, de uísque com uma expressão surpreendida.

— Muito bonita e dócil — sublinhou o criado com uma piscadela de olho. — A menos que prefiras duas raparigas — apressou-se a acrescentar o indiano. — Jovens, mas muito experientes. Todo o Kama Sutra.

Max pensou nas esculturas eróticas dos templos de Khajurao que tinha admirado num álbum de fotografias. Recordou-se igualmente das palavras da noiva na última vez que haviam jantado juntos. “Essas indianas são amantes incomparáveis”, dissera Sylvia. O indiano ganhou coragem. Conhecia bem a sua clientela. Mal chegavam à Ásia, os europeus e os americanos transformavam-se em demônios. Nenhuma tentativa lhes parecia suficientemente picante.

— Talvez prefiras um rapaz, sahib. Um jovem muito terno, terno e... — O homem fez um gesto obsceno acompanhado de mais uma piscadela de olho. Max mordiscou uma amêndoa de caju. O criado não se deixou desarmar pelo silêncio do americano. Sempre com o mesmo ar cúmplice, sugeriu desta vez “dois rapazes”, em seguida “dois rapazes e duas raparigas juntos”, depois um eunuco e finalmente um travesti. — Muito

limpo, sahib, e de confiança,

Max imaginou a cara que Kovalski faria quando lhe descrevesse a cena.

Levantou-se para ir fechar as torneiras da casa de banho. Quando voltou, o indiano ainda não arredara pé. Ainda não esgotara o seu catálogo de prazeres.

— Dado que o sexo não te tenta, gostarias de fumar um pouco de erva? — sugeriu. — Posso fornecer-te a melhor do país. Vinda diretamente de Bhoutan. A menos, evidentemente, que prefiras um bom cachimbo — apressou-se a acrescentar. — O nosso ópio vem da China, sahib — disse, ainda, com os olhos brilhantes. Sem desanimar ante a falta de entusiasmo inspirada pela sua mercadoria, o homem arriscou-se a sugerir “uma bela seringa cheia de cocaína”, além de outras drogas de fabrico local, como o bhang, o haxe indiano. Contudo, o venerável estrangeiro não se mostrava visivelmente disposto a comprar.

Sem querer sair do quarto de mãos a abanar, o homem do turbante propôs finalmente a mais banal das transações e que soa como uma litania aos ouvidos de todos os turistas do mundo.

— Estás interessado em trocar dólares, sahib? Para ti, faço-te um preço especial: onze rupias por um dólar.

Max esvaziou o copo de um trago.

— Prefiro que me tragas mais um uísque duplo — ordenou, levantando-se.

— Não aprecias as boas coisas desta vida, sahib — replicou o indiano, observando-o com uma expressão de tristeza e piedade.

Max Loeb apreciava, evidentemente, as “boas coisas” da vida. Em particular, após semanas de penitência no fosso da “Cidade da Alegria”. Depois de ter bebido o seu segundo uísque, pediu ao indiano que lhe enviasse uma dessas princesas do Kama Sutra que lhe oferecera.

Esta primeira experiência com uma das descendentes das prostitutas sagradas que outrora haviam inspirado os escultores do templo não se desenrolou, porém, como Max esperara. Conduzida até a porta pelo dono do cabaré ao qual tinha sido vendida, a rapariga, uma “coisinha” exageradamente maquiada, parecia tão assustada que Max nem sequer se atreveu a acariciar-lhe os maravilhosos cabelos negros. Em vez disso, resolveu oferecer-lhe um festim. Pediu o serviço de quarto e encomendou um enorme sortido de gelados, doces e bolos. As pestanas da jovem prostituta agitaram-se como as asas de uma traça atraída pela luz. Nunca vira tantas maravilhas. Não lhe restava dúvida: este cliente era nem mais nem menos do que o deus Shiva em pessoa.

— Enchemo-nos até rebentar — contaria Max a Kovalski. — Como dois

miúdos que têm um súbito desejo de esquecer tudo e acreditar no Pai Natal.

Algumas noites mais tarde, Max atravessou de táxi um enorme portal guardado por duas sentinelas armadas e percorreu uma alameda ladeada de arbustos de jasmim que imbuíam a noite de um penetrante aroma tropical. “Devo estar a sonhar”, pensou ao avistar ao fundo da subida as colunas de uma enorme mansão jorgiana. De cada lado da escadaria e a toda a volta do telhado do terraço ardia uma grinalda de lamparinas de azeite. “E o Tara”, dizia maravilhado de si para si. “O Tara de E Tudo o Vento Levou numa noite de festa.” A sumptuosa construção parecia, na realidade, saída de um sonho.

Erguida no princípio do século passado por um magnate britânico da indústria de juta, esta era uma das residências que conferiram a Calcutá epíteto de “Cidade dos Palácios”. Rodeada de todos os lados por bairros de lata e quarteirões a abarrotar de gente, constituía presentemente um anacronismo. Mas este vestígio de uma época desaparecida conservava ainda alguns dos seus atrativos, a começar pela dona da casa, a escultural e encantadora Manubai Chatterjee, uma viúva de trinta e cinco anos e grande apreciadora de pintura moderna, música indiana e equitação. Elegante e magra como uma pobre camponesa — ao passo que muitas indianas adquirem peso mal enriquecem, perdendo com frequência todo o encanto e beleza natural —, Manubai participava ativamente em várias organizações culturais e instituições de caridade. Era na qualidade de presidente da Associação de Amizade Indo-Americana que dava a festa dessa noite. No dia seguinte, os Estados Unidos celebrariam o bicentenário da sua Declaração da Independência.

Apenas a uns minutos de distância de táxi deste oásis existiam bebês recém-nascidos de estômagos inchados, mães de olhares trágicos, homens exaustos, a morte constantemente presente sob a forma de padiola transportada por quatro indivíduos, os choros, os gritos, as disputas e as oficinas semelhantes a celas de prisão. Max levou um momento a adaptar-se. Mesmo após uma noite de festa com uma prostituta e algumas noites entre os luxuosos lençóis de um hotel de cinco estrelas, estava de tal forma impregnado da realidade da “Cidade da Alegria” que lhe parecia ter vestido uma segunda pele.

As várias centenas de convidados enchiam o relvado iluminado. Todo o mundo de negócios de Dalhousie Square estava presente: todos os que eram importantes no campo da indústria, gente da importação e exportação, gordos

marwari em kurta de seda acompanhados das mulheres igualmente gordas, vestidas de sumptuosos saris bordados; representantes dos serviços secretos bengaleses; o grande realizador Satyajit Ray, autor do famoso Pather Panchali, um filme que todo o mundo considera uma obra-prima; o famoso pintor Nirode Najundar, ao qual os críticos internacionais tinham chamado “o Picasso da Índia”; o célebre compositor e intérprete de música de cítara Ravi Shankar, cujos concertos na Europa e na América tinham acostumado os ouvidos dos apreciadores de música ocidental às tonalidades subtis desta lira indiana.

Criados descalços, de túnica branca e faixas e turbantes de veludo vermelho, apresentavam aos convidados bandejas de copos de uísque, vinho de Golconde e sumo de frutas; outros ofereciam bandejas de prata com todo o gênero de coquetéis. Ao fundo do relvado, Manubai mandara erguer uma enorme shamiana de cores vivas, onde fora posta uma mesa de bufete com as melhores especialidades da rica cozinha bengalesa. À esquerda da tenda, músicos com fardas de gala tocavam melodias de Gilbert e Sullivan e swings americanos. “Tudo era deliciosamente nostálgico”, recordaria Max mais tarde. “De um momento para o outro aguardava a chegada do vice-rei e vice-rainha da Índia num Rolls-Royce branco escoltado por lanceiros bengaleses.”

Enrolada num sari de cores adequadas à ocasião — azul e vermelho com uma poeira de estrelinhas douradas, — Manubai movimentava-se entre os vários grupos. À semelhança dos restantes duzentos ou trezentos convidados, Max sentia-se encantado pela graciosidade e beleza desta dama indiana que recebia como uma rainha. Contudo, tivera de percorrer um difícil caminho antes de chegar a este ponto, que lhe permitia criar tais fantasias! Embora atualmente as viúvas já não sejam queimadas juntamente com o marido, a situação de uma viúva na sociedade indiana está longe de poder causar inveja. Quantas batalhas Manubai tivera de travar após a morte do marido, que fora o proprietário da mais importante loja comercial da Square, apenas para ficar na mansão principesca e continuar a usufruir de um rendimento decente! As chamas da pira ainda mal se tinham apagado quando a família do marido a quis despejar. Ao longo de dois anos, recebera telefonemas anônimos em que lhe chamavam ladra e prostituta. Suportara todos os insultos e ameaças de cabeça erguida, tratando os inimigos com silêncio e desprezo, dedicando-se à educação dos dois filhos, viajando, incentivando as carreiras de jovens artistas e apoiando organizações de caridade. Acabava de legar os seus olhos cor de esmeralda ao primeiro banco de olhos de Bengala,

uma instituição que ela própria fundara para ajudar algumas vítimas da cegueira, que eram tão numerosas naquela parte do mundo.

— Falo certamente com o doutor Loeb? — escutou Max, ao mesmo tempo que sentia um braço enfiar-se no seu.

— Adivinhou — respondeu, ligeiramente perturbado pelo intenso perfume da mulher ainda jovem.

Falaram-me de si. E, ao que parece, um indivíduo verdadeiramente notável. Vive num bairro de lata e montou um dispensário para tratar dos pobres. Estou enganada?

Max sentiu-se corar até a ponta das orelhas. Ante os seus olhos desfilaram os rostos de Saladdin, Bandon, Margareta, todos os seus companheiros indianos da “Cidade da Alegria”. Se havia pessoas notáveis em qualquer lugar, eram eles que mereciam esse nome. Eles que jamais haviam tido necessidade de uma noite de luxo palacial para esquecer o sórdido cenário do seu quotidiano. Eles que desconheciam recepções e elogios.

— Pretendi apenas gastar algum tempo a fazer qualquer coisa de útil — respondeu.

— E demasiado modesto — protestou Manubai. Tomou-lhe a mão entre os finos dedos e arrastou-o atrás dela, — Venha. Quero apresentá-lo a um dos nossos maiores sábios, um futuro Prêmio Nobel da Medicina.

O professor G. P. Talwar, de cinquenta e cinco anos de idade, era um homem vivo e sorridente. Fizera parte dos seus estudos no Instituto Pasteur de Paris. Chefe do Departamento de Biologia do Instituto de Ciências Médicas de Nova Deli, o santuário da investigação médica indiana, há alguns anos que trabalhava numa vacina revolucionária susceptível de alterar o futuro da Índia. Tratava-se da primeira vacina anticoncepcional do mundo. A simples picada de uma agulha bastaria para provocar a esterilidade na mulher durante um ano. Max pensou nas centenas de pequenos corpos que mães desesperadas haviam colocado em cima da sua mesa. Acabava, indubitavelmente, de conhecer um benfeitor da humanidade. Mas já Manubai o arrastava ao encontro de outro dos seus protegidos.

Com os cabelos louros encaracolados e um rosto jovial, o inglês James Stevens mais parecia saído de um anúncio do sabonete Cadum do que um discípulo da Madre Teresa. E, no entanto, este homem de trinta anos, vestido à maneira indiana, com uma larga camisa sem colarinho e umas calças de algodão branco, era, à semelhança de Stephan Kovalski e sem dúvida de muitos outros desconhecidos, uma espécie de Madre Teresa anônima. Tinha

dedicado a sua vida aos pobres, neste caso aos mais pobres dos pobres e aos mais negligenciados de Calcutá, os filhos dos leprosos. A priori, nada predestinaria este rico proprietário de uma cadeia de camisarias a este apostolado na Índia, caso o seu gosto pelas viagens o não tivesse trazido um dia a Calcutá. Esta visita perturbara-o tão profundamente que lhe havia modificado por completo a vida. Voltou a Inglaterra para vender todos os seus bens e regressou à Índia, onde desposou uma indiana. Aplicou o seu dinheiro no aluguer de uma ampla casa com jardim nos subúrbios e começou a passar a pente fino os bairros de lata numa velha carrinha, recolhendo crianças doentes e esfomeadas. No final do ano, a sua casa albergava perto de uma centena de pequenos pensionários. Tinha-a baptizado simbolicamente com o nome indiano de “Udayan” (Ressurreição). E nela despendeu toda a sua fortuna. Felizmente que algumas almas generosas como Manubai o ajudavam. Stevens por nada deste mundo teria faltado a uma das suas festas. Para este apreciador de bom uísque e xerez elas constituíam escapadelas exóticas até outro planeta.

A escapadela de Max Loeb nessa noite iria acabar num lugar imprevisto: a cama de dossel da primeira anfitriã de Calcutá. Como é que tal coisa acontecera? Bebera demasiados uísques e vinho de Golconde para poder recordar-se com precisão. Apenas se lembrava que quando, por volta da meia-noite, unira as mãos à altura da fronte para se despedir da dona da casa, esta recusara o seu gesto.

— Fique mais um pouco, Max — convidou. — A noite está deliciosamente fresca.

Duas horas depois, após a partida do último convidado, levava-o até o seu quarto, uma enorme divisão, que ocupava quase todo o primeiro andar da mansão. O soalho brilhava como um espelho. Móveis de madeira tropical exalavam um delicioso odor a cânfora. Ao fundo estava instalada uma cama com colunas de teca retorcida, servindo de apoio a um dossel de veludo, de onde pendia um mosquiteiro bordado. As paredes apresentavam-se forradas com um papel de cores suaves. Numa delas via-se uma verdadeira coleção de velhas gravuras amarelecidas, revelando vistas da Calcutá colonial e aspectos do quotidiano em Bengala. A parede em frente apresentava-se totalmente nua, à excepção do enorme retrato de um homem de rosto severo. Não era um quadro mas uma fotografia. Este rosto dominava o quarto com tanta intensidade como se o indivíduo estivesse vivo.

Max recordava-se de que Manubai ligara um gira-discos. A voz

pungente e rouca de Louis Armstrong e o som vibrante do seu trompete tinham invadido subitamente a noite. Fascinado e feliz, o americano deixara-se cair sobre o leito. Um criado descalço trouxera uísque e garrafas de soda. Manubai encostara o corpo ao de Max e tinham-se beijado. Max recordava-se de que em dado momento os trinados de pássaros haviam entrado pela janela, misturando-se à vibração do trompete. Era fabuloso.

A jovem apagara todas as luzes à exceção de um candeeiro chinês, cujo abajur de borlas envolvia o quadro numa penumbra voluptuosa. O retrato do marido defunto havia como que desaparecido da parede.

O que se seguiu resumiu-se para Max a uma sucessão de imagens confusas e excitantes. Após terem esboçado uns passos de dança, o par encaminhara-se suavemente para as almofadas e os lençóis de seda da cama de dossel. Tinha-se abrigado por detrás da parede transparente do mosquiteiro. Estendidos lado a lado, tinham esperado que a voz do inesquecível músico negro se silenciasse. Em seguida, renderam-se ao prazer.

Já era dia quando algumas pancadas na porta arrancaram Max aos braços de Manubai. Foi abrir.

— Há uma pessoa que te quer falar, sahib. Diz que é urgente.

Max vestiu-se e desceu as escadas atrás do criado.

— Stephan! O que fazes aqui, com os diabos?

— Suspeitei que depois da festa te apeteceria uma sesta — respondeu o polaco a rir — e, por conseguinte, vim buscar—te. O ônibus com os leprosos vai chegar — acrescentou com uma expressão séria. — Precisamos de ti, Max. Vão ser necessárias amputações.

“O ônibus dos leprosos” era o nome que Kovalski dera à ambulância que a Madre Teresa lhe enviava todas as quartas-feiras com três das Irmãs. Dado não ter conseguido abrir a pequena clínica para os leprosos no bairro de lata, era este o único meio que encontrara de cuidar dos casos mais graves. A fim de evitar mais confrontos com o “padrinho” e os seus esbirros, estacionava a ambulância na avenida que levava à via-férrea, bem longe dos limites da “Cidade da Alegria”.

Estas Irmãs da Madre Teresa eram dotadas de um espírito verdadeiramente forte. A mais velha, uma rapariga alta de pele muito clara, bela e de porte distinto no seu sari orlado a azul, ainda não tinha vinte e cinco anos. Chamava-se Gabrielle. Indiana das Maurícias, falava o pitoresco francês cantante das ilhas. Comia os rr e alcunhara Kovalski de Dotteu Stef. Era Dotteu Stef para aqui, Dotteu Stef para ali, o que encantava o padre.

“Estes chamamentos assemelhavam-se a orquídeas no meio da putrefação.” As sessões de quarta-feira eram, porém, rudes provas.

Nessa manhã, como em todas as outras semanas, logo se aglomerou gente quando o veículo branco e vermelho, “doado à Madre Teresa pelos seus amigos do Japão”, apareceu na avenida. Chegavam leprosos da “Cidade da Alegria” e dos passeios próximos onde haviam passado a noite. Agarrados às muletas, nos carros de madeira com rodas ou arrastando-se sobre tábuas, juntavam-se em redor das três mesas desdobráveis que as religiosas montavam no passeio. Uma servia para a distribuição dos medicamentos, a outra para as injeções e a terceira para aplicação de ligaduras e amputações. Suave mas firmemente, a Irmã Gabrielle tentava dispor aquela massa de aleijados numa fila mais ou menos organizada. Quando Max e Kovalski chegaram, já a fila tinha pelo menos trinta metros.

Um verdadeiro pátio dos milagres em plena rua! Max viu alguns transeuntes passarem rapidamente, tapando o nariz com os lenços. Contudo, o espetáculo era uma grande atração. Dúzias de pessoas reuniam-se à volta dos dois sahib e das três religiosas para observar a cena. A avenida não tardou a encher-se. “Sentia-me como um prestidigitador numa feira”, diria o americano, ainda sob o fascínio da noite de prazer. A euforia seria, no entanto de curta duração.

O espetáculo assemelhava-se a um quadro do Inferno de Dante. Mal um leproso pousava o coto em cima da mesa, logo dele se escapava uma quantidade de vermes. Pedacos de carne caíam de membros completamente apodrecidos. Ossos desfaziam-se como a madeira roída pelo bicho. Munido com um par de pinças, o bisturi e uma serra metálica, Max cortava, aparava, limava. Era um trabalho de carnicheiro. No meio de um turbilhão de moscas, de súbitos levantamentos de poeira e sob o calor sufocante, o suor caía-lhe em bica sobre as feridas. A Irmã Gabrielle servia-lhe de anestesista. Nada possuía para aliviar as dores de algumas amputações, nem morfina, nem curare, nem bhang. Tinha apenas o seu amor. Max jamais esqueceria a visão daquela indiana “agarrando um leproso nos braços e apertando-o de encontro ao corpo, murmurando uma canção de embalar”, ao mesmo tempo que ele lhe amputava a perna.

No entanto, e como tantas vezes acontece, no meio deste horror, verificavam-se cenas de uma comicidade inacreditável. Max recordar-se-ia eternamente da “expressão piedosa de um polícia de capacete” que os via trabalhar aspirando o fumo de dois paus de incenso que metera no nariz.

Aproveitando-se da larga audiência, alguns leprosos começaram a dar saltos e a fazer palhaçadas, o que despertou o riso e lhes valeu algumas moedas. Outros leprosos preferiam atrair as atenções violentas com explosões de cólera. Ameaçando as religiosas com as muletas, exigiam medicamentos, comida, sapatos, roupas. A Irmã Gabrielle e o Dotteu Stef viam-se obrigados a intervir constantemente. Algumas vezes é mais difícil dar do que receber, como Kovalski constatava.

Há três horas que Max estava a operar, quando dois leprosos lhe depositaram na mesa um velho barbudo com uma cabeleira hirsuta coberta de cinzas. Kovalski reconheceu imediatamente o seu amigo.

— É Anouar, Max! — gritou ao americano. — Anouar, cuja mulher deu à luz na noite da tua chegada.

— Bem me parecia que já tinha visto esta cara. E que não devia ter sido em Miami.

Desataram a rir, apesar do trágico da situação. Contudo, a alegria de Kovalski pouco durou. O pobre Anouar parecia estar muito mal. Tinha os olhos fechados e o rosto inundado de suor. Pronunciava palavras desconexas. O torso descarnado quase não se elevava ao ritmo da respiração. Max teve uma enorme dificuldade em encontrar-lhe a pulsação.

— Gangrena! — exclamou Kovalski, examinando a ligadura suja e fétida que lhe envolvia o antebraço. — Só pode ser gangrena.

Ajudados pela Irmã Gabrielle, tiraram-lhe cuidadosamente a ligadura. Anouar parecia insensível. Quando a carne ficou desnudada, Max sentiu as “pernas como se fossem de algodão”. O braço apodrecido de Anouar, a multidão de rostos à sua volta, o silvo penetrante dos ônibus que passavam, a voz de Kovalski transformaram-se numa mistura de cores e sons. E repentinamente foi o vazio. Ouviu-se um baque surdo no chão. Max Loeb tinha desmaiado. Largando o braço do leproso, a Irmã Gabrielle e Kovalski pegaram nele e deitaram-no na ambulância. O padre viu a mão da religiosa cortar aquele ar excessivamente aquecido e aterrar no rosto de Max.

— Acorda, Dotteu! Réveille-toi! — gritava, sem deixar de o esbofetear.

Por fim, o americano abriu os olhos. Mostrou-se surpreendido ao avistar os rostos curvados sobre ele. Recordações da noite acudiram-lhe à mente.

— Onde estou? — perguntou.

— No meio de um passeio de Calcutá a cortar pernas e braços a leprosos — respondeu Kovalski, um tanto agastado pelo incidente. — Não é nada, velho amigo! Apenas uma certa fadiga devida ao calor — acrescentou, logo

arrependido pela reação que tivera.

Momentos depois, Max voltava a pegar nas pinças e na serra de carnicheiro. Desta vez tinha de cortar um braço inteiro até o ombro. O braço de Anouar. Seria, indubitavelmente, tarde de mais. Na falta de antibióticos, a infecção já devia ter-se propagado a todo o organismo deste homem. Um ruído de vozes abafadas subiu da assistência quando a mão de Max, agarrando nas pinças, se ergueu sobre o corpo estendido na mesa. O próprio Max teve a sensação de cortar esponja, a tal ponto a pele, os músculos e os nervos estavam putrefatos. O corte de um vaso sanguíneo provocou um esguicho de um sangue escuro, que a Irmã Gabrielle limpou com uma compressa. Quando chegou ao osso, mesmo por baixo da articulação do ombro, Max mudou de instrumento. Todos ouviram os dentes da serra a cortar a cabeça do úmero. Max voltou a sentir as pernas “como se fossem de algodão”. Crispou os dedos à volta da pega do instrumento e apoiou com todas as suas forças. “Sylvia, Sylvia, amo-te”, dizia de si para si a fim de evitar pensar, sentir e ver, ao mesmo tempo que a sua mão serrava para trás e para diante, como um autômato. Tal como uma árvore abatida pelo último golpe do machado, o membro soltou-se do corpo. Nem Kovalski nem a Irmã Gabrielle tiveram tempo de apanhar o braço que rolou por terra. Max pousou a serra para limpar a testa e a nuca. Foi então que testemunhou uma cena que o perseguiria durante o resto da vida, “um cão sarnento que levava na boca um braço humano”.

LIX

Ela era objeto de uma tal veneração que os camponeses lhe colocavam ofertas de leite e bananas do lado de fora do buraco. O seu aparecimento em qualquer lar era considerado uma bênção divina. As Escrituras hindus estavam cheias de fábulas e histórias a seu respeito. Templos haviam sido construídos em sua honra, e por toda a Índia, no começo de Fevereiro, o grande festival que lhe era dedicado juntava milhões de fiéis. Apesar de todos os anos fazer mais vítimas do que a cólera, nenhum devoto alguma vez cometeria o sacrilégio de erguer a mão contra ela, pois a cobra-serpente é um dos trinta e três milhões de deuses do panteão hindu.

Pobre Kovalski! Todo o recinto da “Cidade da Alegria” se lembraria durante muito tempo do grito de terror que ele soltou ao entrar uma noite no seu quarto. Enroscada no corpo de anéis brilhantes, de língua saída e as presas expostas, uma cobra de cabeça chata esperava-o por baixo do santuário da imagem do Santo Sudário. Os vizinhos precipitaram-se para o local da cena. O polaco já agarrara num tijolo com intenção de esmagar a criatura, quando Shanta Ghosh, a sua bela vizinha, cujo pai fora devorado por um tigre, lhe pegou no braço.

— Não a mates, Grande Irmão Stephan! — gritou. — Por tudo quanto queiras, não a mates!

Ante este alarido, mais pessoas correram com enormes candeias. “Parecia uma cena do Ramaiana quando o exército dos macacos ataca o covil do demônio Ravana”, diria Kovalski mais tarde. Finalmente, Ashish, o marido de Shanta, conseguiu aprisionar o réptil entre as pregas de um lençol. Alguém trouxe um cesto onde se meteu a cobra. Pouco depois a calma voltava a reinar no recinto.

Kovalski compreendeu a mensagem. “Aquela cobra não foi posta no meu quarto como um presente de boas-vindas”, pensou. “Há aqui alguém que me quer mal.” Mas quem? Nessa noite, não conseguiu pregar olho. Havia um pormenor que lhe chamara a atenção durante o incidente. Ao passo que todos os outros habitantes do recinto se tinham apressado a socorrê-lo, a porta dos seus vizinhos eunucos mantivera-se fechada. Este fato era tanto mais estranho quanto nestas coisas sufocantes toda a gente fugia à fornalha dos quartos para dormir no recinto. O padre retirou sem amargura a lição desta aventura. Apesar das constantes provas de amor que lhe proporcionava a sua vida de

partilha com os seus irmãos deserdados pela sorte, sabia que para alguns ele continuava a ser um sahib de pele branca e um padre. Um estrangeiro e um missionário. Até agora, o relativo anonimato, de uma ruela protegera-o. No mundo restrito do recinto, no entanto, as coisas eram muito diferentes. Nesta atmosfera de concentração tudo o que não estivesse de acordo com o grupo tornava-se um corpo estranho, com todos os riscos de rejeição que isto implicava.

Ao romper do dia, quando o polaco voltava das latrinas, um homenzinho de cabelos brancos e crespos quase rapados, uma robusta complexão e um nariz levemente achatado, entrou no quarto. Kovalski reconheceu o ocupante de um dos casebres situados do outro lado do poço.

— Também eu fui eleito para o ataque da cobra, padre — declarou com uma piscadela de olho. — A tua cobra deveu-se à tua pele branca e à cruz que usas ao peito. A minha foi por causa dos cabelos crespos e porque vim da floresta.

— E também porque és cristão — acrescentou o padre, indicando a medalha de Nossa Senhora que o indiano trazia ao pescoço.

Kovalski adotara o costume indiano de antes do mais definir um homem através da sua religião.

— Sim. Também por causa disso — admitiu o indivíduo com um sorriso. — Mas principalmente porque vimos da floresta — insistiu.

A floresta! Aquela única palavra pronunciada nas profundezas deste bairro de lata sem árvores nem flores, no meio de todo o ruído e fumo acre das chulas, desencadeou uma sequência de imagens mágicas diante dos olhos de Kovalski: imagens de liberdade, de uma vida primitiva mas sã, de felicidade e equilíbrio duramente conquistados mas reais.

— És adivasi? — inquiriu.

O visitante esboçou um aceno afirmativo de cabeça. Kovalski pensou em todas as histórias que lera sobre as populações aborígenes. Elas tinham sido as primeiras a instalar-se na Índia. Quando? Ninguém o sabia. Há dez, vinte mil anos. Atualmente, quarenta milhões de aborígenes, repartidos por várias centenas de tribos, viviam dispersos por todo o continente. Este homem era um deles. O que o levava a trocar a floresta por este bairro da lata? Porque trocara de selva? Kovalski necessitou de algumas semanas antes de reconstruir o itinerário de Bouddhou Koujour, cinquenta e oito anos de idade, o seu vizinho adivasi.

— Os tambores tinham tocado durante toda a noite — contou

Bouddhou. — Em todas as aldeias da floresta, sob as velhas figueiras-de-bengala, os tamarindos gigantes e as mangueiras, as nossas mulheres e filhas dançavam, lado a lado, em longas filas. Como eram belas as nossas mulheres, com as suas tatuagens, a pele reluzente e o corpo gracioso, as ancas que se meneavam ritmicamente! De vez em quando, um grupo de homens de turbante e tronco nu, um arco e flechas na mão, guizos nos tornozelos e plumas de pavão na testa, saltavam para o meio do círculo das bailarinas iluminadas pelo luar e iniciavam uma dança endiabrada. A melopeia das mulheres tornava-se selvática. Deixava de se pensar no dia seguinte ou no que quer que fosse. O coração batia ao ritmo dos tambores. Os problemas e preocupações desapareciam. Apenas interessava a vida, a vida que se resumia a alegria, impulso e espontaneidade. O efeito era inebriante. Os corpos flexíveis dobravam-se, voltavam a erguer-se, mergulhavam, desenrolavam-se, estendiam-se. Os nossos antepassados estavam connosco e os espíritos também. Os tambores soavam, respondiam uns aos outros, ora mais suaves ora com mais força, misturando-se com a noite.

Nesta noite de festa, os aborígenes de Baikhuntpur, um vake cavado na floresta nos confins dos estados do Biar e do Madhya Pradesh, renovavam os seus ritos milenários. No entanto, aguardava-os uma surpresa ao romper do dia seguinte. Pelas seis horas da manhã, duzentos esbirros ao serviço dos proprietários da região abateram-se sobre eles como uma nuvem de abutres. Depois de incendiarem todas as cabanas, exigiram o pagamento dos alugueres das herdades e juros de empréstimos. Prenderam os homens com a ajuda da polícia, sequestraram o gado, violaram as mulheres e apropriaram-se de todos os bens dos habitantes. Este saque foi o resultado de vários séculos de confrontos entre a gente que vivia na floresta e os grandes proprietários que queriam apropriar-se dos seus campos e colheitas. A velha lei ancestral, escrita na memória dos tempos, que determinava que quem quer que limpe a selva se torna seu dono, deveria ter chegado para salvaguardar os aborígenes deste tipo de cobiça. Após terem sido nômades e em seguida semissedentários, haviam-se transformado em pequenos-camponeses, decorridos alguns séculos. A sua agricultura era estritamente para a sua subsistência e para dar de comer às famílias. Os produtos silvestres da floresta completavam a sua frugalidade. Bouddhou contou ao padre como ele e os filhos costumavam trepar às árvores e sacudir os ramos para colher as bagas, como esgaravataavam o solo e desenterravam as raízes comestíveis, como sabiam aproveitar as cascas de várias árvores, debulhar tubérculos,

extrair polpas, esmagar folhas de propriedades curativas, localizar os cogumelos comestíveis, apanhar rebentos e recolher mel. Referiu-se igualmente a como sabiam colocar laços, armadilhas e iscas para a caça miúda, bem como armadilhas automáticas equipadas com matracas e setas para os ursos e outros animais selvagens. Como apanhavam insectos, vermes, ovos de formigas e caracóis gigantes. Cada uma das famílias entregava à comunidade o excedente das suas necessidades que se destinava às viúvas, órfãos e doentes.

— Era uma vida dura, mas sentíamos-nos livres e felizes.

Nesse dia, porém, os tambores foram silenciados. Ele e a sua família bem como os outros habitantes do vale, viram-se forçados a partir. Dirigiram-se, primeiro a Patna, a capital do Biar, e depois a Lucknow, a grande cidade muçulmana, mas não encontraram trabalho em parte alguma. A semelhança de tantos outros, tinham tomado então o caminho para Calcutá. Fugindo primeiro à clausura e promiscuidade dos bairros de lata, tinham acampado na periferia da cidade com outros aborígenes. Trabalhavam duramente a cozer tijolos e viviam como cães. Depois um quarto vagara na “Cidade da Alegria”. Nesse dia a Índia sofrera uma nova derrota: um bairro de lata integrava um homem que era um Homem por excelência, o Homem primitivo, o Homem livre.

Ao regressar uma noite ao seu quarto, Kovalski tomou consciência de que a tragédia atingira o recinto. Reinava um silêncio estranho. Até as crianças e os bêbados se haviam calado. Deu alguns passos e escutou gemidos. Diante da porta dos eunucos, a penumbra só lhe permitiu distinguir silhuetas acoradas. Por baixo do alpendre estava um charpoi sobre o qual repousava uma forma envolta num lençol branco. Várias lamparinas de azeite ardiam em seu redor e à luz distinguiu dois pés. “Morreu alguém no recinto”, pensou. Ao lado do charpoi reconheceu as tranças negras de Kalima com a habitual fita azul e a flor branca. A jovem bailarina soluçava. O padre esgueirou-se para o seu quarto e ajoelhou-se a rezar diante da imagem do Santo Sudário. Decorridos uns momentos, sentiu uma presença atrás de si. Era o seu vizinho Ashish.

— Houve uma luta, Grande Irmão Stephan — explicou ele num murmúrio. — Bouddhou, o cristão adivasi, matou Bela, um dos hijra. Foi um acidente, mas o pobre eunuco está morto e bem morto. Foi por causa da tua cobra.

— A minha cobra? — balbuciou Kovalski, boquiaberto.

— Há alguns dias que o adivasi andara a fazer uma investigação em segredo para descobrir quem pôs a cobra no teu quarto — prosseguiu Ashish. — Soubera que um encantador de serpentes tinha dado um espetáculo por altura de um casamento num recinto próximo daqui. Os eunucos foram contratados para dançar nesse casamento. O adivasi conseguiu descobrir o encantador de serpentes, que confessou que um dos hijra insistira em que lhe vendesse uma cobra. O hijra oferecera-lhe duzentas rupias, uma soma verdadeiramente fabulosa, a troco de uma criatura daquelas. O hijra explicou que queria realizar um sacrifício e, por conseguinte, o encantador de serpentes acabou por aceder, e foi assim que a cobra apareceu no teu quarto. Ao envenenar-te por intermédio da serpente, Bela queria sem dúvida expiar qualquer obscuro pecado. Quem sabe? Há mesmo quem diga que ao matar-te ele esperava apropriar-se do teu sexo para uma futura encarnação.

Kovalski queria falar, mas tinha a voz presa na garganta. Respirava com dificuldade. As palavras do indiano assemelhavam-se a ácido a queimar-lhe o cérebro. Ashish explicou que nessa noite o adivasi se apresentara na casa do eunuco para o castigar. Pretendia apenas dar-lhe um corretivo, mas Bela perdera a cabeça. Tinha agarrado numa faca para se defender. Um eunuco efeminado, ainda que de constituição robusta, não era adversário para um habitante da floresta, acostumado a caçar ursos com a lança. Na luta que se seguiu, o hijra foi vítima da sua própria faca. Ninguém teve tempo de intervir. Num recinto, as tensões são tais que a morte, semelhante a um raio, pode atacar de um momento para o outro.

Kovalski estava abalado. Escutava o som dos soluços do eunuco através da porta. Os soluços cessaram. Ouviu passos e vozes e apercebeu-se de que os vizinhos se preparavam para transportar o companheiro até a pira crematória nas margens do Hooghly. Estava a par da rapidez com que as cerimónias fúnebres se processam na Índia, por causa do calor. Desconhecia, porém, que a tradição só permitia que os eunucos enterrassem ou queimassem os seus mortos de noite, longe da vista de pessoas “normais”. Além de que a Índia recusava na morte o que garantia aos eunucos em vida: a condição de mulheres. Antes de amortalharem a sua “irmã”, os companheiros tinham-se visto obrigados a vesti-la com um longhi debaixo de uma camisa de homem, e Boulboul, o guru de expressão triste, cortara-lhe as longas tranças.

Ashish acabara de sair quando Kovalski escutou um arranhar na porta. Voltou-se e avistou na sombra o brilho dos colares e pulseiras de Kalima.

— Gostávamos que nos concedesses a honra, Grande Irmão Stephan, de levar a nossa irmã até a pira — implorou o jovem eunuco naquele tom baixo e rouco que não cessava de o surpreender.

Nesse mesmo instante, os companheiros faziam idêntico pedido a três outros homens do recinto. Este apelo era um outro indício de respeito pela tradição: na Índia, as mulheres não têm permissão de acompanhar um cortejo fúnebre. Privados do conforto desta última homenagem, os hijra presentearam a sua “irmã” com uma pungente cena de despedida. Enquanto Kovalski, Ashish e dois outros carregadores pegavam na padiola, o guru Boulboul caiu de joelhos, recitando uma série de mantras. Loucos de dor, Kalima e os outros eunucos laceravam o rosto com as unhas, e soltavam pungentes gritos. Em seguida, os quatro hijra descalçaram-se e começaram a bater no cadáver com as sandálias, “para impedir que a nossa irmã reencarnasse como eunuco na sua vida futura”.

LX

Já não restavam dúvidas no espírito de Kovalski: a atitude dos eunucos mudara no que lhe dizia respeito. A participação nas cerimônias fúnebres criara laços entre eles. Dado que transportara até a pira crematória o cadáver do hijra que tentara matá-lo ao colocar uma cobra no seu quarto, os eunucos da barraca ao lado multiplicavam os sinais de afeto. Muitas vezes, ao regressar a casa à noite, encontrava qualquer indício da sua passagem: uma torcida para a lamparina de azeite, um prato de doces, a parede onde pendurava a imagem do Santo Sudário caiada de fresco. Estes gestos comoviam-no e embaraçavam-no simultaneamente. “Tinha-me habituado a todo o tipo de coabitação. No entanto, a presença desta estranha ‘família’, do outro lado da parede, fazia-me sentir pouco à vontade.

E não eram, porém, eles os que mais compaixão mereciam de entre os rejeitados, desprezados e miseráveis dos bairros de lata? Ah! Eu ainda tinha um longo caminho a percorrer antes de atingir o verdadeiro espírito de caridade, aceitar todas as diferenças.”

Coube a Kalima o mérito de eliminar os últimos preconceitos de Kovalski. Todas as manhãs, depois das suas abluções, o jovem dançarino vinha conversar com o homem ao qual na sua voz grave tratava por “o meu Grande Irmão Stephan”. Embora a linguagem dos hijra fosse um segredo só deles conhecido, Kalima sabia o suficiente de hindi para se fazer entender, e, de todos os destinos que haviam desembocado na “Cidade da Alegria”, o seu era sem dúvida dos mais curiosos.

Kalima era o filho de um rico mercador muçulmano de Hyderabad, uma cidade no centro da Índia. Quando era criança tinha os órgãos genitais pouco desenvolvidos. Não restavam dúvidas de que era um rapaz. Mas a sua feminilidade não tardou a revelar-se. Na idade em que os seus companheiros de escola se desafiavam nos campos de críquete ou hóquei, ele dedicava-se a aprender dança e música. Aos uniformes de escuteiro e de ginasta preferia shalwar de calças largas apertadas nos tornozelos e as longas túnicas usadas pelas jovens muçulmanas. Gostava de se perfumar e maquiar. A fim de o subtrair a estas tendências, que consideravam maléficas, os pais tinham-no casado aos catorze anos com a filha de um rico ourives. Kalima tentara cumprir o seu dever conjugal, mas o resultado fora tão desastroso que a sua jovem esposa fugira para casa dos pais no dia seguinte ao das núpcias.

Um dia, entre a multidão de fiéis que tinham vindo em peregrinação ao túmulo de um santo muçulmano local, um velho hijra, de cabelo curto e rosto descarnado, detectara o jovem e seguiu-o até casa. Menos de uma semana depois, Kalima abandonava a família para seguir o eunuco. Confidenciou a Kovalski alguns pormenores do estranho ritual da sua cerimônia de adoção. A sua “madrinha”, ou melhor, o seu guru, chamava-se Sultana. À semelhança da maioria dos hijra, Sultana não tinha seios e, por conseguinte, aplicara um pedaço de algodão embebido em leite no peito e obrigara o afilhado a sugá-lo. Esta era uma condição para ser aceite na sua nova família. Kalima recebeu, então, cento e uma rupias, utensílios de prata e latão, roupas, saris, saíotes, pulseiras de vidro e choti, esses fios de algodão preto que, uma vez presos no cabelo, se tornariam os atributos da sua nova condição, tal como o triplo cordão dos brâmanes.

Depois da sua “adoção”, Kalima foi submetido a uma importante cerimônia de iniciação, para a qual foram convidados todos os membros da comunidade e os chefes de outros hijra da região. A sua “madrinha” e os outros gurus vestiram-no com uma saia e um corpete previamente abençoados num santuário. Enfeitaram-no em seguida com pulseiras e brincos. Kalima vestiu a sua “madrinha” com idênticas roupas e beijou-lhe os pés, bem como os de todos os outros gurus presentes, que lhe deram a bênção.

Foi após esta cerimônia de travestismo ritual que Kalima recebeu o seu nome feminino. Todos os gurus foram consultados para a sua escolha. Kovalski surpreendeu-se com o fato de terem baptizado o rapaz com o nome da deusa mais sanguinária do panteão hindu. Com umas sobancelhas cuidadosamente depiladas e o seu ar de querubim, Kalima nada tinha de demoníaco. Não havia dúvida de que a voz o atraía, mas graças à sua constituição perfeita, ao orgulhoso porte e andar flexível, podia facilmente passar por uma mulher.

A iniciação de Kalima não estava, porém, concluída. Restava completar o ato definitivo, pois um verdadeiro hijra não pode confundir-se com um travesti. Os travestis pertenciam a uma outra casta, uma casta pária, ainda mais baixa na escala social. Nas ruelas lamacentas da “Cidade da Alegria”, Kovalski cruzara-se muitas vezes com estas trágicas personagens disfarçadas de mulher, exageradamente maquiadas e com seios falsos, que cantavam, dançavam e meneavam o traseiro à frente dos cortejos de casamento ou das procissões religiosas, palhaços tristes e obscenos, muitas vezes contratados

para fazer rir os outros à sua custa e transformar os mais sagrados rituais em paródias grotescas. Estes homens, porém, conseguiam desempenhar a sua profissão sem o sacrifício da sua masculinidade. Alguns deles tinham várias mulheres e bandos de filhos. A impostura fazia parte do jogo.

A posição dos hijra na sociedade era completamente diferente. Eles não deviam ser nem homens nem mulheres. As mães que os chamavam para que carregassem sobre os ombros os pecados cometidos pelos seus filhos recém-nascidos em vidas anteriores tinham direito de o verificar. E aí dos falsos hijra!

A cerimônia realizou-se no decurso do primeiro Inverno. As castrações efetuavam-se sempre no Inverno, a fim de reduzir o perigo de infecção e permitir que a ferida sarasse mais rapidamente. Estes riscos não eram, de forma alguma, insignificantes. Nenhuma estatística revelava, de fato, quantos hijra morriam anualmente em consequência da sua castração, mas a imprensa indiana nunca perdia a oportunidade de denunciar dramas como o de um cabeleireiro de Deli, na casa dos trinta anos, que morrera após a sua castração, praticada por eunucos que o haviam convencido a juntar-se ao seu grupo. Por outro lado, a operação realizava-se em condições particularmente dolorosas. Os hijra castravam os seus futuros discípulos com uma crina de cavalo, que era progressivamente apertada, dia após dia, até a atrofia total dos órgãos genitais.

Um dia, Kalima foi levado por Sultana, a sua madrinha-guru, para uma aldeia isolada, onde vivia uma pequena comunidade de eunucos. O astrólogo da comunidade escolheu a noite propícia para a operação. Os hijra chamavam “noites negras” a estas noites de castração. Sultana forçou o seu jovem discípulo a beber vários copos de *todi*, um vinho de extrato de palmeira, onde se dissolvera pó de *bhang*, esse estupefaciente com propriedades analgésicas. Enquanto Kalima perdia os sentidos, o guru acendeu uma fogueira enorme. Um padre recitou mantras e derramou uma taça de *ghee* nas chamas. A tradição exigia que as chamas se ateassem caso a castração se efetivasse. Nessa noite, as chamas ergueram-se rumo ao céu como fogos de artifício. Era o sinal de que *Nandni-na* e *Beehra-na*, deusas dos hijra, aceitariam o novo discípulo. O celebrante podia, agora, atar um fio em redor do pênis e dos testículos do jovem e apertar progressivamente o nó, a fim de provocar a insensibilização dos órgãos. Em seguida procedeu ao corte, com um único golpe de uma navalha de barbear.

Um grito lancinante cortou a noite. A dor terrível acordara Kalima. Logo

uma sarabanda de tambores ressoou e todos os eunucos se puseram a cantar e a dançar diante das chamas. Um declamador entoou um cântico destinado a afastar as presenças maléficas e os maus espíritos. Os outros hijra pontuavam cada frase com um sonoro Hanjil (Sim!)

Um novo Hijra nasceu/

Hanji!

Um sari sem mulher!

Hanji!

Um carro sem rodas!

Hanji!

Um fruto sem caroço!

Hanji!

Uma mulher sem vagina!

Hanji!

O próprio Sultana aplicou a primeira ligadura na ferida do discípulo. Consistia numa espécie de emplastro feito de cinzas, ervas e azeite. Esta receita datava dos tempos da conquista mongol, uma época em que a casta dos eunucos vivera uma autêntica “idade do ouro”. Foi a época em que, por toda a Índia, os pais sem recursos vendiam os filhos a traficantes que os castravam. Um nobre da corte de um dos imperadores mongóis possuía mil e duzentos eunucos. Certos hijra ascenderam a posições elevadas, e não só a guardas de harém ou bailarinos e músicos de corte. Foram também confidentes de reis, governadores de província e generais do exército.

Assim que Kalima recuperou da sua mutilação, Sultana confiou-o aos cuidados de músicos profissionais e de outros gurus, que lhe ensinaram os cantos e danças tradicionais. Ensinaram-no igualmente a fazer a mímica de uma mãe a embalar ou a amamentar o bebê e a desempenhar o papel de uma jovem noiva ou de uma mulher à espera de uma criança ou em trabalho de parto. Em breve recebeu o título de Bai, quer dizer, “dançarina e cortesã”. Iniciou-se então para o jovem eunuco um período de viagens. Os hijra deslocam-se frequentemente de um extremo ao outro da Índia, a fim de visitarem os seus “parentes”. O seu guru tinha uma “irmã” em Nova Deli, “tias” em Nagpur, “primas” em Benares. Os laços entre os eunucos e os seus “parentes” são bem mais fortes do que os que possam manter com os seus verdadeiros pais. Foi em Benares, na margem do Ganges, que aconteceu o drama. Quando uma manhã muito cedo se dirigiam aos ghat para se banhar no rio sagrado e adorar o Sol, Kalima viu a sua “madrinha” cair na rua. O

hijra morrera vítima de um ataque cardíaco.

Felizmente para Kalima, era a época do ano em que se faziam as peregrinações e havia muitos hijra na cidade sagrada. Um guru ofereceu-se de imediato para o receber como seu discípulo. Tinha as maçãs do rosto salientes e uma expressão triste. Vinha de Calcutá. Chamava-se Boulboul e era o vizinho de Stephan Kovalski.

LXI

Dormir! Dormir quinze, vinte horas seguidas. No cimento, com ratos, escolopendras, escorpiões, fosse onde fosse, mas dormir! Desde a sua chegada ao recinto que o sonho de Stephan Kovalski se estava a transformar numa obsessão. As suas noites tinham-se reduzido a três ou quatro horas de relativo silêncio, pontuadas por ataques de tosse e escarradelas dos tuberculosos. Às quatro e meia da manhã, os guinchos musicais de um transístor serviam de despertador. Ganida, o galo dos eunucos, endireitava a crista e soltava uma série de “cocorocós”. Outros galos respondiam-lhe de todos os cantos do bairro de lata. E a toda a volta do recinto logo se ouvia um concerto de choro e gritos de crianças com a barriga vazia. Sombras levantavam-se apressadamente munidas de latas cheias de água para irem à procura de uma latrina ou qualquer sarjeta que tivessem escapado à greve dos trabalhadores da limpeza. Rapariguinhas começavam a acender as chula, lavavam os tachos e panelas da véspera, arrumavam as enxergas, traziam baldes de água da fonte, faziam bolas com estrume de vaca ou despiolhavam os cabelos dos irmãos e irmãs. Eram as primeiras a sair para o trabalho.

Todas as manhãs, por volta das cinco horas, Kovalski via partir a pequena Padmini, a filha mais nova do adivasi responsável pela morte accidental do hijra da cobra. Interrogava-se sobre onde iria este pedaço de gente a uma hora tão matutina. Uma manhã seguiu-a. Depois de ter percorrido todo o bairro de lata atrás dela, observou-a a escalar o aterro da via-férrea. Era a hora a que os trens de passageiros chegavam a Calcutá das diferentes cidades do vale do Ganges. Assim que Kovalski ouviu o som do primeiro trem, viu a criança tirar um pau debaixo da blusa remendada. A extremidade do pau estava fendida, de forma a nela se poder fixar uma nota de um rupia. Quando a locomotiva passou lentamente ao seu lado, ela estendeu o pau. Uma mão enegrecida agarrou a nota. Em seguida Kovalski viu o maquinista entrar no tênder e atirar-lhe alguns pedaços de carvão. Padmini precipitou-se para recolher o maná milagroso na sua saia e afastou-se a correr. O pai guardaria uma parte, partindo-a religiosamente em pequenos bocados para uso na chula familiar. A outra metade seria revendida. Este comércio era um dos numerosos truques inventados pelos pobres da “Cidade da Alegria”, muito simplesmente por uma questão de sobrevivência.

Contudo, apesar da falta de sono, Kovalski não sentia saudades da ruela.

O recinto era um incomparável terreno de observação para alguém que, como ele, se sentia casado com os pobres. Que atividade naquele lugar, desde o romper ao fim do dia! Havia constantemente gente que entrava e saía. A todo o instante ouvia-se uma campainha, um gongo, um assobio, uma voz a anunciar a chegada de um mercador, disto ou daquilo, um padre brâmane que vinha vender algumas gotas de água do Ganges ou um artista. A visita mais popular, especialmente para as crianças, era a do domador de ursos. Mal se ouvia o seu tambor, todo o recinto se precipitava a vê-lo. Também não faltava assistência entusiasmada aos domesticadores de macacos, cabras, mangustos, ratos, papagaios, escorpiões, nem aos encantadores de cobras e serpentes. O mesmo se aplicava aos narradores, teatros de fantoches, poetas, trovadores, faquires, mímicos, gigantes, anões, prestidigitadores, contorcionistas, acrobatas, lutadores, loucos, santos... numa palavra, todos os Zampanos e Barnum que o gosto pelo espetáculo e a festa tinham inventado, a fim de permitir aos infelizes dos bairros de lata escapar à tristeza do seu destino.

O recinto era antes do mais e sobretudo o reino das crianças. “Maravilhosas crianças da ‘Cidade da Alegria’”, diria Kovalski. Pequenos seres inocentes alimentados de pobreza e nos quais a vida jamais se apagava. A sua despreocupação e alegria de viver, os seus mágicos sorrisos, os rostos iluminados por olhares brilhantes coloriam de beleza todo este sórdido universo. Se os adultos ainda conseguiam manter uma centelha de esperança, não era afinal graças a elas, à sua maravilhosa frescura, ao entusiasmo das suas brincadeiras? Sem elas os bairros de lata não passariam de prisões. Eram elas que conseguiam transformar estes lugares de tristeza em lugares de alegria.

Kovalski contou sessenta e duas crianças naqueles poucos metros quadrados de espaço fétido, onde os raios de sol nunca penetravam. Era na rude escola da vida que elas aprendiam a lutar por resolver sozinhas os seus problemas desde a mais tenra idade. Não havia intermediários entre elas e o mundo. Faziam tudo diretamente com as pequenas mãos: comiam com a direita; lavavam, limpavam e iam às latrinas servindo-se da esquerda. Uma pedra ou um pedaço de madeira eram os seus primeiros brinquedos. Este contato direto com os objetos encorajava logo à partida as suas relações com todas as coisas e incentivava-lhes a imaginação. Tendo as mãos como única ferramenta, a sua comunhão com a natureza era imediata, profunda e de molde a influenciar-lhes toda a vida. As suas brincadeiras processavam-se também num plano simples e concreto. Não tinham ao dispor conjuntos Lego

nem objetos eléctricos ou automáticos. As crianças do recinto inventavam as suas próprias brincadeiras. O pedaço de fio que Padmini, a rapariguinha que todos os dias ia buscar carvão ao aterro da via-férrea, atava ao pé esquerdo com uma pedra na extremidade constituía uma corda de saltar ideal, na medida em que a saltitar lhe deixava as mãos livres para a criação simultânea de uma dança mímica. Kovalski maravilhava-se com as suas exhibições. Todo o gênio de dança indiana ardia naquele corpinho miserável perdido nas profundezas do recinto. Para os rapazes, uma tábua transformava-se no carro de Ben-Hur, onde os mais velhos e mais entusiastas puxavam os mais pequenos. Algumas pedrinhas e caroços de frutos forneciam material para acesos desafios de berlinde de um extremo ao outro do recinto e até mesmo no quarto de Stephan. Um dia, Mallika Ghosh, a sua jovem vizinha que lhe trazia sempre uma xícara de chá com leite, fez uma boneca de trapos. Ao aperceber-se, porém, subitamente de que havia bebês autênticos no recinto que lhes permitiam brincar a sério às mães, ela e as amigas decidiram transformar a boneca num objeto de adoração. A boneca de trapos seria Lakshmi, deusa da Prosperidade, à qual os pobres dos bairros de lata dedicam uma veneração muito especial.

A macaca, piões, ioiós, arcos... a energia, o ardor, o engenho, o gosto pela brincadeira revelado nestes pequenos seres de barriga vazia surpreendiam constantemente Kovalski. Um dia, um rapazinho passou por entre as pernas de Kovalski atrás do seu arco. Kovalski agarrou no braço do miúdo e pediu-lhe que lhe mostrasse como manejava o brinquedo. O brinquedo em questão resumia-se a um simples aro de ferro que se empurrava com um pau munido de um gancho na ponta. Depois de três tentativas, o polaco desistiu, por entre um coro de gargalhadas. O domínio do arco indiano exigia uma longa aprendizagem e uma destreza de mestre, pois era preciso manter o equilíbrio no meio de tanta gente e obstáculos.

Contudo, o brinquedo por excelência, o rei de todos os brinquedos e o que despertava tanto entusiasmo nos pais como nos filhos, o que suscitava mais competição, rivalidades e conflitos, o que arrastava todos os sonhos de evasão e de liberdade desta gente emparedada, era um simples quadrado de madeira com papel e fio. Aqui, o papagaio de papel era mais do que uma brincadeira. Constituía o reflexo de uma civilização, a felicidade de se deixar arrastar, guiar, dominar pelas forças da natureza. Era uma forma de arte, uma religião, uma filosofia. Os restos de centenas de papagaios que pendiam dos cabos eléctricos do bairro de lata eram os emblemas decorativos da gente da

“Cidade da Alegria”.

Os mais pequenos treinavam-se com pedaços de papel de embrulho. Aos seis ou sete anos procuravam aperfeiçoar as suas “máquinas”. Nessa altura já eram capazes de transformar um pedaço de khadi, uma ponta de camisa ou, um trapo qualquer em autênticos aviões. Decoravam-nos com desenhos geométricos e pediam ao “Grande Irmão Stephan” que lhes escrevesse o nome com tinta nas asas. Os mecanismos mais sofisticados, com cauda e leme, eram obras dos rapazes mais velhos. Por vezes, colocavam vidro em pó nos bocados de fios que os seguravam, o que permitia diferenciar os fios dos papagaios rivais.

Uma noite, uma borrasca de pré-monção precipitou o lançamento de uma destas aeronaves. Todo o recinto se deixou arrebatado pelo entusiasmo. “Julguei-me em Cap Kennedy no instante de um lançamento de uma nave”, narraria Kovalski. Jai, de doze anos, um dos filhos do ex-marinheiro de Kerala, trepou ao telhado e correu sobre as telhas para lançar a sua ave de tela num turbilhão ascendente. Impelido pela tempestade, o papagaio ergueu-se no ar e cada impulso recebia o encorajamento de vivas arrebatados. Era como se todas as bocas soprassem para que ele subisse mais depressa. O rapazinho saltava de telhado em telhado para dirigir o seu engenho, fazê-lo parar e orientá-lo para uma corrente mais forte.

Dúzias de jovens do bairro de lata já se tinham partido todos a executar este tipo de acrobacia. “Sobe, sobe sobe!”, gritavam as pessoas. Jai manobrou-o tão bem que o enorme insecto branco, com as duas fitas cor-de-rosa a servir de cauda, se ergueu acima dos cabos eléctricos que atravessavam o bairro. Ouviu-se uma extraordinária ovação. Era o delírio. Os eunucos tocavam freneticamente os tambores. O próprio Kovalski se deixou arrebatado por todo aquele entusiasmo. Foi nessa altura que se ergueu um segundo papagaio no ar. O recinto muçulmano do lado lançara um desafio. A partir desse momento o caso tornava-se demasiado grave para ser deixado nas mãos das crianças. O pai de Jai e Ashish Ghosh, o jovem que se preparava para abandonar o bairro de lata e voltar à sua aldeia, subiram ao telhado. Seguraram no fio do papagaio. Havia que abater o rival e capturá-lo custasse o que custasse. Os homens do outro recinto subiram igualmente aos telhados. Seguiu-se um duelo vigoroso pontuado pelos gritos de entusiasmo da assistência. A brincadeira transformara-se num combate. Durante longos minutos o resultado manteve-se indeciso. Cada equipa manobrava no sentido de se apoderar do fio da outra. Uma súbita viragem da direcção do vento, de

imediatamente aproveitada, permitiu à equipa do recinto de Kovalski bloquear a subida do papagaio muçulmano e empurrá-lo para os cabos eléctricos. Gerou-se um pandemônio. Furiosos, os muçulmanos atiraram-se aos dois hindus. Telhas começaram a voar em todos os sentidos. A sarabanda dos tambores redobrou de intensidade. Outros homens treparam aos telhados. Lá em baixo, nos recintos, as mulheres encorajavam os combatentes. As duas máquinas voadoras colidiram, os fios emaranharam-se e acabaram por cair como folhas mortas nos cabos eléctricos. Entretanto, ao nível dos telhados, o feroz confronto não terminara. Os corpos rolaram para o recinto, e as estruturas de bambu estremeceram, afugentando ratos tomados de pânico.

Sem hipóteses de intervir, Kovalski refugiou-se no seu quarto. Através da porta aberta, avistou o jovem Jai, a pequena Padmini e os outros adolescentes, que de cabeça erguida e olhos incrédulos contemplavam os “adultos que lhes tinham roubado os seus brinquedos e lutavam como animais selvagens”.

LXII

— Guardar segredo da nossa partida? — exclamou Ashish Ghosh. — Neste formigueiro, onde toda a gente passa o tempo a espiar-se? Impossível!

O “Filho do Milagre” esboçou um aceno afirmativo de cabeça. Sabia perfeitamente que o jovem tinha razão. Um bairro de lata é um caldeirão onde os habitantes cozem lentamente o ano inteiro. Todos os atos da vida, mesmo os mais íntimos, como fazer amor ou falar durante o sono, eram executados aos olhos e aos ouvidos de todos. Contudo, o motorista de táxi preferiria que a notícia de que um quarto ia vagar fosse mantida em segredo até ele ter tempo de negociar com o senhorio o novo aluguer para Hasari Pai. Contudo, isto era tão difícil como querer impedir que o dia rompesse!

A partida iminente dos Ghoshs não tardou a ser o tema principal de todas as conversas. O interesse devia-se, na realidade, mais à notícia da partida do que ao quarto que ficaria vago. Após vários anos no bairro de lata, o grande sonho comum de regressar à aldeia parecia uma utopia sem hipótese de concretização. O fato de um casal renunciar voluntariamente a dois salários para ir plantar arroz ultrapassava todo o entendimento. E, curiosamente, as reações da aldeia dos Ghoshs foram igualmente negativas. “Já que a deusa Lakshmi pôs azeite na vossa candeia, é um crime apagar a chama e ir para outro lado”, decretaram, furiosos, os pais do rapaz, ameaçando impedi-lo de regressar pela força.

Entretanto, candidatos a locatários aglomeraram-se em tal quantidade diante da porta dos Ghoshs que o senhorio apareceu inesperadamente no recinto. Era um corpulento bengalês de cabelos tão brilhantes como uma estátua de Vixnu coberta de ghee. Até o buraco mais infecto da “Cidade da Alegria” tinha um dono legítimo. Alguns deles tinham mesmo quatro, um para cada parede. E muitos destes senhorios possuíam várias casas e, algumas vezes, um recinto inteiro.

“O fato de gordo bengalês ter aparecido em pessoa não augura nada de bom”, pensou o “Filho do Milagre”, e, de fato, não tardou muito antes que os seus pressentimentos se realizassem. O proprietário comunicou-lhe que ia duplicar a renda. Em vez de trinta rupias por mês, o quarto passaria a custar sessenta (seis dólares), uma quantia astronômica por uma toca de coelho sem eletricidade nem janelas e decerto incompatível com as miseráveis possibilidades de um condutor de riquixá afetado pela febre vermelha. O belo

sonho de Hasari acabava de cair por terra.

Contudo, o motorista de táxi não se mostrou vencido. “Deram-me a alcunha de ‘Filho do Milagre’, e por força deste nome resolvi bater-me para que Hasari conseguisse aquela casa”, contaria ele. “Prepara um prato de arroz, um coco e uma grinalda de flores”, disse à minha mulher. “Vamos pedir ao brâmane que faça uma puja.”

O brâmane era um homenzinho de uma extrema magreza. Vivia com a família no recinto de um templozinho, um dos lugares mais pobres do bairro de lata, situado entre a via-férrea e as miseráveis barracas de tábuas pertencentes a uma comunidade originária do Tamil Nadu. O “Filho do Milagre” pagou-lhe duas rupias. O brâmane pousou um tilak nas fronteiras dos visitantes e depois nas de Shiva e Nandi, o touro da abundância, que ocupava um trono ao lado da divindade no santuário. Pegou em seguida na sua bandeja de ritual, em paus de incenso, num pote de ghee, numa pequena campainha, num candelabro de cinco braços com pequenos recipientes, onde ardiam chaminhas, e conhecido por panchaprodip, e ainda um cântaro com água do Ganges. Recitou vários mantras, abanou a campainha e procedeu ao ritual das luzes, passeando o candelabro em redor das estátuas. Insistiu em particular na volta relativamente ao touro, dado que os hindus lhe atribuem a característica de realizar qualquer desejo.

Após a sua puja aos deuses do Céu, o “Filho do Milagre” resolveu dirigir-se aos deuses da Terra.

— Temos de pedir ajuda ao “padrinho” — anunciou a Ashish Ghosh. — Só ele pode cortar cerce as pretensões desse pirata.

— Pensas, de fato, que o “padrinho” se vai ocupar de uma coisa tão trivial? — duvidou Ashish.

— Porque não? Trata-se mesmo do tipo de intervenção que lhe agrada. Não se intitula, afinal, como o defensor dos desfavorecidos, o protetor das viúvas e dos órfãos, o guru dos pobres?

O “Filho do Milagre” solicitou, assim, uma audiência. Dois dias depois, um enviado do “padrinho” veio buscá-lo. Seguiu-se um ritual idêntico ao que Kovalski experimentara. O motorista de táxi foi primeiro introduzido numa antecâmara, onde guarda-costas jogavam às cartas e fumavam. Apareceu depois o filho mais velho do “padrinho” a fim de conduzir o visitante à vasta sala de recepção. O “Filho do Milagre” contemplou o que o rodeava de olhos esbugalhados. O “padrinho” era, de fato, um senhor. Tal como o Grande Mongol, estava sentado ao fundo da divisão, no seu trono incrustado de

pedras preciosas. O “Filho do Milagre” achou, porém, que os óculos escuros e as bochechas descaídas lhe davam o ar de um velho xarroco. Sem pronunciar palavra, projetou o queixo na direção do motorista de táxi para lhe indicar que estava pronto a escutá-lo. “O Filho do Milagre” expôs o seu pedido. Decorridos três minutos, o “padrinho” ergueu a mão gorda, peluda e coberta de anéis. Tinha compreendido. Qualquer explicação adicional seria supérflua. Fez sinal ao filho para que se aproximasse do trono e sussurrou-lhe ao ouvido o preço da sua intervenção. “Independentemente do fato de ser o protetor dos pobres e dos oprimidos, o ‘padrinho’ assemelhava-se a um cavalo de corrida”, contaria o motorista de táxi. “Não corria sem aveia. Contudo, e para minha surpresa, desta vez não se tratava de uma questão de dinheiro. Informou-me através do filho que, em troca da sua intervenção junto do exigente senhorio, pretendia instalar uma loja de bebidas clandestina no recinto. Nada mau, hein? E nem pensar em erguer o mínimo protesto. Não se recusa hospitalidade a uma pessoa que nos oferece um tecto.”

Um dos acontecimentos mais importantes que podiam agitar a vida de um bairro de lata, a partida de uma família e o regresso à sua aldeia, passou completamente despercebido. Tendo desistido da ideia de partir separadamente, os Ghoshs e os seus três filhos empilharam os haveres num riquixá e abandonaram o recinto, ao romper de uma manhã. Não houve um banquete de despedida, mas apenas algumas efusões de vizinhos próximos que haviam vivido e sofrido juntos na mesma prisão durante vários anos. Os jovens do recinto tinham, no entanto, preparado um presente de adeus. Foi Padmini a rapariguinha que apanhava o carvão das locomotivas, que o ofereceu a Mallika, a filha mais velha dos Ghoshs. O presente era a boneca de trapos que algumas semanas antes tinham metamorfoseado em Lakshmi, deusa da Prosperidade, agora coberta de ghee e engrinaldada de pétalas de rosas.

Kovalski acompanhou a família dos Ghoshs até a gare da estação ferroviária. Depois de duas horas de trem até a cidadezinha de Canning, mais três horas num barco a vapor nas águas do rio Matla, um afluente do delta do Ganges, seguidas de uma hora de ônibus e duas horas a pé sobre os diques, chegariam finalmente a casa, a cabo de seis anos de exílio! Eram o testemunho vivo de que a corrente do êxodo podia inverter-se, de que a tragédia de Calcutá não era invencível e talvez não fosse eterna. Era esta a maneira como Kovalski queria interpretar a sua partida. Contudo, sentia um desgosto imenso ante a perda do seu irmão e da sua irmã. Desde aquela

longínqua noite em que Margareta os conduzira ao seu quarto de Nizamudhin Lane que se gerara uma profunda amizade entre ele e estes seres jovens e luminosos, sempre prontos a acorrer a qualquer desgraça, a dedicar-se aos mais abandonados e miseráveis. Quando chegou a altura de fazer subir a família para a carruagem, Ashish virou-se para encarar o padre.

— Somos hindus, como sabes, Grande Irmão Stephan — disse numa voz entrecortada de emoção —, mas gostaríamos que, antes de partir, nos desses a bênção do teu Jesus.

Comovido, o padre ergueu a mão sobre as cinco cabeças reunidas no meio daquela multidão e traçou lentamente o sinal da cruz.

— Que a paz do Senhor seja convosco — murmurou —, pois vós sois a luz do mundo.

Foi só quando o trem arrancou e os rostos à janela desapareceram na atmosfera sufocante que Kovalski se apercebeu de que chorava.

Ninguém soube como o gordo bengalês se inteirou da data exata da partida dos Ghoshs, mas cerca das seis da manhã desse mesmo dia irrompeu pelo recinto acompanhado de meia dúzia de esbirros. Em Calcutá, qualquer pessoa podia recrutar um pequeno exército para regularizar os seus assuntos. Custava menos dinheiro contratar um homem do que alugar um boi para puxar uma carroça. O senhorio vinha munido de um enorme cadeado para colocar na porta do tugúrio agora sem locatários.

Tal como a batalha de Hastinapur ilustrava a epopeia Maabarata, aquela que rebentou no recinto tornar-se-ia uma página importante na história da “Cidade da Alegria”. Os adversários não eram, porém, guerreiros mitológicos em disputa da gloriosa capital de um reino, mas um bando de andrajosos prontos a matarem-se por um miserável buraco no fundo de um “bairro de lata”. O “padrinho” enviara o seu filho Ashoka à cabeça de um comando armado de matracas. Afastando do caminho o proprietário e os seus guardas, ocuparam posições em frente da antiga casa dos Ghoshs. O combate iniciou-se. Kovalski viu que alguém brandia uma faca e cortava a orelha a um dos combatentes. O pânico apoderou-se dos habitantes do bairro. As mulheres fugiram, gritando. Outras barricaram-se com os filhos. Aterrorizado, o galo dos eunucos soltava “cocorocós” que alvoroçaram o bairro. Telhas começaram a voar do cimo dos telhados. Seguiu-se a vez de chula, baldes e tijolos. Os feridos arrastavam-se, gemendo. Assemelhava-se a qualquer cena de uma peça, só que neste caso as pessoas lutavam a sério e com uma ferocidade sem barreiras.

Foi então que o “padrinho” surgiu escoltado pelos guarda-costas. Vestido com um dhoti de uma alvura imaculada, os pés metidos em sandálias douradas e uma bengala de punho de marfim na mão, parecia mais do que nunca o Grande Mongol. “É o imperador Akbar que vem aplacar a raiva dos súbditos”, pensou Kovalski. O combate cessou no espaço de segundos. Ninguém, tão-pouco os gunda contratados para as docas, se teria atrevido a disputar a autoridade do senhor da “Cidade da Alegria”. Tranquilizados, os habitantes regressaram a casa para observar a continuidade dos acontecimentos. O “padrinho” avançou na direção do gordo bengalês, confiou a bengala a um dos guarda-costas, ergueu as mãos à altura da fronte e uniu-as num gesto de saudação. Voltou a pegar na bengala e apontou-a para o enorme e negro cadeado que o bengalês continuava a segurar. Com um movimento imperceptível de cabeça, ordenou a um dos seus guardas que se apoderasse do mesmo. O senhorio não ofereceu qualquer resistência. Pelo contrário, saudou respeitosamente o “padrinho”, antes de se retirar com o que restava da sua escolta. O “padrinho” deu então a volta ao recinto, a fim de saborear a sua vitória. Acariciava, de passagem, a face dos bebês ao colo das mães.

O “Filho do Milagre” exultava de alegria. Podia dizer-se, uma vez mais, que merecia a alcunha. A vitória custara-lhe, no entanto, os olhos da cara: tivera de distribuir bastante dinheiro entre os vizinhos a fim de os convencer a aceitar a instalação da taberna, o preço da intervenção do “padrinho”. O resultado valia, no entanto, o sacrifício. Hasari iria, finalmente, escapar à degradação do passeio e instalar-se com a família neste recinto próximo do seu: um recinto de “quatro estrelas”, onde as casas do bairro de lata eram feitas de tijolo e com um verdadeiro tecto. Com o bônus da vizinhança de um autêntico homem de Deus de pele branca e nada menos do que cinco eunucos como vizinhos. O “padrinho” não perdera tempo para celebrar devidamente o episódio. As garrafas de bangla e de todì da sua nova loja de bebidas clandestina aguardavam os que iriam celebrar.

LXIII

Max Loeb não tinha qualquer dúvida de que aquela inacreditável visão se devia ao calor. “Estou a delirar”, pensou. Pousou o bisturi e esfregou os olhos, mas a visão mantinha-se, plantada na água lodosa da ruela.

— Papá! — gritou, precipitando-se para fora do quarto.

A alta silhueta de cabelo ruivo era, de fato, Arthur Loeb. O cirurgião americano tinha enrolado as calças até os joelhos, mais parecendo um pescador de camarões. Durante uns momentos, pai e filho conservaram-se em frente um do outro e incapazes de pronunciar uma palavra, até que por fim Arthur estendeu os braços e Max precipitou-se para ele. O espetáculo dos dois sahib que se abraçavam despertou a hilaridade da multidão aglomerada junto à porta do quarto-dispensário.

— É este o teu hospital? — perguntou finalmente Arthur Loeb com um gesto na direção das paredes lamacentas.

Max esboçou um aceno de cabeça afirmativo e soltaram uma gargalhada. Contudo, a expressão de Arthur Loeb endureceu subitamente. Acabara de pousar os olhos nos rostos cavados, nos bebês esqueléticos ao colo das mães, nos peitos salientes dos tuberculosos que tossiam e escarravam enquanto aguardavam a consulta.

— Tens aqui um verdadeiro pátio dos milagres — balbuciou, aterrorizado com o espetáculo.

— Lamento ser tudo o que tenho para te oferecer como comissão de recepção — desculpou-se Max. — Se me tivesses prevenido, terias direito a uma fanfarra com dançarinas, travestis, eunucos, grinaldas de flores, tilak de boas-vindas e tudo o mais! A Índia é um país faustoso!

— Tilak de boas-vindas?

— E o pó vermelho que te colocam na fronte, entre os olhos, para simbolizar a terceira visão, a que te permite ver a realidade para lá das aparências.

— De momento, o que vejo já me perturba o suficiente — retorquiu Arthur Loeb. — Existe decerto um lugar menos sinistro nesta cidade, onde possamos celebrar o nosso encontro.

— O que me dirias a um jantar punjabi? É a melhor cozinha da Índia. E o melhor restaurante fica justamente no teu hotel. Presumo que te alojaste no Grand Hotel?

O pai respondeu com um aceno afirmativo.

— Nesse caso, às oito, no Tandoori! — decidiu Max, ao mesmo tempo que indicava a fila de doentes e aleijados, que começavam a denotar impaciência. — E amanhã podes vir dar-me uma ajuda! As doenças respiratórias são a tua especialidade, não são? Vais ter com que te ocupar aqui.

Mal se podiam dar a esse luxo: os habitantes de Calcutá vingavam-se dos excessos de calor recorrendo aos excessos de ordem inversa. Como desafio às temperaturas escaldantes, um industrial da cidade cometera a extravagância de instalar um ringue de patinação no gelo em seu jardim. À semelhança de todos os locais do gênero, o restaurante que Max escolhera era um frigorífico. Por sorte, o maître, com turbante, descobrira uma garrafa de Dom Pérignon, que não demorou a aquecer os dois gelados convivas e a despertar seu apetite. Max conhecia todas as especialidades da cozinha punjabi. Tinha-as descoberto aqui mesmo na companhia de Manubai Chatterjee, a bonita indiana, que supervisará a sua iniciação gastronômica.

— Ao teu breve regresso a casa, Max! — brindou Arthur, erguendo a taça.

— Bebamos antes à tua descoberta de Calcutá — sugeriu Max, tocando com a sua na taça do pai. Beberam alguns goles.

— Que choque o desta tarde, raios! — exclamou Arthur Loeb.

— E ainda não viste nada de trágico!

— Queres dizer que ainda há pior? — surpreendeu-se o cirurgião.

— Pode parecer-te uma coisa inconcebível, depois de chegares de um paraíso como Miami — replicou Max, pensando na luxuosa clínica do pai. — De fato, ninguém pode fazer uma ideia precisa das condições de vida destas pessoas sem a partilhar, como o faz o padre polaco de quem te falei nas minhas cartas. Ou como eu, numa escala menos elevada.

Arthur escutava com um misto de respeito e surpresa. Acorreram-lhe ao espírito imagens do filho em criança e adolescente. Quase todas elas se relacionavam com um pronunciado traço do seu temperamento: uma fobia da sujidade. Durante toda a vida, Max mudara várias vezes por dia de roupa. No liceu, entre os amigos, a sua mania das lavagens conquistara-lhe a alcunha de Supersuds, uma famosa marca de sabonete. Mais tarde, na Faculdade, o seu medo obsessivo de insectos e de todo o tipo de vermes valera-lhe algumas partidas memoráveis, como a de encontrar uma colônia de baratas nos lençóis ou uma soberba tarântula na pasta de Anatomia. Os deuses da “Cidade da

Alegria” tinham-lhe metamorfoseado o filho e ele queria compreender.

— Não tiveste vontade de fugir quando puseste os pés nesta fossa? — perguntou-lhe.

— Claro! — respondeu Max sem hesitar. — Em particular porque aquele sádico do Kovalski me reservou uma bela surpresa à chegada: uma das suas amigas leprosas em trabalho de parto. Se tivesses visto a minha cara! Mas não foi tudo!

Max falou ao pai do calor infernal, das centenas de mortos-vivos que lhe invadiam o quarto em busca de qualquer milagre impossível, da greve dos limpa-latrinas, que havia transformado o bairro de lata num mar de excrementos, das tempestades tropicais, da inundação, do assalto à mão armada em plena noite, da picada do escorpião e da sua queda no esgoto.

Arthur Loeb esboçou uma careta quando lhe trouxeram os pratos.

— Não te preocupes. Esta cor é típica da cozinha punjabi — explicou Max, encantado por poder mostrar os seus conhecimentos. — Começa-se por esmagar os pedaços de carne em iogurte aromatizado com todo o gênero de especiarias. Depois são cozinhados numa espécie de pasta apimentada. É o que lhes dá esta cor. Em seguida, metem-nos num tandoor, que é um forno especial de barro. Prova. É uma maravilha!

Arthur Loeb obedeceu. Contudo, Max verificou que logo a seguir toda a cor subiu ao rosto do pai. Ouviu-o balbuciar algumas palavras entre dentes. O pobre homem pedia um pouco de champanhe para apagar o fogo que sentia na boca. Max apressou-se a encher-lhe a taça e mandou vir alguns nan, o delicioso pão sem fermento, ideal para apaziguar os palatos em fogo. De súbito, passados uns cinco minutos, ele voltou a erguer os olhos.

— E se eu comprasse a tua “Cidade da Alegria”?

— Referes-te ao bairro de lata? — replicou Max, quase engolindo um osso de galinha.

— Exato. Podia deitá-lo abaixo para o reconstruir, com água corrente, esgotos, eletricidade e mesmo televisão. E oferecer de presente as casas aos habitantes. Que me dizes a isto, meu filho?

Max esvaziou a taça lentamente e com um ar pensativo.

— É uma ideia genial, papá — acabou por dizer. — O único problema reside em que estamos em Calcutá e não em Miami ou no Bronx. Receio que um projeto desses seja difícil de realizar aqui.

— Quando se está disposto a pagar, pode fazer-se tudo — observou Arthur levemente agastado.

— Tens certamente razão. Mas aqui o dinheiro nem sempre é suficiente. Há outras considerações a ter em conta.

— Por exemplo?

— Antes do mais, nenhum estrangeiro pode comprar bens imobiliários. É uma velha lei indiana. Até os próprios britânicos tiveram de se lhe submeter quando estavam no auge do poder.

— Servir-me-ei de testas de ferro indianos. Eles comprar-me-ão o bairro de lata e o resultado será o mesmo. No fim de contas, o importante é o resultado, não?

Quer se devesse à comida picante ou à recordação traumática da sua primeira visita a Anand Nagar, a verdade é que o cirurgião se mostrava muito excitado.

— Um empreendimento deste gênero teria um impacto muito mais direto do que todos os nebulosos projetos de ajuda aos países subdesenvolvidos discutidos nas Nações Unidas — concluiu.

— Sem dúvida — concordou Max com um sorriso.

Pensou na cara que fariam os babu do Governo quando tivessem conhecimento de que um sahib americano queria comprar um dos bairros de lata de Calcutá. Existia, porém, um obstáculo mais grave. Desde que ele próprio mergulhara na pobreza do Terceiro Mundo, Max passara em revista um bom número das suas ideias de rico sobre a maneira de resolver os problemas dos pobres.

— Quando cheguei ao bairro de lata — confessou ao pai — uma das primeiras reflexões que Kovalski partilhou comigo pertence a um arcebispo brasileiro que luta ao lado dos pobres dos campos e das favelas. Na sua opinião, a nossa ajuda apenas serve para tornar as pessoas mais dependentes, excepto quando é acompanhada de ações destinadas a eliminar as verdadeiras raízes da pobreza.

— Queres dar-me a entender que não vale a pena arrancá-los aos seus buracos imundos e instalá-los em casas novas? — surpreendeu-se Arthur Loeb.

Max abanou tristemente a cabeça.

— Aqui, foi-me dada a oportunidade de aprender uma curiosa realidade — replicou. — Num bairro de lata, um explorador vale mais do que um Pai Natal... Quando alguém te explora, és forçado a reagir, ao passo que um Pai Natal te torna inativo — explicou ante o ar estupefato do pai.

“Demorei alguns dias a compreender o significado exato das palavras de

Max”, confessaria Arthur Loeb. “Todas as manhãs, apanhava um táxi para ir ter com ele ao bairro de lata. Desde o romper do dia ou desde a noite anterior que centenas de pessoas faziam bicha à porta do seu quarto-dispensário. Bandona, a adorável assamesa, arranjara-me espaço a um canto do quarto. Era ela que selecionava os doentes. Com um olho infalível, entregava-me os casos mais graves, regra geral os tuberculosos em último grau. Em toda a minha vida, nunca me fora dado observar organismos tão debilitados. Ignoro onde aqueles espetros iam arranjar forças para percorrer a pouca distância que os separava da minha mesa. Aos meus olhos, estavam mortos. Mas enganava-me. Aqueles mortos ambulantes encontravam-se, de fato, vivos. Acotovelavam-se, discutiam e gracejavam uns com os outros. Na Cidade da Alegria a vida parecia sobrepor-se constantemente à morte.”

Os mergulhos quotidianos neste centro de pobreza e sofrimento de um bairro de lata indiano iriam sobretudo permitir que o Dr. Arthur Loeb compreendesse a que nível poderia situar-se uma ajuda eficaz. “Eu estava disposto a dar um milhão de dólares para comprar um bairro de lata e reconstruí-lo, diria, “quando a primeira necessidade consistia em distribuir leite a bebês raquíticos de moleirinha ainda aberta, vacinar uma população que corria sério risco de epidemias e arrancar milhares de tuberculosos à poluição fatal. Esta experiência partilhada com o meu filho e Bandona levou-me a descobrir uma verdade fundamental. E ao nível terreno que os gestos de solidariedade são eficazes e apreciados como tal. Um simples sorriso pode ter tanto valor como todos os dólares do mundo.”

Um simples sorriso! Todas as quartas-feiras de manhã, Max alugava um micro-ônibus à sua custa. Nele transportava cerca de dez crianças raquíticas, jovens atacados de paralisia e deficientes físicos ou mentais. Algumas das mães, bem como Bandona e Margareta, acompanhavam o jovem médico e o seu triste grupinho. Numa dessas manhãs de quarta-feira o micro-ônibus transportou um passageiro a mais, o pai de Max. O veículo atravessou a larga ponte metálica sobre o Hooghly e enfiou, com grandes buzinas, na loucura dos engarrafamentos. O número 50 de Circus Avenue era um velho prédio arruinado de dois andares. A entrada, uma simples tabuleta pintada informava: “ESTRID DANE CLINIC, 1º andar”. “Uma clínica nesta sala enorme, poeirenta e mal iluminada, apenas mobilada com duas mesas?”, interrogou-se o cirurgião americano, passando o olhar surpreendido pela decoração austera. O espetáculo a que ia assistir proporcionar-lhe-ia, no entanto, uma das maiores emoções da sua vida.

Quando todas as crianças estavam nos seus lugares, apareceu a dona do estabelecimento. Era uma senhora idosa, descalça, de baixa estatura e de aspecto quase insignificante. Usava o sari branco e os cabelos muito curtos das viúvas hindus. A atenção do americano foi de imediato atraída por um pormenor: o seu sorriso. Um sorriso luminoso que se estendia ao rosto enrugado, aos olhos claros e à boca avermelhada do bétel. Um sorriso de comunhão, de amor e de esperança. “Só aquele sorriso”, confessaria Arthur Loeb, “iluminava este depósito de miséria com um brilho e reconforto sobrenaturais. Era puro carisma.”

Aos oitenta e dois anos, Estrid Dane era uma das glórias da ciência médica indiana. Contudo, não era médica, nem curandeira, nem endireita. Na clínica que inaugurara em Londres, a sua voz terna e o sorriso angelical haviam curado, ao longo de quarenta anos, mais doenças físicas do que muitas instituições especializadas. Os mais célebres professores enviavam-lhe casos desesperados. A imprensa e a televisão faziam reportagens sobre as suas atividades. “A velha indiana de mãos milagrosas”, como lhe chamavam, era conhecida praticamente em toda a Inglaterra. No crepúsculo da vida, Estrid Dane decidira regressar ao seu país e consagrar a última etapa da sua existência aos seus compatriotas. Instalara-se neste velho e arruinado edifício de Circus Avenue, onde, todas as manhãs, renovava os seus milagres com a ajuda de jovens alunas que formava na sua técnica.

Margareta e Bandoná depositaram na primeira mesa o corpo inerte de um rapazinho pálido de cinco ou seis anos. Os braços, as pernas, os olhos, a cabeça, tudo nele se apresentava sem vida. Arthur Loeb não conseguiu afastar o pensamento de um “pequeno cadáver que guardara a frescura”. Chamava-se Subash e era vítima de poliomielite. A mãe levava-o a Max no dia anterior. “Tome-o”, implorara-lhe com um olhar trágico. “Nada posso fazer por ele.” Max examinara a criança e devolvera-a em seguida aos braços da mãe. “Trá-lo amanhã de manhã. Vamos levá-lo a Estrid Dane”, dissera.

“As mãos da velha indiana pousaram suavemente no tórax e nas coxas sem vida da criança”, contaria Arthur Loeb, “e os seus olhos, a boca, as faces enrugadas abriram-se num sorriso. Tive a sensação de que este sorriso atingiu o doente como um raio laser. Os olhos brilharam-lhe e os lábios deixaram transparecer os pequenos dentes. O rosto animou-se um pouco. Era inacreditável: também ele sorria.” Iniciou-se então o bailado fantástico das mãos de Estrid. Lenta e metodicamente, a indiana apalpou os músculos de Subash, os seus tendões, os ossos, a fim de detectar os pontos mortos onde

ainda talvez existisse uma centelha de vida. “Sentia-se que aquela mulher empenhava nessa busca tanto da inteligência e coração como das suas mãos”, prosseguiria o americano, “pois não parava de fazer perguntas. Porque estava atrofiado este músculo? Por ruptura accidental da sua ligação ao sistema nervoso ou por subalimentação? Porque é que determinada zona perdera a sensibilidade? Numa palavra, quais eram as causas possíveis de cada lesão? As suas mãos detinham-se a cada instante e agarravam nas das alunas para as guiar até uma deformação ou um ponto sensível. Dava nessa altura uma longa explicação em bengali, que cada uma das jovens escutava com um respeito religioso. A parte verdadeiramente mágica do seu tratamento apenas se realizava depois deste inventário. Durante a meia hora seguinte, as palmas das mãos de Estrid Dane ora firmes ora suaves, manusearam o corpo da pequena vítima de pólio, forçando-a a reagir, nele reacendendo uma chama apagada. Era uma cena surpreendente. Acorda, Subash, mexe os braços, as pernas, os pés. Vive Subash!, parecia dizer por intermédio de cada gesto.”

Acocorada na sombra, atrás da indiana, a mãe de Subash espiava o mínimo movimento em redor do filho. Os dois americanos e os demais presentes sustinham a respiração. O único som era a fricção das mãos de Estrid na pele do doentinho.

Não se verificou qualquer milagre. Ninguém viu o jovem parálítico levantar-se e correr para os braços da mãe. O que se passou, no entanto, pareceu aos olhos dos Drs. Loeb, pai e filho, uma demonstração do que não hesitaram em qualificar de “excepcional proeza médica”. “Repentinhas vibrações pareceram percorrer o corpo da criança”, recordaria o professor. “Primeiro foi o braço direito que ganhou vida e depois o esquerdo. A cabeça, que dera a impressão de estar soldada ao peito pelo queixo, esboçou um movimento. Tímida e fracamente, um sopro de vida começava a animar este corpo mumificado. Era óbvio que os dedos da velha indiana com sari de viúva tinham posto o motor de novo em movimento. Havia reacordado o sistema nervoso, obrigando-o a emitir os seus impulsos através deste pequeno cadáver com vida. Eu sabia que não passava de um primeiro resultado e que o percurso até a cura seria demorado. No entanto, esta terrível cidade de Calcutá tinha-me dado a mais bela lição de esperança de toda a minha vida.”

LXIV

“Parecem um rebanho de cabras a caminho do matadouro”, pensou Stephan Kovalski enquanto observava a família que entrava no recinto. “Com o seu longhi de algodão preso entre as pernas, magras como dois paus de fósforo”, contaria o padre mais tarde, “o pai caminhava na frente, transportando à cabeça um cesto com os haveres da família: uma chula, alguns utensílios de cozinha, um balde, alguma roupa interior e os trajes festivos embrulhados em papel de jornal e atados com um fio de juta. Era um homem de frágil constituição, com um enorme bigode de pontas caídas, um cabelo farto e grisalho e um rosto por barbear e marcado pelas rugas. Uma certa flexibilidade de movimentos indicava que era mais novo do que aparentava.

Atrás dele, de olhos baixos e o véu puxado sobre a testa, caminhava em passo miúdo uma mulher de pele clara vestida com um sari laranja. Transportava à anca o mais novo da família, um rapazinho ossudo e com o cabelo curto. Uma jovem de cabeça descoberta e duas longas tranças e dois rapazes de catorze e dez anos seguiam-na de cabeça baixa e expressão receosa. Pareciam, de fato, um rebanho de cabras a caminho do matadouro.”

O “Filho do Milagre” esperava Hasari e a sua família à entrada da nova habitação, que constituía um troféu conquistado com muito custo. Tinha decorado o solo com uma carpeta de rangoli. Os habitantes do recinto formaram imediatamente um círculo em redor dos recém-chegados e o motorista de táxi tomou as apresentações a seu cargo. Tinha comprado várias garrafas de bangla na loja de bebidas clandestina do “padrinho” e os copos circularam de mão em mão. O chefe do recinto pronunciou algumas palavras de boas-vindas e tocou no copo de Hasari, que ainda não havia recuperado da surpresa de tal acolhimento. “Depois de tantos anos de sofrimento, era como se Bhagavan¹ me tivesse aberto subitamente as portas do Paraíso.”

Stephan Kovalski não foi de maneira alguma dos últimos a participar nesta pequena festa. Juntamente com os eunucos, os Pais seriam, agora, os seus vizinhos mais próximos e o seu estômago sobrevivera a tantas agressões que certamente poderia aguentar algumas goladas do álcool letal, mesmo sob o calor asfixiante. Mas nem todos tinham o mesmo poder de resistência. Kovalski verificou que as pupilas de Hasari se dilatavam subitamente e adquiriam um tom estranhamente esbranquiçado. Antes que alguém tivesse

tempo de esboçar um gesto, o condutor de riquixá cambaleou e caiu por terra. Todo o corpo se agitava tomado de convulsões. O pescoço inchou-se-lhe como se fosse vomitar. Kovalski pôs-se de joelhos e ergueu-lhe a cabeça.

— Cospe, cospe essa porcaria! — incitou-o. Como resposta a estas palavras viu que os lábios se entreabriam por baixo do espesso bigode. — Cospe, irmão, cospe! — repetiu.

O polaco ouviu um ruído na garganta do homem e uma espuma avermelhada apareceu-lhe nas comissuras dos lábios. Os habitantes do recinto aperceberam-se então de que os vômitos do seu novo vizinho não eram provocados pelos festejos de boas-vindas. Também ele tinha a febre vermelha.

Nessa noite, quando o disco do Sol desaparecia por detrás da cortina de fumo que aprisionava o bairro de lata, o som de uma trompa arrancou o padre ao seu recolhimento diante da imagem do Santo Sudário. Este ruído era-lhe tão familiar como o grasnar dos corvos. Mal recobrava os sentidos, Hasari decidira honrar o seu novo alojamento com uma puja. Colocara paus de incenso nas dobradiças da porta e nos quatro cantos do quarto. Em seguida, e à semelhança do que faziam milhares de indianos todas as noites desde os primórdios da humanidade, soprava um búzio para atrair sobre ele e os seus “os espíritos benéficos da noite”. Kovalski rezou com especial fervor, para que este apelo pudesse ser escutado. Contudo, há algum tempo que os deuses do bairro da lata pareciam afetados por uma cruel surdez.

Embora tivesse preferido partilhar o seu local de dormida com eunucos do que com um tuberculoso cheio de bacilos, o Grande Irmão Stephan não hesitou em convidar Hasari e o filho mais velho a dormirem no pedaço de alpendre junto à sua porta. Os Pais eram, na realidade, demasiados para poderem estender-se todos do lado de fora do seu buraco e o calor asfixiante das semanas anteriores à monção impossibilitava o sono no interior das barracas. Kovalski jamais esqueceria esta primeira noite que passou deitado ao lado do seu vizinho, não só devido ao ruído impressionante que os pulmões de Hasari produziam e se assemelhava ao barulho da forja de um ferreiro, mas também às confidências que iria escutar. Assim que o padre se deitou no cimento, Hasari virou-se na sua direção.

— Não adormeças já, Grande Irmão — suplicou. Preciso de te falar.

Kovalski fora frequentemente alvo de apelos deste gênero, algumas vezes feitos por desconhecidos.

— Escuto-te, irmão — declarou num tom caloroso.

Hasari parecia hesitante.

— Sei que o meu chakra em breve deixará de girar nesta vida — declarou.

Kovalski conhecia perfeitamente o sentido destas palavras. Hasari expressava a premonição de um fim próximo. O polaco, protestou, mas sem grande convicção. Depois da crise a que assistira nessa tarde, sabia que infelizmente nem Max nem qualquer outra pessoa podiam salvar o pobre homem.

— Não receio a morte — prosseguiu o condutor de riquixá. — Passei uns bocados tão duros desde que saí da minha aldeia que tenho quase a certeza... — voltou a hesitar — ... quase a certeza de que hoje o meu karma é menos pesado e renascerei numa encarnação melhor.

Kovalski detectara frequentemente esta esperança nas confidências dos moribundos a cuja morte assistira no bairro de lata. Produzia-lhes um efeito apaziguador. Nessa noite, porém, o seu vizinho pretendia falar de outras coisas.

— Grande Irmão — continuou o antigo camponês, apoiando-se nos cotovelos —, não quero morrer antes de... — Engasgou-se, sacudido por um violento acesso de tosse. Kovalski bateu-lhe nas costas. Chegavam-lhe de todos os lados os roncoss das pessoas adormecidas. De longe chegava-lhe o som de gritos e de um altifalante: realizava-se uma festa em qualquer parte. Decorreram uns longos minutos, durante os quais o polaco se interrogou sobre qual seria a súbita preocupação que inquietava o seu vizinho a uma hora tão tardia. Não teve de esperar muito pela resposta. — Não posso morrer, Grande Irmão, antes de ter encontrado marido para a minha filha — declarou o antigo camponês.

Para um pai indiano não existia maior obsessão do que a de casar a sua filha. Amrita, a filha do condutor de riquixá, tinha apenas treze anos de idade, mas, embora os duros anos vividos no passeio e no bairro de lata não lhe tivessem roubado a frescura, a gravidade da sua expressão traduzia que há muito deixara de ser uma criança. Na sociedade indiana, o papel de rapariga é ingrato. Nenhum trabalho doméstico ou pesado lhe é poupado. Sendo a primeira a levantar-se e a última a deitar-se, leva uma vida de escrava. Mãe antes de ser na verdadeira acepção, Amrita havia criado os irmãos. Guiara seus primeiros passos, procurara comida para eles nos restos dos hotéis, costurara os farrapos que lhes serviam de roupa, massagara seus membros descarnados, organizara as brincadeiras e tirara os piolhos da cabeça. Desde

muito nova que a mãe a tinha incansavelmente preparado para o único grande acontecimento da sua vida, aquele que um dia faria desta jovem miserável o tema de todas as conversas no pequeno mundo de pobres que a rodeava: o seu casamento. Toda a sua educação se dirigia nesse sentido. O acampamento no passeio, a barraca de cartão e tábuas no primeiro bairro de lata tinham constituído para ela locais de aprendizagem, onde havia aprendido tudo o que convém a uma mãe de família exemplar e a uma boa esposa. Como todos os pais indianos, os Pais tinham consciência de que um dia seriam julgados sobre a maneira como a filha se comportaria no lar do seu marido. E na medida em que a sua conduta deveria ser de submissão, Amrita fora treinada desde a mais tenra idade a renunciar aos seus gostos pessoais e folguedos para servir os pais e os irmãos, o que sempre fizera com um sorriso. Desde criança que aceitara a ideia do conceito indiano do casamento, o que levaria um dia Hasari a dirigir-se a Kovalski nesse sentido.

— A minha filha não me pertence — disse. — Apenas me foi emprestada por Deus até que case. Pertence ao rapaz que será o seu marido.

Os costumes indianos exigem, regra geral, que uma jovem se case antes da puberdade, e daí a realização de casamentos de “crianças” que parecem tão bárbaros aos Ocidentais. Nesses casos trata-se de um mero ritual. O verdadeiro casamento apenas se realiza após o aparecimento da primeira menstruação. Nessa altura o pai da “noiva” vai falar com o pai do “noivo” e informa-o de que a sua filha pode a partir desse momento ter filhos. Organiza-se uma cerimónia definitiva de casamento e é nessa altura que a jovem abandona a casa dos pais, a fim de ir viver com o rapaz com quem “casou” há anos.

A filha de um miserável condutor de riquixá não é um partido especialmente invejável. A primeira menstruação de Amrita aparecera antes do casamento, na véspera dos seus onze anos. De acordo com a tradição, a rapariga trocara a saia e o corpete de menina por um sari de adulta, mas não se verificara qualquer celebração no bocado de passeio ocupado pelos Pais. A mãe limitara-se a embrulhar num pedaço de jornal o trapo que absorvera o seu primeiro sangue. Quando Amrita se casasse, ela e toda a família levariam este pedaço de pano ao Ganges para o mergulharem nas águas sagradas, a fim de que a fertilidade abençoasse a jovem esposa. Para que este dia pudesse ocorrer sem demora, o pai de Amrita tinha de resolver um problema que era na realidade crucial.

Hasari devia juntar um dote, à semelhança do que o seu pai fizera para

as suas irmãs e milhares de pais para as suas filhas. Indira Gandhi tinha proibido este costume ancestral, mas tal não impedia que ele continuasse na Índia moderna, mais tirânico do que nunca.

— Não posso entregar a minha filha a um paralítico, um cego ou um leproso — disse Hasari a Stephan. — Só esses esquecidos da sorte concordariam em casar com uma jovem sem dote. — O pobre homem não cessava de fazer todos os gêneros de cálculos, mas todos resultavam no mesmo número fatídico: cinco mil rupias! O produto de dois anos de corridas entre os varais do seu riquixá ou uma vida de dívidas ao mahajan do bairro de lata. Mas que vida e que corridas? — Quando se cospe sangue — prosseguiria — vê-se erguer o Sol no céu, perguntando se se irá vê-lo desaparecer.

Kovalski confiou o seu novo vizinho a Max, que o submeteu a um tratamento enérgico, à base de antibióticos e de vitaminas. O efeito dos medicamentos neste organismo virgem de qualquer habituação foi espetacular. Os acessos de tosse diminuíram de frequência e em breve, encontrou forças para recomeçar a puxar o seu riquixá, sob o calor úmido das semanas que antecediavam a monção. A chegada iminente do dilúvio anual aumentava as suas perspectivas de um rendimento mais elevado, pois os riquixás eram os únicos veículos que conseguiam circular nas ruas inundadas de Calcutá. Mesmo assim não conseguiria reunir as cinco mil rupias indispensáveis.

Foi nessa altura que o destino interferiu, sob a forma de um encontro fortuito com um desses “intermediários” que rondam pelas ruas como abutres em busca de negócio. Hasari encontrava-se diante da agência da companhia de aviação SAS, à esquina de Park Street, onde acabava de deixar duas senhoras e as suas pesadas malas. Vítima de um brusco ataque de tosse, que o sacudiu como uma cana num tornado, Hasari sentiu-se tão mal que dois outros condutores se precipitaram para o ajudar a deitar-se no banco do seu carro. Um rosto marcado pelas bexigas debruçou-se repentinamente sobre o de Hasari. Tinha um olhar compassivo.

— Então, amigo, isso não vai lá muito bem, pois não? — interpelou-o o desconhecido.

Esta observação amistosa reconfortou Hasari. Não abundam as pessoas que tratam os outros por “amigo” nesta cidade desumana. Limpou a boca ensanguentada com uma ponta do colete.

— Deve ser realmente duro puxar carros quando se cospem os pulmões!

— apiedou-se o indivíduo.

— É bem verdade — concordou Hasari com um aceno de cabeça.

— O que dirias se te oferecesse, sem teres de fazer nada, tanto dinheiro como o que ganhas a suar dois meses entre os teus varais? — inquiriu então o desconhecido.

— Tanto dinheiro como... — balbuciou Hasari, ao qual faltaram as palavras. — Oh, diria que o senhor é o deus Hanuman em pessoa. Se é o meu sangue que lhe interessa, enganou-se no cliente — anunciou logo em seguida tristemente, ao recordar—se do intermediário que o abordara no Bazar Bara. Nem mesmo os abutres quereriam o meu sangue. Está podre.

— Não é o teu sangue que quero, mas os ossos.

— Os meus ossos? — replicou o condutor, cuja expressão horrorizada provocou um sorriso no intermediário.

— Isso mesmo — repetiu ele calmamente. Se me acompanhares ao meu patrão, ele compra-te os ossos por quinhentas rupias — explicou. — Quando morreres, ele vai buscar o corpo e o teu esqueleto pertence-lhe.

Este homem era uma das molas da engrenagem de um macabro comércio que fazia da Índia o principal exportador de ossos humanos do mundo. Todos os anos, cerca de vinte mil esqueletos inteiros e dezenas de milhares de ossos diversos cuidadosamente embalados partiam dos aeroportos ou dos portos indianos com destino às faculdades de medicina dos Estados Unidos, Europa, Japão e Austrália. Este tráfico extremamente lucrativo rendia cerca de um milhão e meio de dólares por ano. O seu centro era Calcutá. Os principais exportadores — em número de oito — tinham uma casa própria e os seus nomes figuravam nos registos da sede local da Alfândega. Chamavam-se Fashiono Co. Hilton Co. Krishnaraj Stores; R. B. Co. M. B. Co.; Vista & Co.; Sourab and Reknas Ltd. e finalmente Mitra & Co. A prática deste comércio obedecia a regras administrativas exatas. Um manual especializado, o Export Policy Book, especificava em particular que “a exportação de esqueletos e de ossos humanos é autorizada mediante a apresentação de um certificado de origem dos cadáveres assinado por um oficial da polícia com a patente mínima de comissário”. O mesmo documento estipulava que “os ossos apenas podiam ser exportados para estudos ou investigação médica”. Previam, no entanto, que se podiam fazer exportações “por outros motivos, após um exame caso a caso”.

O fato de Calcutá ser o centro desta estranha atividade nada tinha a ver com a taxa de mortalidade nos bairros de lata. Este negócio devia a sua

prosperidade à presença na cidade de uma comunidade de várias centenas de emigrantes do Biar, que pertenciam a uma casta extremamente baixa, os dom. Os dom são predestinados por nascimento a ocuparem-se dos mortos. São frequentemente considerados ladrões, saqueadores de cadáveres. Vivem, regra geral, junto das piras crematórias de Hooghly e junto de cemitérios ou das morgues dos hospitais e não se misturam com os outros habitantes. Eram eles quem forneciam aos exportadores a maioria dos ossos destinados à sua atividade. Procuravam a macabra mercadoria das mais variadas formas: recolhendo, antes do mais, os ossos ou os cadáveres rejeitados pelas águas do Hooghly, na medida em que a tradição determinava que muitos corpos — os de certos saddhus, de leprosos ou de crianças com menos de um ano, por exemplo — fossem lançados ao rio em vez de cremados. Abordavam, igualmente, junto à área crematória, as famílias que eram demasiado pobres para comprarem madeira para uma pira ou pagarem os serviços de um padre. Os dom ofereciam-se para tomarem a seu cargo os ritos funerários por um preço mais conveniente. Os pobres ignoravam em absoluto que os restos do seu parente seriam cortados numa cabana vizinha, que os seus ossos seriam vendidos a um exportador e que um dia o seu crânio, a coluna vertebral, talvez todo o esqueleto, seriam exibidos em lições dadas a estudantes americanos, japoneses ou australianos. As morgues dos hospitais constituíam uma outra fonte de abastecimento de ossos. Só na morgue de Momimpur mais de mil e quinhentos cadáveres que não eram reclamados caíam anualmente nas mãos dos dom. Quando a procura era maior, chegavam mesmo a ir competir com os chacais os ossos dos mortos enterrados nos cemitérios cristão e muçulmano. Em resumo, nunca havia perigo de lhes faltar a mercadoria. E, no entanto, os cérebros do negócio acabavam de inventar um novo processo de aprovisionamento. A ideia de comprar um homem enquanto ainda estava de pé, à semelhança do que se faz para um animal a abater, a fim de garantir o direito aos seus ossos quando ele morresse, era tão diabólica quanto engenhosa. Possibilitava a acumulação de um armazenamento ilimitado, na medida em que em Calcutá pobres e moribundos não faltavam. Quinhentas rupias! A quantia revolteava no cérebro de Hasari como as bolas de uma extração de loteria. O “batedor” não se enganara. Sabia detectar a presa com um só olhar. As ruas estavam cheias de pobres diabos que cuspiam os pulmões, mas nem todos se encontravam em posição de oferecer as garantias necessárias. Para que a compra de um esqueleto vivo se revelasse uma operação lucrativa, era necessário que tivesse

família, um patrão, amigos; por outras palavras, uma identidade e uma morada. Caso contrário, como recuperar-lhe o corpo quando ele morresse?

— De acordo, amigo?

Hasari ergueu os olhos para o rosto bexigoso que esperava a sua resposta. Manteve-se calado, mas o homem não deu sinais de impaciência. Estava habituado a este tipo de reações. “Nem mesmo um homem sem saída é capaz de vender o corpo como um pedaço de khadi.”

— Quinhentas rupias, nem mais nem menos! O que tens a dizer? — continuava a maravilhar-se Hasari diante de Ramatullah, o condutor que partilhava o seu riquixá, devido à proposta surpreendente que acabara de lhe ser feita. Pedira ao intermediário que lhe desse um prazo para refletir até o dia seguinte. Ramatullah era muçulmano. Persuadido de que,

quando morresse, Alá viria buscá-lo pelos cabelos e assim transportá-lo até o Paraíso, sentia repúdio ante qualquer ideia de mutilação física após a morte. Os mullahs da sua religião proibiam mesmo a doação de órgãos para fins científicos e os poucos bancos de olhos indianos não contavam com um único muçulmano entre os seus doadores. Contudo, a quantia oferecida era tão elevada que não podia deixar de se sentir admirado.

— Tens de aceitar, Hasari — acabou por aconselhar. O teu Grande Deus perdoar-te-á. Sabe que é preciso que cases a tua filha.

O antigo camponês sentia-se atormentado com a ideia de ofender os deuses. A religião hindu exigia que, para que uma alma pudesse “transmigrar” numa outra forma após a morte, o corpo fosse primeiro destruído e reduzido a cinzas pelo fogo, que tudo purifica. “O que será da minha alma se os meus ossos e a carne forem cortados por esses carnicheiros, em vez de queimados nas chamas de uma pira?”, inquietava-se o condutor de riquixá! Resolveu abrir-se com Kovalski. A primeira reação de padre foi a mesma de Ramatullah. A ideia cristã da Ressurreição implicava a existência de um corpo intato que retornava à vida em toda a sua força e beleza para ocupar o seu lugar junto do Criador em toda a sua plenitude original. Contudo, os anos que vivera na miséria do bairro de lata, haviam levado Kovalski a aceitar ocasionalmente uma posição flexível entre os ideais da fé e os imperativos de sobrevivência.

— Acho que deves aproveitar esta oportunidade para levar a cabo a tua missão neste mundo — declarou relutante, atraindo a atenção do condutor de riquixá para a filha, que estava ocupada a despiolhar o irmãozinho no extremo oposto do recinto.

Num edifício de dois andares arruinado pela umidade, junto a uma espécie de armazém, nada distinguia as instalações da Mitra & Co. das centenas de outras empresas em pequena escala espalhadas pela cidade, à exceção de que esta firma não tinha qualquer tabuleta a indicar a natureza da sua atividade. O intermediário de rosto bexigoso bateu várias vezes à porta do armazém e uma cara não tardou a recortar-se entre a porta entreaberta. O intermediário indicou Hasari.

— Trago um cliente — anunciou.

A porta abriu-se completamente e o porteiro fez sinal aos dois homens para que entrassem. O cheiro que lhe entrou pelas narinas era um odor sufocante, que enchia a garganta, sufocava, submergia. Hasari nunca cheirara algo parecido. Por momentos, vacilou, mas o companheiro empurrou-o para diante. Foi nessa altura que localizou a proveniência do cheiro. Acabava de penetrar num lugar que só a imaginação de Dante ou Diirer poderiam ter concebido, uma inacreditável catacumba para o outro mundo, onde dúzias de esqueletos de todos os tamanhos estavam alinhados ao longo das paredes, como uma parada de fantasmas, e onde filas de mesas e de prateleiras se apresentavam cobertas de um ossuário inacreditável. Havia milhares de ossos de todas as partes do corpo: centenas de crânios, colunas vertebrais, tórax, mãos e pés, bacias, pélvis e até mesmo hioides, aquelas pequenas cartilagens do pescoço em forma de U. O mais surpreendente de tudo residia, porém, na exposição tipo supermercado deste macabro bazar. Todos os esqueletos, na realidade cada osso, tinham uma etiqueta com o preço marcado em dólares. Um esqueleto adulto com fins de demonstração, ossos móveis e articulações metálicas, valia entre duzentos e trezentos e cinquenta dólares segundo o tamanho e o acabamento do trabalho. Por cem ou cento e vinte dólares podia adquirir-se um esqueleto de criança não articulado; um crânio por seis dólares, um tórax completo por quarenta. Mas estes mesmos “artigos” podiam custar dez vezes mais, caso tivessem sido submetidos a uma preparação especial.

A sociedade Mitra & Co. mantinha uma equipa completa de desossadores, pintores e escultores especializados. Estes artistas trabalhavam numa divisão mal iluminada, ao fundo da galeria. Debruçados sobre as montanhas de restos humanos, assemelhavam-se aos sobreviventes de qualquer cataclismo pré-histórico. Raspavam, descascavam, uniam e decoravam aqueles objetos fúnebres com gestos meticulosos. Por vezes verdadeiras obras de arte saíam das suas mãos, como a coleção de crânios

articulados com maxilares desmontáveis e dentaduras móveis encomendados pela faculdade dentária de uma grande universidade americana do Midwest. De todas as mercadorias preciosas exportadas pela Índia, nenhuma era embalada mais cuidadosamente nem sujeita a tantos cuidados. Cada artigo era primeiro embalado em algodão, embrulhado seguidamente num pedaço de linho cozido, antes de ser colocado numa caixa de cartão especial coberta de etiquetas onde se lia: “Atenção. Muito frágil.” “Deus do céu!”, pensou Hasari, espantado com aquele espetáculo. “Os ossos destes pobres tipos nunca receberam um tratamento parecido em vida.”

Nem toda a mercadoria entregue pelos dom se destinava a um fim tão digno. Milhares de crânios, tíbias, clavículas, fêmures e outros restos postos a nu pelos dentes dos chacais ou que haviam permanecido tempo de mais na água acabavam, mais prosaicamente, entre os dentes de um triturador, de onde passavam a uma caldeira onde eram transformados em cola. O odor nauseabundo provinha exatamente desta atividade anexa.

Numa cabina ao fundo da galeria encontrava-se o indivíduo que negociava a compra dos esqueletos “vivos”. Com a sua bata branca, trabalhava atrás de uma mesa poeirenta, coberta de papelada, registros, pastas de arquivo e livros de recibos, ameaçados, de quinze em quinze segundos, pelo girar de uma ventoinha. Contudo, nem uma folha de papel voava, graças a uma coleção de pesa-papéis feitos de crânios de recém-nascidos e decorados com símbolos tântricos a vermelho e preto. A Mitra & Co. exportava igualmente milhares destes crânios para o Nepal, Tibete e mesmo China, com finalidades rituais. Outros países importavam-nos para fabricarem taças votivas ou cinzeiros.

O empregado desdentado examinou atentamente o condutor de riquixá! As suas clavículas proeminentes, o tórax magro, as costelas tão salientes como as da espinha de um peixe tranquilizaram-no. Não havia dúvida de que a mercadoria era bonafide. Não decorreria muito tempo antes que o que restava deste pobre tipo viesse enriquecer o stock da Mitra & Co. Dirigiu uma piscadela de olho satisfeita ao intermediário. Só lhe restava, agora, redigir um contrato formal e informar os dom que residiam mais perto do bairro de lata onde habitava Hasari, a fim de que eles soubessem onde ir buscar o cadáver quando chegasse a altura.

Estas diferentes formalidades duraram três dias, no fim dos quais Hasari teve direito a cento e cinquenta rupias por conta. A semelhança de todas as outras firmas que se dedicavam a este tipo de comércio, a Mitra & Co. tinha

relutância em investir o seu dinheiro a longo prazo. Hasari foi, por conseguinte, informado de que o restante lhe seria pago quando o seu estado de saúde augurasse um fim próximo.

LXV

Era como se toda a coloração acinzentada, a lama, o mau cheiro, as moscas, os mosquitos, as baratas, os ratos, a fome, o desemprego, a angústia, a doença e a morte tivessem desaparecido. A altura do sonho marcava presença mais uma vez. De olhos exorbitados e os corpos descarnados sacudidos pelo riso ou pelas lágrimas, os emparedados da “Cidade da Alegria” tinham redescoberto os mil dramas e fantasias da velha tradição popular que os moldara. A epopeia Ramaiana era para a Índia o que a Lenda Áurea, a Canção de Rolando e a Bíblia haviam representado para as multidões reunidas nos degraus das catedrais europeias. O grupo de atores e músicos ambulantes instalara-se durante três meses entre os dois grandes estábulos de búfalos no centro do bairro de lata com as suas carroças a abarrotar de fatos e enfeites coloridos. A notícia da sua chegada propagara-se por todos os recintos como se se tratasse de uma monção bem-vinda. Milhares de pessoas acorreram ao local. As crianças, que nunca tinham visto uma árvore, uma ave ou uma gazela, vinham extasiar-se diante da floresta de cartão onde o belo príncipe Rama e a sua divina Sita conheciam a alegria de se amar, antes de serem arrancados aos braços um do outro. Horas antes da apresentação do primeiro quadro, a pequena esplanada diante do palco já se apresentava a abarrotar de cabeças escuras e véus de cores diversas. Os telhados próximos serviam de bancada a um magote de espetadores. A assistência vibrava, aguardando o erguer da cortina, impaciente por se deixar arrebatado pelos seus heróis, durante algumas horas, à existência miserável, ansiosa por reencontrar nos seus vinte e cinco mil versos motivos bastantes para continuar a viver e a esperar.

Escrita, de acordo com a tradição, por um sábio que escutara o ditado dos deuses há dois mil e quinhentos anos, o Ramaiana começa por uma maravilhosa história de amor. O belo e jovem Rama, o único dos príncipes que foi capaz de dobrar o arco do deus Shiva, recebe a princesa Sita como recompensa. O seu pai deseja oferecer o trono aos jovens esposos, mas, em vez disso, cedendo por fraqueza a uma das suas favoritas, exila-os para as florestas selvagens da Índia Central. Ali são atacados por brigadas de demônios, cujo chefe, o terrível Ravana, tem uma paixão lúbrica por Sita. Servindo-se de um ardil para afastar o marido, o demônio consegue apoderar-se da princesa, que rapta no seu carro alado puxado por carnívoros voadores.

Transporta-a para a sua fabulosa ilha de Lanka — que mais não é que Ceilão —, onde a fecha nos seus aposentos e tenta em vão seduzi-la.

A fim de reconquistar a esposa, Rama forma uma aliança com o rei dos macacos, que coloca à sua disposição o seu principal general, Hanuman, e todo o exército de macacos, ajudados por bandos de esquilos. Com um salto prodigioso sobre o mar, o general dos macacos atinge Ceilão, encontra a princesa cativa, tranquiliza-a e, após mil peripécias tragicômicas, apresenta o seu relatório a Rama. Com a ajuda do exército dos macacos, este último consegue lançar uma ponte sobre o mar e invade a ilha. Segue-se uma violenta batalha contra os demônios. O próprio Rama derrota finalmente o odioso Ravana. É o triunfo do bem sobre o mal. Sita aparece, transbordante de alegria.

No entanto, surgem as complicações, quando Rama a repele tristemente. “Que homem pode aceitar e acarinhar uma mulher que viveu na casa de outro?”, exclama. A virtuosa Sita, ferida no mais íntimo de si própria, manda então erguer uma pira e lança-se às chamas. A virtude, porém, não pode extinguir-se com o fogo: as chamas poupam-na como testemunho da sua inocência, e tudo acaba em apoteose. Rama aceita, comovido, a esposa e regressa triunfalmente na sua companhia à capital, onde será por fim coroado no meio de um regozijo inesquecível.

Os pobres da “Cidade da Alegria” sabiam de cor cada um dos quadros, das cenas, cada reviver desta épica. Seguiam todos os movimentos esboçados pelos atores, mímicos, palhaços e acrobatas. Riam, choravam, sofriam e exaltavam-se com eles. Sentiam nos farrapos o peso dos fatos dos atores e nas faces a pesada maquilhagem. Muitos deles sabiam mesmo de cor passagens inteiras do texto. Na Índia, é possível que uma pessoa seja “analfabeta” e saiba, no entanto, milhares de versos de poesia épica. O velho Surya da casa de chá, os filhos de Mehboub e de Selima, os antigos vizinhos de Kovalski, o carvoeiro de Nizamudhin Lane, Margareta e os seus rebentos, a encantadora Kalima e os outros eunucos, o ex-marinheiro do Kerala e os seus vizinhos aborígenes, Bandona e os seus irmãos e irmãs assameses, o “padrinho” e os seus esbirros, centenas de hindus, cristãos e mesmo muçulmanos acotovelavam-se junto ao estrado mágico, lado a lado e noite após noite. Entre os espetadores mais assíduos contava-se Hasari Pai. “Aquele homem a desfazer-se aos bocados comparecia todas as noites”, contaria Kovalski, “para recuperar forças ante o contato com a exemplar obstinação de Rama, a coragem do general dos macacos e a virtude de Sita.”

Para o condutor de riquixá “estes heróis eram como troncos de árvore no meio das águas furiosas, boias de salvação a que uma pessoa podia agarrar-se”. Recordava-se de que em criança, enquanto o transportava à anca e atravessava os estreitos caminhos por entre os arrozais, a mãe lhe cantava baixinho os versos das aventuras míticas do general dos macacos. Mais tarde, de cada vez que os atores passavam pela aldeia, a sua família e todos os outros reuniam-se na praça a fim de escutarem noites a fio as narrativas fantásticas, sempre tão férteis a nível rocambolesco e que desde tempos imemoriais haviam alimentado as crenças da Índia, conferindo uma dimensão religiosa ao seu quotidiano. Não havia uma só criança em toda a vasta península que adormecesse sem que a irmã mais velha lhe entoasse baixinho alguns episódios daquela vasta epopeia, nem uma brincadeira infantil que não se inspirasse no confronto entre o bem e o mal, um único livro escolar que deixasse de exaltar os feitos dos heróis, nem uma cerimonia de casamento que esquecesse a citação de Sita como exemplo da virtude da fidelidade. Todos os anos, várias festas comemoravam a vitória de Rama e a benevolência do deus macaco. Em Calcutá, milhares de estivadores, carregadores, condutores de riquixá e operários esfomeados reuniam-se todas as noites à volta dos narradores nas margens do Hooghly. Acocorados durante horas e com os olhos semicerrados, estes deserdados do destino trocavam a sua dura realidade por alguns gramas de sonho.

Acima das multidões aglomeradas junto ao estrado, sobressaía frequentemente a cabeça um pouco calva de Stephan Kovalski. Apesar da sua dificuldade de apreensão de todas as subtilezas da língua e do pouco tempo livre de que dispunha, adorava assistir às representações. “Era uma forma fantástica de descobrir a memória de um povo”, diria. “O Ramaiana é uma enciclopédia viva. Ali, no meu bairro de lata, eu recuava subitamente no tempo. Os perfumes, as oferendas, as armas, a vida do recinto, os hábitos dos elefantes selvagens, as florestas da Índia em breve deixaram de me oferecer qualquer segredo. Esta grande epopeia popular constituía um meio ideal de desposar a mentalidade dos meus irmãos e penetrar mais completamente na minha nova pele. Desposar a sua mentalidade significa deixar de pensar no mar Vermelho quando se fala numa travessia a seco, mas no estreito de Ceilão. Significa deixar de citar um dos milagres de Jesus como prova de um acontecimento sobrenatural e referir os feitos do general macaco Hanuman transportando o Himalaia na mão para dar a cheirar uma flor à cativa Sita; desejar a uma mulher prestes a dar à luz que ela seja a mãe de um dos cinco

Pandava. Penetrar na mentalidade de um povo implica utilizar as suas imagens, os seus mitos, as suas crenças. O que igualmente se aplicava aos muçulmanos. Ah! Os sorrisos que lhes abri nos rostos ao mencionar o nome do imperador Akbar, ao referir-me a Maomé, ao comparar uma juvenzinha à princesa Nur Jahan ou qualquer outra rainha mongol, ou quando decifrava qualquer texto urdu num calendário pendurado no fundo de um casebre.”

LXVI

Chamava-se Nissar, tinha doze anos e era muçulmano. Todo o recinto estava de acordo: este miúdo era um arcanjo. O seu rosto luminoso, a acuidade do seu olhar, a sua autoridade natural faziam dele um ser à parte. O lábio leporino que revelava os dentes alvos e o pequeno macaco de olhos tristes que jamais abandonava o seu ombro acentuavam a diferença. “Nissar era um diamante multifacetado, uma peça de fogos de artifício, uma luz que iluminava o mundo”, comentaria Kovalski. Este rapazinho magro de cabelo curto não era, porém, filho de qualquer das famílias do recinto. Tinha sido encontrado uma noite semimorto num passeio de Dalhousie Square e recolhido por Bouddhou Koujour, o aborígene que matara o eunuco da cobra. Expulso da sua aldeia no Biar pelos pais, que já não tinham com que o alimentar, viajara nos tejadilhos dos trens a fim de chegar à cidade milagrosa. Após deambular alguns dias, alimentando-se de restos, encontrara numa ruela do Bazar Bara o objeto que iria servir-lhe de ganha-pão e de talismã: um velho e remendado saco de juta. Nissar tornara-se trapeiro, à semelhança de outras crianças esfomeadas. Todas as noites ia entregar os seus pobres achados ao antro de um trapeiro em alta escala e recebia algumas moedas em troca, por vezes uma ou duas rupias. Um dia, um revendedor ofereceu-lhe um macaco. Baptizado de Hanuman, o animal tornou-se o seu companheiro inseparável. Jamais saía do seu ombro e dormiam juntos nos passeios. Nas noites de monção, Nissar refugiava-se como podia debaixo do alpendre de qualquer loja ou sob as arcadas de Chowringhee Avenue. A sua paixão era o cinema. Mal ganhava umas moedas, precipitava-se com o macaco até uma desses caravançarás que vendiam um pouco de sonho aos pobres. O seu ator favorito era um tal Dilip Kumar, que desempenhava sempre papel de príncipe ou marajá, envolto numa túnica de brocado, enfeitado de joias e rodeado de belas cortesãs.

A integração deste jovem muçulmano abandonado no pequeno mundo hindu do recinto não havia levantado problemas. Os seus dois anos de vagabundagem pelo asfalto da grande cidade conferiam-lhe uma espécie de aura. Este fato era notável, dado que as condições de vida dos restantes jovens do recinto não podiam considerar-se mais fáceis. Mal aprendiam a andar, participavam como adultos na vida colectiva. Nenhum trabalho lhes era poupado, nem sequer ir buscar água, o que, devido ao peso dos baldes,

muitas vezes provocava danos irreparáveis na sua frágil e subalimentada estrutura óssea. Apenas dois ou três em cada cinquenta tinham a sorte de ir à escola. (As aulas noturnas subsidiadas por Kovalski ainda não abrangiam qualquer pessoa deste recinto.) Quase todas as crianças trabalhavam a partir dos sete ou oito anos. Umas vendiam legumes na rua ou especiarias numa mercearia, ou estavam empregadas numa oficina de sapateiro, ou ainda fabricavam pan ou bidi. Outras suavam de manhã à noite numa das tabernas da rua principal. Outras, ainda, conheciam a escravatura das pequenas fábricas que pululavam no bairro de lata. Os dois filhos do ex-marinheiro de Kerala ganhavam comida e vinte rupias por mês, o que permitia que os pais comprassem oito quilos de arroz, a fabricar correntes para navios dez horas seguidas numa dessas inumeráveis “prisões de forçados”.

Antes da chegada de Nissar, já havia três rapazinhos do recinto que andavam ao trapo. Contudo, não se tratava de uma ocupação muito rendível. Num bairro de lata nada se deita fora e tudo pode ser recuperado: o mais pequeno pedaço de carvão, os restos de uma bola de estrume de vaca, um pedaço de camisa, um gargalo de garrafa, uma casca de coco, podem ser objeto de cobiça.

— Aqui, vocês só encontram peixe miúdo. Se quiserem peixe grosso, terão que ir ao lugar certo — declarou um dia o jovem muçulmano aos três trapeiros hindus.

“Este miúdo deve conhecer um filão”, pensara Hasari, que havia escutado as palavras. Obcecado como estava pela ideia de descobrir dinheiro para o dote da filha, o pensamento de uma fonte secreta de riqueza entusiasmou-o.

— Nissar tem de levar o meu Shambu com ele — confidenciou a Kovalski, apontando para o seu segundo filho, que manobrava um papagaio de papel em cima do telhado. Hasari estava permanentemente a fazer contas. — Às quinhentas rupias dos meus ossos, eu junto as oitocentas que posso esperar ganhar com o riquixá durante a monção. Se, além disso, Shambu trouxer para casa duzentas ou trezentas rupias ganhas a apanhar trapo com o jovem muçulmano, isso faz... isso faz... — desde que apanhara a febre vermelha Hasari ficou com mais dificuldade em fazer cálculos — ... isso faz perto de duas mil rupias! Grande Irmão Stephan! Apenas teria de fazer uma pequena visita ao mahajan com os brincos pertencentes à mãe dos meus filhos e tudo ficava resolvido! — Hasari já imaginava o brâmane a ligar a mão da filha à do seu marido.

Um filão! O condutor de riquixá não tinha sonhado. Era, de fato, rumo a um eldorado, uma terra de leite e de mel, que o rapaz muçulmano de lábio leporino partia todas as manhãs com o seu macaco. Fora nesse mesmo local imundo que os polícias haviam um dia incendiado os riquixás sem licença de circulação. Contudo, a lixeira de Calcutá, nome com que figurava nos livros de registos da Câmara, não evocava qualquer ideia de riqueza. Nesta cidade, porém, onde tudo tinha valor desde um cartaz descolado da parede a um prego torcido, a lixeira de Calcutá podia na realidade representar um eldorado para os milhares de formigas humanas que a esgaravatavam. O jovem Nissar fazia parte delas. A partir dessa altura os três outros pequenos trapeiros do recinto passariam a acompanhá-lo, juntamente com Shambu Pai, que ele aceitara levar consigo.

— Amanhã, acorda o teu filho ao primeiro “cocorocó” do galo dos eunucos — dissera Nissar ao condutor de riquixá. — Partimos ao romper do dia.

Nissar conduziu os companheiros até a entrada da grande ponte de Howrah. Apontando para um dos ônibus a abarrotar de gente, ordenou a Shambu que se agarrasse ao pneu sobresselente. Os outros treparam para o para-choques traseiro. Todos os dias, dezenas de milhares de pessoas utilizavam-se desta maneira dos transportes públicos de Calcutá sem pagar. Não eram os únicos infratores. Os verdadeiros campeões deste sistema eram, aparentemente, os próprios motoristas, que, segundo se dizia, metiam ao bolso uma parte das receitas, vendendo bilhetes falsos aos passageiros. No meio do tráfego infernal, uma viagem realizada sobre os para-choques ou o pneu sobresselente, ou pendurado nos cachos humanos que tombavam das janelas, constituía uma verdadeira proeza acrobática. Quase todas as semanas se fazia referência em qualquer jornal à morte de um passageiro clandestino esmagado entre as chapas de ferro, ou pelas rodas de um caminhão, ou ainda eletrocutado por um eléctrico.

— Desçam, rapazes!

A ordem de Nissar ressoava na atmosfera já aquecida do começo da manhã. As cinco crianças deixaram-se cair no asfalto. O ônibus acabava de sair do último subúrbio a leste da cidade e a estrada estendia-se, agora, ao longo de uma vasta faixa de terra pantanosa. Shambu esfregou os olhos ainda pesados de sono. Dois quilômetros para leste o céu apresentava-se enegrecido pelos bandos de abutres.

— É ali? — perguntou ele.

Nissar respondeu com um aceno afirmativo de cabeça. Com o velho saco de juta num dos ombros e no outro o macaco, que lhe procurava piolhos no cabelo, pôs-se à frente do grupo. Agradava-lhe a sua ocupação de trapeiro. Os trapeiros eram livres e cada dia trazia-lhes a esperança de qualquer achado mirabolante. Andaram durante um quilômetro. Em seguida, e tal como acontecera ao pai no dia da destruição dos riquixás, Shambu sentiu o choque do odor nauseabundo que provinha do lixo. As narinas de uma criança criada num bairro de lata são, no entanto, menos sensíveis do que as de um camponês habituado aos aromas do campo. Shambu seguiu Nissar e os outros sem hesitar. Para além dos abutres e das vacas que pastavam no meio dos detritos, uma enorme quantidade de homens, mulheres e crianças já se haviam deitado ao trabalho naquela imensa vala. Nissar deu ordem de paragem ao seu grupo a trezentos metros da rampa de acesso utilizada pelos caminhões do lixo.

— Temos de ser rápidos — declarou com uma voz que o lábio leporino transformava em silvo. — É o dia dos hotéis e dos hospitais. Não podemos perder a sua mercadoria.

De fato, uma vez por semana, os caminhões da Câmara traziam os restos dos estabelecimentos mencionados. A sua chegada provocava sempre uma frenética agitação. Era de esperar. Estes carregamentos ocultavam por vezes tesouros da mais alta cotação na “bolsa” das descargas: frascos, pensos, seringas, pedaços de carvão, restos de comida.

— Tu, Shambu — ordenou o jovem muçulmano, mostrando-lhe uma espécie de declive —, metes-te neste buraco. Assim que avistares um pedaço de trapo vermelho à janela de um caminhão, dá-me um assobio para me prevenires. É o sinal de que ele vem de um hospital ou de um hotel. — Nissar tirou uma nota de cinco rupias do cinto. — Eu vou ao encontro do caminhão com a nota — prosseguiu, mostrando-a aos companheiros. — O motorista abranda para a receber. É nessa altura que todos temos de saltar para as traseiras. O motorista vai dirigir-se a um canto afastado da lixeira e descarregar a sua carga o mais rapidamente possível. Teremos de rebuscar tudo antes que os outros cheguem.

O jovem muçulmano de lábio leporino falara com a autoridade de um chefe dos comandos. Todos se apressaram a ocupar as suas posições e a esperar o primeiro caminhão. A maioria dos outros trapeiros, que já andavam a esgaravatar no lixo, viviam no pequeno aglomerado de barracas que se erguia perto. O trabalho era principalmente realizado por mulheres e crianças,

dado que os homens se ocupavam com outras coisas. Trituravam as vísceras de animais e todo o gênero de detritos em jarros, que metiam seguidamente em reservatórios de água verde e estagnada. Na altura devida destilavam estas misturas imundas e o suco extraído era metido em garrafas e entregue nas lojas de bebidas clandestinas de Calcutá e nos estaminés dos bairros de lata. “Isto dá vida a um morto!”, costumava dizer Hasari, recordando as suas libações com Ram Chander e o “Filho do Milagre”. No entanto, este álcool clandestino já matara mais indianos do que todas as calamidades da natureza. Tratava-se do famoso bangla.

O primeiro caminhão amarelo chegou, seguido de um outro e de um terceiro. Mas nenhum deles trazia o sinal vermelho. Ninguém se mexeu. O filho de Hasari sentia as pupilas prestes a desorbitarem-se. Nunca vira um espetáculo assim. Por cima da sua cabeça, à luz fraca do romper da manhã, desenrolava-se um bailado fantástico. Uma série de mulheres e de crianças esgaravatavam o monte de detritos, descalças, com os cestos numa das mãos e um gancho na outra. A chegada de cada caminhão provocava um imenso frenesim de atividade, pois toda a gente se precipitava na sua direção. Cada descarga era acompanhada de uma sufocante nuvem de poeira de enxofre. Mais alucinante ainda era a procura que se desenrolava à volta dos bulldozers que erguiam as montanhas de detritos. As crianças enfiavam-se, sem hesitação, por baixo dos mastodontes para serem as primeiras a explorar o maná revolvido pelas pás de aço. Quantas haviam morrido asfixiadas por esta massa compacta, esmagadas pelas lagartas da máquina! Shambu sentia um suor frio a escorrer-lhe pelas costas. “Terei coragem suficiente?”, interrogava-se. Nesse preciso instante surgiu um quarto caminhão, que também não trazia qualquer sinal vermelho. Por cima dele, o bailado continuava. A fim de se protegerem contra o sol e a poeira, as mulheres e as raparigas tinham coberto a cabeça e o rosto com velhos mas coloridos pedaços de trapo que as tornava semelhantes a princesas de harém. Quanto aos rapazes, com os chapéus de feltro, os bonés esburacados e algumas vezes os sapatos usados, que lhes estavam grandes de mais, pareciam-se com Charlie Chaplin nos seus primeiros filmes. Cada um tinha a sua especialidade. As mulheres tendiam a procurar pedaços de carvão e madeira. As crianças preferiam objetos de couro, plástico, ou vidro, bem como ossos, espinhas e papéis. Todas apanhavam com igual entusiasmo qualquer coisa que pudesse comer-se: fruta apodrecida, cascas, côdeas de pão. Este tipo de recolha era a mais difícil e muitas vezes a mais perigosa. Shambu avistou um

abutre, que se precipitou como um torpedo sobre um rapazinho para lhe arrancar o pedaço de carne que ele acabara de achar. Os abutres não eram, porém, os únicos animais a disputar as descobertas dos homens. Porcos, vacas, cabras, cães abandonados e até mesmo hienas e chacais haviam escolhido a lixeira para habitarem, o mesmo acontecendo com milhões de outras pequenas criaturas e insectos. As moscas eram as mais agressivas. Esverdeadas, volteavam em miríades, colando-se à pele das gentes e dos animais, sem lhes poupar os olhos, a boca ou o interior do nariz e dos ouvidos. Estas moscas encontravam-se perfeitamente à vontade entre toda aquela podridão e faziam sentir que assim era.

O fator mais surpreendente em todo este pesadelo residia em que todas as condições de vida normal se haviam organizado aqui. No meio dos montes de lixo nauseabundo, Shambu avistou vendedores de gelados com os seus carrinhos coloridos, vendedores de água com os seus odres de pele de cabra, fabricantes de fritos acorados sob guarda-sóis de tela, por detrás das suas frigideiras fumegantes, vendedores de bangla rodeados de garrafas alinhadas. Para que as mães pudessem escolher mais à vontade no meio dos detritos, havia mesmo baby-sitters que lhes cuidavam dos filhos, geralmente raparigas muito novas sentadas debaixo de velhos guarda-sóis pretos, tendo ao colo vários bebês cobertos de moscas.

A lixeira era igualmente um ruidoso centro de comércio, um bazar, um mercado de dinheiro. Toda uma multidão de revendedores, de mercadores, de ferros-velhos juntava-se aos trapeiros. Cada um deles tinha a sua especialidade. Servindo-se de balanças arcaicas, estes mercadores de coletes e longhi compravam a peso aquilo que os ganchos ou as mãos nuas dos trapeiros tinham descoberto. Todas as noites os grossistas passavam com os caminhões, a fim de recolher todo este maná, que, depois de escolhido e limpo, seria revendido às fábricas para transformação.

Shambu sentiu o coração a bater-lhe com mais força no peito. Acabara de avistar o pedaço de trapo vermelho na janela de um caminhão. Levou um dedo aos lábios e soltou o assobio combinado. Viu imediatamente Nissar com o macaco ao ombro surgir no meio desta nuvem de poeira e saltar para o estribo, a fim de entregar a sua nota de cinco rupias. O motorista abrandou. Era o sinal. Com a agilidade de lagartos, os cinco pequenos trapeiros do recinto treparam para o caminhão cheio de detritos.

— Todos de barriga para baixo! — ordenou Nissar.

O caminhão acelerou para subir a vertente de acesso à lixeira. Meio

submersos naquele carregamento imundo, os cinco pequenos trapeiros encontravam-se ao abrigo dos olhares dos outros. “Aquele lixo era peganhento e ao mesmo tempo queimava”, contaria Shambu, “mas o pior eram os milhares de insectos que de lá saíam, que davam a sensação de se prepararem para me atacar. Os mais assustadores eram as enormes baratas. Corriam sobre as minhas pernas, os braços, o pescoço.”

Em vez de tomar a direção dos bulldozers, o motorista tomou o rumo oposto. Fazia parte do “contrato”. Nissar e o seu grupo dispunham assim de alguns minutos para rebuscar a sós. Tudo se passou como um assalto à mão armada no cinema. O caminhão parou bruscamente. Os cinco rapazes saltaram e o caminhão despejou a sua avalanche de lixo. Eles esgaravatarem, descobriram, escolheram e armazenaram a toda a pressa. Garrafas, pedaços de utensílios de cozinha e de louça, bocados de tubos, embalagens de pasta de dentes vazias, pilhas usadas, latas de conserva, sacos de plástico, restos de vestuário e papéis encheram os seus sacos num abrir e fechar de olhos.

— Depressa, rapazes! Vêm aí os outros!

Nissar sabia que tinham que se pôr a salvo, antes que a furiosa multidão dos outros trapeiros lhes caísse em cima. Levado pela febre da caça ao tesouro, Shambu mergulhou pela última vez o gancho na massa fedorenta e soltou um grito. “Eu tinha visto qualquer coisa a brilhar no meio de toda aquela merda. Julguei que fosse uma moeda e esgaravatei, freneticamente, para a tirar. O que trouxe na ponta do gancho foi uma corrente e dela pendia um relógio.”

“O rosto de Hasari Pai deixou transparecer uma expressão de surpresa”, contaria Kovalski. “Em seguida, pegou no objeto entre as mãos e ergueu-o com tanta emoção e respeito que todos julgamos que queria oferecê-lo a qualquer divindade. Pretendia apenas levá-lo ao ouvido.” Todas as vozes do recinto se calaram. Durante alguns segundos, Hasari manteve-se assim, imóvel, incapaz de pronunciar uma palavra, como que transfigurado pela joia, cujo tiquetaque soava em unísono com o seu coração.

Foi nesta altura que se deu um fenómeno curioso. Impelido por qualquer força misteriosa, um redemoinho de ar quente surgiu dos telhados e desabou sobre o recinto com um som de telhas quebradas. Trovões fizeram-se ouvir no céu. Hasari e todos os habitantes ergueram os olhos. Por cima do fumo das chula surgiram enormes rolos de nuvens negras. O condutor de riquixá sentiu que as lágrimas lhe turvavam a vista. “E isso”, pensou. “A monção chegou. Estou salvo. Poderei morrer em paz. Graças a este relógio e ao dilúvio que

vai cair, graças às quinhentas rupias pelos meus ossos, a minha filha terá um bom marido.”

LXVII

“A cidade tinha mudado os nossos olhos. Na aldeia, escrutinávamos o céu dias a fio à espera das primeiras nuvens carregadas de chuva. Cantávamos, dançávamos e implorávamos à deusa Lakshmi que nos fecundasse os campos com um dilúvio benfeitor. Mas em Calcutá nada havia a fecundar. Nem as ruas, nem os passeios, nem os ônibus, nem os caminhões podem ser fecundados pela água que faz crescer o arroz dos nossos campos. Isto não significa que aqui não ansiemos pela monção; desejamo-la devido ao insuportável calor, que nos reduz ao estado de haver momentos em que temos vontade de parar em qualquer sítio e morrer. Por vezes, nem era preciso parar. A morte sobrevinha de surpresa, quando se levava um aluno à escola ou um marwari ao cinema. Caía-se inanimado na calçada. Acontecia o próprio carro passar por cima do corpo, antes de se esmagar de encontro a um ônibus ou virar-se no passeio. Chamava-se a isto o ‘golpe de Surya’, o golpe do deus Sol.

“Durante toda essa noite e no dia seguinte, grossas nuvens escuras atravessaram o céu, mergulhando a cidade numa escuridão quase total. As nuvens misturavam-se com os vapores e a poeira. Não demorou a formar-se uma espécie de manto escuro sobre os telhados. Dir-se-ia que Sani, o planeta de mau augúrio, pretendia asfixiar-nos para nos castigar. Sufocava-se. As pessoas batiam-se na rua por uma coisa de nada. Os bastões dos polícias entravam em ação sem que se soubesse porquê. Eu cada vez sentia mais dificuldade em respirar. Os próprios corvos e os ratos que esgaravatavam no meio do lixo de Wood Street tinham um ar estranho. As crianças não paravam de chorar. Os cães ladravam incessantemente. Eu interrogava-me se em vez da monção não seria o fim do mundo que se aproximava.

“Muitas pessoas pediam-me que as levasse ao hospital. Queriam que alguém as ajudasse a respirar. Mas eu sabia que no hospital nem a morrer as ajudariam. À entrada de Lower Circular Road recolhi uma velha que gemia em cima do passeio. Estava completamente seca e a pele assemelhava-se a cartão. Comprei um coco e obriguei-a a beber o leite tépido e levemente adocicado. Em seguida transporte-i-a ao hospital onde há tanto tempo morrera o nosso amigo trabalhador.

“Passados três dias, levantou-se um vento furioso, um tornado de areia e pó como já se verificara durante as tempestades da pré-monção. No espaço de

minutos, toda a cidade ficou coberta de uma camada de areia amarela. Esta areia vem, ao que parece, das montanhas dos Himalaias e das planícies do lado da China. Foi terrível. A areia e a poeira infiltravam-se por toda a parte. Entrava pelos olhos e pela boca das pessoas. Ignoro se foi por causa da minha febre vermelha ou destas rajadas de vento, mas senti-me repentinamente incapaz de erguer os varais do meu riquixá. Estava reduzido a nada por uma qualquer força do Além. Deitei-me na enxerga com as pernas levantadas, tentando recobrar a respiração. Sentia a cabeça oca, os olhos doíam-me e o estômago também. Quanto tempo fiquei assim? A ausência do sol, escondido pelas nuvens negras, fizera-me perder toda a noção de tempo.”

O pesadelo durou vários dias. Na “Cidade da Alegria” a seca começou a esgotar os poços e as fontes. As vítimas da desidratação multiplicaram-se e Max esgotou, em algumas horas, a sua pequena provisão de soro. No sexto dia, por volta do meio-dia, o termômetro subiu aos 117 graus Fahrenheit, quase 46 graus centígrados. O vento parara e o bairro de lata jazia asfixiado sob um lençol de fogo. Nem uma gota de chuva caía. Convencidos de que este ano a monção não chegaria, muitos habitantes mantinham-se prostrados nos seus buracos à espera de que a roda do karma parasse e pusesse termo àquele suplício.

No dia seguinte, algumas rabanadas de vento trouxeram um pouco de esperança. Contudo, perto do meio-dia, e apesar de todas as ofertas colocadas nos altares dos deuses, o termômetro voltou a subir. Os seus excessos eram um duro teste de resistência para Max, Bandona e todos os restantes membros do Comité de Ajuda Mútua. A cada instante um SOS chamava-os à cabeceira de uma nova vítima.

Ao regressar de uma dessas visitas, quando acabava de se deixar cair, exausto, no leito de corda do seu quarto-dispensário, Max sentiu um pano úmido e perfumado no rosto banhado em suor. Era Bandona que lhe limpava ternamente a testa. Pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios. O inesperado contato com esta pele tão fresca e viva neste sórdido ambiente, que tresandava a éter e álcool, perturbou-o. Os doentes que se aglomeravam junto à porta estavam paralisados de surpresa. Esta demonstração pública de afeto não era habitual na Índia.

Max largou a mão da jovem, mas conservou o pedaço de tecido perfumado, que respirou com volúpia. Este odor recordava-lhe algo. Rebuscou na mente, e de súbito ocorreu-lhe a imagem de Manubai. Uma imagem insólita e irreal neste bairro de lata onde a miséria reinava. Um

arrepio percorreu-lhe todo o corpo apesar do calor asfixiante. A bonita e rica indiana trouxera-lhe tanta beleza à vida depois daquela noite recente e memorável, quando por algum tempo esquecera o bairro de lata nas almofadas do seu leito de dossel com cortinas de musselina! Sendo a encarnação em pessoa dos contos, mitos e sortilégios, Manubai recordara-lhe que o luxo, fazia igualmente parte da criação. Que até mesmo em Calcutá se podia viver no meio de um jardim florido, comer e beber até a saciedade e usufruir todos os prazeres da vida. Indiferente ao que as pessoas pudessem dizer a seu respeito, tinha dado vários jantares em sua honra na sumptuosa sala de jantar decorada com quadros de aves tropicais. Levara-o na sua companhia a soirées com o corpo diplomático, às recepções nos relvados verdejantes do Tollygunge Club, às partidas de brídege no palácio do governador. Ante o contato do seu corpo transbordante de perfumes sensuais, escutando-lhe o riso alegre, ele provara naquele paraíso de sonho todas as delícias e requintes de uma Índia de encantos milenários.

Fora, no entanto, junto de uma outra mulher que ele havia recolhido a força e a coragem para prosseguir a sua missão ao serviço dos pobres da “Cidade da Alegria”. Bandona não tinha casa, nem servos, nem cama de dossel. Na sua vida apenas conhecera as oficinas infernais, os buracos infectos, a lama e a fome. Contudo, o seu sorriso luminoso, a sua disponibilidade em relação aos outros, o seu poder mágico de consolar e reconfortar valiam todas as riquezas. Num mundo onde pessoas torturadas se reuniam diariamente à porta do seu dispensário, trazendo-lhe as suas feridas, as suas doenças e a sua miséria, face a todo este sofrimento, ao verdadeiro desespero e à morte, era este anjo misericordioso que dava a Max a coragem para não arredar pé. Como é que a experiência partilhada de tanto horror e a dádiva de um amor igual poderiam ter deixado de criar laços especiais entre ambos?

Mas neste campo de concentração, onde nem um piscar de olhos passaria despercebido, era inconcebível que esta ligação se manifestasse abertamente. Kovalski tinha avisado Max: um bairro de lata é uma caldeira em constante ebulição. Qualquer episódio que saísse um pouco do habitual arriscava-se a fazer saltar a tampa e a provocar uma explosão. Contrariamente a uma Manubai Chatterjee que, devido à sua posição social, podia permitir-se quebrar as cadeias e desafiar a ordem existente, Bandona não tinha a mínima esperança de alguma vez se encarnar como Radha, a amante divina de Krishna, o deus pastor e tocador de flauta. Era prisioneira dos ritos e tabus

que governavam as relações entre os homens e as mulheres na Índia. A semelhança de todas as jovens da sua condição, o seu destino residia em ser entregue virgem a um marido que outros — o pai, um tio, uma avó — escolheriam para ela. A atração física e afetiva não desempenhariam qualquer papel nesta união. Ela apenas veria o marido no instante da cerimônia. E quanto à noite de núpcias tratava-se, antes do mais, de um rito destinado a conceber um herdeiro macho, como os demais contatos da sua vida de casada.

As circunstâncias deste ritual constituíam uma surpresa constante para Kovalski. “Ouvia subitamente um estranho movimento entre os que dormiam ao meu lado. E na obscuridade distinguia pessoas que se levantavam discretamente. Ouvia-se o som de portas e em seguida gritos abafados. Os casais do bairro de lata faziam amor. Sabia, então, que era pumima, a lua cheia.”

Ao meio-dia, três dias após este episódio do lenço perfumado, uma nova subida do termômetro provocou nova asfixia nos cubículos da “Cidade da Alegria”. Bandona entrou no quarto de Max. Trazia uma oferta tão rara no bairro de lata que era reservada aos deuses.

— Não tenhas medo, Grande Irmão — disse timidamente, ao mesmo tempo que colocava um ramo de jasmim na mesa. — Não estás só. Estou aqui para partilhar tudo contigo.

Max pegou nas flores e cheirou-as. O perfume que exalavam era tão intoxicante que teve a impressão de que tudo à sua volta, a podridão, o cheiro nauseabundo, o calor sufocante, o forro de madeira infestado de ratos, a lama das paredes, as baratas, se afastava como num sonho. Apenas ficava neste covil maldito o ramo de flores e esta jovem mulher num sari rosa-vivo, imóvel e recolhida como uma Virgem de catedral.

— Obrigado, doce Bandona — murmurou finalmente, antes de utilizar o cumprimento favorito de Kovalski. — És a luz do mundo.

Max não conseguia lembrar-se com precisão dos acontecimentos seguintes. O calor e a fadiga haviam-lhe distorcido as faculdades. “Acho que me aproximei dela e a agarrei de encontro ao corpo tomado de uma necessidade incontável de possuir essa luz”, contaria mais tarde a Kovalski. “Bandona não me repeliu. Ofereceu-me, pelo contrário, todo o seu amor, num abraço pleno de uma ternura infinda.”

Foi nessa altura que escutaram um estranho ruído no telhado. Max julgou que as pessoas bombardeavam com pedras as telhas do quarto. Em

seguida, ouviu gritos nas barracas vizinhas, seguidos de um grande clamor que surgia de todos os lados. Um enorme trovão abalou o bairro. Max avistou um tropel de ratos que fugiam aterrorizados da madeira. Quase de imediato, todas as telhas começaram a estremecer ante um som forte e regular. Bandoná afastou-se suavemente do peito de Max e ergueu a cabeça para o telhado. Nos olhos amendoados havia um brilho de alegria.

— Ouves, Grande Irmão Max? A monção chegou!

LXVIII

“Deve ter sido ao fim da tarde quando vi cair a primeira gota de água”, contaria Hasari. “Era enorme e, mal atingiu o asfalto, o calor fez com que se evaporasse imediatamente.” Para o antigo camponês, que a seca afastara para sempre da sua terra, esta primeira gota assemelhava-se “ao maná celeste, a prova de que os deuses ainda podiam chorar o destino dos homens desta terra”. Pensou nos cânticos e gritos de alegria que ressoariam na sua aldeia nesse momento exato. Imaginou o pai e os irmãos acorados junto ao pequeno dique no extremo do arrozal e contemplando, maravilhados, os pequenos rebentos revigorados pela umidade que caía do céu. “Voltarei a vê-los?”, suspirou.

Aquela primeira chuvada da monção foi de uma violência extraordinária. A água fustigava o solo com um som de tambores martelados por milhares de dedos. Hasari levantou precipitadamente a capota do seu riquixá e entregou-se à felicidade de se deixar banhar pela água benfeitora.

“Momentos depois, uma brisa rompeu o calor, trazendo consigo uma carícia fresca”, narraria Hasari. “Era como se os portais de qualquer enorme casa de gelados se tivessem aberto sobre a cidade e deixado passar um pouco de frio para a atmosfera abrasadora causada pelo tornado. Nessa altura a bâtega abafou os demais ruídos. Apenas se ouvia o som do céu que se esvaziava. Em vez de se protegerem, as pessoas precipitavam-se para debaixo da chuva. As crianças, nuas em pelo, dançavam, riam e faziam cabriolas. As mulheres deixavam que a chuva as molhasse e os saris colavam-se-lhes ao corpo como a fina casca de um bambu.

“Na estação de riquixás de Park Circus e por todo o lado, as pessoas começaram a cantar. Outros trabalhadores das ruas próximas vieram juntar-se-lhes e participar na ação de graças. Era como se a cidade em peso se tivesse dirigido ao rio para se banhar e purificar, com a única diferença de que o rio tombava do céu em vez de brotar da terra. As próprias palmeiras dos jardins de Harrington Street estremeciam de alegria. Árvores que se haviam assemelhado a velhos cobertos de poeira rejuvenesciam neste momento, plenas de vitalidade, frescura e juventude.

“A euforia durou várias horas. Neste banho generalizado, sentíamos-nos todos irmãos, trabalhadores e sardarji, condutores de riquixá, babu, marwari do Bazar Bara, biaris, bengaleses, hindus, muçulmanos, siques, jainas, todos

os habitantes, tão diferentes, desta grande cidade participavam na mesma puja de agradecimento, deixando que o dilúvio salvador os banhasse em conjunto.

“A chuva parou bruscamente, e ocorreu nessa altura um fenômeno espantoso: à luz do Sol, a cidade inteira começou a fumar, como uma gigantesca banheira de água esquentada. Depois o dilúvio recomeçou.”

No bairro de lata, Max dificilmente acreditava nos seus olhos. “Toda uma raça de gente que um segundo antes parecera semiviva acabara de ressuscitar numa fantástica explosão de felicidade, exuberância e vida”, contaria. “Os homens tinham rasgado as camisas, e as mulheres precipitavam-se para debaixo das goteiras, completamente vestidas e cantando. Bandos de crianças corriam em todas as direções sob o dilúvio mágico e soltando gritos de alegria. Era um verdadeiro festival, a realização de qualquer rito ancestral.” Ao fundo da rua, distinguiu uma silhueta de pele branca. No meio do entusiasmo geral, Kovalski dançava numa roda com os outros habitantes da “Cidade da Alegria”. No peito a escorrer água, a cruz de metal saltava como que a marcar o ritmo. “Parecia o deus Neptuno sob as águas de uma nascente celestial!”

LXIX

O dilúvio prolongou-se por três dias, um dilúvio como há vários anos não se assistia em Bengala. Em todos os recintos e ao longo das ruelas da “Cidade da Alegria” espalhou-se a palavra que perseguia a memória da Índia desde que a monção existia. “.Barha!, a inundaçãõ!” O júbilo dos primeiros momentos foi substituído por uma caça frenética aos guarda-chuvas, pedaços de oleado, cartão, plástico, qualquer coisa que pudesse servir para calafetar os telhados e impedir que as águas invadissem as casas do bairro de lata. Seguiu-se a corrida aos recipientes e todos os utensílios que pudessem despejar a água.

Mas a água não parava. Surgia do solo, na medida em que o bairro de lata fora construído em terreno pantanoso. Finalmente, as pessoas começaram a procurar tijolos e todos os outros materiais que lhes permitissem erguer os charpoi dos tugúrios, os únicos refúgios onde os habitantes podiam abrigar os filhos e os escassos haveres. A situação agravou-se e em breve se ouviu o ruído temido. A queda de água dominava a atividade geral. As vozes adquiriram um som especial por causa do lençol de água que as fazia ecoar. Uma noite, Max ouviu um fraco apelo vindo da porta ao lado. Intrigado, foi investigar. A juvenzinha que lhe trouxera o guarda-chuva durante as cataratas da pré-monção escorregara no chão inundado de água e estava prestes a afogar-se. Ele agarrou-a pelos cabelos e levou-a para o seu quarto.

O seu quarto, que agora não passava de um lamaçal pestilento. Inundadas pelo dilúvio, as latrinas, os esgotos e os canos de escoamento dos estábulos tinham transbordado e toda aquela imundície acabava de franquear o pequeno muro de proteção erguido diante da porta. Para salvar os caixotes de leite e a maleta dos remédios, Bandonata atara um lençol aos quatro cantos das vigas, formando uma rede improvisada que se assemelhava à vela da jangada de Medusa. Os guarda-chuvas permitiam um outro recurso. A habilidade consistia em pendurá-los ao contrário sob as goteiras do telhado e esvaziá-los assim que estivessem cheios.

A fome não tardou a acrescentar-se ao aluvião de excrementos, ao cheiro nauseabundo e à umidade. Com as bolas de estrume de vaca reduzidas a esponjas, as mulheres viam-se impossibilitadas de cozinhar o mínimo alimento. Acender um fósforo tornara-se um autêntico feito de sobrevivência.

— Repara bem, Grande Irmão — explicou Kalima a Kovalski. —

Esfregas vigorosamente o fósforo debaixo do braço para aquecer o enxofre e em seguida riscas! — E o milagre aconteceu: uma chaminha apareceu sob o dilúvio na ponta dos dedos do eunuco. Kovalski tentou repetir a proeza, mas aparentemente o sovaco de um padre católico polaco não segrega os mesmos fluidos que os de um hijra da Índia dos faquires: o fracasso revelou-se total.

Kovalski pôs-se à procura de Margareta, Saladdin, Bandon e outros membros do Comité de Ajuda Mútua, às apalpadelas, através do escuro e metido na água até a cintura. Era urgente organizar socorros. A chuva continuava a cair. O nível das águas subia incessantemente. A situação estava a tornar-se desesperada.

O resto de Calcutá vivia um pesadelo semelhante. Nos distritos mais baixos de leste, do lado de Topsia, Kasba ou Tiljala, milhares de habitantes tinham-se visto obrigados a fugir precipitadamente ou a refugiar-se nos telhados. Toda a cidade se apresentava mergulhada nas trevas: as bátegas haviam afundado os transformadores e os cabos eléctricos. Os trens não chegavam às estações. O tráfego nas estradas parara e as provisões começavam a faltar. Um quilo de batatas valia já a soma astronômica de cinco rupias e um ovo custava mais de uma rupia.

Para grande alegria dos condutores de riquixá todos os transportes públicos tinham deixado de funcionar. Hasari contava que estes dias de inundação lhe rendessem o suficiente para o dote da filha. “Que alegria a de apreciar o espetáculo catastrófico que ofereciam os orgulhosos ônibus vermelhos de dois andares de Calcutá, os eléctricos azuis e brancos, os arrogantes táxis amarelos dos sardatji siques e os Ambassador particulares com os motoristas uniformizados”, exultava. “Com os motores inundados, as carroçarias metidas na lama até as portas, abandonados pelos passageiros, assemelhavam-se aos destroços de barcos nas margens do Hooghly. Que gloriosa oportunidade nos era finalmente dada para nos vingarmos da brutalidade com que os motoristas nos tinham tratado e das humilhações que os clientes nas aplicavam. Era a primeira vez que podíamos pedir tarifas à medida dos nossos esforços. Os nossos carros de rodas altas e as nossas pernas eram os únicos veículos capazes de se moverem nas ruas inundadas. Até o meu último dia de vida não esquecerei os apelos desesperados das pessoas, pedindo-me que as transportasse no meu riquixá! Eu abandonara subitamente a condição de animal desprezado e insultado, cujos flancos as pessoas açoitavam para me fazer andar mais depressa e ao qual, após chegarem ao destino, roubavam dez ou vinte paisa do preço combinado.

Agora lutavam umas com as outras, ofereciam duas, três ou mesmo quatro vezes mais o preço habitual para poderem sentar-se no assento molhado dos únicos barcos que ainda flutuavam no mar de Calcutá.”

A mais curta corrida garantia uma pequena fortuna ao antigo camponês: quase a receita de um dia inteiro antes da monção. Mas quanto sofrimento lhe custava o esforço! Dissimulado pela inundação, cada obstáculo era uma armadilha. Os pedaços de ferro enferrujado que os pés nus corriam o risco de pisar a cada momento eram apenas um exemplo. “Caminhar metido até as coxas no lodaçal e tropeçar nos cadáveres dos ratos e dos cães era mera brincadeira em comparação com a tortura que a chuva infligia nas nossas carcaças”, dizia Hasari. “Transpirar sob as trombas de água sem nos podermos secar não beneficia o organismo. De nada valia torcer o dhoti e o colete após cada corrida e friccionar as mãos e os pés, pois estava permanentemente molhado. À força de caminhar nesta água infecta, muitos dos meus colegas contraíram doenças de pele. Os pés de alguns pareciam aqueles pedaços de carne de rancho que se vê pendurada nos talhos. Apresentavam-se cobertos de úlceras e feridas. O verdadeiro perigo, no entanto, residia nas alterações bruscas de frio e calor, especialmente no meu caso. Muitos dos meus colegas deixaram os pulmões algures na monção. Chamavam a isto “pneumonia” ou qualquer coisa assim. Ficava-se, de súbito, com uma febre de cavalo. E depois tremia-se de frio. A morte chegava sem mesmo se ter tossido. Ramatullah, o colega muçulmano com quem eu partilhava o meu riquixá, dizia que era bem mais agradável do que a febre vermelha, porque tudo se passava muito depressa e não se escarravam os pulmões.”

Quando Hasari mostrou o produto dos seus dois primeiros dias de monção ao seu amigo motorista de táxi, condenado ao desemprego pela subida das águas, o “Filho do Milagre” mostrou-se admiradíssimo.

— No que te diz respeito, Hasari, não é água mas pepitas de ouro o que cai do céu — exclamou.

A alegria do condutor de riquixá seria de curta duração. Quando, no dia seguinte, chegou à estação de Park Circus para pegar no riquixá, encontrou os seus colegas reunidos à volta de um velho calhambeque. Reconheceu o seu carro e procurou Ramatullah entre o grupo, mas em vão.

— O teu amigo morreu, Hasari — informou-o um dos condutores e que era dos mais velhos na profissão. — Caiu num buraco. É o terceiro que se afoga desde ontem. Parece que um babu deu ordem para que se retirassem as

tampas dos esgotos a fim de facilitar a evacuação das águas.

Kovalski ia a passar diante do seu antigo quarto em Nizamudhin Lane, quando sentiu uma pequena mão roçar a sua. Agarrou-a e descobriu que estava inerte. Pegou ao colo no pequeno corpo que flutuava à superfície da água e içou-o para o estrado da casa de chá de Surya, o velho hindu. Chamou-o, patinhou até a casa de Mehboub e foi bater ao cubículo da mãe de Sabia. Não havia ninguém. A ruela assemelhava-se a um cenário de cinema abandonado pelos figurantes. Apenas ouvia o ruído da chuva, o movimento das águas e os guinchos dos ratos que fugiam dos abrigos. De vez em quando um deles caía na água com um chapinhar. Apalpando o terreno a cada passo, para evitar cair nos profundos esgotos que atravessavam a ruela, Kovalski cobriu algumas centenas de metros. De súbito, uma voz ergueu-se naquele fosso, a sua voz, uma voz profunda e forte que subia como um hino através da chuva torrencial na direção da abóbada opaca de um céu iluminado pelos raios. “Mais perto de Ti, meu Deus, mais perto de Ti...”, cantava o padre a plenos pulmões, como os naufragos do Titanic na noite em que as ondas engoliram o navio.

Os indianos pertencentes ao Comité de Ajuda Mútua aguardavam no quarto de Max. Todos estavam mergulhados na água até os joelhos. A atmosfera era lúgubre.

— O pânico rebentou, Grande Irmão Stephan — anunciou o velho Saladdin, que estava, no entanto, habituado às inundações no bairro de lata. — As pessoas fogem. Quinhentas pessoas pelo menos já se refugiaram na grande mesquita.

A Jama Masjid era o único edifício com vários andares.

— E isto é só o começo — respondeu Margareta, cujo sari encharcado se lhe colava à pele. — Parece que o Ganges está prestes a transbordar.

— Basta de más notícias! — interrompeu o anglo-indiano Aristotle John. — Não estamos aqui para nos lamentarmos mas para decidir como podemos ajudar.

— Aristotle John tem razão — aprovou Kovalski com os tênis inundados.

Gerou-se o silêncio. Cada um deles tinha consciência da enormidade da tarefa que os esperava. Max foi o primeiro a falar.

— Devíamos vacinar as pessoas rapidamente — declarou. — Contra a cólera, o tifo... Há risco de epidemias...

— Quantas doses tens? — perguntou Kovalski, apontando para a maleta

dos remédios.

— Uma miséria. Teremos de tentar arranjá-las nos hospitais.

A ingenuidade do jovem médico provocou sorrisos nos que o escutavam. “Este americano é incorrigível”, pensou Kovalski. “Depois de todos estes meses em Calcutá, ainda raciocina como se estivesse em Miami.”

— Não devíamos antes começar a organizar provisões de emergência para os refugiados? — sugeriu Saladdin. — Há milhares de pessoas que se vão ver sem comida nem água.

— Absolutamente! — concordou Kovalski.

Foi nesta altura que se fez ouvir a voz de Bandona.

— A nossa primeira prioridade deve ser a de socorrer os velhos e cuidar dos enfermos que ficaram nas suas casas — declarou num tom suave mas firme. — Muitos deles morrerão afogados se não formos buscá-los.

Quando se tratava de emergências, era a jovem assamesa quem melhor sabia qual a ordem de prioridades. Neste momento, porém, enganava-se. O seu apelo fizera recordar subitamente a Kovalski algo ainda mais urgente.

— Os leprosos! — exclamou. — Os leprosos! Vocês os três vão buscar os doentes e os velhos — ordenou a Bandona, Max e Saladdin. — Eu, Aristotle John e Margaretta vamos encarregar—nos dos leprosos. Voltamos a encontrar-nos na Jama Masjid!

A Jama Masjid, a grande “mesquita de sexta-feira”! Nessa noite, o edifício retangular de quatro modestos minaretes, assemelhava-se a um farol no meio da tempestade. Centenas de refugiados agarravam-se aos rendilhados ferros árabes das janelas, acotovelando-se e gritando. As pessoas chegavam a cada instante. Pais, algumas vezes com três ou quatro filhos aos ombros, mães transportando fardos miseráveis à cabeça e frequentemente os bebês ao colo, patinhavam na água suja a fim de tentar chegar à única porta. No interior, o espetáculo era dantesco. Crianças, assustadas pelo escuro, gritavam atemorizadas. Mulheres brigavam e choravam. Toda a gente tentava atingir as galerias do primeiro andar, porque a água tinha invadido o rés-do-chão e subia rapidamente. Contudo, de súbito uma torrente caiu do telhado e submergiu as galerias. Alguns jovens conseguiram deitar abaixo as portas que davam para o terraço e formar uma barricada. A atmosfera tornava-se cada vez mais sufocante e alguns dos refugiados desmaiaram. Os bebês vítimas de disenteria esvaziavam os intestinos. Os primeiros mortos foram evacuados, passando de braço em braço por cima das cabeças. A palavra não tardou a espalhar-se: corroídas pelas águas, centenas de barracas estavam prestes a

desmoronar-se em todo o bairro.

A pequena colônia de leprosos situada abaixo do nível da linha férrea encontrava-se totalmente submersa. Para percorrer os últimos metros, Margareta viu-se obrigada a trepar para as costas de Kovalski, um exercício acrobático que o sari ainda mais dificultava. Nem um só habitante fugira. Os pais tinham colocado os filhos em cima dos telhados e os leprosos ainda válidos tinham empilhado charpoi para proteger os doentes. Kovalski descobriu Anouar encarrapitado numa destas pirâmides improvisadas, meio submerso na água. O aleijado sobrevivera à amputação. Sorria.

— Vim buscar-te, velho irmão Anouar — murmurou o padre ofegante.

— Buscar-me? Mas porquê? Não é a primeira vez que a monção nos molha os pés.

Kovalski de novo se surpreendeu ante o ar estoico e quase jovial do leproso. “Estas luzes do mundo merecem realmente o seu lugar junto do Pai”, pensou. “Viraram o cabo do sofrimento.”

— A chuva continua a cair. Todos vocês correm o risco de morrer afogados.

No próprio momento em que pronunciou estas palavras, o padre teve consciência da vanidade das suas intenções. Como podia ter esperança de evacuar esta pobre gente quando ele próprio e os companheiros quase haviam, por várias vezes, sido arrastados pelo turbilhão das águas escuras? Precisava de ir buscar reforços. Reforços? A ideia tinha uma certa comicidade numa noite de pânico generalizado. Foi nessa altura que viu na sua frente a imagem de um homem de olhinhos cruéis dissimulados atrás de lentes escuras, um homem de orelhas salientes e rosto de quem goza a vida. Chamou Margareta e Aristotle John.

— Vou ter com o “padrinho”! — gritou-lhes. — Só ele pode ajudar-nos a tirar esta gente daqui.

Com os seus dois andares de sólida construção, as escadas em tijolo e as varandas de pedra, a casa do “padrinho” emergia das águas como uma fortaleza. Iluminadas a giorno por um potente gerador, as suas inúmeras divisões refletiam um brilho insólito nas águas que embatiam de encontro às paredes. “É o Palácio dos Doges!”, disse Kovalski de si para si sem conseguir dissimular a admiração. Nada, nem tão-pouco este dilúvio, conseguia modificar o comportamento do “doge” da “Cidade da Alegria”. Insensível ao que se passava no exterior, aos gritos e apelos dos habitantes que fugiam dos seus casebres prestes a desmoronar-se, ele mantinha a impassividade de

sempre, ocupando a sua cadeira semelhante a um trono e incrustada de pedras preciosas. Até mesmo a entrada de rompante de uma figura a escorrer uma lama fétida e conduzida pelo filho não provocou a mínima surpresa no seu rosto de sapo.

— Boa noite, padre — cumprimentou com a sua voz sibilada e fixando o velho adversário. — Que bom vento o traz por estas bandas?

Bateu as palmas e logo um criado de turbante lhe trouxe chá e garrafas de limonada numa bandeja de cobre trabalhado.

— Os leprosos — respondeu Kovalski.

— Outra vez? — surpreendeu-se o “padrinho”, enrugando o sobrolho. — Ao que parece, é sempre aos leprosos a quem devo a honra de me encontrar consigo. De que se trata agora?

— Provavelmente todos vão morrer afogados se não forem evacuados com urgência. Precisamos de homens e de um barco sem demora.

Se foi o medo de perder uma fonte apreciável de rendimento ou um gesto inesperado de solidariedade humana o que o impeliu, Kovalski jamais viria a sabê-lo, mas o patrão da “Cidade da Alegria” reagiu de uma forma espetacular. Levantou-se e bateu as palmas. O seu filho Ashoka, o rufiãozinho da moto, apareceu de imediato. Seguiu-se uma primeira conferência privada, após o que os outros membros da família acorreram. Menos de dez minutos depois, partia um barco com Kovalski e um grupo de mafiosos a bordo. Quando os primeiros movimentos dos remos arrastaram a embarcação para as trevas cheias de barulhos e gritos, Kovalski escutou novamente a voz sibilante do “padrinho”. Ao voltar-se, avistou o homenzinho enquadrado numa janela iluminada. Jamais esqueceria as palavras do patrão da máfia que se elevaram acima das águas.

— Traz todos os leprosos para aqui, Ashoka! — gritou. — Temos uma casa com tamanho suficiente para acolher os infelizes.

O corpo robusto e ensopado de Max Loeb abateu-se sobre o monte de caixotes de leite. Esgotado pela noite mais dura da sua vida, Max regressava ao quarto ao romper do dia. Ao dilúvio sucedia-se agora uma chuva miúda e cerrada e a subida da água parecia ter diminuído um pouco. Durante toda a noite, acompanhara Bandonas nas suas operações de salvamento, erguendo a maleta dos medicamentos acima das águas. A cabeça e o coração da pequena assamesa continham o ficheiro completo das desgraças mais flagrantes do bairro de lata. Ajudados por uma equipa de jovens que se tinham colocado voluntariamente à sua disposição, haviam percorrido os casebres para

socorrer os cegos, os paráliticos, tuberculosos em último grau, mendigos e até mesmo uma louca surda-muda com o seu filho recém-nascido. Só não tinham chegado a tempo num caso. Quando entraram na casa da velha leprosa cega à qual Kovalski levava a comunhão todas as semanas, avistaram o corpo descarnado a flutuar na sua mortalha de viúva. Mantinha o rosário enrolado à volta do punho e o rosto mutilado parecia estranhamente sereno.

— O seu tormento acabou — murmurou Bandon, ajudando Max a içar o corpo para o estrado. — O deus que ela costumava chamar ouviu-a finalmente. Levou-a para junto dele.

A simplicidade desta explicação no meio daquele pesadelo comoveu profundamente o americano. “Foi nessa noite que compreendi que não voltaria a ser o mesmo”, escreveria uns dias mais tarde a Sylvia, a noiva que deixara em Miami.

A chegada a casa do “padrinho” do primeiro barco carregado de leprosos desencadeou atos que nem mesmo um coração cheio de amor como o de Kovalski teria imaginado. Viu Ashoka pegar em Anouar ao colo e transportá-lo cuidadosamente até o charpoi do seu quarto. Viu as mulheres da casa tirarem os belos véus de musselina para friccionarem crianças nuas e a tremer de frio, dado que a temperatura sofrera uma descida repentina de dez graus. Viu a mulher do “padrinho”, uma gorda matrona com os braços cheios de pulseiras, trazer uma panela fumegante de arroz com carne. Observou acima de tudo um espetáculo que apagaria para sempre do seu espírito o horrível espetáculo dos coquetéis molotov a explodirem no interior do seu pequeno dispensário de leprosos: o próprio “padrinho” a estender os dedos cheios de anéis para receber os refugiados, ajudando-os a desembarcar, secando-lhes os membros mutilados e oferecendo-lhes pratos com doces e pastéis.

“Naquela inundação catastrófica, todos os habitantes da Cidade da Alegria’ se haviam tornado irmãos”, comentaria Kovalski. “As famílias muçulmanas levaram hindus para as suas casas, os jovens quase se afogaram a carregar os velhos aos ombros, os condutores de riquixá transportavam os doentes gratuitamente em veículos três quartos submersos e os proprietários das tabernas não hesitavam em arriscar a vida para levar provisões aos refugiados fechados na mesquita.”

No meio desta tragédia, Deus não fora esquecido. Ao passar pelo seu quarto agora inundado com a altura de mais de um metro de água, Kovalski surpreendeu-se ao avistar duas velas que ardiam diante da sua imagem do

Santo Sudário. Antes de fugir com os outros habitantes do recinto, o eunuco Kalima acendera-as “para saudar a divindade do Grande Irmão Stephan e pedir-lhe que fizesse parar a chuva”.

Mas o Deus dos cristãos, o Bhagavan dos hindus e Alá, o misericordioso, pareciam surdos a todos os apelos. O suplício dos naufragos de Calcutá iria prolongar-se durante dias. Tal como Max receara, a cólera e o tifo começaram a atacar. Não havia medicamentos nem possibilidade de evacuação. As pessoas morriam. Os cadáveres que não havia hipótese de enterrar nem de cremar eram abandonados nas ruelas inundadas. No espaço de algumas horas, Max tropeçara em três corpos que flutuavam arrastados pela corrente. Paradoxalmente, no meio deste transbordo líquido, não existia uma só gota de água potável. Os habitantes estendiam trapos e guarda-chuvas para recolher um pouco de chuva; vários, no entanto, matavam a sede filtrando algumas gotas da toalha infecta que os rodeava. A situação alimentar era igualmente trágica. Milhares de pessoas, refugiadas nos telhados e na grande mesquita, ficaram sem comer durante horas. As equipas de socorro operavam, porém, milagres. Saladdin desencantara um barco e dois panelões. Avançando penosamente, quanto lho permitiam as forças, o velho fazia a volta pelas casas de comida, a fim de encher os panelões de arroz e farinha de cevada e levar este precioso carregamento aos naufragos da mesquita. O mais estranho neste cataclismo residia em que a vida continuava como dantes. Ao virar a esquina de uma ruela submersa, Max ficou pregado ao chão quando presenciou uma cena que jamais esqueceria: um grupo de crianças metidas na água até os ombros ria e chapinhava em frente de uma pequena plataforma onde um velho, insensível ao dilúvio, vendia carrinhos e bonecas de plástico.

A ira divina apenas cessou ao cabo de nove dias e nove noites. Começou a diminuir a pouco e pouco, mas tornou-se necessário mais de um mês para que as águas se retirassem. Em Calcutá começou a renascer a esperança. Alguns ônibus aventuraram-se pelas avenidas deterioradas. Mais de setecentos quilômetros de ruas haviam ficado destruídos ou arruinados. Meio milhão de habitantes perdera tudo. Milhares de casas e edifícios, arruinados ou em construção, tinham-se abatido. Bairros inteiros estavam sem eletricidade nem telefone. Centenas de condutas de água tinham rebentado.

Era, porém, nos bairros de lata que o horror da catástrofe se tornava mais visível. Quando as águas desceram, a “Cidade da Alegria” ficou reduzida a um pântano poluído. Uma lama peganhenta e nauseabunda cobria

tudo, à mistura com as carcaças em decomposição de cães, gatos, lagartos e mesmo pessoas. Milhões de moscas não tardaram a surgir de toda esta putrefação e a atacar os sobreviventes. Declararam-se epidemias em vários bairros. Numa tentativa de as conter, Bandona e Aristotle John espalhavam toneladas de desinfectantes fornecidos pela Câmara. Infelizmente, porém, esta operação causou pesadas baixas entre os voluntários. Max teve de amputar várias mãos e pés queimados até o osso pelos produtos corrosivos.

Quando Kovalski, com uma barba de quinze dias e coberto de sujidade e vermes, chegou finalmente ao seu recinto, todos os outros ocupantes já tinham regressado. Estavam na totalidade ocupados a apagar os vestígios da inundação. Kalima e os seus companheiros eunucos do quarto ao lado do seu apressaram-se a vir cumprimentá-lo.

— Bem-vindo Grande Irmão Stephan! — saudou Kalima calorosamente. — Temos estado à tua espera.

Qual não foi a emoção de Kovalski ao verificar que, na sua ausência, os eunucos tinham lavado, esfregado e caiado o seu buraco! Sob a imagem do Santo Sudário, um rangoli, um daqueles belos motivos decorativos de bom augúrio desenhados no solo, prestava homenagem ao seu Deus. Antes de repousar um pouco, o padre deu graças por tanto amor revelado nas profundezas do seu miserável bairro de lata. Estava mergulhado no seu recolhimento, quando uma figura barbuda entrou de rompante. Hasari emagrecera tanto que o padre teve dificuldade em reconhecê-lo.

— Agora já posso morrer! — anunciou o antigo camponês, brandindo triunfantemente um maço de notas. — Vê tudo isto que ganhei. Vou encontrar um marido para a minha filha.

LXX

Toda a sua fortuna estava contida numa pequena bandeja de cobre: um búzio, um guizo, um cântaro cheio de água do Ganges, um jarro de ghee e o panchaprodip, o candelabro de cinco braços utilizado na cerimonia da oferta do fogo. Hari Giri, de quarenta e três anos de idade, um homem de constituição frágil e pele clara, com uma enorme verruga na testa, era o pujari da vizinhança, ou seja, o padre hindu. Vivia numa humilde habitação próxima das barracas ocupadas pelos madrasis, os habitantes mais pobres do bairro de lata. Diante da sua casa erguia-se o templozinho dedicado a Sitola, a deusa da varíola. Com a sua cabeça escarlata e os olhos negros, o diadema de prata e o colar de cobras e leões, tinha um aspecto ainda mais intimidador que Kali, a terrível, a patrona de Calcutá. O brâmane, porém, era sobretudo conhecido entre os habitantes do bairro de lata pela sua devoção a uma outra divindade. Filha do deus Ganesh, de cabeça de elefante, Santoshi Mata era, na realidade, a deusa que tinha o poder de conceder um marido a todas as jovens indianas. O culto que lhe dedicava representava para o pujari uma fonte de lucros significativos. Dentre todas as ceremonias do hinduísmo a do casamento é, de fato, a mais rendível para um brâmane. A tal ponto que Hari Giri se dedicara ao estudo da astrologia a fim de se tornar um casamenteiro profissional. A angústia de Hasari não podia, assim, deixá-lo indiferente. Uma noite, fez uma visita ao condutor de riquixá para lhe perguntar a hora e o dia de nascimento da filha.

— Não tardarei a aparecer com boas notícias — prometeu. E, na realidade, voltou a aparecer uns dias depois.

— O horóscopo da vossa filha e casta estão em perfeita concordância com os de um rapaz que conheço — anunciou triunfante a Hasari e à esposa.
— Trata-se de uma família de

kumhar (Oleiros). São donos de duas olarias num bairro de lata vizinho. O pai do rapaz gostaria de se encontrar consigo o mais rapidamente possível — acrescentou, dirigindo-se unicamente a Hasari.

Profundamente comovido Hasari prostrou-se por terra, a fim de tocar nos pés do brâmane, e levou em seguida as mãos à frente. Contudo, nenhum pujari que se prezasse ficaria satisfeito com esta manifestação de agradecimento. Estendeu a mão e exigiu um adiantamento sobre os seus honorários. Esta visita iria marcar o começo de uma tragicomédia de

múltiplas peripécias e em que, pela força das circunstâncias, Kovalski se tornaria um dos protagonistas. Embora fosse costume que as longas e pormenorizadas negociações que antecedia um casamento costumassem realizar-se publicamente, no meio de um recinto, as partes interessadas preferiam que a discussão financeira se efetuasse num local mais discreto.

“O meu quarto esteve sempre à disposição de toda a gente”, diria o padre. Foi, por conseguinte, diante da imagem do Santo Sudário que as duas partes se encontraram. As partes interessadas? Não se tratava, obviamente, da jovem Amrita nem do seu futuro esposo, que apenas deveriam conhecer-se na noite de núpcias, mas do pai do rapaz, um homem de estatura média, com um ar sisudo e cabelos luzidios do óleo de mostarda, de Hasari, do brâmane com a verruga na testa e de Kovalski. Após uma prolongada troca de cumprimentos e amabilidades, foram abordadas as questões principais.

— O meu filho é um rapaz excepcional — declarou o pai sem hesitar. — E quero para ele uma esposa à altura.

Todos compreenderam, naturalmente, o significado exato desta linha de abordagem. Não estava a referir-se às qualidades morais nem mesmo físicas, mas ao preço que deveria ser pago por um filho tão “excepcional”. “Este tipo vai exigir a Lua”, pensou Hasari, ao mesmo tempo que se voltava para o Grande Irmão Stephan numa busca de conforto. Insistira em que Kovalski acedesse a estar presente nas discussões. “Em frente do sahib eles não se atreverão a exagerar”, dizia de si para si. O antigo camponês havia, no entanto, cometido um erro de psicologia. Contrariamente às expectativas de Hasari, a presença de um sahib constituía um garante para o adversário: “Se o pai da rapariga não puder pagar, o sahib pagará em seu lugar.”

— A minha filha é tão excepcional como o vosso filho — replicou Hasari, que não queria ficar atrás.

— Se é uma tal joia, certamente previu conceder-lhe um dote generoso — retorquiu o pai do rapaz.

— Previ cumprir o meu dever — garantiu Hasari.

— Vejamos, então — disse o pai, acendendo um bidi.

O dote de uma jovem indiana constitui-se de duas partes. Uma consiste no enxoval e nas joias pessoais, que, em princípio, se mantêm propriedade sua. E a outra compõe-se dos presentes que leva à sua nova família. O conjunto deveria figurar na enumeração feita por Hasari. Este não demorou muito tempo. Cada objeto representava, porém, tantas corridas através da água da monção, tantas privações, tantos sacrifícios, que o condutor de

riquixá tinha a impressão de que estava a oferecer um pouco da sua carne e do seu sangue. A lista incluía dois saris de algodão, dois corpetes, um xale, vários utensílios domésticos e algumas joias e enfeites de bijutaria. Quanto aos presentes para a família do esposo, compunham-se de dois dhoti, dois coletes e um panjabi, a longa túnica abotoada até o pescoço e que chega aos joelhos. O dote de um pobre, sem dúvida, mas que representava mesmo assim cerca de duas mil rupias, uma soma fabulosa para um condutor de riquixá. O pai do rapaz franziu o sobrolho.

— E tudo? — perguntou após um silêncio de cortar à faca. Hasari abanou tristemente a cabeça, mas era demasiado orgulhoso para tentar despertar compaixão no seu interlocutor.

— As qualidades da minha filha compensarão o que possa faltar — acrescentou

— Talvez — grunhiu o pai do rapaz entre dentes. — Acho, no entanto, que um ou dois anéis para os dedos dos pés não seriam supérfluos. — Nem mesmo uma joia para o nariz e uma matika de ouro. Quanto aos presentes para a minha família...

— Antes de continuarem a vossa discussão, gostava que se pusessem de acordo quanto ao preço dos meus serviços — interrompeu o brâmane.

— Previ dois dhoti para vós e um sari para a vossa mulher — respondeu Hasari.

— Dois dhoti e um sari! — exclamou o pujam, ultrajado. — Está certamente a brincar!

Kovalski reparou nas duas grossas gotas de suor que apareceram na testa do amigo. “Meu Deus!”, pensou. “Vão sugá-lo impiedosamente.”

Kalima e mais alguns vizinhos estavam colados à ombreira da pequena divisão, a fim de não perderem uma palavra e manterem o resto do recinto a par dos acontecimentos.

A discussão prolongou-se umas boas duas horas, sem que os adversários se movessem das posições ocupadas. As negociações de casamento eram, por tradição, muito demoradas.

O segundo encontro realizou-se três dias mais tarde, no mesmo local. Segundo o costume, Hasari preparara pequenos presentes para o pai do rapaz e o pujari. Nada de importante: um gamsha para cada um. Estes três dias de espera pareciam ter minado o condutor de riquixá. Cada vez sentia mais dificuldade em respirar. Os ataques de tosse, provisoriamente suprimidos devido ao tratamento de choque aplicado por Max, haviam recomeçado.

Perseguido pelo receio de morrer antes de poder cumprir o seu dever, estava pronto a ceder a todas as exigências. Mesmo que não pudesse cumpri-las. Desta vez foi o pujari que abriu fogo. As suas reivindicações eram, porém, tão excessivas que, por sua vez, os dois pais se mostraram de acordo. Recusaram-nas.

— Nesse caso, retiro-me — ameaçou o brâmane.

— Paciência. Iremos procurar um outro pujari retorquiou Hasari.

— Sou eu que tenho os horóscopos! — gargalhou o brâmane. — Ninguém aceitará substituir-me.

A sua resposta provocou a hilaridade geral no recinto. As mulheres trocavam comentários.

— Este pujari é um verdadeiro filho da mãe! declarou uma das matronas. — E esperto como um rato! Aposto que está feito com o pai do rapaz! — disse uma outra. No interior

do quarto, tinha-se chegado a um impasse. Vítima de um acesso de febre, Hasari começara a tremer.

— Se deres cabo do casamento da minha filha, arranco-te a pele, monte de esterco! — ameaçou, dirigindo-se ao brâmane com os olhos injetados de sangue. Nessa altura o pujari fez menção de se levantar para abandonar o local. — Fica! — suplicou Hasari, agarrando-lhe no pulso.

— Só se me pagarem imediatamente um adiantamento de cem rupias.

Os olhares desesperados dos dois pais cruzaram-se. Decorridos uns segundos, cada um deles levou a mão às pregas do longhi.

— Aqui tens! — declarou secamente Hasari, metendo um maço de notas na mão do homem da verruga.

Este desfez-se imediatamente em sorrisos. As negociações podiam recomeçar. Nenhum casamento de um rei ou milionário poderia ter constituído motivo de discussão mais acesa do que este projeto de união entre dois miseráveis de um bairro de lata. Foram precisas nada menos de oito sessões para regulamentar apenas a questão do dote. As crises de lágrimas alternavam-se com as ameaças, e as rupturas com as reconciliações. Havia sempre qualquer nova exigência. Um dia, o pai do rapaz reclamava uma bicicleta; no dia seguinte, queria um transístor, dez gramas de ouro, um dhoti suplementar. Seis dias antes da cerimônia, um mal-entendido quase pôs ponto final em todo o processo. A família do rapaz jurava que deveria receber doze saris e não seis, como pretendia Hasari. Na falta de argumentos, um dos tios do rapaz foi a correr ao encontro de Kovalski.

— Basta que forneças os seis saris que faltam sahib! — disse. — Ao que consta, és o homem mais rico do teu país.

Esta maratona esgotou por completo o infeliz condutor de riquixá. Numa manhã em que acabava de pegar na velha geringonça, sentiu que o chão lhe fugia debaixo dos pés.

“Tinha a impressão de que a cada passo me afundava num buraco de esgoto”, confessaria a Kovalski. “Via os carros, os caminhões e as casas a girarem à minha volta, como se fizessem parte de um gigantesco carrocel de feira. Ouvi os silvos da sirena. Depois, foi o vazio. Um grande vazio negro.” Hasari largou os varais. Tinha desmaiado.

Quando abriu os olhos, reconheceu o rosto magro, de Mu-sari, o representante do proprietário do riquixá, debruçado sobre ele. Este andava a fazer a volta para cobrar os alugueres, quando avistara o riquixá abandonado.

— Então, amigo? Bebeste um copo de bangla a mais? — perguntou num tom amistoso, dando pequenas palmadas nas faces do condutor.

— Não. Acho que é o meu motor que está prestes a falhar — respondeu Hasari, indicando o peito.

— O teu motor? — inquiriu o homem ansiosamente e de súbito alertado. — Se é realmente o teu “motor” que está a falhar, Hasari, vais ter de nos devolver a máquina. Sabes bem como o Velho fica furioso com estas coisas. “Quero búfalos e não cabras entre os meus varais”, é o que está sempre a dizer.

Hasari esboçou um aceno de concordância. Não havia tristeza nem revolta na sua expressão. Simplesmente uma extraordinária resignação. Estava bem a par das leis da cidade. Um homem ao qual falha o motor é um homem morto. Ele já deixara de existir. Pensou no pobre trabalhador que levara ao hospital durante os primeiros dias do seu exílio. Pensou em Ram Chander e em todos os que vira morrer entre os varais das suas geringonças, minados, consumidos, aniquilados pelo clima, pela fome, pelo esforço sobre-humano. Pensou no pobre Ramatullah desaparecido no buraco de esgoto. Contemplou com ternura as duas grandes rodas e a armação preta do seu velho carro, o assento de napa remendado, os arcos e a tela da capota, ao abrigo da qual tantas pessoas se tinham amado e tantas outras tinham defrontado a violência da monção. Fixou, sobretudo, aqueles dois instrumentos de tortura entre os quais tanto sofrera. Quantos milhares de quilômetros os seus pés cobertos de úlceras tinham percorrido sobre o asfalto mole da cidade-miragem? Não sabia. Apenas sabia que cada um dos seus

passos representara um esforço de vontade para que o chakra do seu destino desse mais uma volta, um gesto de sobrevivência para escapar à maldição da sua condição. E agora o chakra ia parar de uma vez por todas.

Ergueu os olhos para o representante do proprietário montado na sua bicicleta.

— Leva o teu riquixá — disse. — Irá fazer alguém feliz.

Pôs-se novamente em pé e puxou pela última vez o riquixá número 1999 até a estação de Park Circus. Enquanto se despedia dos amigos, Hasari viu o representante chamar um dos homens, ainda novos, que esperavam na beira do passeio. Eram todos refugiados do último êxodo que esvaziara os campos de Bengala e do Biar, atingidos por uma nova seca. Todos ansiavam pela oportunidade de se atrelarem aos varais de um riquixá. Hasari dirigiu-se àquele que o representante do proprietário escolhera e sorriu-lhe. Em seguida, tirou do dedo o pequeno guizo que ao longo de todos estes duros anos fora a sua voz de homem-cavalo.

— Aceita este guizo, meu filho — ofereceu, fazendo-o soar uma vez mais de encontro aos varais. — Será o teu talismã e proteger-te-á do perigo.

Antes de voltar a casa, Hasari fez um desvio para fazer uma visita ao mercador de esqueletos e reclamar um segundo pagamento pela venda dos seus ossos. O encarregado da caixa examinou o visitante cuidadosamente. Ao verificar que a ruína da sua saúde ia no bom caminho, consentiu em mais um pagamento.

Seguiram-se mais três dias de acesa discussão, antes que todos estivessem de acordo sobre o montante do dote. Como a tradição exigia, o contrato foi firmado mediante uma cerimonia especial no recinto dos Pais, com todos os habitantes por testemunhas. Cocos, paus de incenso e uma carpeta feita de folhas de figueira-de-bengala foram colocados no chão, a fim de que o pujari pudesse efetuar os vários ritos e pronunciar os mantras de circunstância. Hasari foi convidado a anunciar que concedia a sua filha em casamento e a enumerar a lista dos bens que compunham o seu dote. Com grande raiva de Kovalski, esta formalidade provocou de imediato uma nova série de incidentes. A família do noivo exigiu ver os bens em questão. Seguiu-se uma verdadeira exposição. “Julguei encontrar-me no meio do Bazar Bara”, contaria o padre. “Exigia-se a prova do preço de uma joia, protestava-se que o sari de casamento não era suficientemente bonito ou considerava-se o transístor de fraca qualidade. Cada recriminação contribuía para cortar um pouco mais do fôlego que restava no peito de Hasari.” Na

véspera do casamento, um novo drama se verificou. O pai do noivo, os tios e um grupo de amigos apareceram para controlar os preparativos da festa.

— Seremos, pelo menos, cem — declarou o pai. — E que remos certificar-nos de que haverá de comer e beber em quantidade.

Kovalski viu que Hasari empalidecia.

— Cem? — protestou. — Mas tínhamos combinado que não seriam mais de cinquenta.

Seguiu-se uma discussão que muito divertiu todos os ocupantes do recinto. Os visitantes disseram o menu, exigindo que se acrescentasse um legume aqui, um fruto ou um doce ali. Hasari tentava fazer frente a tudo.

— De acordo, se tirarem vinte pessoas ao número dos convidados — acabou por concordar.

— Vinte? Nunca! Dez, no máximo.

— Quinze.

— Doze e não falamos mais nisso.

— De acordo. Doze — suspirou Hasari para pôr ponto final no assunto. — Contudo, o seu suplício ainda não terminara.

— E os músicos? — preocupou-se um dos tios do futuro noivo. — Quantos virão?

— Seis.

— Apenas seis? Mas isso é uma miséria! Um rapaz como o meu sobrinho merece, pelo menos, dez músicos!

— É a melhor orquestra do bairro! — protestou Hasari. — Até já foram tocar em casa do “padrinho”!

— Bons ou não, é preciso acrescentar, pelo menos, mais dois músicos — retorquiu o tio.

Foi então que surgiu uma nova reivindicação. Por qualquer motivo misterioso, ligado aparentemente a subtis cálculos astrológicos, os casamentos indianos realizam-se quase sempre a meio da noite. O leproso Anouar e Meeta tinham-se casado à meia-noite. O horóscopo de Amrita e o do futuro marido determinavam a mesma hora. Assim decidira o pujari depois de consultar os seus mapas celestes.

— Onde está o gerador? — quis saber o pai do noivo. — À meia-noite está escuro e um casamento sem muitas luzes não é um verdadeiro casamento.

Hasari não conseguiu pronunciar palavra. Com as costas coladas à parede, de tal modo transpirava, a boca entreaberta pelo desejo de vomitar, a

respiração difícil e entrecortada, voltou a sentir o chão a fugir-lhe debaixo dos pés. Os rostos, os telhados, os ruídos misturaram-se num véu enublado. Agarrou-se ao pilar da varanda. “Não vou conseguir. Sei que não vou conseguir. Vão roubar-me o casamento de Amrita”, gemeu. No entanto, esta exigência do pai do noivo justificava-se.

Para os milhões de habitantes dos bairros de lata condenados, na falta de eletricidade, a viverem numa perpétua obscuridade, não podia haver festa sem iluminações. Uma orgia de luz, semelhante à da noite do casamento de Anouar, era uma maneira de desafiar a infelicidade. Hasari abanou tristemente a cabeça, mostrando as palmas das mãos vazias. Este homem, que sentia o seu fim tão próximo, não hesitara em endividar-se por um período de gerações para que pudesse cumprir dignamente o seu último dever. Levara ao usurário os dois anéis e a pequena corrente que tinham feito parte do dote da mulher, bem como o relógio que o seu filho Shambu encontrara na lixeira. Matara-se a trabalhar. Vendera os ossos. Ultrapassara a fronteira do possível. E agora via-se obrigado a suportar a humilhação máxima.

— Se persistirem nas vossas exigências — declarou, parando a cada palavra a fim de recobrar fôlego —, só vejo uma solução: cancelar o casamento. Não tenho mais dinheiro.

Tinham, assim, catorze horas antes da festa, chegado a um impasse que podia significar a ruptura. Era a primeira vez que Hasari parecia resignado. “Ele que se esforçara tanto, que já nem parecia ter um ar deste mundo!”, comentaria o polaco. Quer fizesse ou não blefe, o certo é que o adversário não cedia. “Deus do céu!”, pensou Kovalski. “Não é possível que deitem tudo por terra por causa de um problema de iluminação!” Foi nessa altura que decidiu intervir.

— Conheço um recinto próximo onde há eletricidade — disse. — Podia puxar-se facilmente um cabo até aqui, e com quatro ou cinco lâmpadas teríamos uma bela iluminação.

Kovalski recordar-se-ia toda a vida da expressão reconhecida que o rosto do amigo deixou transparecer. No entanto, a partida ainda não estava ganha. Menos de sete horas antes da cerimônia surgiu mais um problema. E desta vez foi Hasari o responsável. Lembrando-se subitamente de que a cerimônia do casamento é julgada tanto a nível de magnitude do cortejo nupcial como da riqueza dos festejos, perguntou ao pai do noivo qual a forma como o filho chegaria ao domicílio da sua futura esposa. Até mesmo num bairro de lata cheio de lama e imundície este trajeto efetuava-se num cavalo

engalanado de ouro e veludo.

— Num riquixá — respondeu o outro.

Kovalski julgou que Hasari iria morrer asfixiado.

— Num riquixá? — repetiu num tom entrecortado. Foi “num riquixá” o que disse?

O pai do noivo acenou afirmativamente. Hasari fulminou-o com o olhar.

— A minha filha nunca casará com um homem que aparece para casar num riquixá, como se se tratasse da vulgar filha de um pobre — rugiu. — Exijo um táxi. Um táxi e um desfile. Caso contrário, quero a minha filha de volta.

A Providência iria mais uma vez tomar o nome de “Filho do Milagre”. Informado da última discussão entre as duas famílias, o motorista de táxi apressou-se a oferecer o seu automóvel para transportar o cortejo. A sua generosidade comoveu muito especialmente o antigo camponês. Fora, afinal, nesse mesmo carro que um dia experimentara a maior revelação da sua existência, ao observar as rupias no contador “caírem como uma chuva de monção”. “Aquele táxi trará sorte à minha filha e ao seu lar”, pensou, recuperando a alegria e confiança.

Algumas horas mais tarde, Hasari testemunharia finalmente o maravilhoso espetáculo que lhe custara todos os seus esforços.

— Vê como está bonita a minha filha, Grande Irmão Stephan! — murmurou extasiado.

Enrolada num sari escarlate sal picado de estrelas douradas, de cabeça baixa e o rosto oculto por um véu de musselina, os pés nus pintados de vermelho, os dedos dos pés, os artelhos e pulsos a brilhar com as joias que constituíam o seu dote, Amrita, conduzida pela mãe e pelas vizinhas, ia ocupar o seu lugar na esteira de palha de arroz colocada no centro do recinto, mesmo em frente do pequeno braseiro onde ardia o fogo sagrado e eterno. Com os olhos cheios da mais intensa felicidade, os lábios abertos num sorriso que lhe vinha do mais fundo da alma, Hasari rejubilava ante o mais belo espetáculo da sua vida, uma sessão de magia que apagava de uma só vez tantas imagens de pesadelo: Amrita, chorando de frio e de fome nas noites de Inverno passadas no bocado de passeio, remexendo com as pequenas mãos os restos de comida do Grand Hotel, mendigando sob as arcadas de Chowringhee... Este era um momento de triunfo, de apoteose, de vingança final em relação a um karma amaldiçoado.

Uma fanfarra fez-se ouvir, acompanhada de cantos e gritos. Precedida de

um grupo de travestis bailarinos exageradamente maquiados de batom e carvão, o cortejo nupcial fez a sua sumptuosa entrada no recinto cheio de fumo das chula. “Dir-se-ia que um príncipe das Mil e Uma Noites caíra do céu, diria Kovalski. “Com o seu diadema de cartão incrustado com pedaços de vidro colorido, o noivo assemelhava-se a um dos marajás rodeados pela corte que se veem nas gravuras.”

Tal como Anouar, o rapaz, antes de ocupar o seu lugar, tinha de se submeter ao rito do parda, a colocação de um véu, a fim de que os olhos da sua prometida não lhe vissem o rosto antes do momento previsto pela liturgia. Em seguida, o pujari fez-lhe sinal para que fosse sentar-se ao lado de Amrita. Começou então o interminável e pitoresco ritual de um casamento hindu, pontuado com mantras em sânscrito, a língua dos sábios e homens de letras, que ninguém neste bairro de lata compreendia, nem mesmo o brâmane que as recitava.

A assistência tinha notado que o lugar do padrinho, à direita da noiva, se conservava vazio. Hasari oferecera este lugar, o primeiro na hierarquia dos presentes, ao seu irmão de pobreza, o Grande Irmão do tugúrio vizinho, o homem de Deus que, juntamente com o “Filho do Milagre”, tinha sido a sua providência, o seu amigo e confidente. Kovalski, porém, não pudera ocupar o lugar. No próprio instante em que o noivo e o seu cortejo faziam a sua entrada triunfal, uma série de convulsões atacara subitamente o peito de Hasari. O padre apressara-se a transportar o pobre homem para o seu quarto. Os olhos e a boca, que, um minuto antes exultavam de alegria, crispavam-se agora sob uma expressão de intensa dor. Quando as convulsões cessaram, o corpo manteve-se rígido e imóvel. Em seguida, como sob o efeito de um choque eléctrico, o peito e todos os músculos voltaram a contrair-se. Os lábios entreabriram-se. Estavam azulados, um visível sinal de dificuldades respiratórias.

Kovalski pôs-se a cavalo em cima do corpo e, apoiando todo o seu peso no tórax, começou a massajá-lo vigorosamente de cima a baixo. Tinha a sensação de agarrar um esqueleto, a tal ponto o infeliz estava reduzido a pele e osso. O esterno e as costelas estalaram sob a pressão dos seus dedos. O polaco aplicou todas as forças, manchando de suor o seu belo panjabi branco de padrinho. Mas, milagre dos milagres! Um sopro muito fraco, quase imperceptível, fez, por fim, estremecer o corpo descarnado. Kovalski apercebeu-se de que conseguira voltar a pôr o “motor” em andamento. Para consolidar esta vitória, deu ao seu irmão o mais belo testemunho de amizade.

Inclinando-se sobre o seu corpo, aplicou os lábios na boca de Hasari e começou a soprar ritmicamente o ar para os pulmões consumidos pela febre vermelha.

Kovalski viria a descrever os acontecimentos seguintes numa carta dirigida ao superior da sua confraria: “Hasari abriu os olhos. Estavam inundados de lágrimas e apercebi-me de que sofria. Tentei dar-lhe de beber, mas a água escorreu-lhe pelos lábios, sem que conseguisse engoli-la. Respirava muito debilmente. Em dada altura, deu a sensação de que se esforçava por escutar. Parecia conseguir aperceber-se dos ruídos que lhe chegavam do recinto, das vozes e da música dos festejos. Esboçou um sorriso ante todo este júbilo. O fato de escutar o desenrolar normal do casamento pareceu agir tão beneficemente que quis falar. Aproximei o ouvido da sua boca e percebi Grande Irmão Stephan seguido de mais algumas palavras ininteligíveis.

“Instantes depois, pegou-me na mão e apertou-a na sua. Surpreendeu-me a força com que me agarrou os dedos. A mão que durante tantos anos não largara os varais do seu riquixá assemelhava-se a uma tenaz. Fitou-me com um olhar suplicante. Grande Irmão, Grande Irmão, repetia, após o que murmurou algumas palavras em bengali. Desta vez compreendi que se referia à mulher e aos filhos e me pedia que tomasse conta deles. Tentei acalmá-lo. Sabia que o fim estava próximo. E ele deve ter tido igual pensamento, porque fez vários gestos com a mão, como que a explicar-me que queria que o levassem do recinto sem ninguém se dar conta. Temia, sem dúvida, que a sua morte interrompesse a festa. Eu tinha previsto tal eventualidade e pedido ao Filho do Milagre que transferisse Hasari para o seu recinto o mais depressa possível.

“Por volta das três da manhã, ajudado pelo seu filho Shambu e Kalima, conseguimos levar discretamente o condutor de riquixá. Os participantes na festa não deram por nada. O ‘padrinho’ mandara um fornecimento extra de bangla e muitos dos convivas já estavam embriagados. Hasari deve ter tido consciência de que abandonava a casa, porque cruzou as mãos sobre o peito num gesto de namaskar, como que a despedir-se de toda a gente.

“Em seguida, tudo se desenrolou muito rapidamente. Por volta das cinco da manhã o corpo de Hasari foi sacudido por uma nova crise. Os lábios entreabriram-se-lhe e um jorro de espuma ensanguentada saiu-lhe da boca. Pouco depois o corpo imobilizou-se-lhe com um estertor. Tudo acabou. Fechei-lhe os olhos e recitei a prece dos mortos.”

Menos de uma hora depois, uma chuva de violentas pancadas soou na porta do quarto onde o “Filho do Milagre” e Kovalski velavam os restos mortais do seu amigo, agora envolto numa mortalha de khadi branco e engrinaldado de flores. O motorista de táxi foi abrir. Na obscuridade, distinguiu apenas dois rostos de pele muito escura.

— Somos os dom — informou o mais velho. — O morto tinha um contrato. Vimos buscar o corpo.

LXXI

— Escutem, irmãos e irmãs! — Stephan Kovalski ergueu um dedo na direção dos sinos e fechou os olhos para absorver na íntegra os sons cristalinos que atravessavam o céu carregado de vapores. “Cristo, o Salvador, nasceu”, anunciava o carrilhão da Igreja de Nossa Senhora do Bom Acolhimento. Era meia-noite da véspera de Natal.

Nesse momento, de um canto ao outro da imensa metrópole, outros carrilhões repercutiam a mesma nova. Embora os cristãos constituíssem uma pequena minoria em Calcutá, o nascimento de Jesus era celebrado com tanta devoção e fausto como o de Krishna, de Maomé, de Buda, do guru Nanak dos siques ou de Mahavira, o santo dos jainas. O Natal era uma das vinte festas oficiais e feriados desta cidade múltipla de crenças e temente a Deus.

Esplendorosa de grinaldas e de estrelas luminosas, no meio das trevas a igreja assemelhava-se a um palácio de marajá numa noite de coroação. No recinto, a alguns metros do passeio, onde milhares de pessoas sem abrigo dormiam enroscadas sob o frio cortante, um presépio gigantesco, com figuras em tamanho natural, reconstituía o nascimento do Messias na palha de um estábulo de Belém. Uma multidão colorida, formada por mulheres de belos saris e as cabeças cobertas por véus bordados, homens e crianças vestidos principescamente, enchia a vasta nave enfeitada de fitas e grinaldas. Os sumptuosos ramos de tuberosas, rosas e malmequeres que decoravam o altar e o coro tinham sido trazidos por uma cristã da “Cidade da Alegria” em sinal de agradecimento pela cura milagrosa do marido, que se salvara da cólera. Em redor dos pilares, diante das inúmeras placas que mencionavam o nome dos ingleses e inglesas que haviam sido enterrados nesta igreja desde a sua construção, há dois séculos, coroas de flores e folhagem formavam um arco triunfal.

Uma repentina salva de foguetes rompeu a noite. Acompanhada pelos órgãos, toda a assistência entoou o cântico que celebrava o nascimento do Menino Jesus. O pároco Alberto Cordeiro, mais imponente do que nunca, com a sua alva imaculada e os ornamentos de seda vermelha, fez a sua entrada. Escoltado pelos acólitos e uma dupla fila de meninos de coro, atravessou a nave e encaminhou-se cerimoniosamente para o altar. “Tanta pompa no meio de tanta pobreza”, maravilhou-se Max Loeb, que assistia à Missa do Galo pela primeira vez na sua vida. O médico judeu ignorava que o

bom pároco tentara um dia dissuadir Kovalski de ir viver entre os pobres da “Cidade da Alegria”, com receio de que ele pudesse “tornar-se escravo deles e deixar de ser respeitado”.

Idênticas cerimônias iniciavam-se noutras igrejas em Calcutá. Em redor de St. Thomas, a elegante paróquia de Park Street, dúzias de automóveis particulares, de táxis e riquixás descarregavam os fiéis. Park Street e as ruas vizinhas apresentavam-se enfeitadas de grinaldas e estrelas luminosas. A noite ecoava com os cânticos de Natal. Nos passeios, crianças vendiam pequenos pais natais que elas próprias tinham confeccionado e decorado nas suas oficinas do bairro de lata. Outras vendiam pinheiros de cartão e decorados com neve, ou berços. Todas as lojas estavam abertas e as vitrines cheias de presentes, garrafas de vinho e cerveja, cestos a transbordar de fruta, bolos e conservas finas. Indianas ricas acompanhadas pelos servos faziam as compras de última hora para a ceia da meia-noite. Famílias inteiras enchiam o Flury’s, a famosa loja de gelados e pastelaria. Outras invadiam o Peter Kat, o Tandoor ou os restaurantes do Moulin Rouge, do Park Hotel e do Grand Hotel. Este último estava completo. A sua ceia com espetáculo custava trezentas rupias por casal, quase o preço pelo qual Hasari Pai vendera os ossos.

O Natal não era festejado com menos satisfação nas ruelas da “Cidade da Alegria”. Grinaldas de luzes e galhardetes tinham sido pendurados onde quer que houvesse lares cristãos. Dos altifalantes ecoava a música de hinos e cânticos. Cada família tinha decorado a sua casa. Aproveitando-se da ausência de Kovalski, Margareta passara uma nova camada de tinta pelas paredes do seu quarto, tinha desenhado rangoli no chão e colocado um bercinho por baixo da imagem do Santo Sudário. Abrira ainda a Bíblia na página da “Natividade” e acendera velas e paus de incenso. Nas vigas de madeira pendurara grinaldas de malmequeres e rosas, que formavam uma espécie de pátio sobre o pequeno oratório.

Para todos os cristãos de Anand Nagar, o mais belo símbolo daquela noite mágica era, no entanto, a estrela gigante e luminosa colocada no alto de uma vara de bambu por cima do quarto de Kovalski. O hindu Ajit e o muçulmano Saladdin haviam tido a ideia de içar este símbolo no céu da “Cidade da Alegria”, como que para dizer à população desesperada do bairro de lata: “Não tenham medo. Não estão sós. Nesta noite em que nasceu o Deus dos cristãos, existe um salvador entre nós.”

O “salvador” em causa, após acordo do cura da paróquia, quisera

festejar esta noite entre os seus irmãos. Com a cabeça e os ombros envoltos num xale, por causa do frio cortante, celebrava o mistério da Eucaristia diante de aproximadamente cinquenta fiéis que se tinham reunido no recinto de Margareta. Quantos anos haviam passado desde a sua primeira missa nesta mesma tábua apoiada sobre dois caixotes? Cinco, seis, sete? Como contar o tempo neste universo sem passado nem futuro? Neste mundo onde a vida de tantas pessoas dependia da sobrevivência do minuto presente? “Este campo de concentração é um convento”, pensou, ao mesmo tempo que ouvia os cânticos que enchiam a noite. Fizera muitas vezes esta reflexão, e nesta noite de Natal sentiu uma convicção mais forte do que nunca: em nenhum lado, a mensagem de um Deus que viera ao mundo para salvar a humanidade era mais viva do que neste bairro de lata. A “Cidade da Alegria” e Belém eram um só e mesmo lugar. Antes de erguer nas mãos o fragmento de pão sem fermento que lhe servia de hóstia, o padre sentiu a necessidade de pronunciar algumas palavras.

— É fácil para o homem reconhecer e glorificar as riquezas do mundo — disse, tentando perscrutar os rostos imersos na sombra —, mas só um pobre pode conhecer as riquezas da pobreza. Só um pobre pode conhecer a riqueza que existe no sofrimento...

Mal acabara de pronunciar estas palavras, um estranho fenômeno ocorreu. Soprou, primeiro, uma súbita rajada de vento, após o que uma vaga de ar quente varreu o recinto, arrancando as grinaldas e bandeirinhas, apagando as estrelas luminosas e levando telhas dos telhados. Um enorme ribombar soou quase de imediato no céu. Kovalski não conseguiu deixar de se interrogar se a monção estaria prestes a reaparecer. Contudo, segundos depois tudo se acalmou.

— E é porque os pobres são os únicos a poder conhecer tais riquezas que conseguem enfrentar a miséria deste mundo, a injustiça, o sofrimento dos inocentes — prosseguiu. Cristo escolheu nascer entre os pobres porque quis que fossem os pobres a ensinar ao mundo a boa nova da sua mensagem, a boa nova do seu amor pela humanidade. São hoje todos vocês, meus irmãos e irmãs da “Cidade da Alegria”, os portadores

dessa chama de esperança. Eu, o vosso Grande Irmão, prometo-vos que chegará o dia em que o tigre se sentará ao lado da criança, a cobra dormirá com a pomba e os habitantes de todos os países se considerarão irmãos.

Kovalski contaria que ao falar assim viu na sua frente uma fotografia de Martin Luther King meditando diante de um berço de Natal. Na legenda desta

fotografia, publicada por uma revista, King explicava que diante deste berço tivera a visão “de um enorme banquete nas colinas de Virgínia, em que os escravos e os filhos dos escravos se sentavam com os seus donos, a fim de partilhar uma refeição de paz e amor”. Nessa noite, Kovalski sentira-se arrebatado por esse mesmo sonho. Estava certo de que um dia ricos e pobres, escravos e patrões, carrascos e vítimas poderiam sentar-se juntos à mesma mesa.

O padre pegou no pedaço de pão e elevou-o lentamente aos céus. O que avistou por cima dos telhados pareceu-lhe tão insólito que não conseguiu desviar o olhar. Relâmpagos riscavam o céu como uma cascata de fogo, iluminando uma enorme massa de nuvens negras que desfilavam a grande velocidade. Um novo trovão abalou novamente o céu, desta vez seguido de vento tão forte que Kovalski e os fiéis tiveram a sensação de ser aspirados. Momentos depois, as nuvens derramaram um dilúvio de água morna. Foi nessa altura que Kovalski escutou uma voz que se sobrepunha ao ruído infernal.

— Um ciclone! É um ciclone — gritava Aristotle John.

No outro extremo da cidade, numa velha mansão colonial de balaustradas, situada no bairro residencial de Alipore, um homem escutava o crescente ribombar do furacão. O seu interesse era de natureza profissional: T.S. Ranjit Singh, um sique de trinta e oito anos, natural de Amritsar, no Punjab, estava de serviço, nessa noite de Natal, no centro meteorológico regional de Calcutá. Erguidas no meio de figueiras-de-bengala centenárias, sob as quais Rabindranath Tagore tinha outrora composto alguns dos seus poemas, as antenas deste centro recebiam e comparavam os boletins meteorológicos de todas as estações instaladas ao longo das costas do mar de Bengala, nas ilhas Andaman e até Rangum na Birmânia. Duas vezes por dia, o laboratório da estação captava igualmente fotografias do subcontinente indiano e dos mares que o limitam, tiradas da alta estratosfera pelo satélite americano NOAA7 e pelo seu homólogo soviético Meteor. Desde sempre, o mar da Arábia, a oeste, e o golfo de Bengala, a leste, haviam sido os espaços prediletos para o eclodir desses violentos furacões a que os meteorologistas chamavam ciclones. Produzidos pelas variações bruscas de temperatura e pressão atmosférica entre a superfície marítima e as elevadas altitudes, estes turbilhões de vento libertavam forças comparáveis a bombas de hidrogênio de várias megatoneladas. Dizimavam periodicamente as costas da Índia, causando milhares e algumas vezes dezenas de milhares de mortes,

destruindo e submergindo de uma só vez regiões com um tamanho igual ao da Bélgica ou Suíça. A memória de toda a Índia estava traumatizada pelo pesadelo destes ciclones.

Mas nessa noite, Ranjit Singh não tinha um motivo especial para se alarmar. Nem todas as depressões tropicais se transformam em ventos ciclônicos, especialmente quando a estação já ia tão adiantada. A fotografia transmitida pelo satélite americano às dezanove horas era tranquilizadora. O sique examinou-a atentamente. A zona difusa de estrato-cúmulo que revelava não denotava sinais de perigo. Situada a mais de mil e quinhentos quilômetros para sul de Calcutá, dirigia-se para nordeste, por outras palavras, rumo à Tailândia. Os últimos boletins das estações meteorológicas transmitidos por telex datavam de há uma hora. Indicavam, sem dúvida, zonas de baixa pressão em toda a região, mas por toda a parte a velocidade do vento era inferior a cinquenta quilômetros horários. Tranquilizado, o sique decidiu passar uma agradável noite de Natal. Abriu a maleta, de onde retirou dois recipientes inoxidáveis com comida feita pela mulher. Uma verdadeira ceia de meia-noite: caril de peixe com bocados de queijo branco no molho, bolinhas de legumes e nan assados. Pegou igualmente na garrafinha de rum que trouxera de uma inspeção ao Sikkim e encheu um copo. Esquecido das rajadas que faziam estremecer as persianas, bebeu deliciado uma primeira golada. Iniciou seguidamente a refeição. Quando acabou de comer, serviu-se de mais um copo de rum, levantou-se e acalmou a consciência indo dar uma olhadela à máquina de telex da divisão contígua. Confirmou, satisfeito, a ausência de qualquer mensagem e voltou a sentar-se. “Mais uma noite sem história”, disse de si para si, enquanto saboreava a bebida.

As dez horas da manhã, acordou sobressaltado ante o ruído do telex. A estação de Vishakhapatnam, a norte de Madras, anunciava rajadas de vento a cento e vinte nós, próximo de duzentos quilômetros horários. A estação das ilhas Nicobar confirmou pouco depois. A ligeira depressão do dia anterior transformara-se num ciclone de extraordinárias proporções. A cólera do deus Indra abatia-se sobre a baía de Bengala. Uma hora depois, o SOS de um cargueiro indonésio apanhado pela tempestade confirmou a iminência do perigo. A sua posição — 21,2° de latitude norte e 89,5° de longitude leste — indicava que o ciclone se localizava a cerca de quinhentos quilômetros da costa de Bengala. Tinha mudado bruscamente de rumo e dirigia-se para Calcutá.

O sique não perdeu um segundo. Alertou de imediato o seu superior, o

engenheiro-chefe H. P. Gupta, que dormia com a família no apartamento da empresa, situado numa ala do edifício. Comunicou em seguida com a estação local da Ali Índia Radio, a cadeia de radiodifusão nacional, e com o gabinete do ministro do Interior, a fim de que as pessoas que habitavam na zona do delta fossem imediatamente informadas da iminência de um “vento ciclônico de grande intensidade”. Virou-se depois para o radiotelefone inserido numa consola atrás da secretária. O aparelho comunicava diretamente com uma instalação ultramoderna colocada no cimo do edifício mais alto de Calcutá. Sob a sua cúpula de fibra de vidro, a antena parabólica do radar do departamento de meteorologia indiano podia localizar um ciclone a mais de quinhentos quilómetros de distância, seguir-lhe o curso, determinar a dimensão do seu “olho” e calcular o volume de chuva que era susceptível de libertar ao atingir o alvo. Nessa noite, porém, o radar estava desligado e a enorme sala, decorada com fotografias relativas a todos os ciclones que haviam assolado Bengala nos últimos dez anos, apresentava-se deserta. O próximo turno de vigilância só começaria às sete horas da manhã do dia de Natal.

LXXII

Ashish Ghosh, o jovem camponês que tivera a ousadia bastante de regressar à sua aldeia após seis anos de exílio na “Cidade da Alegria”, não se deitara nessa noite. Juntamente com a mulher e os filhos, lutara sem cessar contra os ataques do vento e da chuva torrencial que a pouco e pouco demoliam a sua cabana de terra batida e telhado de colmo. A sua aldeia, Harbangha, compunha-se de um aglomerado de casinhas no meio de magros arrozais, habitados maioritariamente por refugiados do antigo Paquistão Oriental, que era agora Bangladesh. Era uma das regiões mais pobres do mundo, uma área pantanosa, sem estradas e atravessada por rios, riachos, canais e estuários; uma terra inóspita constantemente assolada por qualquer calamidade, inundações, por exemplo, tornados, tempestades tropicais, secas, desabamentos de margens, rupturas de diques, invasão de águas salgadas; um solo ingrato que nem sequer rendia uma colheita anual de mil e quinhentos quilos de arroz por hectare aos seus dois milhões de habitantes. A vida era ainda mais dura para o milhão de habitantes que não tinham qualquer arrozal. Com risco da própria vida, os pescadores tentavam dar de comer às famílias numa região muito rica em peixe, mas onde a escassez de meios tornava a pesca aleatória. Cerca de meio milhão de trabalhadores à jorna ofereciam os seus serviços, mas só encontravam ocupação no tempo das colheitas. Durante o resto do ano cortavam madeira ou colhiam mel na imensa floresta virgem das Sundarbans, um território tão vasto como o Mississipi mas ainda mais impenetrável que a Amazônia, infestado de serpentes, crocodilos sobretudo de tigres devoradores de homens, que vitimavam anualmente de trezentas a quatrocentas pessoas.

Ashish Ghosh trouxera da “Cidade da Alegria” um dos primeiros símbolos da ascensão econômica de um pobre refugiado, um transistor de pilhas. Acendeu-o por volta das seis da manhã. A perturbação atmosférica afetava a audição. Contudo, no meio dos ruídos, conseguiu distinguir uma voz que repetia incansavelmente a mesma mensagem. Colocou o aparelho ao ouvido, e logo compreendeu o que se passava. Minutos depois, os Ghoshs fugiram no meio do dilúvio, abandonando o fruto dos seus seis anos de exílio, de privações, de economias, de sofrimento no inferno de um bairro de lata: a sua casa com armazéns de sementes e fertilizador, o campo, a imensa lagoa tão arduamente escavada e onde a primeira carpa acabava de nascer, os dois

bois que mugiam no recinto cercado de espinhos, as três cabras e Mina, a sua bela vaca de tetas cheias e os cornos retorcidos como os dos carneiros-monteses dos Himalaias. Ashish virou-se para contemplar tudo aquilo através do tornado. “Voltaremos”, prometeu, apertando o braço da mulher, que soluçava. Foi nessa altura que os olhos fustigados pela chuva viram a sua barraca erguer-se no ar “como o ninho de um papa-moscas arrastado por uma rajada de monção”.

A imagem de um caracol gigante trespassado no meio por um buraco negro apareceu subitamente na tela esverdeada. No alto, à esquerda, o cronômetro digital marcava a hora com letras laranja. Eram sete e trinta e seis. O radar de Calcutá acabava de detectar o monstro. A sua posição — 21,4° de latitude norte, 70,5° de longitude leste —, a sua envergadura — 450 quilômetros — confirmavam as alarmantes mensagens de todas as estações meteorológicas da região. Tratava-se de um furacão, o que os meteorologistas indianos designavam no seu calão como “uma rigorosíssima tempestade ciclônica”. Meia hora mais tarde um pormenor contribuiu para aumentar as preocupações. Embora o olho do ciclone — o buraco negro ao centro — se mantivesse perfeitamente visível, uma série de espirais leitosas tinham começado a formar-se em redor da cavidade, obscurecendo-a a pouco e pouco com um véu esbranquiçado. Era a prova de que o furacão inchava com o volume de milhões de toneladas de água.

Sem perder um segundo, Hareesh Khanna, o franzino técnico que acabava de entrar ao serviço nessa manhã de Natal no seu posto junto ao radar, pôs-se ao radiotelefone, a fim de alertar o centro meteorológico. Natural de Bombaim, a outra importante metrópole indiana, frequentemente assolada por ciclones, Khanna seguira dezenas de vezes os furacões nas telas. Nunca, porém, vira o olho cobrir-se deste véu leitoso. Após ter transmitido as suas observações, subiu a quatro e quatro os degraus da escada que levavam ao terraço. Lá no alto, avistava-se o mais belo panorama da cidade. Agarrando firmemente o velho guarda-chuva por cima da cabeça, Khanna distinguiu através da chuva, o entrelaçado metálico da ponte de Howrah e logo atrás a importante massa rósea da gare, a seguir as águas acastanhadas do rio com as suas centenas de barcaças, a extensão verde do Maidan, a longa fachada de tijolo do Writer’s Building e, finalmente, o emaranhado de milhares de terraços e telhados que formavam a gigantesca metrópole, à qual as mensagens da AU Índia Radio retiravam, a pouco e pouco, a ambiência desta manhã de festa.

Felizmente, o monstro ainda estava muito longe, bem ao longe, por cima do mar. O vento e a chuva que se tinham abatido sobre Calcutá desde a noite anterior eram apenas sinais precursores, os preâmbulos do cataclismo.

O pescador Subash Naskar, de vinte e seis anos, ficou a dever a vida a um espantoso reflexo. Em vez de procurar abrigar-se da enorme muralha de água que ia engolir a sua aldeia, virou-se, mergulhou na vaga gigantesca e deixou-se arrastar para terra. Nunca viria a saber exatamente o que acontecera. Mas viu-se de repente a nove quilômetros de distância, agarrado à janela de um templo. À sua volta reinava a desgraça: ele era o único sobrevivente. Pouco passava das dez da manhã. O monstruoso turbilhão acabava de atingir a terra.

O inferno! Um inferno de vento, de água e de fogo. Isto começara por uma luz deslumbrante, idêntica a uma colossal bola de fogo que se espalhava no horizonte e iluminava a paisagem. Provocado pela acumulação de eletricidade ao nível das nuvens, este fenômeno de extrema raridade queimou instantaneamente a copa de todas as árvores numa área de duzentos quilômetros de comprimento e cinquenta de largura. Derramando-se, em seguida, sobre o mar pouco profundo desta costa, a coluna impetuosa projetara na sua frente a enorme muralha de água. Sob o efeito conjugado do vento e das vagas, todas as casas, cabanas e árvores foram pulverizadas, esmagadas, reduzidas a nada; barcos de pesca foram sugados e atirados a uma distância de quilômetros; ônibus e carruagens de trem erguidos e catapultados como fardos arrastados e afogados; milhares de quilômetros quadrados submersos por um magma de água salgada, areia, lama, escombros e cadáveres. No espaço de alguns segundos, uma zona do tamanho da Guatemala e com uma população de três milhões de habitantes fora expurgada do mapa.

Apanhados na fuga pela torrente enraivecida, Ashish Ghosh e a família apenas se salvaram devido à proximidade de uma pequena mesquita no alto de uma vertente. “A minha mulher e os meus filhos agarraram-se a mim”, contaria ele, “e consegui arrastá-los até o edifício, que já se encontrava a abarrotar de sobreviventes. Mesmo assim, trepei para um parapeito de uma das janelas e agarrei-me às grades, sem largar os meus. Ficamos ali, suspensos sobre as águas, durante todo o dia e toda a noite. No dia seguinte, éramos apenas uns vinte os que restavam.” Nesse momento Ashish avistou ao longe uma família de seis pessoas que abraçavam um tronco de árvore com todas as forças, mas um redemoinho não tardou a engolir o frágil esquife e

todos os naufragos.

O terror durou ainda seis horas, antes que o furacão desse bruscamente meia volta e se dirigisse para o mar. Dois dias mais tarde, Ashish e a família, bem como os primeiros sobreviventes, chegaram à pequena cidade de Canning, cinquenta quilômetros para o interior. Desfigurados e esfomeados, amparando-se uns aos outros, avançavam como sonâmbulos, sem olhar para a esquerda ou para a direita. Tinham atravessado quilômetros de uma paisagem fantasmagórica de devastação e ruína, tropeçando em cadáveres espalhados por todo o lado. A enfermeira que dirigia o pequeno dispensário local jamais esqueceria o triste espetáculo daquela coluna de sobreviventes, cujas silhuetas se recortavam sob a linha escura do céu. “Mesmo ao longe era visível o seu estado lamentável”, diria. “Alguns transportavam pequenas trouxas e utensílios. Amparavam os feridos e arrastavam-se com os filhos ao colo. Senti de imediato o odor da morte. Esta gente tinha visto os pais, as mulheres e os maridos afogarem-se diante dos seus olhos. Tinha visto os filhos serem arrastados pelas águas, as suas casas a desabar e as terras a desaparecer.”

Durante três dias, Calcutá ignorou a extensão da catástrofe. O ciclone destruíra as linhas telefônicas, os emissores de rádio, as estradas, os transportes marítimos. Receosas de que as acusassem de falta de previsão ou negligência, as autoridades prolongaram deliberadamente este desconhecimento. Os primeiros comunicados minimizaram a gravidade da tragédia. Ocorrera um tufão vulgar, dizia-se, semelhante aos que todos os anos se verificavam nas costas da Índia! E, a fim de que as pessoas não se sentissem tentadas a ir ver o que se passava, toda a zona foi vedada pela polícia e guardas fronteiriços.

Qual não foi, por conseguinte, o choque quando as primeiras descrições dos sobreviventes começaram a ser conhecidas! A imprensa atacou furiosamente. Referia dez ou vinte mil mortos, cinquenta mil cabeças de gado afogadas, duzentas mil habitações destruídas, meio milhão de hectares tornados estéreis pela água do mar, dois mil quilômetros de diques demolidos ou afetados e de três a quatro mil poços inutilizados para sempre. Revelava, igualmente, que, dada a falta de socorros imediatos, havia pelo menos dois milhões de pessoas ameaçadas de morrer de fome, sede e frio.

Todas as catástrofes mundiais foram objeto de disputas e desentendimentos quanto a ajuda e socorros. Contudo, nestas paragens, mais do que em qualquer outro lado, a pobreza tornava a fatalidade mais cruel e os

socorros mais urgentes. No entanto, as autoridades de Calcutá e de Nova Deli demoraram mais três dias a chegar a acordo sobre as primeiras operações de salvamento. Três dias que alguns indivíduos logo aproveitaram. Esta gente vestia os hábitos de cor ocre dos monges da Missão de Ramakrishna, o santo bengalês que no século anterior pregara a ajuda mútua e o amor entre os hindus e as outras comunidades. Mal a catástrofe foi anunciada, acorreram de Madras, de Deli e até de Bombaim. Os polícias que vedavam a área sinistrada deixaram-nos passar: não se detêm anjos de caridade descalços. Movimentando-se aos pares, infiltraram-se no meio dos sobreviventes e ofereceram-se para recolher o maior número possível de órfãos. Uma tal generosidade tocava os corações. As crianças privadas do pai e da mãe pela tragédia foram rapidamente reunidas. As que apenas tinham perdido o pai também suscitavam interesse. “Aqueles homens eram a imagem da bondade”, testemunharia uma viúva. “Não receie pela sua filhinha”, disse-me um deles. “Ficará em segurança. Iremos encontrar-lhe trabalho e daqui a dois meses viremos visitá-la com ela e trazer-lhe as quatrocentas ou quinhentas rúpias do seu salário. Entretanto, aqui tem cem rupias. Ajoelhei-me para beijar os pés deste benfeitor e entreguei-lhe a minha filha.” A semelhança de muitas outras vítimas da tragédia, esta pobre mulher não voltaria a ver a filha. Ignorava que estes pressupostos monges eram proxenetas.

Contudo, a autêntica solidariedade dos habitantes de Calcutá compensaria mil vezes estas monstruosas imposturas. Max jamais esqueceria a “explosão de generosidade” que a catástrofe gerou na cidade e especialmente entre os pobres dos bairros de lata. As pessoas acorriam aos milhares às sedes das várias organizações de saúde, clubes, mesquitas e até mesmo à porta do seu dispensário, a fim de oferecer um cobertor, roupa, uma vela, um pequeno saco de arroz, um pouco de azeite, açúcar, uma garrafa de petróleo, algumas bolas de estrume de vaca, fósforos. “Um país capaz de tanta solidariedade é um exemplo para o mundo”, pensou o jovem médico americano ao ver todos estes pobres despojarem-se espontaneamente das suas coisas para ajudar os seus irmãos desafortunados. Dezenas de organizações, na sua maioria desconhecidas, entraram em ação, contratando caminhões, triciclos motorizados, táxis e mesmo carroças para prestar os primeiros socorros aos sobreviventes. Juntas, estas organizações formavam um prodigioso mosaico indiano, na medida em que representavam igrejas, seitas, confrarias, sindicatos, castas, grupos desportivos, escolas, fábricas. Kovalski, Max, Bandon, Saladdin, Aristotle John, Margareta e todo o grupo de

voluntários indianos do Comité de Ajuda Mútua da “Cidade da Alegria” encontravam-se, naturalmente, na vanguarda desta missão humanitária. Nem sequer faltava Gunga, o surdo-mudo. Tinham carregado um caminhão de medicamentos, leite em pó, arroz, cobertores e tendas. A sua carga incluía também dois barcos pneumáticos e dois motores fora de borda, presentes pessoais e simultâneos do “padrinho” e de Arthur Loeb, o pai de Max. Para partir só esperavam um pedaço de papel: a permissão das autoridades. Durante uma semana Kovalski e Max percorreram todos os departamentos, numa tentativa de conseguir o precioso e mágico documento. Contrariamente ao que seria de esperar, a sua condição de sahib, longe de lhes facilitar as formalidades, despertava suspeitas em inúmeros funcionários. Kovalski sabia perfeitamente que o fantasma da CIA pairava sempre um pouco sobre os estrangeiros. Em desespero de causa, o polaco resolveu finalmente recorrer a uma mentira.

— Estamos ao serviço da Madre Teresa — anunciou ao indivíduo encarregado de passar as licenças.

— Da Madre Teresa? — repetiu o babu respeitosamente, erguendo-se por detrás do oceano de papéis que o rodeava. — A santa de Calcutá?

Kovalski esboçou um aceno de cabeça afirmativo.

— Nesse caso, pode partir imediatamente com o caminhão — declarou o homem, assinando o passe. — Sou hindu, mas nós, indianos, respeitamos os santos.

A estrada do delta foi uma viagem até o Inferno. Apenas a dez quilômetros da cidade, o caminho já se apresentava submerso por um mar de lama. Por todo o lado se viam caminhões virados. “Assemelhava-se a um cemitério naval”, contaria Kovalski. Usando um turbante escarlate, cujo vermelho-vivo oferecia um profundo contraste com a pele lívida, o motorista conduzia como se participasse numa competição náutica. Praguejava, suave e travava. O pesado veículo derrapava continuamente. As primeiras colunas de refugiados não tardaram a aparecer. “Eram milhares, dezenas de milhares”, escreveu Max à noiva. “Metidos na água até o peito, avançavam com os filhos à cabeça. Alguns tinham-se refugiado nos pontos elevados, onde há seis dias esperavam socorros. Esfomeados, sedentos e soltando gritos, atiraram-se à água e chapinharam até o nosso caminhão. Cerca de vinte conseguiram trepar, dispostos a um saque total. Kovalski e Saladdin tentaram chamá-los à razão e gritaram que éramos médicos e apenas transportávamos remédios. Por qualquer milagre, deixaram-nos passar. Um pouco mais à

frente, deu-se mais um milagre. No meio de toda a gente que nos rodeava, Kovalski reconheceu um cliente habitual do pequeno restaurante que ele frequentava na Cidade da Alegria'. Era um militante comunista que o partido enviara a fim de que organizasse os refugiados. Deixou-nos seguir. Aristotle John e Saladdin caminhavam na frente, a fim de orientar o caminhão. Mas depressa o motor falhou, engasgou-se e parou de vez. Afogado.

“Lançamos os barcos à água e neles empilhamos a carga. Outra noite caíra. Não se via uma única luz à distância de quilômetros, mas miríades de pirilampos iluminavam uma paisagem fantasmagórica de árvores desenraizadas, casas desventradas, arbustos cheios de detritos arrastados pelo ciclone. Aqui e além, cabos elétricos arrancados já tinham eletrocutado vários barqueiros. De súbito, ouvimos o som de gritos e tambores que cortavam a noite. Centenas de sobreviventes que se haviam refugiado entre as ruínas de uma aldeia situada no alto de um monte esperavam ansiosamente a chegada de socorros, no meio das trevas. Jamais esquecerei a sua recepção triunfal. Antes mesmo de se mostrarem interessados com o que lhe trazíamos, os mullahs muçulmanos guiaram-nos até uma pequena mesquita que escapara à tragédia. No meio do drama, tivemos de primeiramente dar graças a Alá!”

Nessa noite, mal pôs o pé em terra, um pormenor chamou a atenção do jovem médico: o ventre de todas as crianças que corriam na sua direção, batendo palmas, cantando e dançando. Um ventre enorme, proeminente, inchado, um ventre vazio e cheio de lombrigas. Também Kovalski não esqueceria a visão de uma mulher que se mantinha de pé, no meio dos escombros com o bebê nos braços, sem mendigar, sem gemer, digna e imóvel como uma estátua, com toda a miséria do mundo inscrita no olhar, fora do tempo, ou melhor, no próprio fulcro do tempo, um tempo que é eterno para os que se encontram em desgraça. Aquela mãe com o filho era a Mãe bengalesa, símbolo deste Natal de infelicidade.

Pobre Kovalski! Ali estava o homem que julgava que tinha visto tudo, partilhado tudo e compreendido tudo do sofrimento dos inocentes, condenado a dar um novo passo no interior do seu mistério. “Porque é que o Deus do amor, o Deus da justiça permite que estas pessoas, que se contam entre as mais deserdadas do mundo, possam ser tão cruelmente atingidas?”, interrogava-se. “Como é que o incenso dos nossos templos poderá alguma vez eliminar o cheiro da morte de todos estes inocentes?”

O cheiro da morte! Apesar dos generosos prêmios oferecidos pela destruição dos cadáveres, os coveiros profissionais enviados pelas

autoridades haviam fugido, passados apenas dois dias. Como diferenciar os hindus dos muçulmanos num tal amontoado de ossos? Como queimar uns e enterrar outros sem cometer erros? Os grupos de condenados de uma penitenciária enviados para os substituir não se mostraram mais entusiasmados com a tarefa. Só restavam os soldados. Confiou-se-lhes lanças-chamas. O delta transformou-se de um momento para o outro num gigantesco assado, cujo cheiro chegava a Calcutá.

Restavam os vivos. Durante quatro semanas Kovalski, Max e os seus companheiros indianos passaram a pente fino vários quilômetros de uma zona isolada. Percorrendo os grupos de sobreviventes, vacinaram-nos com os seus dermojets de ar comprimido, trataram mais de quinze mil doentes, desparasitaram vinte mil crianças, distribuíram cerca de vinte e cinco mil rações. “Uma gota de água no oceano das necessidades”, confessaria o polaco, “mas uma gota de água que, se não existisse, faria falta ao oceano”, acrescentou, servindo-se da famosa citação da Madre Teresa. Na manhã em que a equipa do Comité de Ajuda Mútua arrumou as bagagens para regressar à “Cidade da Alegria”, os sobreviventes ofereceram uma festa aos seus benfeitores. Gente que nada tinha, miseráveis desprovidos da própria esperança porque o mar tornara a terra estéril, conseguiam mesmo assim dançar, cantar e exprimir a sua alegria e gratidão. “A infelicidade é grande, mas o homem é ainda maior do que a infelicidade”, pensou Kovalski num recordar das palavras de Tagore. No momento da despedida, uma rapariguinha esfarrapada, com uma flor de nenúfar na cabeça, aproximou-se do padre a fim de lhe dar um presente em nome de todos os aldeãos. Eram muçulmanos, mas tinham feito um pequeno crucifixo em conchas e com a imagem de Cristo. Junto ao objeto havia um pedaço de papel onde uma mão hesitante escrevera uma mensagem em maiúsculas. Quando a leu, em voz alta, Kovalski julgou escutar a palavra do Evangelho.

“Abençoados sejais, irmãos! Irmãos, que haveis vindo em nosso socorro quando já nada tínhamos e a luz da esperança se apagara nos nossos corações. Vós, que haveis dado de comer aos esfomeados, vestido os nus e tratado os que sofriam. Graças a vós, recuperamos a alegria de viver.

“A partir de agora, irmãos, sois os nossos parentes mais próximos. A vossa partida enche-nos de tristeza. Aceitai a nossa eterna gratidão e pediremos a Deus que vos conceda uma longa vida.

Os sobreviventes do ciclone.”

Algumas semanas depois desta catástrofe, na “Cidade da Alegria” e em

todos os bairros de Calcutá reinava uma azáfama fora do normal. Acordado em sobressalto, ao som dos petardos e dos gritos, Max saiu precipitadamente do quarto. Avistou logo todos os seus vizinhos, que cantavam, se felicitavam e dançavam, batendo palmas. Às crianças corriam umas atrás das outras com gritos de alegria. Exultantes de felicidade, as pessoas trocavam ofertas de fritos e xícaras de chá. Jovens lançavam fogos de artifício do alto dos telhados. Dado que nenhuma festa estava prevista para esse dia, o americano interrogou-se sobre o motivo desta repentina manifestação de entusiasmo matutino. Avistou então Bandona que se aproximava a correr, com uma grinalda de flores nas mãos. Nunca vira a jovem assamesa tão alegre. Os olhos amendoados brilhavam de júbilo. “Este povo de flagelados, humilhados, esfomeados e esmagados é verdadeiramente indestrutível”, pensou, maravilhado. “O seu gosto pela vida, a sua capacidade de esperança, a sua vontade de sobreviver leva-o a triunfar sobre todas as maldições do karma.”

— Já sabes a novidade, Grande Irmão Max? — gritou ofegante o Anjo da “Cidade da Alegria”. — Ganhamos! Agora, somos tão fortes como o povo do teu país, tão fortes como os Russos, os Chineses, os Ingleses... Poderemos irrigar os nossos campos, segar o arroz várias vezes por ano e iluminar as nossas aldeias e os bairros de lata. Poderemos comer até nos satisfazermos. A nossa grande Durga Indira Gandhi acaba de anunciar pela rádio: “Esta manhã fizemos explodir a nossa primeira bomba atômica!”

Epílogo

As condições de vida dos habitantes da “Cidade da Alegria” iriam melhorar significativamente desde os acontecimentos relatados neste livro. Uma jovem professora francesa foi um dia visitar o bairro de lata. No regresso a Nantes, falou com tanta emoção do que tinha visto aos seus alunos que eles a ajudaram a fundar uma associação cujos membros se comprometeram a enviar todos os anos uma quantidade em dinheiro ao Comité de Ajuda Mútua do bairro de lata. A organização não tardou a ascender a trezentas pessoas. Nessa altura apareceu uma reportagem na revista francesa *La Vie* que multiplicaria por dez o número de aderentes. Um ano mais tarde, um segundo artigo contribuiu para duplicar este número. Os donativos dos sete mil membros da associação permitiram implantar no bairro de lata uma verdadeira infraestrutura médico-social. O Dr. Sen, um médico bengalês de coração generoso, que há trinta anos tratava gratuitamente os pobres, foi nomeado presidente da comissão. Mais tarde, dois jovens franceses, apaixonados pela Índia, instalaram-se no local para dar um novo impulso e reforçar a equipa. Um dispensário, um lar para crianças raquíticas, uma maternidade, uma sopa para pobres e indigentes, um centro de aprendizagem para adolescentes, uma oficina de artesanato para adultos foram, a pouco e pouco, criados pelos próprios habitantes, graças aos fundos enviados de França. Lançaram-se campanhas de vacinação e despistagem da tuberculose. Esta ação ultrapassou os muros da “Cidade da Alegria”: programas de ação rural desenvolveram a irrigação, a perfuração de poços e a instalação de dispensários nas zonas mais pobres e deserdadas de Bengala. Foi naturalmente ao punhado de indianos que apareceram uma noite no quarto de Kovalski “para refletir numa possibilidade de ajudar os outros” que se fez apelo a fim de que se criassem e dirigissem todos estes centros. Hoje em dia, são Bandon, Saladdin, Ajit, Margareta, Aristotle John e cerca de duzentos e cinquenta assistentes sociais, enfermeiros, educadores, assistentes de médicos bengaleses e generosos estrangeiros que dão vida a esta rede de ajuda mútua, assistência, cuidados e educação.

Por seu lado, o Governo de Bengala e a Câmara Municipal de Calcutá não se pouparam a esforços. Graças ao dinheiro emprestado pelo Banco Mundial, foi lançado um vasto programa de recuperação dos bairros de lata.

As ruelas da “Cidade da Alegria” foram pavimentadas, outras reconstruídas, abriram-se novas latrinas, escavaram-se poços e colocaram-se cabos eléctricos. Estas beneficiações tiveram resultados imprevistos. O fato de os riquixás e os táxis terem agora acesso ao interior dos bairros de lata incentivou funcionários administrativos, pequenos comerciantes e mercadores a procurar alojamento na “Cidade da Alegria”. Na realidade, situado apenas a dez minutos a pé da estação de Howrah e tão próximo do centro de Calcutá, o bairro de lata constituía um local residencial bem mais comodo do que os novos subúrbios construídos a vinte ou vinte e cinco quilômetros da cidade. As rendas subiram imediatamente. E o número de ourives-usurários multiplicou-se dez vezes em menos de dois anos: um indício desta mudança econômica. Indivíduos de poucos escrúpulos iniciaram uma especulação desenfreada. Edifícios de três e quatro andares começaram a aparecer e muitos dos pobres viram-se forçados a partir.

As primeiras vítimas desta alteração foram os leprosos. A mudança do Governo de Bengala privou o “padrinho” dos apoios de que usufruía. Uma nova máfia instalou-se na “Cidade da Alegria” e decretou a expulsão dos leprosos. Eles partiram em pequenos grupos, sem protestos nem violência. Kovalski conseguiu alojar Anouar, a mulher, o filho e a maioria dos seus amigos num lar da Madre Teresa. Por outro lado, as oito mil vacas e cerca de outros tantos búfalos dos estábulos não arredaram. Continuam a fazer parte da população da “Cidade da Alegria”.

Três semanas após o ciclone, Ashish e Shanta Ghosh regressaram com os filhos à sua aldeia destruída e situada na orla da floresta das Sundarbans. Com uma coragem e ardor fortificados pela sua dura aprendizagem no bairro de lata, reconstruíram a casa, limparam o campo e retomaram a sua vida de camponeses. A sua experiência de partilha levou-os a interessarem-se de mais perto pelo destino dos vizinhos. Shanta criou várias oficinas de artesanato para as mulheres da aldeia, ao passo que o marido fundou uma cooperativa agrícola que iria melhorar significativamente os recursos dos habitantes desta zona de escassos recursos.

O exemplo desta família permanecerá, infelizmente, como um caso quase único. Serão raríssimos, de fato, os habitantes da “Cidade da Alegria” que conseguirão escapar aos seus tugúrios e voltar aos campos. Por outro lado, um novo acontecimento introduziu nos últimos tempos um fator de esperança. Verificou-se uma diminuição nítida do êxodo de camponeses pobres para Calcutá. Este fenómeno explica-se por uma melhoria

significativa da agricultura em Bengala. Em mais de metade desta província obtêm-se, atualmente, duas colheitas anuais de arroz, e mesmo três em cerca de um quarto do território. Esta transformação permite, em praticamente durante o ano inteiro, que centenas de milhares de camponeses sem terra encontrem trabalho no local onde vivem. Além disso, ao passo que há vinte anos Calcutá representava a única esperança de encontrar um emprego em todo o Nordeste da Índia, a implantação de novos centros industriais em Orissa, no Bihar e noutras províncias desta região contribuiu para a criação de novos postos de trabalho, que diminuíram notoriamente a emigração para Calcutá. Por conseguinte, desde que não surjam novas catástrofes, pode esperar-se uma estabilidade da população de Calcutá e talvez o começo de um refluxo dos habitantes dos bairros de lata aos seus campos de origem.

Max Loeb regressou à América. Falando das suas experiências, declarou que, “para além de uma viagem à Lua, uma estada num bairro de lata indiano é a aventura mais extraordinária que um homem do ano 2000 poderá viver”. Outros jovens médicos, homens e mulheres, continuam a vir de todas as partes do mundo a fim de oferecerem alguns meses da sua vida aos habitantes da “Cidade da Alegria”. Quanto a Max, a sua estada transformou completamente a sua percepção da vida e relações com o próximo. Continua a manter-se em contato estreito com Kovalski. Juntamente com Sylvia, com quem entretanto casou, fundou uma associação que envia medicamentos e equipamento médico ao Comité de Ajuda Mútua. Acima de tudo, porém, Max visita regularmente os seus amigos de Anand Nagar. “Os sorrisos dos meus irmãos da Cidade da Alegria são luzes que jamais poderão apagar-se no meu íntimo”, gosta de repetir.

Um dia, Aloka, a viúva de Hasari Pai, levou a Kovalski um sobrescrito castanho cheio de selos oficiais.

— Chegou uma carta registada para ti, esta manhã, Grande Irmão Stephan.

Kovalski viu de imediato que a carta tinha o carimbo do Ministério do Interior. Abriu-a com o coração aos saltos no peito. “Deus do céu!”, exclamou com um estremecimento. “Aposto que o Governo me vai mandar embora.” Perscrutou ansiosamente o texto, até que os olhos se lhe fixaram nas palavras, que teve de reler várias vezes antes de apreender o sentido. “Pelo presente”, declarava o documento, “o Governo indiano concede ao denominado Stephan Kovalski o certificado de...”. A carta acrescentava que, após ter prestado juramento de lealdade na data indicada e de acordo com o

regulamento previsto pela lei, teria direito a todos os privilégios, prerrogativas e direitos e ficaria sujeito a todas as obrigações, deveres e responsabilidades de um cidadão indiano.

— Um cidadão indiano — balbuciou o polaco. Tinha a sensação de que o coração do bairro de lata batia em uníssono com o seu. Teve uma vertigem, apoiou-se à parede do seu quarto e fechou os olhos. Quando os abriu novamente, agarrou na cruz que usava em volta do pescoço e contemplou as duas datas que a mãe mandara gravar, a do seu nascimento e a da sua ordenação. Com o olhar toldado por lágrimas de felicidade, fitou em seguida o pequeno espaço livre diante do nome indiano que mandara gravar há vários anos. Este era o nome que no dia da sua cidadania substituiria o de “Stephan Kovalski”. Tanto em hindi como em bengali “PERMANAND” significa “Bem-aventurado, o que é amado por Deus”. Este nome engloba perfeitamente o sentido da sua comunhão com os humildes, os pobres, os martirizados da “Cidade da Alegria”. Ao lado do patrônimo que doravante lhe pertenceria, iria acrescentar nesse dia a data da sua entrada definitiva na grande família dos seus irmãos indianos. Este dia era a terceira data mais importante da sua vida.

FIM

Agradecimentos

Primeiro e antes do mais, gostaria de expressar a minha enorme gratidão à minha mulher Dominique, que partilhou todos os momentos da minha prolongada investigação na “Cidade da Alegria” e foi uma insubstituível colaboradora na preparação deste livro.

Gostaria igualmente de expressar todo o meu reconhecimento a Colette Modiano, Paul e Manuela Andruota e Gérard Beckers, que passaram muitas horas a corrigir o meu manuscrito e me ajudaram com o seu encorajamento e inesgotável conhecimento da Índia.

Agradeço também a todos os meus amigos na Índia que facilitaram a minha investigação e tornaram tão agradáveis e frutíferas as minhas numerosas estadas neste país. Precisaria de várias páginas para os citar a todos, mas gostaria de mencionar em particular Nazes Afroz, Amit, Ajit e Meeta Ba.nerjee, bem como Mehboub Ali, Pierre Ceyrac, Tapan Chatterjee, Ravi Dubey, Behram Dumasia, Pierre Fallon, Christine; Fernandes, Georges e Annette Frémont, Leo e Françoise, Andi Katgara, Ashwini e Renu Kumar, Anouar Malik, Harish .Malik, Jean Neveu, Camellia Panjabi, Nalini Purohit, Gaston Roberge, Emmanuel e Marie-Dominique Romatet, James e Lallita Stevens, Baby Thadani, Amrita e Malti Varma, Francis Wacziarg e Aman Nath.

Um livro que me informou especialmente sobre o passado de Calcutá foi Calcutta, de Geoffrey Moorhouse.

Dirijo igualmente a minha enorme gratidão aos que me rodearam de encorajamento e afeto ao longo da laboriosa e difícil aventura de investigar e escrever este livro, em particular Alexandra e Frank Auboyneau, Jacques Acher, Julia Lizieau, Bernard e Véronique Blay, Ghislain e Dominique Carpentier, Juliette Carassone, Jean-François e Claudine Clair, Brjgitte Conchon, Marie-Benoit Conchon, Marie-Joseph Conchlon, Jacqueline de la Cruz, Georgette Decanini, Anne-Marie Deshayes, René e Thérèse Esnault, Gilbert e Annette Etienne, Raymond Fargues, Jean e David Frydman, Maurice Gambach, Louis e Alice Grandjean, Denise Guernier, Danièle Guigonis, René Guinot e Manuel dos Reis, Jacques e Jeannine Lafont, Robert e Marie-Ange Léglise, Adelaide Oréfice, Marie-Jeanne Montant, Tania Sciama, Paule Tondut e Josette Wallet.

Sem o entusiasmo e confiança do meu amigo e agente literário Morton

L. Janklow e dos meus editores, não teria conseguido escrever este livro. Dirijo a minha enorme gratidão a Robert Laffont e seus colaboradores, em Paris; Sam Vaughan, Henry Reath e Kate Medina, em Nova Iorque; Mário Lacruz, em Barcelona; Giancarlo Bonacino, em Milão; Peter Gutmann, em Munique; Antoine Akveld, em Amesterdão; e finalmente à minha amiga, colaboradora e tradutora Kathryn Spink, ela própria autora de obras notáveis, entre as quais uma sobre a Madre Teresa intitulada O Milagre do Amor.

Agradeço também muito especialmente a toda a equipa da empresa de informática Médiatéc, de Marselha, e sobretudo ao seu presidente e diretor-geral, M. Jean-Claude Aubin, e ao diretor da Apple, Mr. Hervé Bodez, pela assistência técnica e colaboração essenciais na organização da minha documentação e apresentação do meu manuscrito.

Gostaria finalmente de agradecer a todos os que deram tanto do seu tempo para me permitirem reunir o material para este livro, mas que desejam manter-se no anonimato.

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Nota do Autor](#)

[Parte 1](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)

[VIII](#)

[IX](#)

[X](#)

[XI](#)

[XII](#)

[XIII](#)

[XIV](#)

[XV](#)

[XVI](#)

[XVII](#)

[XVIII](#)

[XIX](#)

[XX](#)

[XXI](#)

[XXII](#)

[XXIII](#)

[Parte 2](#)

[XXIV](#)

[XXV](#)

[XXVI](#)

[XXVII](#)

[XXVIII](#)

[XXIX](#)

[XXX](#)
[XXXI](#)
[XXXII](#)
[XXXIII](#)
[XXXIV](#)
[XXXV](#)
[XXXVI](#)
[XXXVII](#)
[XXXVIII](#)
[XXXIX](#)
[XL](#)
[XLI](#)
[XLII](#)
[XLIII](#)
[XLIV](#)
[XLV](#)
[XLVI](#)
[XLVII](#)
[XLVIII](#)

[Parte 3](#)

[XLIX](#)
[L](#)
[LI](#)
[LII](#)
[LIII](#)
[LIV](#)
[LV](#)
[LVI](#)
[LVII](#)
[LVIII](#)
[LIX](#)
[LX](#)
[LXI](#)
[LXII](#)
[LXIII](#)
[LXIV](#)
[LXV](#)

[LXVI](#)

[LXVII](#)

[LXVIII](#)

[LXIX](#)

[LXX](#)

[LXXI](#)

[LXXII](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)